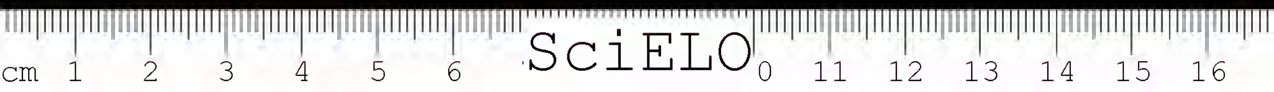
OLIVÉRIO M. DE OLIVEIRA PINTO

NOVO CATÁLOGO DAS
AVES DO BRASIL

PRIMEIRA PARTE

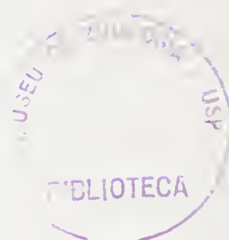
Aves não *Passeriformes* e *Passeriformes* não *Oscines*, com exclusão da família *Tyrannidae*

SÃO PAULO, 1978




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 0 11 12 13 14 15 16

Como lembrança
aos dias despendidos no
preparo do presente trabalho.
Olivério M. de O. Pinto



1


SciELO

OLIVÉRIO M. DE OLIVEIRA PINTO

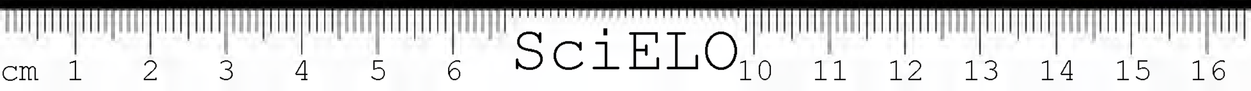
NOVO CATÁLOGO DAS
AVES DO BRASIL

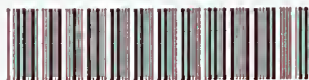
PRIMEIRA PARTE

Aves não *Passeriformes* e *Passeriformes* não *Oscines*,
com exclusão da família *Tyrannidae*



SÃO PAULO, 1978







PREFÁCIO

Esgotada a primeira parte do nosso "Catálogo das Aves do Brasil" dada a lume pelo Museu Paulista em 1938, amiudaram-se os apelos para que dela se fizesse uma nova versão, levando em conta, tanto quanto possível, os progressos realizados no campo por ela abrangido. Desejo compreensivel dado o maior interesse que lograram despertar os assuntos relacionados com a classificação natural dos seres vivos, vale dizer a Sistemática, que do nível secundário a que se vira durante algum tempo relegada, passou a constituir auxiliar de inestimável valor na elucidação dos problemas concernentes à origem e mutabilidade das espécies, tomadas em consideração as épocas de que o mundo vivo nos legou testemunho e a correta interpretação das diferenças normalmente encontradas entre as populações contidas em sua área atual de distribuição geográfica. Contudo, diga-se de passagem, força é reconhecer que, a despeito do grande avanço conseguido neste terreno, longe está ela ainda de corresponder ao esforço despendido, como provam as profundas divergências de opinião não raro existentes entre os entendidos, não só no que respeita a muitos grupos de alta categoria como no tocante às questões relativas ao que é lícito chamar-se microsistemática. E é justamente nestas que as discordâncias se manifestam com mais acuidade, quer resultem elas da pobreza de meios, da deficiente investigação, ou, como é mais freqüente acontecer, das inevitáveis peculiaridades do temperamento de cada um. Seja como for, é fora de dúvida que muito de intuição entra sempre no procedimento adotado nas decisões a que o estudioso farta vez se sente compelido, expondo-se embora a uma vitoriosa contradita, com base em novas pesquisas ou insuspeitados argumentos. Bem é que, ainda nestes casos, a ciência, em vez de ser prejudicada, só pode lucrar com o pronunciamento dos mais capazes, e de quantos, no entrechoque das idéias, sinceramente se empenham por decerrar o véu sob o qual se esconde a verdade dos fatos.

Razões de vária ordem, entre as quais a necessidade de conferir ao texto maior concisão e brevidade, explicam, de modo geral, os pontos em que o presente trabalho destoa de seu predecessor, a começar pelo novo critério adotado no que tange à distribuição das espécies e suas variantes geográficas, das quais, à mingua de espaço,

agora só raramente se mencionam lugares precisos de sua presença, em que pese aos possíveis riscos resultantes dessa extrapolação. Mas as dificuldades com que se defrontam os familiarizados com os problemas peculiares a esse domínio, não chegarão a constituir para eles novidade, até porque, como é de penosa evidência, cada dia mais tende a revestir-se de valor, por assim dizer puramente histórico. um sem número de registros da presença desta ou daquela forma nos diferentes biótopos, como conseqüência das modificações introduzidas no meio ambiente por inúmeros fatores, entre os quais avulta a nefasta e avassaladora ação do homem sobre a natureza, da qual dir-se-ía esquecido de que é dela apenas parte integrante.

Hoje, como ontem, a experiência do autor, salvo raríssimas exceções, teve exclusivamente por base a coleção ornitológica outrora pertencente ao Museu Paulista e agora sob a guarda do atual Muzeu de Zoologia da Universidade de São Paulo, substancialmente enriquecida graças às excursões de coleta levadas a efeito após a publicação do catálogo vindo a lume quarenta anos atrás. Vai sem dizer que, apesar do grande empenho posto para que nela se conseguisse representar sofrivelmente toda a avifauna indígena, é ainda considerável o número de desideratos de que se ressente. Ainda assim, escusa dizer, para os estudiosos dos assuntos que preocupam o sistematista essa limitação pesa muito pouco em comparação com a carência, praticamente completa, de representantes das formas alienígenas aparentadas como as nossas. Convém, além disso, acentuar que, por motivos que é desnecessário referir, e exceção feita das aves sabidamente migratórias, na área de distribuição das espécies incluiram-se não só as regiões em que se sabe existirem nos dias de hoje, como também aquelas a respeito das quais há provas da ocorrência nelas, em qualquer tempo, da espécie ou raça em questão.

No que respeita à bibliografia utilizada, não é difícil conhecê-la através do próprio texto. Quanto às obras gerais, e abstração feita das velhas fontes cuja consulta, não obstante, é sempre necessária, reclamam destaque especial, sem falar no famoso "Catalogue of the Birds in the British Museum", até hoje para nós imprescindível, o "Catalogue of Birds of the Americas" dado à estampa pelo Museu de Chicago, a "Check-list of Birds of the World" editado pela Harvard University, e a lista das espécies da "Birds of South America" de Rudolphe Meyer de Shauensee, recomendando-se esta última, embora tenha excluído de seu quadro a discriminação das subespécies, pela sua maior atualidade e o alto nível das notas críticas que lhe enriquecem o texto.

A inclusão de figuras, fugindo à praxe seguida nos trabalhos como o presente, foi decidida estando já ele em adiantado caminho de impressão. Tem fundamento em sólidas razões inspiradas na

conveniência de mitigar-lhe o caráter excessivamente técnico, fazendo-o mais prestadio sob o ponto de vista da cultura geral, dada a escassez dos recursos bibliograficos reclamados pelos não especialistas. Para isso, considerando-se a premência de tempo, surgiu como plausível solução o uso das estampas do "Álbum das Aves Amazônicas" de E. Goeldi, publicado há mais de setenta anos pelo Museu Paraense, na certeza de prestar, além do mais, justa homenagem a um dos precursores dos estudos ornitológicos no Brasil e ao próprio instituto de que foi ele emérito incentivador. O número de cada estampa no referido álbum figura no presente trabalho entre parênteses.

Finalizando, ao autor é sumamente grato consignar o preeminente papel desempenhado na publicação da obra pelo colendo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, secundando as facilidades concedidas pelo Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, hoje sob a direção do emérito herpetologista Paulo E. Vanzolini, um de cujos assessores, Hélio Ferraz de A. Camargo, é o atual responsável pela Divisão de Aves e autor bastante conhecido entre os que fazem da Ornitologia seu estudo predileto. O autor deste trabalho sente-se ainda não menos reconhecido aos distintos colegas e amigos Edgard de Cerqueira Falcão, José Ribeiro do Valle e Afrânio do Amaral, pelo decidido interesse e valioso incentivo para que a obra fosse concluída, apesar dos insuspeitados obstáculos surgidos à sua frente. De justiça é ainda salientar o cuidado com que se houve a Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, SA, para que a impressão do trabalho correspondesse ao grande crédito de que desfruta entre as suas similares.

Olivério M. de Oliveira Pinto


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

PREFACE

The first part of our "Catalogue of the Birds of Brazil" published by the Paulista Museum in 1938 being sold out, more and more requests were received for a new version of the work, taking into account, as close as possible, the progress made in the field it comprehended. It is easy to understand such requests as due to the great interest that the subjects related to the natural classification of living beings, that is to say Systematics, which used to be placed at a secondary level, and has now become an invaluable asset in enlightening the problems concerning the origin and mutability of the species, taking into consideration the eras of which the living world left us testimony, and the the proper interpretation of the differences normally found among the populations contained within their present area of geographical distribution.

It must, however, be said that we should recognize that despite the great headway made in this field, it still lags far behind the efforts undertaken, as the great divergence of opinion not rarely found among specialists proves, not only with respect to many groups of high category, but also in regard to matters pertaining to what may be correctly termed micro-systematics. It is in the latter, particularly, that discrepancies are more sharply evidenced, whether these are due to the scarcity of means, to defficient investigations, or as it more frequently occurs, due to the inevitable peculiarities of individual nature. Whatever the case, there is no doubt that a great deal of intuition is always present in the process adopted by the scholar in the many decisions he is compelled to make, though he is open to be victoriously contradicted on the basis of new research or unforeseen arguments. The truth is that, even in such cases, instead of being harmed, science can only gain from statements made by those who are abler and from all who, presenting confliting ideas, make an effort to draw the veil hiding the truth.

Several reasons, among them the need of giving the texts greater conciseness and brevity, are responsible, in general, for the divergences that one can detect between the actual work and its predecessor. Beginning with the new criterion adopted in regard to the distribution of the species on their geographical variants from which, for lack of space, are now mentioned only the precise location

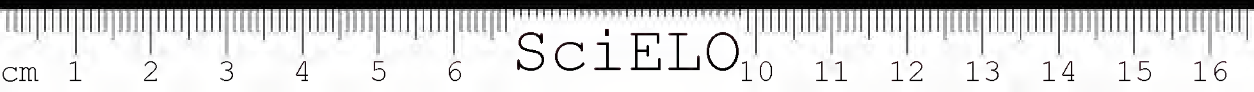


of the occurrence of the facts, whatever the possible risks of this extrapolation. However the difficulties facing those familiar with the peculiar problems in this field, shall not be anything new to them. In fact, as is painfully obvious, a numberless amount of registers of the presence of one or another form in the different biotopes are getting day by day a value which is almost purely historical, as a consequence of many factors of environmental change, among them it must be pointed out the overwhelming and disastrous action of man on nature, to the point where it may be said that he has forgotten he is an integral part of the cosmos. Today like yesterday, the author's experience, with perhaps rare exceptions, was based exclusively on the ornithological collection which once belonged to the Paulista Museum and is now under the curatorship of the Museum of Zoology of the University of São Paulo, that has been substantially enlarged thanks to collection excursions undertaken after the publication of the Catalogue forty years ago.

Needless to say, although the great effort dedicated in it to present a reasonable picture of the whole of indigenous avifauna, the number of goals still lacking is great. Even so, it is also needless to say that that limitation is of little weight for the students of systematics as compared to the practically complete lack of alien fauna representatives related to ours. We should further point out for reasons unnecessary to mention that, exception made to known migratory birds, in the area of species distribution were included not only those regions in wich they are known to exist in present time, but also those for which the species or race studied were proved to exist in any time.

Insofar as it concerns the special bibliography, this is not difficult to be known through the text itself. Excepting the old sources, whose consultation is, however, always necessary and not to speak of the famous "Catalogue of the Birds in the British Museum" — that continues being an indispensable source of information in such kind of activities — it deserves a special mention the "Catalogue of Birds of the Americas", edited by the Chicago Museum, the "Check-list of Birds of the World", published by the Havard University and the species list of the "Birds of South America" by Rudolphe Meyer of Shauensee, this last being recommended for its greater updating and the high level of the critical notes enriching the text, though the discrimination of subspecies was excluded from his frame.

It was decided to include prints, contrary to custom in this type of work, when the printing job had already progressed far towards completion. This decision was founded on the solid reasons of the convenience of softening the excessively technical character of the work and making it more useful from the general knowledege



point of view and regarding the lack of bibliographical resources demanded by the laymen. Taking into consideration the shortness of the time available, the best solution to be proposed was the use of the prints of the "Album of Amazon Birds", of E. Goeldi, published more than 70 years ago by the Pará Museum, rendering thus, besides all else, a just homage to one of the predecessors of ornithological studies in Brazil and to the Institute of which he was a distinguished stimulator. In the present work each engraving number is shown between parenthesis.

To close, the author wishes to express his deepest gratitude to the Council for Scientific and Technological Development for the preeminent role in the publication of the present work, complementing the facilities granted by the Museum of Zoology of the University of São Paulo, presently headed by the illustrious herpetologist Paulo E. Vanzolini, one of whose assistants Helio Ferraz de A. Camargo, nowadays in charge of the Bird Division, is also a well known author among those readers for whom ornithology is a favorite subject of study.

The author is no less grateful to his distinguished colleagues and friends Edgard de Cerqueira Falcão, José Ribeiro do Valle, and Afrânio do Amaral, for their definite interest and valuable encouragement in the completion of this work, despite the unforeseen obstacles it was to face.

Justice impels the author to further point out the care given by the Empresa Gáfica da Revista dos Tribunais S.A., so that the printing of the work would correspond to the high credit it enjoys among other publishing houses.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

ORDENS E FAMÍLIAS

Classe AVES

Ordem RHEIFORMES

Família RHEIDAE

Gênero **RHEA** Brisson

Rhea Brisson, 1760, Ornithol., I, p. 46; V, p. 8. Tipo, *Struthio americanus* (monotipia).

Rhea americana americana (Linné)

Nhandu, Nhandu-guaçu (n. tupis); *Ema.*

Struthio americanus Linné, 1758, p. 155 (base em "Nchandu-guaçu" de Marcgrave): Sergipe (nordeste do Brasil).

Primitivamente, regiões campestres de todo o Brasil oriental e central, desde o sul do Pará (rio Cururu) e o Maranhão até Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e oeste de São Paulo

Rhea americana intermedia Rothschild & Chubb

Rhea americana intermedia Rothschild & Chubb, 1914, Novit. Zool., XXI, p. 233: Barra del San Juan (Uruguay, Dept. de Colonia).

Campos da República do Uruguay e do sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

Ordem TINAMIFORMES

Família TINAMIDAE

Gênero **TINAMUS** Hermann

Tinamus Hermann, 1783, Tabl. Affn. Anim., 164 e 235 (base em "Les Tinamous", de Buffon). Tipo *Tetrao major* Gmelin (design. de Apstein, 1915).

Tinamus tao tao Termminck

Inhambu-açu, Inhambu-peva (Amaz), *Azulona* (Mato Grosso).

Tinamus tao Temminck, 1815, Hist. Nat. Pig. Gallin., III, pp. 569 e 749: Pará.

Margem sul do rio Amazonas, da margem direita do rio Madeira para leste, até o leste do Pará (rio Capim) e o norte de Mato Grosso (alto Xingu).

Não há registro autêntico da presença de *T. tao tao* ao norte do rio Amazonas, devendo eliminar-se Monte Alegre da área de distribuição dada por Pinto ("Catal. das aves do Brasil" p. 2), com base em E. Goeldi ("Álbum das aves amazônicas", p. 4). A julgar por uma observação de Shatuck ("Med. Report 5th. Hamilton Rice Exped.", 1926), há probabilidade de ocorrer a subcspécie *T. tao septentrionalis* Brab. & Chubb na faixa limítrofe do Brasil com a Venezuela (rio Uraricuera).

Tinamus solitarius solitarius (Vieillot)

Macucaua (n. tupi), *Macuca, Macuco* (sul do Brasil).

Cryptura solitaria Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXXIV, p. 105 (base em "Mocoicogué", de Azara): Paraguay.

Comum outrora em todas as regiões densamente florestadas do Paraguay (Sapucaí), nordeste da Argentina (Misiones) e Brasil este-meridional, desde o sul da Bahia até o Rio Grande do Sul, inclusive o leste de Minas Gerais (rio Doce) e sudeste extremo de Mato Grosso (rio Paraná).

Tinamus solitarius pernambucensis Berla

Macuca.

Tinamus solitarius pernambucensis Berla, 1946, Boletim Mus. Nac., Zool., n.º 65, p. 2: Usina São José (mun. de Iraraçu, leste de Pernambuco).

Faixa costeira florestada do nordeste do Brasil (Pernambuco, Alagoas).

Tinamus major major (Gmelin)

Inhambu-açu.

Tetrao major Gmelin, 1789, I, p. 767 (baseado essencialmente em "Magoua", de Buffon): Caiena.

Leste extremo da Venezuela, Guianas e porção adjacente do norte do Brasil (rio Branco, Amapá, etc.), até a margem esquerda do baixo Amazonas (Óbidos, Itacoatiara).

Tinamus major olivascens Conover

Tinamus major olivascens Conover, 1937, Proc. Biol. Soc. Wash., L, p. 191: Tomé Açu (rio Acará, no leste do Pará).

Margem meridional do médio e baixo Amazonas, do rio Purus ao leste do Pará (rio Acará).

Tinamus major serratus (Spix)

Pezus serratus Spix, 1825, Av. Sp. Nov., II, p. 61, tab. 76: rio Negro.

Brasil oeste-setentrional extremo, ao sul até a margem esquerda do rio Solimões, e a leste até a direita do rio Negro.

Tinamus major peruvianus Bonaparte

Tinamus peruvianus Bonaparte, 1856, Comptes Rendus de l'Acad. Sci. Paris, LXIII, p. 573: Peru.

Vertente amazônica da Colômbia, do Equador e do Peru, norte da Bolívia e extremo oeste do Brasil, ao sul do rio Solimões (alto Juruá).

Tinamus guttatus Pelzeln

Inhambu-galinha.

Tinamus guttatus Pelzeln, 1863, Verh. Zool.-Botan. Gessels. Wien. XIII, pp. 1126 e 1128: Borba (foz do rio Madeira).

Sul da Venezuela (rio Guainia), porção oriental, amazônica, do Equador e do Peru, nordeste da Bolívia (rio Beni) e Brasil amazônico, com inclusão do alto rio Negro e da região este-paraense (região de Belém, rio Capim).

Gênero **CRYPTURELLUS** Brabourne & Chubb

Crypturellus Brab. & Chubb, 1914, Ann. Magaz. Nat. Hist., (8), XIV, p. 322. Tipo *Tinamus tataupa* Temminck (design. orig.).

Crypturellus cinereus cinereus (Gmelin)
Inhambu preto, I. sujo, I. pixuna.

Tetrao cinereus Gmelin, 1789, I, (2), p. 768 (com base em (Le Tinamou cendré", de Buffon): Caiena.

Porção amazônica da Colômbia, da Venezuela do Equador e do Peru, norte da Bolívia, Brasil amazônico, das margens ambas do Solimões (Codajás) e do baixo Amazonas (Monte Alegre) para o sul, até as altas porções dos respectivos afluentes meridionais, inclusive o leste do Pará (região de Belém).

Crypturellus obsoletus obsoletus (Temminck)
Nambu-guaçu, Guaçu (S. Paulo).

Crypturellus obsoletus Temminck, 1815, Hist. Nat. Pig. Gall., III, pp. 588 e 751: Brasil (pátria típica, São Paulo, Pinto design.).

Paraguai, nordeste da Argentina, Brasil este-meridional, do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, inclusive o sudeste de Minas Gerais e a margem mato-grossense do rio Paraná.

Crypturellus obsoletus griseiventris (Salvadori)

Crypturus griseiventris Salvadori, 1895, Catal. Bds. Brit. Mus., XXVII, p. 521: Santarém (boca do Tapajós).

Margem direita do baixo rio Tapajós.

Crypturellus obsoletus hynochraceus (Miranda-Ribeiro)

Crypturornis obsoleta hynochracea Miranda-Ribeiro, 1938, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 753: Vilhena e rio Jamari (nas cabeceiras do rio Madeira).

Conhecido apenas através dos exemplares que serviram de base à descrição.

Crypturellus soui soui (Hermann)
Sururina, Tururim.

Tinamus soui Hermann, 1783, Tab. Affin. Anim., p. 165 (com base em "Le Soui" de Buffon): Caiena.

Porção este-meridional da Colômbia, Venezuela, Guianas e Brasil oeste-setentrional, do extremo norte à margem setentrional do rio Amazonas.

Crypturellus soui albigularis (Brabourne & Chubb)
Tururim, Sovi.

Crypturus soui albigularis Brab. & Chubb, 1914, Ann. Magaz. Nat. Hist., (8), XIV, p. 320: Rio de Janeiro.

Regiões florestadas do Brasil setentrional e oriental, da margem direita do rio Solimões e do baixo Amazonas ao Rio da Janeiro, inclusive Goiás, leste de Minas e norte extremo de Mato Grosso.

A exemplo de Hellmayr & Conover (Catal. B Bds. Americas, pte. I, n.º 1, pág. 41, abril de 1942), inclui-se aqui na sinonímia desta subespécie *C. soui hoffmannsi* Brabourne & Chubb, 1914 (Ann. Magaz. Nat. Hist., 8va. ser., XIV, p. 321), cujo tipo é do alto Madeira (Humaitá). Acontece o mesmo com S. *soui inconspicuus* Carriker, 1935 (Proc. Acad. Nat. Sci Philad., LXXXVII, p. 315) do norte da Bolívia (rio Beni), a que F. Novaes (Bol. Mus. Paraense, Zool. n.º 9) aventa a possibilidade de pertencerem as aves do alto Juruá (Acre).

Crypturellus undulatus undulatus (Temminck)
Jaó (S. Paulo), *Juó,* (M. Grosso).

Tinamus undulatus Temminck, 1815, Hist. Nat. Pig. Gall., III, pp. 582 e 751 (com base no "Inambu listado", de Azara): Paraguay.

Paraguay, nordeste da Argentina, sudeste da Bolívia e oeste do Brasil, do Acre ao sul de Mato Grosso.

Crypturellus undulatus vermiculatus (Temminck)

Tinamus vermiculatus Temminck, 1825, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 369: "Brésil" (local. típica Franca, no Est. de São Paulo, design. por Pinto, 1964; Ornitol. Brasil, p. 7).

Brasil central e meridional, do sul do Maranhão e do Piauí ao oeste de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, incluso o sul de Goiás e o leste de Mato Grosso.

Crypturellus undulatus adspersus (Temminck)
Sururina.

Tinamus adspersus Temminck, 1815, Hist. Nat. Pig. Gallin., III, 585 e 751: Pará.

Margem meridional do baixo Amazonas e respectivos afluentes, do rio Madeira para leste.

Crypturellus undulatus yapura (Spix)

Pezus yapura Spix, 1825, Av. Spec. nov. Bras., II, p. 62, tabl. 78: selvas dos rios Japurá e Solimões.

Alta Amazônia, do sudeste da Colômbia, leste do Equador e do Peru ao Brasil oeste-setentrional extremo, ao norte e ao sul do rio Solimões (inclusive o rio Negro e o alto Purus).

Crypturellus undulatus simplex (Salvadori)

Crypturus simplex Salvadori, 1895, Catal. Bds. Brit. Mus., ZXVII, p. 531: rio Rupununi (Guiana, inglesa).

Guiana (inglêsa) e extremo norte do Brasil, até a margem setentrional do baixo Amazonas (Itacoatiara), inclusive o rio Branco (rio Mucajaí).

Crypturellus brevirostris brevirostris (Pelzeln)

Tinamus brevirostris Pelzeln, 1863, Verh. Zool.-Bot. Gesells. Wien, XIII, pp. 1128 e 1130: Barra do Rio Negro (= Manaus).

Guiana Francesa (Tamanoir) e Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro), inclusive as margens ambas do rio Solimões (Manaus, Tefé).

Crypturellus brevirostris bartletti (Sclater & Salvin)

Crypturus bartletti Sclater & Salvin, 1873, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 311: Santa Cruz (rio Huallaga, leste do Peru).

Leste do Peru e Brasil oeste-amazônico, na alta porção dos afluentes meridionais do rio Solimões: rio Juruá (João Pessoa, rio Eiru), rio Purus (Hiutanaã, Arimã).

Exemplos ocorrem, como a ♀ de Jaburu (alto Purus) citada por Gyldenstolpe (Ark. f. Zool., (2), II, p. 19), que anormalmente muito se aproximam das características da forma típica, levando alguns autores a tratar *Cryptyrellus brevirostris* e *C. bartletti* como espécies autônomas, com base nesta aparente superposição das respectivas áreas de distribuição.

Crypturellus variegatus variegatus (Gmelin)

Inhambu-saracuira, I. anhanga (Amaz.) *Inhambu-onça* (Pará); *Chororão* (Bahia).

Tetrao variegatus Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 768 (com base no "Tinamou varié", de Buffon): Guiana Francesa.

Sudeste da Colômbia, Venezuela, Guianas, Brasil amazônico (margens ambas do rio Solimões e do baixo Amazonas) e médio-oriental, nos estados da Bahia e Espírito Santo, inclusive o leste de Minas.

As populações ao sul do rio Amazonas foram separadas por Todd (Proc. Biolog. Soc. Wash., L, p. 176) sob o nome de *Crypturellus variegatus transamazonicus* (tipo de Santarém), ponto de vista defendido posteriormente por N. Gyldenstolpe (Arkiv. f. Zoology, vol. 2, n.º 1, p. 20, 1951).

Crypturellus noctivagus noctivagus (Wied)
Jaó (sul do Brasil) *Zabelê* (Bahia).

Tinamus noctivagus Wied, 1820, Reise nach Brasilien, 1, d. 160: Muribeca (rio Itabapuana, no Espírito Santo).

Faixa litorânea florestada do Brasil este-meridional, do extremo sul da Bahia (rio Jucurucu) ao Rio Grande do Sul, incluso o leste de Minas Gerais (rio Doce).

Crypturellus noctivagus zabele (Spix)
Zabelê.

Pezus zabele Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 62, tab. 77: "no limite das matas campestres" (tipo de Oeiras, no interior do Piauí, design. por Hellmayr & Conover, 1942).

Matas do Brasil este-setentrional, do Piauí ao norte da Bahia (Bonfim, Ilhéus e, ao longo do rio São Francisco, o interior de Minas Gerais (Pirapora).

Crypturellus atrocapillus erythropus (Pelzeln)

[*Crypturus atro-capillus* Tschudi, 1844, Arch. Naturgeschichte, X, (1), p. 307: Peru].

Tinamus erythropus Pelzeln, 1863, Vehr. Zool. Botan. Gesells. Wien. XIII, p. 1127 e 1129: Barra do rio Negro (= Manaus).

Porção este-setentrional da América do Sul cisandina, do norte extremo (Venezuela, Guiana) à margem esquerda do rio Amazonas (do rio Negro para leste).

Este inambu tem sido correntemente tratado como raça geográfica de *Crypturellus noctivagus;* admitimos, contudo, haver razões para seguir o exemplo de R. M. Schauensee (Bds. South, America, 1966, p. 6) quando esposa opinião diversa.

Crypturellus strigulosus (Temminck)
Inambu-relógio.

Tinamus strigulosus Temminck, 1815, Hist. Nat. Pig. Gallin., III. pp. 594 e 752: proc. do Pará.

Áreas florestadas de leste do Peru (rio Ucayali , norte da Bolívia (rio Beni) e Brasil setentrional, da margem direita dos rios Solimões e Amazonas, para o sul e para leste, até o norte de Mato

Grosso (rio Guaporé), o leste do Pará (Belém) e a faixa litorânea do nordeste brasileiro (Pernambuco, Alagoas).

Entre as subespécies propostas para *Crypturellus strigulosus* figuram *C. s. hellmayri* Brab. & Chubb, 1914. Ann. Magaz. Nat. Hist., XIV, p. 322 (tipo de Humaitá, no alto Madeira) e *C. s. peruvianus* Blake, 1959, Fieldiana — Zoology, vol. 39, p. 373 (tipo do rio Tamboapata, sudeste do Peru). A ocorrência da primeira no rio Juruá da primeira é apoiada por Gyldenstolpe (Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., vol. 22, 1945, p. 21).

Crypturellus casiquiare Chapman

Crpyturellus casiquiare Chapman, 1929, Amer. Mus. Novit., n.º 380, p. 3: margem direita do rio Casiquiare (Venezuela).

Sul da Venezuela, sudeste da Colômbia e região fronteiriça do Brasil (rio Vaupés).

Crypturellus parvirostris (Wagler)
Nambuzinho, Nambu-chororó

Crypturus parvirostris Wagler, 1827, Syst. Av., I, fol. 19, gênero *Crypturus*, sp. 13: Brasil (pátria típica Bahia, por design. de Hellmayr, 1929).

Regiões descobertas ou semiflorestadas do nordeste da República Argentina (Misiones), Paraguay, leste da Bolívia (Santa Cruz), Brasil central e oriental, desde a margem direita do baixo Amazonas até o Rio Grande do Sul, *fide* Belton) e Mato Grosso (Cuiabá, Campo Grande), inclusive Goiás e Minas (Pirapora).

Crypturellus tataupa tataupa (Temminck)
Nambu-chintã

Tinamus tataupa Temminck, 1815, Hist. Nat. Pig. Galin., III, pp. 590 e 752 (base em "Tataupá". de Azara, Apunt., n.º 329); Brasil (Rio de Janeiro, design. por Pinto, 1964).

Partes florestadas do norte da Argentina, Paraguay, leste da Bolívia, Brasil central e meridional, desde o Espírito Santo e o leste de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, inclusive o estado de Mato Grosso.

Crypturellus tataupa lepidotus (Swainson)

Crypturellus lepidotus Swainson, 1837, Nat. Hist. Classif. Bds., II, p. 345: interior da Bahia (Orobó, localidade tipo fixada por Hellmayr & Conover, 1942).

Brasil este-setentrional, do Maranhão à Bahia (Bonfim, Ilhéus).

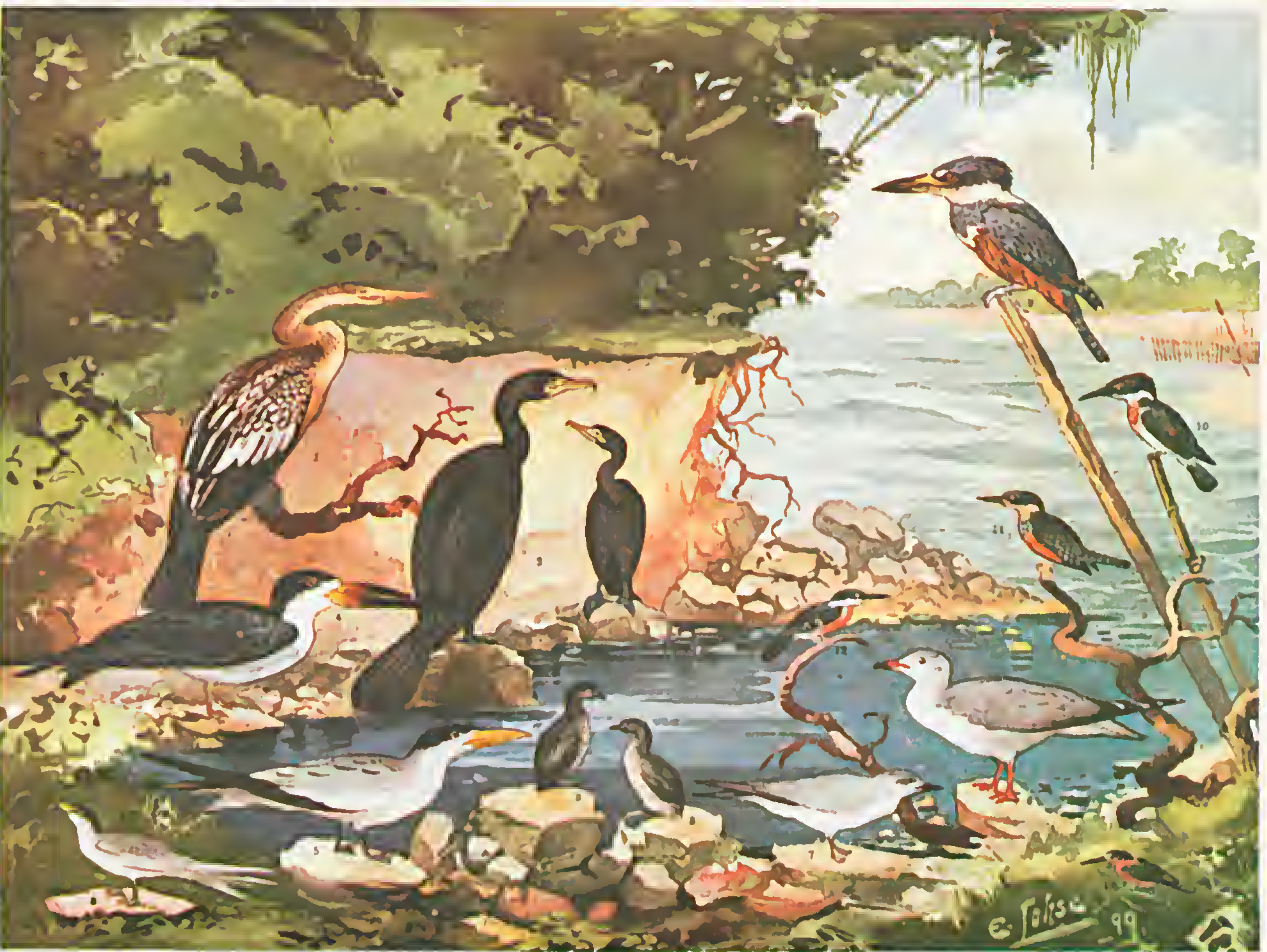


ESTAMPA 1 (48)

1 — *Penelope jacquacu jacquacu* Spix 74
2 — *Ortalis guttata guttata* (Spix) 78
3 — *Tinamus tao tao* (Temminck) 2
4 — *Tinamus guttatus* Pelzeln 3
5 — *Crypturellus variegatus variegatus* (Gmelin) 6

6 — *Crypturellus soui* (Hermann) 4
7 — *Crypturellus strigulosus* (Temminck) 7
8 — *Odontophorus stellatus* (Gould) 81
9 — *Odontophorus gujanensis gujanensis* (Gmelin) 80


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16



ESTAMPA 2 (*1*)

1 — *Anhinga anhinga anhinga* (Linné) 23
2 — *Phalacrocorax brasilianus brasilianus* (Gmelin) 23
3 — *Podilymbus podiceps antarcticus* (Lesson) 13
4 — *Rhynchops nigra cinerascens* (Spix) 118
5 — *Phaetusa simplex* (Gmelin) 113
6 — *Larus atricilla* Linné 112
7 — *Gelochelidon nilotica gronvoldi* Mathews 114
8 — *Sterna albifrons antillarum* Lesson 116
9 — *Ceryle torquata torquata* (Linné) 221
10 — *Chloroceryle amazona amazona* (Latham) ... 223
11 — *Chloroceryle inda inda* (Linné) 222
12 — *Chloroceryle americana americana* (Gmelin) 222
13 — *Chloroceryle aenea aenea* (Pallas) 223


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16



ESTAMPA 4 (6)

1 — *Jabiru mycteria* (Lichtenstein) 42
2 — *Mycteria americana* (Linné) 31
3 — *Euxenura maguari* (Gmelin) 32
4 — *Phoenicopterus ruber* (Linné) 36
5 — *Theristicus caudatus caudatus* (Boddaert) ... 33
6 — *Eudocimus ruber* (Linné) 34
7 — *Ajaia ajaja* (Linné) 35
8 — *Phimosus infuscatus nudifrons* (Spix) 34


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Gênero **RHYNCHOTUS** Spix

Rhynchotus Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 60. Tipo *Rhynchotus fasciatus* Spix (= *Tinamus rufescens* Temminck), por monotipia.

Rhynchotus rufescens rufescens (Temminck)
Inhambu-pé (n. tupi), *Perdiz.*

Tinamus rufescens Temminck, 1815, Hist. Nat. Pig. Gallin., III, pp. 552 e 747: "Brésil et Paraguay" (local. tipo São Paulo, design Hellmayr, 1929).

Regiões campestres do nordeste da Argentina (Misiones), Uruguai, Paraguai, leste da Bolívia (Santa Cruz, Brasil central e este-meridional, de Alagoas (possívelmente Pernambuco) ao Rio Grande do Sul, inclusive Minas Gerais, sul de Goiás e de Mato Grosso (Chapada, Campo Grande).

Rhynchotus rufescens catingae (Reiser)
Perdiz.

Rhynchotus rufescens catingae Reiser, 1905, Anzeiger Akad. Wissens. Wien, XLII, (18), p. 324: Palmeirinhas e Correntes (rio Parnaíba, Piauí).

Brasil setentrional, nas porções campestres da Amazônia meridional (rio Madeira) e em quase todo o nordeste brasileiro, nos estados do Maranhão e Piauí (possívelmente também o Ceará e o Rio Grande do Norte).

Gênero **NOTHURA** Wagler

Nothura Wagler, 1827, Syst. Av., I, fls. 19. Tipo *Tinamus boraquira* Spix, por design. subseqüente (Gray, 1840, List. Bds., p. 63).

Nothura maculosa maculosa (Temminck)
Codorna.

Tinamus maculosus Temminck, 1815, Hist. Nat. Pig. Gallın., III, pp. 557 e 748 (baseado essencialmente em "Ynambúi", de Azara, n.c 327): Paraguay (pátria tpica Bernalcué, perto de Asunción, design. por Laubmann, 1934).

Regiões campestres do nordeste da Argentina, leste do Paraguay, Uruguay e Brasil este-meridional, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, inclusive o sul de Mato Grosso (Campo Grande, Vacaria).

Nothura maculosa major (Spix)

Tinamus major Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 64, tab. 80: "Tejuco" (= Diamantina, norte de Minas Gerais).

Campos do Brasil centro-oriental; nos estados de Goiás, Minas Gerais e, provavelmente, regiões confinantes da Bahia.

Nothura maculosa cearensis (Naumburg)

Nothura maculosa cearensis Naumburg, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 554, p. 1: Lavras (sul do Ceará); Lamm, 1948, Auk, LXV, p. 263.

Nordeste do Brasil: Ceará (Lavras), Paraíba (Campina Grande), Pernambuco arredores de Recife).

Nothura minor (Spix)

Codorna mineira, Codorniz.

Tinamus minor Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 65, tab. 82: "Tejuco" (= Diamantina, norte de Minas Gerais).

Brasil centro-meridional: sul de Mato Grosso (Chapada, Campo Grande), São Paulo (Botocatu, Itapetininga), Minas Gerais (Diamantina, Lagoa Santa).

Nothura boraquira (Spix)

Codorna, C. buraqueira.

Tinamus boraquira Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 63, tab. 79: "distrito diamantino" (norte de Minas Gerais).

Sudeste da Bolívia, norte do Paraguay (Chaco), nordeste do Brasil, do Piauí à Bahia, até as proximidades do Recôncavo.

Gênero **TAONISCUS** Gloger

Taoniscus Gloger, 1842, Gemeinã Hand-und Hilfsb. Naturges., I, (6), p. 404. Tipo *Taoniscus pavoninus* Gloger (*Tinamus nanus* Temminck).

Taoniscus nanus (Temminck)

Perdigão (São Paudo).

Tinamus nanus Temminck, 1815, Hist. Nat. Pig. Gallin., III, pp. 600 e 753 (com base em "Ynambú-carapé", de Azara): Misiones (norte da Argentina).

Zonas campestres do nordeste extremo da Argentina (Misiones) e do Brasil meridional, nos estados de Mato Grosso (rio Brilhante), Goiás (Cristalina), São Paulo (Franca, Itapetininga, Bartira, Itararé), Paraná (Jaguaraíva).

Ordem SPHENISCIFORMES

Família SPHENISCIDAE

Gênero **EUDYPTES** Vieillot

Eudyptes Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Orn. Élém., p. 67 e 70. Tipo "Gorfou", de Brisson (= *Aptenodytes crestata* J. F. Miller).

Eudyptes chrysolophus (Brandt)

Catarhactes chrysolophus Brandt, 183, Bull. Sci. Acad. Imper. Sci. S. Petersb., II, p. 315: Ilhas Falkland.

Ilhas do Oceano Antártico (Geórgia, Orkney, Marion, Kuergueles etc.) e Atlântico meridional (Ilhas Falkland), com ocorrências ocasionais nas terras por ele banhadas (Terra do Fogo), quando chega a alcançar, excepcionalmente, o sul extremo do Brasil (arroio Chuí).

A inclusão da espécie na avifauna brasileira baseia-se em um exemplar, capturado completamente exausto, no supranomeado rio e atualmente integrdo nas coleções do Museu Zoológico da Universidade de São Paulo, graças à liberalidade da Casa Fauna, por intermédio do falecido colecionador A. Olalla.

Gênero **SPHENISCUS** Brisson

Spheniscus Brisson, 1760, Orn., I, p. 52 e II, p. 96. Tipo "Le Manchot", de Brisson (= *Diomedea demersa* Linné), por monotipia.

Spheniscus magellanicus (J. R. Forster)
Pinguim, Naufragado.

Aptenodytes magellanicus J. R. Forster, 1781, Comment. Soc. Reg. Scient. Göttingensis, III, p. 143, pl. 5: Estreito de Magalhães.

Águas litorâneas do Atlântico e do Pacífico sul-americanos, inclusive a Terra do Fogo e as Ilhas Falkland (onde reside e nidifica), com ocorrências regulares nas costas do Chile e do Brasil meridional, alcançando por vezes o sul da Bahia (e, quiçá, a baía de Todos os Santos).

Ordem PODICIPEDIFORMES

Família PODICIPEDIDAE

Gênero **PODICEPS** Latham

Podiceps Latham, 1787, Supplem. Gen. Syn. Bds., p. 294. Tipo, *Colymbus cristatus* Linné (por ulter. design. de Gray, 1840).

Podiceps dominicus speciosus Linch Arribalzaga
Mergulhãozinho, Pecapara.

Colymbus dominicus Linné, 1766, Syst. Nat., 12.ª ed., I, p. 222 (bas. em "La Brèbe de rivière de San Domingue", de Brisson): ilha de São Domingos].

Podiceys speciosus Linch Arribálzaga, 1877, La Ley, 2 de julho, p. 1: ilha de Baradero (prov. de Buenos Aires).

Águas doces da América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais extremos até o norte da Patagônia, inclusive todo o Brasil.

Podiceps rolland chilensis Lesson

[*Podiceps rolland* Quoy & Gaimard, 1824, em Freycinet, Voy. Uranie et Physicienne, Zool., livr. 4, p. 133, pl. 36: ilhas Falkland].

Podiceps chilensis Lesson, 1828, Man. d'Orn., II, p. 358: Concepción (Chile).

Lagos da América Meridional, a oeste (Chile) e a leste dos Andes, do Peru (lago Titicaca, Arequipa) ao Estreito de Magalhães, inclusive o Paraguay e o sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

R. W. Storer (Proc. XIII th. Intern. Congr., 1963, p. 563) propôs o gênero *Rollandia* Bonaparte, 1856, para a "species *rolland* (including *chilensis* and *micropterum*").

Gênero **AECHMOPHORUS** Coues

Aechmophorus Coues, 1862, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., p. 229. Tipo, *Podiceps occidentalis* Lawrence (design. original).

Aechmophorus major (Boddaert)
Mergulhão grande.

Colymbus major Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 24 (com base em "Grèbe de Cayenne", de Buffon e Daubenton, pl. enlum. 404, fig. 1): Caiena.

Litoral marítimo e águas interiores da América do Sul ocidental e meridional, da costa pacífica do Peru ao Estreito de Magalhães

e, na vertente atlântica, do norte da Argentina à Terra do Fogo, inclusive o Uruguay e o sul extremo do Brasil (Torres).

Wetmore & Parkes (Journ. Wash. Acad. Sci., XLIV, 1954, p. 126) advogaram a inclusão de *Colymbus major* Boddaert no gênero *Podiceps*, ponto de vista em que o têm acompanhado muitos autores modernos, inclusive R. M. Schauensee (Bds. Suth America, 1966, p. 11).

Gênero **PODILYMBUS** Lesson

Podilymbus Lesson, 1831, Traité d'Ornithologie, livr. 8. p. 595 Tipo, *Podiceps carolinensis* Latham (= *Colymbus podiceps* Linné), por monotipia.

Podilymbus podiceps antarcticus (Lesson)

Mergulhão caçador.

[*Colymbus podiceps* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 136 (com base em Catesby, Nat. Hist. Carolina, I, p. 91): Carolina (Estados Unidos)].

Podiceps antarcticus Lesson, 1842, Rev. Zool, V, p. 209: Valparaiso (Chile).

América Meridional (e porção adjacente da América Central), a oeste e a leste dos Andes, desde os seus limites setentrionais extremos (inclusive as ilhas de Trinidad e Tobago) até a Patagônia, com distribuição esparsa no Brasil oriental (do Maranhão ao Rio Grande do Sul, inclusive o sul de Goiás (Inhumas) e Minas Gerais (Vargem Alegre).

Ordem PROCELLARIIFORMES

Família DIOMEDEIDAE

Gênero **DIOMEDEA** Linné

Diomedea Linné, 1758, Syst. Naturae, I, p. 132. Tipo, *Diomedea exulans* Linné, (design. por Gray, 1840).

Diomedea exulans Linné

Gaivotão, Albatroz.

Diomeda exulans Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 132: Cabo da Boa Esperança.

Reproduz-se em numerosas ilhas subantárticas (Geórgia do Sul, Tristão da Cunha, Kergueles etc.), cujos mares freqüenta, afas-

tando-se para o norte ao longo das costas meridionais do Pacífico e do Atlântico, onde eventualmente alcança o sul do Brasil (Cabo Frio).

Diomedea epomophora longirostris Mathews

Albatroz real.

[*Diomedea epomophora* Lesson, 1825, Ann. Sci. Nat., VI, p. 95: ilha Campbell].

Diomedea epomophora longirostris Mathews, 1934, Bull. Orn. Club, LIV, p. 112: Atlântico meridional.

Costas sul-americanas do Pacífico e do Atlântico meridionais, da Terra do Fogo para o norte, inclusive, acidentalmente, o sul do Brasil (São Paulo).

Diomedea melanophris Temminck

Gaivotão, Albatroz.

Diomedea melanophris Temminck, 1828, Nouv Rec. Pl. Color., livr. 77, pl. 456: Cabo, Nova Holanda e mares antárticos (o Atlântico sul-americano é tido geralmente como procedência do tipo).

Pacífico e Atlântico meridionais da América do Sul, com ocorrências habituais nas costas do sul do Brasil, até, talvez por acidente, o sul da Bahia.

Diomedea chlororhynchos Gmelin

Diomedea chlororhynchos Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (1), p. 568 (baseado no "Yellow-nosed Albatross" de Latham, Gen. Syn. Bds., p. 309, pl. 94): Cabo da Boa Esperança.

Mares do sul, incluso o Atlântico meridional, com ocorrências acidentais nas águas litorâneas do sul do Brasil (inclusive a baía de Guanabara).

Gênero **PHOEBETRIA** Reichenbach

Phoebetria Reichenbach, 1852, Av. Syst. Nat., p. V. Tipo, *Diomedea fuliginosa* Gmelin (= *Diomedea palpebrata* J. R. Forster), por design. original.

Phoebetria palpebrata (Forster)

Diomedea palpebrata Forster, 1785, Mém. Mathem. Phys. Acad. Sci. Paris, X, p. 571, pl. 15: Mares do sul, entre .7 e 71° de lat. austral.

Atlântico austral (Geórgia do Sul, ilhas Falkland), com ocorrências eventuais nas costas meridionais do Brasil (Santos).

Família PROCELLARIIDAE

Gênero **MACRONECTES** Richmond

Macronectes Richmond, 1905, Proc. Biol. Soc. Wash., XVIII, p. 76 – nome novo para *Ossifraga* Hombron & Jacquinot, 1844, (não Wood, 1835). Tipo, *Procellaria gigantea* Gmelin (monotipia).

Macronectes giganteus (Gmelin)

Procellaria gigantea Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 563 (com base no "Giant Petrel", de Latham): Ilha dos Estados (na ponta meridional extrema da América do Sul).

Procria nas ilhas Falkland e vizinhos arquipélagos, espalhando-se daí pelo Pacífico e Atlântico meridionais durante a estação fria, quando alcança o Chile e, mais raramente, o Peru e o sul do Brasil, inclusive os estados de São Paulo (Peruíbe), Rio de Janeiro (Cabo Frio) e Rio Grande do Sul (*fide* Belton).

Gênero **FULMARUS** Stephens

Fulmarus Stephens, 1826, em Shaw, Gen. Zool., XIII, (1), p. 233, Tipo, *Procellaria glacialis* Linné (design. por Gray, 1855).

Fulmarus glacialoides (Smith)

Procellaria glacialoides Smith, 1840, III, Zool. South Africa, pte. 11, pl. 51: vizinhanças da costa meridional da África.

Procria nas terras e ilhas do Oceano Antártico, de onde se espalha pelo Pacífico e Atlântico meridionais, podendo alcançar o México e o nordeste do Brasil (cabo de São Roque).

Usualmente catalogada sob o nome de *Priocella antarctica* Stephens, 1826. Sobre o gênero gramatical atribuído a *Daption* (anagrama de *pintado*), cf. E. G. Watson, Auk, vol. 91, pp. 419-421 (1974).

Gênero **DAPTION** Stephens

Daption Stephen, 1826, em Shaw, Gen. Zool., XIII, (1), p. 239. Tipo, *Procellaria capensis* Linné (design. original).

Daption capense (Linné)

Pomba do Cabo, Feixas Fradinho.

Procellaria capensis Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 132 (com base precípua em Edwards, "The white and black Spotted Peteril"): Cabo da Boa Esperança.

Nidifica nas terras e ilhas antárticas dos dois hemisférios, freqüentando o Pacífico e o Atlântico meridionais, quando alcança

ocasionalmente as costas do sul do Brasil (São Paulo, Rio Grande do Sul).

Sobre o gênero gramatical atribuído a *Daption* (anagrama de *pintado*), cf. E. G. Watson, Auk, vol. 91, pp. 419-421 (1974).

Gênero **PRIOCELLA** Hombron & Jacquinot

Priocella Hombron & Jacquinot, 1844. Compt. Rendus de l'Acad. Sci, XVIII, p. 357. Tipo *Fulmarus antarcticus* Linné.

Priocella antarctica (Stephens)

Priocella antarctica Stephens, 1826, in General Zool. de Shaw, XIII, pte. 1, p. 236: "Antarctic Ocean".

Atlântico e Pacífico meridionais, inclusive mares do sul do Brasil.

Gênero **PTERODROMA** Bonaparte

Pterodroma Bonaparte, 1856, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XLII, p. 768. Tipo, *Procellaria macroptera* Smith (= *Procellaria brevirostris* Lesson), design. por Coues, 1866.

Pterodroma brevirostris brevirostris (Lesson)
Fura-bucho, Alma de mestre.

Procellaria brevirostris Lesson, 1831, Traité d'Ornithol., p. 611: pátria não indicada (= Cabo da Boa Esperança, *teste* Hellmayr & Conover).

Reside nas ilhas de Tristão da Cunha e Crozet, excursionando pelo Atlântico meridional, inclusive as águas costeiras do Brasil (Santos, Peruíbe).

Pterodroma neglecta arminjoniana (Giglioli & Salvadori)

[*Procellaria neglecta* Schlegel, 1863, Mus. Pays-Bas, VI, Procell., p. 10: ilhas Kermandec e Sunday].

Aestrelata arminjoniana Giglioli & Salvadori, 1869, The Ibis, nov., ser., V, p. 62: vizinhanças da Ilha da Trindade (do sul).

Ilha da Trindade e de Martim Vaz, com excursões pelo Atlântico, até, ocasionalmente, as costas do Brasil (e consta, também, alcançar os Estados Unidos).

Pterodroma lessonii lessonii (Garnot)

Procellaria Lessonii Garnot, 1826, Ann. Sci. Nat., VII, p. 54, pl. 4: Cabo Horn (e mares adjacentes).

Procria nas ilhas do Oceano Antártico (Kergueles, Aukland, etc.), espalhando-se pelo Atlântico meridional, quando alcança o

Uruguay, a Argentina e, ocasionalmente, o sul do Brasil (*fide* Schauensee).

Pterodroma incerta (Schlegel)

Procellaria incerta Schlegel, 1863, Mus. Pays-Bas, IV, Procellariae, p. 9: mares austrais.

Procria na ilha Tristão da Cunha, percorrendo o Atlântico em volta, até as costas da Argentina, e, ocasionalmente, do Brasil meridional (Rio Grande do Sul).

Pterodroma hasitata (Kuhl)

Procellaria hasitata Kuhl, 1820, Beitr. Zool. Vergl. Anat., I, p. 142: mar das Antilhas.

Reproduz-se em algumas das Antilhas (Jamaica, Martinica, etc.), visitando as águas atlânticas desde as costas orientais da América do Norte até as do Brasil meridional (*fide* Peters).

Gênero **PACHYPTILA** Illiger

Pachyptila Illiger, 1811, Prodr. Syst. Mam. Av., p. 274. Tipo, *Procellaria forsteri* Latham (design. por Selby, 1840).

Pachyptila desolata georgia (Mathews)

[*Procellaria desolata* Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 562: ilha da Desolação (= Kergueles)].

Heteropiprion desolatus georgia Mathews, 1932, Bull. Brit. Orn. Cl., LII, p. 147: Geórgia do Sul (Oceano Antártico).

Procria no Antártico sul-americano (Georgia, Orkney), excursionando pelo Atlântico meridional, com ocorrências ocasionais nas costas do sul do Brasil (Santos).

Pachyptila belcheri falklandica (Mathews)

[*Pachyptila belcheri* Mathews, 1912, Bds. Austr., II, p. 215: Vitória (sul da Austrália)].

Heteropiprion belcheri falklandicus Mathews, 1939, Bull. Brit. Orn. Club, LIX. p. 104: ilhas Falkland.

Procria nas ilhas Falkland, vagueando pelo Atlântico meridional, desde a Terra do Fogo até a Argentina e o Uruguay, com ocorrências eventuais nas costas do Brasil meridional (Santos, Iguape).

Pachyptila forsteri (Latham, 1790)

Procellaria Forsteri, Latham, 1790, Ind. Orn., II, p. 827: Nova Zelândia.

Reproduz-se na Nova Zelândia (e vizinhas ilhas do Pacífico) e em numerosas ilhas do Atlântico meridional, de onde se distancia pelos mares em volta, podendo ocorrer, ao que parece, no litoral brasileiro (Porto Seguro, *teste* Wied).

Gênero **ADAMASTOR** Bonaparte

Adamastor Bonaparte, 1856, Comp. Rend. Acad. Sci. Paris, XLIII, p. 549. Tipo *Procellaria haesitata* Forster (= *Procellaria cinerea* Gmelin), por designação original.

Adamastor cinereus (Gmelin)

Procellaria cinerea Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, pte. 2, p. 563: "dentro do Círculo Antártico" (= Nova Zelândia, por design. de Mathews, 1912).

Procria nas ilhas do Oceano Antártico (Kergueles, Antípodas etc.), com incursões nas águas litorâneas do Pacífico (até o Peru) e Atlântico meridionais, e ocorrências ocasionais no Uruguay e no extremo sul do Brasil (Rio Grande do Sul).

Gênero **PROCELLARIA** Linné

Procellaria Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 131. Tipo *Procellaria aequinoctialis* Linné (design. de Gray, 1840).

Procellaria aequinoctialis aequinoctialis Linné
Alma-de-mestre, Andorinha das Tormentas.

Procellaria aequinoctialis Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 132 (com base em "The Great Peteril", de Edwards): cercanias do Cabo da Boa Esperança.

Pacífico e Atlântico meridionais, procriando nas ilhas Falkland e Geórgia do Sul, e percorrendo os mares em volta, a oeste até as costas do Chile e do Peru, e, a leste, as da Argentina e do Uruguay, com ocorrências eventuais nas costas do sul do Brasil (Iguape, Peruíbe, Santos, Cabo Frio).

Gênero **PUFFINUS** Brisson

Puffinus Brisson, 1760, Orn., I, p. 56 e VI, p. 130. Tipo *Procellaria puffinus* Brünnich (tautonímia).

Puffinus puffinus puffinus (Brünnich)

Bôbo (R. G. do Sul).

Procellaria puffinus Brünnich, 1764, Orn. Bor., p. 29: Noruega e ilhas Feroe.

Procria em ilhas e arquipélagos do Atlântico setentrional (Islândia, Açores, Bermudas etc.), de onde se distancia para o sul, até o Uruguay e a República Argentina, com ocorrências eventuais na ilha da Trindade e nas costas meridionais do Brasil (São Sebastião, Iguape).

Puffinus diomedea borealis Cory

[*Puffinus diomedea* Scopoli, 1769, Ann. I, Hist. Nat., p. 74: Mediterrâneo (procedência suposta)].

Puffinus borealis Cory, 1881, Bull. Nutt. Orn. Club, VI, p. 84: ao largo da ilha de Chatham (leste dos Estados Unidos).

Nidifica em ilhas e arquipélagos do Atlântico oriental (ilhas da Madeira, Canárias, Açores), que freqüentemente transpõe, para ocorrer nas costas da América do Norte e, por acidente, nas das Guianas e no norte do Brasil (Bahia).

À vista da ignorância da autêntica procedência do tipo, Hartert e outros optaram pela rejeição do nome, em proveito de *Procellaria kuhli* Boie, 1835.

Puffinus gravis (O'Reilly)

Procellaria gravis O'Reilly, 1818, Voy. Greenl. and Adj. Seas, p. 140, pls. 12, fig. 1: cabo Farewell (Groenlândia) e Terra Nova.

Reproduz-se em várias ilhas do Atlântico meridional à volta de Tristão da Cunha, espalhando-se até largas distâncias (Terra do Fogo, ilhas Falkland), com ocorrências durante o inverno nas costas da República Argentina, do Uruguay e do sul do Brasil (Rio Grande do Sul), afora a ilha da Trindade e o Atlântico setentrional (inclusive o oceano Ártico).

Puffinus griseus (Gmelin)

Procellaria grisea Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, pte. 2, p. 564. Nova Zelândia.

Procria nos países frios (inclusive ilhas antárticas dos dois hemisférios, emigrando para o norte (até a Groenlândia, as ilhas Feroe e outras), com ocorrências ocasionais no sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul, *fide* W. Belton, 1973, Auk, vol. 90, p. 94).

Família HYDROBATIDAE

Gênero **OCEANITES** Kayserling & Blasius

Oceanites Kayserling & Blasius, 1840, Wirbelthiere Europas, I, pp. XCIII. 131 e 238. Tipo *Procellaria wilsonii* Bonaparte (= *Procellaria oceanica* Kuhl), design. por Gray, 1841.

Oceanites oceanicus oceanicus (Kuhl)

Procellaria oceanica Kuhl, 1820, Beitr. Zool. Vergl. Anat., I, p. 136, pl. 10, fig. 1: Atlântico meridional, ao largo do estuário do Rio da Prata (localidade suposta).

Procria nas ilhas do Atlântico meridional (Falkland, Orkney, ilhotas à volta do Cabo Horn etc.), de onde se afasta ao longo das costas dos oceanos Pacífico (até, excepcionalmente, a Califórnia) e Atlântico, onde alcança as costas da América do Norte e ocorre eventualmente nas do Brasil oriental (Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul).

Gênero **OCEANODROMA** Reichenbach

Oceanodroma Reichenbach, 1853, Av. Syst. Nat., p. IV. Tipo *Procellaria furcata* Gmelin (design. original).

Oceanodroma castro castro (Harcourt)

Thalassidroma castro Harcourt, 1851, Sketch of Madeira, p. 123: ilhas Desertas (arquipélago da Madeira).

Ilhas e ilhéus oceânicos do Atlântico meridional (Madeira, Canárias, Cabo Verde), com ocorrências ocasionais nas costas do Brasil (Angra dos Reis).

Oceanodroma leucorhoa leucorhoa (Vieillot)

Andorinha do mar, A. das tormentas.

Procellaria leucorhoa Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXV, p. 422: praias marítimas da Picardie (França).

Reproduz-se nas ilhas e costas do Atlântico setentrional (Alaska, Groenlândia, Islândia, Terra do Labrador), emigrando para o sul durante o inverno, quando transpõe o Equador, visitando as costas do Pacífico (Califórnia, México, ilhas Galápagos) e do Atlântico sul-americano (Venezuela, Guianas), inclusive, ocasionalmente, os mares do Brasil (Pará, Bahia, Angra dos Reis).

A comparação com um exemplar trazido do Amapá, induz à convicção de que o exemplar de Angra dos Reis, há muitos anos recebido pelo Museu Paulista, em péssimas condições, pertence também à presente espécie.

Ordem PELECANIFORMES

Família PHAETHONTIDAE

Gênero **PHAETHON** Linné

Phaëthon Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 134. Tipo, *Phaethon aethereus* Linné (design. de Gray, 1840).

Phaethon aethereus aethereus Linné

Rabo de Palha.

Phaëthon aethereus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 134: mares intertropicais (= ilha de Ascenção).

Ilhas de Ascenção e Santa Helena, com largas excursões pelas águas atlânticas, quando visita, ocasionalmente, costas (Maranhão) e ilhas (Fernando de Noronha, Abrolhos) do Brasil setentrional.

Phaethon lepturus ascensionis (Mathews)

[*Phaëthon lepturus* Daudin, 1802, em Buffon, Hist. Nat., ed. Didot, XIV, p. 319: ilha Maurícia (oceano Índico)].

Leptophaëthon lepturus ascensionis Mathews, 1915, Birds of Australia, IV, p. 311: ilha de Ascensão.

Oceano Atlântico (ilhas de Ascenção e Fernando de Noronha), com ocorrências ao largo das costas do Brasil.

Família PELECANIDAE

Gênero **PELECANUS** Linné

Pelecanus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 132. Tipo, "Onocrotalus" (= *Pelecanus onocrotalus* Linné), por tautonímia.

Pelecanus occidentalis occidentalis Linné

Pelecanus Onocrotalus occidentalis Linné, 1766, yst. Nat., I, p. 215 (com base, principalmente, em "The Pelican of America", de Edwards): Índias Ocidentais.

Costas, ilhas costeiras (Trinidad, Aruba) e rios da América do Sul oeste-setentrional (Colômbia, Venezuela, Guianas inglesa e holandesa, costas do Equador, do Peru e, ocasionalmente, do Chile), inclusive o norte extremo do Brasil (rio Uraricuera) e, acidentalmente, e rio Amazonas(alto Tapajós, *fide* Snethlage).

Família SULIDAE

Gênero **SULA** Brisson

Sula Brisson, 1760, Ornithol., I, 60 e VI, p. 494. Tipo *Sula* (= *Pelecanus leucogaster* Boddaert).

Sula sula sula (Linné)

Pelecanus sula Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 218: oceano Índico (provavelmente, por Mar das Antilhas).

Ilhas e ilhotas do Mar das Antilhas e das costas setentrionais da América do Sul, com visitas ocasionais às ilhas (Fernando de Noronha, Trindade) do Atlântico brasileiro.

Sula dactylatra dactylatra Lesson

Sula dactylatra Lesson, 1831, Traité d'Orn., livrais. 8, p. 601: ilha de Ascensão (alto Atlântico).

Ilhas do Atlântico tropical (Pequenas Antilhas, Fernando de Noronha, Trindade), com ocorrências nas costas setentrionais da América do Sul (Venezuela, Guiana Francesa) e, acidentalmente, no norte do Brasil (estuário do rio Amazonas).

Sula leucogaster leucogaster (Boddaert)

Atobá.

Pelecanus leucogaster Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 57 (com base em "Le Fou de Cayenne", de Daubenton, pl. 973): Caiena.

Ilhas e costas do Atlântico (inclusive o arquipélago das Bahamas e a maioria das Grandes Antilhas), desde a América Central até o leste do Brasil (Pernambuco, Bahia, Guanabara, Santos, Paranaguá), inclusive grande número de ilhas do nosso litoral (Abrolhos, ilha dos Alcatrazes, ilha de São Sebastião).

Família PHALACROCORACIDAE

Phalacrocorax Brisson, 1760, Ornithol., I, p. 60 e VI, p. 511. Tipo, *Phalacrocorax* (= *Pelcanus carbo* Linné), tautonímia.

Phalacrocorax brasilianus brasilianus (Gmelin)

Biguá, Miuá.

Procellaria brasiliana Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 564 (com base em "Majagué" de Piso, através de Brisson e coevos): nordeste do Brasil.

Bahias, estuários e rios da América tropical e temperada, inclusive ilhas adjacentes, desde a porção meridional da América Central até a ponta meridional do continente, com ocorrências em todos os estados do Brasil.

Muitos ornitólogos vêem em *Pelecanus olivaceus* Humboldt, 1895 (Rec. Obs. Zool. Anat. Compar., I, p. 47: rio Magdalena) o nome mais antigo para o nosso biguá, desprezando, ao nosso ver sem razão, o dado por Gmelin (cf. Pinto, Orn. Bras., I, p. 22, 1964).

Família ANHINGIDAE

Gênero **ANHINGA** Brisson

Anhinga Brisson, 1760, Ornithol., I, p. 60 e VI, p. 476. Tipo, *Anhinga* (= *Plotus anhinga* Linné), por monotipia e tautonímia.

Anhinga anhinga anhinga Linné

Biguá-tinga, Anhinga.

Plotus Anhinga Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 218 (com base em "Anhinga", de Marcgrave): nordeste do Brasil (pátria típica design. por Pinto, 1937).

Rios e lagos da América Meridional cisandina, desde a Colômbia até o norte da República Argentina, inclusive todos os estados do Brasil.

Família FREGATIDAE

Gênero **FREGATA** Lacépède

Fregata Lacépède, 7799, Tabl. Méthod. Mam. Ois., p. 15. Tipo, *Pelecanus aquila* Linné (design. por Daudin, 1802, in Buffon, Hist. Nat. ed. Didot, XIV, p. 317).

Fregata magnificens Mathews

Grapirá, João Grande, Tesourão.

Fregata minor magnificens Mathews, 1914, Austral. Av. Rec., II, p. 120: ilhas Galápagos (Pacífico sul-americano).

Ilhas oceânicas do Pacífico e do Atlântico tropicais da América, do México, da Califórnia, Bermudas e das pequenas Antilhas para o sul, inclusive muitas ilhas do Atlântico brasileiro, com ocorrências mais ou menos habituais nas costas por ele banhadas (baía da Guanabara, Santos, ilha dos Alcatrazes etc.).

Fregata ariel trinitatis Miranda-Ribeiro

Fregata ariel trinitatis Miranda-Ribeiro, 1919, Arch. Mus. Nac., XXII, p. 192 (no texto): ilha da Trindade (do sul).

Atlântico brsileiro, nas ilhas Trindade e Martim Vaz.

Fregata minor nicolli Mathews

Fregata minor nicolli Mathews, 1914, Austral. Av. Rec., II, p. 118: ilha da Trindade.

Ilhas de Trindade e Martim Vaz, ao largo do Atlântico brasileiro.

Ordem CICONIIFORMES

Família ARDEIDAE

Gênero **ARDEA** Linné

Ardea Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 141. Tipo, *Ardea cinerea* Linné (design. por G. R. Gray, 1840, List. Gen. Bds., p. 60).

Ardea cocoi Linné

Maguari, Baguari, Socó grande.

Ardea Cocoi Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 237 (com base em "Héron huppé de Cayenne" de Brisson e, secundariamente, em "Cocoi", de Marcgrave): Caiena.

Litoral marítimo e águas doces da América Meridional, a leste e oeste dos Andes, dos limites setentrionais ao norte da Patagônia, inclusive todo o Brasil.

Gênero **CASMERODIUS** Gloger

Casmerodius Gloger, 1842, Gemein-und Hilfsb. Naturges., Heft 6, p. 412. Tipo *Ardea egretta* Gmelin (Salvadori design., 1882, Orn. Pap., III, p. 349).

Casmerodius albus egretta (Gmelin)

Garça branca grande, Guira-tinga.

[*Ardea alba* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 144: Europa].

Ardea Egretta Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 629 (baseada precipuamente em "La Grande Aigrette", de Buffon): Caiena.

Continente americano (em águas doces e no litoral marítimo), a oeste e a leste dos Andes, do sul do Canadá à Patagônia.

Gênero **EGRETTA** T. Forster

Egretta T. Forster, 1817, Synopt. Catal. Brit. Bds., p. 59. Tipo, *Ardea garzetta* Linné (por monotipia).

Leucophoyx Sharpe, 1894, Bull. Brit. Orn. Cl., III, p. 39. Tipo *Ardea candidissima* Gmelin (= *Ardea thula* Molina).

Egretta thula thula (Molina)

Garça branca pequena.

Ardea thula Molina, 1782, Saggio Stor. Nat. Chile, pp. 235 e 344: Chile.

Litoral maritimo e águas interiores da América tropical e temperada a oeste e a leste dos Andes, do sul dos Estados Unidos ao Chile e norte da Argentina, inclusive as Antilhas e todos os estados do Brasil.

Gênero **PILHERODIUS** Bonaparte

Pilherodius Bonaparte, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, IX, (14), p. 723. Tipo, *Ardea pileata* Boddaert (monotipia).

Pilherodius pileatus (Boddaert)

Garça real.

Ardea pileata Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 54 (com base em "Héron blanc huppé de Cayenne", de Daubenton, Pl. enlum. 907): Caiena.

Rios e águas interiores da América tropical cisandina, desde o Panamá até o Paraguay (Puerto Casado), inclusive quase todo Brasil (desde a Amazônia até São Paulo e Mato-Grosso).



Gênero **BUTORIDES** Blyth

Butorides Blyth, 1852, Catal. Bds. Mus. As. Soc., 1849, p. 281. Tipo, *Ardea javanica* Horsfield (monotipia).

Butorides striatus striatus (Linné)

Socozinho, Maria-mole, Ana-velha (Bahia), *João-Manuel* (Iguape).

Ardea striata Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 144: Suriname.

Litoral marítimo e águas interiores da América do Sul tropical, dos limites setentrionais extremos (inclusive o sul do Panamá ao Equador a vertente ocidental dos Andes inclusa), o Peru, a Bolívia e o Brasil (em todos os estados).

Gênero **FLORIDA** Baird

Florida Baird, 1858, Report Expl. Surv. Rail. Road Pacific, pp. XXI, XLV, 559 e 671. Tipo, *Ardea caerulea* Linné (monotipia).

Florida caerulea (Linné)

Garça-morena.

Ardea caerulea Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 143: América Meridional (= Carolina, *ex* Catesby).

Costas marítimas e ilhas do litoral atlântico da América (inclusive as Antilhas), desde o sul dos Estados Unidos até o Uruguay, com ocorrências mais ou menos freqüentes nas águas interiores dos estados marítimos do Brasil até, pelo menos, o Paraná).

Gênero **HYDRANASSA** Baird

Hydranassa Baird. 1858, Rep. Expl. and Surv. R. R. Pacific, IX, p. 660. Tipo *Ardea ludoviciana* Wilson (= *Egretta ruficollis* Gosse), por design. original.

Hydranassa tricolor tricolor (P. L. S. Mueller)

Ardea tricolor P. L. S. Mueller, 1776. Natursyst., Supplem., p. 111 (baseada em Buffon e Daubenton, Pl. enlum, 350): Caiena.

Litoral atlântico do norte da América do Sul (Guianas), inclusive as do norte do Brasil (do estuário Amazônico ao Piauí).

Gênero **BUBULCUS** Bonaparte

Bubulcus Bonaparte, 1855, Consp. Av., II, p. 124. Tipo, *Ardea ibis* Linné (= *Ardea bubulcus* Audouin), por tautonímia.

Bubulcus ibis ibis (Linné)

Ardea Ibis Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 144: Egito.

Península Ibérica (ocasionalmente a Itália), países extra-europeus banhados pelo Mediterrâneo inclusive a Ásia oeste-meridional) e África (inclusive Madagascar e arquipélagos vizinhos), com ocorrências acidentais nas ilhas do atlântico europeu (ilha da Madeira, Canárias, Inglaterra) e em vários pontos do litoral atlântico do norte da América Meridional (Guianas) inclusive o estuário do rio Amazonas (Marajó) e o Rio Grande do Sul (*fide* Belton).

A observação recente de H. Sick (Ann. Acad. Bras. Cienc., XXXVII, p. 667, dez. de 1965) confirma dados mais antigos, entre os quais posso incluir uma informação epistolar fornecida ao A. por K. Plath, do Museu de Chicago (12-XII-1957).

Gênero **AGAMIA** Reichenbach

Socó-beijaflor, Socó azul.

Agamia Reichenbach, 1853, Av. Syst. Nat., p. XVI. Tipo, *Agamia picta* Reichenbach (= *Ardea agami* Gmelin), por monotipia.

Agamia agami (Gmelin)

Ardea Agami Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 629 (com base em Buffon e Daubenton, pl. enlum. 859): Caiena.

Rios e águas interiores (excepcional no litoral marítimo) da América tropical cisandina, do sul do México ao Paraguay), com larga distribuição no Brasil, abrangendo a bacia amazônica (inclusive o rio Araguaia) e o alto rio Paraguai.

Gênero **SYRIGMA** Ridgway

Syrigma Ridgway, 1878, Bull. Un. St. Geol. Geogr. Surv. Territ., IV, (1), pp. 224-247. Tipo, *Ardea sibilatrix* Temminck (design. orig.).

Syrigma sibilatrix (Temminck)

Maria faceira (Rio Grande do Sul).

Ardea sibilatrix Temminck 1824, Nouv. Rec. Pl. Color., XLVI, pl. 271: Paraguay e Brasil (este tido como pátria típica).

Águas interiores da América do Sul cisandina, da Venezuela ao Uruguay e norte da Argentina, com restrita distribuição no

Brasil, abrangendo o sul de Mato Grosso e os estados mais meridionais (inclusive São Paulo).

Gênero **NYCTICORAX** T. Forster

Nycticorax Forster, 1877, Syn. Catal. Brit. Bds., p. 59. Tipo *Nycticorax infaustus* Forster (= *Ardea nycticorax* Linné), monotipia e tautonímia.

Nycticorax nycticorax hoactli (Gmelin)

Guacuru, Socó dorminhoco, Taiaçu, Taquiri (Amaz.).

[*Ardea Nycticorax* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 142: Europa meridional].

Ardea Hoactli Gmelin, 1789, Syst. Nat. I, (2), p. 630 (com base em "Heron huppé du Mexique): México.

Rios e águas interiores (raramente na costa marítima) das Américas e das grandes Antilhas, desde o sul do Canadá (como visitante) até o norte do Chile e da República Argentina, inclusive todo o Brasil.

Gênero **NYCTANASSA** Stejneger

Nyctanassa Stejneger, 1887, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 95 (em nota). Tipo *Ardea violacea* Linné (design. origin.).

Nyctanassa violacea cayennensis (Gmelin)

Sabacu (Bahia), *Tamatião, Matirão.*

[*Ardea violacea* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 143 (com base em "The Crested Bittern", de Catesby): Carolina].

Ardea cayennensis Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 626 (com base em "Bihoreau de Cayenne", de Buffon e Daubenton, pl. enlum. 899): Caiena.

Litoral marítimo (raramente em águas interiores) da América Meridional, nas costas pacífica (Equador e Peru) e atlântica, desde a Colômbia e a Venezuela até o extremo sul do Brasil.

Gênero **TIGRISOMA** Swainson

Tigrisoma Swainson, 1827, Zool. Journ. III, p. 362. Tipo, *Ardea tigrina* Gmelin (= *Ardea lineata* Boddaert), design. original.

Tigrisoma lineatum lineatum (Boddaert)
Socó-boi, Taiaçu.

Ardea lineata Boddadert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 52 (com base em Daubenton, pl. enlum 860): Caiena.

Águas doces (raramente na costa marítima) da América Central e da porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina, inclusive toda a Amazônia.

Tigrisoma lineatum marmoratum (Vieillot)

Ardea marmorata Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., XIV, p. 415 (com base em Azara, n.º 353): Paraguay.

Do sul da Bolívia ao rio da Prata, inclusive quase todo o Brasil oriental e central.

Trigrisoma fasciatum fasciatum (Such)

Ardea fasciata Such, 1825, Zool. Journ., II, p. 117: "Brasil" (Rio Grande do Sul, loc. tipo proposta por Pinto, 1964).

Rios e águas interiores do nordeste da Argentina (Misiones) e do Brasil meridional extremo, inclusive o sul de Mato Grosso (Chapada).

A exemplo de E. Eisenmann, consideramos *T. salmoni* Sclat. & Salv., da Colômbia, forma coespecífica (cf. El Hornero, 1965, p. 227).

Gênero **ZEBRILUS** Bonaparte

Zebrilus Bonaparte, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, p. 723. Tipo, *Ardea undulata* Gmelin (design. de Gray, 1855).

Zebrilus undulatus (Gmelin)
Socó-i.

Ardea undulata Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 637 (com base em Buffon e Daubenton, pl. enlum. 763): Caiena.

Rios e águas doces do norte da América do Sul a leste dos Andes (Venezuela, Guianas, leste do Equador e do Peru), inclusive o

Brasil amazônico (Belém, Óbidos, rio Tocantins, rio Madeira etc.) e o alto rio Paraguay.

Gênero **IXOBRYCHUS** Billberg

Ixobrychus Billberg, 1828, Syn. Faun. Scand., 1, (2), p. 166. Tipo, *Ardea minutus* Linné (design. de Stone, 1907).

Ixobrychus involucris (Vieillot)

Socó-mirim.

Ardea involucris Vieillot, 1823, Tabl. Encycl. Méth., Orn., III, p. 1127 (com base em Azara, n.º 361): rio Paraguay.

América Meridional cisandina, do norte da Colômbia e das Guianas até o Uruguay e a República Argentina, inclusive o sudeste do Brasil (do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul). Na vertente pacífica ocorre também no Peru e no Chile.

Ixobrychus exilis erythromelas (Vieillot)

[*Ardea exilis* Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 645 com base em "Minute Bittern", de Latham): Jamaica.].

Ardea erythromelas Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., XIV, p. 422 com base em Azara, n.º 360): Paraguay.

Costas e águas interiores do norte extremo da América Meridional (ilhas de Trinidad, Guianas) ao Paraguay e nordeste da Argentina (Misiones), inclusive a bacia Amazônica e os estados marítimos do Brasil, do Maranhão a Santa Catarina.

Gênero **BOTAURUS** Stephens

Botaurus Stephen, 1819, em Shaw, Gen. Zool., XI, (2), p. 592. Tipo, *Ardea stellaris* Linné (design. por Gray, 1840).

Botaurus pinnatus (Wagler)

Socó-boi.

Ardea pinnata Wagler, 1829, Isis, VI, col. 662: Bahia.

Águas interiores da América Meridional cisandina (com ocorrências também no México, América Central e oeste do Equador) desde os seus limites setentrionais (Colômbia, Venezuela, Guia-

nas), até o norte da Argentina, inclusive localidades esparsas do Brasil oriental (Pernambuco a Rio Grande do Sul) e central (rio Araguaia).

Família COCHLEARIIDAE

Gênero **COCHLEARIUS** Brisson

Cochlearius Brisson, 1760, Orn., I, p. 48 e V, p. 506. Tipo, "*Cochlearius*" (= *Cancroma colchearia* Linné), por tautonímia.

Cochlearius cochlearius cochlearius (Linné)

Tamatiá, Tamatião.

Cancroma Cochlearia Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 333 (com base em "Cochlearius", de Brisson, Orn., V, p. 506): Caiena.

América Meridional cisandina, de seus extremos limites setentrionais ao norte da Argentina (Misiones), inclusive a porção amazônica do Equador, Peru, Bolívia e Brasil, assim nas grandes bacias dos rios Amazonas, Paraguay e São Francisco, como em muitos outros rios menores da costa atlântica, desde o Maranhão até São Paulo (rio Ribeira).

Família CICONIIDAE

Gênero **MYCTERIA** Linné

Mycteria Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 140. Tipo, *Mycteria amaricana* Linné (monotipia).

Mycteria americana Linné

Passarão, Cabeça seca, Cabeça de pedra.

Mycteria americana Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 140 (com base em "Jabiru-guacu", de Marcgrave): nordeste do Brasil.

Rios e pantanais da América Meridional cisandina (com ocorrências acidentais a oeste dos Andes, bem como no sul dos Estados Unidos e no México), dos seus limites setentrionais ao Uruguay, Paraguay e norte da Argentina (também na porção amazônica do Equador, do Peru e da Bolívia), inclusive todo o Brasil.

Gênero **JABIRU** Hellmayr

Jabiru Hellmayr, 1906, Abhandl. K. Bayer Akad. Wissens., XXII, p. 711. Tipo *Ciconia mycteria* Lichtenstein.

Jabiru mycteria (Lichtenstein)

Tuiuiú, Jaburu.

Ciconia mycteria Lichtenstein, 1819, Abhandl. Phys. Kl. Akad. Wiss. Berlin (anos 1816-17), p. 163 (com base em "Jabiru", de Marcgrave): nordeste do Brasil.

América tropical, cisandina, do sul do México (acidental no Texas) e da América Central ao Uruguay e norte da Argentina, inclusive todo o Brasil, com particularidade nas três grandes bacias hidrográficas, com exceção, talvez, dos dois ou três estados meridionais.

Gênero **EUXENURA** Ridgway

Euxenura Ridgway, 1878, Bull. Un. St. Geol. Geogr. Surv. Territ., IV, (1), pp. 249 e 250. Tipo *Ardea maguari* Gmelin.

Euxenura maguari (Gmelin)

Baguari, Cauauã, Jaburu moleque, Cegonha.

Ardea maguari Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 623 (com base em "Maguari", de Marcgrave): nordeste do Brasil.

Águas interiores da América do Sul, a leste dos Andes (com ocorrências eventuais no Chile) desde o norte extremo (leste da Colômbia, Venezuela) ao Uruguay e norte da Argentina, inclusive quase todo o Brasil central e oriental (e excetuada a Amazônia ocidental).

Família THRESKIORNITHIDAE

Gênero **HARPIPRION** Wagler

Harpiprion Wagler, 1832, Isis, col. 1232. Tipo *Ibis plumbeus* Temminck (= *Ibis caerulescens* Vieillot).

Molybdophanes Reichenbach, 1852, Av. Syst. Nat., p. XIV. Tipo *Ibis caerulescens* Vieillot (base em Azara, n.º 363).

Herpiprion caerulescens (Vieillot)

Ibis caerulescens Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., XVI, p. 18 (com base em Azara, n.º 363): Paraguay.

Pantanais do Norte da Argentina, Uruguay, Paraguay, Bolívia (rio Beni, Tarija), e Brasil oeste-meridional, nos estados de Mato Grosso (Aquidauana, rio Aricá, etc.) e Rio Grande do Sul.

Gênero **THERISTICUS** Wagler

Theristicus Wagler, 1832, Isis, col. 1231. Tipo *Tantalus melanopis* Gmelin (monotipia).

Theristicus caudatus caudatus (Boddaert)
Curicaca.

Scolopax caudatus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 57 (com base em Buffon e Daubenton, pl. 976): Caiena.

Margens de rios e zonas adjacentes do interior da América meridional cisandina. Colômbia (rio Cauca, Sta. Marta), Venezuela, Guianas, leste da Bolívia, Paraguay, norte da Argentina e quase todo Brasil, desde o Território de Roraima até o Rio Grande do Sul, inclusive os estados centrais.

Gênero **CERCIBIS** Wagler

Cercibis Wagler, 1832, Ibis, col. 1232. Tipo, *Ibis oxycercus* Spix (monotipia).

Cerbibis oxycerca (Spix)
Trombeteiro.

Ibis oxycercus Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 69, tab. 87: Pará.

Leste da Colômbia, Venezuela, Guianas e Brasil amazônico (rio Branco, rio Negro, rio Guaporé).

Gênero **MESEMBRINIBIS** Peters

Mesembrinibis Peters, 1930, Occas. Papers Boston Soc. Hist., V, p. 256. Tipo, *Tantalus cayennensis* Gmelin.

Mesembrinibis cayennensis (Gmelin)
Tapicuru, Cara-una.

Tantalus cayennensis Gmelin, 1789, Syst Nat., I, (2), p. 652 (com base em Daubenton, pl. enlum. 820): Caiena.

Rios e lagoas do interior da América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais extremos até o Paraguay e o nordeste da Argentina (Misiones), inclusive quase todo o Brasil, excetuados, talvez, os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Gênero **PHIMOSUS** Wagler

Phimosus Wagler, 1832, Isis, col. 1233, *Ibis nudifrons* Spix (monotipia).

Phimosus infuscatus infuscatus (Lichtenstein)

Tapicuru, Maçarico preto.

Ibis infuscatus Lichtenstein, 1823. Verz. Doubl. Mus. Berlin, p. 75 (com base em Azara, n.º 365): Paraguay.

Sudeste da Bolívia, Paraguay, Uruguay, norte da Argentina (inclusive prov. de Buenos Aires) e Brasil meridional, incluso o sul de Mato Grosso (Corumbá, Aquidauana).

Phimosus infuscatus nudifrons (Spix)

Coró-coró.

Ibis nudifrons Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 69, tab. 86: rio São Francisco.

Norte da Bolívia (Beni), Brasil central (Mato Grosso, Goiás, Minas) e oriental, do Maranhão para o sul, até, pelo menos, São Paulo.

Phimosus infuscatus berlepschi Hellmayr

Phimosus berlepschi Hellmayr, 1903, Verh. Zool.-Bot. Gesells. Wien, LIII, p. 247: vale do Orenoco (Venezuela).

Norte extremo da América Meridional cisandina (da Colômbia às Guianas) e faixa limítrofe do Brasil (rio Uraricuera).

Gênero **EUDOCIMUS** Wagler

Eudocimus Wagler, 1832. Isis, col. 1232. Tipo *Ibis alba* Vieillot (monotipia).

Em prejuízo de *Guara* Reichenbach, 1853, deve reconhecer-se a validade de *Eudocimus* Wagler como nome genérico, visto como o seu único homônimo, aplicado por Schönherr a um curculiônida, tem data mais recente.

Eudocimus ruber (Linné)

Guará, Guará-piranga.

Scolopax rubra Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 145 (baseado precipuamente em "The Red Curlew", de Catesby): ilhas Bahamas.

Costas atlânticas da América Meridional (acidental em algumas Antilhas e na América Central), dos seus limites setentrionais

(da Colômbia às Guianas) ao Brasil meridional (até o estado do Paraná), não obstante seu aparente confinamento, nos dias atuais, ao extremo norte (ilhas do estuário Amazônico, costa do Maranhão).

Gênero **PLEGADIS** Kaup

Plegadis Kaup, 1829, Skizz. Entw.-Gesch. Nat. Syst. Thierw., p. 82. Tipo *Tantalus falcinellus* Kaup.

Plegadis chihi (Vieillot)

Cara-una, Maçarico preto.

Numenius chihi Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., VIII, p. 303 (com base em Azara, n.º 364): Paraguay.

Litoral marítimo e águas interiores da América Meridional, a oeste (Chile) e a leste dos Andes, desde a Colômbia até a Patagônia, inclusive o Brasil meridional (São Paulo ao Rio Grande do Sul) e ocidental (bacia do rio Paraguai).

Gênero **AJAIA** Reichenbach

Ajaia Reichenbach, 1853, Av. Syst. Nat., p. XVI. Tipo *Ajaia rosea* Reichenbach (= *Platalea ajaja* Linné).

Ajaia ajaja (Linné)

Colhereiro, Ajajá.

Platalea Ajaja Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 140 (com base em "Ajaja", de Marcgrave): nordeste do Brasil.

Rios, banhados e praias lodosas da América, desde o sul do Estados Unidos (Califórnia, Florida, etc.), a América Central e algumas das Grandes Antilhas, até o estreito de Magalhães (e as ilhas Falkland), sem excluir a vertente do Pacífico (Chile). No Brasil, primitivamente, em todos os estados; nos dias atuais quase que tão somente na Amazônia e outras grandes bacias.

Família PHOENICOPTERIDAE

Gênero **PHOENICOPTERUS** Linné

Phoenicopterus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 139. Tipo, *Phoenicopterus ruber* Linné (monotipia).

Phoenicopterus ruber Linné

Maranhão, Ganso-do-norte, Flamingo.

Phoenicopterus ruber Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 139 (bas. precipuamente em "The Flamingo", de Catesby): Carolina (sudeste dos Estados Unidos).

Ilhas Bahamas (outrora comum na Flórida), Antilhas e península de Yucatan), arquipélago das Galápagos e costas sententrionais atlânticas da América do Sul (Colômbia, Venezuela, Guianas), inclusive, mais ou menos ocasionalmente, as do Brasil, desde o estuário do Amazonas até a foz do rio Parnaíba e, muito raramente, as do Ceará.

A posição sistemática dos Phoenicopteriformes tem sido insistentemente debatida, convindo ler a propósito o recente trabalho de Ch. Sibley e outros no vol. 71 de "Condor" (pp. 155-179).

Phoenicopterus chilensis Molina

Phoenicopterus chilensis Molina, 1782, Saggio Stor. Nat. Chile, pp. 242-4, 344: Chile.

Litoral pacífico da América Meridional (Peru, Chile), Bolívia (La Paz), República Argentina (inclusive a Terra do Fogo), Uruguay e sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul, *fide* Ihering).

Ordem ANSERIFORMES

Família ANHIMIDAE

Gênero **ANHIMA** Brisson

Anhima Brisson, 1760, Ornithol. I, p. 48 e V, p. 518. Tipo, "Anhima" (= *Palamedea cornuta* Linné).

Anhima cornuta (Linné)

Anhuma, Inhuma, Cuintaú, Unicórnio, Licorne.

Palamedea cornuta Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 232 (com base precipuamente em "Anhima", de Marcgrave): Brasil (= Fernambuco).

Rios e banhados da América Meridional cisandina (inclusive toda a Amazônia extrabrasileira), desde a Colômbia até o norte da

Argentina, com ocorrências na generalidade dos estados marítimos e centrais do Brasil.

Gênero **CHAUNA** Illiger

Chauna Illiger, 1811, Prodr. Syst. Mam. Av., p. 253. Tipo, *Parra chavaria* Linné (monotipia).

Chauna torquata (Oken)

Tachã, Anhuma-poca, Chajá.

Chaja torquata Oken, 1816, Lehrb. Naturges., III, (2), p. 639 (com base em Azara, n.º 341): Paraguay e rio da Prata.

Leste da Bolívia (rio Beni), Paraguay, norte da República Argentina (incl. prov. Buenos Aires), Uruguay e Brasil meridional: Mato Grosso (bacias do Guaporé e do Paraguai), oeste de São Paulo (Itapura), Rio Grande do Sul (rio Uruguai).

Família ANATIDAE

Subfamília ANSERINAE

Gênero **CYGNUS** Bechstein

Cygnus Bechstein, 1803, Orn. Taschenb., II, p. 404 (em nota). Tipo, *Anas olor* Gmelin (monotipia).

Cygnus melancoryphus (Molina)

Cisne, Pato-arminho.

Anas melancorypha Molina, 1782, Sagg. Hist. Nat. Chile, pp. 234 e 344: Chile.

Sul da América Meridional (a oeste e a leste dos Andes): Chile, República Argentina (incl. Terra do Fogo), ilhas Falkland, Uruguay, Paraguay, Brasil este-meridional: São Paulo (Iguape), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Pelotas).

Gênero **COSCOROBA** Reichenbach

Coscoroba Reichenbach 1853, Av. Syst. Nat., p. 10. Tipo, *Anser candidus* Vieillot (= *Anas coscoroba* Molina), design. original.

Coscoroba coscoroba (Molina)

Capororoca.

Anas Coscoroba Molina, 1782, Sagg. Hist. Nat. Chile, pp. 234 e 344: Chile.

Sul da América Meridional (nas duas vertentes andinas). Chile, República Argentina (inclusive toda a Patagônia e a Terra do

Fogo), ilhas Falkland, Uruguay, Paraguay e sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

Gênero **DENDROCYGNA** Swainson

Dendrocygna Swainson, 1837, Classif. Bds., II, p. 365. Tipo *Anas arcuata* Horsfield (design. de Eyton, 1838).

Dendrocygna bicolor (Vieillot)

Marreca-peba, M. caneleira.

Anas bicolor Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., V, p. 136 (com base em Azara, n.º 436): Paraguay.

Sul da América Setentrional (Califórnia, Texas, México) e América Meridional cisandina (também na Índia e na África oriental). Colômbia, Venezuela, Guiana (inglesa), Equador (também a oeste dos Andes), Peru, República Argentina, Uruguay, Paraguay e Brasil: ilhas do estuário do rio Amazonas, Pernambuco, Bahia, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso (Corumbá).

Dendrocygna viduata (Linné)

Marreca-viúva, M. apiaí, M. piadeira, Irêrê.

Anas viduata Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 205: Cartagena (Colômbia).

África tropical (rio Zambese, lago Tchad, Madagascar), América Central (Costa Rica, Panamá), Grandes Antilhas e América Meridional cisandina (do norte extremo ao Rio da Prata), inclusive todos os estados do Brasil.

Dendrocygna autumnalis discolor Sclater & Salvin

Marreca cabocla, M. asa-branca.

[*Anas autumnalis* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 127 (com base no "Red-billed Whistling Derck", de Edwards): Antilhas)].

Dendrocygna discolor Sclater & Salvin, 1773, Nomencl. Av. Neotrop., pp. 129 e 161: "Venezuela, Guiana et Brasilia" (local. tip. rio Maroni, Suriname).

América Meridional cisandina (também em Trinidad e várias Antilhas), da Colômbia ao norte da República Argentina (Salta, Tucumán), inclusive o Brasil (virtualmente em todos os estados).

Subfamília ANATINAE

Gênero **NEOCHEN** Oberholser

Neochen Oberholser, 1818, Journ. Wash. Acad. Sci., VIII, p. 571. Tipo *Anser jubatus* Spix (design. original).

Neochen jubata (Spix)

Ganso, Marrecão.

Anser jubatus Spix, 1825, Av. Nov. Bras., II, p. 84, tab. 108: rio Solimões.

Lagos e rios da América Meridional cisandina, dos seus limites setentrionais à República Argentina. Colômbia (rio Meta), Venezuela (Orenoco), Guianas, leste do Equador e do Peru, Bolívia, norte da Argentina (Salta), Brasil: Amazônia (Território de Roraima, Acre, norte de Mato Grosso), com ocorrências ocasionais no sul de São Paulo (Iguape).

Gênero **SARKIDIORNIS** Eyton

Sarkidiornis Eyton, 1838, Monogr. Anat., p. 20. Tipo, *Anser melanotos* Pennant (design. original).

Sarkidiornis melanotos sylvicola Ihering & Ihering

Pato-de-crista, Putrião.

[*Anser melanotos* Pennant, 1769, Indian Zool., p. 12, pl. 11: Ceilão.]

Sarkidiornis sylvicola Ihering & Ihering, 1907, Catal. Fauna Bras., I, Aves, p. 72 (nome noov para *Anas carunculata* Lichtenstein, nome pre-ocupado): nordeste do Brasil (*ex* Marcgrave).

América Meridional cisandina (com ocorrências também na vizinha república do Panamá), da Colômbia ao norte da Argentina, inclusive o Brasil, em todos os estados, com ocorrências mais freqüentes no nordeste do país.

Gênero **CAIRINA** Flemming

Cairina Flemming, 1822, Philos. Zool., p. 260. Tipo *Anas moschata* Linné (monotipia).

Cairina moschata (Linné)

Pato-do-mato, Pato bravo.

Anas moschata Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 124: "India" (Brasil, pátria restr. por design. de Berlepsch & Hartert, 1902).

Rios da América tropical florestada, do México ao norte da Argentina (inclusive prov. de Buenos Aires). Na América Meridional

em toda a sua porção cisandina inclusive o Brasil, em todos os estados.

Gênero **ANAS** Linné

Anas Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 122. Tipo *Anas boschas* (= *Anas platyrhynchos* Linné), design. por Lesson, 1928.

Querquedula Stephens, 1842, Gen. Zool., pte. 2, p. 142. Tipo *Anas querquedula* Linné (tautonimia).

Poecilonitta Eyton, 1838, Monogr. Anat., p. 31. Tipo *Anas bahamensis* Linné (design. original).

Mareca Stephens, 1824, em Shaw, General Zoology, pte. 2, p. 130. Tipo *Mareca fistularis* Stephens (= *Anas penelope* Linné), design. por Eyton, 1838.

Spatula Boie, 1832, Isis, col. 564. Tipo *Anas clypcata* Linné (monotipia).

Nettion Kaup, 1829, Skizz. Entw. Gesch. Nat. Syst. Europ. Thierw, pp. 95 e 196. Tipo *Anas crecca* Linné (monotipia).

Anas versicolor versicolor Vieillot

Marrequinha-do-campo, M. carijó.

Anas versicolor Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., V, p. 109 (com base em Azara, n.º 440): Paraguay.

América Meridional cisandina (também a oeste dos Andes, no Chile central), do sul da Bolívia (Chaco) ao norte da Argentina, inclusive o Brasil, em sua porção meridional extrema (Rio Grande do Sul).

Anas bahamensis bahamensis Linné

Marreca-toucinho, Paturi do mato (Ceará).

Anas bahamensis Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 124 (com base em "The Ilathera", de Catesby): ilhas Bahamas.

Ilhas Bahamas (também, ocasionalmente, no leste dos Estados Unidos), Antilhas e porção setentrional da América do Sul, inclusive o nordeste e o leste do Brasil (ao sul, até o Rio Grande do Sul).

Anas bahamensis rubrirostris Vieillot

Anas rubrirostris Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., V, p. 108 (com base em Azara, n.º 433): Buenos Aires.

Do Peru (também a oeste dos Andes) e do Chile ao norte da República Argentina, inclusive a Bolívia, o Paraguay e o sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).



ESTAMPA 5 (8)

1a — *Cairina moschata* (Linné) 39
1b — Idem, fêmea.
2a — *Sarkidiornis melanotos sylvicola* (Iher. & Ihering) 39
2b — Idem, fêmea.
3 — *Neochen jubata* (Spix) 39
4 — *Dendrocygna bicolor* (Vieillot) 38
5a — *Oxyura dominica* (Linné) 44
5b — Idem, fêmea.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16



ESTAMPA 6 (39)

1 — *Sarcoramphus papa* (Linné) ... 45
2 — *Coragyps atratus brasiliensis* (Bonaparte) 45
3 — *Cathartes burrovianus urubitinga* (Pelzeln)) 46
4 — *Cathartes aura ruficollis* Spix 46
5 — *Polyborus plancus plancus* (Miller) 69
6 — *Daptrius americanus americanus* (Boddaert) 67
7 — *Buteo nitidus nitidus* (Latham) 56
8 — *Accipiter striatus erythronemius* Kaup 53
9 — *Milvago chimachima chimachima* (Vieillot) 68


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15 16



ESTAMPA 7 (6)

1 — *Mitu mitu tuberosa* (Spix), (macho e fêmea) 72
2 — *Crax alector* Linné 73
3 — Idem, fêmea 73
4 — *Crax fasciolata fasciolata* Spix 73
5 — Idem, fêmea 73
6 — *Nothocrax urumutum* (Spix) ... 72


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16



ESTAMPA 8 (7)

1 — *Opisthocomus hoazin* (Müller) 82
2 — *Aramus guarauna guarauna* (Linné) 82
3 — *Eurypyga helias helias* (Pallas) 93
4 — *Heliornis fulica* (Boddaert) 93
5 — *Porphirula martinica* (Linné) 91
6 — *Aramides cajanea cajanea* (Müller) 96
7a — *Jacana spinosa jacana*, imaturo de 7b 94
7b — Idem, adulto.
8 — *Laterallus melanophaius melanophaius* (Vieillot) 89
9 — *Laterallus viridis viridis* (Müller) 89


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15 16

Anas georgica spinicauda Vieillot

[*Anas georgica* Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 516: ilha Geórgia do Sul.]

Anas spinicauda Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Natur., V, p. 135 (com base em Azara, n.º 429): Buenos Aires (= República Argentina).

Porção ocidental e meridional da América do Sul, da Colômbia à Terra do Fogo, inclusive toda a República Argentina e o Brasil, nos seus limites setentrional (rio Uraricuera) e meridionais extremos (rio Uruguai), com ocorrências ocasionais nas zonas intermédias (São Paulo).

Anas flavirostris flavirostris Vieillot

Marreca assobiadeira.

Anas flavirostris Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., V, p. 107 (com base em Azara, n.º 439): Buenos Aires.

Porção meridional da América do Sul (incluso o Chile central), do Uruguay ao Estreito de Magalhães (também nas ilhas Falkland), inclusive o sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

Anas sibilatrix Poeppig

Anas sibilatrix Poeppig, 1829, em Froriep, Not. Geb. Natur.-und Heilkunde, n.º 529: Talcaguano (Chile).

Sul da América Meridional (do Chile e do Paraguay à Terra do Fogo e ilhas Falkland), com ocorrências ocasionais no sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

Anas discors Linné

Sará.

Anas discors Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 205 (baseado principalmente em "The white-face Teal", de Catesby): Carolina (sul dos Estados Unidos).

Do sul do Canadá ao México e à América Central, com ocorrências regulares no norte da América Meridional (Colômbia, Venezuela, Guianas), e excursões migratórias até o Uruguay e vários pontos do Brasil, tais como o rio Tapajós o norte do Maranhão (*teste* A. Aguirre), o Rio de Janeiro (*teste* Adelmar Coimbra) e Rio Grande do Sul (*teste* Belton).

Anas cyanoptera cyanoptera Vieillot

Anas cyanoptera Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., V, p. 104 (com base em Azara, n.º 439): rio da Prata.

Comum às três Américas, desde o sul do Canadá e o oeste dos Estados Unidos até a porção ocidental e meridional da América do Sul (Colômbia, Equador, Chile, República Argentina, Terra do Fogo, ilhas Falkland), inclusive, eventualmente, o sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

Anas platalea (Vieillot)

Anas platalea Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., V, p. 157 (com base em Azara, n.º 431): Buenos Aires e Paraguay.

América do Sul ocidental (Peru, Chile) e meridional (Paraguay, Uruguay, República Argentina, Terra do Fogo), com ocasionais ocorrências no sul do Brasil (Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul).

Anas leucophrys Vieillot

Anas leucophrys Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., V, p. 156 (com base em Azara, n.º 442): Paraguay.

Porção meridional cisandina da América do Sul (sul da Bolívia, Paraguay, Uruguay), inclusive o norte da Argentina (Salta, Tucumán, Buenos Aires) e zonas lindeiras do Brasil (sul de Mato Grosso, Rio Grande do Sul).

Gênero **NETTA** Kaup

Netta Kaup, 1829, Skizz. Entw.-Gesch. Eur. Thierw., p. 102. Tipo, *Anas rufina* Pallas (monotipia).

Metopiana Bonaparte, 1856, Comptes Rendus Acad. Sci. Paris, XLIII, p. 649. Tipo *Anas peposaca* Vieillot (monotipia).

Nyroca Fleming, 1822, Philos. Zool., II, p. 260. Tipo *Anas nyroca* Güldenstädt (tautonimia).

Netta peposaca Vieillot

Marrecão.

Anas peposaca Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., V, p. 132 (com base em Azara, n.º 430): Paraguay e Buenos Aires.

Porção meridional da América do Sul, a oeste (Chile) e a leste dos Andes (República Argentina, Paraguay, Uruguay), inclusive o Brasil meridional extremo (Lagoa dos Patos, Jaguarão etc.).

Netta erythrophthalma (Wied)

Anas erythrophthalma Wied, 1832, Beitr. Naturges. Bras., IV, p. 929: lagoa do Braço (sul da Bahia, perto de Belmonte).

América do Sul setentrional (lagoa Maracaibo) e ocidental (Colômbia, Equador, Peru, Chile), com ocorrências também no sul da África (Angola, Colônia do Cabo), e na faixa litorânea do Brasil oriental (Ceará, Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro).

Gênero **AMAZONETTA** Boetticher

Amazonetta Boetticher, 1929, Anz. Orn. Gesells. Bayer., II, p. 12. Tipo, *Anas brasiliensis* Gmelin (design. original).

Amazonetta brasiliensis (Gmelin)

Marreca-ananaí, M. piripó, M. de-pés-encarnados.

Anas brasiliensis Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 517 (com base em "Mareca alia species", de Marcgrave): nordeste do Brasil.

América Meridional cisandina, dos limites setentrionais (Colômbia, bacia do Orenoco, Guianas) ao Estreito de Magalhães, inclusive todos os estados do Brasil.

Gênero **MERGUS** Linné

Mergus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 129. Tipo *Mergus castor* Linné (= *M. serrator* Linné), por design. subsequente de Eyton, 1838).

Mergus octosetaceus Vieillot

Mergulhador, Patão.

Mergus octosetaceus Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., XIV, p. 222: "Brésil".

América Meridional, nas bacias dos rios Paraná e Paraguai, com ocorrências nos estados sulinos do Brasil (São Paulo, Paraná, Santa Catarina), inclusive o sul de Minas Gerais e de Goiás.

Gênero **OXYURA** Bonaparte

Oxyura Bonaparte, 1828, Ann. Lyc. Nat. Hist., New York, II, p. 390. Tipo *Anas rubidus* Wilson (monotipia).

Erismatura Bonaparte, 1832, Giornale Arcadico, LII, p. 208 (nome novo para *Oxyura*).

Nomonyx Ridgway, 1880, Proc. Un. St. Nat. Mus., III, p. 15. Tipo *Anas dominica* Linné (design. original).

Oxyura vittata (Philippi)

Erismatura vittata R. A. Philippi, 1860, Arch. Naturges., XXVI, (1), p. 26: Santiago (Chile).

Porção meridional da América do Sul, a leste e a oeste dos Andes (Chile), inclusive toda a República Argentina (até a Terra do Fogo), Uruguay e o extremo sul do Brasil (Pelotas).

Oxyura dominica (Linné)

Marrequinha, Marrecarana, Paturi, Tururu, Cã-cã.

Anas dominica Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 201 (baseado em "La Sarcelle de S. Domingue", de Brisson): ilha de São Domingos (= Hispaniola, Antilhas).

América cisandina, desde o sul dos Estados Unidos (Texas), a América Central e as Antilhas, até o norte da República Argentina, inclusive a maioria dos estados centrais e litorâneos do Brasil (não registrada no alto Amazonas).

Gênero **HETERONETTA** Salvadori

Heteronetta Salvadori, 1865, Atti Soc. Ital. Sci. Nat., VIII, p. 374. Tipo *Anas melanocephala* Vieillot (= *Anas atricapilla* Merrem).

Heteronetta atricapilla (Merrem)

Anas atricapilla Merrem, 1841, en Ersch. & Gruber, Algem. Encycl. Wissens. Künste, XXXV, p. 26 (com base em Azara, n.º 438): Buenos Aires.

Porção sulina da América Meridional, a oeste (Chile) e a leste dos Andes (Uruguay, norte da Argentina, Paraguay, leste da Bolívia), inclusive o sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

Ordem FALCONIFORMES

Família CATHARTIDAE

Gênero **SARCORAMPHUS** Duméril

Sarcoramphus Duméril, 1806, Zool. Anal., p. 32. Tipo *Vultur papa* Linné (design. por Vigors, 1825).

Sarcoramphus papa (Linné)

Urubu-rei, Urubu-tinga, Urubitinga, Corvo branco

Vultur Papa Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 86 (com base principal em *Vultur elegans*, de Edwards): Índias Ocidentais (Suriname, pátria típica suger. por Belepsch, 1908).

Regiões florestadas da América tropical, do México (Vera Cruz) e da América Central à América Meridional cisandina (também a oeste dos Andes no Equador e no Peru), desde os seus limites setentrionais ao Uruguay e norte da Argentina, inclusive os sertões de quase todo o Brasil.

Gênero **CORAGYPS** Isidore G. Saint-Hilaire

Coragyps Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, 1853, em Le Maout, Hist. Nat. Ois., p. 66. Tipo *Vultur urubu* Vieillot (= *Vultur atratus* Bechstein).

Coragygs atratus brasiliensis (Bonaparte)

Urubu de cabeça preta, U. comum, Corvo.

[*Vultur atratus* Bechstein, 1793, Anhang Bd. I de Latham, Allgem. Uebers., Vögel, p. 655 (com base em "Carrion Crow" de Bartram): Flórida].

Cathartes brasiliensis Bonaparte, 1850, Consp. Gen. Av., I, (1), p. 9: América do Sul (pátria típica sul do Brasil, design. por Berlepsch, 1908; restr. ao Rio de Janeiro por Wetmore, 1965).

América tropical cisandina, do centro do México e da América central às terras baixas do Peru e da Bolívia, inclusive todo o Brasil (pouco comum nas regiões densamente florestadas).

Sobre as raças geográficas da espécie cf. Wetmore, 1962, Smiths. Miscell. Coll., 145, n.º 1.

Gênero **CATHARTES** Illiger

Cathartes Illiger, 1811, Prodr. Syst. Mamm. Av., p. 236. Tipo *Vultur aura* Linné (design. por Vigors, 1825).

Cathartes aura ruficollis Spix

Urubu-gereba, U. de cabeça vermelha, U. caçador, Camiranga.

[*Cathartes aura* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 86 (com base, principalmente, em "Aura", de Hernandez): México (pátria restrita Vera Cruz, design. por Nelson, 1905)].

Cathartes ruficollis Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 2: interior da Bahia e do Piauí.

Do sul da América Central (Panamá) à porção setentrional (sudeste da Colômbia, leste do Peru, Venezuela, Guianas) e oriental (leste da Bolívia, Paraguay, Uruguay, norte da Argentina) da América do Sul cisandina, inclusive o Brasil, em todos os estados (raro nas regiões florestados e nos centros habitados).

Para as raças geográficas da espécie cf. Wetmore, 1964, Smiths. Miscell. Coll., 146, n.º 6.

Cathartes burrovianus urubitinga Pelzeln

Urubu de cabeça amarela.

[*Cathartes burrovianus* Cassin, 1845, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., II, p. 212: Vera Cruz (México)].

Cathartes urubitinga Pelzeln, 1861, Sitzungsber. Mathem.-Naturwissens. Kl. Akad. Wissens, Wien, XLIV, p. 7: Forte do Rio Branco (Territ. Federal de Roraima).

América Meridional cisandina, dos seus limites setentrionais (Colômbia, Venezuela, Guianas) ao norte da Argentina e ao Uruguay, inclusive o Brasil, possivelmente em todos os estados (raro, todavia).

Para a identidade de *Cathartes burrovianus* cf. Wetmore, 1950, Journ. Wash. Miscell. Coll., vol. 146, n.º 6.

Cathartes melambrotos Wetmore

Cathartes melambrotos Wetmore, 1964, Smiths. Miscell. Coll., 146, (6), p. 15: Kartabo (Guiana, inglesa).

Do norte extremo da América Meridional (sudeste da Colômbia, Orenoco, Guianas) ao leste do Peru e do Brasil amazônico (baixo Amazonas, rio Tapajós, rio Xingu, ilha de Marajó, rio Capim).

A validez da espécie, que tem sido freqüentemente confundida com *Cathartes burrovianus urubitinga*, acha-se confirmada por exemplares (Museu de Zoologia) procedentes de Lago do Batista e da estrada de Belém-Brasília (munic. rio Capim).

Família ACCIPITRIDAE

Subfamília ELANINAE

Gênero **ELANUS** Savigny

Elanus Savigny 1809, Descr. de l'Égypte, 1, pp. 69 e 97. Tipo *Elanus caesius* Savigny (= *Falco caeruleus* Desfontaines).

Elanus leucurus leucurus (Vieillot)
Gavião-peneira, Peneira.

Milvus leucurus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XX. p. 563 (com base em Azara, n.º 36): Paraguay.

Chile e América Meridional cisandina, em sua porção setentrional (leste da Colômbia, Venezuela, Guianas) e oriental (Paraguay, Uruguay, norte da Argentina), inclusive o norte extremo (rio Branco) e provavelmente todos os estados marítimos do Brasil (ilha de Marajó, Pernambuco, Bahia, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), com ocorrências também no leste de Minas Gerais (Lagoa Santa). Ocorre ainda, acidentalmente, no sul dos Estados Unidos e na América Central.

Gênero **GAMPSONYX** Vigors

Gampsonyx Vigors, 1825, Zool. Journ., II, p. 69. Tipo *Gampsonyx swainsonii* Vigors (monotipia).

Sôbre a colocação do gênero *Gampsonyx* entre os *Accipitridae* v. R. Plótnick, Rev. Investigaciones Agricolas, X, (3), pp. 313-15; V. Stresemann, Auk, LXXVI, 1959, p. 360.

Gampsonyx swainsonii swainsonii Vigors
Gaviãozinho.

Gampsonyx swainsonii Vigors, 1825, Zool. Journ., II, p.. 69: Bahia ("dez léguas a oeste-sudoeste da baía de Salvador").

América Meridional cisandina, da margem direita do rio Amazonas para o sul (inclusive o leste do Peru e a Bolívia), até o Paraguay e o norte da Argentina (Formosa, Salta, Tucumán), inclusive todo o Brasil cisamazônico, com exceção apenas dos dois ou três estados meridionais.

Gampsonyx swainsonii leonae Chubb

Gampsonyx swainsonii leonae Chubb, 1918, Bull. Brit. Orn. Club, XXXIX, p. 22: León (Nicaragua).

Sul da América Central (oeste da Nicaragua) e porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina (leste da Colômbia, Venezuela, Guiana, inglesa), inclusive o Brasil, da sua porção setentrional extrema (rio Branco) à margem esquerda do baixo Amazonas (Óbidos, Monte Alegre).

Subfamília PERNINAE

Gênero **ELANOIDES** Vieillot

Elanoides Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXIV, p. 101. Tipo *Falco forficatus* Linné (design. por Ridgway, 1874).

Elanoides forficatus yetapa (Vieillot)

Gavião-tesoura, Tapena.

[*Falco forficatus* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 89 (com base em "Swallow tailed Hawk" de Catesby): Carolina (leste dos Estados Unidos)].

Milvus yetapa Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XX, p. 564 (com base em Azara, n.º 38): Paraguay.

América Central e América Meridional cisandina, dos seus limites setentrionais ao Uruguay e nordeste da República Argentina (até, ocasionalmente, a província de Buenos Aires), incluído todo o Brasil, posto existam regiões densamente florestadas.

Gênero **LEPTODON** Sundevall

Leptodon Sundevall, 1836, Vetensk.-Akad. Handl. para 1835, p. 114. Tipo *Falco cayanensis* (monotipia).

Leptodon cayanensis (Latham)

Falco cayanensis Latham, 1790, Ind. Ornithol., I, p. 28 (com base em Buffon e Daubenton, pl. enlum. 473): Caiena.

Do México (Oaxaca, Yucatan) e da América Central à América Meridional cisandina (no Equador também a oeste dos Andes), desde o norte extremo (Colômbia, Venezuela, Guianas), até o Paraguay e o nordeste da Argentina; inclusive o Brasil, em todas as regiões extensamente florestadas.

Leptodon forbesi Swann

Odontriorchis forbesi Swann, 1912 (Syn. Accip., 3.ª parte, p. 159): Pernambuco.

Conhecido somente pelo tipo, oriundo de Pernambuco, há razões para acreditar tratar-se de um exemplar anômalo de *Leptodon cayanensis*.

Gênero **CHONDROHIERAX** Lesson

Chondrohierax Lesson, 1843, Écho du Monde Savant, 10.º ano, n.º 3, col. 61. Tipo *Chondrohierax erythrofrons* Lesson (= *Falco uncinatus* Temminck), por monotipia).

Chondrohierax uncinatus uncinatus (Temminck)

Falco uncinatus Temminck, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., livr. 18, pls. 103. 104 (machos) e livr. 20, pl. 115 (fêmeas): Brasil (pátria típica, por precedência de designação, Rio de Janeiro, sugerida por Pinto, 1938).

América continental, do sul dos Estados Unidos (Texas) e do México (Tehuantepec, Yucatan, Oaxaca) e da América Central, ao longo da América Meridional cisandina, desde o norte extremo (Colômbia, Venezuela, Guianas) até o norte da Argentina (Jujuy, Tucumán), inclusive a Amazônia extra-brasileira e todo Brasil, com exceção, ao que parece, dos estados mais meridionais (Paraná ao Rio Grande do Sul).

Há considerável variação no tamanho do bico e na plumagem deste gavião, o que parece justificar a divisão da espécie em várias raças geográficas, a exemplo do que faz D. Amadon (Amer. Mus. Novitates, 1964, n.º 2166, p. 2), quando tem como boas nada menos de quatro.

Subfamília MILVINAE

Gênero **HARPAGUS** Vigors

Harpagus Vigors, 1824, Zool. Journ. I, p. 338. Tipo *Falco bidentatus* Latham (design. por Gray, 1840).

Harpagus diodon (Temminck)

Falco diodon Temminck, 1923, Nouv. Rec. Pl. Color., livr. 34, pl. 198: Brasil (= Peruípe, sul da Bahia, *ex* Wied).

América do Sul setentrional (Guianas) e oriental (Paraguay, nordeste da Argentina), inclusive as porções densamente florestadas

do Brasil oeste-setentrional (rio Branco, rio Solimões, baixo Amazonas e afluentes) e oriental (do sul da Bahia e do leste de Minas ao Rio Grande do Sul).

Harpagus bidentatus bidentatus (Latham)

Falco bidentatus Latham, 1790, Ind. Orn., I, p. 38 (com base em "Notched Falcon", de Latham, 1781): Caiena.

América do Sul oeste-setentrional cisandina (Colômbia, Venezuela, Guianas, Amazônia extra-brasileira) aí incluido o Brasil amazônico (dos seus limites setentrionais ao norte extremo de Mato Grosso) e norte-oriental, em todos os estados marítimos, do Pará ao Rio de Janeiro (também no leste de Minas).

Gênero **ICTINIA** Vieillot

Ictinia Vieillot, 1816, Anal. nouv. Orn. Élément., p. 24. Tipo, "Milan Crésserelle" de Vieillot (= *Falco plumbeus* Gmelin).

Ictinia plumbea (Gmelin)

Sovi, Gavião-saüveiro.

Falco plumbeus Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 283 (com base no "Spotted-tailed Hobby", de Latham): Caiena.

Regiões quentes da América cisandina, desde o México e a América Central até o Paraguay e o norte da República Argentina, com inclusão de todo o norte da América do Sul, da Amazônia extra-brasileira e das áreas florestadas dos estados marítimos e centrais do Brasil.

Gênero **ROSTRHAMUS** Lesson

Rostrhamus Lesson, 1830, Traité d'Ornithol., livr. 1, p. 55. Tipo *Rotrhamus niger* Lesson (= *Herpetotheres sociabilis* Vieillot), por monotipia.

Helicolestes Bangs & Penard, 1918, Bull. Mus. Compar. Zool., LXII, p. 38. Tipo *Falco hamatus* Temminck (design. original).

Rostrhamus sociabilis sociabilis (Vieillot)

Gavião-caramujeiro, G. de aruá.

Herpetotheres sociabilis Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., XVIII, p. 318 (com base em Azara, n.º 163: Corrientes e rio da Prata (Rep. Argentina).

América continental, da América Central (de Honduras para o sul) e a vertente pacífica (Colômbia, Equador) da América do

Sul à quase toda porção cisandina desta última, desde os seus limites setentrionais (leste da Colômbia, Venezuela, Guianas) ao Uruguay e norte da Argentina (ao sul até Cordoba e Buenos Aires), com a inclusão do norte da Bolívia, do Paraguay e de quase todo o Brasil (não registrado apenas no nordeste extremo).

Gênero **HELICOLESTES** Bangs & Penard

Helicolestes Bangs & Penard, 1918, Bull. Mus. Compar. Zoology, LXII, p. 38. Tipo *Falco hamatus* Temminck (design. original).

Helicolestes hamatus (Temminck)

Gavião caramujeiro.

Falco hamatus Temminck, 1821, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 61: Brasil (baixo Amazonas, pátria típica design. por Gyldenstolpe, 1955).

Porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina (norte da Colômbia, Venezuela, Guianas), inclusive o leste do Peru e, disseminadamente, o Brasil amazônico (território do Amapá, margens ambas do baixo Amazonas, região de Belém, rio Purus).

Bangs & Penard (Bull. Mus. Compar. Zool., LXIII, 1918, p. 38) fizeram nesta espécie o tipo do gênero *Helicolestes*, que D. Amadon (Amer. Mus. Novit., 1964, n.º 2166, p. 3) supõe, quiçá com bons fundamentos, inseparável de *Rostrhamus* Lesson.

Subfamília ACCIPITRINAE

Gênero **ACCIPITER** Brisson

Accipiter Brisson, 1760, Ornithol., 1, pp. 28 e 310. Tipo, *Accipiter*, de Brisson (= *Falco nisus* Linné), por tautonímia.

Accipiter bicolor (Vieillot)

Sparvius bicolor Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., X, p. 325: Caiena.

América tropical, do sul do México (Yucatan) e da América Central à porção mais setentrional da América do Sul transandina (oeste do Equador e do Peru) e, a leste dos Andes, do norte extremo (leste da Colômbia, Venezuela, Guianas) às porções

amazônicas do Equador, do Peru e da Bolívia. No Brasil, toda a Amazônia, inclusive o norte florestado do Maranhão.

Accipiter bicolor pileatus (Temminck)

Falco pileatus Temminck, 1823, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 205: ilha Cachoeirinha (rio Belmonte, no sul da Bahia).

Brasil central (Mato Grosso Goiás) e oriental, do sul do Maranhão ao Rio Grande do Sul, inclusive Minas Gerais.

Accipiter bicolor guttifer Hellmayr

Accipiter futtifer Hellmayr, 1917, Verhandl. Orn. Gesells. Bay., XIII, p. 200 (nome novo para *Accipiter guttatus* Sclat. & Salv., 1867, nome preo-ocupado).

Sudeste da Bolívia, Paraguay e região adjacente do Brasil (Corumbá).

Accipiter superciliosus superciliosus (Linné)

Falco superciliosus Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 128: Suriname.

América Meridional e nordeste da Argentina (Misiones), inclusa a porção amazônica do Equador e do Peru, e as regiões florestadas do Brasil setentrional (Amazônia) e oriental (do Maranhão a Santa Catarina).

Accipiter poliogaster (Temminck)

Tauató, Tauató pintado.

Falco poliogaster Temminck, 1824, Nouv. Rec. Pl. Color., p. 264: Brasil (= Ipanema, São Paulo).

América do Sul cisandina, dos seus limites setentrionais (Colômbia, Guianas) ao Paraguay e nordeste da Argentina (Misiones), incluso o leste do Equador e o norte da Bolívia (rio Beni). No Brasil, em toda Amazônia e na faixa oriental florestada, da Bahia ao Rio Grande do Sul, inclusive o leste de Minas e o sudeste de Mato Grosso (rio Paraná).

Segundo W. H. Partridge (Condor 63, pp. 505-506, 1961), *Accipiter pectoralis* (Bonaparte) é sinônimo de *A. poliogaster* (Temm.), do qual representa a fase imatura.

Accipiter striatus erythronemius Kaup

[*Accipiter striatus* Vieillot, 1807, Hist. Nat. Ois. Amer. Septentr., I, p. 42, pl. 14: ilha de São Domingos (= Haiti, uma das grandes Antilhas).]

Nisus vel Accipiter erythronemius Kaup, 1850, Contrib. Orn., III, p. 64: Bolívia.

Sul da América Meridional cisandina, desde o leste da Bolívia até o norte da Argentina (ao sul até Córdoba e Buenos Aires), Uruguay, leste do Paraguay (Chaco), Brasil central (Mato Grosso, Minas Gerais) e este-meridional (da Bahia ao Rio Grande do Sul).

Os estudos de Storer (Condor, 1952, LIV, p. 253) levam à convicção de que há razões sólidas para tratar *Accipiter erythronemius* e formas afins como raças geográficas de *A. striatus*.

Subfamília BUTEONINAE

Gênero **GERANOAETUS** Kaup

Geranoaetus Kaup, 1844, Classif. Säuget. Vögel, p. 122. Tipo *Falco aguja* Temminck (= *Spizaetus melanoleucus* Vieillot).

Geranoaetus melanoleucus melanoleucus (Vieillot)

Águia-chilena.

Spizaëtus melanoleucus Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Nist. Nat., XXXII, p. 57 (com base em Azara, n.º 8): Paraguay.

Porção este-meridional da América do Sul, do Paraguay ao norte da Argentina (até a província de Buenos Aires), inclusive o sudeste do Brasil (do sul de São Paulo ao Rio Grande do Sul).

Gênero **BUTEO** Lacépède

Buteo Lacépède, 1799, Tabl. Méth. Ois., p. 4. Tipo, "Buteo" (= *Falco buteo* Linné), por tautonímia.

Rupornis Kaup, 1844, Classif. Säugeth. und Vögel, p. 120. Tipo *Falco magnirostris* Gmelin (design. original).

Asturina Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Orn. Élement., pp. 24 e 28. Tipo *Asturina cinerea* Vieillot (= *Falco nitidus* Latham).

Buteola Bonaparte, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XLI, p. 651. Tipo *Buteo brachyurus* Vieillot (design. original).

Buteo albicadatus albicaudatus Vieillot

Curucuturi, Gavião branco.

Buteo albicaudatus Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., IV, p. 477: América Meridonal (pátria típica do Rio de Janeiro, escolhida por Berlepsch, 1908, Novit. Zool., XV, p. 291).

Porção meridional da América do Sul cisandina, do sul da Bolívia ao norte da Patagônia, com inclusão do leste do Paraguay, do Uruguay, do Brasil central (Mato Grosso, Goiás) e este-meridional (da Bahia ao Rio Grande do Sul, Minas Gerais inclusive).

Buteo albicaudatus colonus Berlepsch

Buteo albicaudatus colonus Berlepsch, 1902, Journ. f. Ornithol., XL, p. 91: ilha de Curaçao (ao norte da Venezuela).

Leste da Colômbia, norte da Venezuela e vizinhas ilhas do mar das Caraíbas, Guianas e porção adjacente do Brasil (rio Branco), inclusive o baixo Amazonas e as ilhas do estuário (Marajó).

Buteo albonotatus abbreviatus Cabanis

[*Buteo albonotatus* Kaup, 1847, Isis, (5), col. 329: localidade omitida (= México, *fide* Hellmayr & Conover, 1949)].

Buteo abbreviatus Cabanis, 1949, em Schomburgk, Reise Brit. Guiana, III, p. 739: alto rio Pomeroon (Guiana, inglesa).

América Meridional cisandina (no Peru, também a oeste dos Andes), desde os seus limites setentrionais (Colômbia, Venezuela, Guianas) até a Bolívia (prov. de Sara) e o norte do Paraguay (Chaco), com ocorrências esparsas em vários estados do Brasil (ilha de Marajó, Ceará, Paraná).

Em que pese à divergência dos autores, a tendência atual é separar as populações sul-americanas de *Buteo albonotatus*, como boa raça. Cf. M. A. Taylor, Fieldiana, Zool., XXXV, (5), pã 91 (1958).

Buteo swainsoni Bonaparte

Buteo Swainsoni Bonaparte, 1838, Geogr. Comp. List. Bds. Europe and N. America, p. 3 (nome novo para *Falco buteo* Audubon, Bds. Amer., I, p. 372): Fort Vancouver (Wash., E. Unidos).

Procria nas zonas frias e temperadas da América Setentrional (desde o território de Alaska até o sul dos Estados Unidos), emigrando para o sul durante o inverno, através do México, da América Central e da porção oeste-sententrional da América do Sul, até o Chile e a República Argentina (inclusive o norte da Patagônia),

com ocorrências eventuais em muitos estados do Brasil (Pará, Mato Grosso, Rio Grande do Sul).

À presente espécie deve pertencer um exemplar de Chavantina (rio das Mortes) descrito como *Buteo polyosoma polyosoma* Quoy & Gaimard por Pinto & Camargo (Pop. Avuls., 1948, vol. VIII, pág. 26).

Buteo platypterus platypterus (Vieillot)

Sparvius Platypterus Vieillot, 1823, Tabl. Enc. Méth. Orn., p. 1273 (com base em Wilson, Amer. Orn., VI, pl. 54, fig. 1): Pennsylvania (leste dos Estados Unidos).

Procria nas regiões temperadas da América do Norte (do sul do Canadá aos Estados Unidos, de onde emigra durante o inverno em direção ao sul, espalhando-se pelo norte e oeste da América Meridional (Colômbia, Venezuela, Equador, Chile, Bolívia), com ocorrências, mais ou menos ocasionais, no Brasil setentrional (alto rio Negro, rio Javari) e ocidental (rio Paraguai).

Buteo magnirostris magnirostris (Gmelin)
Indaié.

Falco magnirostris Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (1), p. 282 (com base em Buffon & Daubenton, pl. enlum. 464): Caiena.

Porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina (do leste da Colômbia às Guianas e ao leste do Equador), com a inclusão de todo o Brasil amazônico.

Sobre as relações desta raça com as suas mais afins cf. N. Gyldenstolpe, Arkiv f. Zool., II, n.º 1, págs. 31-36 (1951).

Buteo magnirostris nattereri (Sclater & Salvin)
Gavião pega-pinto.

Asturina nattereri Sclater & Salvin, 1869, Proc. Zool. Soc. Lond. p. 132, em parte: Bahia (não longe de Salvador).

Nordeste do Brasil (do Maranhão à Bahia).

Buteo magnirostris magniplumis (Bertoni)
Gavião pega-pinto, G. carijó, Indaié.

Potamolegus magnirostris magniplumis Bertoni, 1901, Anal. Cient. Parag., I, (1), p. 159: Mondaih (Paraguay).

Sudeste extremo do Paraguay (Alto Paraná), nordeste extremo da Argentina (Misiones), Brasil central (Mato Grosso, Goiás, Minas

Gerais) e este-meridional (do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul).

Buteo magnirostris saturatus (Sclater & Salvin)

Asturina saturata Sclater & Salvin, 1876, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 357: Apolobamba e Tilotilo (Bolívia).

Leste da Bolívia (Santa Cruz, Chiquitos, Moxos, Cochabamba), Paraguay (excetuado o sudeste) e Brasil oeste-meridional (Acre, sul e oeste de Mato Grosso).

Buteo nitidus nitidus (Latham)

Gavião-pedrês.

Falco nitidus Latham, 1790, Ind. Orn., I, p. 41 (com base no "Plumbeous Falcon", de Latham): Caiena.

Sul da América Central (Costa Rica, Panamá) e América Meridional cisandina (no Equador, também a oeste dos Andes), do norte extremo (Colômbia, Venezuela, Guianas) ao Paraguay e norte da Argentina (Chaco), inclusive o Brasil setentrional (Amazônia, Maranhão, Ceará, central (Mato Grosso, Goiás) e médio-oriental (Bahia, Rio de Janeiro).

Buteo leucorrhous (Quoy & Gaimard)

Falco leucorrhous Quoy & Gaimard 1824, em Freycinet, Voy. de l'Uranie et la Physicienne, Zool., p. 91, pl. 13: Brasil (= Rio de Janeiro).

Porção ocidental da América do Sul cisandina (também a oeste dos Andes na Colômbia, no Equador e no Peru), desde o norte extremo (Colômbia, Venezuela) até o Paraguay, o norte da Argentina (Misiones, Tucumán) e o sudeste do Brasil (do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, inclusive o sudeste de Minas Gerais).

Buteo brachyurus brachyurus Vieillot

Buoteo brachyurus Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., IV, p. 477: sem indicação de localidade (= Caiena).

América tropical, do sul dos Estados Unidos (Flórida), México e (sul extremo) América Central à América Meridional cisandina (também na porção setentrional da vertente pacífica), desde os seus limites setentrionais até o nordeste extremo da Argentina

(Misiones), o Paraguay e quase todo Brasil (baixo Amazonas, sul de Mato Grosso e, virtualmente, todos os estados marítimos).

A. L. Rand (Auk, vol. 77, n.º 4, págs. 448-458, out. de 1960) reconhece nesta espécie nada menos de três subespécies, das quais só a forma típica ocorre no Brasil. Um exemplar juvenil da serra de Baturité, alistado como *Buteo b. brachyurus* anos atrás (Arquivos de Zoologia, XI, pág. 206) por Pinto & Camargo, deve pertencer a *Buteo n. nitidus*, na opinião de Hélio F. de Camargo (El Hornero, X, p. 335).

Gênero **PARABUTEO** Ridgway

Parabuteo Ridgway, 1873, em Baird, Brewer & Ridgway, Hist. N. Amer. Bds., III, pp. 248 e 250. Tipo *Buteo harrisi* Audubom (design. original).

Parabuteo unicinctus unicinctus (Temminck)

Falco unicintus Temminck, 1824, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 313: Boa Vista (povoado próximo do rio Paranaíba, no oeste de Minas Gerais).

América Meridional cisandina (também, ao que consta, a oeste dos Andes, no Chile central), da Venezuela e Guianas ao Paraguay e Argentina (até o norte da Patagônia), inclusive o leste da Bolívia e a generalidade dos estados do Brasil (não registrado, contudo, na bacia amazônica).

Gênero **LEUCOPTERNIS** Kaup

Leucopterns Kaup, 1847, Isis, col. 210. Tipo *Falco melanops* Latham (design. de Gray, 1855).

Leucopternis albicollis albicollis (Latham)

Falco albicollis Latham, 1790, Ind. Orn., I, p. 36: Caiena.

América Meridional cisandina, dos seus limites setentrionais (Colômbia, Venezuela, Guianas) ao norte da Bolívia, através da vertente oriental do Equador e do Peru e de todo o Brasil amazônico (inclusive o norte do Maranhão), até a alta porção da bacia do rio Paraguai, no centro de Mato Grosso (Chapada, rio das Mortes).

Leucopternis polionota (Kaup)

Gavião-pomba.

Buteo polionotus Kaup, 1847, Isis, col. 212: América do Sul (São Paulo, pátria do tipo, *fide* Swann).

Nordeste extremo da Argentina, sul do Paraguay (Alto Paraná) e faixa litorânea florestada do Brasil oriental, de Alagoas a Santa

Catarina (inclusive o sudeste de Minas Gerais) e Rio Grande do Sul (*fide* Belton).

Passando em revista as formas incluídas no gênero *Leucopternis*, opina D. Amadon pela coespecifidade de *L. polionota* e *L. albicollis* (Amer. Mus. Novit., n.º 2166, pp. 8-10).

Leucopternis lacernulata (Temminck)

Gavião-pomba.

Falco lacernulatus Temminck, 1827, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 437: Brasil (= proximid. da cid. do Rio de Janeiro).

Matas da faixa litorânea do Brasil oriental, de Alagoas a Santa Catarina (limites da área de distribuição conhecida).

Leucopternis melanops melanops (Latham)

Falco melanops Latham, 1790, Ind. Ornithol., I, p. 37: Caiena.

Oeste-sententrião da América Meridional cisandina, do sul da Venezuela (alto Orenoco) às Guianas e ao leste do Equador, inclusive o Brasil setentrional extremo, desde as suas fronteiras até a margem esquerda do rio Amazonas.

Leucopteruis melanops kuhli Bonaparte

Gavião-vaqueiro.

Leucopternis kuhli Bonaparte, 1850, Consp. Gen. Av., I, (1), p. 183: localidade não indicada (= proxim. de Belém, do Pará, *fide* Hellmayr & Conover).

Leste do Peru (rio Huallaga) e Brasil setentrional, da margem direita do rio Solimões (alto Juruá) e do baixo Amazonas para o sul, até o noroeste de Mato Grosso, e, para leste, até a região de Belém.

Leucopternis schistacea schistacea (Sundevall)

Gavião-pomba.

Asturina schistacea Sundevall, 1850, Öfvers. Vetensk. Akad. Förhandl., VII, (5), p. 132, nota 3: Brasil (pátria típica rio Negro, design. por Pinto, 1938).

Porção amazônica da Colômbia, Equador, Peru e Bolívia, sul da Venezuela, Guianas (registrado só na Guiana Francesa), Brasil oeste-setentrional, nas margens ambas do Solimões e do baixo Amazonas (inclusive o distrito este-paraense).

Gênero **BUSARELLUS** Lesson

Busarellus Lesson, 1849, Écho du Monde Savant, 2.ª série, VIII, p. 468. Tipo *Circus busarellus* Vieillot (= *Falco nigricollis* Latham).

Busarellus nigricollis nigricollis (Latham)

Gavião velho, G. padre, G. belo, Panema.

Falco nigricollis Latham, 1790, Orn., I, p. 35: Caiena.

América intertropical, do México e da América Central à América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais (Colômbia, Venezuela, Guianas) até a Bolívia (rio Beni, Chiquitos), inclusive o leste do Peru e quase todo Brasil (não registrado nos estados ao sul de São Paulo).

Gênero **HETEROSPIZIAS** Sharpe

Heterospizias Sharpe, 1874, Catal. Bds. Brit. Mus., I, pp. 158 e 160. Tipo *Falco meridionalis* Latham.

Heterospizias meridionalis meridionalis (Latham)

Gavião-caboclo, Casaca de couro, Inhapacanim do campo.

Falco meridionalis Latham, 1790, Ind. Orn., I, p. 36: Caiena.

Sul da América Central (oeste do Panamá) e América do Sul cisandina (também a oeste dos Andes na porção setentrional da vertente do Pacífico, inclusive a do Equador), desde o norte extremo (da Colômbia às Guianas) até a Bolívia e o norte do Paraguay, inclusive todo Brasil, com exclusão apenas de sua porção meridional extrema (Rio Grande do Sul).

Heterospizias meridionalis rufulus (Vieillot)

Circus rufulus Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., IV, p. 466 (com base em Azara, n.º 11): Paraguay.

Do sul do Paraguay ao norte da República Argentina (até a prov. de Buenos Aires e, ocasionalmente, o Chubut) e o sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

A pendência em torno da separabilidade das populações meridionais da espécie parece resolvida, em definitivo, por A. Wetmore (Smiths. Miscell.

Coll., L, 1965, p. 225), que, ao mesmo tempo, chama a atenção para a prioridade de *Circus rufulus* Vieillot, como nome da raça sulina.

Gênero **BUTEOGALLUS** Lesson

Buteogallus Lesson, 1830, Traité d'Ornithol., p. 83. Tipo *Buteogallus cathartoides* Lesson (= *Falco aequinoctialis* Gmelin).

Hypomorphnus Cabanis, 1844, Arch. f. Naturges., X, (1), p. 263. Tipo *Falço urubitinga* Gmelin (design. original).

Buteogallus aequinoctialis (Gmelin)

Gavião do mangue.

Falco aequinoctialis Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 265 (com base na "Aequinoxial Eagle" de Latham): Caiena.

Estuário e costas lodosas da costa atlântica da América do Sul, desde a Venezuela, até o Brasil meridional (não registrado ao sul do estado do Paraná).

Buteogallus urubitinga urubitinga (Gmelin)

Cã-cã, Cauã, Gavião preto.

Falco Urubitinga Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 265 (com base em "Urubitinga", de Marcgrave): nordeste do Brasil (Pernambuco, pátria típica, sugerida por Pinto, 1938).

América Meridional cisandina (inclusive a porção este-meridional extrema da América Central), desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) até o Uruguay e o norte da Argentina (até prov. Buenos Aires), inclusive a porção amazônica do Equador e do Peru, a Bolívia, o Paraguay e o Brasil, virtualmente em todos os estados.

Gênero **SPIZAETUS** Vieillot

Spizaetus Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Orn. Élément., p. 24. Tipo, "Autour huppé", de Levaillant (= *Falco ornatus* Daudin).

Spizaetus tyrannus tyrannus (Wied)

Urutaurana, Gavião pega-macaco, G. de penacho.

Falco tyrannus Wied, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 360: ilha da Chave (= rio Belmonte, sul da Bahia).

Faixa marítima florestada do Brasil este-meridional, da Bahia ao Rio Grande do Sul, inclusive o leste de Minas Gerais.

Spizaetus tyrannus serus Friedmann

Spizaetus tyrannus serus Friedmann, 1950, Smiths., Miscell. Coll., CXI, p. 1: rio Índio (istmo de Panamá).

Regiões florestadas da América tropical cisandina, do sul do México e da América Central ao norte da República Argentina, inclusive as Guianas, o leste do Equador e do Peru, o norte da Bolívia e o Brasil oeste-setentrional (Amazônia), do extremo norte à região de Belém e ao alto rio Paraguai (Cáceres).

Spizaetus ornatus ornatus (Daudin)

Gavião-de-penacho, Inhapacanim.

Falco ornatus Daudin, 1801, Traité Élément. Orn., II, p. 77 (com base se no Autour huppé", de Levaillant, Ois. d'Afrique: Caiena.

América Meridional cisandina, de seus limites setentrionais ao Paraguay e norte da Argentina, inclusive a porção amazônica do Equador, Peru e Bolívia. No Brasil, além da Amazônia, toda a porção oriental florestada (inclusive o Rio Grande do Sul) e central.

Gênero **SPIZASTUR** Gray

Spizastur G. R. Gray, 1841, List. Gen. Bds., 2.ª ed., IV, p. 482. Tipo, *Falco atricapillus* Temminck (= *Buteo melanoleucus* Vieill.), por design. original.

Spizastur melanoleucus (Vieillot)

Gavião-pato.

Buteo melanoleucus Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., IV, p. 482: Guiana (Francesa).

Do sul do México e da América Central à porção setentrional (Guianas) e oriental da América Meridional cisandina, até o Paraguay e o norte da Argentina, inclusive o Brasil setentrional (rio Branco, Pará), este-meridional (do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul) e central (norte de Goiás e de Mato Grosso).

Gênero **HARPYHALIAETUS** Lafresnaye

Harpyhaliaetus Lafresnaye, 1842. Rev. Zool., v. p. 173: Tipo, *Harpya coronata* Vieillot.

Harpyhaliaetus coronatus (Vieillot)

Águia cinzenta.

Harpyia coronata Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., XIV, p. 237 (com base em Azara, n.º 7): Paraguay e rio da Prata.

Sul da América Meridional cisandina, do leste da Bolívia à República Argentina (até o norte da Patagônia), inclusive o Brasil

central (rio Xingu, rio Araguaia, rio Paraguai) e este-meridional, de São Paulo e do sul de Minas Gerais (Caldas) ao Rio Grande do Sul.

A posição sistemática do gênero e suas relações com *Buteogallus* e *Hypomorphnus* tem sido objeto de acurado estudo da parte de D. Amadon (Auk, LXVI, 1949, pp. 55-56) e outros.

Gênero **MORPHNUS** Dumont

Morphnus Dumont, 1816, Dict. Sci. Nat., I, Supplem., p. 88. Tipo, *Falco guianensis* Daudin (design. por Chubb, 1916).

Morphnus guianensis (Daudin)

Gavião branco, Gavião real.

Falco guianensis Daudin, 1800, Traité Élément. d'Orn., II, p. 78 (com base em Petit Aigle de la Guiane", de Mauduyt: Guiana Francesa.

Regiões densamente florestadas da América tropical cisandina (da América Central ao Paraguay e o nordeste extremo da Argentina), inclusive a porção amazônica do Equador, do Peru e da Bolívia, bem como o Brasil oeste-setentrional (Amazônia) e este-meridional (do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul).

Gênero **HARPIA** Vieillot

Harpia Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Orn. Élément., p. 24. Tipo "Aigle destructeur", de Buffon (= *Vultur harpyja* Linné), por monotipia.

Harpia harpyja (Linné)

Uiraçu, Gavião real.

Vultur harpyja Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 86 (com base em "Yzquauhtli", de Hernandez): México.

América tropical, do México e da América Central às regiões florestadas da América Meridional a leste dos Andes, desde os seus limites setentrionais (Colômbia, Venezuela, Guianas) até a Bolívia, o Paraguay e o norte da República Argentina, inclusive a porção oriental do Equador e do Peru, bem como, de modo geral, o Brasil amazônico e, mais ou menos ocasionalmente,

todas as porções restantes densamente providas de matas (estados marítimos, da Bahia a Santa Catarina).

Gênero **CIRCUS** Lacépède

Circus Lacépède, 1799, Tabl. Méth. Ois., p. 4. Tipo *Falco aeruginosus* Linné (design. por Lesson, 1828).

Circus cinereus Vieillot

Circus cinereus Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., IV, p. 454 (com base em Azara, n.º 32): Paraguay.

América Meridional cisandina (também a oeste dos Andes, desde a Colômbia até a região central do Chile), de seus limites setentrionais ao Uruguay e à República Argentina (até a Patagônia e as ilhas Malvinas), inclusive a Bolívia, o Paraguay e o Brasil meridional extremo (Rio Grande do Sul).

Circus buffoni (Gmelin)

Falco bufoni Gmelin ,1788, Syst. Nat., I, (1), p. 277 (com base em "Cayenne Ringtail" de Latham): Caiena.

América Meridional cisandina (também a oeste dos Andes na Colômbia e no Chile central), desde os seus limites setentrionais (também na ilha de Trinidad) até o Uruguay e o norte da Argentina, inclusive o leste da Bolívia, o Paraguay e o Brasil, tanto na faixa marítima (do baixo Amazonas ao Rio Grande do Sul), como no centro (Goiás e Mato Grosso).

Tomando como base a opinião de Ad. Schneider (Journ. f. Orn., LXXXVI, p. 94), Hellmayr & Conover (Catal. Bds. Amer., XIII, pte. 1, n.º 4, p. 224) vêem no presente gavião o "Caracara" de Marcgrave. Conquanto tenhamos certa vez aceito este modo de ver (Orn. Brasil., I, 1964, p. 85), temos hoje sobejas razões para acreditar que a ave descrita pelo naturalista do período holandês sob aquele nome foi o "carancho" (*Polyborus plancus*), opinião que já tivemos alhures a oportunidade de justificar (Brasiliensia Documenta, II, 1961, p. 281) e coincide, aliás, com a de D. Amadon (Auk, LXXI, 1954, p. 203).

Gênero **GERANOSPIZA** Kaup

Geranospiza Kaup, 1847, Isis, col. 143 — nome novo para *Ischnosceles* Strickland, 1844 (não de Burmeister, 1842). Tipo, *Falco gracilis* Temminck.

Geranospiza caerulescens caerulescens (Vieillot)

Sparvius caerulescens Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., X, p. 318: América Meridional (pátria típica Caiena, design. por Berlepsch & Hartert, 1902).

Regiões florestadas da América do Sul oeste-setentrional cisandina (do leste da Colômbia às Guianas), inclusive o leste do Equador (rio Napo), o norte do Peru e todo Brasil amazônico.

Geranospiza caerulescens gracilis (Temminck)

Falco gracilis Temminck, 1821, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 91: partes orientais do Brasil (pátria típica Colônia Leopoldina, perto de Caravelas, design. por Hellmayr & Conover, 1949).

Brasil este-setentrional (estados marítimos, do Maranhão ao Espírito Santo).

Geranospiza caerulescens flexipes Peters

Geranospiza caerulescens flexipes Peters, 1935, Proc. Biol. Soc. Wash., XLXXX, p. 7: Resistência (Chaco argentino).

Do leste da Bolívia (Santa Cruz) ao Paraguay e ao norte da República Argentina, inclusive o Brasil central (Mato Grosso, Goiás, Minas) e este-meridional (do sul de Minas e do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul).

Família PANDIONIDAE

Gênero **PANDION** Savigny

Pandion Savigny, 1809, Descr. de l'Egypte, Hist. Nat., I, pp. 69 e 95. Tipo *Pandion fluviatilis* Savigny (= *Falco haliaetus* Linné), por monotipia.

Pandion haliaetus carolinensis (Gmelin)

Gavião-caripira, Águia-pesqueira.

[*Falco Haliaetus* Linné, 1758, Syst. Nat., p. 91: Europa].

Falco Haliaëtos carolinensis Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 263 (com base em "Fishing Hawk", de Catesby): Carolina (leste dos Estados Unidos).

Mares costeiros e grandes cursos d'água da América, desde os limites setentrionais do continente (Alaska, Labrador) ao norte

da República Argentina, residindo e procriando na América do Norte (inclusive no sul dos Estados Unidos e no oeste do México), e de lá emigrando para o sul, quando ocorre com freqüência variável, quer na vertente pacífica, (também nas ilhas Galápagos), quer na atlântica, com ocorrências regulares no Brasil amazônico e visitas mais ou menos acidentais na faixa litorânea e no centro (Mato Grosso).

Família FALCONIDAE

Gênero **HERPETOTHERES** Vieillot

Herpetotheres Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nst., GVIII, p. 317. Tipo, *Falco cachinnans* Linné (por design. de Gray, 1840).

Herpetotheres cachinnans cachinnans (Linné)
Acauã.

Herpetotheres cachinnans Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 90 (com base em Rolander MS): América do Sul (pátria típica Suriname, design. por Berlepsch, 1908).

México, América Central e América Meridional cisandina (também na vertente pacífica da Colômbia), dos seus limites setentrionais ao Paraguay e norte da República Argentina (Formosa, Misiones), inclusive o leste do Equador e do Peru, a Bolívia e o Brasil (em toda Amazônia e demais regiões florestadas), incluso o Rio Grande do Sul.

Gênero **MICRASTUR** Gray

Micrastur G. R. Gray, 1841, List Gen. Bds., p. 6 (nome novo para *Brachypterus* Lesson, 1863, não de Latreille, 1819). Tipo, *Falco brachypterus* Temminck (por virtual tautonímia).

Micrastur semitorquatus semitorquatus (Vieillot)
Têm-têm.

Sparvius semi-torquatus Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., X, p. 322 (com base em Azara, n.º 19): Paraguay.

América Meridional cisandina, desde o norte extremo (do leste da Colômbia às Guianas) até o Paraguay e o nordeste extremo da Argentina (Misiones), incluido o leste do Equador e do Peru, o norte da Bolívia, e todas as regiões florestadas do Brasil oeste-setentrional (Amazônia, norte do Maranhão, de Goiás e de

Mato Grosso) e oriental (do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, inclusive o leste de Minas Gerais).

Micrastur mirandollei mirandollei (Schlegel)
Tanatau.

Astur Mirandollei Schlegel, 1862, Mus. Pays-Bas, Astures, p. 27: Suriname (= Guiana Holandesa).

América Meridional cisandina (também na vertente pacífica da Colômbia), do norte extremo (Colômbia, Venezuela, Guianas) à porção amazônica do Peru, norte da Bolívia e Brasil, em sua porção oeste-setentrional (Amazônia, nela incluido o norte do Maranhão) e na faixa atlântica médio-oriental, densamente florestada, do sul da Bahia (Ilhéus) ao Espírito Santo (Pau Gigante).

Micrastur ruficollis ruficollis (Vieillot)
Gavião mateiro, G. caburá.

Sparvius ruicollis Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., X, p. 322: América Meridional (pátria típica Rio de Janeiro, por design. de E. Naumburg, 1930).

Regiões florestadas do norte da Argentina e do sul do Paraguay, Brasil centro-meridional (Mato Grosso, Goiás) e oriental, desde o Piauí até o Rio Grande do Sul (inclusive Minas Gerais).

Micrastur gilvicollis gilvicollis (Vieillot)
Gavião mateiro.

Sparvius gilvicollis Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., X, p. 323: sem indicação de localidade (Caiena, design. como pátria típica por Hellmayr, 1910).

Banda ocidental da América Meridional cisandina, de seus limites setentrionais (Colômbia, Venezuela, Guianas) ao noroeste da República Argentina, inclusive a porção amazônica do Equador, do Peru e da Bolívia, bem como todo o Brasil oeste-setentrional (Amazônia) e a faixa atlântica florestada do Brasil médio-oriental (do sul da Bahia ao Rio de Janeiro).

Parece assaz justificado considerarem-se *Micrastur ruficollis* e *M. gilvicollis* como espécies distintas (conf. Pinto, 1947, Arq. Zool., V, pp. 322-329; Hellmayr, 1949, Catal. Bds. Amers., XIII, pte. 1, n.º 4, p. 257, nota 5). Mau grado seja assunto até hoje discutido (cf. Amadon, Amer. Mus. Novit., 1964, n.º 2166), acaba ele de receber novas luzes em recentíssimo trabalho (Paul Schwartz, The Condor, vol. 74, n.º 4, 1972, pp.

399-415), entre cujas conclusões se destaca o reconhecimento de *Micrastur concentricus* Pelzeln (loc. típica Marabitanos, alto rio Negro) como variedade geográfica de *M. ruficollis.*

Gênero **DAPTRIUS** Vieillot

Daptrius Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Orn. Élém., p. 22. Tipo, *Daptrius ater* Vieillot (por monotipia).

Daptrius ater Vieillot

Cucurucuturi, Grogotori.

Daptrius ater Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Orn. Élém., p. 68: Brasil (pátria típica baixo Amazonas, design. por Pinto, 1963.

América do Sul oeste-setentrional cisandina (do leste da Colômbia às Guianas), inclusive o leste do Equador e do Peru, o norte da Bolívia e todo o Brasil amazônico (do seus extremos limites setentrionais e ocidentais ao norte de Mato-Grosso e do Maranhão).

Daptrius americanus americanus (Boddaert)

Cancã, Cancão, Gralhão, Uracaçu.

Falco americanus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 25 (com base na Pl. enlum. n.º 417): Caiena.

Sul da América Central (Panamá) e norte da América Meridional cisandina (no Equador, também na vertente pacífica), dos seus limites (da Colômbia às Guianas) à porção amazônica do Equador, ao leste do Peru e ao Brasil oeste-setentrional (Amazônia) e central (norte de Mato Grosso, sul do Maranhão e do Piauí), inclusive as regiões florestadas de todo o estado de Goiás (rio Araguaia, rio das Almas, rio Paranaíba).

Daptrius americanus pelzelni Pinto & Camargo

Cancão, Gralhão

Daptrius americanus pelzelni Pinto & Camargo, 1948, Pap. Avul. VIII, p. 294 (nome novo para *Ibycter formosus* Pelzeln, não de Gmelin): Ipanema (estado de São Paulo).

Brasil este-meridional, do sul da Bahia (rio Pardo) a São Paulo (rio Paraná, rio Paranapanema).

Um macho adulto da Chavantina (rio das Mortes, estado de Mato Grosso) tido inicialmente como representante da forma meridional, provou mais tarde (Pinto, Orn. Brasiliense, I, 1964, p. 93) pertencer antes à forma típica.

Gênero **MILVAGO** Spix

Milvago Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 12. Tipo, *Milvago ochrocephalus* Spix (por monotipia).

Milvago chimachima chimachima (Vieillot)
Cará-cará-i, Cará-cará-pinhé, Pinhé, Gavião-carrapateiro, Chimango branco.

Polyborus chimachima Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., V, p. 259 (baseado em Azara, n.º 6): Paraguay.

América Meridional cisandina, da margem direita do rio Amazonas, para o sul, até o Paraguay, o Uruguay o norte e o leste da Argentina (até a prov. de Buenos Aires), inclusive o nordeste do Peru, o leste da Bolívia e todo o Brasil sul-amazônico, inclusas as ilhas do estuário.

Milvago chimachima cordatus Bangs & Penard

Milvago chimachima cordatus Bangs & Penard, 1918, Bull. Mus. Compar. Zool., LXII, p. 35: ilha de São Miguel (na baía do Panamá).

Regiões campestres do Panamá (inclusa a vertente do Pacífico) e da porção oeste-setentrional da América Meridional cisandina, desde o seu norte extremo (da Colômbia à Guiana) até a margem esquerda dos rios Solimões (Manaus) e baixo Amazonas (Itacoatiara, Óbidos).

Hellmayr & Conover reconhecem em *Milvago chimachima cordatus* Bangs & Penard "a very poor race", no que parece terem sobras de razão, a julgar pelo material em mãos.

Milvago chimachima paludivagus Penard

Milvago chimachima paludivaga Penard, 1923, New Engl. Zool. Club, VIII, p. 36; Erste Rijweg (Suriname).

Suriname, Guiana Francesa e adjacente porção do norte extremo do Brasil (Amapá).

Milvago chimango chimango (Vieillot)
Chimango.

Polyborus chimango Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., V, p. 260 (baseado em Azara, n.º 5): Paraguay e Rio da Prata (êste designado como pátria típica por Brodkorb, 1939).

América Meridional, a oeste (do Peru ao Chile central) e a leste dos Andes, desde o Paraguay até o norte da Patagônia, inclusive

o Brasil oeste-meridional (sul de Mato Grosso) e meridional extremo (Rio Grande do Sul).

Gênero **POLYBORUS** Vieillot

Polyborus Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Orn. Élément., p. 22. Tipo, "Caracara, Buffon" (= *Falco plancus* Miller).

Bolyborus plancus plancus (Miller)

Cará-cará, Carancho.

Falco plancus Miller, 1777, Var. Subj: Nat. Hist., (3), pl. 17: Terra do Fogo.

América Meridional a oeste (do norte do Chile ao extremo sul do continente) e a leste dos Andes, desde o leste da Bolívia até a República Argentina (com a Patagônia e as ilhas Falkland), inclusive o Uruguay, o Paraguay e todo Brasil (das margens ambas do rio Amazonas para o sul), com possível exceção da porção meridional extrema.

Sôbre os motivos pelos quais se reconhece no presente gavião o "Caracara" de Marcgrave veja-se nota anterior, relativa a *Circus buffoni.*

Polyborus plancus cheriway (Jacquin)

Falco cheriway Jacquin ,1784, Beytr. Ges. Vögel, p. 17, pl. 4: ilha de Aruba (mar das Caraíbas.

Sul da América Central (Panamá) e porção oeste-sententrional da América do Sul, tanto a oeste, como a leste do Andes, desde os limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) até a porção amazônica do Equador, o norte do Peru e o extremo norte do Brasil (alto rio Branco).

Gênero **FALCO** Linné

Falco Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 88. Tipo, *Falco subbuteo* Linné (por design. subseqüente da List of Brit. Bds., 1915).

Falco peregrinus anatum Bonaparte

[*Falco peregrinus* Tunstall, 1771, Orn. Brit., p. 1 (*ex* Pennant: Inglaterra].

Falco anatum Bonaparte, 1838, Geogr. Compar. List. Bds. Europa N. Amer., p. 4 (com base em *Falco peregrinus* Wilson, não de Tunstall).

Procria nas regiões temperadas da América Setentrional, desde o norte extremo do continente (também na costa ocidental da

Groenlândia) até o sul dos Estados Unidos, emigrando para o sul durante o inverno, quando visita a América do Sul (a oeste e a leste dos Andes) e ocorre com relativa freqüência no Brasil (inclusive nas grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo).

Falco deiroleucus Temminck

Falco deiroleucus Temminck, 1825, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 348: ilha de São Francisco (litoral de Santa Catarina).

Sul do México, América Central e Meridional cisandina, desde os limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) ao norte da República Argentina, inclusive o leste do Peru (e do Equador?), o Paraguay e o Brasil oriental (do baixo Amazonas ao Rio Grande do Sul) e central (Mato Grosso, Goiás).

Falco rufigularis rufigularis Daudin

Gavião de coleira, Cauré, Tentenzinho.

Falco rufigularis Daudin, 1800, Traité Élément. Comp. d'Orn., II, p. 131 (com base no "Orange-breasted Hobby", de Latham, 1787): Caiena.

América do Sul oeste-setentrional cisandina, do norte extremo (sudeste da Colômbia, Venezuela e Guianas) ao norte da Bolívia, inclusive o leste do Equador, o nordeste do Peru e o Brasil amazônico (aí compreendidos o estado do Maranhão e o norte de Mato Grosso).

Freqüentemente referido sob *Falco albigularis* Daudin, nome preterido por ser de identidade duvidosa.

Falco rufigularis ophryophanes (Salvadori)

Hypotriorchis ophryophanes Salvadori, 1895, Boll. Mus. Zool. Torino, X, p. 20: Colonia Risso (rio Apa).

Leste da Bolívia, Paraguay, norte da República Argentina, Brasil central (inclusive o Piauí) e este-meridional, da Bahia ao Paraná (inclusive Minas Gerais).

Falco femoralis femoralis Temminck

Gavião de coleira.

Falco femoralis Temminck, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 121: Brasil (como pátria típica plausível sugiro Ipanema, São Paulo).

Sul da América Central e América Meridional cisandina, desde o norte extremo (do leste da Colômbia às Guianas, inclusive

Trinidad) até a ponta meridional do continente (Terra do Fogo), inclusive o leste da Bolívia, o Paraguay, o Uruguay e o Brasil, em todos os estados (excluidas as regiões densamente florestadas.

Geralmente catalogado como *Falco fusco-caerulescens* Vieillot. Sobre as razões da mudança cf. Peter & Griswold (Bull. Mus. Compar. Zool., XCII, 1943, p. 294).

Falco sparverius connamominus Swainson

Gaviãozinho.

[*Falco sparverius* Linné, 1758, Syst. Nat., 10.ª ed., I, p. 90 (com base em Catesby): Carolina (Estados Unidos)].

Falco cinnamominus Swainson, 1837, Anim. in Menager., p. 281: Chile.

Porção oeste- meridional da América do Sul, a oeste (Chile) e a leste dos Andes, desde o sudeste do Peru até o extremo sul do continente (também nas ilhas Falkland), inclusive o sudeste do Peru, a Bolívia, o Paraguay, o Uruguay e o sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

Falco sparverius cearae (Cory)

Cerchneis sparverius cearae Cory, 1915, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Orn. Ser., I, p. 318: Quixadá (Ceará).

Brasil central (todo Mato-Grosso, Goiás, Minas Gerais), e oriental, em todos os estados marítimos.

Falco sparverius isabellinus Swainson

Falco isabellinus Swainson, 1837, Anim. in Menager., p. 281: Demerara (= Guiana, inglesa).

Porção setentrional da América do Sul cisandina (do sul da Venezuela à Guiana Francesa), inclusive o norte extremo do Brasil (rio Branco).

Ordem GALLIFORMES

Família CRACIDAE

Gênero **NOTHOCRAX** Burmeister

Nothocrax Burmeister, 1856, Syst. Uebers. Th. Brasiliens, III, p. 347. Tipo, *Crax urumutum* Spix (por monotipia).

Nothocrax urumutum (Spix)

Urumutum.

Crax urumutum Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 49, tab. 62: rio Negro.

Porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina (do sudeste da Colômbia à Guiana Inglesa, leste do Equador, nordeste do Peru e noroeste extremo do Brasil (alto rio Negro, alto Purus).

Gênero **MITU** Lesson

Mitu Lesson, 1831, Traité d'Ornithol., p. 485. Tipo, *Crax mitu* Linné (por tautonímia).

Mitu mitu mitu Linné

Mutum-cavalo.

Crax Mitu Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 270 (com base em "Mitu", de Marcgrave): nordeste do Brasil (Pernambuco, pátria típica plausível).

Faixa oriental florestada (prestes a desaparecer) do nordeste do Brasil, inclusive Alagoas (*teste* Pinto) e nordeste da Bahia (*fide* Burmeister).

Sobre o redescobrimento da forma típica de *Mitu mitu* no nordeste do Brasil, em 1951, vide Pinto, (Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, vol. XI, p. 325) e os comentários de C. Vaurie (Amer. Novit., n.º 2307).

Mitu mitu tuberosa (Spix)

Crax tuberosa Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 51, tab. 67: rio Solimões.

Porção amazônica da Colômbia (rio Uaupés), do Peru e da Bolívia, Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Amazonas, inclusive o

norte de Mato Grosso (rio das Mortes) e o extremo leste do Pará (rio Capim).

Mitu tomentosa (Spix)

Crax tomentosa Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 49, tab. 63: Barcelos (alto rio Negro).

Leste da Colômbia, sul da Venezuela (alto Orenoco) e da Guiana inglêsa, Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro, rio Branco).

Gênero **CRAX** Linné

Crax Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 157. Tipo, *Crax rubra* Linné (design. por Ridgway, 1896).

Crax alector Linné

Mutum.

Crax Alector Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 269 (com base principal em "Le Hocco de la Guiane", de Brisson), em parte: Guiana Francesa.

Leste da Colômbia (rio Uaupés), porção meridional da Venezuela (inclusive o vale do Orenoco) e das Guianas, Brasil oeste-setentrional, dos seus confins com êsses vários países até a margem norte do rio Amazonas (Patauá).

Crax globulosa Spix

Crax globulosa Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 50, tab. 65 (macho) e 66 (fêmea): rio Solimões.

Porção amazônica do Equador, do Peru e da Bolívia, Brasil oeste-setentrional (Amazônia ocidental), no rio Solimões (Codajás), no baixo rio Negro, no alto rio Madeira e respectivos formadores (rio Guaporé).

Crax fasciolata fasciolata Spix

Mutum, Mutum-pinima.

Crax fasciolata Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 48, tab. 62 A: Pará.

Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay, leste da Bolívia, Brasil setentrional (margem direita do médio Amazonas), e centro-

-meridional, incluso todo o Mato Grosso, Goiás, oeste de Minas Gerais (rio São Francisco), e interior de São Paulo e do Paraná.

Crax fasciolata pinima Pelzeln

Mutum-pinima.

Crax pinima Pelzeln, 1870, Orn. Bras., (3), p. 287 e 341: praia de Cajutuba (nordeste do Pará).

Brasil este-setentrional, da margem direita do baixo Amazonas (rio Tocantins, rio Capim) ao norte do Maranhão.

Crax blumenbachii Spix

Mutum de bico vermelho.

Crax blumenbachii Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 50, tab. 64 (a fêmea): prov. do Rio de Janeiro.

Crax rubrirostris Spix, op. cit., p. 51, tab. 67 (o macho).

Faixa litorânea florestada do Brasil médio-oriental, do sul da Bahia (Ilhéus, etc.) ao Espírito Santo (rio Doce), inclusive o leste de Minas Gerais (baixo rio Doce).

Gênero **PENELOPE** Merrem

Penelope Merrem, 1786, Av. Rar. Icon. et. Descr., (2), p. 39. Tipo *Penelope marail* Linné (design. por Lesson, 1828).

Penelope marail (Müller)

Phasianus marail P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 125 (com base em "Marail", de Buffon): Caiena.

Porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina (da Colômbia às Guianas), incluso o norte do Brasil, desde os seus limites setentrionais até a margem esquerda do baixo Amazonas.

Seugndo Vaurie (Amer. Mus. Novit., n.° 2197, pág. 6) as populações amazônicas desta espécie merecem ser separadas das da Guiana, sendo para elas *Penelope marail jacupemba* Spix, 1825 o nome válido.

Penelope jacquacu jacquacu Spix

Jacu, Jacuaçu.

Penelope jacqúaçu Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 52, tab. 68: rio Solimões.

Nordeste da América Meridional cisandina (nas porções amazônicas da Colômbia, Equador, Peru e norte da Bolívia), inclusive o

Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (incluso o rio Madeira e seus formadores).

Penelope jacquacu orienticola Todd

Penelope jacquaçu orienticola Todd, 1932, Proc. Biol. Soc. Wash., XLV, p. 211: Manacapuru (marg. esquerda do baixo Solimões).

Conhecido apenas pelo exemplar em que se baseou a descrição.

Penelope obscura obscura Temminck

Penelope obscura Temminck, 1815, Hist. Nat. Pigeons et Gallinacées, III, pp. 68 e 693 (com base em Azara, n.º 335, "Yacuhu"): Paraguay e rio La Plata.

Uruguay, nordeste da Argentina, Paraguay e extremo sul do Brasil (Rio Grande do Sul).

Penelope obscura bronzina Hellmayr

Penelope obscura bronzina Hellmayr, 1914, Novit. Zool., p. 178: Hansa (Santa Catarina).

Brasil este-meridional, do Rio de Janeiro a Santa Catarina (incluso o sudeste de Minas Gerais).

Penelope superciliaris superciliaris Temminck

Penelope superciliaris Temminck, 1815, Hist. Nat. Pig. Gallin, III, pp. 72 e 693: Brasil (pátria típica, região de Belém).

Margem direita (meridional) do baixo Amazonas (do rio Madeira para leste) e respectivos afluentes, inclusive as regiões de Belém e Bragança.

Penelope superciliaris ochromitra Neumann

Penelope superciliaris ochromitra Neumann, 1933, Bull. Brit. Orn. Club, LIII, p. 94: lagoa da Missão (sul do Piauí).

Nordeste do Brasil, do Maranhão ao oeste da Bahia, inclusive o norte de Goiás (baixo Tocantins).

Penelope superciliaris jacupemba Spix

Jacu, Jacupemba, Jacupeba.

Penelope jacupemba Spix, 1825, Av. Nov. Spec. Bras., II, p. 55, tab. 77: Presídio de São João (vizinh. da cid. do Rio de Janeiro).

Brasil central (Mato Grosso, sul de Goiás) e oriental, desde a Paraíba até Santa Catarina (inclusive Minas Gerais).

Penelope superciliaris major Bertoni

Penelope purpurescens major Bertoni, 1901, Anal. Cient. Parag., I, (1), p. 19: Alto Paraná (Paraguay).

Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay, sul do Brasil (Rio Grande do Sul, sudeste extremo de Mato Grosso).

Penelope jacucaca Spix

Jacu, Jacucaca.

Penelope jacucaca Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 53, tab. 69: Poções (interior da Bahia).

Caatingas e cerrados do nordeste do Brasil, do sul do Piauí e do Ceará ao interior da Bahia (inclusive Ceará e Paraíba).

Penelope ochrogaster Pelzeln

Penelope ochrogaster Pelzeln, 1870, Orn. Bras., (3), pp. 282 e 337: rio das Frechas (local. típica) e Engenho do Pari (ambas no norte de Mato Grosso).

Planalto central do Brasil (Mato Grosso, Goiás), incluso o interior de Minas Gerais (rio São Francisco).

Penelope pileata Wagler

Jacu do norte.

Penelope pileata Wagler, 1830, Isis, col. 1109: Pará.

Margem meridional do baixo Amazonas, da margem direita do rio Madeira às margens ambas do Xingu (rio Fresco).

Gênero **PIPILE** Bonaparte

Pipile Bonaparte, 1853, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XLII, p. 977. Tipo, *Crax pipile* Jacquin (por tautonímia).

Pipile cumanensis cumanensis (Jacquin)

Cujubi.

Crax cumanensis Jacquin, 1784, Beytr. Gesch. Vögel, p. 25, pl. 10: Cumaná (Venezuela, baixo Orenoco).

América do Sul oeste-setentrional cisandina, desde os seus limites setentrionais (do leste da Colômbia às Guianas) até o leste

do Equador, o nordeste do Peru e o noroeste extremo do Brasil (alto rio Negro, rio Branco).

Pipile cumanensis nattereri Reichenbach

Pipile nattereri Reichenbach, 1862, Vollst. Naturg. Tauben, p. 154, pl. 271c, f. 5060 (com base em *Penelope cumanensis* Pelzeln, 1858, não de Jacquin, 1784): rio das Frechas (região de Cuiabá).

Leste da Bolívia, Paraguay, norte extremo da Argentina e Brasil oeste-meridional, desde a margem direita dos rios Solimões e Amazonas até o sul de Mato Grosso (Cuiabá, Cáceres, Coxim), estendendo-se para leste ao rio Araguaia (Chavantina) e, em Goiás, aos altos formadores do rio Tocantins (rio das Almas).

Na sinonímia desta subespécie são aqui incluídas *Pipile cumanensis naumburgae* Todd, 1932 (Proc. Biol. Soc. Wash., XLV, p. 213), de Arimã (alto Purus) e *Penelope grayi* Pelzeln, 1870 (Orn. Bras., p. 284), de Sangrador (sul de Mato Grosso).

Pipile jacutinga jacutinga (Spix)

Jacutinga.

Penelope jacutinga Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 53, tab. 70: entre a Bahia e o Rio de Janeiro.

Paraguay, nordeste da Argentina (Misiones) e sudeste do Brasil, desde o sul da Bahia (inclusive a zona de Ilhéus) até o Rio Grande do Sul, inclusive o leste de Minas Gerais.

Pipile jacutinga cujubi (Pelzeln)

Cujubi.

[*Crax* (*pipile*) Jacquin, 1784, Beytr. Gesch. Vögel, p. 26, pl. 11: 'rio Orenoco", (procedência seguramente errônea, talvez por Trinidad)].

Penelope cujubi Pelzeln, 1858, Sitzungsber. Math. Naturwis. Kl. Akad. Wien, XXXI, p. 328: Pará (= Belém).

Margens esquerda (lago Cuipeva, *fide* Olalla) e direita do baixo Amazonas, da margem oriental do rio Madeira (lago do Batista) à região de Belém (inclusive o rio Capim).

Gênero **ORTALIS** Merrem

Ortalida (*Ortalis*, no nominativo) Merrem, 1786, Av. Rar. Icon. Descr., fac. 2, p. 40 (no texto). Tipo, *Phasianus motmot* Linné (por monotipia).

Ortalis motmot motmot (Linné)

Aracuã.

Phasianus Motmot Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 271 (com base principalmente em "Le Faisan de la Guiane", de Brisson): Guiana Francesa (loc. tip.) e norte do Brasil (das fronteiras setentrionais à marg. esquerda do baixo Amazonas).

Porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina, do norte extremo (da Venezuela às Guianas) ao Brasil transamazônico, desde as suas fronteiras setentrionais até a margem esquerda do baixo Amazonas (inclusive o rio Negro).

Ortalis motmot ruficeps (Wagler)

Penelope ruficeps Wagler, 1830, Isis, col. 1111: Brasil (Santarém, pátria típica suger. por Pinto, 1964).

Margem direita do baixo Amazonas, do rio Tapajós para leste (inclusive o baixo Araguaia).

A localidade Lago Cuipeva, de onde procederiam dois exemplares da presente subespécie, envolverá provavelmente um engano da parte do rotulador da etiqueta, como muito bem pondera C. Vaurie (Amer. Mus. Novit., nº 2232, p. 76.

Ortalis superciliaris (Gray)

Aracuã.

Penelope superciliaris Gray, 1867, List. Spec. Bds. Brit. Mus., V, p. 10: América do Sul (Belém, suger. como pátria típica por Pinto, 1964, p. 108).

Brasil setentrional, da margem direita do estuário Amazônico (rio Capim. região de Belém e de Bragança) ao Piauí e o norte extremo de Goiás.

Ortalis guttata guttata (Spix)

Penelope guttata Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 55, tab. 75: rio Solimões (Coari, pátria tip. design. por Gyldenstolpe, 1945).

América oeste-setentrional cisandina, na porção amazônica da Colômbia, do Equador, do Peru, da Bolívia e do Brasil, ao

norte (alto rio Negro) e ao sul do rio Amazonas (do oeste extremo ao rio Tapajós), inclusive o noroeste de Mato Grosso (rio Guaporé, rio Gi-Paraná).

Ortalis guttata aracuan (Spix)

Aracuã.

Penelope aracuan Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 56, em parte (descr. do ♂): São Domingos (Minas Gerais, perto de Minas Novas).

Faixa litorânea do Brasil médio-oriental, de Pernambuco (e Paraíba) ao Espírito Santo (rio Doce), incluso o leste de Minas Gerais.

Ortalis guttata squamata (Lesson)

Ortalis squamata Lesson, 1829, Dict. Sci. Nat., LIX, p. 195: América Meridional (= Santa Catarina).

Brasil meridional extremo (Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Ortalis guttata remota Pinto

Ortalis guttata remota Pinto, 1964, Ornitol. Brasil., I, p. 109: Porto do Sapé (rio Pardo, sudeste de Mato Grosso).

Sudeste de Mato Grosso (conhecida apenas pelo exemplar típico).

Como o prova novo e detido exame, a hipótese, defendida por Vaurie (Amer. Mus. Novit., n.º 2232, set. de 1965) de ser a presente subespécie inseparável de *O. g. squamata* não encontra suficiente apoio nos fatos.

Ortalis canicollis pantanalensis Cherrie & Reichenberger

[*Penelope canicollis* Wagler, 1830, Isis, col. 1112 (com base em Azara, n.º 336): Paraguay].

Ortalis canicollis pantanalensis Cherrie & Reichenberger, 1921, Amer. Mus. Nov., XXVII, p. 2: boca do rio São Lourenço (Mato Grosso).

Sudeste de Mato Grosso (baixo rio Paraguay e afluentes).

Família PHASIANIDAE

Gênero **COLINUS** Goldfuss

Colinus Goldfuss, 1820, Handb. Zool., II, p. 220. Tipo, *Perdix mexicana*, de Goldfuss (= *Tetrao virginianus* Linné).

Colinus cristatus sonnini (Temminck)

Uru-do-campo.

[*Tetrao crstatus* Linné, 1666, Syst. Nat., I, p. 277 (com base em "La Caille huppé du Mexique", de Brisson): Guiana (Francesa)].

Perdix sonnini Temminck, 1815, Hist. Nat. Pig. Gllin., III, p. 541: sem indicação de localidade (Caiena, local. típ. adotada).

Norte extremo da América Meridional cisandina (do leste da Venezuela à Guiana Francesa), inclusive a faixa fronteiriça do Brasil setentrional (alto rio Branco, Amapá).

Gênero **ODONTOPHORUS** Vieillot

Odontophorus Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Orn. Élément., p. 51, Tipo, "Tocro", de Buffon (= *Tetrao gujanensis* Gmelin), por monotipia.

Odontophorus gujanensis gujanensis (Gmelin)

Uru.

Tetrao gujanensis Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 767 (com base principalmente "Guiana Partridge", de Latham): Caiena.

Porção mais setentrional da América do Sul cisandina, constituida pelas Guianas e pelo este-setentrião do Brasil (baixo Amazonas), inclusive o leste do Pará (rio Capim, região de Belém) e o norte de Mato Grosso (rio Guaporé, rio Gi-Paraná).

Odontophorus gujanensis medius Chapman

Odontophorus gujanensis medius Chapman, 1929, Amer. Mus. Novit., n.º 380, p. 3: Caño Secco (monte Duida).

Sul da Venezuela e região adjacente do Brasil.

Odontophorus gujanensis buckleyi Chubb

Odontophorus gujanensis buckeyi Chubb, 1919, Ibis, p. 27: Sarayacu (leste do Equador).

Sudeste da Colômbia, leste do Equador (ao norte do rio Marañon) e Brasil oeste-amazônico, ao norte do rio Solimões (Jauaretê, Tonantins).

Odontophorus stellatus (Gould)

Ortyx (Odontophorus) stellatus Gould, 1843, Proc. Zool. Soc. Lond., ano de 1842, p. 183: Brasil (rio Solimões, suger. como pátria típica por Pinto, 1964).

Porção amazônica do Equador e do Peru, nordeste da Bolívia e noroeste do Brasil ao sul do rio Solimões (para leste até o rio Madeira), estendendo-se para o sul até o noroeste de Mato Grosso (rio Mamoré, rio Gi-Paraná).

Odontophorus capueira capueira (Spix)
Uru, Capoeira.

Perdix capueira Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 59, tab. 7'a: matas do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Nordeste extremo da Argentina (Misiones), Paraguay e Brasil este-meridional (da Bahia ao Rio Grande do Sul), inclusive o sudeste de Mato Grosso (rio Paranaíba).

Odontophorus capueira plumbeicollis Cory

Odontophorus plumbeicollis Cory, 1915, Field Mus. Nat. Hist. Public., Orn. Ser., I, p. 294: serra de Baturité (norte de Ceará).

Nordeste do Brasil, no interior dos estados nordestinos (do Ceará a Alagoas).

Família OPISTHOCOMIDAE

Gênero **OPISTHOCOMUS** Illiger

Opisthocomus Illiger, 1814, Prodr. Syst. Mam. Av., p. 239. Tipo *Phasianus cristatus* Gmelin (= *Phasianus hoazin* Müller).

Não há ainda acordo no tocante à posição que compete ao gênero *Opisthocomus* na Classificação. Estudando as proteínas ovulares, Ch. G. Sibley & J. E. Ahlquist (Peabody Museum of Nat. History, 1972, bol. 39)

concluiram por achá-lo estreitamente afim dos Cuculiformes (fam. *Cuculidae*, subfam. *Crotophaginae*), ponto de vista reafirmado em trabalho ulterior (Auk, 1973, vol. 90, pp. 1-13).

Ophisthocomus hoazin (Müller)

Cigana.

Phasianus hoazin P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 125 (com base em Daubenton, Pl. enlum. 337): Caiena.

América do Sul oeste-setentrional cisandina, desde o norte extremo (do sudeste da Colômbia à Guiana Francesa) até o leste do Equador e do Peru, além do norte da Bolívia e todo o Brasil amazônico (inclusive o norte de Mato Grosso e de Goiás), o Maranhão e o oeste do Piauí.

Ordem GRUIFORMES

Família ARAMIDAE

Gênero **ARAMUS** Vieillot

Aramus guarauna guarauna (Linné)

Carão.

Scolopax Guarauna Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 242 (com base em "Guarauna", de Marcgrave): América do Sul (= nordeste do Brasil).

Istmo de Panamá e países quentes da América Meridional cisandina, dos seus limites setentrionais (também em Trinidad) ao Uruguay e o norte da República Argentina (até a província de Buenos Aires), inclusive a porção amazônica do Equador, do Peru e da Bolívia, afora o Paraguay e o Brasil (virtualmente em todos os estados).

N. Gyldenstolpe (Kungl. Sv. Vet. Akadd Handlingar, XXII, n.º 3, p. 39) é dos poucos autores a aceitar a separabilidade de *Aramus guarauna carau* Vieillot, cuja base está no valor maior das medidas de asa acusadas pelas populações meridionais (do sul do Amazonas à região platina) da espécie, contrariando assim as opiniões de Hellmayr & Conover (Catal. Bds. Americas, pte. I, n.º 1, pág. 304, nota) e de William Partridge (Rev. Inst. Nac. de Investig. Sci. Nat., tomo III, p. 108 (1954).

Família PSOPHIIDAE

Gênero **PSOPHIA** Linné

Psophia Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 154. Tipo *Psophia crepitans* Linné (por monotipia).

Psophia crepitans crepitans Linné

Jacamim de costas cinzentas.

Psophia crepitans Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 154 (com base principalmente em *"Psophia crepitans nigra"*, de Barrère): América Meridional (= Caiena).

Norte da América do Sul cisandina, desde o norte extremo (do leste da Venezuela às Guianas) até a margem esquerda do baixo Amazonas, inclusive o rio Negro e o Amapá.

Psophia crepitans napensis Sclater & Salvin

Psophia napensis Sclater & Salvin, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 162: rio Napo (leste do Equador).

Alta Amazônia (do leste da Colômbia e do Equador ao nordeste do Peru), incluso o extremo noroeste do Brasil (até a margem esquerda do rio Solimões).

Psophia leucoptera leucoptera Spix

Jacamim de costas brancas.

Psophia leucoptera Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 67, tab. 84: rio Negro", localidade tida como errônea por Hellmayr (1902) que a substtuiu pelo rio Madeira (marg. ocidental).

Porção cisamazônica do Peru, norte da Bolívia e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (até a marg. esquerda do rio Madeira).

Psophia leucoptera ochroptera Pelzeln

Psophia ochroptera Pelzeln, 1857, Sitzungsber. Acad. Wissens. Wien, Mathem-naturwissens. Kl., XXIV, p. 231: Barcelos (margem direita do rio Negro).

Brasil oeste-setentrional, até a margem esquerda do rio Solimões e a direita do rio Negro.

Psophia viridis viridis Spix

Jacami, Jacamim.

Psophia viridis Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 66, tab. 83: Vila Nova (= Parintins).

Margem sul do médio Amazonas, da margem direita do rio Madeira à esquerda do rio Tapajós, inclusive os rios Mamoré e Gi-Paraná (no noroeste de Mato Grosso).

Psophia viridis dextralis Conover

Psophia viridis dextralis Conover, 1934, Proc. Biol. Soc. Wash., XLVII, p. 119: Tauari (marg. direita do baixo Tapajós).

Margem sul do baixo Amazonas, da margem direita do rio Tapajós para leste, até, provavelmente, a esquerda do Xingu.

Psophia viridis interjecta Griscom & Greenway

Psophia viridis interjecta Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, p. 419: Cametá.

Margem direita (sul) do baixo Amazonas, entre os rios Xingu e Tocantins.

É forma cuja separabilidade continua duvidosa.

Psophia viridis obscura Pelzeln

Jacamim de costas escuras.

Psophia obscura Pelzeln, 1857, Sitzungsber. Akad. Wissens. Wien, Mathem-naturwiss. Kl., XXIV, p. 373: Pará (= Belém).

Margem sul do estuário do Amazonas, da margem direita do baixo Tocantins para leste, inclusive o rio Capim.

Família RALLIDAE

Gênero **RALLUS** Linné

Rallus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 153. Tipo, *Rallus aquaticus* Linné (design. por Flemming, 1821).

Rallus sanguinolentus sanguinolentus Swainson

Saracura do banhado, Frango d'água.

Rallus sanguinolentus Swainson, 1837, Anim. in Menager., p. 355: Brasil (pátria típica Rio Grande do Sul, suger. por Pinto, 1964).

América do Sul, do Paraguay à República Argentina (até o norte da Patagônia), inclusive o Uruguay e o sudeste do Brasil (de São Paulo ao Rio Grande do Sul).

Rallus sanguinolentus zelebori (Pelzeln)

Aramides zelebori Pelzeln, 1865, Reise v. Novara, Zool., I, Vögel, p. 133: Sepetiba (Guanabara).

Faixa marítima de sudeste do Brasil, no estado do Rio de Janeiro.

Rallus nigricans nigricans Vieillot

Rallus nigricans Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Natur., XXVIII, p. 560 (com base em Azara, n.º 561): Paraguay e La Plata.

América do Sul cisandina, em suas porções oeste-setentrional (Colômbia, leste do Equador e do Peru) e sul-oriental, constituidas pelo sul do Paraguay, nordeste da Argentina e sudeste do Brasil, desde o Rio Grande do Sul até Pernambuco, com inclusão do estado de Minas Gerais e do sul de Goiás.

Rallus longirostris crassirostris Lawrence

[*Rallus longirostris* Boddaert, 1789, Tabl. Pl. Enlum., p. 52 (com base em Daubenton, pl. enlum. 849: Caiena].

Rallus crassirostris Lawrence, 1871, Ann. Lyc. Nat. Hist. New York, X, pp. 19 e 20: Bahia.

Praias lodosas e mangues do litoral marítimo do Brasil setentrional e oriental, do estuário amazônico (ilha de Marajó) a Santa Catarina.

Rallus maculatus maculatus Boddaert

Rallus maculatus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 48 (com base em Daubenton, pl. enlum. 775). Caiena.

Litoral marítimo (igualmente comum em alguns rios do interior) da América do Sul cisandina (também em Cuba e na costa pacífica do Peru), desde a Venezuela até o Paraguay, o norte da Argentina (inclusive a província de Buenos Aires), o Uruguay e toda a faixa atlântica do Brasil.

Gênero **AMAUROLIMNAS** Sharpe

Amaurolimnas Sharpe, 1893, Bull. Brit. Orn. Cl., I, p. XXVII. Tipo, *Rallus concolor* Gosse (design. original).

Amaurolimnas concolor castaneus (Pucheran)

[*Rallus concolor* Gosse, 1847, Bds. Jamaica, p. 369: Jamaica (Antilhas).]

Rallus castaneus Pucheran, 1851, Rev. Magaz. Zool., (2, III, p. 279: Brasil.

Do sul do México, através da América Central, ao norte da América do Sul cisandina (leste da Colômbia, Guianas), inclusive o leste do Equador, Brasil oeste-setentriona (Amazônia) e oriental (costa atlântica da Bahia a São Paulo).

Embora não se tenha ainda prova material que autorize a sua inclusão na avifauna do Brasil é de toda probabilidade que dela faça parte *Anurolimnas castaneiceps* Olson, 1973 (Proc. Biol. Soc. Wash., vol. 86, p. 803), cuja distribuição até hoje conhecida se limita ao sudeste da Colômbia e nordeste do Peru.

Gênero **ARAMIDES** Pucheran

Aramides Pucheran, 1845, Rev. Zool., VIII, p. 277. Tipo, *Fulica cayennesis* Gmelin (= *Fulica cajanea* Müller), design. por Sclater & Salvin, 1868.

Aramides mangle (Spix)

Saracura do mangue, S. da praia.

Gallinula mangle Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 74, tab. 97: praias lodosas e mangues (= costa da Bahia, *fide* Hellmayr, 1906).

Brasil este-setentrional (nos mangues da costa e nos lodaçais do interior), do Maranhão ao Rio de Janeiro (incl. a Guanabara).

Aramides cajanea cajanea Müller

Sanã, Sericoia, Saracura, Três-potes.

Fulica cajanea P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 119 (com base em Daubenton, pl. enlum. 352).

Sul da América Central (Costa Rica, Panamá) e América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas, inclusive Trinidad) até o Uruguay o norte da Argentina, as porções amazônicas do Equador, do Peru e da Bolívia,

o Paraguay e o Brasil, em todos os estados (assim no litoral marítimo como nas águas doces do interior).

Aramides ypecaha (Vieillot)

Saracuraçu.

Rallus ypecaha Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Nat., XXVIII, p. 568 (com base em Azara, n.º 367): Paraguay e Buenos Aires.

Porção oriental da América do Sul, desde o Paraguay o Uruguay e o norte da Argentina (incl. prov. Buenos Aires). No Brasil, em várias bacias fluviais (rio São Francisco, rio Uruguai) abrangendo o sul do Piauí, o norte da Bahia, o oeste de Minas Gerais, e o nordeste de Mato Grosso (rio das Mortes).

Aramides saracura (Spix)

Saracura do brejo.

Gallinula saracura Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 78, tab. 98: Brasil (pátria típica Ipanema, suger. por Pinto, 1964).

Leste do Paraguay, nordeste da Argentina (Misiones) e Brasil oriental (do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul), inclusive o leste de Minas Gerais.

Aramides calopterus Sclater & Salvin

Aramides calopterus Sclater & Salvin, 1878, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 439, pl. 28: Sarayacu (leste do Equador).

Porção amazônica do Equador e do nordeste do Peru, oeste extremo do Brasil, ao sul do rio Solimões (rio Eiru, *teste* Gyldenstolpe, 1945).

Gênero **PORZANA** Vieillot

Porzana Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Orn. Élément., p. 61. Tipo, "Marouette", de Buffon (= *Rallus porzana* Linné), por monotipia.

Porzana albicollis albicollis (Vieillot)

Sanã.

Rallus albicollis Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVIII, p. 561 (com base em Azara, n.º 374): Paraguay (Vila Curuguati).

Norte da Bolívia, Paraguay, norte da Argentina, Brasil oriental, desde as margens ambas do baixo Amazonas até o Rio Grande do Sul, inclusive Minas Gerais e sul de Goiás.

Porzana olbicollis typhoeca Peter

Porzana albicollis typhoeca Peters, 1932, Proc. New Engl. Zoö Cl., XIII, p. 66: rio Frio (Santa Marta, Colômbia).

América oeste-setentrional cisandina, desde a Colômbia até as Guianas e a região fronteiriça do Brasil com a Venezuela.

A inclusão da subespécie na avifauna brasileira deve-se a Phelps & Phelps (Proc. Biol. Soc. Wash., LXXV, p. 201).

Porzana flaviventer flaviventer (Boddaert)

Rallus flaviventer Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 52 (com base em Daubenton, pl. enlum. 847): Caiena.

Norte da América Meridional cisandina (da Colômbia às Guianas), Paraguay, nordeste da Argentina (inclusive prov. Buenos Aires), Brasil amazônico (alto rio Negro, rio Guamá) e este-meridional (Rio de Janeiro, São Paulo, sul de Minas Gerais).

Gênero **LATERALLUS** Gray

Laterallus G. R. Gray, 1855, Catal. Gen. Subgen. Bds., p. 120. Tipo, *Rallus melanophaius* Vieillot (design. original).

Laterallus exilis exilis (Temminck)

Frango d'água, Sanã.

Rallus exilis Temminck, 1831, Planches Coloiées, livrais. 88, p. 523: sem indicação de localidade (Caiena foi designada localidade típica por Hellmayr, Novit. Zool., XIV, 1907, p. 90).

Venezuela, Trinidad, Guianas, leste do Peru e Brasil amazônico.

Laterallus melanophaius melanophaius (Vieillot)

Açanã.

Rallus melanophaius Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVIII, p. 549 (com base em Azara, n.° 376): Paraguay.

Norte da Argentina, Uruguay, Paraguay e sudeste do Brasil (do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul).

Laterallus melanophaius lateralis (Lichtenstein)

Crex lateralis Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Belr. Mus., p. 79: Bahia.

Norte da América Meridional cisandina, nas Guianas e no nordeste do Brasil (Bahia).

Laterallus melanophaius oenops (Sclater & Salvin)

Porzana oenops Sclater & Salvin, 1880, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 161: Sarayacu (leste do Equador).

Porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina, nas porções amazônicas da Colômbia, Equador e do Peru, com extensão ao noroeste do Brasil, ao norte e ao sul do rio Solimões e contiguo trecho do baixo Amazonas (Itacoatiara).

Laterallus fasciatus (Sclater & Salvin)

Porzana fasciata Sclater & Salvin, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 981: Pebas, Chamicuros, rio Ucayali (no leste do Peru).

Porções amazônicas, da Colômbia, do Equador e do Peru, Brasil oeste-setentrional extremo, ao norte e ao sul do rio Solimões Codajás, Tefé, rio Juruá, rio Purus).

Laterallus viridis viridis (Müller)

Sanã, Pinto d'água.

Rallus viridis P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 120 (com base em Daubenton, Pl. enlum. 368): Caiena.

América Meridional cisandina, dos seus limites setentrionais (do leste da Colômbia às Guianas) às porções amazônicas do Equador e do Peru, inclusive o Brasil setentrional (Amazônia) os estados marítimos do Maranhão ao Rio de Janeiro, e o oeste de Mato Grosso (do rio Guaporé ao baixo Paraguai).

Laterallus leucopyrrhus (Vieillot)

Rallus leucopyrrhus Vieillot, 1819, Nouv. Dict. His. Na., XXVIII, p. 550 (com base em Azara, n.º 375): Paraguay.

Países do Prata (norte da Argentina, Uruguay, Paraguay) e sudeste do Brasil, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul (inclusive, provavelmente, o sudeste de Minas).

Gênero **MICROPYGIA**. Bonaparte

Micropygia Bonaparte, 1856, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XLIII, p. 599. Tipo, *Crex schomburgkii* (por virtual monotipia).

Micropygia schomburgkii chapmani (Naumburg)

[*Crex schomburgkii* Schomburgk, 1848, Reise Brit. Guiana II p. 245: rio Kukenaam (Venezuela).]

Thyrorhina schomburgkii chapmani Naumburg, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 72: Morrinho Lira (norte de Mato Grosso).

Brasil central e este-meridional, nos estados de Mato Grosso (cabeceiras do Gi-Paraná), Goiás (rio Paraíba), Bahia e São Paulo (Itatiba, Caieiras).

Gênero **COTURNICOPS** Gray

Coturnicops G. R. Gray, 1855, Catal. Gen. Subgen. Bds., p. 120. Tipo, *Fulica noveboracensis* Gmelin (design. original).

Coturnicops notata notata (Gmelin)

Zapornia notata Gould, 1841, Zool. Voy. Beagle, Birds, pte. 15, p. 132, pl. 48: rio da Prata.

América do Sul cisandina, no norte extremo (provavelmente como emigrantes do sul), da Colômbia às Guianas, e na região platina (do Paraguay ao norte da Argentina e o Uruguay), com ocorrências ocasionais no sul do Brasil (São Paulo, Rio Grande do Sul).

Sôbre esta espécie, rara nos museus, leia-se R. M. Schauensee, Notulae Naturae, n.º 357 (1962).

Gênero **NEOCREX** Sclater & Salvin

Neocrex Sclater & Salvin. 1868, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 457. Tipo, *Porzana erythrops* Sclater (monotípia).

Neocrex erythrops olivacens Schubb

[*Porzana erythrops* Sclater, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 343, pl. 21: Lima (Peru)].

Neocrex erythrops olivacens Schubb, 1917, Bull. Brit. Orn. Cl., XXXVIII, p. 33: Venezuela (= proxim. de Caracas, *fide* Hellmayr e Conover).

América Meridional cisandina, do norte extremo (Venezuela, Guiana) ao Paraguay e norte da Argentina (Jujuy, Tucumán), com

ocorrências esparsas, tanto no Brasil amazônico (rio Jamundá, Serra do Cachimbo, rio Guaporé, rio Capim) como na faixa oriental atlântica (sul da Bahia, Espírito Santo).

Gênero **PORPHYRIOPS** Pucheran

Porhyriops Pucheran, 1845, Rev. Zool., VIII, p. 278. Tipo, *Fulica crassirostris* Gray (design. original).

Porphyriops melanops melanops (Vieillot)

Rallus melanops Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVIII, p. 553 (com base em Azara, n.º 373): Paraguay.

Norte da Argentina, Paraguay, leste da Bolívia, Uruguay, Brasil meridional e oriental: Ceará (Baturité, Itapipoca), Pernambuco, Bahia (Juazeiro), São Paulo (São Sebastião), Rio Grande do Sul (São Lourenço, Piratini, Itaqui).

Gênero **GALLINULA** Brisson

Gallinula Brisson, 1760, Orn., I, p. 60, VI, p. 2. Tipo, *"Gallinula"* (= *Fulica chloropus* Linné).

Gallinula chloropus galeata (Lichtenstein)

Frango d'água.

[*Fulica chloropus* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 152: Europa (= Inglaterra).]

Crex galeata Lichtenstein, 1818, Verz. Säuget. Vögel, Berl. Mus., p. 36 (com base em Azara, n.º 379): Paraguay.

América Meridional cisandina, do extremo norte (Venezuela, Guianas) ao Uruguay e norte da Argentina (Tucuman, Mendoza, Buenos Aires, Jujuy), através do leste da Bolívia, do Paraguay e do Brasil, nos estados marítimos (do Pará ao Rio Grande do Sul) e no sul de Mato Grosso (rio Paraguai).

Gênero **PORPHYRULA** Brisson

Porphyrula Blyth, 1852, Catal. Bds. Mus. Asiat. Soc., p. 283. Tipo, *Porphyrula chloronotos* Blyth (= *Porphyrio alleni* Thomson), por monotipia.

Porphyrula martinica (Linné)

Frango d'água azul.

Fulica martinica Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 259: Martinica (Antilhas).

América tropical e subtropical (Antilhas, ilhas Bahama inclusive), do sul dos Estados Unidos, do México e da América Central,

em quase toda América do Sul cisandina (também, acidentalmente, no Chile), desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) até o Paraguay (rara no Uruguay) e o norte da Argentina, inclusive a porção amazônica do Equador e do Peru, o leste da Bolívia e o Brasil, em todos os estados.

Porphyrula flavirostris (Gmelin)

Fulica flavirostris Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 699 (com base em Daubenton, Pl. enlum. 897): Caiena.

América do Sul cisandina, dos seus limites setentrionais (menos comum na Colômbia e na Venezuela do que nas Guianas) ao leste da Bolívia, ao Paraguay e o norte extremo da Argentina, através do Brasil oeste-setentrional (Amazônia) e central (inclusive Minas Gerais).

Gênero **FULICA** Linné

Fulica Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 152. Tipo, *Fulica* (= *Fulica atra* Linné), por tautonimia.

Fulica armillata Vieillot

Galinha d'água, Carqueja.

Fulica armillata Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., XII, p. 47 (com base em Azara, 448): Paraguay.

América do Sul temperada, a oeste (Chile) e a leste dos Andes, desde o Paraguay e o Uruguay até o sul extremo da Argentina (inclusive a Terra do Fogo e as ilhas Falklands), incluso o sul do Brasil (do Rio de Janeiro e São Paulo ao Rio Grande do Sul).

Fulica rufifrons Philippi & Landbeck

Fulica rufifrons Philippi & Landbeck, 1816, Anal. Univers. Chile, XIX, p. 507: Chile.

América do Sul meridional, a oeste (Chile) e a leste dos Andes, do extremo sul do continente (também nas ilhas Falklands) ao Uruguay e à Argentina, com ocorrências eventuais no sul do Brasil (São Paulo e Rio Grande do Sul).

Fulica leucoptera Vieillot

Fulica leucoptera Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Natur., XII, p. 48 (e com base em Azara, n.º 447): Paraguay e Buenos Aires.

América Meridional, a oeste (sudoeste do Peru, Chile) e a leste do Andes, desde o Paraguay e o Uruguay até o extremo sul da

República Argentina, incluso o Brasil meridional extremo (Rio Grande do Sul).

Família HELIORINITHIDAE

Gênero **HELIORNIS** Bonnaterre

Heliornis Bonnaterre, 1791, Tabl. Encycl. Méth., Orn., I, livrais. 47, pp. LXXXIV e 64. Tipo, *Heliornis fulicarius* Bonnaterre (= *Colymbus fulica* Boddaert), por monotipia.

Heliornis fulica (Boddaert)

Pecapara, Picaparra, Ipequi, Patinho d'água.

Columbus fulica Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 54 (com base em Daubenton, pl. enlum. 893): Caiena.

América tropical, do sul do México, e da América Central, à América do Sul cisandina, desde os seus limites setentrionais ao Paraguay e nordeste extremo da Argentina (Misiones), inclusas as porções amazônicas do Equador e do Peru, o nordeste da Bolívia (baixo rio Beni) e o Brasil, assim na Amazônia, como no meio-leste (da Bahia a São Paulo) e no sul de Mato Grosso (bacia do rio Paraguai).

Família EURYPYGIDAE

Gênero **EURYPYGA** Illiger

Eurypyga Illiger, 1811, Prodr. Syst. Mam. Av., p. 257, Tipo, *Ardea helias* Gmelin (monotipia).

Eurypyga helias helias (Pallas)

Pavãozinho do Pará.

Ardea helias Pallas, 1781, Neue Nord. Beytr., II, p. 48, pl. 3: Brasil (o baixo Amazonas suger. como pátria típica por Pinto, 1964).

Regiões tropicais da América Meridional cisandina, do norte extremo (Venezuela, Guianas) às porções amazônicas do Equador, do Peru, ao norte da Bolívia e ao Brasil setentrional (do Amazonas ao Piauí) e centro-ocidental (norte de Mato Grosso, Goiás).

Família CARIAMIDAE

Gênero **CARIAMA** Brisson

Cariama Brisson, 1760, Ornithol., I, p. 48 e V, p. 516. Tipo, *Cariama* Brisson (= *Palamedea cristata* Linné).

Cariama cristata (Linné)

Seriema.

Palamedea cristata Linné, 1766, Syst. Nat., I, 232 (com base em "Cariama", de Marcgrave): nordeste do Brasil.

Regiões descobertas e campestres da América do Sul cisandina, do leste da Bolívia ao norte da Argentina, incluido o Paraguay, o Uruguay e todo Brasil central (Mato Grosso, Goiás) e oriental (do Piauí a Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, *fide* Belton).

Ordem CHARADRIIFORMES

Família JACANIDAE

Gênero **JACANA** Brisson

Jacana Brisson, 1760, Ornithol., V, p. 121. Tipo, *Parra jacana* Linné (por tautonímia).

Jacana spinosa jacana (Linné)

Piaçoca, Jaçanã, Cafézinho.

[*Fulica spinosa* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 152 (com base em "Spur-vinged Water-Hen", de Edwards); Cartagena (Colômbia), localidade reputada errônea, em substituição à qual foi proposta Panamá (Todd, 1916)].

Parra Jacana Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 259 (com base em "Jacana quarta species", de Marcgrave).

Lagoas e banhados da América Meridional cisandina, dos seus limites setentrionais (Guianas) ao Uruguay e norte da República

Argentina (inclusive prov. Buenos Aires), através do leste da Bolívia, do Paraguay e do Brasil (em todos os estados marítimos e centrais).

Família ROSTRATULIDAE

Gênero **NYCTICRYPHES** Wetmore & Peters

Nycticryphes Wetmore & Peters, 1916, Proc. Biol. Soc. Wash. XXXVI, p. 13. Tipo, *Totanus semicollaris* Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., VI, p. 402 (com base em Azara, n.: 405): Paraguay.

Nycticryphes semi-collaris (Vieillot)

Totanus semi-collaris Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., VI, p. 402 (baseado em Azara, n.º 405): Paraguay.

Porção meridional da América do Sul, a oeste (Chile) e a leste dos Andes (do Paraguay, do Uruguay e da República Argentina até o norte da Patagônia), com ocorrências no sudeste do Brasil, como residente (Rio Grande do Sul), ou, ao que parece, como simples visitante (Lagoa Feia).

Família HAEMATOPODIDAE

Gênero **HAEMATOPUS** Linné

Haematopus Linné, 1758, Syst. Nat., 10.ª ed., p. 152. Tipo *Haematopus ostralegus* Linné (monotipia).

Haematopus ostralegus palliatus Temminck

[*Haematopus ostralegus* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 152: Europa (considerada pátria típica) e América Setentrional.]

Haematopus palliatus Temminck, 1820, Man. d'Ornithol., p. 532: Brasil (pátria típica Rio de Janeiro, sugerida por Berlepsch, 1908).

Dos Estados Unidos (vertente atlântica) e do México, através da América Central (também na vertente pacífica) às costas atlânticas (e ilhas adjacentes) da América Meridional, desde o norte extremo até a Patagônia, inclusive as do Brasil (do Pará ao Rio Grande do Sul).

Família CHARADRIIDAE

Gênero **VANELLUS** Brisson

Vanellus Brisson, 1760, Ornithol., I, p. 48 e V, p. 94. Tipo *Tringa vanellus* Linné.

Belonopterus Reichenbach, 1853, Av. Syst. Nat., XVIII. Tipo, *Tringa cajannensis* Latham (= *Parra cayennensis* Gmelin), por designação original.

Vanellus chilensis cayennensis (Gmelin)

Téu-téu.

[*Parra chilensis* Molina, 1782, Sagg. Stor. Nat. Chili, p. 258: Chile.]

Parra cayennensis Gmelin, 1789, Syst. Nat., 1, (2), p. 706 (com base em Buffon e Daubenton, pl. enlum 836): Caiena.

Sul da América Central (Panamá) e norte da América Meridional cisandina, dos seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) à margem esquerda do baixo Amazonas, inclusive as ilhas do estuário.

A mudança do nome genérico no presente caso, como nos outros *Charadriidae* de que aqui se faz menção, baseiam-se principalmente nos estudos de W. J. Bock, 1958 (Bull. Compar. Zool., vol. 118, pp. 27-97).

Rejeitado que fora devido às imperfeições da descrição original, a tendência atual é reconhecer para a presente espécie o nome dado por Molina, que tem prioridade sobre o de Gmelin. Cf. A. Wetmore, Smiths. Miscel. Coll., vol. 150, p. 384 (1965).

Belonopterus chilensis lampronotus (Wagler)

Quero-quero, Téu-téu, Espanta-boiada.

Charadrius lampronotus Wagler, 1827, Syst. Av., 1, fol. 5, gen. *Charadrius*, sp. 48, em parte: Paraguay e Brasil (este último tomado como pátria típica).

América Meridional da República Argentina e do Uruguay para o norte, até o Paraguay, o leste da Bolívia e o Brasil, quer no planalto central (Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais) quer em todos os estados marítimos desde o Rio Grande do Sul até a margem direita do baixo Amazonas.

Gênero **HOPLOXYPTERUS** Bonaparte

Hoploxypterus Bonaparte, 1856, Comptes Rendus de l'Acad. Sci. Paris, XLIII, p. 418. Tipo, *Charadrius cayanus* Latham (monotipia).

Hoploxypterus cayanus (Latham)

Mexeriqueira, Maçarico de esporão.

Charadrius cayanus Latham, 1790, Ind. Ornithol., II, p. 749 (com base em Daubenton, pl. enlum. 833): Caiena.

América do Sul, a leste dos Andes, desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) até o Paraguay e o nordeste extremo da Argentina, inclusive o leste do Equador e do Peru, o leste da Bolívia e todo o Brasil, com exceção, ao que parece, do sul extremo (Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Gênero **PLUVIALIS** Brisson

Pluvialis Brisson, 1760, Ornithol., I, p. 46 e V, p. 42. Tipo, "Le Pluvier doré" (= *Pluvialis apricarius* Linné), por tautonímia.

Squatarola Cuvier, 1817, Règne Animal, I, p. 467. Tipo *Tringa squatarola* Linné, 1758, Syst. Nat., 1758, p. 149 (tautonímia).

Pluvialis squatarola (Linné)

Tringa Squatarola Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 149: Suécia.

Terras árticas dos dois hemisférios, de onde emigra para o sul durante o inverno, ocorrendo, como visitante, nas costas pacífica e atlântica da América do Sul, quando alcança o Chile, o norte da Argentina (até prov. Buenos Aires), o Uruguay e numerosos pontos do litoral do Brasil (do Pará ao Rio Grande do Sul).

Pluvialis dominica dominica (Müller)

Maçarico, Batuira do campo.

Charadrius dominicus P.L.S. Müller, 1766, Natursyst., Supplem., p. 116 (com base em "Le Pluvier doré, de Saint-Domingue" de Brisson): ilha de São Domingos (= Haiti).

Procria nas costas setentrionais da América do Norte durante a boa estação e emigra para o sul à chegada do inverno, quando aparece nas costas e águas interiores da América do Sul cisandina (também, eventualmente, no Chile), alcançando o norte da República Argentina (até a prov. de Buenos Aires) e países interme-

diários (Bolívia, Paraguay, Uruguay), inclusive o Brasil, nos estados este-meridionais (não registrada nos estados marítimos ao norte do Rio de Janeiro) e centrais.

Gênero **CHARADRIUS** Linné

Charadrius Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 150. Tipo, "Charadrius s. Hiaticula", de Aldrovandus (= *Charadrius hiaticula* Linné), por tautonímia.

Charadrius semipalmatus Bonaparte

Maçarico, Agachadeira, Batuira.

Charadrius semipalmatus Bonaparte, 1825, Journ. Acad. Sci. Nat. Phila., V, (1), p. 98 (com base em *Charadrius hiaticula* Ord, não de Linné): New Jersey (costa atlântica dos Estados Unidos).

Reside e nidifica nas costas e ilhas setentrionais da América do Norte, emigrando para o sul durante o inverno, quando ocorre na América Central e nas Antilhas, e visita com maior ou menor regularidade as costas pacífica e atlântica da América Meridional, desde os seus limites setentrionais até o norte da República Argentina (até a província de Buenos Aires), inclusive todo o litoral atlântico do Brasil (do estuário amazônico ao Rio Grande do Sul).

Charadrius falklandicus Latham

Charadrius falklandicus Latham, 1790, Ind. Orn., II, p. 747 (com base em "Rusty-crowned Plover" de Portlock, Voy. World): Port Egmont (ilhas Falkland).

Reproduz-se durante a boa estação na porção meridional da América do Sul, a oeste (Chile) e a leste dos Andes, desde o Uruguay e o norte da Argentina até a ponta meridional do continente, com ocorrências ocasionais no sul extremo do Brasil (São José do Norte).

Charadrius collaris Vieillot

Maçarico de coleira, Agachadeira.

Charadrius collaris Vieillot, 1818, Nouv. Dict., Hist. Nat., XXVII, p. 136 (com base em Azara, n.º 392): Paraguay.

Costas marítimas e águas interiores da América, desde o sul do México e da América Central até o norte da Argentina, ao longo dos países intermédios (também na vertente pacífica do Equador

ao norte do Chile), inclusive o Brasil, em todos os estados marítimos e centrais.

Alfred Laubmann (Verh. Ornithol. Gesells. Bayern, XX, 1935, p. 593), sustentando um ponto de vista externado por E. Naumburg, admite a separabilidade das populações meridionais desta espécie como raça à parte, *Ch. collaris gracilis* Cabanis, 1872, cujo tipo é de Tehuantepec.

Charadrius wilsonia wilsonia Ord

Charadrius wilsonia Ord, 1814, em Wilson, Amer. Orn., IX, p. 77, pl. 73, fig. 5: Cape Island (New Jersey, Estados Unidos).

Reproduz-se no litoral atlântico do sul dos Estados Unidos, no arquipélago das Bahamas e em muitas Antilhas, emigrando para o sul durante o inverno, quando visita as costas pacífica (da Colômbia ao norte do Peru) e atlântica do norte da América do Sul, inclusive as do nordeste do Brasil (com registros no Pará, Bahia e diversos estados intermediários).

Gênero **OREOPHOLUS** Jardine & Selby

Oreopholus Jardine & Selby, 1835, Illustr. Orn., III, pl. 1951. Tipo *Oreopholus totanirostris* Jardine & Selby (= *Charadrius ruficollis* Wagler), por monotipia.

Oreopholus ruficollis (Wagler)

Charadrius ruficollis Wagler, 1929, Isis, col. 653: Canelones (Uruguay).

Procria nos planaltos andinos (do Chile e da Bolívia até o Estreito de Magalhães, emigrando no inverno para o norte (Peru, Argentina, Uruguay), com ocorrências no extremo sul do Brasil (Rio Grande do Sul).

Gênero **ZONIBYX** Reichenbach

Zonibyx Reichenbach, 1853, Av. Sysyt. Nat., p. XVIII. Tipo, *Vanellus cinctus* Lesson (= *Charadrius modestus* Lichtenstein).

Zonibyx modestus (Lichtenstein)

Charadrius modestus Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Mus. Berol., p. 71: Montevideo.

Procria no sul extremo da América Meridional (inclusive ilhas Falklands), emigrando para o norte durante o inverno, quando

visita as costas do Pacífico (Chile) e Atlântico meridionais, alcançando aqui o norte da Argentina, o Uruguay e o sul do Brasil (do Rio Grande do Sul a São Paulo).

Gênero **ARENARIA** Brisson

Arenaria Brisson, 1760, Orn., I, p. 48 e V, p. 132. Tipo, *Arenaria*, de Brisson (= *Tringa interpres* Linné).

Arenaria interpres morinella (Linné)
Maçarico.

[*Tringa Interpres* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 148: Europa e América do Norte (Gotland, Suécia, local. tipo. restr.)].

Tringa Morinella Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 249 (com base no "Turnstone or Sea Dotterel" de Catesby): costas da Georgia (leste dos Estados Unidos).

Procria nas costas árticas e adjacentes ilhas da América do Norte, deslocando-se para o sul durante o inverno, quando alcança as vertentes pacíficas (Chile) e atlântica da América Meridional até o extremo sul do continente (também nas ilhas Falklands), com ocorrências mais ou menos freqüentes em numerosos pontos do litoral marítimo do Brasil (do estuário amazônico ao Rio Grande do Sul).

É incerta ainda hoje a posição sistemática do gênero *Arenaria*, que muitos autores preferem separar em família particular.

Família SCOLOPACIDAE

Gênero **TRINGA** Linné

Tringa Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 148. Tipo "*Tringa*, de Aldrovandus (= *Tringa ocrophus* Linné), por tautonímia.

Tringa solitaria solitaria Wilson
Maçarico pequeno.

Tringa solitaria Wilson, 1813, Amer. Orn., VII, p. 52, fig. 3: Peensylvania (litoral atlântico dos Estados Unidos).

Procria no norte da América Setentrional (Canadá, Labrador), emigrando para o sul durante o inverno, espalhando-se pelo leste



dos Estados Unidos (principalmente a leste das Montanhas Rochosas), América Central e leste da América do Sul (ocidental no Chile), desde os seus limites setentrionais (Venezuela, Guianas) até o Paraguay, o Uruguay e o norte da Argentina (até a província de Buenos Aires), inclusive a porção amazôniza do Equador e do Peru, o leste da Bolívia e o Brasil, tanto na bacia amazônica como na costa marítima e nas águas doces do interior.

Tringa solitaria cinnamomea (Brenvster)

Totanus solitarius cinnamomeus Brewster, 1890, Auk, VII, p. 377: San José del Cabo (California).

Residente no norte extremo (Alaska) e no oeste da América Setentrional, de onde emigra regularmente para o sul durante o inverno através do oeste dos Estados Unidos e da América Central, alcançando o sul da República Argentina (Rio Negro), com visitas aos países intermediários (onde convive freqüentemente com a forma típica), inclusive o sul do Brasil (Itapura).

As duas raças admitidas em *Tringa solitaria,* apesar dos estudos de Conover (Auk, LXI, pp. 537, out. de 1944) e seus continuadores é assunto sujeito a discussão.

Tringa flavipes (Gmelin)

Maçarico.

Scolopax flavipes Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 727 (com base em "Yellowshanks", de Pennant): New York.

Reproduz-se no extremo norte da América (Alaska, Canadá), emigrando para o sul durante o inverno, quando se espalha, aquém e além dos Andes, por todo o Continente, e bem assim nas Antilhas, alcançando eventualmente a Terra do Fogo e ocorrendo com regularidade nas águas interiores e no litoral marítimo (inclusive as ilhas costeiras) de todo o Brasil.

Tringa melanoleuca (Gmelin)

Maçarico grande.

Scolopax melanoleuca Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 659 (com base no "Stone Snipe", de Pennant, Arct. Zool.): Chateau (La brador).

Procria no norte da América Setentrional (Alaska, Canadá, Terra Nova), deslocando-se para o sul durante o inverno, quando se

espalha pelo continente e ilhas do Atlântico (inclusive as Antilhas), ocorrendo aquém e além dos Andes (Chile) em toda a América do Sul (inclusive a Terra do Fogo), com visitas regulares ao longo do litoral marítimo do Brasil e aos cursos de água do interior.

Gênero **ACTITIS** Illiger

Actitis Illiger, 1811, Prodr. Syst. Mamm. Av., p. 262. Tipo, *Tringa hypoleucus* Linné (design. por Stejneger, 1855).

Actitis macularia macularia (Linné)

Maçariquinho.

Tringa macularia Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 249 (com base no "Spotted Sandpiper" de Edwards): proxim. de Philadelphia (leste dos Estados Unidos).

Procria no norte da América Setentrional desde o Território de Alaska e o norte do Canadá até a Califórnia e o Texas, deslocando-se para o sul durante o inverno, quando visita as costas e as ilhas do norte da América do Sul, ocorrendo também nas vertentes pacífica (Chile) e atlântica sul-americana, desde os seus limites setentrionais até o norte da Argentina, bem como nas águas interiores de todo o Brasil (inclusive a Amazônia).

Gênero **CATOPTROPHORUS** Bonaparte

Catoptrophorus Bonaparte, 1828, Ann. Lyc. Nat. Hist. New York, II, p. 323. Tipo, *Scolopax semipalmatus* Temminck (monotípia).

Catoptrophorus semipalmatus semipalmatus (Gmelin)

Scolopax semipalmata Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 659 (com base no "Semipalmated Snipe" de Pennant): New York (Estados Unidos).

Procria nas costas orientais e próximas ilhas (inclusive as Bahamas) da América do Norte, de onde se desloca durante o inverno em direção ao sul, alcançando na costa pacífica o norte do Peru e, na atlântica, o litoral do norte da América do Sul, inclusive as do Brasil setentrional, até, ocasionalmente, o Rio Grande do Sul (*teste* Belton).

Gênero **CALIDRIS** Merrem

Calidris Merrem, 1804, Allg. Lit. Zeitung., II, n.º 168, col. 542. Tipo *Tringa calidris* Gmelin (= *Tringa canutus* Linné), por tautonimia.

Erolia Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Orn. Élément., p. 55. Tipo *Erolia variegata* Vieillot (= *Scolopax testacea* Pallas) por monotipia.

Ereunetes Illiger, 1811, Prodr. Syst. Mamm. Av., p. 262. Tipo *Eurenetes petrificatus* Illiger (= *Tringa pusilla* Linné), por monotipia.

Crocethia Billberg, 1828, Syn. Faunae Scandin., I, (2), p. 132, tab. A (nome novo para *Calidris* Illiger, 1811, não Merrem, 1804). Tipo, *Charadrius calidris* Linné (= *Tringa alba* Pallas), por monotipia.

Calidris canutus rufa (Wilson)

[*Tringa Canutus* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 149: Europa (localidade restr. Suécia)].

Tringa rufa Wilson, 1813, Amer. Ornithol., II, p. 43, pl. 57, fig. 5: New Jersey (leste dos Estados Unidos).

Reproduz-se nas costas e ilhas da América boreal (inclusive a Groenlândia), deslocando-se para o sul durante o inverno, quando visita as costas atlânticas (acidental na pacífica) da América Meridional, inclusive o Uruguay e a República Argentina (até a ilha do Fogo), com ocorrências ocasionais nas costas do Brasil oriental (do Piauí, pelo menos, ao Rio Grande do Sul).

Calidris minutilla (Vieillot)

Tringa minutilla Vieillot, 1819, Nouv Dict. Hist. Nat., XXXIV, p. 466: "en Amérique jusqu'au delà du Canada, ... souvent vu à Halifax ..." (esta última, na Nova Escocia, escolhida como localidade típica).

Procria nas terras árticas (do Alaska à Terra Nova) da América, emigrando no inverno em direção ao sul, quando visita as costas pacífica e atlântica (também os rios do interior) da América Meridional, alcançando a oeste o norte do Chile, e, a leste, o litoral nordestino do Brasil (inclusive o estuário amazônico), até a baía de Todos os Santos.

A inclusão da presente subespécie no gênero *Calidris*, bem como a das que aqui a ela se seguem, obedece às decisões tomadas ultimamente pela

Comissão sobre Classificação e Nomenclatura. (Cf. Auk, vol. 90, p. 415 (abril de 1973).

Calidris fuscicollis (Vieillot)

Tringa fuscicollis Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXXIV, p. 461 (com base em Azara, n.º 404): Paraguay.

Procria nas terras árticas da América, deslocando-se à chegada do inverno rumo ao sul, quando visita as costas e as águas interiores de todos os países da América do Sul (inclusive a Terra do Fogo e as ilhas Falkland), com ocorrências mais ou menos freqüentes nas costas e rios do Brasil (bastante encontradiça em Mato Grosso e Goiás inclusive o Rio Grande do Sul (*fide* Belton).

Calidris melanotos (Vieillot)

Tringa melanotos Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXXIV, p. 462 (com base em Azara, n.º 401): Paraguay.

Nidifica nas terras árticas da América (também nas vizinhas costas da Sibéria), deslocando-se para o sul durante o inverno, quando visita as costas e rios da América do Sul, tanto a oeste, como a leste dos Andes, alcançando o Uruguay, a República Argentina (até o norte da Patagônia), com ocorrências, virtualmente, em todo o Brasil.

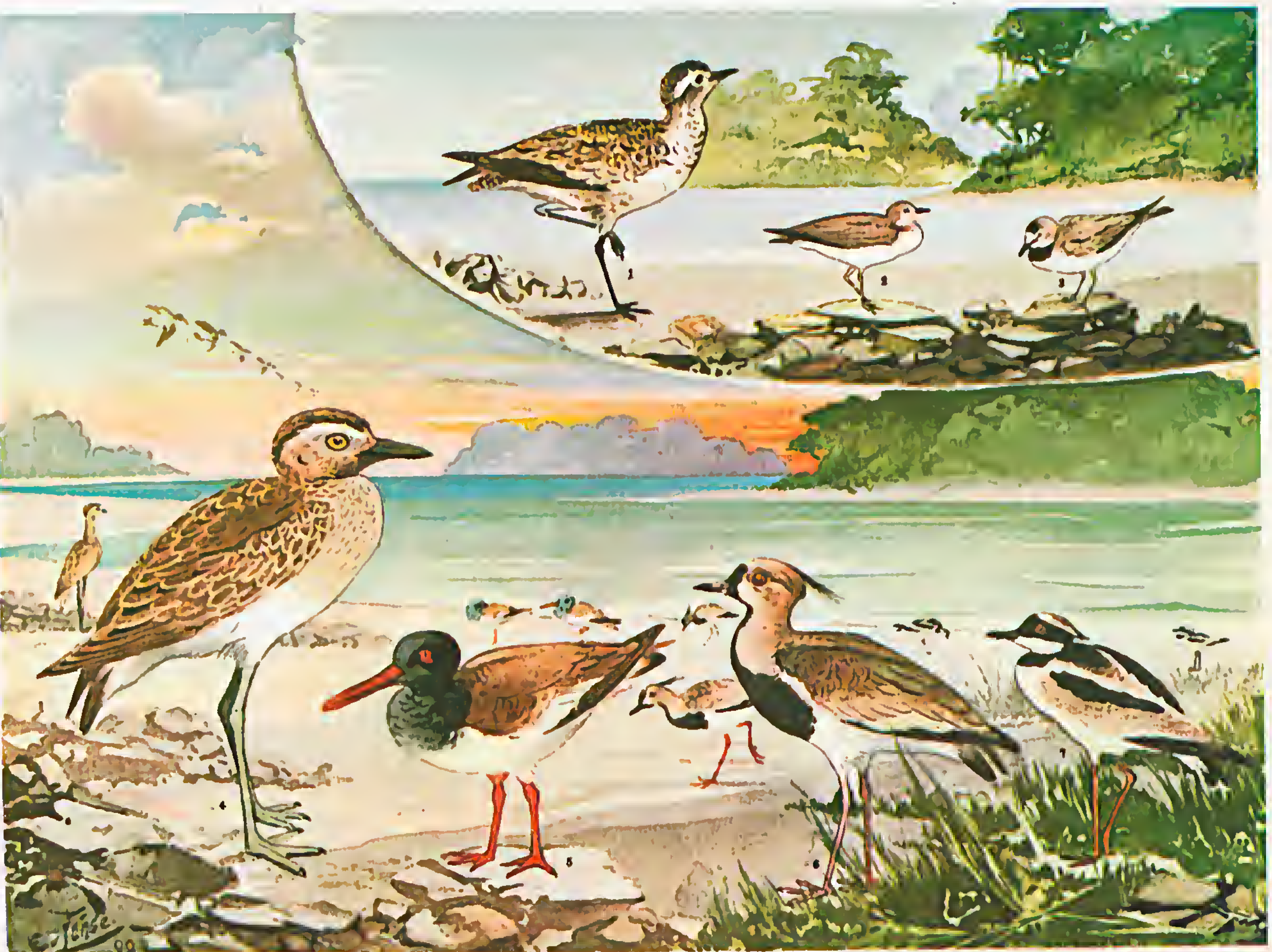
Conforme Wetmore (Bull. 133 Un. St. Nat. Mus., 1926, p. 153), foi o primeiro a advertir, *Tringa melanotos* Vieillot tem precedência com relação a *Tringa maculata* Vieillot, nome durante muito tempo usado para a espécie.

Calidris pusilla (Linné)

Maçarico pequeno.

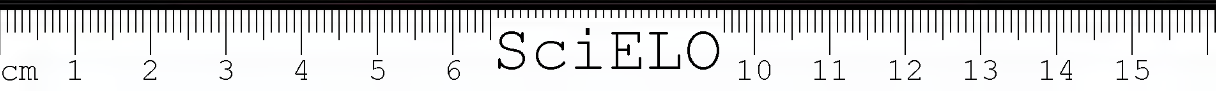
Tringa pusilla Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 252 (com base em "Cinclus dominicensis minor", de Brisson): ilha de São Domingos (Haiti).

Como emigrante das terras árticas da América (também na porção adjacente da Sibéria), freqüenta regularmente as costas e ilhas costeiras da América do Sul, tanto a oeste (desde a Colômbia até o norte do Chile) como, principalmente, a leste dos Andes, desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) até o Paraguay e a República Argentina (até o norte da Patagônia), com ocorrências ao longo do litoral do Brasil setentrional e oriental (inclusive o Rio de Janeiro).



ESTAMPA 9 (3)

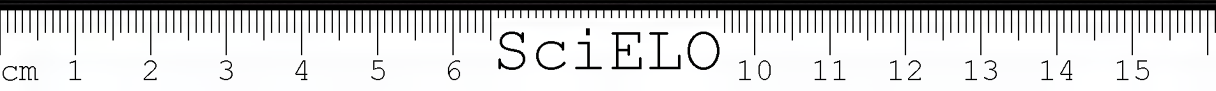
1 — *Pluvialis dominica dominica* (Müller) 97
2 — *Charadrius collaris* Vieillot 98
3 — Idem, fêmea.
4 — *Burhinus bistriatus vocifer* (L'Herminier) ... 110
5 — *Haematopus ostralegus palliatus* Temminck .. 95
6 — *Belonopterus chilensis lampronotus* (Wagler) 96
7 — *Hoploxypterus cayanus* (Latham) 97


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15



ESTAMPA 10 (37)

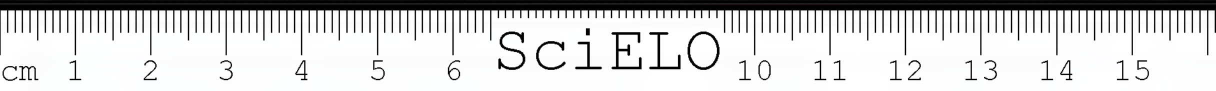
1 — *Columba speciosa* Gmelin 120
2 — *Columba plumbea wallacei* Chubb 123
3 — *Columba cayennensis sylvestris* Vieillot 121
4 — *Columba picazuro picazuro* Temminck 120
5 — *Geotrygon montana montana* (Linné) 129
6 — *Leptotila rufaxilla rufaxilla* (Richard & Bernard) 128
7 — *Zenaida auriculata jessieae* Ridgway 124
8 — *Claravis pretiosa* (Ferrari-Perez) 126
9 — *Columbina passerina griseola* Spix 124


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15



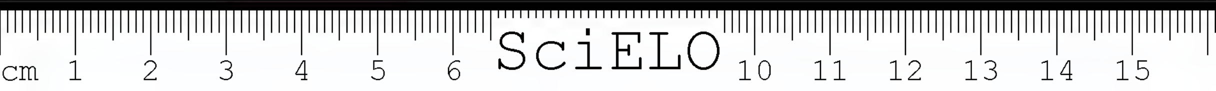
ESTAMPA 11 (*14*)

1 — *Anodorhynchus hyacinthinus* (Latham) 130
2 — *Ara macao* Linné 131
3 — *Ara chloroptera* Gray 131
4 — *Ara ararauna* (Linné) 132
5 — *Ara severa severa* (Linné) ... 132


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15



ESTAMPA 12 (*15*)


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15

Calidris alba (Pallas)

Tringa alba Pallas, 1764, em Vroeg, Catal. Rais. d'Ois., Adumbrat., p. 7: costa do Mar do Norte (Europa).

Reproduz-se nas costas e ilhas dos dois hemisférios (de Spitzberg à Groenlândia), deslocando-se rumo ao sul durante o inverno, quando visita as costas do Pacífico e do Atlântico sulamericano, alcançando o extremo sul do continente e ocorrendo, com regularidade variável, em todo o litoral (ocasionalmente em rios do interior) do Brasil.

Gênero **MICROPALAMA** Baird

Micropalama Baird, 1858, Report Exp. Surv. Rail Road Pacific, IX, pp. 714 e 726. Tipo, *Tringa himantopus* Bonaparte (monotipia).

Micropalama himantopus (Bonaparte)

Tringa himantopus Bonaparte, 1826, Ann. Lyc. Nat. Hist. N. York, II, (1), p. 157: Long Branch (New Jersey, Estados Unidos).

Como emigrante das terras árticas do Novo Continente, visita regularmente as costas (também em águas doces do interior) pacífica (da Colômbia ao norte do Chile) e atlântica da América do Sul, desde os seus limites setentrionais até o Uruguay e o norte da Argentina (incl. prov. de Buenos Aires), com ocorrências freqüentes nos países intermediários, inclusive o Brasil amazônico (rio Madeira, rio Guaporé) e meridional extremo (Rio Grande do Sul, *teste* Belton).

Gênero **TRYNGITES** Cabanis

Tryngites Cabanis, 1857, Journ. f. Ornith., IV, p. 418. Tipo, *Tringa rufescens* Vieillot (= *Tringa subruficollis* Vieillot), por design. original.

Tryngites rubruficollis (Vieillot)

Tringa subruficollis Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXXIV, p. 465 (com base em Azara, n.º 403): Paraguay.

Como emigrante das terras árticas do Novo Continente visita regularmente as costas e rios da América do Sul (inclusive a vertente pacífica do Equador e do Peru), alcançando o Uruguay e norte

da Argentina, com ocorrências habituais na Amazônia (rio Negro, rio Purus, rio Madeira), e, mais raras, nas costas atlânticas do Brasil meridional (São Paulo, Rio Grande do Sul).

Gênero **BARTRAMIA** Lesson

Bartramia Lesson, 1831, Traité d'Ornithol., p. 553. Tipo, *Bartramia laticauda* Lesson (= *Tringa longicauda* Bechstein).

Bartramia longicauda (Bechstein)

Batuira do campo.

Tringa longicauda Bechstein, 1812, Kurze Uebers. Vögel, II, p. 453, pl. 42: América do Norte.

Nidifica na porção mais setentrional da América do Norte (do Alaska e do Canadá ao norte dos Estados Unidos), emigrando para o sul durante o inverno (através do México, América Central e Antilhas) e espalhando-se pela América Meridional cisandina (também, ocasionalmente, no Chile), desde os seus limites setentrionais até o extremo sul do Continente (inclusive, acidentalmente, as ilhas Falkland) e ocorrendo com relativa freqüência nos grandes rios do interior do Brasil (principalmente na bacia amazônica) e, mais raramente, em alguns pontos do litoral marítimo (inclusive São Paulo e Rio Grande do Sul).

Gênero **NUMENIUS** Brisson

Numenius Brisson, 1760, Ornithol., I, p. 48 e V, p. 331: Tipo, "Numenius", de Brisson (= *Sclopax torquata* Linné), por tautonímia.

Numenius phaeopus hudsonicus Latham

Maçarico de bico torto.

[*Scolopax phaeopus* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 146; :Suécia].

Numenius hudsonicus Latham, 1790. Ind. Orn., II, p. 712 (com base "Eskimaux Curlew", de Pennant): baía de Hudson (Canadá).

Procedente das terras árticas da América do Norte (Alaska, Canadá), visita o México, a América Central e as Antilhas, para ao depois espalhar-se pelas vertentes pacífica (da Colômbia a, por acidente, o Chile) e atlântica da América do Sul, desde o norte extremo (da Colômbia às Guianas) até o Uruguay e a Argentina (casual na Terra do Fogo), com ocorrências em muitos pontos do litoral marítimo do Brasil setentrional (do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará) e oriental (Bahia, Espírito Santo).

Numenius borealis (Foster)

Scolopax borealis J. R. Forster, 1772, Philos. Trans., LXII, pp. 441: Fort Albany (baía de Hudson).

Como emigrante do extremo norte da América Setentrional (Alaska, norte do Canadá) rumava (pois a espécie parece em via de extinção) para o sul durante o inverno, espalhando-se pela América Meridional, a oeste e a leste dos Andes, e alcançando o Chile e a República Argentina (inclusive, acidentalmente, as ilhas Falkland), com ocorrências comprovadas nas águas interiores do Brasil setentrional (rio Amazonas) e oeste-meridional (rio Paraguay).

Gênero **LIMOSA** Brisson

Limosa Brisson, 1760, Orn., I, p. 48 e 5, p. 261. Tipo, *Scolopax limosa* Linné (tautonímia).

Limosa haemastica (Linné)

Scolopax haemastica Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 147 (com base no "Readbreasted Godwit" de Edwards): baía de Hudson.

Reproduz-se nas terras árticas do oeste-setentrião da América do Norte, e ruma para o sul durante o inverno, visitando então as duas vertentes andinas da América Meridional, e alcançando o extremo sul do continente (inclusive a Terra do Fogo e as ilhas Falkland), com ocorrências ocasionais no litoral (Iguape) e nos rios (rio Guaporé) do Brasil.

Gênero **LIMNODROMUS** Wied

Limnodromus Wied, 1833, Beitr. Naturges. Bras., IV, (2), p. 717. Tipo, *Scolopax noveboracensis* Gmelin (= *Scolopax grisea* Gmelin), por monotipia.

Limnodromus griseus griseus (Gmelin)

Scolopax grisea Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 658 (com base no "Brown Snipe" de Pennant): costas de New York (leste dos Estados Unidos).

Emigrando das terras frias da América do Norte, freqüenta com assiduidade a América Central e as Antilhas, para alcançar as costas setentrionais da América do Sul (também as do Pacífico, da

Colômbia ao Peru), inclusive, eventualmente, as do norte (do Pará) e leste do Brasil (Bahia).

Gênero **GALLINAGO** Koch

Gallinago Koch, 1816, Syst. Baier. Zool., p. 312. Tipo, *Gallinago media* Koch (= *Scolopax gallinago* Linné), por tautonímia.

Capella Frenzel, 1801, Vögel und Eyer Wittenb., p. 58. Tipo *Scolopax coelestis* Frenzel (= *Scolopax gallinago* Linné), por monotipia.

Gallinago gallinago paraguayae (Vieillot)
Batuira, Narceja, Monjolinho, Rapaz.

[*Scolopax Gallinago* Linné, 1758, 1758, Syst. Nat., I, p. 147: Europa (localid. restrita, Suécia)].

Scolopax paraguayae Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., III, p. 356 (com base em Azara, n.º 387): Paraguay.

América Meridional cisandina (águas doces e banhados), desde o seu norte extremo, inclusive o Brasil, em todos os estados marítimos e centrais.

E. Mayr (Ibis, vol. 105, julho de 1963, pp. 402-3), estudando a questão nomenclatural de *Gallinago* Koch versus *Capella* Frenzel (1801), conclui pela invalidez deste último.

Gallinago undulata undulata (Boddaert)

Scolopax undulata Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 54 (com base em Daubenton, pl. enlum. 895): Caiena.

Faixa montanhosa delimitante da Venezuela (montes Roraima) e da Guiana (montes Merumé) com o Brasil e adjacente porção do extremo norte do último (alto rio Branco).

Gallinago undulata gigantea (Temminck)
Narcejão.

Scolopax gigantea Temminck, 1826, Nouv. Rec. Pl. Color., livr. 68, pl. 403: Brasil (São Paulo é tido como localidade típica).

América Meridional cisandina, no norte da República Argentina (inclusive a província de Buenos Aires), Paraguay e Brasil oriental, nos estados centrais e marítimos (de Pernambuco ao Rio Grande do Sul).

Família RECURVIROSTRIDAE

Gênero **HIMANTOPUS** Brisson

Himantopus Brisson, 1760, Ornithol., I, p. 46 e V, p. 33. Tipo *Charadrius himantopus* (Linné).

Himantopus himantopus mexicanus (Müller)

[*Charadrius Himantopus* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 151: Europa meridional].

Charadrius mexicanus P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 117 (com base em "L'Échasse du Mexique", de Brisson): México.

Dos Estados Unidos, América Central e Antilhas à América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas, inclusive ilhas do mar dos Caraíbas) ao leste do Equador, nordeste do Peru, Brasil setentrional (Amazônia) e oriental (estados marítimos do Pará à Bahia), inclusive o interior de Minas Gerais (rio São Francisco).

Himantopus himantopus melanurus Vieillot

Himantopus melanurus Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., X, p. 42 (com base em Azara, n.º 393): Paraguay.

Porção meridional da América do Sul, a oeste (Chile) e a leste dos Andes, desde a Bolívia (também no Peru central?) e o Paraguay até a República Argentina (até Rio Negro), inclusive o Uruguay e o sul do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, sul de Mato Grosso).

Família PHALAROPIDAE

Gênero **STEGANOPUS** Vieillot

Steganopus Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXIV, p. 124 e XXXII, 136. Tipo *Steganopus tricolor* Vieillot (monotipia),

Steganopus tricolor Vieillot

Steganopus tricolor Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXII, p. 136 (baseado em Azara, n.º 407): Paraguay.

Procria na América Setentrional (sul do Canadá, centro dos Estados Unidos), e emigra para o sul (através do México e da América Central) durante o inverno, quando ocorre nas vertentes pacífica (oeste do Equador e do Peru, Chile) e atlântica da

América do Sul, alcançando a ponta, meridional do continente (inclusive as ilhas Falkland) e visitando também, de passagem, a Bolívia, o Paraguay, o Uruguay e, ocasionalmente, o Brasil centro-ocidental (sul de Mato Grosso) e meridional extremo (Rio Grande do Sul, *fide* Schauensee).

Família BURHINIDAE

Gênero **BURHINUS** Illiger

Burhinus Illiger, 1811, Prodr. Syst. Mamm. Av., p. 250. Tipo *Charadrius magnirostris* Latham (monotipia).

Oedicnemus Temminck, 1815, Man. d'Ornithologie, p. 321. Tipo *Charadrius oedicnemus* Linné (tautonimia).

Burhinus bistriatus vocifer (L'Herminier)

Pintão, Téo-téo da savana.

Charadrius bistriatus Wagler, 1829, Isis, XXII, col. 648: México.

Oedicnemus vocifer L'Herminier, 1837, Magaz. Zool., VII, col. 2, pl. 84: Maturin (nordeste da Venezuela).

Regiões campestres da porção mais setentrional da América do Sul cisandina (da Colômbia à Guiana, inglêsa) inclusive as adjacentes porções do norte extremo do Brasil (alto rio Branco).

Família CHIONIDIDAE

Gênero **CHIONIS** J. R. Forster

Chionis Forster, 1788, Enchiridion Hist. Nat., p. 37. Tipo *Vaginalis* (*Chionis*) *alba* Gmelin (monotipia).

Chionis alba (Gmelin)

Vaginalis alba Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 705 (com base em Latham, "White Sheath-bill": Nova Zelândia (local. errônea, por Isla Año Nuevo).

Terras e ilhas antárticas do Oceano Atlântico, de onde emigra regularmente para o norte, espalhando-se pelas ilhas Falkland e a República Argentina, alcançando ocasionalmente o sul extremo do Brasil.

Registrada pela primeira vez no Brasil (Rio Grande do Sul) pelos membros de uma expedição do Museu Nacional (cf. William Belton, Auk, vol. 91, p. 820, out. de 1974).

Família STERCORARIIDAE

Gênero **CATHARACTA** Brünnich

Catharacta Brünnich, 1764, Orn. Boreal., p. 32. Tipo *Catharacta skua* Brünnich (design. por Reichenbach, 1852).

Catharacta skua chilensis (Bonaparte)

Gaivota rapineira.

[*Catharacta skua* Brünnich, 1764, Orn. Boreal., p. 33: Ilhas Färoe e Islândia.]

Stercorarius antarcticus b. *chilensis* Bonaparte, 1857, Consp. Gen. Av., II, p. 207: América Meridional (= Chile).

Nidifica nas costas pacífica e atlântica da porção meridional da América do Sul, desde a Terra do Fogo até, respectivamente, o norte do Chile e da Patagônia, de onde na estação fria se distancia para o norte, ao longo das costas dos dois oceanos, quando, eventualmente, pode alcançar, a oeste o Canadá e, a leste, o sul do Brasil (Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

Catharacta skua antarctica (Lesson)

Lestris antarcticus Lesson, 1831, Traité d'Ornithol., livr. 8, p. 616: ilhas Falkland (consideradas pátria típica) e Nova Zelândia.

Ocorre nas costas do Brasil, como emigrante do extremo sul do continente, alcançando o Rio de Janeiro (Cabo Frio), o arquipélago dos Abrolhos e, acidentalmente, o estuário amazônico (ilha de Marajó).

Gênero **STERCORARIUS** Brisson

Stercorarius Brisson, 1760, Ornithol., I, p. 56 e VI, p. 149. Tipo, *Stercorarius*, de Brisson (= *Larus parasiticus* Linné).

Stercorarius parasiticus (Linné)

Gaivota rapineira.

Larus parasiticus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 136: dentro do trópico de Câncer, na Europa, América e Ásia (= Suécia, design. como pátria típica por Lönnberg, 1903).

Nidifica nas terras árticas dos dois hemisférios (inclusive a Islândia e a Groenlândia), deslocando-se para o sul durante o inverno, quando aparece ao longo das costas pacífica e atlântica da Amé-

rica, e chega a alcançar o extremo sul do continente, com ocorrências acidentais nas costas do Brasil meridional (Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul).

Stercorarius pomarinus (Temminck)

Lestris pomarinus Temminck, 1815, Man. d'Ornithol., p. 514: regiões árticas da Europa (segundo Hellmayr, o tipo deve proceder do Mar do Norte).

Terras e ilhas do oceano glacial ártico dos dois hemisférios, imigrando durante o inverno para o sul, quando atinge regiões tropicais do Velho e do Novo Continente, inclusive, ocasionalmente, o Brasil amazônico.

O único registro autêntico da ocorrência em território brasileiro parece ser o de um exemplar de Urucurituba (baixo Tapajós) fornecido por A. M. Olalla ao Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo e determinado por R. Escalante (Auk, vol. 89, p. 663).

Família LARIDAE

Subfamília LARINAE

Gênero **LARUS** Linné

Larus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 136. Tipo, *Larus-marinus* Linné (designado por Selby, 1840).

Larus marinus dominicanus Lichtenstein

Gaivotão.

[*Larus marinus* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 136: Europa (local. típ. restrita, Suécia)].

Larus dominicanus Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Zool. Mus. Berlin, p. 82: costa do Brasil (= Rio de Janeiro).

Nidifica nas costas e ilhas costeiras do Pacífico e Atlântico sul--americanos (de onde ocasionalmente se distancia até a Nova Zelândia e o sul da África), desde o extremo sul do continente (inclusive as ilhas Falkland) até, a oeste o Peru, e a leste a República Argentina, o Uruguay e o Brasil meridional (do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul).

Larus atricilla Linné

Larus atricilla Linné 1758, Syst. Nat., I, p. 136 (com base em "Laughing Gull", de Catesby): Ilhas Bahamas.

Procria nas costas pacífica e atlântica da América do Norte (dos Estados Unidos e do México à América Central e Antilhas),

deslocando-se para o sul durante o inverno, quando visita o norte da América Meridional, a oeste (Colômbia, Equador, Peru) e a leste dos Andes (Venezuela, Guiana), com ocorrências eventuais no litoral do norte do Brasil (estuário do rio Amazonas e cercanias).

Larus cirrocephalus cirrocephalus Vieillot
Gaivota.

Larus cirrocephalus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXI, p. 502: Brasil (= Rio de Janeiro).

Costa oriental atlântica da América do Sul (onde se reproduz), desde o nordeste do Brasil (Maranhão) até o estuário do rio da Prata, com ocorrências habituais nos grandes rios da referida bacia (rio Paraná) e visitas eventuais à costa pacífica (Peru, Equador).

Larus ridibundus maculipennis Lichtenstein

[*Larus ridibundus* Linné, 1766. Syst. Nat., I, p. 225: mares da Europa].

Larus maculipennis Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Zool. Mus. Berlin, p. 411: Montevideo.

Costas pacífica (Chile) e atlântica da América do Sul, desde o nordeste do Brasil (Alagoas) até o extremo sul do continente (inclusive as ilhas Falkland), com ocorrências acidentais nas águas doces do interior (Ipanema, rio Guaporé).

Subfamília STERNINAE

Gênero **PHAETUSA** Wagler

Phaëtusa Wagler, 1832, Isis, Col. 1224. Tipo, *Sterna magnirostris* Lichtenstein (= *Sterna simplex* Gmelin).

Phaetusa simplex Gmelin
Gaivota do bico grande.

Sterna simplex Gmelin, 1789, Syst. Nat., I ,(2), p. 606 (com base em "Simple Tern", de Latham): Caiena.

Costas e rios da América Meridional cisandina (acidental na costa pacífica) desde o nordeste extremo (inclusive as vizinhas ilhas do mar das Antilhas) até o Uruguay e o norte da República Argen-

tina, com ocorrência habitual nas águas litorâneas do Brasil e nos grandes rios das três principais bacias.

Muitos autores, como Wetmore (Bull. 133 Un. St. St. Nat. Mus., p. 140), reconhecem nas populações meridionais da espécie uma raça particular, sob o nome de *P. simplex chloropoda* (Vieillot).

Gênero **GELOCHELIDON** Brehm

Gelochelidon C. L. Brehm, 1830, Isis, col. 994. Tipo, *Sterna meridionalis* Brehm (= *Sterna nilotica* Gmelin).

Gelochelidon nilotica gronvoldi Mathews

[*Sterna nilotica* Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 606: Egito].

Gelochelidon nilotica grönvoldi Mathews, 1912, Birds of Australia, II, (3), p. 331: América do Sul (como localidade típica sugiro Buenos Aires).

Costas atlânticas da América Meridional, desde as Guianas até o estuário do rio da Prata, com ocorrências relativamente freqüentes no litoral de todos os estados marítimos do Brasil.

Gênero **STERNA** Linné

Sterna Linné, 1758, Syst. Nat., p. 137. Tipo, "Sterna", de Gesner (= *Sterna hirundo* Linné), por tautonímia.

Sterna hirundinacea Lesson

Andorinha do mar, Trinta-réis.

Sterna hirundinacea Lesson, 1831, Traité d'Orn., p. 621: costa do Brasil (= Santa Catarina).

Costas atlânticas (também no Pacífico peruano) da América do Sul, desde o nordeste do Brasil (baía de Todos os Santos) até a ponta meridional extrema do continente (inclusive ilhas Falkland), com ocorrências freqüentes no litoral da Guanabara e mais estados sulinos.

Sterna hirundo hirundo Linné

Trinta-réis.

Sterna Hirundo Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 137. Europa (= Suécia).

Como emigrante da América do Norte (onde, como também nas terras frias do Velho Continente, procria durante a boa estação), freqüenta as costas pacífica (Equador, Peru) e atlântica da Amé-

rica Meridional, alcançando a Patagônia e ocorrendo, por vezes, ao largo das costas do Brasil(Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul).

Sterna paradisea Pontoppidan

Sterna paradisea Pontoppidan, 1763, Danks Atlas, I, p. 622: sem indicação de localidade (= Christiansoë, Dinamarca, *fide* Hellmayr & Conover).

Deixa durante o inverno as regiões frias do Velho e do Novo Continente, emigrando em direção ao sul e visitando com freqüência variável as costas pacífica (Peru, Chile) e atlântica da América do Sul, quando alcança por vezes o Uruguay e a República Argentina, ocorrendo ocasionalmente ao largo das costas do Brasil (Bahia, São Paulo, Rio Grande do Sul).

Sterna vittata georgiae Reichenow

[*Sterna vittata* Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 609: ilhas Kerguelen (Atlântico meridional)].

Sterna vittata georgiae Reichenow, 1904, Orn. Monatsber., XII, p. 47: Geórgia do Sul (oceano Glacial Antártico).

Das ilhas do oceano Antártico (Geórgia, Orkney, Kerguelen) e do Atlântico meridional (Santa Helena, Ascenção etc.) distancia-se durante o inverno, alcançando eventualmente águas do Brasil (Santa Catarina).

Sterna trudeaui Audubon

Trinta-réis, Andorinha do mar.

Sterna trudeaui Audubon, 1838, Bds. Amer. (ed. in-folio), IV, pl. 409, fig. 2: Great Egg Harbor (New Jersey.).

Costas e águas interiores do sul da América Meridional, a oeste (Chile) e, principalmente, a leste dos Andes (República Argentina, Uruguay), com ocorrências eventuais nas costas do Brasil meridional (inclusive Rio de Janeiro).

Sterna dougallii dougallii Montagu

Sterna dougallii Montagu, 1813, Orn. Dict., Supplem., pág. e estampa (não numeradas): ilhas Cumbrey (Escócia).

Procria nas costas e ilhas atlânticas da América Setentrional, emigrando para o sul, quando visita as Antilhas e as costas seten-

trionais (e ilhas costeiras) da América do Sul, inclusive, acidentalmente, as do norte do Brasil (Piauí, Bahia).

Sterna forsteri Nuttall

Sterna forsteri Nuttall 1834 Man. Orn. Un. St. and Canada, II, p. 274, nota (com base em *Sterna hirundo* Swains. & Richardson, 1832, não de Linné): Saskatchewan (norte do Canadá).

Ocorre ao largo das costas do Brasil este-setentrional, como emigrante das costas atlânticas e águas interiores da América Setentrional (Canadá, Estados Unidos).

Sterna fuscata fuscata Linné

Sterna fuscata Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 228 (com base na "Hrondelle-de-Mer brune", de Brisson): ilha de São Domingos.

Nidifica nas costas e ilhas atlânticas (Bahamas) do sul dos Estados Unidos, México, América Central e Antilhas, emigrando para o sul durante o inverno, quando aparece nas costas pacífica (Peru, Chile) e atlântica da América do Sul, desde a Venezuela até o extremo norte do Brasil (estuário do rio Amazonas).

Sterna superciliaris Vieillot

Trinta-réis.

Sterna superciliaris Vieillot, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXXII, p. 176 (com base em Azara, n.º 415): Paraguay.

Águas interiores e, mais raramente, costas atlânticas da América Meridional, desde o seu norte extremo (Colômbia, Venezuela, Guianas) até o Uruguay e o norte da Argentina, inclusive o leste da Bolívia, o Paraguay e o Brasil, provavelmente em todos os estados.

Sterna albifrons antillarum (Lesson)

[*Sterna albifrons* Pallas, 1764, em Vroeg, Catal., Adumbrat., p. 6: Holanda].

Sternula Antillarum Lesson, 1847, em Buffon, Oeuvres, ed. Levêque, XX, p. 256: ilha de Guadelupe.

Ocorre nas águas litorâneas do Brasil setentrional (ilha de Marajó, Amarração), como emigrante das costas e ilhas atlânticas do sul dos Estados Unidos, América Central e Antilhas.

Gênero **THALASSEUS** Boie

Thalasseus Boie, 1822, Isis, col. 563. Tipo, *Sterna cantiaca* Gmelin (= *Sterna sandvicensis* Latham), design. por Wagler, 1832.

Thalasseus maximus maximus (Boddaert)

Trinta-réis grande.

Sterna maxima Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 58 (com base na "Hirondelle-de-mer de Cayenne", de Buffon e Daubenton, pl. enlum. 988): Caiena.

Como imigrante das costas pacífica e atlântica da América do Norte (inclusive as ilhas Bahamas e as Antilhas), visita regularmente as da América Meridional de além (Peru) e aquém Andes, alcançando o Uruguay e a República Argentina (até a Patagônia) e freqüentando todo o litoral atlântico do Brasil.

Para alguns autores (v. g. R. M. Schauensee, Bds. S. Amer., p. 109), *Thalasseus* é inseparável de *Sterna.*

Thalasseus eurygnathus (Saunders)

Sterna eurygnatha Saunders, 1876, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 654: Santa Catarina (sudeste do Brasil).

Costas atlânticas da América Meridional (desde a Colômbia até a Argentina), inclusive as do Brasil.

Thalasseus sandvicensis acuflavidus (Cabot)

Sterna acuflavida Cabot, 1848, Proc. Boston Soc. Mat. Hist., ano de 1847, p. 257: Tancah (Yucatan).

Costa pacífica (México e América Central) e atlântica da América (do sul dos Estados Unidos às Antilhas e à América Central, emigrando para o sul durante o inverno, desde a Colômbia até a Argentina, com ocorrências nas costas de todo Brasil).

Gênero **ANOUS** Stephens

Anoüs Stephens, 1826, cm Shaw, Gen. Zool., XIII, (1), p. 139. Tipo *Sterna stolida* Linné (design. por Gray, 1840).

Anous stolidus stolidus (Linné)

Andorinha preta do mar.

Sterna stolida Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 137 (com base na "Hirundo marina minor, capite albo", de Sloane): Atlântico tropical (a leste de Barbados).

Nidifica nas ilhas e rochedos do Atlântico, desde o arquipélago, das Bahamas e as Antilhas (Jamaíca, Guadelupe, etc.) até as

ilhas oceânicas situadas ao largo das costas do Brasil (Fernando de Noronha, Trindade) e da África ocidental (Ascensão, Santa Helena, Tristão da Cunha), com ocorrências acidentais na orla dos continentes.

Anous minutus atlanticus (Mathews)

[*Anoüs minutus* Boie, 1844, Isis, col. 188: Austrália (Roine Island, *fide* Mathews)].

Megalopterus minutus atlanticus Mathews, 1912, Birds of Australia, II, (4), p. 423: ilha de Ascensão (Atlântico meridional).

Atlântico meridional (ilhas de Ascensão, Santa Helena e Tristão da Cunha), inclusive Fernando de Noronha, Trindade e alguns rochedos situados ao largo da costa do Brasil (Martim Vaz, São Paulo).

Gênero **GYGIS** Wagler

Gygis Wagler, 1832, Isis, col. 1223: Tipo, *Sterna candida* Gmelin (monotipia).

Gygis alba alba (Sparrmann)

Sterna alba Sparrmann, 1786, Mus. Carls., fasc. I, pl. II: Cabo da Boa Esperança (ilha de Ascensão, local. típica suger. por Mathews, 1912).

Ilhas e rochedos oceânicos do Atlântico meridional (Ascensão, Santa Helena), inclusive as situadas ao largo da costa do Brasil (Fernando de Noronha, São Paulo, Martim Vaz).

Família RHYNCHOPIDAE

Gênero **RHYNCHOPS** Linné

Rhynchops Linné, 1758, Svsyt. Nat., I, p. 138. Tipo, *Rhynchops nigra* Linné (por monotipia).

Rhynchops nigra cinerascens Spix

[*Rhynchops nigra* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 138: América (pátria restrita Carolina, *ex* Catesby)].

Rhynchops cinerascens Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 80, tab. 102: rio Amazonas.

Porção norte-ocidental da América do Sul cisandina, de seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) à porção amazônica

do Equador, do Peru e do Brasil (inclusive o norte extremo de Mato Grosso), com ocorrências acidentais nas Antilhas e no norte da Argentina.

Rhynchops nigra intercedens Saunders

Talha-mar, Corta-mar.

Rhynchops intercedens Saunders, 1895, Bull. Brit. Orn. Cl., IV, p. 26: "costas do sul do Brasil e da Argentina, subindo os rios Paraná e Paraguai (o tipo procede de São Paulo, *fide* Hellmayr & Conover).

América do Sul este-meridional, do norte da Argentina (inclusive a província de Buenos Aires) e do Uruguay ao Paraguay e todo Brasil oriental (do Maranhão ao Rio Grande do Sul) e central (rio São Francisco, rio Araguaia) e oeste-meridional (bacia do rio Paraguai).

Ordem COLUMBIFORMES

Família COLUMBIDAE

Gênero **COLUMBA** Linné

Columba Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 162. Tipo, *Columba oenas* Linné (design. por Vigors, 1825).

Os pombos do gênero *Columba* têm sido modernamente objeto de aprofundados estudos por parte de numerosos ornitologistas, entre os quais merece destaque o de Richard F. Johnston (Condor, LXIV, 1962, pp. 69-74), cujas conclusões aguardam ainda o consenso dos especialistas.

Columba fasciata roraimae (Chapman)

[*Columba albilinea* Bonaparte, 1854, Comptes Rendus Acad. Sci. Paris, XXXIX, p. 1108: América do Sul (= Colômbia)].

Columba albilinea roraimae Chapman, 1929, Amer. Mus. Novit., n.º 341, p. 1: monte Roraima (Venezuela).

Faixa limitrofe montanhosa do sul da Venezuela e da Guiana, estendendo-se a região vizinha do norte extremo do Brasil (monte Roraima).

A inclusão da presente espécie ao território brasileiro deve-se aos Snres. Phelps & Phelps (Bol. Soc. Venezol. Sci. Nat., n.º 101, p. 34, maio de 1962).

Columba speciosa Gmelin

Pomba trocal, P. torcaz, Rola pedrês, Piraú.

Columba speciosa Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 783 (com base em Buffon e Daubenton, pl. enlum. 213): Caiena.

Do sul do México (Vera Cruz) e da América Central à América Meridional cisandina (no Equador também a oeste dos Andes), desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) até o Paraguay, inclusive o leste do Equador, o nordeste do Peru, a Bolívia e o Brasil, em todos os estados centrais (inclusive o Território de Roraima) e marítimos (não registrada no Rio Grande do Sul).

Columba picazuro picazuro Temminck

Pomba-torcaz, Jacaçu.

Columba picazuro Temminck, 1813, Hst. Pig. Gallin., I, pp. 111 e 449 (com base em Azara, n.º 317): Paraguay.

América Meridional cisandina, desde o leste da Bolívia até o norte da República Argentina (inclusive a província de Buenos Aires), e, ocasionalmente, Rio Negro), inclusive o Paraguay, o Uruguay e o Brasil, em sua porção ocidental (rio Guaporé, rio Paraguai e afluentes) e meridional extremo (Santa Catarina, Rio Grande do Sul).

A distribuição acima abrange a área geográfica atribuída a *Columba picazuro venturiana* Hartert, 1909 (Novit. Zoologicae, XVI, p. 260, tipo de Mocovi, no norte da Argentina), cuja separabilidade merece discussão em face das razões expendidas por Pinto (Arquivos de Zoologia, VII, 1949, p. 260), anos atrás.

Columba picazuro marginalis Naumburg

Pomba asa-branca.

Columba picazuro marginalis Naumburg, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 554, p. 3: Corrente (sul do Piauí).

Brasil este-setentrional do Piauí à Bahia (inclusive o rio de Contas), incluso, provavelmente, o norte de Goiás (rio Araguaia).

Columba maculosa maculosa Temminck

Columba maculosa Temminck, 1813, Hist. Nat. Pig. Gallin., II, pp. 113 e 450 (com base em Azara, n.º 318): Paraguay.

Porção ocidental (Bolívia, Paraguay) e meridional da América do Sul cisandina, inclusive o Uruguay, a República Argentina (até o norte da Patagônia) e o sul extremo do Brasil (rio Uruguai).

Columba cayennensis cayennensis Bonnaterre

Columba cayennensis Bonnaterre, 1792, Tabl. Encycl. Méth. Orn., I, p. 234 (com base no "Pigeon Ramier de Cayenne", de Hollandre): Caiena.

América oeste-setentrional cisandina, desde o norte extremo (da Colômbia às Guianas) até o leste do Equador e o noroeste do Brasil (das suas fronteiras setentrionais à margem esquerda do Solimões e do baixo Amazonas, inclusive as ilhas do estuário).

Columba cayennensis sylvestris Vieillot

Pomba verdadeira, P. legítima, P. galega, Pucaçu.

Columba sylvestris Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVI, p. 366 (com base em Azara, n.º 319): Paraguay.

América meridional cisandina, desde a margem direita do rio Amazonas (incluso o leste do Peru) até o Uruguay e o norte da República Argentina (até Tucumán e Sta. Fé), inclusive a Bolívia, o Paraguay e todo o Brasil, dos rios Solimões e baixo Amazonas para o sul.

Columba cayennensis pallidicrissa Chubb

Columba pollidicrissa Chubb, 1910, Ibis, Ser. 9, IV, p. 60: Costa Rica.

Do sul do México e da América Central à porção oeste-setentrional da América do Sul (Colômbia, Trinidad, norte da Venezuela), inclusive a região limítrofe do Brasil (*fide* Phelps & Phelps, 1962).

Columba subvinacea purpureotincta Ridgway

Pomba amargosa.

[*Chloroenas subvinacea* Lawrence, 1868, Ann. Lyc. Nat. Hist. New York, IX, p. 135: Dota (Costa Rica)].

Columba purpureotincta Ridgway, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 594: Demerara (Guiana).

Porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina, da Venezuela para leste até a Guiana Francesa e, para o sul, até a margem direita do baixo Amazonas (rio Tocantins, rio Acará) e o norte do Maranhão, inclusive o alto rio Negro e o rio Branco.

Columba subvinacea olgiviegranti Chubb

Columba olgivie-granti Chubb, 1917, Bull. Brit. Orn. Chubb, XXXVIII, p. 5: Guayabamba (norte do Peru).

Porção amazônica do Equador e do Peru, norte da Bolívia e Brasil ocidental extremo, ao sul do rio Solimões (rio Juruá).

Columba subvinacea recondita Todd

Columba subvinacea recondita Todd, 1937, Proc. Biol. Soc. Wash., L, p. 187: Colônia do Mojui (marg. direita da boca do Tapajós).

Brasil amazônico, na margem esquerda do baixo Amazonas (inclusive a vizinha porção do rio Solimões) e ao longo da margem direita dos rios Solimões (do rio Purus para leste) e baixo Amazonas (a leste até o Tapajós), incluido o norte de Mato Grosso (rio Guaporé).

Columba plumbea plumbea Vieillot

Pomba amargosa, P. gemedeira, Picaçuroba, Caçaroba.

Columba plumbea Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVI, p. 358: Brasil (= Rio de Janeiro).

Leste do Paraguay e Brasil este-meridional, nos estados marítimos da Bahia ao Rio Grande do Sul, inclusive o sudeste de Minas Gerais (Vargem Alegre).

Columba plumbea baeri Hellmayr

Pomba amargosa.

Columba plumbea baeri Hellmayr, 1908, Novit. Zool., XV, p. 91: Goiás (cidade).

Brasil central, no sul de Goiás e no oeste de Minas Gerais.

Columba plumbea pallescens Snethlage

Pomba Santa-Cruz, Pomba amargosa.

Columba plumbea pallescens Snethlage, 1908, Journ. f. Orn., LVI, p. 22: Bom Lugar (alto Purus, marg. dir.).

Nordeste da Bolívia e noroeste do Brasil, da margem direita do rio Solimões (Tefé) às altas porções dos respectivos afluentes.

Columba plumbea wallacei Chubb

Columba plumbea wallacei Chubb, 1917, Bull. Brit. Orn. Cl., XXXVIII, p. 32: rio Capim.

Norte da América do Sul cisandina, das Guianas às margens ambas do baixo Amazonas (inclusive o leste do Pará).

Gênero **ZENAIDA** Bonaparte

Zenaida Bonaparte, 1838, Geogr. and. Comp. List, p. 41. Tipo *Zenaida amabilis* Bonaparte (= *Columba zenaida* Bonaparte).

É ainda corrente referir a espécie brasileira ao gênero *Zenaidura* Bonaparte, 1855 (Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XXXIX, p. 871), que tem como tipo *Columba carolinensis* Linné, mas parece carecer de bons fundamentos (Cf. Derek Goodwin, 1958, Auk, vol. 75, p. 330 e segs.).

Zenaida auriculata chrysauchenia (Reichenbach)
Parari.

[*Peristera auriculata* Des Murs, 1847, em Gray, Hist. Fis. Pol. Chile, Zool., I, p. 381: Chile central (Santiago, suger. como local. tip. por Naumburg, 1930)].

Peristera chrysauchenia Reichenbach, 1847, Syn. Av. Columbariae, p. 3: sem indicação de localidade (= Brasil, *fide* Hellmayr & 1942).

Do leste da Bolívia ao norte da Argentina (até prov. Buenos Aires), inclusive o Paraguay, o Uruguay, e o Brasil central e este-meriodional (do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul).

Zenaida auriculata noronha Chubb
Ribaçã, Avoante, Cardinheira, Pomba de bando.

Zenaida auriculata noronha Chubb, 1819, Ibis, 11.ª série, I, p. 36: ilha de Fernando de Noronha (Atlântico brasileiro).

Brasil este-setentrional (do interior do Maranhão à Bahia) inclusive a ilha de Fernando de Noronha.

Zendaida auriculata marajoensis Berlepsch

Zenaida jessieae marajoensis Berlepsch, 1913, Orn. Monatsber., XXI, p. 149: ilha de Marajó.

Do este extremo do Pará (inclusive as ilhas do estuário amazônico) e norte do estado do Maranhão.

Zenaida auriculata jessieae Ridgway

Pomba-de-bando, Avoante.

Zenaida jessieae Ridgway, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 527: Diamantina (perto de Santarém).

Baixo Amazonas (em ambas as margens).

Zenaida auriculata stenura (Bonaparte)

Zenaida stenura Bonaparte, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, (3), p. 98: Colômbia.

Norte extremo da América Meridional cisandina (do leste da Colômbia à Guiana inglêsa) e Antilhas meridionais (incluindo Trinidad).

Gênero **COLUMBINA** Spix

Columbina Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 57. Tipo, *Columbina strepitans* Spix (por design. de Gray, 1814).

Columbina picui picui (Temminck)

Columba picui Temminck, 1813, Hist. Nat. Pig. Gallin., I, pp. 435 e 498 (com base em Azara, n.º 324): Paraguay.

América Meridional cisandina (também a oeste dos Andes, no centro do Chile), do leste da Bolívia ao norte da Argentina (até a província de Buenos Aires), inclusive Paraguay, Uruguay, Brasil ocidental (do alto Madeira e do Guaporé ao baixo Paraguai) e este-meridional (São Paulo, Rio Grande do Sul).

Columbina picui strepitans Spix

Rôlinha.

Columbina strepitans Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 57, fig. 1: campos do Piauí.

Nordeste do Brasil, do Maranhão ao norte da Bahia.

Columbina passerina griseola Spix

Rôla pequena, Tarué-i.

[*Columba passerina* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 165, em parte (com base em "The Ground Dove", de Catesby): South Caroline].

Columbina grseola Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 58, tab. 75, fig. 2: rio Amazonas.

Este-setentrião da América do Sul, das Guianas ao Brasil oeste-setentrional, abrangendo quase toda a bacia amazônica (exce-

tuada a porção ocidental extrema) e os estados nordestinos (do Maranhão ao norte da Bahia).

Afigura-se justificada a inclusão da presente espécie e das duas que se seguem no gênero *Columbina*, do qual *Columbigallina* Boie se torna sinônimo.

Columbina minuta minuta (Linné)

Rôlinha.

Columba minuta Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 285 (com base em *Turtur parvulus fuscus americanus* de Brisson): América (pátria típica Caiena, suger. por Berlepsch & Hartert).

América meridional cisandina, desde o norte extremo (da Venezuela às Guianas), através do Brasil oriental (do leste do Pará a São Paulo) e central (Goiás, Mato Grosso), até o norte do Paraguay.

Columbina talpacoti talpacoti (Temminck)

Rôla, R. cabocla, R. caldo-de--feijão.

Columba talpacoti Temminck, 1811, em Temminck & Knip, Les Pigeons, I, Colombigallines, p. 22: América Meridional (Bahia foi sugerida como pátria típica por Pinto, 1938).

América Meridional cisandina (também, acidentalmente, no Chile), desde as Guianas até o norte da República Argentina (inclusive províncias de Tucumán e Buenos Aires), inclusos o leste do Peru, a Bolívia, o Paraguay, o Uruguay (onde aparece raramente) e o Brasil, em todos os estados e territórios.

Columbina talpacoti rufipennis (Bonaparte)

Columbigallina talpacoti rufipennis Bonaparte, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, p. 22: Cartagena (Colômbia).

Do sudeste do México à América Central e ao oeste-setentrião da América do Sul, com extensão ao território limítrofe do Brasil (alto rio Negro).

Incluída na avifauna brasileira em 1948, por H. Friedmann, com base em material do Cucuí (cf. Proc. National Museum, vol. 97, p. 401).

Gênero **UROPELIA** Bonaparte

Uropelia Bonaparte, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XI, (1), p. 24. Tipo, *Coumbina campestris* Spix (monotipia).

Uropelia campestris (Spix)

Rôla vaqueira.

Columbina campestris Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 57, tab. 75, fig. 2: Bahia.

Regiões campestres do leste da Bolívia e do Brasil central (de Mato Grosso ao oeste da Bahia e de Minas Gerais) e este-setentrional, do Amapá e das ilhas do estuário amazônico ao Ceará.

Variações geográficas, se existentes nesta espécie, aguardam fundamento mais sólido do que os invocados até aqui. Cai assim em sinonímia *Uropelia campestris figginsi* Oberholser, 1931 (Proc. Colorado Museum, X, p. 24), que tem como localidade típica Descalvados (Mato Grosso).

Gênero **SCARDAFELLA** Bonaparte

Scardafella Bonaparte, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, (1), p. 17: Tipo, *Columba squamosa.* Temminck (= *Columba squammata* Lesson), por design. original.

Scardafella squammata squammata (Lesson)

Fogo-apagou, Rôla cascavel.

Columba squammata Lesson, 1831, Traité d'Ornithol., p. 474 (com base em Temminck & Knip, Les Pigeons, I, p. 59): Bahia.

Regiões descobertas (inclusive as áreas cultivadas) do Paraguay e do Brasil oriental (desde o Maranhão até o Paraná, inclusive Minas Gerais) e central (Mato Grosso e Goiás).

Gênero **CLARAVIS** Oberholser

Claravis Oberholser, 1899, Proc. Acad. Nat. Sci. Philadelphia, LI, p. 203 (nome novo para *Peristera* Swainson, 1827, não Rafinesque, 1815).

Claravis pretiosa (Ferrari-Perez)

Rôla azul, Picui-peba, Parari.

Peristera pretiosa Ferrari-Perez, 1886, Proc. Un. St. Nat. Mus., IX, p. 175: Jalapa (México, prov. de Vera Cruz).

Regiões tropicais do Novo Mundo (desde o sul do México e da América Central) através de toda a América Meridional cisan-

dina (no Peru, também a oeste dos Andes), até o Paraguay e o norte da Argentina, inclusive a Bolívia, o Paraguay e todo o Brasil, com exceção da sua porção mais meridional (Santa Catarina, Rio Grande do Sul) e oeste-setentrional extrema (margem esquerda do rio Solimões-Amazonas).

Claravis godefrida (Temminck)

Pomba-espelho, P. parari, Pararu.

Columba godefrida Temminck, 1811, em Temminck & Knip, Les Pigeons, I, Colombes, p. 125: Brasil (Rio de Janeiro suger. como local. típ. por Pinto, 1949).

Paraguay (rio Paraná), nordeste extremo da Argentina (Misiones) e faixa atlântica este-meridional do Brasil (do sul da Bahia e do leste de Minas Gerais a Santa Catarina).

Gênero **OXYPELIA** Salvadori

Oxypelia Salvadori, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 490. Tipo, *Peristera cyanopis Pelzeh* (design. original).

Oxypelia cyanopis (Pelzeln)

Peristera cyanopis Pelzeln, 1870, Orn. Bras., pp. 237 e 337: Cuiabá (Mato Grosso).

Brasil central, sendo os estados de Mato Grosso (Cuiabá), Goiás (Rio Verde) e São Paulo (Itapura) os únicos em que foi registrada.

Gênero **LEPTOTILA** Swainson

Leptotila Swainson, 1837, Nat. Hist. & Classif. of Birds, II, p. 349. Tipo, *Columba rufaxilla* Rich. & Bernard (monotipia).

Leptotila verreauxi brasiliensis (Bonaparte)

[*Leptotila verreauxi* Bonaparte, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, (3), p. 99: Nova Granada].

Peristera brasiliensis Bonaparte, 1856, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XLIII, (20), p. 945: sem indicação de localidade (como pátria típica foi suger. o Rio Branco, por Pinto, 1938).

Norte da América Meridional cisandina, das Guianas ao Brasil amazônico, desde os seus confins setentrionais (rio Branco) à margem norte do rio Solimões (Manacapuru) e às margens ambas

do baixo Amazonas, dos rios Negro e Tapajós para leste (inclusive as ilhas do estuário) até o distrito este-paraense (rio Capim).

Leptotila verreauxi approximans Cory
Pomba juriti.

Leptotila ochroptera approximans Cory, 1917, Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser., XII, p. 7: serra de Baturité.

Brasil este-setentrional, nos estados marítimos, do Maranhão à Bahia (inclusive o Recôncavo).

Leptotila verreauxi decipiens (Salvadori)
Juriti, Juruti.

Homoptila decipiens Salvadori, 1871, Atti R. Accad. Sci Torino, VI, p. 131: Brasil (sul de Mato Grosso, pátria típ. suger. por Pinto, 1949).

Leste do Peru e da Bolívia, Paraguay, noroeste da Argentina (inclusive províncias de Córdoba e Santa Fé), Brasil central (sul de Mato Grosso e Goiás) e este-meridional, do sul da Bahia ao Paraná (inclusive Minas Gerais).

Leptotila verreauxi chlorauchenia Giglioli & Salvadori

Leptotila chlorauchenia Giglioli & Salvadori, 1870, Atti R. Accad. Sci. Torino, V, p. 274: Estancia Trinidad (proxim. de Montevideo).

Leste da Argentina (de Misiones a Buenos Aires), Uruguay e Brasil este-meridional extremo, desde o sudeste de São Paulo (Iporanga) até o Rio Grande do Sul.

Leptotila rufaxilla rufaxilla (Richard & Bernard)
Juriti, J. verdadeira.

Columba rufaxilla Richard & Bernard, 1712, Act. Soc. Hist. Paris, I, (1), p. 118: Caiena.

Guianas e Brasil setentrional, desde o médio e o baixo Amazonas (do baixo rio Negro e do rio Purus ao estuário) até o nordeste do país, (inclusive Pernambuco).

Leptotila rufaxilla dubusi Bonaparte

Leptotila dubusi Bonaparte, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, L, (3), p. 99: rio Napo (leste do Equador).

Porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina, da Venezuela e do sudeste da Colômbia ao norte da Bolívia, inclusive o

leste do Equador, o nordeste do Peru e a porção mais ocidental do Brasil amazônico (desde o alto rio Negro até o Juruá e o alto Purus).

Leptotila rufaxilla reichenbachii Pelzeln

Juriti.

Leptotila reichenbachii Pelzeln, 1870, Orn. Bras., (3), p. 279: Ipanema (estado de São Paulo).

Porção meridional da América do Sul cisandina, desde o sul da Bolívia ao Uruguay, inclusos o Paraguay, o nordeste extremo da Argentina (Misiones) e todo Brasil central e este-meridional (da Bahia ao Rio Grande do Sul).

Gênero **GEOTRYGON** Gosse

Geotrygon Gosse, 1847, Birds of Jamaica, p. 316. Tipo, *Columba cristata* Temminck. (= *Columbigallina versicolor* Lafresnaye), design. por Gray, 1855.

Geotrygon montana montana (Linné)

Juriti vermelha, Pomba cabocla, Rôla do mato grosso.

Columba montana Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 163 (baseada precipuamente em "The Mountain partridge", de Edwards): Jamaica.

Sul do México (acidental na Flórida), América Central, Grandes Antilhas e porção tropical da América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) até a Bolívia e o Paraguay, inclusive a porção amazônica do Equador e do Peru, e regiões florestadas de todo o Brasil oeste-setentrional (Amazônia) e oriental (do sul da Bahia e leste de Minas ao Rio Grande do Sul).

Geotrygon violacea violacea (Temminck)

Juriti vermelha, J. piranga.

Columba violacea Temminck, 1810, em Temminck & Knip, Les Pigeons, I, Les Colombes, p. 67, pl. 29: Novo Mundo (como pátria Ro de Janeiro, design. por Hellmayr).

América Meridional cisandina, da Bolívia ao nordeste da Argentina, inclusive o Paraguay e o leste do Brasil, desde a margem direita da boca do rio Amazonas (Santo Antônio do Prata) até, pelo menos, o estado de São Paulo (inclusive o leste de Minas Gerais).

Ordem PSITTACIFORMES

Família PSITTACIDAE

Gênero **ANODORHYNCHUS** Spix

Anodorhynchus Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Brasil., I, p. 47. Tipo, *Anodorhynchus maximiliani* Spix (= *Psittacus maximiliani* Latham), por monotipia.

Anodorhynchus hyacinthinus (Latham)

Ararauna, Arara azul.

Psittacus hyacinthinus Latham, 1790, Ind. Orn., I, p. 84: localidade não indicada (o baixo Amazonas foi sugerido como pátria típica por Pinto, 1938).

Brasil setentrional e central, da margem meridional do baixo Amazonas (do rio Tapajós para leste), para leste (até o interior do Piauí e o noroeste da Bahia) e para o sul, onde vivem os buritizais, até o oeste extremo de São Paulo (rio Paraná, baixo Tietê), através de Mato Grosso, Goiás e oeste de Minas Gerais (rio São Francisco).

Anodorhynchus glaucus (Vieillot)

Macrocercus glaucus Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., II, p. 259 (com base em Azara, n.º 273): margens dos rios Paraná e Uruguai (como localidade típica foi designada Corrientes, por A. Steullet & E. ..eautier, 1939).

Baixa bacia dos rios Paraná e Uruguai (nordeste extremoda Argentina, Paraguay, Uruguay), inclusive a faixa fronteiriça do Brasil.

Anodorhynchus leari Bonaparte

Anodorhyinchus leari Bonaparte, 1856, Naumannia, VI, Consp. Psittac., em Beilage n.º 1 (com base em *Macrocercus hyacinthinus* Lear, não de Latham): sem indicação de localidade (havendo razões para considerar o noroeste da Bahia, como pátria típica).

Nordeste do Brasil, na região do baixo rio São Francisco (inclusive o rio Grande).

Sobre a pátria da espécic aditou Pinto (Pap. Avulsos do Departamento de Zoologia, IX, 1950, p. 364) alguns esclarecimentos, com base em exemplar procedente de Joazeiro (norte da Bahia).

Gênero **CYANOPSITTA** Bonaparte

Cyanopsitta Bonaparte, 1854, Rev. et. Magaz. de Zool., VI, p. 149. Tipo *Sittace spixii* Wagler (monotipia).

Cyanopsitta spixii (Wagler)

Sittace spixii Wagler, 1832, Monogr. Psitt., p. 675: "in Brasília, versus flumen Amazonum" (*errore*, o rio São Francisco, perto de Joazeiro, por design. de Hellmayr, 1906).

Sul do Piauí (alto Parnaíba) e noroeste da Bahia (rio Preto).

Gênero **ARA** Lacépède

Ara Lacépède, 1799, Tabl. Ois., p. 1. Tipo, *Psittacus macao* Linné (design. por Salvadori, 1891).

Ara macao (Linné)

Arara-piranga, Arara-canga.

Psittacus Macao Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 96, em parte (visto não pertencerem à espécie vários itens da sinonímia): América Meridional (o baixo Amazonas foi designado como pátria típica, Pinto, 1938).

Do sudeste do México e da América Central à América do Sul cisandina, desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) até o norte da Bolívia, inclusive o leste do Equador, nordeste do Peru e Brasil amazônico (das fronteiras setentrionais extremas ao leste do Pará e norte de Mato Grosso).

Ara chloroptera Gray

Arara vermelha, Arara-piranga, Arara verde (Uraricuera).

Ara chloroptera Gray, 1859, List Psittac. Brit. Mus., p. 26 (nome novo para *Psittacus macao* Auctorum, não de Linné): Guiana inglesa (pátria do tipo, *fide* Hellmayr, 1929).

Sul da América Central (leste do Panamá) e América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais (da Colômbia ao Suriname) ao norte extremo da Argentina, através da porção amazônica do Equador, do Peru e da Bolívia, inclusive o leste do Paraguay e as regiões densamente florestadas do Brasil oeste-setentrional (Amazônia) e oriental (do Piauí ao Paraná e sul de Mato Grosso).

Ara ararauna (Linné)

Arara-canindé.

Psittacus ararauna Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 96 (com base, precipuamente, em "Ararauna", de Marcgrave): América Meridional (pátria típica, nordeste do Brasil).

Leste do Panamá e América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais (do leste da Colômbia às Guianas) até o leste do Paraguay, através da porção amazônica do Equador, do Peru e da Bolívia, inclusive, primitivamente, todo o Brasil, excetuada a sua porção meridional extrema (Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Ara manilata (Boddaert)

Ararinha, Maracanã do buriti.

Psittacus manilatus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 52 (com base pl. enlum. 864 de Daubenton): Caiena.

América do Sul a leste dos Andes, desde o seu norte extremo (do sudeste da Colômbia às Guianas) até o leste do Equador, o norte do Peru, o Brasil amazônico (inclusive o norte de Mato Grosso) e centro-oriental, do sul do Piauí a Goiás (no sul, até o rio das Almas), inclusive o oeste da Bahia (rio Grande e afluentes).

Ara severa severa (Linné)

Psittacus severus Linné, 1758, Syst. Nat., p. 97: "in Indiis" (localidade subst. por Hellmayr (1906), pelo rio Amazonas (que se deve entender pela baixa porção deste último).

Norte da América Meridional cisandina, das Guianas à adjacente porção do Brasil amazônico (alto rio Branco), estendendo-se para o sul até o baixo Solimões (Codajás), à margem direita do baixo Amazonas (rio Tapajós) e o sul da Bahia (rio Pardo).

Ara severa castaneifrons Lafresnaye

Maracanã-guaçu.

Ara castaneifrons Lafresnaye, 1847, Rev. Zool., p. 66: Bolívia.

Porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina, desde a Colômbia e o oeste da Venezuela alto Orenoco) ao norte do Peru e da Bolívia, estendendo-se para leste ao Brasil oeste-amazônico (alto rio Juruá, rio Purus, rio Guaporé).

Ara maracana (Vieillot)

Ararinha, Maracanã.

Macrocercus maracana Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., II, p. 260 (com base em Azara, n.º 274): Paraguay e rio da Prata.

Do nordeste extremo da Argentina (Misiones) e do Paraguay ao Brasil setentrional (do estuário do rio Amazonas ao sul do Piauí), central (Mato Grosso e Goiás) e oriental, desde a Bahia até o Rio Grande do Sul (inclusive o leste de Minas).

Ara auricollis Cassin

Ara auricollis Cassin, 1853, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., VI, p. 372: Bolívia.

Do norte da Argentina e do Paraguay ao sul da Bolívia (Santa Cruz) e ao Brasil centro-ocidental, nos estados de Mato Grosso (desde o rio Guaporé ao extremo sul) e Goiás (ilha de Bananal).

Gênero **ARATINGA** Spix

Aratinga Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 29. Tipo, *Psittacus luteus* Boddaert (= *Psittacus solstitialis* Linné), design. por G. R. Gray, 1855.

Aratinga nobilis nobilis (Linné)

Psittacus nobilis Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 97: América Meridional (= Suriname).

América do Sul cisandina, desde os seus limites setentrionais (do leste da Venezuela às Guianas) até o Brasil oeste-setentrional (do norte extremo à margem esquerda do baixo Amazonas).

Aratinga nobilis cumanensis (Lichtenstein)

Maracanã.

Psittacus cumanensis Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 6: Brasil (como pátria típica sugiro o baixo Amazonas, marg. direita) .

Brasil setentrional, ao sul do baixo Amazonas desde o leste do Pará (região de Belém) e o norte extremo de Goiás (baixo Tocantins) até o sul do Piauí e o noroeste da Bahia (rio Grande).

Aratinga nobilis longipennis (Neumann)

Diopsitta nobilis longipennis Neumann, 1831, Mitteil. Zool. Mus. Berlin, VII, p. 441: rio São Miguel (Goiás).

Brasil central do sul de Mato Grosso e Goiás ao oeste de Minas Gerais e São Paulo).

Aratinga leucophthalmus leucophthalmus (Müller)
Arauá-i, Araguaí (S. Paulo).

Psittacus leucophthalmus P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Suplem., p. 75 (com base em Daubenton, pls. enlum. 167 e 407): Caiena.

Sul da América Central e América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais (do leste da Colômbia às Guianas) até o Uruguay e o norte da Argentina, inclusive o leste da Bolívia, o Paraguay e o Brasil (virtualmente em todos os estados excluida a porção mais ocidental da Amazônia).

Aratinga leucophthalmus callogenys (Salvadori)

Conurus callogenys Salvadori, 1891, Catal. Bds. Brit. Mus., XX, p. 171 (em chave) e 188: Sarayacu (Equador).

Leste do Equador e Brasil oeste-amazônico (de seus limites ocidentais ao baixo Solimões).

O reconhecimento da presente subespécie baseia-se no estudo de N. Gyldenstolpe (Arkiv för Zoologi, II, n.º 1, p. 62), que teve em mãos exemplares do rio Purus.

Aratinga acuticaudata acuticaudata (Vieillot)

Psittacus acuticaudatus Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Natur., XXV, p. 369 (com base em Azara, n.º 278): Paraguay.

América Meridional cisandina, desde o norte da Argentina (até as províncias de San Luiz e Córdoba) e do Uruguay ao sul da Bolívia, inclusive o Paraguay e as porções adjacentes do Brasil oeste-meridional (vale dos rios Paraguai e Cuiabá).

Aratinga acuticaudata haemorrhous Spix

Aratinga haemorrhous Spix, 1824,Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 29, tab. 13: interior da Bahia.

Brasil este-setentrional, no sul do Piauí (lago Parnaguá) e noroeste da Bahia (rio São Francisco, rio Grande e afluentes).

Aratinga guarouba (Gmelin)

Guira-juba, Guaruba, Marajuba.

Psittacus guarouba Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 174 (com base em "Guiaruba" de J. de Laet, "Qui Juba Tui" de Marcgrave): nordeste do Brasil.

Brasil setentrional, da margem direita do baixo Amazonas do rio Tapajós para leste, até, primitivamente, todo o nordeste do Brasil (hoje não além do estado do Maranhão).

Aratinga solstitialis solstitialis (Linné)

Psittacus solstitialis Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 141 (com base em Albin, "Petit Perroquet d'Angola"): Caiena (design. por Hellmayr, 1906, em substituição à localid. errônea).

Norte da América Meridional cisandina, das Guianas à adjacente porção do Brasil (até a margem esquerda do baixo Amazonas).

Aratinga solstitialis jandaya (Gmelin)

Jandaia.

Psittacus Jandaya Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 319 (com base em "Jendaya", de Marcgrave): nordeste do Brasil (Pernambuco é tido como pátria típica).

Nordeste do Brasil, do Maranhão e do norte de Goiás aos limites setentrionais da Bahia.

Aratinga solstitialis auricapilla (Kuhl)

Jandaia.

Psittacus auricapillus Kuhl, 1820, Nova Acta Acad. Caes. Leopold. Carol., X, p. 20: Brasil (como pátria típica é tido o sul da Bahia).

Brasil este-meridional, do interior da Bahia ao norte do Paraná, inclusive Minas Gerais e sul de Goiás.

Aratinga weddellii (Deville)

Conurus weddellii Deville, 1851, Rev. Magaz. Zool., (2), III, p. 209: Pebas (rio Marañon, Peru).

Porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina, desde o sudeste da Colômbia ao norte da Bolívia, inclusive a porção amazônica do Equador, o nordeste do Peru e o Brasil ocidental, ao sul do rio Amazonas (inclusive os rios Madeira e Guaporé).

Aratinga cactorum cactorum (Kuhl)

Psittacus cactorum Kuhl, 1820, Consp. Psittac., p. 82: Brasil (= interior da Bahia, *ex* Wied).

Campos secos e caatingas do interior da Bahia (inclusive o rio São Francisco) e norte de Minas Gerais.

Aratinga cactorum caixana Spix

Periquito-gangarra (Paraíba), *Giguilim* (Pernambuco).

Aratinga caixana Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 34, tab. 19. fig. 1: Caxias (interior do Maranhão).

Caatingas do nordeste do Brasil (da região de Belém e do Maranhão a Pernambuco).

Aratinga pertinax chrysophrys (Swainson)

[*Psittacus pertinax* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 98: Índias (i.é, I. Ocidentais, pátria típica, ilha de Curaçao)].

Conurus chrysophrys Swainson, 1838, Anim. in Menager., p. 380: Guiana.

Norte da América Meridional, no sudeste da Venezuela e na Guiana (inglêsa), inclusive a adjacente porção do Brasil amazônico (alto rio Branco).

Aratinga pertinax chrysogenys (Massena & Souancé)

Conurus chrysogenys Massena & Souancé, 1854, Rev. Magaz. Zool., (2), VI, p. 72: "rio Negro e Colômbia".

Sudeste da Colômbia e Brasil oeste-setentrionalM extremo (alto rio Negro).

A presente subespécie é tida como boa por Zimmer & Phelps (Amer. Mus. Novit., n.º 1511, p. 7, maio de 1951), que registram quatro exemplares do alto rio Negro.

Aratinga pertinax paraensis Sick

Aratinga cactorum paraënsis H. Sick, 1959, Journ. f. Ornithol., C, Heft 4, p. 413: alto rio Cururu (afl. do alto Tapajós, margem direita).

Só conhecida da região do rio Cururu, afluente oriental do alto Tapajós (Pará).

Para mais pormenores cf. H. Sick, 1963, Journ. f. Ornithol., vol. 104, págs. 441-3.

Aratinga aurea aurea (Gmelin)

Jandaia, Periquito-rei, P. estrela.

Psittacus aureus Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 329 (com base no "Golden crowned Parrakeet" de Edwards): Brasil (Bahia, pátria típica designada por Cherrie & Reichenberger, 1921).

Brasil oriental (das margens ambas do baixo Amazonas ao Rio Grande do Sul) e central (inclusive todo o estado de Mato Grosso), estendendo-se ao leste da Bolívia.

Gênero **NANDAYUS** Bonaparte

Nandayus Bonaparte, 1854, Rev. Magaz. Zool., (2), VI, p. 150. Tipo, *Psittacus melanocephalus* Vieillot (= *Psittacus nenday* Vieillot), por monotipia.

Nandayus nenday (Vieillot)

Psittacus nenday Vieillot, 1823, Tab. Encycl. Méthod., Orn., pte. 3, p. 1400 (com base em Azara, n.º 279): Paraguay.

Porção centro-ocidental da América do Sul, do sudeste da Bolívia ao norte da República Argentina, inclusive o Paraguay e a região adjacente do Brasil (sudoeste de Mato Grosso).

Gênero **PYRRHURA** Bonaparte

Pyrrhura Bonaparte, 1856, Naumannia, VI, Consp. Gen. Psittac., gen. 15. Tipo, *Psittacus vittatus* Shaw, não Boddaert (= *Psittacus frontalis* Vieillot), design. original.

Pyrrhura cruentata (Wied)

Tiriba, Tiriva, Fura-mato.

Psittacus cruentata Wied, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 72: Rio de Janeiro (fazenda Tiririca, não longe de Cabo Frio).

Faixa atlântica florestada do Brasil médio-oriental, da Bahia (ao sul da baía de Todos os Santos) ao Rio de Janeiro (inclusive o leste de Minas Gerais).

Pyrrhura frontalis frontalis (Vieillot)

Tiriba.

Psittacus frontalis Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXV, p. (com base na pl. 17 da Hist. Nat. Perroquets, de Levaillant): "Caiena" (localid. errônea; Rio de Janeiro, designado como pátria típica por Laubmann, 1932).

Brasil médio-oriental, da Bahia (Bonfim) ao nordeste extremo de São Paulo (Serra da Bocaina), inclusive o sudeste de Minas Gerais (Vargem Alegre).

Pyrrhura frontalis kriegi Laubmann

Pyrrhura frontalis kriegi Laubmann, 1932, Anz. Ornithol. Gesells., II, p. 217: Água Suja (perto de Estrela do Sul, no oeste de Minas Gerais).

Nordeste extremo da República Argentina (Misiones) e Brasil meridional, do sudoeste de Minas ao Rio Grande do Sul (inclusive o rio Uruguai).

Pyrrhura devillei (Massena & Souancé)

Conurus Devillei Massena & Souancé, 1854, Rev. Magaz. Zool., (2), VI, p. 73: Bolívia.

Sudeste da Bolívia e Brasil oeste-meridional no sul de Mato Grosso (Coxim, Miranda, rio Apa).

Pyrrhura perlata perlata (Spix)

Aratinga perlata Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 35, tab. 20, figs. 1 e 2: rio Amazonas (como pátria típica é lícito adotar a região de Belém).

Margem direita do estuário do rio Amazonas (inclusive a região de Bragança e do rio Capim).

Pyrrhura perlata anerythra Neumann

Pyrrhura perlata anerythra Neumann, 1927, Orn. Monatsber., XXXV, p. 89: Arumateua (baixo Tocantins).

Margem direita do baixo Amazonas, no baixo Tocantins (ambas as margens) e convizinhaças (rio Pracupi).

Pyrrhura perlata caerulescens Neumann

Pyrrhura perlata caerulescens Neumann, 1927, XXXC, p. 89: Miritiba (norte do Maranhão).

Só conhecida do norte do estado do Maranhão (região de Miritiba).

Pyrrhura picta picta (Müller)

Psittacus pictus P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Suplem., p. 75 (com base em Daubenton, Pl. enlum. 144): Caiena.

América do Sul oeste-setentrional cisandina, do sul da Venezuela às Guianas, inclusive a porção setentrional extrema do Brasil, adjacente a estas últimas (território do Amapá).

Pyrrhura picta amazonum Hellmayr

Marrequém-do-igapó.

Pyrrhura picta amazonum Hellmayr, 1906, Bull. Brit. Orn. Club, XIX, p. 8: Óbidos (margem esq. do baixo Amazonas).

Brasil setentrional, ao norte e ao sul do baixo Amazonas (inclusive o rio Tapajós), estendendo-se para o sul até o norte de Goiás.

Pyrrhura picta lucianii (Deville)

Conurus Lucianii Deville, 1851, Rev. Magz. Zool., (2), III, p. 210: rio Amazonas (= Tefé, *fide* Hellmayr, 1907, na margem direita do rio Solimões).

Brasil ocidental, ao sul do rio Solimões (inclusive o rio Madeira e seu afluente Gi-Paraná).

Pyrrhura picta roseifrons (Gray)

Conurus roseifrons G. R. Gray, 1859, Hand-List Bds. Brit. Mus., *Psittaci*, p. 42: alto Amazonas (como pátria típica foi designado o alto Juruá, por N. Gyldenstolpe, 1945).

Alto Amazonas, do leste do Peru as altas porções dos afluentes ocidentais do rio Solimões (alto Juruá).

Pyrrhura leucotis leucotis (Kuhl)

Tiriba, Fura-mato.

Psittacus leucotis Kuhl, 1820, Nova Acta Acad. Caes. Leopold. Carol., X, p. 21: Brasil (Bahia, design. como pátria típica por Pinto, 1938).

Brasil médio-oriental, do sudeste da Bahia ao Rio de Janeiro e leste de Minas Gerais (bacia do rio Doce).

Pyrrhura leucotis griseipectus Salvadori

Pyrrhura griseipectus Salvadori, 1900, Ibis, (7), VI, p. 672: pátria não indicada (como tal, o Ceará foi design. por Pinto, 1938).

Nordeste do Brasil, no norte do Ceará (serra de Baturité).

Pyrrhura leucotis pfrimeri Miran-Ribeiro

Pyrrhura pfrimeri Miranda-Ribeiro, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, (20), p. 36: Santa Maria de Taguatinga (leste de Goiás).

Brasil central, na porção oriental do estado de Goiás.

Pyrrhura egregia egregia (Sclater)

Conurus egregius Sclater, 1881, Ibis, p. 130, pl. IV: Demerara (= Guiana, inglesa).

Norte da América Meridional cisandina, no sudeste extremo da Venezuela, sul da Guiana (inglêsa) e região adjacente do Brasil (monte Roraima).

Se válida, *P. egregia obscura* Zimmer & Phelps, 1946 (Amer. Mus. Novit., n.º 1312, p. 5), de Cerro Auyan Tepui, ocorrerá também no território brasileiro limítrofe.

Pyrrhura egregia obscura Zimmer & Phelps

Pyrrhura egregia obscura Zimmer & Phelps, 1946, Amer. Mus. Novit., n.º 1312, p. 5: monte Auyan Tepui.

Serra limitrofe da Venezuela com o Brasil (monte do Sol).

Presença em território brasileiro asseverada por Phelps & Phelps (Bol. Soc. Venezol. Ci. Nat., 1962, n.º 101, p. 34.

Pyrrhura melanura melanura (Spix)

Aratinga melanurus Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 36, tab. 22.

América oeste-setentrional a leste dos Andes (do sul da Venezuela ao nordeste do Peru), inclusive o oeste-setentrião da Amazônia brasileira (alto rio Negro).

Pyrrhura molinae sordida Todd

[*Conurus molinae* Massena & Souancé, 1854, Rev. Magaz. Zool., (2), VI, p. 73: Bolívia].

Pyrrhura molinae sordida Todd, 1847, Ann. Carn. Mus., XXX, p. 322: Puerto Suarez (sudeste da Bolívia).

Sudeste da Bolívia e Brasil centro-ocidental, no estado de Mato Grosso (do rio Guaporé ao baixo Paraguay).

Pyrrhura hypoxantha Salvadori

Pyrrhura hypoxantha Salvadori, 1899, Bol. Mus. Zool. Torino, XIV, p. 1: Urucúm (sudoeste de Mato Grosso, perto de Corumbá), oeste de Mato Grosso, na região do baixo Paraguai (Corumbá).

Muito semelhante a *Pyrrhura molinae*, parece pendente ainda de confirmação a validez da presente forma, de que há um exemplo no Museu de Zoologia de Universidade de São Paulo (coligido por E. Garbe em Corumbá).

Pyrrhura rhodogaster (Sclater)

Conurus rhodogaster Sclater, 1870, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 298, pl. 24: Borba (embocadura do rio Madeira, mag. direita).

Margem direita do médio Amazonas, do rio Madeira (inclusive o Gi-Paraná) para leste, até o Tapajós (ambas as margens) e, para o sul, até o alto rio Paraguai (rio Jauru).

Gênero **MYOPSITTA** Bonaparte

Myiopsitta Bonaparte, 1854, Rev. Magaz. Zool., (2), VI, p. 150. Tipo, *Psittacus murinus* Gmelin (= *Psittacus monachus* Boddaert), design. de Gray, 1855.

Myiopsitta monachus monachus (Boddaert)

Psittacus monachus Boddaert, 1854, Tabl. Pl. Enlum., p. 48 (com base em Daubenton, pl. enlum. 768): sem indicação de localidade (Montevidéo, pátria típica suger. por Brabourne & Chubb).

Leste da República Argentina (inclusive província de Buenos Aires), Uruguay e sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

Myopsitta monachus cotorra (Vieillot)

Catorrita, Periquito do pantanal.

Psittacus cotorra Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXV, 362 (com base em Azara, n.º 282): Paraguay.

Norte extremo da Argentina (Formosa), Paraguay e Brasil centro--ocidental (bacia do rio Paraguai).

Gênero **BROTOGERIS** Vigors

Brotogeris Vigors, 1825, Zool. Journ., II, p. 400. Tipo, *Psittacus pyrrhopterus* Latham (design. orig.).

Brotogeris viridissimus (Kuhl)

Psittacus viridissimus Kuhl, 1820, Consp. Psittac., p. 25: Brasil (Bahia, pátria típica provável).

Brasil oriental, da Bahia ao Rio Grande do Sul, inclusive o leste de Minas Gerais.

Conforme pensamos ter demonstrado (comentários à edição brasileira da "Historia Naturalis Brasiliae" de Marcgrave, pág. LXXI), a razão deve estar com os que não aceitam *Psittacus tirica* Gmelin como nome do presente periquito, que não ocorre no nordeste do Brasil, considerando-o, pelo contrário, simples sinônimo de *P. passerinus* Linné, tendo uma fêmea deste servido de base à espécie de Gmelin (Syst. Nat., I, p. 351).

Brotogeris versicolorus versicolorus (Müller)
Periquito-da-campina.

Psittacus versicolorus P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Suplem., p. 75 (baseado essencialmente em Buffon e Daubenton, pl. enlum. 359): Caiena.

América do Sul oeste-setentrional cisandina, na Guiana Francesa e porção amazônica da Colômbia, do Equador e do Peru, inclusive o Brasil amazônico (desde os seus limites setentrionais extremos até as margens ambas do baixo Amazonas e respectivo estuário).

Brotogeris versicolorus chiriri (Vieillot)

Psittacus chiriri Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXV, p. 359 (com base em Azara, n.º 283): Paraguay.

Nordeste da Argentina (Chaco, Misiones), leste do Paraguay, sudeste da Bolívia, Brasil central (inclusive o sul extremo do Pará) e oriental, desde o norte do Maranhão e Ceará (serra Baturité), até o oeste de São Paulo (inclusive Minas Gerais).

Brotogeris cyanopterus cyanopterus (Pelzeln)

Sttace cyanoptera Pelzeln, 1870, Orn. Bras., (3), p. 260 (na sinonímia de "*Brotogeris jugularis*"): rios Içana e Uaupés.

América do sul oeste-setentrional cisandina, do sudeste da Colômbia e sul da Venezuela ao norte da Bolívia, através da porção amazônica do Equador, do nordeste do Peru e do extremo noroeste do Brasil, ao norte e ao sul do rio Solimões (inclusive o Acre).

Brotogeris chrysopterus chrysopterus (Linné)

Psittacus chrysopterus Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 149 (com base em Edwards, Gean., VI, p. 177, pl. 293, fig. 2): Índia (localid. ambígua, substituída pela Guiana, i.e. Caiena, por Brabourne & Chubb, 1912).

Do sul da Venezuela e das Guianas ao norte do Brasil, desde as suas fronteiras com esses países até a margem setentrional do baixo Amazonas (Óbidos).

Brotogeris chrysopterus tuipara (Gmelin)

Psittacus Tuipara Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 348 (com base, indiretamente, em Marcgrave): Brasil (= nordeste brasileiro).

Brasil setentrional, ao sul do baixo Amazonas, desde o rio Tapajós até a região de Belém (inclusive o rio Capim) e o norte do Maranhão.

Brotogeris chrysopterus solimoensis Gyldenstolpe

Brotogeris chrysopterus solimoensis Gyldenstolpe, 1941, Ark. f. Zool., XXXIII B, n.º 12, p. 10: Codajás (rio Solimões, marg. esquerda).

Brasil oeste-setentrional, na margem esquerda do baixo Solimões.

Brotogeris chrysopterus tenuifrons Friedmann

Brotogeris chrysopterus tenuifrons Friedmann, 1945, Proc. Biol. Soc. Wash., LVIII, p. 114: Santa Isabel (alto rio Negro).

Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

Brotogeris chrysopterus chrysosema Sclater

Brotogerys chrysosema Sclater, 1864, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 298: Brasil (= cachoeira das Pederneiras, no alto Madeira).

Ao sul do rio Solimões, no alto rio Madeira (inclusive o rio Gi--Paraná).

Brotogeris sanctithomae sanctihomae (Müller)
Periquito-estrela.

Psittacus St. Thomae P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Suplem. p. 81 (com base em Daubenton, pl. enlum. 456, fig. I): "Ilha de São Tomé" (local. errônea, substit. pelo rio Amazonas, Hellmayr, 1907).

Porção amazônica do Equador e do Peru, nordeste da Bolívia e Brasil oeste-setentrional, ao norte e ao sul do rio Solimões (inclusive o alto Madeira).

Brotogeris sanctithomae takatsukasae Neumann

Brotogeris st. thomae taka tsukasae Neumann, 1931, Mitteil. Zool. Mus. Berlin, XVII, p. 442: margem setentrional do baixo Amazonas (em oposição a Santarém).

Margens ambas do baixo Amazonas (inclusive o baixo Madeira).

Gênero **FORPUS** Boie

Forpus Boie, 1858, Journ. f. Ornithol., VI, p. 363. Tipo, *Psittacus passerinus* Linné, (designação de Ridgway, 1916).

Forpus passerinus passerinus (Linné)

Psittacus passerinus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 103: América (Suriname, local. típica, designada por Berlepsch, 1908).

Guianas e região adjacente do extremo norte do Brasil.

Forpus passerinus deliciosus (Ridgway)

Periquito do Espírito-Santo.

Psittasula deliciosa Ridgway, 1888, Proc. Un. Nat. Mus., X, p. 545: Diamantina (perto de Santarém).

Baixo Amazonas (dos rios Negro e baixo Madeira para leste).

Forpus passerinus cyanochlorus (Schlegel)

Psittacula cyanochlora Schlegel, 1864, Mus. Pays-Bas, III, Psittaci, p. 31: Forte do Rio Branco.

Norte extremo do Brasil, na região do alto rio Negro e seu tributário rio Branco.

Forpus crassirostris crassirostris (Taczanowski)

Psittacula crassirostris Taczanowski, 1883, Proc. Zool. Soc. London, p. 72: Yurimaguas (leste do Peru).

Leste do Equador, nordeste do Peru e Brasil oeste-amazônico (ao norte e ao sul do rio Solimões).

Tanto esta, como as duas subespécies que se lhe seguem, têm sido geralmente referidas a *Psittaculus vanthopterygius* Spix (Av. Nov. Bras., I, p. 31, tab. XXXIV, fig. 1), cujo ♂, tipo da espécie, prova ser um exemplar imaturo de *Tirica chiriri* (Vieillot), conforme verificara autopticamente Hellmayr (Abbandl. K. Bayer. Akad. Wissens., II Kl., XXII Bd., III Abt., 1905, p. 580) e, aliás, se depreende da estampa respectiva. Cf. Pinto, Rev. Argentina de Zoogeografia, V. p. 16 (1945). *Forpus xanthopterygius olallae* Gyldenstolpe, 1945 (Kungl. Sv. Vet. Akad. Hand., XXII, n.º 3, pág. 55), cujo tipo é do Lago Canaçari, ao norte do médio Amazonas, é tido como sinônimo de *F. c. crassirostris*. Cf. Glydenstolpe, Arkiv f. Zoologi, II, n.º I (1951).

Forpus crssirostris flavissimus Hellmayr

Forpus passerinus flavissimus Hellmayr, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 446: Turiaçu (norte do Maranhão).

Nordeste do Brasil (Maranhão, Pernambuco).

Forpus crassirostris vividus (Ridgway)

Periquito.

Psittacula passerina vivida Ridgway, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 539: Bahia.

Brasil oriental, de Alagoas ao Rio Grande do Sul (inclusive Minas Gerais) e central (Goiás e leste de Mato Grosso).

Forpus sclateri sclateri (Gray)

Psittacula sclateri G.R. Gray, 1859, List Bds. Brit. Mus., Psittac., p. 86: rio Javari (margem peruana).

Porção amazônica do Equador e do Peru, nordeste da Bolívia e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (inclusive o Acre).

Forpus sclateri eidos Peters

Forpus sclateri eidos Peters, 1937, Check-list Bds. World, III, p. 205 (nome novo para *Psittacula modesta* Cabanis 1848, não de Fraser 1845): Guiana, inglesa.

Norte da América Meridional cisandina (do sudeste da Colômbia às Guianas), inclusive o Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

Gênero **TOUIT** Gray

Touit G. R. Gray, 1855, Catal. Gen. Subgen. Bds., p. 89. Tipo, *Psittacus huetti* Temminck.

Touit purpurata purpurata (Gmelin)
Periquito.

Psittacus purpuratus Gmelin, 1788, Syst. Nat., I. p. 350 (com base no "Purple tailed" de Latham): Caiena.

Norte da América Meridional, do sudeste da Venezuela (alto Orenoco) e das Guianas ao extremo norte do Brasil, desde as suas fronteiras setentrionais (alto rio Negro) até o rio Amazonas, inclusive o leste do Pará (região de Belém, Bragança e rio Capim).

Touit melanonota (Wied)
Periquitinho.

Psittacus melanonotus Wied, 1820, Reise n. Bras., I, p. 275, em nota: rio Peruípe (sul da Bahia).

Urochroma wiedi Allen, 1889, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., II, p. 264 (nome novo para *Psittacus melanonotus* Wied, supostamente pre-ocupado por *Ps. melanotus* Shaw).

Faixa litorânea florestada do Brasil oriental (do sul da Bahia ao Rio de Janeiro e São Paulo (Iguape, Itatiaia).

Touit huetii (Temminck)

Psittacus huetii Temminck, 1830, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 491: América Meridional (Peru, pátria suposta).

América do Sul oeste-setentrional cisandina, desde o sudeste da Colômbia à Guiana inglêsa (também em Trinidad) até a porção oriental do Equador do Peru e à Amazônia brasileira, (rio Tocantins, serra do Cachimbo e região de Belém).

Touit surda (Kuhl)

Periquitinho surdo.

Psittacus surdus Kuhl, 1820, Nova Acta Acad. Caes. Leop. Carol., X, p. 59: Brasil (Bahia, pátria típica suger. por Pinto, 1935).

Faixa marítima do Brasil oriental (da Paraíba a São Paulo).

Na sinonímia da espécie parece dever incluir-se *Touit surda ruficauda* Berla, 1954 (Rev. Brasil. de Biol., XIV, p. 59), dos arredores de Recife (Pernambuco).

Gênero **PIONITES** Heine

Pionites Heine, 1890, em Heine & Reichenow, Nomencl. Mus. Hein., Orn., p. 231. Tipo *Psittacus melanocephalus* Linné (design. de Salvadori, 1891).

Pionites melanocephala melanocephala (Linné)

Maipure, Periquito de cabeça preta.

Psittacus melanocephalus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 102 (com base na estampa 169 de Edwards, 1751): México (local. errônea, em lugar de Caracas).

Norte da América Meridional cisandina (da Venezuela à Guiana). inclusive o Brasil oeste-setentrional, desde suas fronteiras (inclusive o alto rio Negro) até a margem esquerda do rio Amazonas.

Pionites leucogaster leucogaster (Kuhl)

Marianinha, Periquito de anta.

Psittacus leucogaster Kuhl, 1829, Nov. Act. Acad. Caes. Leop. Carol., X, p. 70: Brasil (a região de Belém, do Pará, foi alvitrada como pátria típica, Pinto, 1938).

Margem meridional do baixo Amazonas(do Tapajós para leste), inclusive o leste do Pará (região de Belém e Bragança).

Pionites leucogaster xanthomeria (Sclater)

Caica xanthomeria Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., XXV, p. 266: alto Amazonas (= rio Javari).

Porção amazônica do Equador e do Peru, Brasil oeste-setentrional, ao sul do alto Solimões (inclusive o Acre).

Pionites leucogaster xanthurus Todd

Pionites xanthurus Todd, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 113: Nova Olinda (rio Purus, marg. esquerda).

Margem direita do baixo Solimões (Tefé), desde a margem direita do Juruá (rio Chiruã) até as margens ambas do rio Madeira (inclusive o seu afluente Gi-Paraná).

Gênero **PIONOPSITTA** Bonaparte

Pionopsitta Bonaparte, 1854, Rev. Magaz. Zool., (2), VI, p. 152. Tipo, *Psittacus pileatus* Scopoli (monotipia).

Pionopsitta pileata (Scopoli)

Periquito-rei, Cuiú-cuiú, Caturra.

Psittacus pileatus Scopoli, 1767, Annus I, Hist.-Nat., p. 32: localid. não indicada (como pátria restr. Brab. & Chubb, 1912, designaram o sudeste do Brasil).

Nordeste da Argentina, sul do Paraguay e Brasil este-meridional (do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul).

Pionopsitta caica (Latham)

Papagainho.

Psittacus Caica Latham., 1790, Ind. Orn., I, p. 128 (com base em Buffon e Daubenton, pl. enlum. 774): Caiena.

América do Sul oeste-setentrional cisandina (do sudeste da Venezuela às Guianas), incluindo o extremo norte do Brasil e a margem esquerda do baixo Amazonas (inclusive a região de Itacoatiara).

Pionopsitta barrabandi barrabandi (Kuhl)

Psittacus Barrabandi Kuhl, 1820, Nova Acta Acad. Caes. Leop. Carol., X, p. 61 (com base em Levaillant, 1805, p. 134): Brasil

(como localid. típica foi designado o alto rio Negro, Gyldenstolpe, 1951).

Porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina, do sul da Colômbia e da Venezuela ao leste do Equador, nordeste do Peru e extremo noroeste do Brasil (alto rio Negro, rio Branco) até a margem esquerda do rio Solimões.

Pionopsitta barrabandi aurantiigena Gyldenstolpe

Pionopsitta barrabandi aurantiigena Gyldenstolpe, 1951, Ark. f. Zool., (2). II, p. 67: Igarapé do Castanha (rio Purus, marg. dir.).

Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (inclusive o alto Madeira e seu afluente Gi-Paraná).

Gênero **GYPOPSITTA** Bonaparte

Gynopsitta Bonaparte, 1856, Naumannia, I, Consp. Psittac., Gen. 25. Tipo, *Psittacus vulturinus* Kuhl (monotipia).

Gypopsitta vulturina (Kuhl)

Periquito-urubu, Urubu-paraguá.

Psittacus vulturinus Kuhl, 1820, Nov. Act. Acad. Caes. Leop. Carol., X, p. 62: Brasil (Belém, do Pará, plausível como pátria típica).

Norte da América do Sul cisandina, no sudeste da Venezuela, na Guiana e, no Brasil, ao sul do rio Amazonas (da margem direita do baixo Madeira para leste), inclusive a região de Belém e o leste do Pará (até o rio Gurupi).

Gênero **GRAYDIDASCALUS** Bonaparte

Graydidascalus Bonaparte, 1854, Rev. Magaz. Zool., (2), VI, p. 147. Tipo, *Psittacus viridissimus* "Spix" (i.e. Swainson) = *Psittacus brachyurus* Kuhl.

Graydidascalus brachyurus (Kuhl)

Psittacus brachyurus Kuhl, 1820, Nov. Act. Acad. Caes. Leop. Carol., X, p. 72: Caiena.

Porção amazônica da Colômbia, do Equador e do Peru, Brasil oeste-setentrional, nas margens ambas do rio Solimões e do baixo Amazonas (inclusive a região ao norte e ao sul do estuário).

Gênero **PIONUS** Wagler

Pionus Wagler, 1832, Abh. K. Bayer. Akad. Wissens., mathem--physik. Kl., I, p. 497. Tipo *Psittacus menstruus* Linné (por design. de Gray, 1840).

Pionus menstruus menstruus (Linné)
Maitaca, Baitaca.

Psittacus menstruus Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 148 (com basc no *Psittacus guianensis cyanocephalus,* de Brisson): Suriname.

Porção meridional da América Central e oeste-setentrional da América do Sul cisandina (também na vertente pacífica da Colômbia) desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às três Guianas) até o norte da Bolívia, inclusive o leste do Equador, o nordeste do Peru, o Brasil oeste-setentrional (dos limites ocidentais da Amazônia ao norte do Maranhão e de Mato Grosso) e central (Goiás).

Pionus menstruus reichenowi (Heine)
Maitaca, Suia, Sijá.

Pionias reichenowi Heine, 1884, Journ. f. Ornithologie, XXXII, p. 264: norte do Brasil (como pátria típica sugiro Bahia).

Pionus menstruus cyanescens Pinto, 1960, Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, XIV, p. 12: rio Jucurucu (sul da Bahia).

Faixa litorânea florestada do Brasil médio-oriental (de Alagoas ao Rio de Janeiro).

Sobre o nome conferido aqui à subespécie cf. Charles E. O'Brien, Auk, vol. 85, out. de 1968, pp. 694-5. Devo a K. C. Parkes o haver chamado a atenção para o fato de achar-se *Pionus m. cyanescens* Pinto, 1960, pré-ocupado por *P. chalcopterus oyanescens* Schauensee, 1944 (Notulae naturae, n.º 140, p. 4), motivo pelo qual foi substituído por *Pionus menstruus chlorocyanescens* Pinto, 1962, Pap. Avulsos do Dept. de Zoologia, XV, (22), p. 301.

Pionus maximiliani maximiliani (Kuhl)
Maitaca Suia.

Psittacus maximiliani Kuhl, 1820, Nov. Act. Akad. Caes. Leop. Carol., X, p. 72: Brasil (= Viçosa, sul da Bahia, Wied col.).

Brasil este-setentrional (do Ceará até o norte do Espírito Santo), inclusive o norte extremo de Minas Gerais.

Pionus maximiliani melanoblepharus Miranda Ribeiro

Pionus maximiliani melanoblepharus Miranda Ribeiro, 1920, Rev. Mus. Paulo, XII, (2), p. 61 (no texto): Teresópolis.

Brasil este-meridional (do rio Doce ao norte do Rio Grande do Sul) e central (Minas Gerais, Goiás).

Pionus maximiliani siy (Souancé)

Pionus siy Souancé, 1856, Rev. Magaz. Zool., (2), VIII, p. 155: Paraguay (e Bolívia).

Do sudeste da Bolívia e do Paraguay ao norte da Argentina e sul extremo do Brasil (rio Uruguai), inclusive o sul de Mato Grosso (baixo Paraguai).

Pionus fuscus (Müller)

Maitaca roxa, Paraná-i.

Psittacus fuscus P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Suplem., p. 78 (com base em Edwards, Glean., p. 315 e em Daubenton, pl. enlum. 408): Caiena.

Oeste-setentrião da América Meridional cisandina (do nordeste da Colômbia às Guianas), inclusive quase todo o Brasil amazônico (das fronteiras setentrionais extremas e do baixo Solimões para leste, até o norte do Maranhão).

Gênero **AMAZONA** Lesson

Amazona Lesson, 1831, Traité d'Orn., p. 189. Tipo *Psittacus farinosus* Boddaert (design. de Salvadori, 1891).

Amazona vinacea (Kuhl)

Papagaio de peito roxo.

Psittacus vinaceaus Kuhl, 1820 (*ex* Wied MS) Nova Acta Acad. Caes. Leop. Carol., X, Consp. Psttac., p. 77: Brasil (= Barra da Vereda, sul da Bahia).

Norte extremo da Argentina, sul do Paraguay e Brasil este-meridional, desde o sul da Bahia até o Rio Grande do Sul (inclusive o leste de Minas Gerais).

Tem-se como inseparável *Amazona vinacea paranensis* Bertoni, 1927 (Rev. Socied. Cient. del Paraguay, II. p. 149), sobre a qual longamente se ocupou A. Laubmann (Zool. Sammlung des Bayer, Staates (Ibero-Amerikanisches Inst. Hamburg, XIII, 1940, pp. 154-162).

Amazona dufresniana rhodocorytha (Salvadori)
Chauá, Chauã, Camutanga, Papagaio-cachorro.

[*Psittacus dufresnianus* Shaw, 1812, Gen. Zool., VIII, (2), p. 513: Caiena].

Chrysotis rhodocorytha Salvadori, 1890, The Ibis, (6), II, p. 370: (nome novo para *Psittacus dufresnianus* Kuhl, 1820, não de Shaw): meio leste novo para *Psittacus* do Brasil (Wied col.).

Faixa litorânea florestada do Brasil médio-oriental desde Alagoas até o Rio de Janeiro, inclusive o leste de Minas Gerais (rio Sussuí, Machacalis).

Em minucioso estudo vindo à luz poucos anos atrás (Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, XV, pp. 67-77, julho de 1962), *Amazona rhodocorytha* e *A. dufresniana* são consideradas subespécies de *A. brasiliensis* por Hélio Camargo, nisso acompanhado por Rud. Schauensee (Birds of the South America, 1966, p. 134) e H. Sick (Staden Jahrbuch, XVII, 1969, p. 43). Sem desapreço pelos pontos de vista desses eminentes colegas, razões de peso parecem existir para seguir-se aqui o exemplo divergente de Peters, em seu conhecido catálogo (Check-List of the Birds of the World, III, 1937, p. 219).

Amazona brasiliensis (Linné)

Psittacus brasiliensis Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 147 (com base no *Psittacus viridis brasiliensis*, de Edwards): Brasil (pátria típica, litoral de São Paulo, designada por Pinto, 1938).

Matas costeiras do Brasil este-meridional, do sul de São Paulo (Cananéia) ao norte do Rio Grande do Sul (Lajes).

Amazona pretrei pretrei (Temminck)
Papagaio chorão, Maragato.

Psittacus Pretrei Temminck, 1830, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 492: México (localid. errônea que Brabourne & Chubb, 1912, substituiram por sudeste do Brasil).

Nordeste extremo da Argentina (Misiones), norte do Uruguay e, nos dias atuais, extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

Amazona autumnalis diadema (Spix)
Cavacué.

[*Psittacus autumnalis* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 102 (com base em Edwards, pl. 164): Antilhas (local. errônea)].

Psttacus diadema Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 43, tab. 32: rio Solimões.

Brasil oeste-amazônico, na margem esquerda do rio Solimões (inclusive o baixo rio Negro).

Amazona xanthops (Spix)

Papagaio curraleiro, P. galego, P. goiabeiro, P. acurau, Chorão.

Psittacus xanthops Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 39, tab. 26: interior de Minas Gerais.

Interior do Brasil este-setentrional (sul do Piauí, oeste da Bahia) e central (inclusive oeste de Minas e de São Paulo).

Amazona farinosa farinosa (Boddaert)

Moleiro, Juru, Ageru.

Psittacus farinosus Boddaert, 1783, Tabl. pl. enlum. 861: Caiena.

Sul extremo da América Central e América Meridional cisandina (também na vertente pacífica da Colômbia), desde a Colômbia até as Guianas) até o norte da Bolívia (inclusive o leste do Equador e o norte do Peru) e o Brasil, em toda bacia amazônica (inclusive o norte de Mato Grosso) e na faixa outrora densamente florestada do Brasil este-meridional (do sul da Bahia ao litoral de São Paulo, inclusive o leste de Minas Gerais).

Amazona aestiva aestiva (Linné)

Papagaio-verdadeiro, Ajuru-etê.

Psittacus aestivus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 101 (com base em Aldrovandus e outros autores antigos): América (sul do Brasil, pátria típica escolhida por Hellmayr, 1906).

Formações campestres e caatingas do Brasil oriental, desde o sul do Piauí e o norte de Goiás até o Rio Grande do Sul (*fide* Belton).

Amazona aestiva xanthopteryx (Berlepsch)

Papagaio-trombeteiro.

Chrysotis aestiva xanthopteryx Berlepsch, 1896, Orn. Monastber., IV, p. 173: Bueys (leste da Bolívia).

Do leste da Bolívia ao norte da Argentina, inclusive o Paraguay e o Brasil oeste-meridional, desde Mato Grosso e sul de Goiás até o oeste extremo de São Paulo e do Paraná.

Amazona ochrocephala ochrocephala (Gmelin)

Psittacus ochrocephalus Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 339 (com base, principalmente, em "Amazone à tête jaune", de

Buffon): América do Sul (pátria típica Venezuela, designada por Berlepsch & Hartert, 1902).

Porção setentrional da América do Sul cisandina (do leste da Colômbia às Guianas), inclusive a faixa fronteiriça do norte extremo do Brasil (alto rio Branco).

Amazona ochrocephala nattereri (Finsch)

Psittacus (*Chrysotis*) *nattereri* Finsch, 1865, Journ. f. Ornithol., XII, p. 411: Cachoeira da Bananeira (rio Mamoré).

Brasil oeste-setentrionalí da margem direita do baixo Amazonas (rio Tapajós, rio Curuá) ao alto rio Madeira (rio Mamoré), inclusive o noroeste de Mato Grosso.

Amazona ochrocephala xantholaema Berlepsch

Amazona ochrocephala xantholaema Berlepsch, 1913, Orn. Monatsber., XXI, p. 147: ilha de Marajó (faz St.º André).

Ilhas do estuário amazônico (nomeadamente a ilha de Marajó).

Amazona festiva festiva (Linné)

Papa cacau, Tavua.

Psittacus festivus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 101: Índias (local. errônea, retificada por Hellmayr, 1906, que designou o rio Amazonas brasileiro como pátria típica).

Leste do Equador, nordeste do Peru e noroeste do Brasil, nas margens ambas dos rios Solimões e baixo Amazonas (inclusive as ilhas do estuário e, talvez, cercanias de Belém).

Amazona amazonica amazonica (Linné)

Ajuru-curau, Ajuru-curuca, Curica. Papagaio do mangue.

Psittacus amazonicus Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 147 (baseado essencialmente no *Psittacus amazonicus* de Brisson: Suriname, localidade errônea, substituída pela Amazônia brasileira (Hellmayr, Novit. Zool., 1910, p. 406).

América Meridional cisandina, desde o norte extremo (do leste da Colômbia às Guianas) até o leste do Equador, o nordeste do

Peru, o Brasil oeste-setentrional (bacia amazônica, alto rio Paraguai) e oriental (estados marítimos, do norte extremo ao Paraná), inclusive o leste de Minas Gerais.

Gênero **DEROPTYUS** Wagler

Deroptyus Wagler, 1832, Abh. Bayer. Akad., Mathem-physik. Klasse, I, p. 492. Tipo, *Psittacus accipitrinus* Linné (monotipia).

Deroptyus accipitrinus accipitrinus (Linné)

Psittacus accipitrinus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 102 (com base, primordialmente, em *Psittacus orientalis capite accipitris,* de Edwards): India (que Hellmayr, 1905, retificou como Caiena).

América oeste-setentrional cisandina, desde o seu norte extremo (do sudeste da Colômbia às Guianas) até a margem setentrional do baixo Amazonas, inclusive a porção amazônica do Equador, o nordeste do Peru e o noroeste extremo do Brasil (alto rio Negro).

Deroptyus accipitrinus fuscifrons Hellmayr
Anacã.

Deroptyus accipitrinus fuscifrons Hellmayr, 1905, Novit. Zool., XII, p. 303: Igarapé Açu.

Brasil setentrional, ao sul do rio Amazonas e do baixo Madeira para leste, até o distrito este-paraense (Belém e cercanias) e vizinha porção do norte do Maranhão.

Gênero **TRICLARIA** Wagler

Triclaria Wagler, 1832, Abhandl. K. Bayer. Akad. Wissens., Mathem.-physik. Klasse, I, p. 499. Tipo, *Psittacus cyanogaster* Vieillot (*Psittacus malachitaceus* Spix), por monotipia.

Triclaria malachitacea (Spix)
Sabiá-cica, Araçoiaba.

Psittacus malachitaceus Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 40, tab. 75: Rio de Janeiro.

Faixa litorânea do Brasil este-meridional (do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul), inclusive as duas vertentes da cordilheira marítima e o leste de Minas Gerais (rio Doce).

Ordem CUCULIFORMES

Família CUCULIDAE

Gênero **COCCYZUS** Vieillot

Coccyzus Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Orn. Élément., p. 28. Tipo, "Coucou de la Caroline", de Buffon (= *Cuculus americanus* Linné), por designação original.

Coccyzus minor minor (Gmelin)

Cuculus minor Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 411 (com base em "Petit vieillard", de Buffon, e na pl. enlum. 813, de Daubenton): Caiena.

Faixa atlântica da América tropical, do México ao norte da América Meridional (da Colômbia às Guianas), inclusive a faixa litorânea do norte extremo do Brasil (até vizinhanças de Belém).

Coccyzus americanus americanus (Linné)

Cuculus americanus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 111 (com base no "Cuculus Carolinianus", de Catesby): Carolina do Sul (leste dos Estados Unidos).

Residente na porção oriental da América do Norte (do Canadá ao sul dos Estados Unidos) e em algumas das grandes Antilhas (Jamaica), emigra para o sul à chegada do inverno, quando visita a América Central e o norte da América do Sul (da Colômbia às Guianas), inclusive o norte do Brasil (Pará, norte do Maranhão), com ocorrências acidentais nos estados centrais (inclusive o norte de Minas e sul de Mato Grosso) e o extremo sul do país (Rio Grande do Sul, *fide* Belton, 1973).

Coccyzus euleri (Cabanis)

Papa-lagarta.

Coccygus Euleri Cabanis, 1873, Journ. f. Orn., (4), I, p. 72: Cantagalo (Rio de Janero).

América Meridional cisandina, desde o seu norte extremo (também, possivelmente, algumas das pequenas Antilhas) até o nordeste da Argentina (Misiones), inclusive o Brasil central (Mato Grosso) e oriental (estados marítimos, do Pará ao Paraná).

Coccyzus melacoryphus Vieillot

Papa-lagarta, *Pássaro-xaréu* (E. Santo), *Cucú* (Rio Grande do Sul).

Coccyzus melacoryphus Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., VIII, p. 271 (com base em Azara, n.º 267): Paraguay.

América Meridional, a oeste (da Colômbia ao norte do Peru) e a leste dos Andes, desde os seus limites setentrionais extremos até o Uruguay e o norte da Argentina (também na província de Buenos Aires), inclusive a Bolívia, o Paraguay e o Brasil, em todos os estados. Acidentalmente, ocorre também nas ilhas Galápagos e Falkland.

Coccyzus cinereus Vieillot

Coccyzus cinereus Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., VIII, p. 272 (com base em Azara, n.º 268): Paraguay.

América do Sul cisandina, do leste da Bolívia ao Uruguay e norte da Argentina (inclusive província de Buenos Aires), com ocorrências no Brasil oriental (Bahia, Rio Grande do Sul) e central (Goiás).

Gênero **PIAYA** Lesson

Piaya Lesson, 1831, Traité d'Ornithol., p. 139. Tipo, *Cuculus cayanus* Linné (design. orig.).

Piaya cayana cayana (Linné)

Chincoã, Tincoã, Atingaú.

Cuculus cayanus Linné 1766, Syst. Nat., p. 170: Caiena.

Guianas e adjacente porção do norte do Brasil, até a margem esquerda do baixo Amazonas, inclusive o trecho inferior do rio Solimões (Manacapuru).

Piaya cayana guianensis Cabanis & Heine

Piaya guianensis Cabanis & Heine, 1862, Mus. Heineanum, IV, p. 85: Guiana (inglesa).

Guiana (inglêsa), sul da Venezuela e adjacente porção do Brasil oeste-setentrional (alto rio Negro).

Em que pesem às considerações de Hellmayr (Novit. Zool., XIV, 1907, p. 35), tem-se aqui ainda como boa em face das razões apresentadas por Pinto (Rev. do Museu Paulista, XXIII, 1937, p. 510) em defesa desta raça.

Piaya cayana hellmayri Pinto

Piaya cayana hellmayri Pinto, 1938, Rev. Mus. Paulista, XXII, p. 173: Turiaçu.

Piaya cayana subsp. Hellmayr, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 434: Turiaçu (norte do Maranhão).

Margem direita do baixo Amazonas (do rio Tapajós para leste), estende-se ao norte do Maranhão.

Sobre a presente subespécie externou-se longamente o conde N. Gyldenstolpe em seu trabalho sobre as aves do rio Juruá (Kungl. Sv. Vet. Akad. Handlingar, Bd. 22, n.º 3 (págs. 59-60).

Piaya cayana obscura Snethlage

Chincoã.

Piaya cayana obscura Snethlage, 1908, Journ. f. Orn. p. 21: alto rio Purus (Bom Lugar, Monte Verde).

Alto curso dos afluentes meridionais do rio Solimões (inclusive o alto Madeira e seus formadores).

Piaya cayana pallescens (Cabanis & Heine)

Alma de gato.

Pyrrhococcyx pallescens Cabanis & Heine, 1862, Mus. Hein., IV, (1), p. 86: norte do Brasil (= Bahia, *teste* Hellmayr 1929).

Nordeste do Brasil, no estados marítimos do Piauí ao norte da Bahia (inclusive o Recôncavo) e no norte de Goiás.

Piaya cayana macroura Gambel

Alma de caboclo, Meia-pataca, Crocoió, Alma de gato, Rabo de palha.

Piaya macroura Gambel, 1849, Journ. Acad. Nat. Sci. Phil., I, p. 215: "Surinam" (localid. errônea, corrigida para Paraguay).

Sudeste da América do Sul, do Paraguay ao Uruguay e norte da Argentina, afora todo o Brasil este-meridional (do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul), inclusive o sul de Goiás.

Piaya cayana cabanisi Allen

Chincoã.

Piaya cayana cabanisi, Allen, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 136: Chapada (Mato Grosso).

Brasil centro-ocidental, na porção central de Goiás (Nova Roma) e em Mato Grosso (excetuado o norte extremo).

Piaya melanogaster melanogaster (Vieillot)

Cuculus melanogaster Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., VIII, p. 236: Java (local. errônea, que Berlepsch & Hartert, 1902, Novit. Zool., substit. por Caiena).

Sul da Venezuela, Guianas e Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

Piaya melanogaster ochracea Cory

Piaya melanogaster ochracea Cory, 1915, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Orn. Ser., I, p. 304: Yurimaguas (Peru).

Porção amazônica do Equador e do Peru, Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões e nas margens ambas do baixo Amazonas.

Gênero **COCCYCUA** Lesson

Coccycua Lesson, 1831, Traité d'Ornithol., p. 142. Tipo, *Cuculus monachus* Cuvier (= *Coccyzus minutus* Vieillot), por monotipia.

Coccycua minuta (Vieillot)

Chincoã pequeno, Chincoãzinho.

Coccyzus minutus Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., VIII, p. 275 (com base em "Le Petit Coucou de Cayenne", de Brisson): Caiena.

América do Sul cisandina, desde os seus limites setentrionais (do leste da Colômbia às Guianas), até o norte da Bolívia (inclusive o leste do Equador, o nordeste do Peru), e o Brasil oeste-setentrional (Amazônia) e central (alta porção da bacia do rio Paraguai e sul de Goiás).

É hoje tendência incluir a presente espécie no gênero *Piaya*.

Gênero **TAPERA** Thunberg

Tapera Thunberg, 1819, Götheb. k. Vet. Vitterh., III, p. 1. Tipo, *Tapera brasiliensis* Thunberg (= *Cuculus naevius* Linn.), por monotipia.

Tapera naevia naevia (Linné)

Mati-taperê, Matinta-pereira, Piririguá.

Cuculus naevius Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 170 (com base em *Cuculus cayanensis naevius* de Brisson): Caiena.

América do Sul oeste-setentrional cisandina, inclusive o Brasil amazônico, desde as suas fronteiras ocidentais até as ilhas do estuário.

Tapera naevia chochi (Vieillot)

Peitica (nordeste do Brasil), *Peixe-frito* (Bahia), *Saci* (sul do Brasil), *Sem-fim, Tempo-quente.*

Coccyzus chochi Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., VII, p. 272 (com base em Azara, n.º 266): Paraguay.

Do norte da Bolívia ao Uruguay e norte da Argentina (até província Buenos Aires), inclusive o Paraguay e o Brasil extra-amazônico, nos estados centrais e marítimos, inclusive o Rio Grande do Sul (*fide* Belton).

A distribuição das duas raças geográficas ainda hoje admitidas na espécie é matéria sujeita a discussão, conservando ainda atualidade a nota publicada anos atrás (Pinto, Arquivos de Zoologia, V, 1947, p. 342).

Gênero **DROMOCOCCYX** Wied

Dromococcyx Wied, 1832, Beitr. Naturges. Bras., IV, p. 351. Tipo, *Macropus phasianellus* Spix (monotipia).

Dromococcyx phasianellus phasianellus (Spix)

Saci-da-mata, Peixe-frito.

Macropus phasianellus Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 59, tab. 42: Tonantins (rio Solimões).

América do Sul cisandina, da Venezuela ao Paraguay e extremo norte da Argentina, através da Bolívia, e do Brasil, nas regiões florestadas de todos os estados centrais (inclusive a Amazônia) e marítimos, inclusive o Rio Grande do Sul (*teste* Belton, 1973).

Dromococcyx pavoninus Pelzeln

Dromococcyx pavoninus Pelzeln, 1870, Orn. Bras., (3), p. 270: rio Araguaia (considerada loc. tipica), Engenho do Gama, Arimani.

América Meridional (regiões florestadas), desde os seus limites setentrionais (da Venezuela às Guianas), até o extremo nordeste da Argentina (Misiones), inclusive o leste do Equador e do Peru, o norte da Bolívia, o Paraguay e o Brasil, com ocorrências comprovadas na Amazônia (rio Branco, rio Guaporé, rio Araguaia) e na faixa meridional atlântica (do Rio de Janeiro ao Paraná).

Gênero NEOMORPHUS Gloger

Neomorphus Gloger, 1827, Froriep's Notizen, XVI, col. 278, em nota. Tipo, *Coccyzus geoffroyi* Temminck (monotipia).

Neomorphus geoffroyi geoffroyi (Temminck)
Aracuão, Jacu-porco.

Coccyzus Geoffroyi Temminck, 1820, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 7: sem especificação de localidade (pátria típica Bahia, escolhida por Hellmayr, 1905, Novit. Zoologicae, XII, p. 298).

Faixa atlântica florestada do sul do estado da Bahia (rio Gongogi), inclusive (primitivamente) as do Recôncavo (Nazaré das Farinhas).

Em que pese às considerações que levaram Pinto (*Papéis Avulsos*, XV, 1962, p. 300) a propôr para as populações baianas o nome de *Neomorphus geoffroyi maximiliani*, fôrça é aceitar a anterior designação da Bahia para pátria típica da espécie, relegando o referido nome à sinonimia, a propósito dêsse controvertido assunto, leia-se o importante estudo de J. Haffer (Bonn Zool. Beitr., Helft 1/2) dado à luz no curso da impressa do presente trabalho.

Neomorphus geoffroyi dulcis Snethlage
Jacu-porco, Jacu-queixada, Jacu--molambo.

Neomorphus dulcis Snethlage, 1927, Ornithol. Monatsber., XXXV, p. 80: lagoa Juparanã (Espírito Santo).

Brasil este-meridional, nos estados de Espírito Santo e Minas Gerais (rio Doce).

Neomorphus geoffroyi amazonicus Pinto

Neomorphus geoffroyi amazonicus Pinto, 1964, Ornithol. Brasiliense, I, p. 176: Turiaçu (norte do Maranhão).

Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Amazonas (do rio Madeira ao leste do Pará), inclusive o oeste do Maranhão (Turiaçu) e a porção mais setentrional dos estados de Mato Grosso (rio Manuel Corrêea) e Goiás (rio Tocantins).

Neomorphus squamiger Todd

Neomorphus squamiger Todd, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 112: Colônia do Mojuí (marg. direita do baixo Tapajós).

Ao sul do baixo Amazonas, nas margens ambas do rio Tapajós.

Cedendo às razões apresentadas por N. Gyldenstolpe (Kungl. Sv. Vet. Akad. Handlingar, XXII, n.º 2, pp. 62-63, 1945), tem-se como sinô-

nimo *N. squamiger iungens* Griscom & Greenway, 1941 (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 154), cuja pátria típica é Boim, na margem esquerda do baixo Tapajós.

Neomorphus rufipennis (G. R. Gray)

Cultrides rufipennis G. R. Gray, 1849, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 63, pl. 10: México, pátria suposta (mas evidentemente errônea, que se admite, com Peters, 1940, corresponder ao baixo Orenoco).

Norte da América Meridional cisandina, do baixo rio Orenoco à Guiana (inglêsa) e porção adjacente do norte extremo do Brasil (rio Branco).

Neomorphus pucheranii pucheranii (Deville)

Cultrides Pucheranii Deville, 1851, Rev. Magaz. Zool., (2), III, p. 211: rios Ucayali e Amazonas (= rio Yaguas, afluente meridional do Putumayo, por designação de Peters, 1940).

Leste do Equador e do Peru, ao norte do rio Amazonas, estendendo-se até o Brasil amazônico, ao norte do rio Solimões.

Neomorphus pucheranii lepidophanes Todd

Neomorphus lepidophanes Todd, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 112: Nova Olinda (rio Purus).

Alta Amazônia, no nordeste do Peru (rio Ucayali) e no extremo oeste do Brasil, ao sul do rio Solimões.

Gênero **CROTOPHAGA** Linné

Crotophaga Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 105. Tipo, *Crotophaga ani* Linné (monotipia).

Crotophaga major Gmelin

Groló, Anum-guaçu, Anum-coroca, Coroia, Anum-peixe, Anum-de-enchente.

Crotophaga major Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 363 (com base em Brisson, Orn., IV, p. 180): Caiena.

América do Sul cisandina (na Colômbia, também a oeste do Andes), nos estuários e lugares inundados, desde o norte extremo até o norte do Uruguay e da República Argentina, inclusive o leste do Equador e do Peru, a Bolívia o Paraguay e o Brasil (virtualmente em todos os estados).

Crotophaga ani Linné

Anum.

Crotophaga ani Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 105 (com base no "Ani", de Marcgrave): nordeste do Brasil.

América tropical (com incursão nas zonas temperadas adjacentes) cisandina (também a oeste dos Andes na Colômbia e no Equador), desde o sul dos Estados Unidos, América Central e Antilhas ocidentais até o norte da República Argentina (acidental na província de Buenos Aires), além do Brasil, em todas as regiões descampadas (zonas cultivadas inclusive).

Gênero **GUIRA** Lesson

Guira Lesson, 1831, Traité d'Ornithol., p. 149. Tipo, *Cuculus guira* Gmelin (por tautonímia).

Guira guira (Gmelin)

Anum branco, Quiriru (Amaz.).

Cuculus Guira Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 414 (com base em "Guira Acangatara", de Marcgrave): nordeste do Brasil.

Regiões campestres da América cisandina, do sudeste da Bolívia ao Paraguay, norte da Argentina, Uruguay e Brasil, desde o estuário amazônico até o Rio Grande do Sul, inclusive os estados centrais (à exceção do Amazonas).

Ordem STRIGIFORMES

Família TYTONIDAE

Gênero **TYTO** Billberg

Tyto Billberg, 1828, Syn. Faun. Scand., I, 2.ª pte., tab. A. Tipo, *Strix flammea* Linné, 1766, não de Pontoppidan, 1763 (= *Strix alba* Scopoli), por monotípia.

Tyto alba tuidara (Gray)

Coruja-de-igreja, Coruja católica, Tuindá, Suindara, Rasga-mortalha.

[*Strix alba* Scopoli, 1769, Annus 1, Hist. Nat., p. 21: Friuli, na Itália].

Strix tuidara J. E. Gray, 1829, em Griffith, Cuvier's Animal Kingdom, VI, p. 75 (com base em Marcgrave): nordeste do Brasil.

Brasil oriental e central, estendendo-se para o sul até a extremidade meridional do continente (Terra do Fogo) e, para oeste, até o Chile.

Tyto alba hellmayri Griscom & Greenway

Tyto alba hellmayri Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXI, n.º 2, p. 421: Paramaribo (Suriname).

Norte da América do Sul cisandina, do leste da Venezuela e das Guianas (inclusive as próximas ilhas do Caribe) ao Brasil oeste-setentrional, do norte extremo à margem esquerda do rio Amazonas.

Família STRIGIDAE

Gênero **STRIX** Linné

Strix Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 92. Tipo, *Strix stridula* Linné (= *Strix aluco* Linné, por implícita tautonímia.

Strix hylophila Temminck

Coruja.

Strix hylophila Temminck, 1825, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 273: Brasil (= Ipanema).

Paraguay, norte extremo da Argentina, sudeste do Brasil, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul (inclusive o sudeste de Minas Gerais).

K. H. Voous defende a inclusão da presente espécie no gênero *Ciccaba*, contestando as razões em que se baseia a divisão de *Strigidae* em duas subfamílias, conforme o tamanho da abertura do conduto auditivo externo seja muito grande (*Striginae*), ou não (*Buboninae*). Cf. Zoologische Mededelingen, XXXIX, pp. 471-478 (1964).

Gênero **AEGOLIUS** Kaup

Aegolius Kaup, 1829, Skizz. Entw.-Gesch. Eur. Thierw., p. 34. Tipo, *Strix tengmalmi* Gmelin (= *Strix funerea* Linné), por monotipia.

Gisella Bonaparte, 1851, Rev. Magaz. Zool., VI, p. 541. Tipo *Strix lathami* Bonaparte (= *Nytale harrisi* Cassin), monotipia.

Aegolius harrisii hieringi (Sharpe)

[*Nytale Harrisii* Cassin, 1849, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., IV, p. 157: Sul-América].

Gisella hieringi Sharpe, 1899, Bull. Brit. Orn. Club, VIII, p. 40: São Paulo (Brasil).

Norte da Argentina, Paraguay, Uruguay, Brasil este-meridional (de São Paulo ao Rio Grande do Sul).

Gênero **RHINOPTYNX** Kaup

Rhinoptynx Kaup, 1851, Arch. f, Naturges., XVII, (1), p. 107. Tipo, *Otus mexicanus* Cuvier (= *Bubo clamator* Vieillot), design. por Sharpe, 1875.

Rhinoptynx clamator clamator (Vieillot)

Bubo clamator Vieillot 1807, Ois. Amér. Septentr., 1, p. 52, pl. 20: "de Caiena à baía de Hudson" (Caiena, pátria típica designada por Hellmayr, 1906).

Do sudeste do México e da América Central à América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) até o leste do Equador, o norte do Peru, a Bolívia e o Brasil, no baixo Amazonas e nos estados centrais e médio-orientais (da Bahia a São Paulo).

Rhinoptynx clamator midas (Schlegel)

Otus midas Schlegel, 1862, Mus. Pays-Bas, II, Oti, p. 2, nota: Montevideo (Uruguai).

Do sul da Bolívia ao Uruguay e norte da Argentina, inclusive o Paraguay e o sul extremo do Brasil.

Gênero **ASIO** Brisson

Asio Brisson, 1760, Ornithol., I, p. 28. Tipo, *Asio*, de Brisson (= *Strix otus* Linné), por tautonímia.

Asio flammeus suinda (Vieillot)

[*Strix Flammea* Pontoppidan, 1763, Atlas, I, p. 617, pl. 25: Suécia.]

Strix suinda Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., VII, p. 34 (com base em Azara, n.° 45): Paraguay.

Porção meridional da América do Sul cisandina, desde o sul do Peru até a Patagônia, inclusive o Paraguay, o Uruguay e o Brasil este-meridional (do sul de Minas ao Rio Grande do Sul).

Asio stygius stygius (Wagler)

Mocho do diabo.

Nyctalops stygius Wagler, 1832, Isis, col. 1221: local. incerta (Minas Gerais seria a pátria típica, *teste* Hellmayr, 1910).

Paraguay, norte da Argentina e Brasil, em quase todas as regiões florestadas (inclusive a Amazônia).

Gênero **LOPHOSTRIX** Lesson

Lophostrix Lesson, 1836, Compl. a Buffon, VII, p. 261. Tipo, *Strix cristata* Daudin (monotipia).

Lophostrix cristata cristata (Daudin)

Corujão.

Strix cristata Daudin, 1800, Traité d'Ornithol., II, p. 207: Caiena.

Das Guianas ao norte da Bolívia, através do leste do Equador, nordeste do Peru e Brasil oeste-setentrional, ao longo do vale amazônico (inclusive a região de Belém).

Gênero **BUBO** Duméril

Bubo Duméril, 1806, Zool. Anal., p. 34. Tipo, *Strix bubo* Linné (tautonímia).

Bubo virginianus nacurutu (Vieillot)

Corujão, Jacurutu, Murucututu, Mocho orelhudo.

[*Strix virginiana* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 287: América (= Virgínia)].

[*Strix virginiana* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 287: América (= Virgínia)].

América do Sul, das Guianas e da porção amazônica do Equador e da Bolívia ao extremo sul do continente (também a oeste dos Andes, no Chile), inclusive o Brasil oeste-setentrional (Amazônia) central (Mato Grosso, Goiás) e este-meridional (inclusive Rio Grande do Sul).

Bubo virginianus deserti Reiser

Bubo magellanicus deserti Reiser, 1905, Anz. K. Akad. Wissens. Wien, Mathem-Naturw. Klasse, LII, (18), p. 324: Salitre (norte da Bahia, prox. de Juazeiro).

Região árida do nordeste brasileiro.

Gênero **OTUS** Pennant

Otus Pennant, 1769, Indian Zoology, p. 3. Tipo, *Otus bakkamoena* Pennant (monotipia.)

Otus guatemalae roraimae (Salvin)

Scops guatemalae Sharpe, 1875, Cat. Bds. Brit. Mus., II, p. 112 pl. 9: Guatemala.

Scops roraimae Salvin, 1897, Bull. Brit. Orn. Cl., VI, p. 38: Roraima (Guiana).

Faixa fronteiriça e montanhosa da Venezuela e da Guiana com o Brasil, no território de Roraima (*fide* Will. Phelps Jr., em Bol. Soc. Venezol. Ci. Nat., XXX, p. 26).

Otus choliba choliba (Vieillot)

Strix choliba Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Natur., VII, p. 39 (com base em Azara, n.º 48): Paraguay.

Do sul da Bolívia ao nordeste da Argentina, inclusive o Paraguay, o Uruguay e o Brasil este-meridional (de São Paulo ao Rio Grande do Sul).

Otus choliba decussatus (Lichtenstein)

Strix decussata Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 59: Bahia.

Brasil oriental (do Maranhão ao Rio de Janeiro, inclusive Minas Gerais) e central.

Otus choliba crucigerus (Spix)

Strix crucigerus Spix, 1824, Av. Sp. Nov. Bras., I, p. 22, tab. 9: rio Amazonas.

América do Sul oeste-setentrional cisandina, desde o norte extremo (da Colômbia às Guianas) até o norte da Bolívia e todo o Brasil amazônico.

Otus watsonii watsonii (Cassin)

Ephialtes watsonii Cassin, 1848, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., IV, p. 123: América do Sul (pátria típica, rio Orenoco, design. por Chapman, 1928).

América Meridional cisandina, desde o extremo norte (do leste da Colômbia às Guianas) ao norte da Bolívia (inclusive a porção

amazônica do Equador e do Peru) e noroeste do Brasil (Amazônia).

Otus watsonii usta (Sclater)

Scops usta Sclater, 1859, p. 255, pl. 61: Ega (= Teflé).

Brasil oeste-setentrional nas margens ambas do rio Solimões, estendendo-se para o sul até o norte da Argentina.

Otus atricapillus atricapillus (Temminck)

Strix atricapilla Temminck, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., p. 145: Brasil (Rio de Janeiro, *teste* Hellmayr, 1910).

Nordeste da Argentina, Paraguay, Brasil central (inclusive o sul do estado do Pará) e este-meridional (Rio de Janeiro, São Paulo).

Tem sido posta em dúvida a aplicabilidade do nome de Temminck à presente espécie; em todo caso, as suas populações mais meridionais parece constituirem uma raça particular. Cf. Schauensee, Bds. S. America, p. 142 (1966); J. Cuello & E. Gersenstein, Comunicaciones Zoologicas del Museo de H. Nat. de Montevideo, vol. VI, pp. 113-114 (1962).

Otus atricapillus sanctaecatarinae (Salvin)

Scops sanctae-catarinae Salvin, 1897, Bull. Brit. Orn. Cl., VI, p. 37: Santa Catarina.

Uruguay e sul extremo do Brasil (do Paraná ao Rio Grande do Sul).

Gênero **PULSATRIX** Kaup

Pulsatrix Kaup, 1848, Isis, col. 771. Tipo, *Strix torquata* Daudin (= *Strix perspicillata* Latham), por monotipia.

Pulsatrix perspicillata perspicillata (Latham)
Murucututu, Mocho mateiro.

Strix perspicillata Latham, 1790, Index Ornithol., I, p. 58 (com base no "Spectacled Owl", de Latham, Syn. Bds., Supplem., p. 50): Caiena.

América do Sul cisandina, desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) até o leste do Peru, norte da Bolívia, Paraguay e Brasil, em todas as regiões densamente florestadas (inclusive a Amazônia), à exceção, talvez, de sua porção meridional extrema.

Pulsatrix perspicillata pulsatrix (Wied)

Coruja batuqueira (Minas Gerais).

Strix pulsatrix Wied, 1820, Reise nach Brasilien, 1, p. 366: ilha da Chave (rio Belmonte, sul da Bahia).

Faixa atlântica florestada do Brasil este-meridional, da Bahia ao Rio Grande do Sul (inclusive o leste de Minas). Também, possivelmente, leste do Paraguay e nordeste extremo da Argentina.

Pulsatrix koeniswaldiana (Bertoni & Bertoni)

Syrnium Koeniswaldianum M. & W. Bertoni, 1901, Anal. Cient. Paraguayos, n.° 1, p. 175: Alto Paraná (sudeste do Paraguay).

Nordeste extremo da República Argentina, leste do Paraguay e sudeste do Brasil (do Espírito Santo ao Paraná, inclusive o leste de Minas).

Gênero **CICCABA** Wagler

Ciccaba Wagler, 1822, Isis, col. 1222. Tipo, *Strix huhula* Daudin (monotipia).

Ciccaba huhula huhula (Daudin)

Mocho negro, Coruja preta.

Strix huhula Daudin, 1800, Traité d'Ornithol., II, p. 190 (com base em Levaillant, Ois. d'Afrique, 1, pl. 41): Caiena.

Porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina, desde o extremo norte (do leste da Colômbia às Guianas) até o Brasil amazônico e este-setentrional adjacente (norte do Maranhão, Piauí).

Ciccaba huhula albomarginata (Spix)

Strix albomarginata Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 23, tab. 10: Rio de Janeiro.

Brasil este-meridional, do Rio de Janeiro a Santa Catarina (inclusive o sudeste de Minas).

Ciccaba virgata superciliaris (Pelzeln)

[*Syrnium virgatum* Cassin, 1848, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., IV, p. 124: América do Sul (Bogotá, pátria típica escolhida por Berlepsch, 1908)].

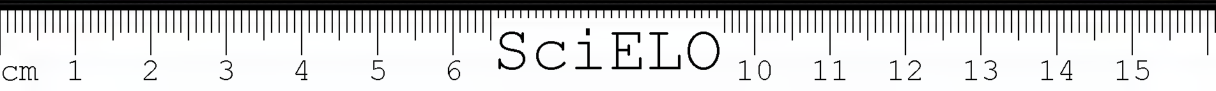
Syrnium superciliare Pelzeln, 1863, Verh. zool.-bot. Gesells., Wien, XIII, p. 1125: Vila Bela de Mato Grosso (no rio Guaporé).

Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Amazonas, desde as nossas fronteiras ocidentais até a região de Belém (inclusive o norte do Maranhão).



ESTAMPA 13 (*12*)

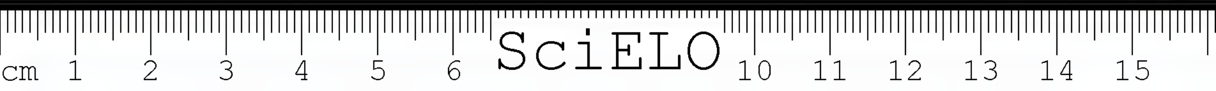
1 — *Piaya cayana hellmayri* (Pinto) 157
2 — *Coccycua minuta* (Vieillot) 158
3 — *Coccyzus melacoryphus* (Vieillot) 156
4 — *Tapera naevia naevia* (Linné) 158
5 — Idem, filhote 157
6 — *Crotophaga major* Gemelin 161
7 — *Crotophaga ani* Linné 162
8 — *Guira guira* (Gmelin) 162


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15



ESTAMPA 14 (42)

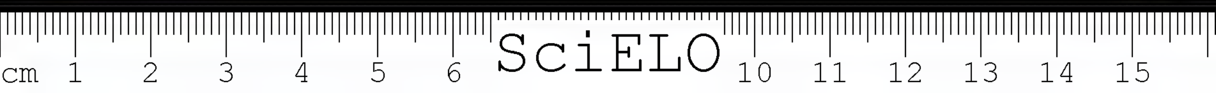
1 — *Pulsatrix perspicillata perspicillata* (Latham) 167
2 — Idem, juv. 167
3 — *Tyto alba tuidara* (Gray) 162
4 — *Otus choliba crucigerus* (Spix) 166
5 — *Glaucidium brasilianum brasilianum* (Gmelin) 169


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15



ESTAMPA 15 (46)

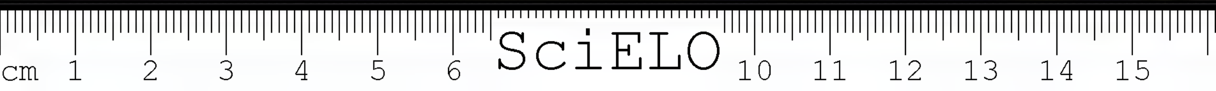
1 — *Nyctibius grandis grandis* (Gmelin) 170
2 — *Nyctibius griseus griseus* (Gmelin) 171
3 — *Hydropsalis brasiliana brasiliana* (Gmelin) .. 179
4 — *Macropsalis creagra* (Bonaparte) 180
5 — *Podager nacunda nacunda* (Vieillot) 172
6 — *Nyctidromus albicollis albicollis* (Gmelin) .. 175
7 — *Caprimulgus nigrescens nigrescens* Cabanis .. 177
8 — *Chordeiles rupestris rupestris* (Spix) 174


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15



ESTAMPA 16 (45)

1 — *Phaethornis superciliosus muelleri* Hellmayr 187
2 — *Eupetomena macroura macroura* (Gmelin) 193
3 — *Heliothryx aurita phainolaema* Gould 214
4 — *Thalurania furcata furcatoides* Gould 202
5 — *Phaethornis ruber ruber* (Linné) 191
6 — *Campylopterus largipennis obscurus* Gould 192
7 — *Amazilia fimbriata nigricauda* (Elliot) 193
8 — *Florisuga mellivora mellivora* (Linné) 193
9 — *Anthracothorax nigricollis nigricollis* (Vieillot) 195
10 — *Hylocharis sapphirina* (Gmelin) 203


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Ciccaba virgata borelliana Bertoni

Syrnium borellianum Bertoni, 1901, An. Cient. Parag., I, p. 176: Puerto Bertoni (sudeste do Paraguay).

Paraguay e Brasil este-meridional, do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul (inclusive o leste de Minas Gerais).

Gênero **GLAUCIDIUM** Boie

Glaucidium Boie, 1826, Isis, II, col. 970. Tipo, *Strix passerina* Linné (design. por Gray, 1840).

Glaucidium brasilianum brasilianum (Gmelin)

Caburé, Caburé de sol.

Strix brasiliana Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 289 (com base no *Cabure brasiliensibus* de Marcgrave, através de Brisson): Brasil (como pátria típica foi design. Ceará, Hellmayr, 1929).

Nordeste da Argentina, sul da Bolívia, Paraguay e Brasil (em todos os estados centrais e marítimos, exceção feita da Amazônia ocidental).

Há unanimidade em ver na presente coruja o "Cabure" de Marcgrave; não obstante, alguns pontos da descrição deste último (v.g. a presença de martinetes) pareçam falar em contrário.

Glaucidium brasilianum ucayalae Chapman

Glaucidium brasilianum ucayalae Chapman, 1929, Am. Mus. Novit., n.º 380, p. 9: Sarayacu (rio Ucayali).

Brasil oeste-amazônico, nas margens ambas do rio Solimões (Codajás e respectivos afluentes (rio Juruá).

Glaucidium minutissimum (Wied)

Strix minutissima Wied, 1830, Beitr. Naturges. Bras., III, (1), p. 242: interior da Bahia.

América Meridional cisandina (Guiana inglêsa, Paraguay) e nomeadamente no Brasil, onde sua ocorrência tem sido comprovada no norte extremo (rio Tacutu), no meio leste (da Bahia a São Paulo) e no centro (Mato Grosso).

Gênero **SPEOTYTO** Gloger

Speotyto Gloger, 1841, Hand-und Hilfsb. Naturges., p. 226. Tipo, *Strix cunicularia* Molina (monotipia).

Speotyto cunicularia grallaria (Temminck)

Coruja buraqueira.

[*Strix cunicularia* Molina, 1782, Saggio Stor. Nat. Chili, p. 263: Chile].

Strix grallaria Temminck, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., livrais. 25, pl. 146: Brasil (Faxina, no sul de São Paulo, loc. típica design. por Hellmayr, 1929).

Regiões descampadas do Brasil centro-meridional (Mato Grosso, Goiás) e oriental, desde o Maranhão até o Rio Grande do Sul (inclusive Minas Gerais).

Speotyto cunicularia minor Cory

Speotyto cunicularia minor Cory, 1918, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, (2), p. 40: Boa Vista (rio Branco, no Territ. de Roraima).

Sudeste extremo da Venezuela e região adjacente do Brasil (território de Roraima).

Ordem CAPRIMULGIFORMES

Família NYCTIBIIDAE

Gênero **NYCTIBIUS** Vieillot

Nyctibius Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Ornith. Élém., p. 38. Tipo, "Grand Engoulevent de Cayenne", de Buffon (= *Caprimulgus grandis* Gmelin).

Nyctibius grandis grandis (Gmelin)

Urutau, Uira-tauí, Mãe-da-lua, Preguiça.

Caprimulgus grandis Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1, (2), p. 1029 (com base em Buffon e Daubenton, pl. enlum. 325, "Grand Crapaud-volant de Cayenne"): Caiena.

Sul da América Central (Panamá) e América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas)

até o leste do Equador, o nordeste do Peru e o Brasil, na Amazônia (inclusive o norte de Mato Grosso) e na faixa oriental florestada estendida do sul da Bahia a São Paulo (incluso o leste de Minas Gerais).

A população mais setentrional da espécie foi erigida há pouco tempo em subespécie particular, como *Nyctibius grandis guatemalensis* H. Land & W. Schultz (*The Auk*, LXXX, 1963, p. 195).

Nyctibius aethereus aethereus (Wied)

Mãe-da-lua, Urutau.

Caprimulgus aethereus Wied, 1820, Reise n. Bras., I, p. 236: rio Mucuri (extremo sul da Bahia).

Sul do Paraguay e faixa atlântica florestada do Brasil este-meridional (do sul da Bahia ao norte do Paraná).

Nyctibius aethereus longicaudatus (Spix)

Caprimulgus longicaudatus Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 1, tab. 1: rio Japurá (afl. do rio Solimões, marg. esquerda).

Porção amazônica da Colômbia do Equador e do Peru, Guiana (inglêsa) e Brasil oeste-setentrional (Amazônia).

Nyctibius griseus griseus (Gmelin)

Caprimulgus griseus Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 1029 (com base no "Engoulevent gris", de Buffon): Caiena.

América Meridional cisandina, dos seus limites setentrionais (inclusive Trinidad) ao Uruguay e norte da Argentina (até a província de Buenos Aires), inclusive a porção amazônica do Equador e do Peru, a Bolívia, o Paraguay e, virtualmente, todo o Brasil.

Nyctibius leucopterus leucopterus (Wied)

Caprimulgus leucopterus Wied, 1821, Reise n. Bras., II, p. 227, nota: Caravelas (sul da Bahia).

Matas da faixa atlântica do Brasil médio-oriental (Bahia).

Para Chapman (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LV, 1926, p. 273), *N. maculosus* Ridgway (Proc. Biol. Soc. Wash., XXV, p. 1912, p. 92), de leste do Equador, difere apenas subespecificamente da ave brasileira.

Família CAPRIMULGIDAE

Gênero **LUROCALIS** Cassin

Lurocalis Cassin, 1851, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., V, p. 189. Tipo, *Caprimulgus nattereri* Temminck (design. de Gray, 1855).

Lurocalis semitorquatus semitorquatus (Gmelin)

Caprimulgus semitorquatus Gmelin, 1788, Syst. Nat., II, (2), p. 1031 (com base em Buffon e em Daubenton, pl. enlum. 734): Caiena.

América do Sul oeste-setentrional cisandina, desde o leste da Colômbia, até as Guianas, inclusive a porção adjacente do Brasil (alto rio Negro).

Lurocalis semitorquatus nattereri (Temminck)

Tuju.

Caprimulgus nattereri Temminck, 1822, Nouv. Rec. Color., pl. 107: Brasil (= Ipanema, design. por Hellmayr, 1910).

Brasil, no baixo Amazonas (do baixo rio Negro ao leste do Pará) e na faixa este-meridional (da Bahia ao Rio Grande do Sul (*fide* Belton).

Gênero **PODAGER** Wagler

Podager Wagler, 1832, Isis, col. 277. Tipo, *Caprimulgus diurnus* Wied (= *Caprimulgus nacunda* Vieillot).

Podager nacunda nacunda (Vieillot)

Tabaco-bom, Acurauá, Tiom-tiom.

Caprimulgus nacunda Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., X, p. 240 (com base em Azara, n.° 312): Paraguay.

América Meridional, a leste dos Andes, do leste do Peru a Uruguay e norte da Argentina, inclusive a Bolívia, o Paraguay e o Brasil, desde as margens ambas do rio Amazonas até o sul extremo do país.

Podager nacunda minor Cory

Podager nacunda minor Cory, 1815, Field Mus. Nat. Hist. Publ., ser. Orn. I, p. 300: Boa Vista (rio Branco).

Porção oeste-setentrional, da América do Sul cisandina, desde o leste da Colômbia às Guianas, inclusive o adjacente norte extremo do Brasil (rio Branco).

Gênero **CHORDEILES** Swainson

Chordeiles Swainson, 1832, em Swainson & Richardson, Fauna Boreali-Americana, II, p. 406. Tipo, *Caprimulgus virginianus* Gmelin (= *C. minor* Forster).

Chordeiles acutipennis acutipennis (Hermann)

Caprimulgus acutipennis Hermann, 1783, Tab. Affin. Anim., p. 230 (com base em Buffon, "Engoulevent de la Guyane"): Caiena.

América do Sul, a leste dos Andes, desde os seus limites setentrionais até o Brasil, nos estados centrais e marítimos, à exceção das porções este-setentrional e meridional extremas.

Chordeiles minor minor (Forster)

Bacurau de bando.

Caprimulgus minor J. R. Forster, 1771, Catal. Anim. North América, p. 13 (com base em Catesby, Hist. Nat. Carolina, apêndice, p. 16: sem indicação de localidade (= Carolina do Sul, E. Unidos).

Procria no Canadá e no leste dos Estados Unidos (e quiçá no noroeste extremo da América do Sul), emigrando durante o inverno, quando se espalha por quase toda América Meridional, alcançando o norte da Argentina (inclusive província de Buenos Aires) e ocorrendo, com freqüencia, no Brasil central (Mato Grosso) e meridional (São Paulo, Rio Grande do Sul).

Chordeiles minor chapmani Coues

Chordeiles popetue chapmani Coues (*ex* Sennett manuscr.), 1888, Auk, V, p. 37: Gainesville (Flórida).

Residente no sul e no leste dos Estados Unidos, emigrando durante o inverno para o hemisfério sul, quando alcança o norte da República Argentina, com ocorrências eventuais no Brasil central (Mato Grosso).

Chordeiles rupestris rupestris (Spix)

Bacurau da praia.

Caprimulgus rupestris Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 2: rio Negro.

América do Sul oeste-setentrional cisandina (Colômbia, Venezuela e porção amazônica do Equador, do Peru e da Bolívia), inclusive o Brasil amazônico.

Chordeiles pusillus pusillus Gould

Chordeiles pusillus Gould, 1861, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 182: Bahia.

Brasil médio-oriental (Bahia, leste de Minas Gerais).

Chordeiles pusillus saturatus Pinto & Camargo

Chordeiles pusillus saturatus Pinto & Camargo, 1957, Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, XIII, p. 56: Cachimbo (sudeste do Pará).

Sul do Pará, a leste do rio Tapajós.

Chordeiles pusillus septentrionalis (Hellmayr)

Nannochordeiles pusillus septentrionalis Hellmayr, 1908, Novit. Zool., XV, p. 78: Maipures (leste da Colômbia).

Oeste-setentrião da América do Sul cisandina (do leste da Colômbia à Guiana inglêsa) e adjacente norte extremo do Brasil (território de Roraima).

Gênero **NYCTIPROGNE** Bonaparte

Nyctiprogne Bonaparte, 1857, Riv. Contemp. Turin, IX, p. 215. Tipo, *Caprimulgus leucopygus* Spix (monotipia).

Nyctiprogne leucopyga leucopyga (Spix)

Caprimulgus leucopygus Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 3, tab. 3, fig. 2: rio Amazonas.

Brasil oeste-setentrional (Amazônia), com extensão ao nordeste próximo (Piauí).

Nyctiprogne loucopyga majuscula Pinto & Camargo

Nyctiprogne leucopyga majuscula Pinto & Camargo, 1952, Pap. Avuls. do Dept. de Zoologia, X, p. 216: Dumbá (rio das Mortes).

Brasil centro-ocidental, no estado de Mato Grosso (rio Guaporé, rio das Mortes).

Gênero **NYCTIDROMUS** Gould

Nyctidromus Gould, 1838, Icones Avium, pte. 2, prancha e texto respectivo. Tipo *Nyctidromus derbyanus* Gould (monotipia).

Nyctidromus albicollis albicollis (Gmelin)
Curiangu, Curiango, Acurauа, Me-de-léguas.

Caprimulgus albicollis Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 1030 (com base no "White-throated Goatsucker", de Latham): Caiena.

Sul da América Central e noroeste da América Meridional (excetuada a costa caribe da Colômbia), inclusive a leste do Equador, o nordeste do Peru e o Brasil oeste-setentrional (Amazônia), ali compreendido o norte do Maranhão.

Nyctidromus albicollis derbyanus Gould
Curiangu, Amanhã-eu-vou.

Nyctidromus derbyanus Gould, 1838, Icones Avium, II, p. 12: sul do Brasil (Ipanema, design. como local. típica por Pinto, 1935).

Do norte da Bolívia (rio Beni) ao Paraguay e nordeste da Argentina, Brasil central (inclusive Minas Gerais) e oriental (do Piauí ao Rio Grande do Sul).

Gênero **CAPRIMULGUS** Linné

Caprimulgus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 193. Tipo, *Caprimulgus europaeus* Linné (implícita tautonímia).

Caprimulgus rufus rufus (Boddaert)
João-corta-pau, Bacurau.

Caprimulgus rufus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 46 (com base em Daubenton, pl. 735): Caiena.

Guianas e norte do Brasil, da Amazônia (inclusive o norte de Mato Grosso) aos estados nordestinos (inclusive a Bahia).

Caprimulgus rufus rutilus (Burmeister)
João-corta-pau, Bacurau.

Antrostomus rutilus Burmeister, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., II, p. 385: Brasil (Nova Friburgo).

Paraguay, nordeste da Argentina e Brasil este-meridional (do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul), inclusive o sul de Minas Gerais.

Caprimulgus sericocaudatus sericocaudatus (Cassin)

Antrostomus serico-caudatis (sic) Cassin, 1849, Proc. Acad. Nat. Sic. Phila., IV, p. 238: América do Sul (localid. típica Rio de Janeiro, fixada por W. Dickerman).

Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (Alto Paraná), sudeste do Brasil (Rio de Janeiro?, São Paulo, Curitiba).

Caprimulgus sericocaudatus mengeli Dickerman

Caprimulgus sericocaudatus mengeli R. Dickerman, 1975, Bull. Brit. Orn. Club, vol. 95, (1), p. 19: 15 quilôm. a leste de Pucalpa (Peru, Depto. de Loreto).

Leste do Peru (Garinacocha), Brasil amazônico (Santarém).

Representada por número extremamente restrito de exemplares, muito poucos autores têm feito referência à espécie (cf. M. A. Traylor, 1958, Fiediana, Zool., XXXV, p. 104).

Caprimulgus longirostris longirostris Bonaparte

Caprimulgus longirostris Bonaparte, 1825, Journ. Acad. Nat. Sci. Phila., IV, (2), p. 384: América do Sul (= Brasil, *fide* Brabourne & Chubb).

Faixa atlântica montanhosa do Brasil meridional, do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul (inclusive a adjacente zona de Minas Gerais).

Abstração feita do tipo da espécie, referido vagamente como proveniente do Brasil, o primeiro registro autêntico da ocorrência ali deste bacurau teve por base exemplares obtidos no Itatiaia (Pinto, Bol. Parque Nac. Itatiaia, 1954, n.° 3, p. 33); não tardou, porém, que ela fosse confirmada (H. Sick, 1959, Bol. Mus. Nac., Zool., n.° 204, págs. 1-15), com importantes pormenores colhidos em observações de campo e abundante material colecionado em numerosos pontos das cadeias de montanhas que percorrem o Brasil meridional (serras do Caparaó, do Mar e da Mantiqueira, etc.).

Caprimulgus longirostris roraimae (Chapman)

Sytellura ruficervix roraimae Chapman, 1929, Amer. Mus. Novit., n.° 341, p. 2 (monte Roraima, Venezuela).

Sudeste da Venezuela, estendendo-se até o norte extremo do Brasil.

Incluído na avifauna brasileira (monte do Sol) por W. Phelps & W. Phelps Jr. (Bol. Soc. Venezol. de Ci. Naturales, XXIII, 1962, n.° 101, pl. 34).

Caprimulgus maculicaudus (Lawrence)

Stenopsis maculicaudas Lawrence, 1862, Ann. Lyc. Nat. Hist. New York, VII, p. 459: Belém (do Pará).

Regiões tropicais e subtropicais da América, do sul do México à América do Sul cisandina, desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) até o norte da Bolívia, inclusive o sudeste do Peru e o Brasil, ao longo da bacia amazônica e na faixa este-meridional florestada (Rio de Janeiro, São Paulo).

Caprimulgus parvulus parvulus Gould

Caprimulgus parvulus Gould, 1837, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 22: rio Paraná (no nordeste da República Argentina).

Da República Argentina (de Rio Negro para o norte) ao norte da Bolivia, inclusive o Paraguay e todo o Brasil, da margem direita do rio Amazonas para o sul.

Caprimulgus hirundinaceus hirundinaceus Spix

Caprimulgus hirundinaceus Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 2, tab. 3, fig. 1: "rio Solimões" (local. errônea, que Hellmayr, 1929, substituiu por Feira de Santana, ao norte da Bahia de Todos os Santos).

Interior seco do Brasil este-setentrional, do sul do Piauí à Bahia (da baía de Todos os Santos para o norte).

Caprimulgus hirundinaceus cearae (Cory)

Nyctipolus hirundinaceus cearae Cory, 1917, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, (18), p. 402: Quixadá (Ceará).

Nordeste extremo do Brasil (inclusive a região da Bahia com ele confinante).

Caprimulgus nigrescens nigrescens Cabanis

Caprimulgus nigrescens Cabanis, 1848, em Schomburgk, Reise Brit. Guiana, III, p. 710: baixo Essequibo (Guiana, inglêsa).

América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais (do leste extremo da Colômbia às Guianas) até o norte da Bolívia, através da porção amazônica do Equador do Peru, da Bolívia e do Brasil (inclusive o norte do Maranhão e de Mato Grosso).

Caprimulgus cayennensis cayennensis Gmelin

Caprimulgus cayennensis Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 1031 (com base em Buffon e Daubenton, Pl. enlum. 760): Caiena.

Norte da América Meridional cisandina (do leste da Colômbia às Guianas), inclusive o norte extremo do Brasil (território de Roraima).

Caprimulgus candicans (Pelzeln)

Stenopsis candicans Pelzeln, 1867, em Sclater, Proc. Zool. Soc. Lond., "1866", p. 588: Oriçanga (perto de Campinas, estado de São Paulo).

Leste do Paraguay (*teste* Schauensee) e Brasil meridional (São Paulo, Mato Grosso).

A fêmea do presente bacurau corresponde *Stenopsis langsdorffi* Pelzeln, 1944 (tipo do Cuiabá).

Gênero **NYCTIPHRYNUS** Bonaparte

Nyctiphrynus Bonaparte, 1857, Revista Contemporânea, IX, p. 215. Tipo, *Caprimulgus ocellatus* Tschudi.

Nyctiphrynus ocellatus ocellatus (Tschudi)

Caprimulgus ocellatus Tschudi, 1844, Arch. f. Naturg., X, (1), p. 268: Peru.

Da porção amazônica do Equador e do Peru ao nordeste da Argentina, inclusive Bolívia, Paraguay, Brasil oeste-setentrional (da margem direita do Amazonas para o sul), central e este-meridional (da Bahia ao norte do Paraná).

Gênero **HYDROPSALIS** Wagler

Hydropsalis Wagler, 1832, Isis, col. 1222. Tipo, *Caprimulgus furcifer* Vieillot (design. de Gray, 1855).

Hydropsalis climacocerca climacocerca (Tschudi)

Caprimulgus climacocercus Tschudi, 1844, Arch. f. Naturges., X, (1), p. 269: Peru (rio Ucayali).

América do Sul oeste-setentrional cisandina, do sul da Colômbia e da Venezuela ao norte da Bolívia, inclusive o leste do Equador, o nordeste do Peru e o Brasil oeste-setentrional, ao sul do alto Solimões (para leste até a margem esquerda do rio Madeira).

Hydropsalis climacocerca schomburgki Sclater

Hydropsalis schomburgki Sclater, 1866, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 142: Guiana (inglesa).

Do sul da Venezuela e das Guianas à faixa adjacente do norte extremo do Brasil (alto rio Negro e rio Branco).

Hydropsalis climacocerca canescens Griscom & Greenway

Hydropsalis climacocerca canescens Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, p. 425: Lago Grande (margem direita do baixo Amazonas, a oeste do rio Tapajós).

Margem esquerda do baixo Solimões (Manacapuru) e direita do baixo Amazonas, do rio Madeira à margem esquerda do Tapajós.

Hydropsalis climacocerca intercedens Todd

Hydropsalis climacocerca intercedens Todd, 1937, Ann. Carnegie Museum, XXV, p. 245: ilhas defronte de Óbidos.

Baixo Amazonas, na altura de Óbidos.

Hydropsalis climacocerca pallidior Todd

Hydropsalis climacocerca pallidior Todd, 1937, Ann. Carnegie Museum, XXV, p. 245: Santarém (margem direita da boca do Tapajós).

Apenas conhecida pelos exemplares tipos.

Hydropsalis brasiliana brasiliana (Gmelin)

Curiango-tesoura.

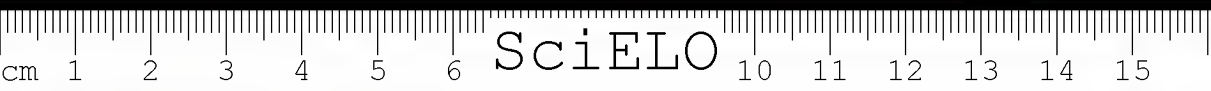
Caprimulgus brasilianus Gmelin, 1798, Syst. Nat., 1, (2), p. 1031 (com base no "Ibijau", de Marcgrave): nordeste do Brasil.

Brasil oriental (exceto a porção meridional extrema) e central, até a margem direita do rio Amazonas (do rio Madeira para leste).

Hydropsalis brasiliana furcifera (Vieillot)

Caprimulgus furcifer Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., X, p. 242 (com base em Azara, n.º 309): Paraguay.

Do leste da Bolívia ao Uruguay e norte da Argentina, inclusive o Paraguay e o Brasil em suas porções oeste-setentrionais (inclusive o rio Guaporé e o baixo Paraguai) e meridional (Rio Grande do Sul) extremas.



Gênero **MACROPSALIS** Sclater

Macropsalis Sclater, 1866, Proc. Zool. Soc. Lond., pp. 141 e 143. Tipo, *Caprimulgus forcipatus* Nitzsch (= *Hydropsalis creagra* Bonaparte), por designação de Hartert, 1892.

Macropsalis creagra (Bonaparte)

Curiango-tesoura.

Hydropsalis creagra Bonaparte, 1850, Conspectus Avium, I, p. 58: Brasil (Ipanema, no estado de São Paulo, plausível como local. típ.).

Brasil este-meridional, de Minas Gerais e Espírito Santo ao Rio Grande do Sul (inclusive o sudeste de Minas Gerais).

Gênero **ELEOTHREPTUS** G. R. Gray

Eleothreptus G. R. Gray, 1840, List Gen. Bds., p. 7 (nome novo para *Amblypterus* Gould, 1838, não de Agassiz, 1833). Tipo, *Amblypterus anomalus* Gould (design. orig.).

Eleothreptus anomalus (Gmelin)

Curiango, Curiangu.

Amblypterus anomalus Gould, 1938, Proc. Zool. Soc. Lond., "1937", p. 105: Demerara (local. errônea, donde ter sido o "leste de São Paulo" proposto como pátria típica por Pinto, 1938).

Paraguay, nordeste da Argentina (inclusive Buenos Aires), Uruguay e sudeste do Brasil (do sul de Minas ao Rio Grande do Sul, *fide* Schauensee, 1966).

Ordem APODIFORMES

Família APODIDAE

Gênero **STREPTOPROCNE** Oberholser

Streptoprocne Oberholser, 1906, Proc. Biol. Soc. Wash., XIX, p. 69. Tipo, *Hirundo zonaris* Shaw (design. original).

Streptoprocne zonaris zonaris (Shaw)

Taperuçu, Andorinhão.

Hirundo zonaris Shaw, 1796, em J. F. Miller, Cimelia Physica, p. 100. pl. 55: Laguneta (Colômbia central).

Leste da Bolívia, norte e oeste da Argentina, Brasil central e este-meridional (do Rio de Janeiro ao extremo sul do país).

Streptoprocne zonaris albicincta (Cabanis)

Hemiprocne albicincta Cabanis, 1862, Journ. f. Ornit., p. 165, *partim*, Demerara (Guiana, inglêsa).

América Central e América do Sul oeste-setentrional cisandina, desde o norte extremo (da Colômbia às Guianas) ao norte da República Argentina, inclusive o leste do Equador e do Peru, o leste da Bolívia e o Brasil oeste-setentrional extremo (incluso o território de Roraima e o noroeste de Mato Grosso).

Streptoprocne biscutata (Sclater)

Taperuçu.

Chaetura biscutata Sclater, 1865, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 609, pl. 34: Rio de Janeiro e Ipanema (esta considerada pátria típica).

Brasil setentrional (Piauí, Paraíba) e este-meridional (do Espírito Santo e sudeste de Minas ao Rio Grande do Sul).

Gênero **CYPSELOIDES** Streubel

Sypseloides Streubel, 1848, Isis, col. 366. Tipo, *Hemiprocne fumigata* Streubel (design. por Sclater, 1865).

Cypseloides fumigatus fumigatus (Streubel)

Hemiprocne fumigata Streubel, 1848 (*ex* Natterer MS) Isis, col. 366: Brasil (Curitiba, pátria típica design. por Zimmer, Auk, n.º LXII, p. 587, out. de 1945).

Norte da Argentina (Salta, Tucumán etc.) e sudeste do Brasil (do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul), com ocorrências (migratórias?) na Amazônia ocidental (leste do Peru e do Equador) e no Panamá.

Cypseloides senex (Temminck)

Cypselus senex Temminck, 1826, Nouv. Rec. Pl. Color., livrais. 67, pl. 397: Brasil (tipo col. por A. de St. Hilaire, Ipanema tendo sido designada como pátria típica por Pinto, 1944, Pap. Avuls., VI, p. 140).

Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay, Brasil central e este-meridional, do sul do Pará (serra do Cachimbo) a São Paulo.

A espécie tornou-se o tipo do gênero *Aerornis* Bertoni, 1901, sob o qual é arrolada por muitos autores.

Gênero **CHAETURA** Stephens

Chaetura Stephens, 1826, em Shaw, General Zool., XIII, (2), p. 76. Tipo, *Hirundo pelagica* Linné (design. de Swainson, 1829).

Chaetura pelagica (Linné)

Hirundo pelagica Linné, 1758, Syst. Nat., (1), p. 192: América (= Carolina, no leste dos Estados Unidos).

Nidifica na porção oriental da América do Norte (do norte do Canadá ao leste e sul dos Estados Unidos, emigrando para o sul durante o inverno, quando visita o México, a América Central (também algumas das Antilhas) e o oeste-setentrião da América do Sul cisandina, inclusive, eventualmente, o Brasil, ao norte do rio Amazonas (Manaus).

Chaetura chapmani viridipennis Cherrie

[*Chaetura chapmani* Hellmayr, 1907, Bull. Brit. Orn. Club, XIX, p. 62: Caparo (ilha de Trinidad)].

Chaetura chapmani viridipennis Cherrie, 1916, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XXXV, p. 183: Doze de Otubro (norte de Mato Grosso, entre os rios Juruena e Roosevelt).

Brasil este-setentrional (Amapá, Belém) e centro-ocidental (estado do Acre, noroeste de Mato Grosso).

Chaetura cinereiventris cinereiventris Sclater

Chaetura cinereiventris Sclater, 1862, Catal. Coll. Amer. Bds., p. 283 (com base em *Cypselus acutus* Wied, não de Linné): Bahia.

Brasil este-meridional, da Bahia (região da baía de Todos os Santos) ao Rio Grande do Sul (inclusive o leste de Minas).

Chaetura cinereiventris sclateri Pelzeln

Chaetura sclateri, Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (1), pp. 16 e 56: Borba (boca do rio Madeira).

Porção amazônica do Equador e do Peru, Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (inclusive o baixo Madeira).

Chaetura cinereiventris occidentalis Berlepsch & Taczanowski

Chaetura cinereiventris occidentalis Berlepsch & Taczanowski, 1883, Soc. Lond., p. 569: Chimbo (Equador, perto de Guayaquil).

Só conhecida da porção oeste-setentrional extrema da América do Sul (oeste da Colômbia e do Equador) e, provavelmente como emigrante, na margem setentrional do rio Amazonas (Itacoatiara).

Chaetura egregia Todd

Chaetura egregia Todd, 1916, Proc. Biol. Soc. Wash., XXIX, p. 97: rio Surutu (Bolívia).

Leste da Bolívia e adjacente porção do Brasil (rio Acre, Iquiri).

Chaetura spinicauda spinicauda (Temminck)

Cypselus spinicauda Temminck, 1839, Nouv. Rec. Pl. Color., Tabl. méthod. (baseado em Daubenton, Pl. enlum. 726, fig. 1): Caiena.

Porção oeste-setentrional da América de Sul cisandina (leste da Venezuela, Guianas) inclusive o Brasil, das suas fronteiras setentrionais extremas ao rio Amazonas.

Chaetura spinicauda aethalea Todd

Chaetura spinicauda aethalea Todd, 1937, Proc. Biol. Soc. Wash., L, p. 183: Benevides (leste do Pará).

Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Amazonas (do rio Purus ao leste do Pará).

Chaetura andrei meridionalis Hellmayr

[*Chaetura andrei* Berlepsch & Hartert, 1902, Novit. Zool., IX, p. 91: rio Orenoco].

Chaetura andrei meridionalis Hellmayr, 1907, Bull. Orn. Cl., XIX, p. 63: Santiago del Estero (norte da Argentina).

Norte da Argentina, Paraguay, Brasil central (Mato Grosso) e oriental (do Piauí ao Norte da Argentina, Paraguay, Rio Grande do Sul), extendendo as suas visitas, como emigrante, ao norte extremo da América do Sul.

Chaetura brachyura brachyura (Jardine)

Acanthylis brachyura Jardine, 1846, Ann. Magaz. Nat. Hist., XVIII, p. 120: Tobago (Antilhas).

Pequenas Antilhas e adjacente norte da América Meridional (da Colômbia às Guianas), estendendo-se para o sul até o Peru e Brasil (na Amazônia e no rio Paraguai).

Gênero **REINARDA** Hartert

Reinarda Hartert, 1915, Bull. Brit. Orn. Club, XXXVI, p. 7 (nome novo para *Claudia* Hartert, 1892, não Stal, 1865). Tipo, *Cypselus squamatus* Cassin (monotipia).

Reinarda squamata squamata (Cassin)

Cypselus squamatus Cassin, 1853, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., VI, p. 369: Guiana (inglêsa).

América do Sul oeste-setentrional cisandina, das Guianas e do leste do Peru ao Brasil amazônico (inclusive o norte de Mato Grosso).

Reinarda squamata orientalis Pinto & Camargo

Reinarda squamata orientalis Pinto & Camargo, 1961, Arq. de Zool., XI, (9), p. 225: Mosquito (Ceará, perto de Icaraí).

Brasil este-setentrional (do Piauí à Bahia) e central (inclusive o oeste de Minas).

Gênero **AERONAUTES** Hartert

Aëronautes Hartert, 1892, Catal. Bds. Brit. Mus., XVI, pp. 436 (em chave) e 459. Tipo, *Cypselus melanoleucus* Baird (= *Acanthylis saxatilis* Woodhouse), por monotipia.

Aeronautes montivagus (d'Orbigny & Lafresnaye)

Cypselus montivagus d'Orbigny & Lafresnaye, 1837, Rev. Zool., (2), p. 70, pl. 77: Santa Cruz de la Sierra (Bolivia).

Faixa montanhosa da América do Sul oeste-setentrional cisandina, do norte da Venezuela ao Peru e oeste da Bolívia, inclusive os limites setentrionais do Brasil (serra Imeri, *teste* Friedmann, 1948, Proc. Un. St. Nat. Mus. vol. 97, p. 417).

Gênero **PANYPTILA** Cabanis

Panyptila Cabanis, 1847, Arch. f. Naturges., XIII, (1), p. 345. Tipo, *Hirundo cayennensis* Gmelin.

Panyptila cayennensis (Gmelin)

Hirundo cayennensis Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 1024 (com base em Buffon e Daubenton, pl. enlum. 725, fig. 2): Caiena.

Do sul do México e da América Central à América do Sul cisandina, desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas)

até a porção amazônica do Equador e do Peru, afora o Brasil setentrional (baixo Amazonas) e oriental (do Maranhão a São Paulo).

Família TROCHILIDAE

Gênero **DORYFERA** Gould

Doryfera Gould, 1847, Proc. Zool. Soc. Lond., XV, p. 95. Tipo, *Trochilus ludoviciae* Bourcier & Mulsant (design. por Gray, 1855).

Doryfera johannae guianensis (Boucard)

[*Trochilus Johannae* Bourcier, 1847, Proc. Zool. Soc. Lond., V, p. 45: Peru.]

Hemistephania guianensis Boucard, 1893, Hummingbird, III, p. 10: montes Merumé e rio Carimang (Guiana inglêsa).

Faixa meridional montanhosa da Venezuela e da Guiana inglêsa, com extensão à região limítrofe do Brasil (cabeceiras do rio Uraricuera, *fide* Phelps & Phelps, 1948).

Gênero **RAMPHODON** Lesson

Ramphodon Lesson, 1830, Traité d'Orn., livr. 4, p. 287. Tipo, *Trochilus naevius* Dumont (monotipia).

Ramphodon naevius (Dumont)

Beija-flor, Coitelo.

Trochilus naevius Dumont, 1818, Dict. Sc. Nat., X, p. 55; monte Corcovado (Rio de Janeiro).

Faixa litorânea do Brasil este-meridional, do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul (inclusive sudeste de Minas).

Gênero **GLAUCIS** Boie

Glaucis Boie, 1831, Isis, col. 545. Tipo, *Trochilus braziliensis* Latham (= *Trochilus hirsutus* Gmelin), design. de Gray, 1840).

Glaucis hirsuta hirsuta (Gmelin)

Besourão.

Trochilus hirsutus Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 490: Brasil (= nordeste do Brasil, *ex* Marcgrave).

América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais (do leste da Venezuela às Guianas) até a Bolívia (excetuada a

porção extrabrasileira da alta Amazônia), inclusive o Brasil, em todos os estados centrais e marítimos (excetuados os meridionais extremos).

Glaucis dohrnii (Bourcier & Mulsant)

Trochilus dohrnii Bourcier & Mulsant, 1852, Ann. Sci. Phys. et. Nat. etc., Lyon, (2), IV, p. 139: "Equador" (localid. errônea, substit pelo Rio de Janeiro, Pinto, 1938, Rev. Mus. Paulo, XXII, p. 248).

Faixa litorânea montanhosa do Brasil médio-oriental, da Bahia (Jequié) ao Rio de Janeiro.

A. Ruschi (Bol. Mus. Mello-Leitão, ser. Zool., 76, p. 7), propõe o sul da Bahia como pátria típica da espécie.

Gênero **THRENETES** Gould

Threnetes Gould, 1852, Monogr. Trochil., I, Introduct., pág. XXXIX (pls. 13 e 15). Tipo, *Trochilus leucurus* Linné (design. de Gray, 1855).

Threnetes leucurus leucurus (Linné)

Trochilus leucurus Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 190 (com base em Edwards, pl. 256, fig. 1): Suriname.

Sul da Venezuela, Guianas e Brasil oeste-setentrional, dos seus limites setentrionais (alto rio Negro, rio Branco) às margens ambas do rio Amazonas(do rio Purús para leste).

Um exemplar, aparentemente ♂, do rio Mucajaí (territ. de Roraima), prova pertencer à forma típica da espécie (cf. Pinto, Cadernos da Amazônia, VIII, 1966, p. 74), de que se ocuparam, entre outros, C. E. Hellmayr (Field Museum of Nat. Hist., Zool., XII, p. 381) e J. T. Zimmer (Am. Mus. Novit., 1449, pp. 9 a 12).

Threnetes leucurus cervinicauda Gould

Threnetes cervinicauda Gould, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., "1854", (22), p. 109: Quijos (Equador).

Porção amazónica da Colômbia, leste do Equador, nordeste do Peru e oeste extremo do Brasil amazônico (rio Juruá).

Threnetes leucurus medianus Hellmayr

Threnetes leucurus medianus Hellmayr, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Ser. Zool., XII, p. 381: Turiaçu (norte do Maranhão).

Do leste do Pará (região de Belém) ao norte do Maranhão.

Threnetes leucurus loehkeni L. Grantsau

Threnetes loehkeni Grantsau, 1969, Papéis Avulsos do Depart. de Zoologia, XXII, p. 246: Serra do Navio (Territ. do Amapá).

Brasil setentrional extremo, ao sul da Guiana Francesa (Amapá).

Gênero **PHAETHORNIS** Swainson

Phaëthornis Swainson, 1827, Philos. Magaz., (n. ser.), I, p. 441. Tipo, *Trochilus superciliosus* Linné (design. orig.).

Phaethornis superciliosus superciliosus (Linné)

Beija-flor de rabo branco.

Trochilus superciliosus Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 189: Caiena.

Leste da Venezuela, Guianas e Brasil oeste-setentrional, ao norte do rio Amazonas (alto rio Negro, Amapá).

Phaethornis superciliosus moorei Lawrence

Phaethornis moorei Lawrence, 1958, Ann. Lyc. Nat. Hist. N. York, VI, p. 258: Equador (rio Napo).

Porção amazônica da Colômbia e do Equador, nordeste do Peru e oeste extremo do Brasil (alto Solimões).

Phaethornis superciliosus muelleri Hellmayr

Phaëthornis superciliosus muelleri Hellmayr, 1911, Bull . Brit. Orn. Cl., XXVII, p. 93: Peixe-Boi (não longe de Belém, do Pará).

Margem direita do baixo Amazonas (da margem direita do Tapajós para leste) e respectivo estuário (região de Belém).

Phaethornis superciliosus insignis Todd

Phaethornis superciliosus insignis Todd, 1937, Ann. Carn. Mus., XXV, p. 246: Itaituba (rio Tapajós, marg. esquerda).

Ao sul do médio Amazonas (da margem direita do Madeira à esquerda do Tapajós).

Phaethornis superciliosus ochraceiventris Hellmayr

Phoethornis affinis ochraceiventris Hellmayr, 1907, Bull. Brit. Orn. Cl., XIX, p. 54: Humaitá (marg. esquerda do alto Madeira).

Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (inclus. rio Purus) e da vizinha porção do rio Amazonas (inclusive a margem esquerda do rio Madeira).

Phaethornis malaris malaris (Nordmann)

Trochilus malaris Nordmann, 1835, em Erman, Reise um die Erde, Naturhist. Atlas, p. 2, pl. 16: sem indicação de localid. (= Caiena, *teste* Peters, 1945).

Guiana Francesa e vizinha porção do norte extremo do Brasil (Amapá).

Sobre o difícil problema das relações da presente espécie com *P. superciliosus* pronunciaram-se, além de Zimmer, 1950 (Amer. Mus. Novit., n.º 1449), Glydenstolpe, 1951 (Orn. Rio Purus, p. 83) e Schauensee, 1966 (Bds. S .Amer., p. 159).

Phaethornis malaris insolitus Zimmer

Phaethornis malaris insolitus Zimmer, 1950, Amer. Mus. Novit., n.º 1449, p. 18: rio Guainia (em sua junção com o Casiquiare).

Sul da Venezuela (alto Orenoco), sudeste da Colômbia e noroeste extremo do Brasil (alto rio Negro).

Phaethornis eurynome eurynome (Lesson)

Trochilus eurynome Lesson, 1832, Les Trochil., p. 91, pl. 31: Brasil (Rio de Janeiro é plausível como pátria restrita).

Paraguay, nordeste da Argentina e Brasil este-meridional (do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul).

J. Berlioz (L'Oiseau, XXXII, 1962, p. 135) advoga a separação das populações platinas, sob o nome de *Ph. eurynome paraguayensis* Bertoni, 1901, de existência provável no sul de Mato Grosso.

Phaethornis eurynome pinheiroi Ruschi

Phaethornis eurynome pinheiroi Ruschi, 1965, Bol. Mus. Mello-Leitão, Zool., XXIV, p. 1: fazenda da Alegria (no vale do rio Piracicaba, leste de Minas Gerais).

Leste de Minas Gerais (vale do rio Piracicaba).

Phaethornis hispidus (Gould)

Trochilus hispidus Gould, 1846, Proc. Zool. Soc. Lond., (14), p. 90: "Peru" (= Bolívia, *fide* Peters).

América do Sul oeste-setentrional cisandina, desde seus limites setentrionais (oeste da Colômbia, sul da Venezuela) até o sudeste do Peru, a Bolívia e o Brasil amazônico (alto Juruá, sul do Pará), inclusive o norte de Mato Grosso (Cáceres, Tapirapoã).

Phaethornis bourcieri bourcieri (Lesson)

Trochilus Bourcieri Lesson, 1832, Les Trochil., p. 62, pl. 18: Brasil (baixo Amazonas, admitido como pátria restrita).

Leste do Equador nordeste do Peru e Brasil oeste-setentrional, ao longo do rio Amazonas e seus afluentes pela margem direita (inclus. as margens ambas do rio Tapajós).

Phaethornis bourcieri whitelyi Boucard

Phaethornis whitelyi Boucard, 1891, Humming Bird, 1, p. 18: monte Roraima.

América do Sul oeste-setentrional (do leste da Colômbia às Guianas), inclusive o Brasil, em seu noroeste extremo (do alto rio Negro ao Amapá).

Phaethornis philippii (Bourcier)

Trochilus Philippii Bourcier, 1847, Ann. Sci. Phys. et Nat. d'Agric. et d'Industr. etc. de Lyon, X, p. 623: Bolívia.

Alta bacia amazônica, no leste do Peru, norte da Bolívia e noroeste do Brasil (ao sul do rio Solimões).

Phaethornis squalidus squalidus (Temminck)

Trochilus squalidus Temminck, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., livrais. 2, pl. 20, fig. 1: Ipanema (*ex* Natterer).

Faixa litorânea do Brasil este-meridional, do Espírito Santo a Santa Catarina (inclusive o sudeste de Minas Gerais).

Phaethornis squalidus rupurumii Boucard

Phaetornis (sic) *Rupurumii* Boucard, 1892, Humming Bird, II, p. 1, rio Rupurumi (= Rupurumi, Guiana, inglêsa).

Norte da América Meridional (do sul do Orenoco, à Guiana, inglêsa), inclusive a adjacente porção do Brasil (Território de Roraima).

Phaethornis squalidus amazonicus Hellmayr

Phaethornis rupurumii amazonicus Hellmayr, 1906, Bull. Brit. Orn. Club., XVI, p. 82: Itaituba (baixo Tapajós, marg. direita).

Margem direita (do rio Tapajós ao Xingu) e esquerda do baixo Amazonas (de Itacoatiara a Monte Alegre e cercanias).

Phaethornis squalidus maranhaoensis R. Grantsau

Phaethornis maranhaoensis Grantsau, 1968, Papéis Avuls. Depart. Zool., XXII, (7), p. 57: Imperatriz (oeste do Maranhão, na marg. direita do rio Tocantins).

Registrado apenas na pátria típica, no sudoeste do estado do Maranhão.

Forma dificilmente separável de *Ph. squalidus amazonicus*.

Phaethornis augusti incanescens (Simon)

[*Trochilus augusti* Bourcier, 1847, Ann. Sci. Phys. et Natur. etc., Lyon, X, p. 623: Caracas (Venezuela)].

Anisoterus Augusti incanescens Simon, 1921, Hist. Nat. Trochil., p. 16 e 257: Quonga, montes Merumé, monte Roraima (Guiana, inglesa).

Zona montanhosa da Venezuela e da Guiana, inglêsa, com o Brasil, inclusive a região deste último que lhe fica adjacente (Território de Roraima).

A inclusão deste beija-flor na avifauna brasileira apoia-se no testemunho de A. Ruschi (Bol. do Museu de Biologia Mello-Leitão, Biol., n.º 47, p. 8, ag. de 1965).

Phaethornis pretrei (Lesson & Delattre)

Beija-flor de rabo branco, Cuitelo.

Trochilus Pretrei Lesson & Delattre, 1839, Rev. Zool., II, p. 20: Minas Gerais.

Norte extremo da Argentina, leste da Bolívia, Brasil central (inclusive Minas Gerais) e oriental (Maranhão a São Paulo).

Phaethornis subochraceus Todd

Phaethornis subochraceus Todd, 1915, Proc. Biol. Soc. Wash., XXVIII, p. 170: Santa Cruz de la Sierra (Bolívia).

Leste da Bolívia e sudoeste de Mato Grosso (Descalvados).

Phaethornis nattereri Berlepsch

Phaethornis nattereri Berlepsch, 1887, Ibis, p. 289: Caiçara e Engenho do Cama (norte de Mato Grosso).

Brasil central (Mato Grosso) e este-setentrional (Maranhão, Piauí).

Phaethornis gounellei Boucard

Phathornis (sic) *gounellei* Boucard, 1891, Humming Bird, 1, p. 17: "Brasil" (= Santo Antônio da Barra, *fide* Peters).

Nordeste do Brasil, do Piauí à Bahia (inclusive o Recôncavo).

Phaethornis ruber ruber (Linné)

Trochilus ruber Linné, 1758, Syst. Nat., 1, p. 121: Suriname.

Brasil central (do leste de Mato Grosso a Minas Gerais) e oriental, desde o baixo Amazonas até São Paulo (litoral sul).

Phaethornis ruber nigricinctus Lawrence

Phaethornis nigricinctus Lawrence, 1858, Ann. Lyc. Nat. Hist. N. York, VI, p. 260: Equador.

Porção amazônica do Equador e do Peru, leste da Bolívia e Brasil oeste-setentrional, ao norte e ao sul do rio Solimões (inclusive o alto rio Negro).

Phaethornis ruber espiscopus Gould

Phaethornis episcopus Gould, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., pte. 25, p. 14: Guaiana, inglesa.

Leste e sul da Venezuela, Guiana Inglêsa e norte extremo do Brasil (inclusive Manaus, *fide* Ruschi, Bol. Mus. Mello-Leitão, n. 30, p. 6).

Phaethornis griseogularis griseogularis Gould

Phaethornis griseogularis Gould, 1851, Monogr. Trochil., pl. 34 (e texto respectivo): Bogotá e Quito (= Colômbia e Equador).

Alta Amazônia (do sul da Colômbia ao norte do Peru), inclusive o norte extremo do Brasil (território de Roraima), *fide* Plhelps & Phelps (Bol. Soc. Venezol. Cient. Nat., 1948, n. 71, p. 6).

Phaethornis longuemareus aethopyga Zimmer

[*Trochilus longuemareus* Lesson, 1832, Les Trochilidées, p. 15. Caiena.]

Phaethornis longuemareus aethopyga Zimmer, 1950, Amer. Mus. Novit., n.° 1449, p. 48: Caxiricatuba (rio Tapajós, marg. direita).

Margem direita do baixo Amazonas (baixo Tapajós).

Lícito é supor, embora até aqui faltem provas, que também ocorram no Brasil *Phaethornis longuemareus longuemareus* (Lesson) e *P. l. atri-*

mentalis (Lawrence), o primeiro na região do Amapá, e o segundo na do alto Rio Negro.

Phaethornis idaliae (Bourcier & Mulsant)

Trochilus Idaliae Bourcier & Mulsant, 1856, Ann. Soc. Linn. de Lyon (nov. ser.), III, p. 187: interior do Brasil.

Brasil este-meridional, do Rio de Janeiro ao Espírito Santo, incluso o sudeste de Minas Gerais (rio Doce).

Considerado freqüentemente simples subespécie de *Ph. longuemareus*.

Gênero **CAMPYLOPTERUS** Swainson

Campylopterus Swainson, 1827, Zool. Journ., III, p. 358, Tipo, *Campylopterus latipennis* (Lath.) = *Trochilus largipennis* Boddaert (design. por Gray, 1840).

Campylopterus largipennis largipennis (Boddaert)

Trochilus largipennis Boddaert, 1783, Tabl. Pl. enlum., p. 41 (com base em Daubenton, pl. enlum. 672, fig. 2): Caiena.

Leste da Venezuela (vale do Orenoco), Guianas e Brasil transamazônico (inclusive o rio Negro).

Campylopterus largipennis aequatorialis Gould

Campylopterus Aequatorialis Gould, 1861, Introd. Trochil., p. 54. cercanias de Quito (leste do Equador).

Porção amazônica da Colômbia, Equador e do Peru, Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões.

Campylopterus largipennis obscurus Gould

Campylopterus obscurus Gould, 1848, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 13. rio Amazonas.

Leste do Pará, ao sul do rio Amazonas (inclusive a ilha de Marajó) e norte do Maranhão.

Campylopterus largipennis diamantinensis Ruschi

Campylopterus largipennis diamantinensis Ruschi, 1963, Bol. Mus. de Zool. Mello-Leitão, ser. Biologia, n.º 39, p. 5: Córrego das Pedras (Serra do Espinhaço, Minas).

Sudeste do Brasil, no noroeste de Minas Gerais (Serra do Espinhaço).

Campylopterus hyperythrus hyperythrus (Cabanis)

Campylopterus hyperythrus Cabanis, 1848, em Schomburgk, Reis. Brit. Guiana, III, p. 709: monte Roraima (oeste da Guiana).

Oeste da Guiana (região do monte Roraima), estendendo-se para o sul até as cabeceiras orientais do rio Branco (rio Cotingo).

Campylopterus hyperythrus duidae Chapman

Campylopterus hyperythrus duidae Chapman, 1929, Amer. Mus. Novit., n.º 380, p. 13: monte Duida.

Região montanhosa do sul da Venezuela (Território Amazonas, nas cabeceiras do Orenoco) e adjacente região do norte extremo do Brasil (serra Imeri).

Gênero **EUPETOMENA** Gould

Eupetomena Gould, 1853, Monogr. Trochil., II, pl. 42. Tipo, *Trochilus macrourus* Gmelin (monotipia).

Eupetomena macroura macroura (Gmelin)

Trochilus macrourus Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 487: "Jamaica" (localid. errônea, havendo Hellmayr designado Caiena como pátria típica).

Guianas, Paraguay, Brasil setentrional (baixo Amazonas e ilhas do delta) e centro-ocidental (inclusive Minas Gerais) e este-meridional (do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul).

Eupetomena macroura simoni Hellmayr

Eupetomena macroura simoni Hellmayr, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 386: rio do Peixe (Bahia, perto de Queimadas).

Nordeste do Brasil (do Maranhão à Bahia).

Gênero **FLORISUGA** Bonaparte

Florisuga Bonaparte, 1850 (março), Consp. Avium, I, p. 73. Tipo, *Trochilus mellivorus* Linné (Bonaparte designou, abril de 1850).

Florisuga mellivora mellivora (Linné)

Trochilus mellivorus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 121: "India" (localid. errônea, por Suriname).

América tropical cisandina, desde o sul do México até o leste do Peru, o norte da Bolivia e o Brasil amazônico (inclusive o Maranhão e o norte de Mato Grosso).

Gênero **MELANOTROCHILUS** Deslongschamps

Melanotrochilus Deslongschamps, 1879, Bull. Soc. Linn. Normandie, 3a), III, p. 314 (*fide* Mengel, em The Auk, LXXVII, 1960, p. 87). Tipo, *Trochilus fuscus* Vieillot (monotipia).

Melanotrochilus fuscus (Vieillot)

Beija-flor preto.

Trochilus fuscus Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., VII, p. 348: Brasil (Bahia foi suger. como local. típica, Pinto, 1938).

Brasil oriental, da Paraíba ao Rio Grande do Sul (inclusive o leste de Minas Gerais).

A inclusão da Paraíba na área geográfica do presente beija-flor acha-se autenticada no trabalho de Pinto & Camargo (Arq. Zool., XI, 1961, p. 226) sôbre as aves do nordeste brasileiro.

Gênero **COLIBRI** Spix

Colibri Spix, 1824, Av. Nov. Bras., I, p. 80. Tipo, *Trochilus serrirostris* Vieillot (design. de Gray em 1855).

Colibri delphinae delphinae (Lesson)

Ornismya Delphinae Lesson, 1839, Rev. Zool., p. 44: sem indicação de localidade típica (Bogotá foi designada como tal, por Berlepsch & Hartert, 1902).

América Central (da Guatemala ao Panamá) e América do Sul oeste-setentrional cisandina, do seu norte extremo (da Colômbia às Guianas) ao norte da Bolívia, inclusive o leste do Equador, o nordeste do Peru e o norte extremo do Brasil (rio Branco).

Colibri delphinae greenewalti Ruschi

Colibri delphinae greenewalti Ruschi, 1962, Boll. Mus. Mello-Leitão, Zool. n.º 32, p. 2 (no texto): Andaraí (Bahia).

Brasil médio-oriental, no interior da Bahia (serra do Cincorá).

Colibri serrirostris (Vieillot)

Trochilus serrirostris Vieillot, 1818, Anal. nouv. Orn. Élément., p. 69: Brasil (como terra típica, tem o Rio de Janeiro a maior probabilidade).

Norte da Argentina, leste da Bolívia, Brasil central e este-meridional (da Bahia ao Rio Grande do Sul).

Gênero **ANTHRACOTHORAX** Boie

Anthracothorax Boie, 1831, Isis, col. 545. Tipo, *Trochilus violicauda* Boddaert (= *T. viridigula* Bodd.), por design. de Elliot, 1879.

Anthracothorax viridigula (Boddaert)

Trochilus viridigula Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 41 (com base em Daubenton, pl. enlum. 671, fig. 1): Caiena.

América do Sul oeste-setentrional cisandina, do norte extremo (do leste da Venezuela às Guianas) ao Brasil amazônico, desde as suas fronteiras setentrionais (Amapá) até as margens ambas do baixo Amazonas e região adjacente (inclusive o norte do Maranhão).

Anthracothorax nigricollis nigricollis (Vieillot)

Trochilus nigricollis (Vieillot), 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., VII, p. 349: Brasil (Rio de Janeiro, plausível como pátria típica).

América Meridional cisandina (também no sudeste do Panamá e em Trinidad), do extremo norte ao Paraguay e nordeste da Argentina, inclusive o leste de Peru, a Bolívia e o Brasil, em todos os estados, à exceção do nordeste extremo.

Gênero **AVOCETTULA** Reichenbach

Avocettula Reichenbach, 1849, Av. Syst., pl. XXXIX (simples diagnose). Tipo, *Ornismya avocetta Lesson* (= *Trochilus recurvirostris* Swainson), design. por Gray, 1855.

Avocettula recurvirostris (Swainson)

Trochilus recurvirostris Swainson, 1822, Zool. Illustr., II, pl. 105: Peru.

Porção oeste-setentrional cisandina da América do Sul (do sudeste da Venezuela às Guianas), incluído o leste do Equador (vale do rio Napo) e o norte do Brasil, nas margens ambas do baixo Amazonas (inclusos o baixo Tapajós e a região de Belém) e o norte do Maranhão (Turiaçu).

A verificação recente (Berlioz, 1938) desta espécie no leste do Equador deve dissipar a incredulidade com que era tida a aceitação do Peru como sua pátria típica.

Gênero **CHRYSOLAMPIS** Boie

Chrysolampis Boie, 1831, Isis, col. 548. Tipo, *Trochilus mosquitus* Linné (design. de Gray, 1840).

Chrysolampis mosquitus (Linné)

Beija-flor papo de fogo.

Trochilus Mosquitus Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 120: "India", (i. é, Antilhas).

América do Sul cisandina, do extremo norte (inclusive ilhas Tobago e Aruba) ao Brasil oriental (do leste do Pará ao Espírito Santo e Minas Gerais) e central (incluso o sul do Pará).

A retificação da pátria típica como Suriname (Berlepsch, 1902) parece injustificada, visto que as ilhas costeiras do Caribe entravam, não raro, no conceito de Indias Ocidentais, *sensu lato*.

Gênero **KLAIS** Reichenbach

Klais Reichenbach, 1854, Journ. f. Orn., I, Beil. zu Extrah., p. 13. Tipo, *Trochilus guimeti* Bourcier (monotipia).

Klais guimeti guimeti (Bourcier)

Trochilus Guimeti Bourcier, 1843, Rev. Zool., p. 72: Caracas.

Porção meridional da América Central e noroeste extremo da América do Sul cisandina, desde os seus limites setentrionais (do leste da Colômbia ao oeste da Venezuela) até o leste do Equador e adjacente faixa do extremo oeste do Brasil amazônico (rio Javari, *teste* Ruschi, 1953).

Gênero **STEPHANOXIS** Simon

Stephanoxis Simon, 1897, Catal. Trochil., p. 40 (nome novo para *Cephallepis* Loddiges, 1830, não Rafinesque, 1810).

Stephanoxis lalandi lalandi (Vieillot)

Trochilus Lalandi Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXIII, p. 427, pl. G. 36, fig. 3: Brasil (= Rio de Janeiro).

Faixa litorânea montanhosa do Brasil médio-oriental, do Espírito Santo ao nordeste extremo de São Paulo (inclusive o sudeste de Minas Gerais).

Stephanoxis lalandi loddigesi (Gould)

Trochilus Loddigesi Gould, 1831, Proc. Zool. Soc. London, (1), p. 12: Rio Grande (= Rio Grande do Sul).

Porção oriental montanhosa do Brasil este-meridional, do sul de São Paulo ao Rio Grande do Sul.

Gênero **LOPHORNIS** Lesson

Lophornis Lesson, 1829, Hist. Nat. Oiseaux-Mouches, p. XXXVII. Tipo, *Trochilus ornatus* Boddaert (design. de Gray, 1840).

Lophornis ornata (Boddaert)

Trochilus ornatus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 39 (com base em Daubenton, pl. enlum. 640, fig. 3): Caiena.

Porção setentrional extrema da América do sul (do leste da Venezuela às Guianas), inclusive a adjacente região norte do Brasil (rio Branco, *teste* Ruschi, 1961).

Lophornis gouldii (Lesson)

Ornismya gouldii Lesson, 1833, Les Trochilidées, p. 103, pl. 38: sem indicação de localidade (leste do Pará, pátria mais provável do tipo).

Brasil setentrional (do Pará ao norte do Maranhão) e central, no norte de Mato Grosso (inclusive os altos formadores do rio Paraguai) e de Goiás.

Lophornis magnifica (Vieillot)

Thochilus magnificus Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., VII, p. 367: Brasil (= Rio de Janeiro).

Brasil oriental (da Bahia ao Rio Grande do Sul) e central (excetuado o norte de Mato Grosso).

Lophornis chalybea chalybea (Vieillot)

Trochilus chalybeus Vieillot, 1823, Tabl. Encycl. Méthod., Orn., pte. 2: Brasil (como pátria típica sugiro o Rio de Janeiro).

Brasil este-meridional, do Espírito Santo a Santa Catarina (inclusive o sul de Minas Gerais).

J. L. Peters (Check-List, Bds. World, V, p. 32) coloca *L. chalybea* e *L. pavonina* no gênero *Polemistria* Cabanis & Heine, 1860 (Mus. Hein. III, p. 63), que tem como tipo *L. verreauxi* (Elliot).

Lophornis chalybea verreauxi Bourcier

Lophornis Verreauxi Bourcier, 1853, Rev. Magaz. Zool., (2), V, p. 193, pl. 6: Peru.

Porção amazônica da Colômbia, Equador e nordeste do Peru, norte da Bolívia, Brasil amazônico, dos seus limites setentrionais extremos (rio Branco) ao sul de Amazonas (alto Juruá) e Pará (Conceição do Araguaia).

Lophornis pavonina pavonina Salvin & Godman

Lophornis pavoninus Salvin & Godman, 1882, Ibis, p. 81: montes Merumé (Guiana inglesa).

Faixa montanhosa dos limites meridionais da Venezuela e da Guiana, inglêsa, inclusive a adjacente porção do extremo norte do Brasil (monte Roraima, *teste* Ruschi, 1953).

Gênero **POPELAIRIA** Reichenbach

Popelairia Reichenbach, 1854, Journ. f. Ornithol., I, Beil. zu Extrah., p. 12. Tipo *Popelairia tricholopha* Reichenbach (= *Trochilus popelairii* Du Bus).

Popelairia langsdorffi langsdorffi (Temminck)

Trochilus langsdorffi Temminck, 1821, Nouv. Rec. Pl. Color., p. 66, fig. 1: Brasil (= Rio de Janeiro).

Faixa litorânea do Brasil médio-oriental, da Bahia (porção meridional extrema) ao Rio de Janeiro.

Popelairia langsdorffi melanosternon (Gould)

Gouldia melanosternon Gould, 1868, Ann. Magaz. Nat. Hist., (4), p. 223: rio Napo (localidade típica), Pebas (rio Ucayali).

Sul da Venezuela, porção oriental amazônica da Colômbia, leste do Equador e do Peru, Brasil oeste-setentrional, ao norte (rio Negro) e ao sul do rio Solimões (rio Madeira, rio Guaporé).

Gênero **DISCOSURA** Bonaparte

Discosura Bonaparte, 1850, Consp. Av., 1, p. 84. Tipo, *Trochilus longicaudus* Gmelin, (design. G. R. Gray, 1855).

Discosura longicauda (Gmelin)

Trochilus longicaudus Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1, (1), p. 498: sem indicação de localidades (Caiena, pátria típica design. por Berlepsch & Hartert, 1902).

Norte da América Meridional (do baixo Orenoco às Guianas) e Brasil este-setentrional, nos seus limites extremos (Amapá) e na região do nordeste (Pernambuco, Bahia).

Gênero **CHLORESTES** Reichenbach

Chlorestes L. Reichenbach, 1854, Journ. f. Ornithol., 1, Beil. zu Extraheft, p. 4, p. 7. Tipo, *Trochilus cyanogenys* Wied. (= *Chlorestes notatus* Reichenb.), design. por Cory, 1918.

Chlorestes notatus notatus (C. Reichenbach)

Trochilus notatus C. Reichenbach, 1795, Magaz. de Thier., Erlangen. I, p. 129: Caiena.

América Meridional cisandina, do norte extremo (do leste da Colômbia às Guianas) ao nordeste do Peru e ao Brasil, em todo o vale amazônico (inclusive o norte de Goiás) e nos estados nordestinos (do Maranhão ao Espírito Santo).

Chlorestes notatus cyanogenys (Wied)

Trochilus cyanogenys Wied, 1832, Beitr. Naturg. Brasilien, IV, p. 70: Brasil (provavelmente o Rio de Janeiro, ou o Espírito Santo).

Brasil médio-oriental (de Pernambuco ao Rio de Janeiro).

Trochilus cyanogenys Wied e *Chlorostilbon puruensis* Riley (alto Purus), conquanto habitualmente tratados como raças geográficas de *Chlorestes notatus*, não parecem susceptíveis de conceituação satisfatória, a grande variabilidade da espécie explicando a completa divergência dos autores no tocante às alegadas diferenças entre as respectivas populações. *Eucephala hypocyanea* Gould, conhecido através de um único exemplar, para uns (v. g. Griscom & Greenway, 1941) seria um híbrido, para outros (Berlioz, 1951) uma forma autônoma.

Chlorestes notatus obsoletus Zimmer

Chlorestes notatus obsoletus Zimmer, 1950, Amer. Mus. Novit., n.° 1463, p. 26: Puerto Indiana (na foz do rio Napo, l. do Peru).

Nordeste do Peru e Brasil oeste-amazônico.

A inclusão desta forma na avifauna brasileira baseia-se no testemunho de A. Ruschi (Bol. do Mus. Mello-Leitão, Biologia, n. 30, p. 14, junho

de 1961), que menciona exemplares de Benjamin Constant, na margem direita do alto Solimões.

Gênero CHLOROSTILBON Gould

Chlorostilbon Gould, 1853, Monogr. Trochil., V. pl. 355: Tipo "Ornismya prasina" Gould, não de Lesson (= *Trochilus pucherani* Bourcier), por monotipia.

Chlorostilbon mellisugus mellisugus (Linné)

Trochilus mellisugus Linné, 1788, Syst. Nat., I, p. 121: "in Indiis" (vaga localidade, aceitando-se Caiena como pátria típica).

Da Guiana francesa e o Suriname ao baixo Amazonas (inclusive as ilhas do estuário).

De conformidade com os estudos de J. T. Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 1474, p. 4), *Ornismya prasina* Lesson, 1830 (Ois. Mouches, p. 188) é tido como sinônimo, a despeito da opinião divergente de J. L. Peters.

Chlorostilbon mellisugus subfurcatus Berlepsch

Chlorostilbon subfurcatus Berlepsch, 1887, Ibis, p. 297: monte Roraima.

Leste e sul da Venezuela, Guiana inglêsa e porção adjacente do extremo norte do Brasil (alto rio Branco).

Chlorostilbon mellisugus phaeopygus (Tschudi)

Trochilus phaeopygus Tschudi, 1844, Arch. Naturges., X. (1), p. 297: Peru.

Porção amazônica da Colômbia, do Equador e do Peru, norte da Bolívia e Brasil ocidental amazônico (inclusive o Acre e o noroeste extremo de Mato Grosso).

Chlorostilbon aureoventris aureoventris (d'Orbigny & Lafresnaye)

Orinismya aureo-ventris d'Orbigny & Lafresnaye, 1838, Syn. Av., em Magaz. Zool., cl. 2, p. 28: Moxos e Cochabamba (Bolívia).

Do leste da Bolívia ao noroeste da Argentina, inclusive o Paraguay e o sul extremo de Mato Grosso.

É freqüente a hibridação nas espécies de *Chlorostilbon*, dando lugar à criação de vários supostos gêneros, cujos tipos devem ser considerados frutos do referido cruzamento, como é o caso de *Smaragdochrysis* Gould

Chlorostilbon aureoventris pucherani Bourcier & Mulsant

Trochilus pucherani Bourcier & Mulsant, 1848, Rev. Zool., p. 271: Brasil (Rio de Janeiro escolhida como localidade típica por Hellmayr, 1929).

Brasil oriental, do Maranhão ao Paraná (inclusive Minas Gerais e sul de Goiás).

Chlorostilbon aureoventris berlepschi Pinto

Chlorostilbon aureoventris berlepschi Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 267 — nome novo para *Chlorostilbon splendidus egregius* Berlepsch & Ihering (não de Heine), 1885, Zeitschr. gesam. Ornithol., p. 155: Taquara do Mundo Novo (Rio Grande do Sul).

Leste da Argentina, Uruguay e sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

Talvez tenham razão Steullet & Deautier (Catal. Sist. Av. Argent., 1945, p. 885) quando vêem em *T. lucidus* Shaw (General Zoology, 1811, VIII, p. 327) o nome mais antigo para a presente subespécie de *Chl. aureoventris*, que Azara foi o primeiro a descrever.

Gênero **PTOCHOPTERA** Elliot

Ptochoptera Elliot, Ibis, 1874, p 261. Tipo *Chlorestes Ricordia iolaimus* Reichenbach.

Ptochoptera iolaima (Reichenbach)

Chlorestes Ricordia iolaimus Reichenbach, 1855, Trochil. Enumer., p. 4 (com base em Icon. Av., pl. 705, ff. 4588-4889: Brasil.

Conhecido apenas pelo tipo, colecionado em Ipanema, por Natterer.

Berlioz (Ois. Rev. Franç. d'Orn., 1938, pp. 16-17) acha muito provável tratar-se de um híbrido.

Gênero **THALURANIA** Gould

Thalurania Gould, 1848, Proc. Zool. Soc. Lond., pte. 16, p. 13. Tipo *Trochilus furcatus* Gmelin (design. por G. R. Gray, Catal. Gen. Subgen. Bds., 1855, p. 21).

Thalurania furcata furcata (Gmelin)

Trochilus furcatus Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 486: Caiena (*ex* Brisson, Orn., III, p. 732).

Das Guianas à margem esquerda do baixo Amazonas (inclusive o baixo rio Negro).

As formas brasileiras da espécie foram estudadas por Pinto em Arq. de Zool., de São Paulo, V. (6), pp. 362-66 (1947).

Thalurania furcata nigrofasciata (Gould)

Trochilus (—?) *nigrofasciata* Gould, 1846, Proc. Zool. Soc. London, p. 89: rio Negro.

Porção amazônica da Colômbia e do Equador, noroeste extremo do Brasil (alto rio Negro).

Thalurania furcata furcatoides Gould

Thalurania furcatoides Gould, 1861, Introd. Trochil, p. 77: Pará (= região de Belém).

Margem direita do baixo Amazonas (da margem direita do rio Tapajós para leste) e norte do Maranhão.

Thalurania furcata balzani Simon

Thalurania balzani Simon, 1896, Novit. Zool., III, p. 259: Yungas (Bolivia).

Porção intermédia da margem direita do baixo Amazonas (da margem direita do rio Madeira à esquerda do Tapajós), estendendo-se para o sul até ao norte da Bolívia.

Thalurania furcata simoni Hellmayr.

Thalurania simoni Hellmayr, 1906, Bull. Brit. Orn. Cl. XIX, p. 8: Tefé (margem direita do rio Solimões).

Brasil oeste-setentrional, na margem direita do rio Solimões.

As populações do rio Juruá são referidas por Gyldenstolpe (K. Svenska Vetenskaps. Handl., (3), XXII, p. 81, 1945) à presente subespécie, discutindo o assunto, acha Zimmer (Novit. Zool., n.° 1474, p. 17, 1950) mais provável pertençam elas a *T. f. jelskii* Taczan., do nordeste do Peru.

Thalurania furcata baeri Hellmayr

Thalurania eriphile baeri Hellmayr, 1907, Bull. Brit. Orn. Club, XXI, p. 27: Goiás (no sul do estado homônimo).

Brasil central (Mato Grosso, Goiás) e este-setentrional (do Piauí à Bahia).

Thalurania furcata eriphile (Lesson)

Ornismya eriphile Lesson, 1832, Hist. Nat. Colibris, p. 148, pl. 25: Brasil (como pátria típica sugiro o Rio de Janeiro).

Brasil este-meridional, do sul da Bahia a São Paulo (inclusive Minas Gerais).

Thalurania watertonii (Bourcier)

Trochilus Watertonii Bourcier (ex Loddiges MS), 1847, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 44: "Guiana Inglesa" (localid. provavelmente errônea, em substituição à qual foi proposta Pernambuco (Pinto, 1954, Pap. Avuls., XII, p. 35).

Faixa litorânea do Brasil este-setentrional (de Pernambuco à Bahia).

Thalurania glaucopis (Gmelin)

Throchilus glaucopis Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 497: Brasil (ex Brisson, Orn., III, p. 724).

Paraguay, nordeste extremo da Argentina e Brasil este-meridional, da Bahia ao Rio Grande do Sul (inclusive Minas Gerais e sul de Mato Grosso).

Gênero **AUGASMA** Gould

Augasma Gould, 1860, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 305. Tipo *Augasma smaragdinea* Gould (monotipia).

Augasma smaragdinea Gould

Augasma smaragdinea Gould, 1860, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 305: Rio de Janeiro (col. Reeves).

Região litorânea do Brasil médio-oriental (Rio de Janeiro).

Dos seis exemplares conhecidos, todos do sexo masculino, o tipo é o único cuja procedência exata se conhece; os demais, pelo estilo da preparação, presume-se oriundos da Bahia. Há grande probabilidade de tratar-se de um híbrido (cf. J. Berlioz, 1951, L'Ois. Rev. Franc. d'Orn., XXI, p. 249). Quanto a *Thalurania chlorophana* Simon, 1897 (Catal. Trochil., p. 20, nota) cujo tipo é da Bahia, suspeitaram Simon & Hellmayr (Novit. Zool., 1908, p. 8) ser ela a fêmea de *A. smaragdinea*. Híbrido parece também *Augasma cyaneoberyllina* Berlioz, 1965 (L'Oiseau, XXXV, p. 7) da Bahia.

Gênero **HYLOCHARIS** Boie

Hylocharis Boie, 1831, Isis, col. 546. Tipo *Trochilus sapphirinus* Gmelin (design. por G. R. Gray, 1840, List. Gen. Bds., p. 14).

Hylocharis sapphirina (Gmelin)

Trochilus sapphirinus Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 496: Guiana (= Caiena, ex Buffon).

América Meridional cisandina, desde a Colômbia e as Guianas até o Paraguay e o nordeste da Argentina, inclusive o Brasil, na

Amazônia e em todos os estados marítimos, desde o Pará até São Paulo.

Merece ser discutida ainda hoje a separabilidade das aves do Brasil oriental (da Bahia a São Paulo), as quais correspondem a *Trochilus latirostris* Wied.

Hylocharis cyanea cyanea (Vieillot)

Trochilus cyanus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXIII, p. 426: Brasil (= Rio de Janeiro, Delalande col.).

Faixa litorânea do Brasil oriental (de Pernambuco a São Paulo).

Hylocharis cyanea viridiventris Berlepsch

Hylocharis cyanea subsp. *viridiventris* Berlepsch, 1880, Ibis, p. 113, Venezuela (incl. o vale do Orenoco) e Trinidad.

América do Sul oeste-setentrional cisandina, do norte extremo à baixa porção do vale amazônico (inclusive o norte do Maranhão).

Hylocharis cyanea rostrata Boucard

Hylocharis cyanea rostrata Boucard, 1895, Gen. Humming Birds, p. 400: Rioja (Peru).

Da porção amazônica do Peru ao nordeste da Bolívia e porção ocidental do Brasil amazônico.

Hylocharis cyanea conversa Zimmer

Hylocharis cyanus conversa Zimmer, 1950, Amer. Mus. Novit., n.º 1474, p. 24.

Regiões campestres do leste da Bolívia, estendendo-se provavelmente ao Brasil oeste-central (Mato Grosso) e ao Chaco paraguaio.

Hylocharis pyropygia (Sclater & Salvin)

Eucephala pyropygia Salvin & Godman, 1881, Ibis, p. 598, pl. 16: "Ecuador" errore (= Bahia).

Leste do Brasil, no estado da Bahia.

É questão em suspenso a situação sistemática de *Eucephala pyropygia* Salv. & Godman (Ibis, 1881, p. 598, pl. 16), a que correspondem cinco exemplares que se presume serem da Bahia: tidos por Berlioz, a princípio (L'Ois. et Rev. Franç. d'Orn., 1938, p. 17), como um híbrido de *H. cyanea* e *Chlorostilbon pucherani*, passou a ser encarado mais tarde pelo mesmo autor (L'Ois., 1951, p. 285) como espécie autônoma.

Eucephala caeruleo-lavata Gould (Proc. Zool. Soc. London, 1860, p. 308), do qual São Paulo é tido como pátria do tipo (único exemplar conhecido) continua enigmática.

Hylocharis chrysura (Shaw)

Trochilus chrysurus Shaw, 1812, Gen. Zool., p. VIII, p. 355 (com base em Azara, n.º 91): Paraguay.

Norte da Argentina, leste da Bolívia, Paraguay, Uruguay, Brasil central (de Mato Grosso a Minas Gerais) e este-meridional (de São Paulo ao Rio Grande do Sul).

Incluem os autores na sinonimia desta espécie *Hylocharis chrysura platensis* Pinto, 1932 (Rev. Mus. Paul., XVII, pte. 2, p. 737), cujo tipo é de Itaqui, no Rio Grande do Sul. Contudo a matéria merece novo e aprofundado exame, tanto mais quanto se acha também envolvida no caso *H. c. lessoni* Pinto & Camargo, 1955 (Papéis Avuls. do Dept. de Zoologia, XII, 1955, p. 220), que tem como localidade típica Porto Camargo, no extremo oeste do estado do Paraná.

Gênero **CHRYSURONIA** Bonaparte

Chrysuronia Bonaparte, 1850, Consp. Av., I, p. 75. Tipo, *Ornismya oenone* Lesson (design. por G. R. Gray, 1855, p. 23).

Chrysuronia oenone josephinae (Bourcier & Mulsant)

[*Ornismya oenone* Lesson, 1832, Hist. Nat. Colibris, p. 157, pl. 30: Trinidad].

Trochilus Josephinae Bourcier & Mulsant, 1848, Rev. Zool., p. 272: sem indicação de localidade (= alto Amazonas, apud Gould, 1859, Monogr. Trochil., texto da pl. 326).

Porção amazônica do Peru, norte da Bolívia e Brasil oeste-amazônico, no alto Solimões (Benjamin Constant).

Gênero **LEUCOCHLORIS** Reichenbach

Leucochloris Reichenbach, 1854, Journ. f. Orn., I, Beil., p. 10. Tipo, *Trochilus albicollis* Vieillot (monotipia).

Leucochloris albicollis (Vieillot)

Beija-flor de papo branco.

Trochilus albicollis Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXIII, p. 426: Brasil (pátria típica Rio de Janeiro).

Paraguay, norte da Argentina e Brasil este-meridional (do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, inclusive o sul de Minas Gerais).

A designação de São Paulo (Pinto, Catal. Av. do Brasil, 1.ª parte, pág. 277) como pátria restrita da espécie é aqui retificada em consequência da

verificação, ulteriormente feita, de que o tipo foi colecionado por Delalande, cujas atividades se circunscreveram ao Rio de Janeiro e arredores. *Chlorestes malvina* Reichenbach, 1855, de Nova Friburgo, de que só se conhece o tipo, é, segundo Berlioz, um híbrido de *Leucochloris abbicollis* e *Chlorostilbon aureoventris pucherani* (cf. L'Ois. et Rev. Franç. d'Orn., nov. ser., VIII, p. 16).

Gênero **POLYTMUS** Brisson

Polytmus Brisson, 1760, Orn., I, p. 40 e III, p. 667. Tipo, *Polytmus*, de Brisson (= *Trochilus thaumantias* Linné), por tautonímia.

Polytmus guainumbi guainumbi (Linné)

Trochilus guainumbi Pallas, 1764, em Vroeg, Catal., Adumbr., p. 2: Cabo da Boa Esperança (localid. errônea, por Suriname).

Norte da América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais (da Venezuela às Guianas) até a porção fronteiriça do Brasil (Amapá).

Polytmus guainumbi thaumantias (Linné)

Trochilus Thaumantias Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 190 (com base em Brisson, Orn., III, p. 667, *ex* Marcgrave): América Meridional (Sergipe, pátria típica suger. por Hellmayr, 1929).

Leste da Bolívia, Paraguay, Brasil central e oriental, do Maranhão a São Paulo (incl. Minas Gerais).

Polytmus milleri (Chapman)

Waldronia milleri Chapman, 1929, Amer. Mus. Novit., n.º 380, p. 14: monte Duida (sul da Venezuela).

Sul da Venezuela (Bolívia Territ. Amazonas) e faixa fronteiriça do Brasil setentrional extremo.

Polytmus theresiae theresiae (Da Silva Maia)

Ornismya theresiae Da Silva Maia, 1843, Minerva Brasiliense (1.º de nov.), p. 2: Pará.

Oeste-setentrião da América Meridional cisandina, das Guianas ao Brasil amazônico (inclusive o norte extremo de Mato Grosso).

Smaragdites Boie, 1831 (= *Psilomycter* Hartert, 1900), de que *Ornismya theresiae* valia como tipo, é tido por Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 1475, p. 1) como inseparável de *Polytmus*.

Polytmus theresiae leucorrhous Sclater & Salvin

Polytmus leucorrhous Sclater & Salvin (*ex* Gould MS), 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 584: Cobati (alto rio Negro).

Porção amazônica da Colômbia, sul da Venezuela, norte do Peru e Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

Gênero **LEUCIPPUS** Bonaparte

Leucippus Bonaparte, 1850, Consp. Av., I, p. 73. Tipo, *Trochilus fallax* Bourcier (design. por Gray, 1855).

Leucippus chlorocercus Gould

Leucippus chlorocercus Gould, 1866, em Sclater & Salvin, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 194: alto Ucayali (leste do Peru).

Nordeste do Peru e região adjacente do Brasil oeste-setentrional.

A espécie figura como tipo do gênero *Talaphorus* Mulsant & Verreaux (1874), que, em consequência, reduz-se a sinônimo de *Leucippus*.

Gênero **TALAPHORUS** Mulsant & Verreaux

Talaphorus Mulsant & Vereaux, 1874, Hist. Nat. Ois.-Mouches, I, p. 257. Tipo *Lencippus chlorocercus* Gould.

Tephrospilus Simon, 1910, Rev. Franç. d'Orn., I, p. 261. Tipo, *Aphantochroa hyposticta* Gould (design. original e monotipia).

Talaphorus hypostictus peruvianus Simon

[*Aphantochroa hyposticta* Gould, 1862, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 124: Equador].

Tephrospilus hypostictus peruvianus Simon, 1921, Hist. Nat. Trochil., pp. 103 e 319: Paucaltambo, Soriano, Huambo (leste do Peru) e norte da Bolívia.

Leste do Peru e da Bolívia, centro-oeste do Brasil, no alto Paraguai (Cáceres).

Gênero **AMAZILIA** Lesson

Amazilia Lesson, 1843, Écho du Monde Savant, col. 757. Tipo, *Ornismya cinnamomea* Lesson (= *Ornismya rutila* De Latre), por design. de Stone (1918).

Amazilia chionogaster hypoleuca (Gould)

[*Trochilus chionogaster* Tschudi, 1845, Fauna Peruana, Orn., pp. 39 e 247, pl. 22, fig 2 — nome novo para *Trochilus leucogaster*,

Tschudi, 1844 (não de Gmelin, 1788), Arch. Naturges., X, (1), p. 297: Peru].

Trochilus hypoleucus Gould, 1846, Proc. Zool. Soc. Lond. (14), p. 90: Bolivia.

Bolívia, noroeste da Argentina e Brasil centro-ocidental (Mato Grosso).

A inclusão da espécie da avifauna brasileira baseia-se num exemplar de Cáceres (alto rio Paraguai) determinado como tal por A. Ruschi (Bol. Mus. de Biol. Mello Leitão, Biol., n.º 30, p. 21).

Amazilia chionopectus whitelyi (Boucard)

[*Thaumatias chionopectus* Gould, 1859, Monogr. Trochil., pte. 18, pl. 8: Trinidad].

Uranomitra whitelyi Boucard, 1893, Humming Bird, III, p. 8: montes da Guiana (inglêsa).

Porção meridional montanhosa da Guiana e região adjacente do extremo norte do Brasil (Roraima), inclusive o alto rio Branco.

À presente subespécie pertencerão os exemplares do rio Mucajai coligidos por Pinto e por este anteriormente referidos à forma típica (Cadernos da Amazônia VIII, 1966, p. 77).

Amazilia versicolor versicolor (Vieillot)

Trochilus versicolor Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXIII, p. 430: Brasil (pátria típica provável Rio de Janeiro).

Faixa litorânea do Brasil este-meridional, da Bahia ao Rio Grande do Sul (inclusive o leste de Minas Gerais).

Tudo leva a crer que *Ornismya brevirostris* Lesson e *Thaumantias affinis* Gould, cujos tipos provieram do Rio de Janeiro, não passam de sinônimos desta forma eminentemente variável (cf. Pinto, Rev. Mus. Paul., XXII, 1938, pág. 259; Pap. Avuls., X, 1951, pp. 173-175: ibidem, XII, 1955, p. 219).

Amazilia versicolor nitidifrons (Gould)

Thaumatias nitidifrons Gould, 1860, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 306: sem indicação de localidade (Pará, pátria típica suger. por Hellmayr, 1929).

Brasil este-setentrional, da margem direita do baixo Amazonas (rio Tocantins) ao Ceará, inclusive o sul do Pará (serra do Cachimbo) e o norte extremo de Goiás.

Amazilia versicolor millerii (Bourcier)

Trochilus Millerii Bourcier (*ex* Loddiges MS), 1847, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 43: rio Negro (Brasil).

Porção setentrional da América do Sul cisandina, do leste da Colômbia e da Venezuela ao Brasil oeste-setentrional, até a margem esquerda do rio Amazonas.

Amazilia versicolor kubtchecki Ruschi

Amazilia versicolor kubtchecki Ruschi, 1959, Bol. Mus. Biol. Mello-Leitão, série Biologia, XXII, p. 5: Brasília (no atual Distrito Federal, encravado no sul do estado de Goiás).

Brasil Central e porção interiorana do Brasil este-meridional (inclusive São Paulo, a oeste da faixa oriental montanhosa).

Amazilia fimbriata fimbriata (Gmelin)

Trochilus fimbriatus Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1, p. 493: Caiena.

Norte extremo da América Meridional cisandina (sul da Colômbia e da Venezuela, Guianas e regiões fronteiriças do Brasil oeste-setentrional).

Amazilia fimbriata laeta (Hartert)

Agyrtria fluviatilis laeta Hartert, 1900, Journ. f. Ornithol., p. 360. Nauta (leste do Peru).

Leste do Peru (rio Marañon e afluentes) e Brasil oeste-amazônico (alto rio Solimões).

Amazilia fimbriata alia Zimmer

Amazilia fimbriata alia Zimmer, 1950, Amer. Mus. Novit., n.º 1475, p. 17: Porto de Moz (rio Xingu).

Baixo Amazonas, em ambas as margens (dos rios Negros e Madeira para leste até o rio Tocantins).

Amazilia fimbriata nigricauda (Elliot)

Thaumatias nigricauda Elliot, 1878, The Ibis, 4ta. Ser., V, p. 47: Bahia.

Leste da Bolívia, Brasil central (inclusive Minas Gerais) e norte-oriental (do Maranhão ao Espírito Santo).

Amazilia frimbriata tephrocephala (Vieillot)

Trochilus tephrocephalus Vieillot, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXIII, p. 130: Rio de Janeiro (Delalande col.).

Faixa litorânea do Brasil este-setentrional (do Rio de Janeiro a Santa Catarina).

Amazilia lactea lactea (Lesson)

Ornismya lactea Lesson, 1832, Hist. Nat. Colibris, Suplem. Hist. Ois. Mouches, p. 99 — nome novo para *Ornismya sapphirina* Lesson, 1829, Hist. Nat. Oiseaux-Mouches, p. XXIX, 172, pl. 56, em parte, ♀ (não *Trochilus sapphirinus* Gmelin): Brasil.

Sudeste do Brasil (do rio de Janeiro a São Paulo), inclusive Minas Gerais (vale do rio Doce).

Amazilia lactea bartletti (Sclat. & Salvin)

Thaumantias bartletti Sclater & Salvin, 1866, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 194: alto Ucayali (leste do Peru).

Leste do Peru, norte da Bolívia e adjacente porção do Brasil ocidental extremo (estado do Acre).

Pinto & Camargo (Pap. Avuls., XI, 1954, p. 382) reconheceram a presente subspécie numa fêmea adulta de Rio Branco, no rio Acre, alto formador do Purus.

Amazilia leucogaster leucogaster (Gmelin)

Trochilus leucogaster Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 495: Caiena.

Porção setentrional da América do Sul cisandina, nas Guianas e norte do Brasil (da região de Belém ao Ceará).

Amazilia leucogaster bahiae (Hartert)

Agyrtria leucogaster bahiae Hartert, 1899, Ornithol., Monatsber., VII, p. 140: Bahia.

Brasil médio-oriental (Pernambuco à Bahia).

Amazilia viridigaster cupreicauda Salvin & Godman

[*Trochilus viridigaster* Bourcier, 1843, Ann. Sc. Phys. et. Nat. Lyon, VI, p. 42: "Bogotá" (= Colômbia).]

Amazilia cupreicauda Salvin & Godman, 1844, The Ibis, p. 452: monte Roraima (Guiana, inglêsa).

Guiana (inglêsa) e porções adjacentes do norte extremo do Brasil.

Gênero **APHANTOCHROA** Gould

Aphantochroa Gould, 1854, Mon. Trochil., II, p. 54. Tipo, *Trochilus cirrhochloris* Vieillot (monotipia).

Aphantochroa cirrhochloris (Vieillot)

Trochilus cirrhochloris Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXIII, p. 430: Brasil (= Rio de Janeiro, Delalande col.).

Brasil oriental (de Pernambuco ao Rio Grande do Sul) e central (inclusive Minas Gerais).

Gênero **CLYTOLAEMA** Gould

Clytolaema Gould, 1853, Monogr. Trochil., IV, pl. 249. Tipo, *Trochilus rubineus* Gmelin (= *Trochilus rubricauda* Boddaert).

Clytolaema rubricauda (Boddaert)

Trochilus rubricauda Boddaert, 1783, Tabl. Pl. enlum., p. 17 (com base no "Oiseau Mouche Rubis Emeraude" de Daubenton): "Brésil" (= Rio de Janeiro, havido como pátria típica).

Brasil este-meridional (do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul), inclusive Minas (Serra do Caraça) e, possivelmente, o sul de Goiás.

Gênero **POLYPLANCTA** Heine

Polyplancta Heine, 1863, Journ. f. Ornithol., p. 182. Tipo, *Trochilus rubineus* Gmelin (= *T. aurescens* Gould), por monotipia.

Polyplancta aurescens (Gould)

Trochilus (*Lampornis*) *aurescens* Gould, 1846, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 88: rio Negro, Brasil (local. errôneo para Hellmayr, que propôs o leste do Peru como pátria típica).

Alto Amazonas (do sul da Colômbia e da Venezuela ao leste do Peru), inclusive a porção ocidental extrema do Brasil amazônico (rio Solimões, rio Juruá).

Gênero HELIODOXA Gould

Heliodoxa Gould, 1849, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 95. Tipo, *Trochilus leadbeateri* Bourcier (design. por Gray, 1855).

Heliodoxa schreibersii schreibersii (Bourcier)

Trochilus Schreibersii Bourcier, 1847, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 43: alto rio Negro (= Marabitanos, Natterer col.).

Leste do Equador, nordeste do Peru e Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

Heliodoxa xanthogonys Salvin & Godman

Heliodoxa xanthogonys Salvin & Godman, 1882, Ibis, p. 80: monte Merumé (Guiana, inglesa).

Sul da Guiana, sudeste da Venezuela e região fronteiriça do norte extremo do Brasil (serra de Imeri).

Heliodoxa gularis (Gould)

Aphantochroa gularis Gould, 1860, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 310: rio Napo (Equador).

Nordeste do Peru, leste do Equador e Brasil oeste-setentrional extremo (Atalaia do Norte, *fide* Ruschi, Boletim do Museu de Zoologia Mello-Leitão, n. 30, p. 28).

Gênero TOPAZA Gray

Topaza G. R. Gray, 1840, List. Gen. Bds., p. 13. Tipo, *Trochilus pella* Linné (design. orig.).

Topaza pella pella (Linné)

Trochilus Pella Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 119: "In Indies" (= Suriname, *ex* Edwards).

Extremo norte da América Meridional (Guianas, inglêsa e holandesa), inclusive o Brasil setentrional, ao norte do baixo Amazonas (Macapá).

Os exemplares de Macapá, que parece a única localidade brasileira em que a forma típica da espécie tem sido encontrada, foram colecionados por Lasso em abril de 1936 (cf. Pinto, Arq. de Zoologia, V, p. 360).

Topaza pella microrhynchus Butler

Topaza pella microrhynchus Butler, 1926, Bull. Brit. Orn. Cl., XLVI, p. 56: Utinga (arred. de Belém).

Margem direita do estuário do rio Amazonas, nas cercanias de Belém, do Pará.

Procede de Utinga, localidade típica da subespécie, um casal coligido por Carlos Estevão em agosto de 1929 (cf. Pinto, Pap. Avuls. do Depart. de Zool., XI, 1953, p. 150).

Topaza pyra (Gould)

Trochilus (Topaza) pyra Gould, 1846, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 85: rio Negro.

Alto Amazonas (do sul da Colômbia ao norte do Peru), sul da Venezuela e Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

No Brasil, esta espécie só tem sido encontrada no alto rio Negro (cf. Zimmer, Amer. Mus. Novit., n.º 1513, pp. 43-45).

Gênero **AUGASTES** Gould

Augastes Gould, 1849, Monogr. Trochil., IV, pl. 221. Tipo, *Trochilus superbus* Vieillot (= *Trochilus scutatus* Temminck).

Augastes scutatus (Temminck)

Trochilus scutatus Temminck, 1824, Pl. Color., pl. 299, fig. 3: Brasil (como pátria típica é plausível Minas Gerais).

Trochilus superbus Vieillot, 1823 (pre-ocupado por *Trochilus superbus* Shaw, 1802), Tabl. Encycl. Méth., Orn., (2), p. 561: Brasil.

Brasil médio-oriental (regiões montanhosas do sul da Bahia e do interior de Minas Gerais).

A validez de *Augastes scutatus soaresi* Ruschi, 1963 (Bol. Mus. Mello-Leitão, Ser. Divulg., IV, pág. 2), tipo de Fazenda Alegria (vale do rio Piracicaba, Minas Gerais), aguarda confirmação.

Augastes lumachellus (Lesson)

Ornismya lumachella Lesson, 1838, Rev. Zool., p. 315: Bahia (Morro do Chapéu, no sertão da Bahia, parece ser a pátria do tipo).

Região altiplana, dita Chapada Diamantina, do interior da Bahia (Morro do Chapéu e arredores).

De pátria durante muito tempo enigmática, a presente espécie foi anos atrás reencontrada por E. Kaempfer em Morro do Chapéu, onde depois

verificou-se ser das mais comuns na região (cf. A. Ruschi, 1963, Proc. XIII, Intern. Ornhithol. Congr., pp. 141-146). Consta existirem exemplares rotulados como de Minas Gerais no Amer. Mus. of Nat. History (cf. R. M. Schaensee, Bds. South America, p. 189).

Gênero **HELIOTHRYX** Boie

Heliothryx Boie, 1831, Ibis, col. 547. Tipo, *Trochilus auritus* Gmelin (design. por G. R. Gray, 1840, List. Gen. Bds., p. 14).

Heliothryx aurita aurita (Gmelin)

Trochilus auritus Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 493: Caiena.

Norte da América Meridional, dos seus limites setentrionais (do leste da Colômbia às Guianas) à porção amazônica do Equador e do Peru, ao norte da Bolívia e ao Brasil oeste-setentrional, até a margem esquerda (e direita?) do rio Solimões e do baixo Amazonas.

Heliothryx aurita phainolaema Gould

Heliothryx phainolaema Gould, 1855, Proc. Zool. Lond., p. 87: "rio Napo" (procedência errônea, a região do Belém sendo aceita como pátria típica).

Brasil este-setentrional, da margem direita do baixo Amazonas (do rio Tapajós, para leste) e respectivo estuário (região de Belém, inclusive o rio Capim) até o norte do Maranhão.

Heliothryx aurita auriculata (Nordmann)

Trochilus auriculatus Nordmann, 1835, em Erman, Reise um die Erde, Naturhist. Atlas, p. 5, pl. 2, figs. 1 e 2: sem indicação de localidade (Rio de Janeiro, tida como pátria do tipo).

Brasil central (aí incluídos os afluentes da margem direita do rio Solimões) e este-meridional (da Bahia ao Paraná).

Gênero **HELIACTIN** Boie

Heliactin Boie, 1831, Isis, de Oken, col. 546. Tipo *H. bilophus* (Temminck) = *Trochilus cornutus* Wied (design. ulter. de Gray, 1840).

Heliactin cornuta (Wied)

Trochilus cornutus Wied 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 190. Campos Gerais (na região do alto rio São Francisco).

Brasil central e oriental (do Maranhão a São Paulo).

Gênero **HELIOMASTER** Bonaparte

Heliomaster Bonaparte, 1850, Consp. Av., I, p. 70. Tipo, *Ornismya angelae* Lesson (= *Trochilus furcifer* Shaw), por ulter. design. de Bonaparte, 1850 (Compt. Rend. Acad. Sic. Paris, XXX, p. 382).

Heliomaster longirostris longirostris (Audeb. & Vieillot)

Trochilus longirostris Audebert & Vieillot, 1801, Ois. Dorés, I, p. 107, pl. 59: "Indes Occidentales" (= Trinidad).

América tropical, do sul da América Central à América do Sul cisandina, desde os seus limites setentrionais (da Colômbia às Guianas) até o leste do Peru, o norte da Bolívia, e todo Brasil amazônico (inclusive parte do Maranhão, o norte de Mato Grosso e Goiás).

Heliomaster squamosus (Temminck)

Trochilus squamosus Temminck, 1823, Pl. Color., pl. 203, fig. 1: "Brésil" (Bahia, pátria típica suger. por Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 282).

Brasil oriental (do Ceará a São Paulo), inclusive Minas Gerais e sul de Goiás (rio Claro).

Heliomaster furcifer (Shaw)

Trochilus furcifer Shaw, 1812, Gen. Zool., VIII, (1), p. 280: Paraguay.

Região platina (do norte da Argentina ao sul da Bolívia), Brasil central (bacia do rio Paraguai) e meridional extremo (Rio Grande do Sul).

Gênero **CALLIPHLOX** Boie

Calliphlox Boie, 1831, Isis, col. 544. Tipo, *Trochilus amethystinus* Boddaert (design. por G. R. Gray, 1855, p. 23).

Calliphlox amethystina (Boddaert)

Trochilus amethystinus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 41 (com base em Daubenton, pl. 672, fig. 1): Caiena.

América do Sul cisandina, do norte extremo (da Colômbia às Guianas) ao norte da República Argentina, através da porção

amazônica do Equador, do Peru e da Bolívia, como também de todo o Brasil central e oriental (do Pará ao Rio Grande do Sul).

Têm-se como híbridos alguns beija flores durante longo tempo enigmáticos, como *Smaragdochrysis iridescens* Gould e *Ptochoptera iolaima* (Reichenb.), sendo este último fruto provável do cruzamento da presente espécie com *Chlorostilbon aureoventris pucherani* (Bourcier). Cf. J. Berlioz, L'Oiseau et Rev. Fr. de Orn., 1932, p. 530).

Ordem TROGONIFORMES

Família TROGONIDAE

Gênero **PHAROMACHRUS** De la Llave

Pharomachrus De La Llave, 1832, Registro Trimestre, I, p. 48. Tipo *Pharomachrus mocinno* De La Llave (monotipia).

Pharomachrus pavoninus pavoninus (Spix)

Trogon pavoninus Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 47, tabl. XXV: matas de Tabatinga (rio Solimões) e Marabitanos (alto rio Negro).

Porção amazônica da Colômbia, do Equador, do Peru e da Bolívia (baixo rio Beni), Brasil oeste-amazônico, ao norte (alto rio Negro) e ao sul (alta porção dos rios Juruá e Purus) do rio Solimões.

Pharomachrus pavoninus viridiceps Gricom & Greenway

Pharomachrus pavoninus viridiceps Griscom & Greenway 1937, Bul. Mus. Comp. Zool., LXXXI, (2), p. 420: baixo Amazonas.

Ao sul do baixo Amazonas (rio Tapajós).

A separabilidade da presente subespécie tem sido posta em dúvida, continuando válidas as razões apresentadas a respeito por N. Glydenstolpe (Arkiv för Zoologi, II, 1951, pp. 88-89).

Gênero TROGON Brisson

Trogon Brisson, 1760, Ornithol., IV, p. 164. Tipo, *Trogon viridis* Linné (= *Trogon strigilatus* Linné), por subsequente designação (Stone, 1907).

Trogon melanurus melanurus Swainson

Surucuá-tatá, Surucuá de barriga vermelha.

Trogon melanurus Swainson, 1838, Anim. in Menager., p. 329: Demerara (= Guiana, inglêsa).

Leste da Venezuela, Guiana e porção oriental do Brasil amazônico (da margem esquerda do rio Negro e da direita do rio Madeira para leste), estendendo-se até o norte do Maranhão, e, para o sul, até o norte de Mato Grosso.

Trogon melanurus eumorphus Zimmer

Trogon melanurus eumorphus Zimmer, 1948, Amer. Mus. Novit., *n.º* 1380, p. 38: Sarayacu (rio Ucayali).

Porção alta da bacia amazônica, do sudeste da Colômbia e leste do Peru ao norte da Bolívia, inclusive o Brasil oeste-setentrional, nas margens ambas do rio Solimões (para leste até a margem direita do rio Negro e a esquerda do rio Madeira.

Devemos ao falecido Conde N. Gyldenstolpe (Arkiv f. Zool, ser. 2, n.º 1, pág. 90, 1951) minucioso estudo crítico da presente subespécie, em cuja sinonímia força é incluir *Trogon melanurus occidentalis* Pinto, 1951 (Pap. Avuls. Dept. de Zool. IX, n.º 9, pág. 105).

Trogon viridis viridis Linné

Surucuá de barriga amarela.

Trogon viridis Linné, 1766, Syst. Nat., 12.ª ed., p. 167 (com base em *Trogon cayanensis viridis*, de Brisson, Orn., IV, p. 168): Caiena.

América do Sul oeste-setentrional cisandina (também na vertente pacífica da Colômbia e do Equador), desde o extremo norte (leste da Venezuela, Guianas) até o norte da Bolívia e o Brasil setentrional, na Amazônia e nos estados nordestinos (inclusive Alagoas).

Durante longo tempo *Trogon strigilatus* Linné, que corresponde à fêmea da espécie, foi o nome preferido; contudo, parece definitivamente aceito que *Trogon viridis* Linné é o que lhe compete, seguindo o procedimento de Burmeister (Syst. Uebers. Th. Bras., II, p. 277, 1856), tido como primeiro revisor (cf. Zimmer, 1938, Amer. Mus. Novit., *n.º* 1380, p. 25).

Trogon viridis melanopterus Swainson

Perua choca (Bahia) *Capitão do mato* (Minas).

Trogon melanopterus Swainson, 1838, Anim. in Menager., pte. III, n.º 332: Brasil (localid. típica Bahia, design. por Griscom & Geenway, 1941).

Sudeste do Brasil, desde a Bahia (ao sul da Baía de Todos os Santos) até o sul de São Paulo (inclusive o leste de Minas Gerais).

As relações da presente subespécie com a forma típica foram detidamente analisadas por vários autores, entre os quais Griscom & Geenway (Bull. Mus. Comp. Zool., vol. 88, p. 181) e Pinto (Arquivos de Zoologia, V, pp. 375-377).

Trogon rufus rufus Spix

Surucuá.

Trogon rufus Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 404 (com base no "Couroucou à queue rousse de Cayenne", de Buffon e em Daubenton, pl. enlum. 736): Caiena.

Do sul da Venezuela e das Guianas ao norte do Brasil, nas margens ambas do baixo Amazonas (dos rios Negro e Madeira para leste).

Tem-se como de separabilidade muito duvidosa *Trogon rufus amazonicus* Todd, 1943 (Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, p. 11), cujo tipo é de Vila Braga, na margem esquerda do rio Tapajós.

Trogon rufus sulphureus Spix

Trogon sulphureus Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 48 (em parte), tab. XXXVIII: Tabatinga (rio Solimões).

Sul da Venezuela (canal Casiquiare) e alta Amazônia (leste do Equador e nordeste do Peru), inclusive o Brasil oeste-amazônico ao norte e ao sul do rio Solimões (para leste até o rio Madeira).

Trogon rufus chrysochloros Pelzeln

Trogon chrysochloros Pelzeln, 1856, Sitzungsber. K. Akad. Wissens. Wien, XX, pp. 496 e 505: Ipanema (São Paulo).

Paraguay, nordeste extremo da Argentina (Misiones) e Brasil este-meridional, desde o sul da Bahia ao Rio Grande do Sul (inclusive o leste de Minas Gerais).

Trogon collaris collaris Vieillot

Trogon collaris Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., VIII, p. 320 (com base em Levaillant, 1806, Hist. Nat. Ois., Courouc. et Tourac., ptc. III, p. 12, pl. VI): Caiena.

Trogon castaneus Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 48, tab. 37 (fêmea): Tabatinga (margem setentrional do alto Solimões).

Norte da América Meridional cisandina, da Venezuela para leste até as Guianas e, para o sul até o leste do Peru, o norte da Bolívia e o Brasil amazônico, desde o norte extremo até a alta porção dos afluentes da margem meridional do rio Solimões, inclusive o Acre.

Durante muito tempo a generalidade dos autores via no presente surucuá a espécie a que dera Lineu, baseando-se em Marcgrave, o nome de *Trogon curucui*, que estudos posteriores vieram provar corresponder ao costumeiramente chamado *T. variegatus*, que passou assim a sinônimo.

Trogon collaris eytoni Frazer

Trogon eytoni Fraser, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond. vol. de 1856, p. 368, no texto: Rio de Janeiro.

Faixa atlântica de leste do Brasil (da Bahia ao Rio de Janeiro).

A maior largura das faixas alternadamente brancas e negras que ornam as coberteiras externas das asas parece o melhor caráter a distinguir as duas subespécies brasileiras de *Trogon collaris*, ambas sujeitas a variações bastante acentuadas para justificar a divergência dos autores, como Zimmer (Am. Mus. Novit., n.º 1380, pp. 1-5, jul. 1948) e Pinto (Pap. Avuls. Dept. de Zoologia, IX, n.º 9, 1950, pp. 122-126), que se têm detido no estudo da matéria.

Trogon curucui curucui Linné

Trogon Curucui Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 167 (com base em "*Curucui Brasiliensibus*" Marcgrave): nordeste do Brasil.

Trogon variegatus Spix, 1824, Av. Nov. Bras., I, p. 49, tab. XXXVIII: "Brasilia" (Rio de Janeiro suger. como pátria típica por Pinto, 1938).

Brasil oriental (do Maranhão ao Rio de Janeiro) e central (Goiás).

Trogon curucui peruvianus Swainson

Trogon peruvianus Swainson, 1837, Anim. in Menager., p. 330: Peru (Moyobamba, pátria típica design. por Zimmer, 1948).

Sudeste da Colômbia, leste do Peru, norte da Bolívia (rio Beni) e Brasil amazônico.

Conforme foi verificado por J. T. Zimmer (American Museum Novitates, n.º 1380, jul. de 1948, p. 22), *Trogon peruvianus* Swainson tem priori-

dade sobre *Trogon bolivianus* Olgivie-Grant, 1890 (Cat. Bds. Brit. Mus., XVII, p. 470), que passa a sinônimo.

Trogon curucui behni Gould

Trogon behni Gould, 1875, Monogr. Trogon., 2.ª ed., p. XX: Bolívia.

Paraguay, leste da Bolívia e Brasil oeste-meridional (vale do rio Paraguai).

Discordam os autores no tocante às relações zoogeográficas desta subespécie com as suas afins (Cf. Pinto, Pap. Avuls. Zool. IX, p. 120).

Trogon personatus roraimae (Chapman)

[*Trogon personata* Gould, 1842, Ann. Magaz. Nat. Hist., IX, p. 237: Peru].

Trogonurus personatus roraimae Chapman, 1929, Amer. Mus. Novit., n.º 341, p. 3: monte Roraima.

América Meridional cisandina, na faixa fronteiriça do Brasil com a Guiana (inglêsa) e a Venezuela (monte Roraima).

A inclusão da subespécie na avifauna brasileira apoia-se no testemunho de Phelps & Phelps (Bol. Soc. Venezol. Cienc. Nat., 1962, n.º 101, p. 35).

Trogon personatus duidae Chapman

Trogon personatus duidae Chapman, 1929, Am. Mus. Novit., n.º 380, p. 16: monte Duida (Venezuela).

Sul extremo da Venezuela (monte Duida) e região confinante do Brasil (Monte da Neblina, *fide* W. Phelps Jr., 1972).

Trogon surrucura surrucura Vieillot

Surucuá de barriga vermelha.

Trogon surrucura Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., VIII, p. 322 (com base no "Surucua", de Azara, Apuntam., n.º 270): Paraguay.

Nordeste da Argentina, leste do Paraguay, e Brasil este-meridional, de São Paulo ao Rio Grande do Sul (inclusive o sudoeste de Minas, sul de Goiás e sudeste de Mato Grosso).

Trogon surrucura surantius Spix

Trogon surantius Spix, 1824, Av. Nov. Bras., 1, p. 47, pl. 36: Rio de Janeiro.

Faixa litorânea do Brasil médio-oriental, do sul extremo da Bahia ao Rio de Janeiro.

Trogon violaceus violaceus Gmelin.

Trogon violaceus Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1, pte. 1, p. 404 (com base em Koelreuter, Nov. Act. Petrop., 11, p. 436, pl. 16, fig. 8): sem indicação de localidade (Suriname, pátria típica, por design. de Berlepsch, 1902).

Norte da América do Sul cisandina (da Venezuela às Guianas) inclusive as regiões adjacentes do norte do Brasil, até a margem esquerda do baixo Amazonas (Faro).

Trogon violaceus ramonianus Deville & Des Murs

Trogon ramoniana Deville & Des Murs, 1849, Rev. Magaz. de Zool., 2.ª série, 1, p. 331: Sarayacu (leste do Equador).

América do Sul oeste-setentrional cisandina, do sul da Colômbia ao leste do Peru, norte da Bolívia e Brasil amazônico (inclusive o norte de Mato Grosso e o leste do Pará).

Reputa-se de separabilidade muito duvidosa *Trogon violaceus crissalis* (Cabanis & Heine, 1863), a que se tem querido referir as aves do rio Tapajós (cf. J. T. Zimmer, 1948, Amer. Mus. Novit., n.º 1380, p. 31 e segs.).

Ordem CORACIIFORMES

Família ALCEDINIDAE

Gênero CERYLE Boie

Ceryle Boie, 1828, Isis, XXI, col. 316. Tipo, *Alcedo rudis* Linné (design. por Gray, 1840).

Ceryle torquata torquata (Linné)

Martim pescador grande, *Ariramba grande* (Amaz.), *Martim-cachá*.

Alcedo torquata Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 180 (com base em Brisson, "Martin pêcheur hupé du Mexique"): México.

Porção meridional da América do Norte (México), América Central e quase toda América Meridional cisandina, desde o seu

norte extremo até o Uruguay e a República Argentina, inclusive o Brasil, em todos os estados.

Gênero **CHLOROCERYLE** Kaup

Chloroceryle Kaup, 1848, cit., p. 68. Tipo, *Alcedo superciliosa* Linné, 1766 (= *Alcedo aenea* Pallas, 1764), design. por Sharpe (1871).

Chloroceryle amazona amazona (Latham)
Martim pescador, Ariramba.

Alcedo amazona Latham, 1790, Ind. Orn., I, p. 157: Caiena.

América Meridional cisandina (na Colômbia, também a oeste do Andes), desde os seus limites setentrionais até o norte da Argentina (inclusive a prov. de Buenos Aires), com ocorrência em todos os estados do Brasil.

Chloroceryle americana americana (Gmelin)

Alcedo americana Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 451 (com base em Daubenton, Pl. enlum, 591, figs. 1 e 2): Caiena.

Norte da América Meridional cisandina (também a oeste dos Andes, da Colômbia ao norte do Chile), desde o extremo setentrião até o norte da Bolívia e todo Brasil setentrional (da Amazônia à Bahia).

Chloroceryle americana mathewsii Laubmann

Chloroceryle americana mathewsii Laubmann, 1927, Verh. Orn. Gesells. Bayer., XVII, (3), p. 120 (nome novo para *Alcedo viridis* Vieillot, 1818, não de Meuschen, 1787): Paraguay.

América do Sul cisandina, desde o sul da Bolívia e o Paraguay até o Uruguay e norte da Argentina, inclusive o Brasil central e este-meridional (do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul).

Chloroceryle inda inda (Linné)

Alcedo inda Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 179 (com base em Edwards, pl. 335): Caiena.

Sul da América Central e América Meridional cisandina (também a oeste dos Andes na Colômbia e no Equador), desde o seu

norte extremo até a Bolívia e todo Brasil (com exclusão do extremo sul).

As populações transandinas da Colômbia foram separadas por Todd (Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, 1943, p. 47) sob o nome de *C. inda chocoensis*, tendo como tipo um exemplar de Chocó (Colômbia).

Chloroceryle aenea aenea (Pallas)

Matim-pescador pequeno.

Alcedo aenea Pallas, 1764, em Vroeg, Catal. Adumbrat., p. 1: Suriname.

Sul da América Central (Panamá) e América do Sul cisandina (também a oeste dos Andes na Colômbia e no Equador), dos limites setentrionais extremos ao norte da Bolívia e ao Brasil, assim na Amazônia como nos estados marítimos, do Pará a São Paulo.

Família MOMOTIDAE

Gênero **MOMOTUS** Brisson

Momotus Brisson, 1760, Ornithol., I, p. 44 e IV, p. 465. Tipo *Ramphastos momota* Linné (tautonímia).

Momotus momota momota (Linné)

Hudu, Jiruva.

Ramphastos momota Linné, 1766, Syst. Naturae, 12.ª ed., I, p. 152: Caiena.

Do leste da Venezuela às Guianas e adjacentes porções do extremo norte do Brasil, estendendo-se para o sul até a margem setentrional do rio Amazonas, desde a margem esquerda do Rio Negro até o litoral atlântico.

Momotus momota microstephanus Sclater

Momotus microstephanus Sclater, 1858 ("1857"), Proc. Zool. Soc. of London, p. 251: "interior da nova Granada" (proxim. de Villavivencio, *apud* Peters).

Sudeste da Colômbia, leste do Equador e extremo noroeste do Brasil, no alto rio Uaupés (Jauareté).

Momotus momota ignobilis Berlepsch

Momotus brasiliensis ignobilis Berlepsch, 1889, Journ. f. Ornithol., XXXVII, p. 307: Yurimaguas (Peru).

Leste do Peru, estendendo-se para leste até o Brasil oeste-amazônico, na margem direita do alto Solimões (rio Juruá).

N. Gyldenstolpe (Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, 1945, p. 95 aventa a possibilidade de referirem-se as populações do rio Juruá a *Momotus momota bartletti* Sharpe, 1892 (Catal. Bds. Brit. Mus, XVII, p. 318), cujo tipo é do alto Ucayali. M. Traylor (Fieldiana, Zool., XXXV, 1958, p. 108) suspeita do acerto dessa opinião.

Momotus momota simplex Chapman
Hudu.

Momotus momota simplex Chapman, 1923, Bull. Amer. Mus. Nat. History, XLVIII, p. 44: Santarém (marg. direita da boca do Tapajós).

Brasil oeste-amazônico, na margem direita do baixo Solimões (rio Madeira) estendendo-se para leste até o rio Xingu (provavelmente em ambos as margens).

Momotus momota parensis Sharpe
Hudu.

Momotus parensis Sharpe, 1892, Catal. Bds. Brit. Mus., XVII, p. 320, no texto: Pará (= Belém).

Margem direita do baixo Amazonas, das margens ambas do rio Tocantins à região de Belém, estendendo-se para leste até o Piauí e, para o sul, até o norte de Goiás (Araguatins).

Inclui *Momotus momota cametensis* Snethlage, 1912 (Orn. Monatsber., XX. p. 155), cujo tipo é de Cametá, na margem esquerda do rio Tocantins.

Momotus momota marcgraviana Pinto & Camargo

Momotus momota marcgraviana Pinto & E. A. de Camargo, 1961, Arq. de Zoologia do Est. de São Paulo, vol. XI, p. 228: Maranguape (no estado da Paraíba).

Nordeste do Brasil (de Pernambuco a Alagoas).

Momotus momota pilcomajensis Reichenow

Momotus pilcomajensis Reichenow, 1919, Journ. f. Ornith., LXVII, p. 334: Villa Montes (rio Pilcomayo, sudeste da Bolívia).

Noroeste da Argentina, sul da Bolívia, Brasil central (sul de Mato Grosso e de Goiás) e este-meridional (oeste de São Paulo).

Gênero **BARYPHTHENGUS** Cabanis & Heine

Baryphthengus Cabanis & Heine, 1859, Mus. Heineanum, II, p. 114. Tipo *Baryphonus ruficapillus* Vieillot (designado por Sharpe, 1892).

Baryphthengus ruficapillus ruficapillus (Vieillot)

Juruva.

Baryphonus ruficapillus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXI, p. 315 (baseado em "Le Motmot Dombey" de Levaillant, 1806, Hist. Nat. Ois. Paradis et des Rolliers, I, p. 113, pl. 39): sem indicação de localidade (= Rio de Janeiro).

Nordeste da Argentina (Misiones) Paraguay e sudeste do Brasil, desde o norte da Bahia até o Rio Grande do Sul (incluso a leste de Minas Gerais).

Baryphthengus ruficapillus berlai Stager

Baryphthengus ruficapillus berlai Stager, 1959, Contrib. in Science, Los Angeles County Museum, n.º 33, p. 4: 20 kilômetros ao norte de São João de Aliança (sul de Goiás).

Brasil central no sul do estado de Goiás (São João de Aliança, rio Claro).

Como outras propostas, afigura-se subespécie de validez discutível, em face da grande variabilidade de colorido da plumagem da forma típica, em que abundam exemplares topotípicos em tudo semelhantes aos do sul de Goiás.

Baryphthengus martii (Spix)

Hudu.

Prionites martii Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 64, tab. 60: vizinhanças do Pará.

Alta Amazônia (do leste da Colômbia ao nordeste do Peru e norte da Bolívia) e Brasil oeste-setentrional, ao do rio Amazonas (dos limites com o Peru ao rio Tapajós).

Considerada por muitos autores como subespécie de *B. ruficapillus*, o que parece tanto mais discutível quanto muitos concordaram em aceitá-la como tipo de um gênero particular, *Urospatha* Salvadori, 1868.

Gênero **ELECTRON** Gistel

Electron Gistel, 1848, Naturges. Thierr. Höhre Schule, p. VIII. Nome novo, em substituição a *Crypticus* Swainson, 1837 (não Latreille 1817), Classif. Bds., II, p. 338. Tipo *Momotus platyrhynchus* Leadbeater (design. por G. R. Gray, 1840).

Eletron platyrhynchum orienticola Oberholser

[*Momotus platyrhynchus* Leadbeater, 1829, Trans. Linn. Soc. of London, XVI, (1), p. 92: "Brasil" (local. errônea, que Oberholser subst. por Equador ocidental)].

Electron platyrhynchum orienticola Oberholser, 1920 ("1919"), Proc. Indiana Acad. Sci, p. 342: Hiutanaã (rio Purus, marg. esquerda).

Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (do rio Juruá ao Madeira), estendendo-se para o sul até o Acre e, provavelmente, o noroeste de Mato Grosso.

Electron platyrhynchum chlorophrys Miranda Ribeiro

Electron platyrhynchus chlorophrys Miranda Ribeiro, 1931, Bol. Mus. Nacional, Rio de Janeiro, VII, p. 83 (em parte): rio Tocantins (aceito como local. típica).

Margem direita do baixo Amazonas, estendendo-se para o sul até o norte de Mato Grosso (*fide* Schauensee) e Goiás.

Inclui *Electron platyrhynchum orientale* Todd, 1947 (Ann. Carnegie Museum, XXV, p. 246), de Vila Braga, na margem esquerda do rio Tapajós.

Ordem PICIFORMES

Família GALBULIDAE

Gênero **GALBALCYRHYNCHUS** Des Murs

Galbalcyrhynchus Des Murs, 1845, Rev. Zoologique, p. 207. Tipo *Galbalcyrhynchus leucotis* Des Murs (monotipia).

Galbalcyrhynchus leucotis purusianus Goeldi

Ariramba da mata virgem.

[*Galbalcyrhynchus leucotis* Des Murs, 1845, Rev. Zool., p. 207: Bogotá (= Colômbia)].

Galbalcyrhynchus leucotis purusianus Goeldi, 1904, Verz. Neuen Thiere und Pflantzenform etc., Suplem. 7, p. 3: rio Purus.

Brasil oeste-setentrional ao sul do rio Solimões (rios Juruá e Purus), estendendo-se para o sul até o norte da Bolivia (rio Beni).

Gênero BRACHYGALBA Bonaparte

Brachygalba Bonaparte, 1854, Ateneo Italiano, II, p. 129. Tipo, *Galbula albigularis* Spix (por design. de G. R. Gray, 1855).

Brachygalba lugubris lugubris (Swainson)
Ariramba da mata.

Galbula lugubris Swainson, 1838, Anim. in Menager., p. 329: montes Kanuku (Guiana, inglesa).

Sudeste da Venezuela, Guianas e do norte do Brasil, desde as fronteiras setentrionais (rio Branco) até às margens ambas do mais baixo trecho do rio Amazonas (rio Tocantins, rio Capim).

Brachygalba lugubris obscuriceps Zimmer & Phelps

Brachygalba lugubris obscuriceps Zimmer & Phelps, 1947, Amer. Mus. Novit., n.º 1338, p. 3: rio Padauiri (alto rio Negro).

Sul extremo da Venezuela e adjacente porção do Brasil oeste-setentrional (alto rio Negro).

Brachygalba lugubris phaeonota Todd

Brachygalba phaeonota Todd, 1943, Ann. Carn. Mus., XXX, p. 10: Tonantins (rio Solimões).

Só conhecido pelo tipo, procedente de Tocantins, no alto Solimões (margem setentrional).

Brachygalba lugubris naumburgi Chapman

Brachygalba lugubris naumburgi Chapman, 1931, Amer. Mus. Novit., n.º 450, p. 1: Teresina (estado do Piauí).

Nordeste do Brasil nos estados do Maranhão e Piauí.

Brachygalba lugubris melanosterna Sclater
Beija-flor da mata.

Brachygalba melanosterna Sclater, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., (8), p. 15: Goiás (loc. típica) e Guayaros (Bolívia).

Leste da Bolívia, Brasil central, do sul extremo do Pará (Cachimbo) ao oeste de São Paulo, inclusive todo o estado de Mato Grosso.

Brachygalba albogularis (Spix)

Galbula albogularis Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., p. 54, tab. 57, fig. 1: "in sylvis ad urbem Param" localid. errônea (= rio Javari).

Alto Amazonas, das fronteiras do Peru com o Brasil (rio Javari) até o extremo oeste do Brasil, ao sul do rio Solimões (alto Purus).

Gênero **JACAMARALCYON** Lesson

Jacamaralcyon Lesson, 1830, Traité d'Ornithol., 235. Tipo *Jacamaralcyon brasiliensis* Lesson (= *Galbula tridactyla* Vieillot), por monotipia.

Jacamaralcyon tridactyla (Vieillot)

Galbula tridactyla Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., XVI, p. 445: Brasil (= Rio de Janeiro, col. Delalande).

Sudeste do Brasil, do Espírito Santo, Rio de Janeiro e leste de Minas Gerais (rio Doce) ao Paraná (rio Paraná).

Gênero **GALBULA** Brisson

Galbula Brisson, 1760, Ornithol., I, p. 42; IV, p. 86. Tipo, "Galbula" (= *Alcedo galbula* Linné).

Galbula galbula (Linné)

Beija-flor grande, Ariramba da mata.

Alcedo Galbula Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 182: Caiena.

Norte da América Meridional cisandina, desde os seus limites setentrionais (do leste da Colômbia às Guianas) até o norte do Brasil, nas margens ambas do baixo Amazonas (dos rios Negro e Tapajós para leste).

Galbula tombacea tombacea Spix

Galbula tombacea Spix, 1824, Av. Nov. Bras., I, p. 55, tab. 58: rio Amazonas (São Paulo de Olivença, local. típica design. por Todd, 1943).

Porção amazônica da Colômbia, do Equador e do Peru, Brasil oeste-setentrional extremo (margens ambas do alto Solimões).

Galbula tombacea mentalis Todd

Galbula tombacea mentalis Todd, 1943, Ann. Carn. Mus., XXX, p. 9: Caviana (rio Solimões, marg. direita).

Thecho médio do rio Amazonas (ao norte e ao sul do baixo Solimões).

Galbula tombacea cyanescens Deville

Galbula cyanescens Deville, 1849, Rev. et Magaz. Zool., (2), I, p. 56: Sarayacu (rio Ucayali, Peru).

Alta Amazônia, no nordeste do Peru e no Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões.

Galbula pastazae Taczanowski & Berlepsch

Galbula pastazae Taczanowski & Berlepsch, 1885, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 107: Mapoto e Machay (Equador).

Alta Amazônia, do leste do Equador ao Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (rio Purus).

Galbula ruficauda ruficauda Cuvier

Galbula ruficauda Cuvier, 1816, Règne Animal, I, p. 420 (com base em Le Vaillant, Ois. de Paradis et., II, pl. 50): Guiana Francesa.

Norte extremo da América Meridional cisandina (da Colômbia às Guianas), inclusive a região setentrional fronteiriça do Brasil (rio Branco).

Galbula ruficauda rufoviridis Cabanis

Beija-flor grande, Cuitelão.

Galbula rufoviridis Cabanis, 1851, em Ersch & Gruber, Allgem. Encycl. Wissens. und Kunste, Sect. I, Th. 52, p. 308: Brasil (Bahia, suger. como pátria típica por Pinto, 1954, Pap. Avuls., XII, p. 37).

Paraguay, norte da Argentina, Brasil oriental (do Ceará ao Paraná) e central (do leste de Mato Grosso a Minas Gerais).

Galbula ruficauda heterogyna Todd

Galbula rufoviridis heterogyna Todd, 1932, Proc. Biol. Soc. Wash., XLV, p. 217: Palmarito (Chiquitos, Bolivia).

Leste da Bolívia e oeste de Mato Grosso (Descalvados, Cuiabá, Miranda, Salobra).

Galbula leucogastra leucogastra Vieillot

Galbula leucogastra Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., XVI, p. 444 (com base em Levaillant): Brasil (Caiena, por substituição devida a Hellmayr, 1910, Novit. Zool., XVI, p. 390).

Sul da Venezuela, Guianas e Brasil oeste-amazônico, ao norte (alto rio Negro) e ao sul (rio Purus, rio Madeira) do rio Solimões.

Galbula leucogastra chalcothorax Sclater

Galbula chalcothorax Sclater, 1854 (1855), Proc. Zool. Soc. Lond., p. 110: Quijos (leste do Equador).

Leste do Equador e do Peru, Brasil oeste-amazônico, ao sul do alto Solimões (rio Juruá).

Galbula leucogastra viridissima Griscom & Greenway

Galbula leucogaster viridissima Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXI, p. 426: Pinhi (rio Tapajós).

Margem direita do baixo Amazonas (rio Tapajós).

Galbula albirostris albirostris Latham

Galbula albirostris Latham, 1790, Index Orn., I, 245: América do Sul (local. típ. Caiena, design. por Berlepsch & Hartert, 1902).

Norte da América do Sul (do leste da Venezuela às Guianas), inclusive o Brasil, desde as suas fronteiras setentrionais até a margem esquerda do baixo Amazonas.

Galbula albirostris chalcocephala Deville

Galbula chalcocephala Deville, 1849, Rev. et. Magaz. Zool., (2), I, p. 55: Sarayacu (rio Ucayali).

Porção oriental amazônica da Colômbia, do Equador e do Peru, Brasil oeste-amazônico, do alto rio Negro à margem esquerda do rio Solimões (Manacapuru).

Galbula albirostris cyanicollis Cassin

Galbula cyanicollis Cassin, 1851, Proc. Acad. Nat. Sci. Philadelphia, V, p. 154, pl. 7: Pará (= Belém).

Brasil oeste-setentrional ao sul do rio Amazonas, desde os seus afluentes mais ocidentais (rio Juruá) ao leste do Pará (rio Capim), estendendo-se até o norte do Maranhão (Turiaçú).

Gênero **UROGALBA** Bonaparte

Urogalba Bonaparte, 1854, Ateneo Italiano, II, p. 129. Tipo, *Alcedo paradisea* Linné (= *Alcedo dea* Linné), por monotipia.

Urugalba dea dea (Linné)

Alcedo Dea Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 116 (com base em Edwards, Orn., pl. 10): Suriname.

América do Sul oeste-setentrional cisandina, dos seus limites setentrionais (do sudeste da Colômbia às Guianas) ao leste do Peru e ao norte do Brasil, desde os seus limites setentrionais extremos até a margem esquerda do baixo Amazonas.

Urogalba dea amazonum Sclater

Urogalba amazonum Sclater, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., pte. 23, p. 14: Pará (= região de Belém).

Baixa porção da margem direita do baixo Amazonas (do rio Madeira para leste), inclusive a região de Belém.

Urogalba dea brunneiceps Todd

Urogalba dea brunneiceps Todd, 1943, Ann. Carnegie Mus., XXX, p. 6: Manacapuru.

Margens ambas do baixo Solimões e da vizinha porção do baixo Amazonas (baixo Madeira, alto Tapajós).

Urogalba dea phainopepla Todd

Urogalba dea phainopepla Todd, 1943, Ann. Carn. Mus., XXX, p. 6: Hiutanaã (alto Purus).

Brasil ocidental extremo, ao sul do alto rio Solimões (rio Juruá, rio Purus).

Há atualmente tendência a considerar o gênero *Urogalba* inseparável de *Galbula*.

Gênero **JACAMEROPS** Lesson

Jacamerops Lesson, 1830, Traité d'Ornith., p. 234. Tipo, *Alcedo grandis* Gmelin (= *Alcedo aurea* Muller).

Jacamerops aurea aurea (Müller)

Ariramba da mata virgem.

Alcedo aurea P. L. Statius Muller, 1776, Syst. Nat., Supplem., p. 94: Berbice (Guiana, inglêsa).

América do Sul oeste-setentrional, do norte extremo (da Colômbia às Guianas) ao leste do Equador e regiões adjacentes do Brasil amazônico (do alto rio Negro à margem esquerda do Solimões).

Jacamerops aurea isidori Deville

Jacamerops Isidori Deville, 1849, Rev. et. Magaz. de Zool., (2), I, p. 55: Sarayacu (nordeste do Peru).

Alta Amazônia, no norte do Peru e no Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (rio Juruá, rio Purus).

Jacamerops aurea ridgwayi Todd

Jacamerops aurea ridgwayi Todd, 1943, Ann. Carnegie Mus., p. 2: Miritituba (rio Tapajós).

Margens esquerda (Pafauá) e direita do baixo Amazonas, desde o rio Tapajós (inclusive, talvez, o baixo Madeira) e o leste do Pará (rio Capim), estendendo-se para o sul até o norte de Goiás, no rio Tocantins (*teste* Novaes).

Família BUCCONIDAE

Gênero **NOTHARCHUS** Cabanis & Heine

Notharchus Cabanis & Heine, 1862, Mus. Hein., (4), Heft, 1, pp. 146 e 149. Tipo, *Bucco hyperrhynchus* Sclater (por design. de Sclater, 1882).

Notharchus macrorhynchos hyperrhynchus (Sclater)
Macuru.

Buco hyperrhynchus Sclater, 1855, p. 193, pl. 105: alto Amazonas.

América Central e porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina, desde o extremo norte (Colômbia, Venezuela) até o leste do Peru, e o norte da Bolívia, através da porção oeste--amazônica do Brasil, dos seus limites ocidentais aos rios Negro (margem direita) e Tapajós (margem esquerda).

Notharchus macrorhynchos macrorhynchos (Gmelin)

Bucco macrorhynchos Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 406: Caiena.

Guianas e porção adjacente do Brasil setentrional (inclusive o rio Branco) até a margem esquerda do baixo Amazonas.

Notharchus macrorhynchos paraensis Sassi

Notharchus macrorhynchus paraensis Sassi, 1932, Orn. Monatsb., XL, p. 121: Pará (= Belém).

Margem direita do baixo Amazonas (do Tapajós para leste), inclusive o leste do Pará e o norte do Maranhão.

Notharchus macrorhynchos swainsoni (G. R. Gray)

Bucco swainsoni G. R. Gray, 1846, Gen. of. Birds, I, p. 74 — nome novo para *Tamatia macrorhynchos* Swainson (não *Bucco macrorhynchos* Gmelin), Zool. Illustr., pl. 99: Brasil (como pátria típica sugiro o Rio de Janeiro).

Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay e sudeste do Brasil, do Espírito Santo a Santa Catarina (inclusive o leste de Minas Gerais).

Notharchus ordii (Cassin)

Macuru.

Bucco Ordii Cassin, 1851, Proc. Acad. Nat., Hist. Phila., V, p. 154, pl. 8: Venezuela.

Porção setentrional extrema da América do Sul cisandina, no sudeste da Venezuela e no Brasil amazônico, do alto rio Negro às margens do rio Amazonas(no alto Solimões e na margem direita do baixo Amazonas).

Notharchus tectus tectus (Boddaert)

Rapazinho dos velhos.

Bucco tectus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 43 (com base em Daubenton, pl. enlum. 688, fig. 2): Caiena.

Norte da América Meridional cisandina, desde os seus limites oeste-setentrionais (alto rio Negro) às margens ambas do baixo Amazonas e o norte do Maranhão.

Gênero **BUCCO** Brisson

Bucco Brisson, 1760, Ornithol., I, p. 42; IV, p. 91. Tipo, *Bucco* Brisson (= *Bucco capensis* Linné), por tautonimia.

Argicus Cabanis & Heine, 1863, Mus. Heineanum, IV, p. 148. Tipo *Cyphos macrodactylus* Spix (monotipia).

Nystactes Gloger, 1827, Froriep's Notizen, XVI, p. 277: Tipo, *Bucco tamatia* (monotipia).

Bucco macrodactylus (Spix)

Macuru.

Cyphos macrodactylus Spix, 1824, Av. Nov. Bras., I, p. 51, tab. 39, fig. 2: rio Amazonas (pátria típica Fonte Boa, no rio Solimões, design. por Berlepsch & Hartert, 1902).

América do Sul oeste-setentrional, no rio Orenoco e na alta Amazônia, inclusive o norte da Bolívia e o Brasil ocidental (ao norte e ao sul do rio Solimões).

Bucco tamatia tamatia Gmelin

Bucco Tamatia Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 405 (com base em Daubenton, Pl. enlum. 746, fig. 1): Caiena.

Leste extremo da Colômbia, sul da Venezuela, Guianas e adjacente norte do Brasil até a margem esquerda do baixo Amazonas (ao que se diz, e exemplares de Parintins parecem confirma-lo, também o trecho da margem direita compreendido entre o Madeira e o Tapajós).

Bucco tamatia pulmentum Sclater

Bucco pulmentum Sclater, 1855, Proc. Zool. London, XXXIII, p. 194, pl. 106: alto Amazonas (Peru).

Alta Amazônia (do sudeste da Colômbia ao nordeste do Peru) e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (e do vizinho trecho do baixo Amazonas).

Exemplares de Lago do Batista, a leste do baixo Madeira, são inseparáveis dos do alto Juruá, autorizando a inclusão de *Nystactes tamatia punctuliger* Todd, 1943, (Ann. Carn. Mus., XXX, p. 14), cujo tipo é de Caviana, na sinonímia de *B. tamatia pulmentum*.

Bucco tamatia inexpectatus (Todd)

Nystactes tamatia inexpectatus Todd, 1943, Ann. Carn. Mus., XXX, p. 14: Manacapuru (margem esquerda do baixo Solimões).

Brasil oeste-setentrional extremo, ao norte do rio Solimões.

A falta de material impede qualquer juízo a respeito também desta subespécie, quiçá inseparável da forma típica. A este respeito cf. N. Gyldenstolpe, Arkiv for Zoologi, II, p. 107 (1951).

Bucco tamatia hypnaleus (Cabanis & Heine)

Chaunornis hypnaleus Cabanis & Heine, 1863, Mus. Hein., IV, p. 145: Pará (como pátria típica, sugiro Belém).

Margem direita do baixo Amazonas, do Tapajós para leste (inclusive as ilhas do delta e o distrito de Belém).

Bucco tamatia interior (Cherrie & Reichenberger)

Nystactes tamatia interior Cherrie & Reichenberger, 1921, Amer. Mus. Novit., n.º 27, p. 3: Campos Novos (Serra do Norte, Mato Grosso).

Brasil centro-ocidental, noroeste de Mato Grosso (Serra do Norte).

Continua muito difícil a discriminação das formas geográficas em *B. tamatia*, assunto detidamente versado pelo autor anos atrás (Arquivos de Zoologia, V, art. 6, pp. 384-6, out. de 1947).

Bucco capensis Linné

Rapazinho dos velhos, Bico de latão.

Bucco capensis Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 168 (com base em "Le Barbu", de Brisson, Orn., IV, p. 92): Cabo da Boa Esperança (localid. errônea, por Caiena).

América do Sul oeste-setentrional cisandina, da porção amazônica da Colômbia, do Equador e do Peru para leste, até as Guianas e, virtualmente, todo o Brasil amazônico.

Nesta distribuição está encaixada a de *B. capensis dugandi* Gilliard, 1949 (Amer. Mus. Novit., n.º 1438, p. 1), que tendo como localidade típica o rio Duida, no sudeste da Colômbia, ainda se afigura de problemática validez.

Gênero **NYSTALUS** Cabanis & Heine

Nystalus Cabanis & Heine, 1863, Mus. Hein., IV, (1), p. 139. Tipo, *Alcedo maculata* Gmelin (design. por Sclater, 1882, Monogr. Jacamars, etc., pte. 4, pág. XXXV).

Nystalus chacuru chacuru (Vieillot)

João-bôbo, Dormião, Jacuru, Paulo-pires (Minas).

Bucco chacuru Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., III, p. 239 (com base em Azara, n.º 261): Paraguay.

Regiões descampadas do nordeste da Argentina, leste do Paraguay e o Brasil, nomeadamente nos estados do centro (alcançando o sul do Amazonas no vale do rio Madeira) e do leste (Maranhão ao Rio Grande do Sul).

Nystalus maculatus maculatus (Gmelin)

Bico de latão.

Alcedo maculata Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 451 (com base em *Ispida brasiliensis naevia* de Brisson, IV, p. 524 (ex "Matuitui" de Marcgrave): Brasil (Pernambuco, pátria típica plausível).

Brasil este-setentrional, na margem direita (também a margem oposta, na região do Trombetas) do baixo Amazonas (do Tapajós para leste) e em todos os estados nordestinos até a Bahia (inclusive a baía de Todos os Santos).

Nystalus maculatus parvirostris (Hellmayr)

Bucco maculatus parvirostris Hellmayr, 1908, Novit. Zool., XV, p. 86: rio Araguaia.

Brasil central, no leste de Mato Grosso, sul de Goiás e oeste de Minas (rio Pandeiro).

Nystalus maculatus pallidigula Cherrie & Reichenberger

Nystalus maculatus pallidigula Cherrie & Reichenberger, 1923, Amer. Mus. Novit., n.º 6, p. 6: Urucúm (perto de Corumbá).

Sudeste de Mato Grosso (vale do rio Paraguai e tributários meridionais).

É corrente considerar as populações norte-argentinas e este-bolivianas subespécie particular, sob *N. maculatus striatipectus* Sclater, 1854 (Proc. Zool. Zoc. London, pte. 21, p. 123), cujo tipo procede da Bolivia.

Nystalus striolatus striolatus (Pelzeln)

Bucco striolatus Pelzeln, 1856, Sitzungsber. K. Akad. Wissens. Wien, Mathem. Naturwissens. Kl., XX, p. 500: Engenho do Gama (rio Guaporé).

Porção amazônica do Equador e do Peru, norte da Bolivia e sudoeste do Brasil amazônico (alto rio Acre, rio Guaporé).

Nystalus striolatus torridus Bond & Schauensee

Nystalus striolatus torridus Bond & Schauensee, 1940, Notulae Naturae, n.º 50, p. 1: rio Guamá (região de Belém, do Pará).

Leste do Pará, ao sul e a leste do estuário amazônico.

Sobre a validez desta raça cf. Pinto & Camargo (Papéis Avulsos Dept. de Zoologia, 1954, XI, p. 386), que a ela referem exemplares do rio Anapu.

Gênero **MALACOPTILA** G. R. Gray

Malacoptila G. R. Gray, 1841, List. Gen. Bds., 2.ª ed., p. 13. Tipo, *Bucco fuscus* Gmelin (design. por G. R. Gray, 1846).

Malacoptila fusca fusca (Gmelin)

Caboclo velho.

Bucco fuscus Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 408 (com base em Latham, 1881, Gen. Syn. Bds., "White breasted Barbet"): Caiena.

Guianas, Venezuela, porção amazônica da Colômbia e do Equador, norte do Peru, Brasil oeste-setentrional, ao norte do baixo Solimões (Manacapuru) e do rio Amazonas (inclusive Óbidos).

Malacoptila fusca semicincta Todd

Malacoptila semicincta Todd, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 111: Hutanaã (alto Purus).

Sudeste do Peru, nordeste da Bolivia (rio Beni) e Brasil oeste-amazônico, na alta porção dos afluentes meridionais do rio Solimões (alto Juruá, alto Purus).

Malacoptila rufa rufa (Spix)

Bucco rufus Spix, 1824, Av. Nov. Bras., 1, p. 52, pl. 40, fig. 1: rio Amazonas.

Leste do Equador, nordeste do Peru, Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (até as margens ambas do baixo Madeira).

Um exemplar do Lago do Batista, a leste do baixo Madeira, é, iniludivelmente, da forma típica.

Malacoptila rufa brunnescens Zimmer

Malacoptila rufa brunnescens Zimmer, 1931, Amer. Mus. Novit., n.º 500, p. 3: Caxiricatuba (rio Tapajós, marg. direita).

Margem meridional do baixo Amazonas, das margens ambas do rio Tapajós à região de Belém.

Malacoptila striata striata (Spix)

João barbudo, João doido, Bole-bole.

Bucco striatus Spix, 1824, Av. Nov. Bras., 1, p. 52, tab. 40, fig. 2: Rio de Janeiro (aceita como local. típica) e Bahia.

Bucco torquatus Hahn & Küster, 1822, Voeg. aus Asien, Afrika etc., Liefer. 13, pl. 5 e texto respectivo (nome pre-ocupado por *Bucco torquatus* Dumont, 1805): Brasil.

Brasil este-meridional, do sul da Bahia a Santa Catarina (inclusive o leste de Minas Gerais).

Malacoptila striata minor Sassi

Malacoptila torquata minor Sassi, 1911, Journ. f. Ornithol., LIX, p. 181 — Miritiba (norte de Maranhão).

Norte do estado de Maranhão (Miritiba, Barra do Corda).

Gênero **MICROMONACHA** Sclater

Micromonacha Sclater, 1881, Monograph Jacamars and Puff-birds, pte. 5, p. 131, pl. 44. Tipo *Bucco lanceolata* Deville (monotipia).

Micromonacha lanceolata lanceolata (Deville)

Bucco lanceolata Deville, 1849, Rev. Magaz. Zool., 2.ª ser., 1, p. 56: Pampa del Sacramento (leste do Peru).

Porção amazônica da Colômbia, do Equador e do Peru. Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (alto Juruá).

Gênero **NONNULA** Sclater

Nonnula Sclater, 1835, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 124. Tipo, *Bucco rubecula* Spix (design. original).

Nonnula rubecula rubecula (Spix)

Bucco rubecula Spix, 1824, Av. Nov. Bras., I, p. 51, tab. 39, fig. 1: Malhada (oeste da Bahia, prox. do rio São Francisco).

Nordeste extremo da Argentina (Misiones), Paraguay e interior do Brasil este-meridional, da Bahia ao Paraná (inclusive Minas Gerais e sul de Goiás).

Nonnula rubecula simplex Todd

Nonnula rubecula simplex Todd, 1937, Ann. Carn. Mus., XXV, p. 248: Vila Braga (rio Tapajós).

Margem direita do baixo Amazonas (Parintins) e margens ambas do rio Tapajós.

Nonnula rubecula cineracea Sclater

Nonnula cineracea Sclater, 1881, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 778: rio Javari (margem peruana).

Nordeste do Peru e Brasil oeste-amazônico ao sul do rio Solimões (inclusive o rio Madeira).

Nonnula rubecula simulatrix Parkes

Nonnula rubecula simulatrix K. Parkes, 1970, Bull. Orn. Club, XC (6), p. 154: Tonantins (rio Solimões, margem esquerda).

Brasil oeste-setentrional, ao norte do rio Solimões.

Nonnula rubecula interfluvialis Parkes

Nonnula rubecula interfluvialis Parkes, 1970, Bull. Orn. Club, XC, (6), p. 155: rio Casiquiare (alto Orenoco).

Sudeste da Venezuela (território Amazonas) e adjacente porção do Brasil oeste-setentrional extremo (rio Uaupés).

Nonnula rubecula tapanahoniensis Mees

Nonnula rubecula tapanahoniensis Mees, 1968, Gerfaut, LVII, p. 101: Palomeu (Suriname).

Guianas e porção adjacente do Brasil (Amapá), estendendo-se para o sul até a margem esquerda do baixo Amazonas (Faro).

O tratamento adotado aqui para a presente subespécie e as duas precedentes, bem como a exclusão de *N. rubecula duidae* Chapman da avi-

fauna brasileira, refletem as conclusões de K. Parkes ao estudar o assunto (Bull. Orn. Club, XC, pp. 154-7, 1970).

Nonnula sclateri Hellmayr

Nonnula sclateri Hellmayr, 1907, Bull. Brit. Orn. Club, XIX, p. 55: Humaitá (margem esquerda do alto Madeira).

Alta porção dos afluentes da margem direita do rio Solimões (do rio Juruá à margem esquerda do rio Madeira).

Nonnula ruficapilla ruficapilla (Tschudi)

Lypornis ruficapilla Tschudi, 1844, Arch. f. Naturgeschichte, pte. 1, p. 300: leste do Peru.

Sul da América Central (leste do Panamá) e América do Sul oeste-setentrional cisandina (também a oeste dos Andes no norte da Colômbia), desde o extremo norte até o leste do Peru e o Brasil oeste-setentrional ao sul do rio Amazonas (do alto Juruá ao Tapajós).

Nonnula ruficapilla nattereri Hellmayr

Nonnula ruficapilla nattereri Hellmayr, 1921, Anz. Orn. Gesells. Bayern, n.º 5, p. 42: Vila Maria (= São Luiz de Cáceres).

Sudoeste de Mato Grosso (bacia do rio Paraguai).

Nonnula amaurocephala Chapman

Nonnula amaurocephala Chapman, 1921, Amer. Mus. Novit., n.º 2, p. 2: Manacapuru (baixo Solimões, marg. esquerda).

Margem esquerda do baixo Solimões (Codajás, Manacapuru).

Gênero **MONASA** Vieillot

Monasa Vieillot, 1816, Anal. Orn. Elém., p. 27. Tipo, "Coucou noir de Cayenne", de Buffon (= *Cuculus ater* Boddaert).

Monasa atra (Boddaert)

Cuculus ater Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 30: Caiena.

Cuculus niger P. L. S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 90 (não *Cuculus niger* Linné, 1758): Caiena.

América oeste-setentrional cisandina, desde os seu norte extremo (do sul da Venezuela às Guianas) até a margem setentrional do baixo Amazonas (inclusive o rio Negro, desde as suas nascentes).

Monasa nigrifrons nigrifrons (Spix)

Bico-de-braza.

Bucco nigrifrons Spix, 1824, Av. Nov. Bras., I, p. 53, tab. 41, fig. 2: rio Solimões.

Porção amazônica da Colômbia e do Equador, nordeste do Peru, norte da Bolívia, Brasil setentrional (da bacia Amazônica ao Piauí) e central (inclusive o oeste de Minas Gerais e São Paulo).

Monasa morphoeus morphoeus (Hahn & Küster)

Tanguru-pará, Sauni, Bico-de-braza, Bico-de-cravo.

Bucco Morphoeus Hahn & Küster, 1823, Voegel aus Asien, Afrika, América und Neuholland, Lief. 14, pl. 12 e texto respectivo: Brasil (loc. típica Rio de Janeiro, suger. por Pinto, Arq. de Zool., V, p. 388, out. de 1947).

Brasil oriental, da margem direita do baixo Amazonas ao Rio de Janeiro (inclusive o leste de Minas Gerais).

Monasa morphoeus rikeri Ridgway

Monasa rikeri Ridgway, 1912, Proc. Biol. Soc. Wash., XXV, p. 88: Diamantina (a leste da boca do Tapajós).

Margem direita dos rios Amazonas e Solimões (das margens ambas do Tapajós para oeste (até, pelo menos, o rio Juruá).

Monasa morphoeus peruana Sclater

Monasa peruana Sclater, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 194: Chamicuros (leste do Peru).

Alta Amazônia desde o oeste da Venezuela e o sudeste da Colômbia até o leste do Peru, o norte da Bolívia e o oeste extremo do Brasil amazônico (Acre).

A conceituação agora adotada para as formas geográficas de *Monasa morphoeus* difere da seguida anteriormente por Pinto (Arq. de Zool., V, 1947, pp. 386-389).

Monasa flavirostris Strickland

Monasa flavirostris Strickland, 1850, em Jardine, Contrib. Orn., p. 7, pl. 48: leste do Peru.

Alta Amazônia (do sudeste da Colômbia ao nordeste do Peru). inclusive a porção ocidental do Brasil amazônico, ao norte (alto rio Negro) e ao sul do rio Solimões (alto Purus).

Gênero **CHELIDOPTERA** Gould

Chelidoptera Gould, 1836, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 81. Tipo, *Cuculus tenebrosus* Pallas (monotipia).

Chelidoptera tenebrosa tenebrosa (Pallas)

Urubuzinho, Andorinha.

Cuculus tenebrosus Pallas, 1782, Neue Nordische Beyträge, III, p. 2, pl. 1, fig. 1: Suriname.

América oeste-setentrional cisandina, desde o norte extremo (do leste da Colômbia às Guianas) à alta Amazônia (leste do Equador e do Peru, norte da Bolívia), ao Brasil setentrional (Amazônia e estados do nordeste até Alagoas e o noroeste da Bahia) e central (Mato Grosso, Goiás).

A extensão atribuída à área geográfica da forma típica apoia-se no estudo de recente material (cf. Pinto, Arq. de Zool., XI, 1961, p. 229).

Chelidoptera tenebrosa brasiliensis Sclater

Chelidoptera brasiliensis Sclater, 1862, Catal. Amer. Bds., p. 275: sudeste do Brasil.

Brasil este-meridional, desde a Bahia (da baía de Todos os Santos para o sul) até São Paulo (inclusive o leste de Minas Gerais).

Família CAPITONIDAE

Gênero **CAPITO** Vieillot

Capito Vieillot, 1816, Anal. Orn. Élément., p. 27. Tipo, *Bucco niger* P. L. S. Müller (monotipia).

Capito aurovirens (Cuvier)

Bucco aurovirens Cuvier, 1829, Règne Animal, 2.ª ed., p. 458 (com base em Levaillant, Hist. Nat. des Ois. de Paradis, III, Supplem., p. 44, fig. E): Peru.

Porção amazônica da América oeste-setentrional (da Colômbia ao Peru), inclusive o noroeste do Brasil, das margens ambas do rio Solimões ao alto Juruá.

Capito dayi Cherrie

Capito dayi Cherrie, 1916, Bull. Amer. Mus. of Nat. Hist., XXXV, p. 394: Porto Velho (alto rio Madeira, marg. direita).

Brasil oeste-setentrional (ao sul do rio Amazonas), da margem direita do alto rio Madeira (Porto Velho, rio Aripuanã) ao alto Tocantins (Marabá).

Capito niger niger P. L. S. Müller

Capitão-de-bigode.

Bucco niger P. L. S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 89 (com base em Buffon, "Tamatia à tête et gorge rouges"): Caiena.

Norte da América Meridional cisandina, desde as Guianas até a margem setentrional do baixo Amazonas.

Capito niger transilens Friedmann

Capito auratus transilens Friedmann, 1945, Proc. Biol. Soc. Wash., 58, p. 113: Santa Isabel (alto rio Negro).

Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

Capito niger nitidior Chapman

Capito auratus nitidior Chapman, 1928, Amer. Mus. Novit., n.° 335, pp. 6: Tonantins (rio Solimões, marg. esquerda).

Brasil oeste-amazônico, ao norte do alto Solimões.

Capito niger hypochondriacus Chapman

Capito auratus hypochondriacus Chapman, 1928, Amer. Mus. Novit. n.° 335, p. 15: Manacapuru (baixo Solimões, margem esquerda).

Brasil amazônico, ao norte do baixo Solimões.

Capito niger amazonicus Deville & Des Murs

Capito amazonicus Deville & Des Murs, 1849, Rev. et Magaz. Zool. (2), 1, pp. 167 e 171: Tefé (margem direita do alto Solimões).

Brasil amazônico ao sul do rio Solimões, desde a fronteira com o Peru até a alta porção do rio Juruá (ambas as margens).

Capito niger orosae Chapman

Capito auratus orosae Chapman, 1928, Amer. Mus. Novit., n.° 335, p. 3 e 8: margem direita do rio Marañon, perto da foz do Orosa (nordeste do Peru).

Conhecido somente através do tipo e de um exemplar do rio Eiru (afluente oriental do alto Juruá), que N. Gyldenstolpe dá como

pertencente à presente subespécie (cf. Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., vol. 22, n. 3, d. 109).

Parece provável que o exemplar do rio Eiru possa ser rotulado como *C.n. amazonicus*, dada a variabilidade de todas as formas do grupo.

Capito niger novaolindae Chapman

Capito auratus novaolindae Chapman, 1928, Amer. Mus. Novit., n.º 335, pp. 3 e 9: Nova Olinda (margem esquerda do alto Purus).

Brasil amazônico, na margem esquerda do rio Purus.

Capito niger arimae Chapman

Capito auratus arimae Chapman, 1928, Am. Mus. Novit., n.º 335, p. 3: Arimã (margem direita do baixo Purus).

Só conhecido da pátria do tipo.

Capito niger insperatus Cherrie

Capito auratus insperatus Cherrie, 1916, Bull. Amer. Mus, Nat. Hist., vol. 35, p. 391: Todos os Santos (rio Chaparé, Bolívia).

Sudeste do Peru, centro da Bolívia e vizinha porção do Brasil amazônico (alto rio Madeira).

Capito niger brunneipectus Chapman

Capito brunneipectus Chapman, 1921, Amer. Mus. Novit., p. 1: Vila Braga (rio Tapajós, marg. esquerda).

Margem direita do baixo Amazonas, no rio Tapajós.

Gênero **EUBUCCO** Bonaparte

Eubucco Bonaparte, 1850, Consp. Av., 1, p. 142. Tipo, *Capito richardsoni* G. R. Gray (design. por Gray, 1855, Catal. Gen. Subgen. Bds., p. 91).

Eubucco richardsoni aurantiicollis Sclater

[*Capito richardsoni* G. R. Gray, 1846, Gen. Bds., II, p. 430, pl. XVI: localid. não indicada (Equador)].

Eubucco aurantiicollis Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. Lond. (1857), p. 267: rio Javari.

Nordeste do Peru (ao sul do rio Marañon) e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (da fronteira com o Peru ao alto Madeira).

Visto se acharem encaixadas na área atribuída a *Eubucco richardsoni aurantiicollis*, novo estudo requerem as populações do alto Purus, separadas por Gyldenstolpe (Arkiv. f. Zoologi, II, n.º 1, pág. 114, 1951) com o nome de *E. richardsoni purusianus*, cujo tipo é de Lábrea.

Família RAMPHASTIDAE

Gênero **RAMPHASTOS** Linné

Ramphastos Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 103. Tipo, *Ramphastos erythrorhynchus* Gmelin (= *Ramphastos tucanus* Linné), designado por Vigors, 1826 (Zool. Journ., I, p. 471).

Ramphastos tucanus tucanus Linné

Tucano de peito branco, Quirina, Pia-pouco.

Ramphastos Tucanus Linné, 1758, Syst. Nat., p. 103: América Meridional (local. típica Suriname, por design. de Griscom & Greenway, 1937).

América do Sul, desde os seus limites setentrionais (da Venezuela às Guianas) até o norte do Brasil, nas margens ambas do médio e baixo Amazonas (do baixo rio Negro e do Tapajós para leste), incluso o estado de Maranhão (Muritiba).

Ramphastos monilis Mueller e *R. erythrorhynchus* Gmelin, que têm Caiena por pátria típica, são meros sinônimos de *R. tucanus* Linné.

Ramphastos tucanus cuvieri Wagler

Ramphastos Cuvieri Wagler, 1827, Syst. Avium, Ramphastos, sp. 5: Brasil amazônico (local. tip. Borba, no rio Madeira, por design. de Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, p. 429).

América do Sul oeste-setentrional cisandina, na alta Amazônia (desde o sudeste da Colômbia até o norte da Bolívia), incluso todo o Brasil oeste-amazônico, (ao norte e ao sul do rio Solimões) e a contígua porção da margem direita do baixo Amazonas (rio Tapajós).

Divergem os autores no que respeita a *Ramphastos cuvieri*, conferindo-lhe uns a categoria de espécie independente, enquanto outros, cujo exemplo aqui se adota, têm-no na conta de variedade geográfica de *R. tucanus*. Seja como for, na região do rio Tapajós, por efeito ou não de cruzamento, verifica-se nítida intergradação entre ambos, a ponto de as populações ali distribuídas, após terem sido erigidas em subespécie particular, sob a denominação de *Ramphastos tucanus oblitus* Griscon & Greenway, 1937 (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, p. 427), figurarem como *R. cuvieri oblitus* na "Check-list of Birds of the World" de J. L. Peters (vol. VI, p. 85).

Ramphastos toco toco Müller

Tucanuçu, Tucano-boi.

Ramphastos Toco P. L. S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 82 (com base em "Toucan de Cayenne", de Buffon e em Daubenton, pl. enlum. 82): Caiena.

Porção este-setentrional da América do Sul, do extremo norte (Guianas) ao Brasil amazônico (inclus. o norte de Mato Grosso).

Ramphastos toco albogularis Cabanis

Ramphastos albogularis Cabanis, 1862, Journ. f. Ornithol., X, p. 334: sul do Brasil.

Da Bolívia ao norte da Argentina, através do Brasil central e oriental (do leste do Pará ao Rio Grande do Sul).

A delimitação das áreas geográficas das duas raças de *Ramphastos toco* é matéria muito sujeita a controvérsia, pois ambas apresentam largas variações individuais, como têm reconhecido todos quantos abordaram o difícil problema. Cf. J. C. Todd, Proc. Biol. Soc. Wash., LVI, 1943, p. 154.

Ramphastos culminatus culminatus Gould

Rhamphastos culminatus Gould, 1833, Proc. Zool. Soc. Lond., parte I, p. 70: "México" (localidade errônea, retificada por Berlepsch & Hartert, Novit. Zool., IX, 1902, p. 101, como rio Solimões).

Alta Amazônia desde a Colômbia e o sul da Venezuela ao norte da Bolívia, através do Brasil oeste-amazônico, nas margens ambas do rio Solimões (inclusive o alto rio Negro) e na margem direita da adjacente porção do médio Amazonas (rio Madeira, serra do Cachimbo).

Ramphastos osculans Gould, 1835 (Proc. Zool. Soc. London, p. 156: "Brasilia") é tido como híbrido de *R. culminatus* e *R. vitellinus*, conforme foi concluído por Hellmayr (L'Ois. et Rev. Franç. d'Orn., 1933, III, p. 244).

Ramphastos culminatus pintoi Peters

Rhamphastos vitellinus pintoi Peters, 1945, Proc. New England Zool. Club., XXIII, p. 79: Jaraguá (rio das Almas, Goiás).

Brasil centro-ocidental (Goiás, Mato Grosso).

Ramphastos vitellinus vitellinus Lichtenstein

Ramphastos vitellinus Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Zool. Mus. Berlin, p. 7: Caiena.

Porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina, desde os seus limites setentrionais (do leste da Venezuela às Guianas) até à margem esquerda do baixo Amazonas (do baixo rio Negro para leste).

Ramphastos vitellinus ariel Vigors

Tucano de bico preto.

Ramphastos ariel Vigors, 1826, Zool. Journ., II, p. 466: Rio de Janeiro.

Brasil oriental, da margem direita do baixo Amazonas a, pelo menos, Santa Catarina (inclusive o leste de Minas Gerais).

Ramphastos vitellinus theresae Reiser

Ramphastos theresae Reiser, 1905, Anz. Akad. Wissens. Wien, XLII, p. 321: alto Parnaíba (sul do Piauí).

Interior do Brasil este-setentrional, da alta porção da bacia do Parnaíba ao alto Xingu.

Para alguns autores (v.g. Zimmer, Field Mus., Zool. Ser., XVII, p. 306) *R. culminatus* e *R. vitellinus* constituem uma só espécie, mau grado a larga lista culminal clara, presente no primeiro e ausente no segundo. Para Germiny (L'Oiseau, nouv. ser., VII, 1937, p. 81) *R. theresae* é um híbrido entre *R. ariel* e *R. culminatus*. O assunto e outros correlatos foram largamente estudados em data recente por Júrgen Haffer (Publ. Nuttall Orn. Club, 1974, n.º XIV, 16, págs. 179-212) cujas conclusões, em parte discutíveis, não podem ser apreciadas neste lugar.

Ramphastos dicolorus Linné

Tucano de bico verde.

Ramphastos dicolorus Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 152: Caiena (localid. errônea, havendo o Rio de Janeiro sido designado como pátria típica por Hellmayr, 1915 (Verh. Orn. Gesell., XII, p. 157).

Nordeste da Argentina, Paraguay e Brasil este-meridional, desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul (inclusive Minas Gerais e sudeste de Goiás).

Gênero **AULACORHYNCHUS** Gould

Aulacorhyynchus Gould, 1834, Proc. Zool. Soc. London, pte. 2, p. 147. Tipo *Pteroglossus sulcatus* Swainson (design. por G. R| Gray, 1840, List. Gen. Bds., p. 50).

Aulacorhynchus derbianus whitelianus (Salvin & Godman)

Aulacorhynchus whitelianus (Salvin & Godman, 1882, Ibis, p. 83: montes Merumé (Guiana, inglesa).

Sul extremo da Venezuela e da Guiana, estendendo-se pela faixa fronteiriça do norte do Brasil.

Incluído na avifauna brasileira por W. Phelps & W. Phelps Jr., Soc. Venezol. Cit. Nat., tomo XXIII, n.º 101, p. 35 (1962).

Gênero **PTEROGLOSSUS** Illiger

Pteroglossus Illiger, 1811, Prodr. Syyst. Mamm., Av., p. 202. Tipo, *Ramphastos aracari* Linné (design. de Gray, 1840, List. Gen. Bds., p. 50).

Pteroglossus aracari aracari (Linné)

Araçari.

Ramphastos Aracari Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 104 (com base precipuamente, em "Aracari", de Marcgrave): América Meridional (= nordeste do Brasil, designado por Pinto, 1938).

Leste do Brasil, desde a margem direita do baixo Amazonas (para oeste até o rio Madeira), ao longo da faixa oriental atlântica, até o sul da Bahia.

Pteroglossus aracari atricollis (Müller)

Ramphastos atricollis P. L. S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 83: Brasil (localid. tida como errônea, havendo Berlepsch & Hartert, 1902, proposto Caiena como pátria típica).

Norte da América do Sul, desde as Guianas até a margem esquerda do baixo Amazonas.

Pteroglossus aracari wiedii Sturm

Pteroglossus wiedii Sturm, 1847, Monogr. Ramphast., pte. 4: sul do Brasil (Rio de Janeiro, designado como pátria típica por Pinto, 1938, Cat. Av. Bras., I, p. 329).

Pteroglossus aracari vergens Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, p. 431: Valparaiso (oeste do estado de São Paulo).

Brasil este-meridional, do Espírito Santo a, pelo menos, Santa Catarina (inclusive o leste de Minas Gerais).

Sem informar sôbre as bases em que se apoia, estende J. L. Peters (Check-list Bds. World, VI, 1948, p. 76) a área geográfica da forma típica

até "Espírito Santo and probably Rio de Janeiro". Entretanto, exemplares procedentes do rio Doce (leste de Minas e Espírito Santo) suportam perfeitamente o confronto com muitos de São Paulo, levando à convicção de que as aves do Rio de Janeiro, por maioria de razão, devem pertencer à forma sulina.

Pteroglossus pluricinctus Gould

Pteroglossus pluricinctus Gould, 1835, Proc. Zool. Soc. London, pte. 3, p. 137: Brasil (rio Solimões, pátria restrita por Berlepsch & Hartert, 1902).

Alta Amazônia (do leste da Colômbia ao norte do Peru), sul da Venezuela (alto Orenoco) e porção oeste-setentrional extrema do Brasil (alto rio Negro).

Pteroglossus castanotis castanotis Gould

Araçari.

Pteroglossus castanotis Gould, 1834, Proc. Zool. Lond., pte. 1, "1833", p. 119: Brasil (o rio Solimões foi designado como pátria típica por Hellmayr, 1910, Novit. Zool., p. 397).

Alta Amazônia (do noroeste extremo do Brasil, ao norte (alto rio Negro) e ao sul do rio Solimões (até o rio Madeira).

Pteroglossus castanotis australis Cassin

Pteroglossus castanotis australis Cassin, 1867, Proc. Acad. Nat. Philad., p. 112: Rio Paraná (Paraguay).

Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay (rio Paraná), Brasil central (inclusive Minas Gerais) e este-meridional (São Paulo ao Rio Grande do Sul).

Pteroglossus viridis viridis (Linné)

Ramphastos viridis Linné, 1766, Syst. Nat., 1, p. 150: Caiena.

Norte da América Meridional (do leste da Venezuela às Guianas), inclusive o Brasil setentrional, desde as suas fronteiras (do alto rio Branco ao Amapá) até a margem esquerda do baixo Amazonas).

Pteroglossus viridis inscriptus Swainson

Pteroglossus inscriptus Swainson, 1822, Zool. Illustr., II, pl. 90 e texto correspondente: "interior da Guiana" (localidade errônea, havendo o Pará sido designado como pátria típica por Hellmayr, 1910, op. cit., p. 399).

Brasil setentrional, desde a margem direita do rio Amazonas (do rio Madeira para leste) até o nordeste extremo (Pernambuco).



ESTAMPA 17 (29)

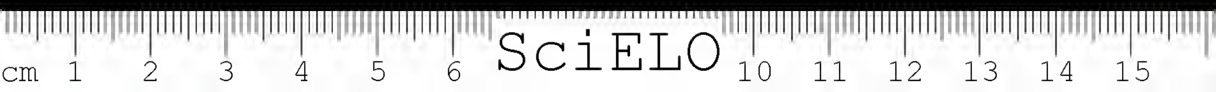
1 — *Momotus momota parensis* Sharpe 224
2 — *Trogon melanurus melanurus* Swainson, macho 217
3 — Idem, fêmea.
4 — *Trogon violaceus ramonianus* Deville & Des Murs 221
5 — Idem, fêmea.
6 — *Trogon viridis viridis* Linné .. 217
7 — *Jacamerops aurea ridgwayi* Todd 232
8 — *Galbula albirostris cyanicollis* Cassin 230
9 — *Galbula galbula* (Linné) 228
10 — *Urogalbula dea amazonum* Sclater 231


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15



ESTAMPA 18 (26)

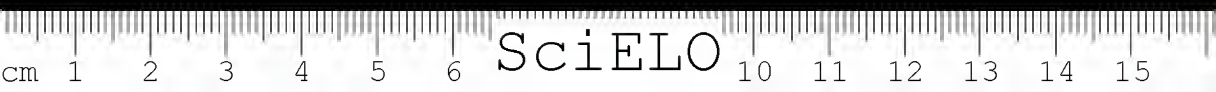
1 — *Notharchus macrorhynchos macrorhynchos* (Gmelin) 232
2 — *Notharchus tectus tectus* (Boddaert) 233
3 — *Malacoptila rufa brunnescens* Zimmer 237
4 — *Bucco tamatia hypnaleus* (Cabanis & Heine) 234
5 — *Bucco capensis* Linné 235
6 — *Nystalus maculatus maculatus* (Gmelin) 235
7 — *Monasa nigrifrons nigrifrons* Spix 240
8 — *Monasa morphoeus morphoeus* (Hahn & Küster) 240
9 — *Chelidoptera tenebrosa tenebrosa* (Pallas) 241


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15



ESTAMPA 19 (*11*)

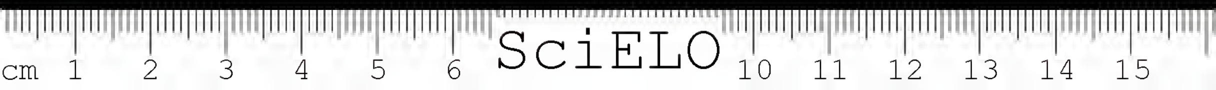
1 — *Ramphastos toco toco* (Müller) ... 245
2a — *Ramphastos tucanus tucanus* Linné ... 244
2b — Idem, fêmea.
3 — *Ramphastos vitellinus vitellinus* Lichtenstein ... 246
4a — *Ramphastos vitellinus ariel* Vigors ... 246
4b — Idem, fêmea.
5 — *Ramphastos tucanus cuvieri* Wagler ... 244





ESTAMPA 20 (12)

1a — *Pteroglossus aracari aracari* (Linné) 247
1b — Idem, fêmea
2a — *Pteroglossus viridis inscriptus* (Swainson) 248
2b — Idem, fêmea
3a — *Pteroglossus viridis viridis* (Linné) 249
3b — Idem, fêmea
4a — *Pteroglossus bitorquatus bitorquatus* Vigors 249
4b — Idem, fêmea
5a — *Selenidera maculirostris gouldii* (Natterer) 251
5b — Idem, fêmea.


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Pteroglossus viridis humboldti Wagler

Pteroglossus Humboldti Wagler, 1827, Syst. Av., Pteroglossus, sp. 4: Brasil.

Alta Amazônia (do sudeste da Colômbia ao norte da Bolívia), inclusive o Brasil ocidental extremo, ao norte (Codajás) e ao sul do rio Solimões (para leste até o rio Madeira).

Pteroglossus bitorquatus bitorquatus Vigors

Pteroglossus bitorquatus Vigors, 1826, Zool. Journ., II, p. 481: sem indicação de localidade (pátria típica "leste do Pará", designada por Pinto, 1938, Catal. Av. Brasil, I, p. 331).

Ao sul do baixo Amazonas (da margem direita do Tocantins para leste), estendendo-se até o norte do Maranhão.

Pteroglossus bitorquatus sturmii Natterer

Pteroglossus Sturmii Natterer, 1842, em Sturm, Monogr. Ramphastidae, III, p. 3, pl. 7: Borba (foz do rio Madeira).

Da margem sul do médio Amazonas (entre os rios Madeira e Tapajós) ao noroeste de Mato Grosso (rio Gi-Paraná).

Pteroglossus bitorquatus reichenowi E. Snethlage

Pteroglossus reichenowi E. Snethlage 1907, Orn. Monatsber., XV, p. 195: "Monte Alegre" (margem esquerda do baixo Amazonas, localidade sem dúvida errônea, devendo ser substituída por Santarém, situada na margem oposta).

Margem direita do baixo Amazonas, da margem oriental do rio Tapajós à ocidental do Tocantins.

Pteroglossus flavirostris flavirostris Fraser

Pteroglossus flavirostris Fraser, 1841, Proc. Zool. Soc. Lond., "1840", p. 61 — nome novo para *Pteroglossus azarae* Gould, 1854 (Monogr. Ramphast.), não de Vieillot, 1819: rio Negro.

Porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina (sudeste da Colômbia, leste do Equador, sul da Venezuela), inclusive o noroeste extremo do Brasil amazônico (alto rio Negro).

Pteroglossus flavirostris azara (Vieillot)

Ramphastos Azara Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXXIV, p. 282 (baseado em "araçari", de Le Vaillant, Ois. Paradis etc. suplem., pl. A): Brasil (= marg. esquerda do rio Solimões).

Amazônia ocidental, na margem esquerda do baixo Solimões.

Pteroglossus mariae Gould

Pteroglossus mariae Gould, 1854, Monogr. Ramphast., 2.ª ed., pl. 30 e texto respectivo: baixo Amazonas (local. seguramente errônea, em substit. à qual foi sugerida a Amazônia peruana, por Hellmayr, 1907, Novit. Zool., XIV, p. 83).

Margem direita do alto Amazonas, no leste do Peru, norte da Bolívia e oeste extremo do Brasil (ao sul do rio Solimões).

Parece que a razão deve estar com Zimmer (Auk, LX, 1943, p. 251) quando vê em *Pteroglossus olallae* Clydenstolpe, 1942 (Arkiv. f. Zoologi, 3 B, n. 12, p. 8), apenas conhecido pelo tipo, procedente de João Pessoa (alto Juruá), um híbrido de *Pt. mariae* e, provavelmente, *Pt. bitorquatus sturmii*. Não obstante, com estas restrições, é alistado como espécie por R. Schauensee em seu conhecido catálogo das aves da Améríca do Sul.

Gênero **BEAUHARNAISIUS** Bonaparte

Beauharnaisius Bonaparte, 1850, Consp. Av., 1, p. 95. Tipo *Pteroglossus beauharnaesii* Wagler (tautonímia).

Beauharnaisius beauharnaesii (Wagler)

Pteroglossus Beauharnaesii Wagler, 1832, Isis, col. 280: Pará (= rio Madeira, exped. Langsdorff). Cf. E. Stresemann, Zool. Jahrb., LXXXVII, 1948, p. 416 (em nota).

Nordeste do Peru (ao sul do rio Marañon), norte da Bolívia (rio Beni) e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões e do baixo Amazonas (do rio Javari ao alto Xingu), inclusive o norte extremo de Mato Grosso (rio Teles Pires).

Gênero **SELENIDERA** Gould

Selenidera Gould, 1837, Icon. Av., pte. 1, com estampa. Tipo, *Pteroglossus gouldii* Natterer (design. por Gray, List. Gen. Bds., 1840, p. 50).

Selenidera culik (Wagler)

Pteroglossus Culik Wagler, 1827, Syst. Av., *Pteroglossus*, sp. 10: Caiena.

Ramphastos piperivorus Linné, 1766, Syst. Nat., 1, p. 150 (com base em "Le Toucan a collier de Cayenne", de Brisson): Caiena.

Norte da América do Sul, desde o sudeste da Venezuela e as Guianas até a margem esquerda do rio Amazonas (a leste do rio Negro, até Óbidos).

Selenidera reinwardtii (Wagler)

Pteroglossus reinwardtii Wagler, 1827, Syst. Av., Pteroglossus, sp. 11: "Brasil".

Porção amazônica da Colômbia, do Equador e do norte do Peru, abrangendo, para leste, o Brasil oeste-amazônico.

A inclusão desta espécie na avifauna brasileira conta a seu favor a referência ,feita por Pelzeln (Orn. Bras., p. 239, nota 1), a um exemplar existente no museu de Munique.

Selenidera langsdorfii (Wagler)

Pteroglossus Langsdorffii Wagler, 1827, Syst. Av., Pteroglossus, sp. 12: Brasil (Tefé, na marg. direita do rio Solimões, foi designada como pátria típica por N. Gyldenstolpe, 1945).

Nordeste do Peru e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões.

Selenidera nattereri (Gould)

Pteroglossus Nattereri Gould, 1836, Proc. Zool. Soc. Lond., "1835", p. 157: Brasil (pátria típica Marabitanos, no alto rio Negro, por design. de Berlepsch, Novit. Zool., 1908, p. 282).

Sul da Venezuela e Brasil oeste-setentrional, ao norte do rio Solimões (inclusive o alto rio Negro).

Selenidera maculirostris maculirostris (Lichtenstein).

Pteroglossus maculirostris Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 7: Brasil (pátria típica Rio de Janeiro).

Nordeste da Argentina (Misiones) e faixa atlântica do Brasil este-meridional da Bahia ao Rio Grande do Sul, inclusive o extremo leste de Minas Gerais (Teófilo Ottoni).

Graças ao esforço de E. Stresemann (Bonner Zoologische Beitraege, H. 2-4, p. 131), pode-se saber com satisfatória segurança a procedência do tipo da espécie, ponto passado até hoje em silêncio por todos que trataram do assunto.

Selenidera maculirostris baturitensis Pinto & Camargo

Selenidera maculirostris baturitensis Pinto & Camargo, 1961, Arquivos do Dept. de Zoologia, XI, (9), p. 230: serra de Baturité (Ceará).

Nordeste extremo do Brasil, no estado do Ceará (serra de Baturité).

Selenidera maculirostris gouldii (Natterer)

Pteroglossus Gouldii Natterer, 1834, Proc. Zool. Soc. London, ptc. 5, p. 44: Pará (= Belém).

Brasil este-setentrional, ao sul do baixo Amazonas (da margem direita do rio Tapajós à região de Belém e do rio Capim).

Selenidera maculirostris hellmayri Gyldenstolpe

Selenidera maculirostris hellmayri Gyldenstolpe, 1937, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, n.º 2: Boim (rio Tapajós, margem esquerda).

Brasil oeste-amaznico, ao sul do rio Solimões (rio Madeira, alcançando para leste a margem ocidental do rio Tapajós.

Gênero **BAILLONIUS** Cassin

Baillonius Cassin, 1867, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., p. 114. Tipo *Rhamphastos bailloni* Vieillot (monotipia).

Baillonius bailloni (Vieillot)

Araçari-banana.

Ramphastos Bailloni Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXXIV, p. 283 (com base na prancha 18 da Histoire des Toucans, de Levaillant): "Brésil" (Rio de Janeiro, proposto como pátria típica por Pinto, 1838).

Sudeste do Brasil, do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul (inclusive o leste de Minas Gerais).

Família PICIDAE

Subfamília PICINAE

Gênero **COLAPTES** Vigors

Colaptes Vigors, 1826, Trans. Linn. Soc. Lond., XIV, (3), p. 457, nota. Tipo, *Cuculus auratus* Linné (designação original).

Colaptes campestris campestris (Vieillot)

Picapau do campo, Chã-chã.

Picus campestris Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVI, p. 101: Paraguay, leste da Bolívia, nordeste da Argentina (Misiones), Brasil central e este-meridional (do Espírito Santo ao Paraná).

Colaptes campestris chrysosternus (Swainson)

Picus chrysosternus Swainson, 1821, Mem. Wernerian Nat. Hist. Soc., III, p. 289: sertão da Bahia.

Nordeste do Brasil (inclusive o sudeste do Pará e o norte da Bahia).

É indiscutível a validez da subespécie, mas continuam incertos os limites de sua área geográfica com relação à da forma típica.

Colaptes campestroides (Malherbe)

Geopicos (Colaptes) campestroides Malherbe, 1849, Rev. et. Magaz. Zool., (2), I, p. 541: América Meridional (como pátria típica o Rio Grande do Sul foi sugerido por Pinto, 1938).

República Argentina (ao sul até o Rio Negro), Uruguay e sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

Gênero **CHRYSOPTILUS** Swainson

Chrysoptilus Swainson, 1832, em Swainson & Richardson, Fauna Bor. Amer., II, p. 300. Tipo, *Piculus punctigula* Boddaert (design. por G. R. Gray, 1840).

Chrysoptilus melanochloros melanochloros (Gmelin)
Picapau.

Picus melanochloros Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 427: Caiena, (localid. errônea), o Rio de Janeiro tendo sido proposto, em substituição, por Hellmayr (1915, Verh. Orn. Gesells. Bayern., XII, p. 154).

Faixa litorânea do Brasil este-meridional (do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul), inclusive o nordeste de Minas Gerais e o sudeste de Mato-Grosso.

Chrysoptilus melanochloros nattereri (Malherbe)

Picus Nattereri Malherbe, 1848, Mém. Soc. Roy. Sci. de Liège, II, p. 66: Brasil (= Cuiabá).

Leste da Bolívia, Brasil central (inclusive o oeste de São Paulo) e este-setentrional (da Paraíba ao Recôncavo da Bahia e adjacências).

Chrysoptilus melanochloros flavilumbis (Sundevall)

Picus flavilumbis Sundevall, 1866, Consp. Av. Picinarum, p. 74: Bahia.

Brasil este-setentrional, do Maranhão ao Ceará.

Chrysoptilus melanochloros mariae Hargitt

Chrysoptilus mariae Hargitt, 1889, Ibis, p. 59: Chamicuros, no leste do Peru (localid. errônea, em lugar de Ilha de Marajó).

Da ilha de Marajó à costa do Maranhão (ilha Mangunça).

Chrysoptilus punctigula rubidipectus Todd

[*Picus punctigula* Boddaert, 1783, Tabl. Pl. enlum., p. 37 (com base em Daubenton, pl. 613): Caiena].

Chrysoptilus punctigula rubidipectus Todd, 1946, Ann. Carn. Mus. XXX, p. 303: vizinhança de Óbidos (marg. esquerda do baixo Amazonas (do rio Negro para leste).

Da fronteira meridional de Guiana Francesa à margem esquerda do baixo Amazonas (do rio Negro para leste).

Chrysoptilus punctigula speciosus (Malherbe)

Chloropicus speciosus Malherbe (*ex* Sclater M. S.), 1862, Monogr. de Picidées, IV, p. 181, pl. 87, fig. 6: sem indicação de localidade (= Nauta, no leste do Peru).

Da porção amazônica da Colômbia, da Bolívia e do norte do Peru ao Brasil oeste-amazônico, em ambas as margens do rio Solimões (para leste até os rios Negro e, possivelmente, a margem esquerda do rio Madeira).

Chrysoptilus punctigula guttatus (Spix)

Picus guttatus Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 61, pl. 53, fig. 1: rio Amazonas (= Santarém).

Margem direita do baixo Amazonas (para oeste até o rio Madeira).

Gênero **PICULUS** Spix

Piculus Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, no índice, p. 3. Tipo, *Picus macrocephalus* Spix (= *Picus chrysochloros* Vieillot), por subseq. design. de Oberholser, 1923, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVI, p. 201.

Chloronerpes Swainson, 1837, Classif. Birds, II, p. 307. Tipo *C. rubiginosus*, Swains. Zool. Illustr., pl. 14.

Piculus rubiginosus guianae (Hellmayr)

[*Picus rubiginosus* Swainson, 1820, Zool. Illustr., I, pl. 14 e texto respectivo: Caracas (local. típ. design. por Hellmayr, 1918)].

Chloronerpes rubiginosus guianae Hellmayr, 1918, Verh. Orn. Gesells. Bayern, XIII, p. 314: rio Yuruani (Venezuela).

Faixa montanhosa fronteiriça da Venezuela e Brasil (monte da Neblina).

Piculus flavigula (Boddaert)

Picus flavigula Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 49 (com base Daubenton, pl. 784): Caiena.

Leste da Venezuela, Guianas e Brasil setentrional, ao norte do baixo Amazonas.

Piculus flavigula magnus (Cherrie & Reichenberger)

Chloronerpes flavigula magnus Cherrie & Reichenberger, 1921, Amer. Mus. Novit., n.º 27, p. 4: Monte Cristo (noroeste de Mato Grosso).

Sudeste da Colômbia e Brasil oeste-amazônico, ao norte e ao sul do rio Solimões (incluso o noroeste de Mato Grosso) e na margem direita do baixo Amazonas, estendendo-se até o norte do Maranhão.

Piculus flavigula erythropis (Vieillot)

Piculus erythropis Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVI: "Brésil" (como pátria típica foi proposto o Rio de Janeiro, por Pinto, 1938, Catal. Av. Bras., I, p. 340).

Brasil oriental de Pernambuco a São Paulo (incluindo Minas Gerais e sul de Goiás).

Piculus leucolaemus leucolaemus (Natterer & Malherbe)

Picus leucolaemus Natterer & Malherbe, 1845, Mém. Soc. Roy. Sci. de Liège, II, p. 68: Brasil (= rio Guaporé).

Porção amazônica da Colômbia, do Equador, do Peru e da Bolívia, Brasil oeste-setentrional (ao norte e ao sul do rio Solimões) e centro-ocidental (norte de Mato Grosso).

Piculus aurulentus (Temminck)

Picus aurulentus Temminck, 1823, Nouv. Réc. Pl. Color., pl. 59, fig. 1: Paraguay e Brasil.

Nordeste extremo da Argentina (Misiones), Paraguay e faixa montanhosa florestada do sudeste do Brasil, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul (inclusive o leste de Minas Gerais).

Piculus chrysochloros chrysochloros (Vieillot)

Picus chrysochloros Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVI, p. 98 (com base em Azara, n.° 256): Paraguay e Brasil.

Norte da Argentina, Paraguay, Bolívia, Brasil central e este-setentrional (do Piauí à Bahia).

Piculus chrysochloros polyzonus (Valenciennes)

Picus polyzonus Valenciennes, 1826, Dict. Sci. Nat., XL, p. 170: "Brésil".

Brasil este-meridional (Espírito Santo, Rio de Janeiro).

Piculus chrysochloros paraensis (Snethlage)

Chloronerpes paraensis Snethlage, 1907, Orn. Monatsber., XV, p. 163: Murutucu (= Belém, do Pará).

Margem direita do estuário do rio Amazonas (Belém), com extensão ao norte do Maranhão.

Piculus chrysochloros hypochryseus Todd

Piculus chrysochloros hypochryseus Todd, 1937, Ann. Carn. Mus., XXV, p. 250: Arimã (baixo Purus marg. direita).

Nordeste da Bolívia e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Amazonas (do baixo Purus ao rio Tapajós).

Piculus chrysochloros laemostictus Todd

Piculus chrysochloros laemostictus Todd, 1937, Ann. Carn. Mus., p. 249: São Paulo de Olivença (marg. dir. do rio Solimões).

Brasil amazônico, ao sul do alto Solimões (para leste até a margem esquerda do rio Purus).

Piculus chrysochloros capistratus (Malherbe)

Chloropicus capistratus Malherbe, 1862, Monogr. Picidés, II, p. 140, IV, pl. 83, figs. 4, 5 e 6: Brasil (local. típica restrita ao rio Negro, por Hellmayr, Novit. Zool., XVII, 1910, p. 381, em nota).

Porção amazônica da Colômbia e do norte do Peru, estendendo-se para a leste até a Guiana (inglêsa) e o noroeste extremo do Brasil (alto rio Negro).

Gênero CELEUS Boie

Celeus Boie, 1831, Isis, col. 542. Tipo, *Picus flavescens* Gmelin (design. por G. R. Gray, 1840).

Crocomorphus Hargitt, 1890, Catal. Birds Brit. Mus., XVIII, p. 439. Tipo, *Picus flavus* Müller (design. orig.).

Cerchneipicus Bonaparte, 1854, Ateneo Italiano, II, p. 123. Tipo, *Picus tinnunculus* Wagler (design. de Gray, 1855).

Celeus flavescens flavescens (Gmelin)

Picapau amarelo.

Picus flavescens Gmelin, 1788. Syst. Nat., 1, p. 427: Brasil (Rio de Janeiro foi design. como pátria, por Cory, 1919).

Sudeste do Brasil (da baía de Todos os Santos para o sul, até os limites meridionais do país), inclusive o leste de Minas, o sudeste de Goiás e de Mato Grosso.

Celeus flavescens ochraceus (Spix)

Picus ochraceus Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., 1, p. 59, tab. 51, fig. 1: rio Amazonas.

Brasil este-setentrional, desde as margens ambas do baixo Amazonas ao Ceará (inclusive o noroeste da Bahia).

Celeus flavescens intercedens Hellmayr

Celeus flavescens intercedens Hellmayr, 1908, Novit. Zool., XV, p. 82: Fazenda da Esperança (não muito longe da cidade de Goiás).

Brasil central e médio-oriental, desde o leste de Mato Grosso até o leste da Bahia e, bem assim, os estados nordestinos, da Paraíba a Alagoas.

Celeus flavescens lugubris (Malherbe)

Celeopicus lugubris Malherbe, 1851, Bull. Soc. Hist. Nat. Dept. Moselle, (6), p. 77: Brasil (= restringido a Mato Grosso por E. Naumburg, 1930).

Leste da Bolívia e Brasil centro-ocidental (oeste e sul de Mato Grosso).

A designação de Mato Grosso como pátria típica de *Celeus lugubris* é impugnada por W. C. Todd (Ann. Carnegie Museum, XXX, 1946, p. 305), discordando *ipso facto* de Naumburg (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, 1930, p. 181) quando inclui na sinonímia da espécie *Celeus roosevelti* Cherrie, 1916 (Bull. Am. Mus. Nat. Hist., XXXV, p. 183),

de Tapirapoã, e *Celeus kerri* Hargitt, 1891 (Ibis, p. 605), do rio Pilcomayo. Para R. Schauensee (Bds. South America, p. 220) *C. flavescens* e *C. lugubris* são espécies distintas, por coexistirem no leste da Bolívia e do Paraguay.

Celeus elegans elegans (Müller)

Picus elegans P. L. S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 92: Caiena.

Guiana Francesa (e Holandesa?) e Brasil setentrional, ao norte do baixo Amazonas (do rio Negro para leste).

Celeus elegans approximans Cory

Celeus elegans approximans Cory, 1919, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, (2), n.º 2, pl. 450, fig. 2: base da Serra da Lua (perto de Boa Vista, no alto rio Branco).

Guiana (inglêsa) e região adjacente do Brasil (rio Branco).

Celeus jumana jumana (Spix)

Picus jumana Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 57, tab. 47: rio Amazonas.

América do Sul oeste-setentrional cisandina, do leste extremo da Colômbia ao Sul da Venezuela e a todo o Brasil amazônico (inclusive o norte de Mato Grosso e o oeste de Maranhão).

Celeus jumana citreopygius Sclater & Salvin

Celeus citreopygius Sclater & Salvin, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 758: Yurimaguas (norte do Peru).

Alta Amazônia (do sudeste da Colômbia ao leste do Peru), inclusive a zona adjacente do Brasil amazônico (rio Solimões).

A inclusão do Brasil na área geográfica da presente subespécie baseia-se no testemunho recente de M. Traylor (Fieldiana, Zool., XXXV, 1958, p. 114), que nela teria reconhecido um exemplar coligido na ilha Aramasso (rio Solimões).

Celeus grammicus grammicus (Natterer & Malherbe)

Picus grammicus Natterer & Malherbe, 1845, Mém. Soc. Roy. Sci. Liège, II, p. 69: Marabitanos (alto rio Negro).

Sudeste da Colômbia, sul da Venezuela e Brasil oeste-setentrional, ao norte do rio Solimões (inclusive o rio Negro).

Celeus grammicus subcervinus Todd

Celeus grammicus subcervinus Todd, 1937, Ann. Carn. Mus., XXV, p. 252: Vila Braga (rio Tapajós).

Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões e médio Amazônas (inclusive as margens ambas do rio Tapajós).

Celeus undatus undatus (Linné)

Picus undatus Linné, 1766, Syt. Nat., I, p. 175: Suriname.

Guianas e Brasil setentrional, ao norte do baixo Amazonas (do rio Negro para leste).

Celeus undatus multifasciatus (Natterer & Malherbe)

Picus multifasciatus Natterer & Malherbe, 1845, Mém. Soc. Roy. Sci. Liège, II, p. 69: Brasil (= Pará, i. é Belém, *teste* Hellmayr, 1912).

Margem direita do baixo Amazonas (do rio Xingu para leste), inclusive a região de Belém).

Celeus torquatus torquatus (Boddaert)

Picus torquatus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 52 (com base em Daubenton, Pl. enlum. 863): Caiena.

Leste da Venezuela, Guianas e Brasil setentrional, ao norte do baixo Amazonas (do baixo rio Negro para leste).

Celeus torquatus occidentalis (Hargitt)

Cerchneipicus occidentalis Hargitt, 1889, Ibis, p. 230: alto Ucayali (norte do Peru).

Leste do Peru, norte da Bolívia e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (rios Juruá e Purus), inclusive o noroeste de Mato Grosso.

Celeus torquatus angustus (Griscom & Greennway)

Cerchneipicus tinnunculus angustus Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, p. 432: Caxiricatuba (margem direita do rio Tapajós).

Ao sul do baixo Amazonas, desde a margem direita do rio Madeira (lago do Batista) até o Tapajós (ambas as margens).

Celeus torquatus tinnunculus (Wagler)

Picus Tinnunculus Wagler, 1829, Isis, XXII, col. 516: Brasil (Bahia, pátria típica plausível).

Brasil médio-oriental (sul da Bahia).

Celeus flavus flavus (Müller)

Picus flavus flavus P. L. S .Müller, 1776, Natursyst., Suplem., p. 91: Caiena.

América do sul oeste-setentrional cisandina (do leste da Colômbia às Guianas) e adjacente norte do Brasil, até à margem esquerda do baixo Amazonas (com exclusão do estuário).

Celeus flavus peruvianus (Cory)

Crocomorphus flavus peruvianus Cory, 1919, Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser., XIII, (2), p. 457: Lagunas (baixo Huallaga, Peru).

Alta Amazônia (leste do Peru, norte da Bolívia), inclusive o noroeste do Brasil, na margem direita do rio Solimões (para leste até a margem esquerda do rio Purus).

Celeus flavus inornatus (Cherrie)

Crocomorphus flavus inornata (sic) Cherrie, 1916, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XXXV, p. 395: Santarém (marg. direita do Tapajós).

Margem sul do rio Amazonas (da margem direita do rio Purus para leste) e margens ambas do estuário (inclusive a região de Belém), estendendo-se para o sul até o rio Araguaia.

As relações desta subespécie, de caracteres nitidamente intermediários aos das geograficamente vizinhas, são de difícil apreciação; delas se têm ocupado, entre outros, Gyldenstolpe, 1951 (Arkiv f. Zoologie, II, n.º 1, p. 133) e Pinto (Arquivos de Zool., V, 1947, p. 393).

Celeus flavus tectricialis (Hellmayr)

Cromorphus flavus tectricialis Hellmayr, 1922, Anz. Orn. Gesells. Bayern, VI, p. 46: Boa Vista (norte do Maranhão).

Brasil este-setentrional, nos estados de Maranhão e Piauí (e talvez o Ceará).

Celeus flavus subflavus Sclater & Salvin

Celeus subflavus Sclater & Salvin, 1877, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 21: Bahia.

Brasil oriental, entre Alagoas (quiçá também Pernambuco) e Espírito Santo (rio Doce).

Gênero DRYOCOPUS Boie

Dryocopus Boie, 1826, Isis, II, col. 977. Tipo, *Picus martius* Linné (monotipia).

Ceophloeus Cabanis, 1862, Journ. f. Orn., X, p. 176. Tipo, *Picus lineatus* Linné (design. orig.).

Dryocopus lineatus lineatus (Linné)

Picus lineatus Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 174: Caiena.

América do Sul cisandina do norte extremo (da Colômbia às Guianas) através da porção amazônica do Peru e da Bolívia até o Paraguay e o norte da Argentina, bem como todo Brasil oeste-setentrional (Amazônia), e central (inclusive o oeste de São Paulo).

Dryocopus lineatus improcerus (Bangs & Penard)

Ceophloeus lineatus improcerus Bangs & Penard, 1918, Bull. Mus. Compar. Zool., LXII, p. 58: Bahia.

Brasil oriental (comprovadamente, da Paraíba à Bahia).

Dryocopus lineatus erythrops (Valenciennes)

Picus erythrops Valenciennes, 1826, Dict. Hist. Nat., ed. Levrault, XL, p. 178: Brasil, tendo sido o Rio de Janeiro sugerido como pátria tpica (Pinto, Arquivos do Depart. de Zoologia de São Paulo, V, p. 399, nota 5).

Nordeste extremo da Argentina (Misiones) e Brasil este-meridional (do Espírito Santo e leste de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul).

Tratado às vezes como espécie autônoma ou simples aberração, visto que a intergradação com *D. l. lineatus* se complica não raro de anomalias na côr da plumagem (cf. Pinto, Arq. Zool., V, pp. 399-400; Rud. Schauensee, Bds. South America, p. 222).

Dryocopus galeatus (Temminck)

Picus galeatus Temminck, 1822, Pl. Color., pl. 171: Brasil.

Nordeste extremo da Argentina (Misiones), Paraguay e Brasil meridional (de São Paulo ao Rio Grande do Sul).

Gênero **MELANERPES** Swainson

Melanerpes Swainson, 1813, Fauna Bor.-Amer., II, p. 316. Tipo, *Picus erythrocephalus* Linné (monotipia).

Melanerpes cruentatus cruentatus (Boddaert)

Picus cruentatus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. enlum., p. 43 (com base em Daubenton, Pl. enlum. 694): Caiena.

Guiana Francesa (e Holandesa?), estendendo-se para o sul até as margens ambas do mais baixo trecho do rio Amazonas (inclusive a região de Belém).

Melanerpes cruentatus extensus (Todd)

Tripsurus cruentatus extensus Todd, 1937, An. Carn. Mus., XXV, p. 251: Arimã (marg. direita do baixo Purus).

América do Sul oeste-setentrional cisandina, desde os seus limites setentrionais (da Colômbia à Guiana) até o sul do Peru, o nordeste da Bolívia e o Brasil oeste-amazônico (inclusive o rio Tapajós), estendendo-se para o sul até o oeste de Mato Grosso (Cuiabá e cercanias).

Difícil a delimitação das áreas geográficas de cada uma das duas subespécies, donde não serem, por vezes, reconhecidas como tais. Cf. W. E. Clyde Todd, op. cit., pág. 251; Pinto, 1947, Arq. Dept. de Zool., V, p. 396; idem, 1966, Cadernos da Amazônia, VIII, p. 88.

Melanerpes rubrifrons (Spix)

Picus rubrifrons Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 61, tab. 53, figs. 1 e 2: Pará (= Belém).

Margem direita do estuário Amazônico (região de Belém).

Melanerpes flavifrons flavifrons (Vieillot)
Benedito.

Picus flavifrons Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVI, p. 75: Brasil (São Paulo, pátria restr. suger. por Pinto, 1938, Catal. Av. Bras., I, p. 337).

Brasil médio-oriental, da Bahia ao Rio de Janeiro (inclusive Minas Gerais e sudeste de Goiás).

São muito amplas as variações individuais nas populações da espécie, inclusive no que toca às medidas; contudo, a tendência de diminuírem elas

em direção ao sul parece justificar a sua separação em duas subespécies. Cf. Pinto, Rev. Mus. Paul., XIX, 1935, p. 105.

Melanerpes flavifrons rubriventris (Vieillot)

Picus rubriventris Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVI, p. 103 (com base em Azara, n.º 255): Paraguay.

Nordeste extremo da Argentina, Paraguay e sudeste do Brasil (de São Paulo ao Rio Grande do Sul), incluso o sudeste de Mato Grosso.

Gênero **LEUCONERPES** Swainson

Leuconerpes Swainson, 1837, Classif. Bds., II, p. 310. Tipo *Picus candidus* Otto (monotipia).

Leuconerpes candidus (Otto)

Picapau branco.

Picus candidus Otto, 1796, Buffon's Naturges., Vögel, XXIII, p. 191: Caiena (localidade até hoje não confirmada).

Bolívia central, Paraguay e mais países platinos (para o sul até a região de Buenos Aires), Brasil central e oriental (do baixo Amazonas ao Rio Grande do Sul), nas zonas descampadas.

Gênero **TRICHOPICUS** Bonaparte

Trichopicus Bonaparte, 1854, Ateneo Italiano, II, p. 123. Tipo *Picus cactorum* d'Orbigny (design. por Gray, 1855, Catal. Gen. Subgen. Bds., p. 91).

Trichopicus cactorum (d'Orbigny)

Picus cactorum d'Orbigny, 1840, Voy. Amer. Meridionale, IV, Ois., pl. 62, fig. 2; id., 1847, p. 378: Mizqué (Bolívia).

Do sul do Peru e da Bolívia ao norte da Argentina, inclusive o adjacente sudoeste do Brasil (sul de Mato Grosso).

Registrado pela primeira vez no Brasil (Pantanal de Mato Grosso), por H. Sick (Journ. f. Orn., n.º 102, p. 401, 1961).

Gênero **VENILIORNIS** Bonaparte

Veniliornis Bonaparte, 1854, Ateneo Italiano, II, p. 125. Tipo, *Picus fumigatus* d'Orbigny (design. subseq. por G. R. Gray, 1855).

Veniliornis spilogaster (Wagler)

Velhinha (Juquiá).

Picus spilogaster Wagler, 1827, Syst. Av. *Picus*, sp. 59: Brasil e Paraguay (São Paulo, design. como pátria restr. por Pinto, 1938).

Do Paraguay ao norte da Argentina, Uruguay e sudeste do Brasil (do Rio de Janeiro ao extremo sul do país).

Veniliornis passerinus passerinus (Linné)

Picus passerinus Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 174: Dominica (local. errônea, que Berlepsch & Hartert, 1902, substit. por Caiena).

Guianas e adjacente porção do norte do Brasil, estendendo-se para o sul até a margem esquerda do baixo Amazonas (o estuário inclusive).

Veniliornis passerinus diversus Zimmer

Veniliornis passerinus diversus Zimmer, 1942, Amer. Mus. Novit. n.º 1159, p. 2: Frechal (rio Surumu, no alto rio Branco).

Do norte extremo do Brasil (território de Roraima) à margem setentrional do médio Amazonas (Itacoatiara, *teste* Gyldenstolpe, 1945).

Veniliornis passerinus agilis (Cabanis & Heine)

Campias agilis Cabanis & Heine, 1863, Mus. Hein., Th. 4, Heft 2, p. 147: rio Napo (leste do Equador).

Alta Amazônia (do leste do Equador ao norte da Bolívia), inclusive o extremo noroeste do Brasil (nas margens ambas do rio Solimões).

Veniliornis passerinus insignis Zimmer

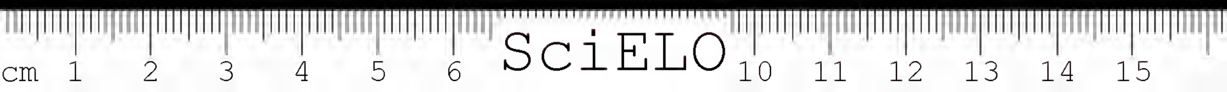
Veniliornis passerinus insignis Zimmer, 1942, Amer. Mus. Novit., n.º 1159, p. 2: igarapé Auará (marg. direita do baixo Madeira).

Margem direita do médio Amazonas, do rio Purus às margens ambas do rio Madeira.



ESTAMPA 21 (18)

1 — *Dryocopus lineatus lineatus* (Linné) 261
2 — *Phloeoceastes rubricollis olallae* (Gyldenstolpe) 269
3 — Idem, fêmea.
4 — *Celeus jumana jumana* (Spix) 258
5 — Idem, fêmea.
6 — *Celeus flavus inornatus* (Cherrie) 260
7 — Idem, fêmea.
8 — *Melanerpes cruentatus cruentatus* (Boddaert) 262
9 — *Celeus undatus multifasciatus* (Natterer & Malherbe) 259
10 — *Veniliornis affinis ruficeps* (Spix) 266


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15



ESTAMPA 33 (21)

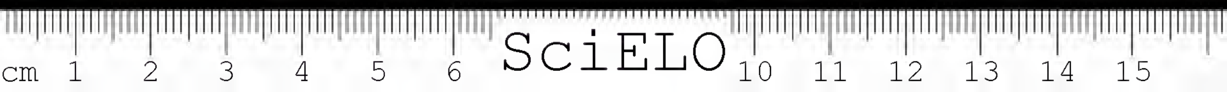
1 — *Nasica longirostris* (Vieillot) 302
2 — *Xiphocolaptes promeropirhynchus paraensis* Pinto 284
3 — *Dendroplex picus picus* (Gmelin) 294
4 — *Xiphorhynchus spixii spixii* (Lesson) 291
5 — *Dendrexetastes rufigula paraensis* Lorenz 283
6 — *Xiphorhynchus guttatus eytoni* (Sclater) 290
7 — *Automolus infuscatus paraensis* Hartert 331
8 — *Berlepschia rikeri* (Ridgway) 324
9 — *Lepidocolaptes albolineatus layardi* (Sclater) 296
10 — *Philydor pyrrhodes* (Cabanis) 327
11 — *Campylorhamphus trochilirostris snethlageae* (Zimmer) 300
12 — *Glyphorhynchus spirurus paraensis* Pinto 282
13 — *Xenops minutus genibarbis* Illiger 335


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15



ESTAMPA 22 (20)

1 — *Thamnophilus doliatus doliatus* (Linné), macho 346
2 — Idem, fêmea.
3 — *Thamnophilus palliatus palliatus* (Lichtenstein), macho 348
4 — Idem, fêmea.
5 — *Thamnophilus amazonicus paraensis* Todd, macho 354
6 — Idem, fêmea.
7 — *Thamnophilus aethiops incertus* Pelzeln 350
8 — Idem, fêmea.
9 — *Oxyruncus cristatus* (Swainson), macho (não é formicariídeo)
10 — *Hylophilax poecilinota vidua* (Hellmayr) 402
11 — Idem, fêmea.
12 — *Myrmoborus leucophrys angustirostris* (Cabanis) 384
13 — *Formicivora grisea grisea* (Boddaert) 374
14 — Idem, fêmea.
15 — *Sclerurus mexicanus macconnelli* Chubb 339
16 — *Conopophaga melanogaster* Ménétriès 414
17 — *Dysithamnus mentalis emiliae* Hellmayr 358


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15



ESTAMPA 24 (*19*)

1 — *Neomorphus geoffroyi amazonicus* Pinto 160
2 — *Formicarius colma amazonicus* Hellmayr ... 406
3 — *Myrmornis torquata* (Boddaert) 405
4 — *Formicarius analis crissalis* (Cabanis) 406
5 — *Phlegopsis nigromaculata nigromaculata* (Lafresn. & d'Orbigny) 403
6 — *Liosceles thoracicus thoracicus* (Sclater) ... 415
7 — *Drymophila ferruginea* (Temminck) 376
8 — *Sclateria naevia naevia* (Gmelin) 391
9 — *Merulaxis ater* Lesson 417
10 — *Myrmotherula hauxwelli* Hellmayr 363
11 — *Rhamphocaenus melanurus* (Vieillot). Estranho à família.
12 — *Pyriglena leuconota leuconota* Spix 382
13 — Idem, fêmea.
14 — *Synallaxis rutilans omissa* Hartert 314
15 — *Synallaxis cinnamomea cinnamomea* (Gmelin) 316


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15

Veniliornis passerinus tpajozensis Gyldenstolpe

Veniliornis passerinus tapajozensis Gyldenstolpe, 1941, Ark. f. Zoologi, XXXIII B, n.º 12, p. 7: Santarém (marg. direita da boca do rio Tapajós).

Margem direita do baixo Amazonas, do Tapajós para leste (rio Curuá do sul).

Veniliornis passerinus transfluvialis Hellmayr

Veniliornis passerinus transfluvialis Hellmayr, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 413: Macaco Seco (interior da Bahia, perto de Andaraí).

Brasil oriental, do sul de Maranhão e do Piauí a Minas Gerais e norte de São Paulo (inclusive Goiás, oeste da Bahia e sudeste extremo de Mato Grosso).

Veniliornis passerinus taenionotus (Reichenbach)

Chloronerpes taenionotus Reichenbach, 1854, Handb. Spez. Orn., Scansores, p. 354, pl. 625, figs. 4164 e 4165: interior do Brasil (o norte da Bahia design. como pátria restr. por Cory, 1919).

Nordeste do Brasil (do Ceará ao norte da Bahia).

Veniliornis passerinus olivinus (Natterer & Malherbe)

Picus olivinus Natterer & Malherbe, 1845, Mém. Soc. Roy. Sci. de Liège, II, p. 67: Brasil (= Cuiabá).

Norte da Argentina, Paraguay, sul da Bolívia, Brasil centro-ocidental (Mato Grosso sul de Goiás) e meridional (oeste de São Paulo e Paraná).

Veniliornis maculifrons (Spix)

Picus maculifrons Spix 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 62, tab. 56, fig. 1: Rio de Janeiro (local. típica) e Pará local. errônea).

Brasil este-meridional, nos Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (vale do rio Doce).

Veniliornis cassini cassini (Malherbe)

Mesopicus cassini Malherbe, 1862, Monogr. Picidées, II, p. 55; III, pl. 58, figs. 23 e 4: "Brasil ou Colômbia" (Caiena, escolhida como pátria típica por Hartert, 1902, Novit. Zool., IX, p. 93).

Norte da América do Sul cisandina (do leste da Venezuela às Guianas), inclusive o norte do Brasil, (do alto rio Negro à margem esquerda do baixo Amazonas.

Veniliornis affinis affinis (Swainson)

Picus affinis Swainson, 1821, Zool. Illustr., II, pl. 78: Bahia e Rio de Janeiro (restring. Bahia).

Brasil médio-oriental, da Bahia ao Rio de Janeiro.

Veniliornis affinis ruficeps (Spix)

Picus ruficeps Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 63, tab. 56, figs. 2 e 3: rio Amazonas (Pará, i. é, Belém, foi design. como pátria típica por Hellmayr, 1929).

Brasil este-setentrional, do baixo Tapajós (ambas as margens) a todo o nordeste do Brasil (inclusive Alagoas).

Veniliornis affinis hilaris (Cabanis & Heine)

Campias hilaris Cabanis & Heine, 1863, Mus. Hein., Th. 4, Heft 2, p. 154: Peru.

Alta Amazônia, do leste do Equador ao norte da Bolívia e ao Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (inclusive o rio Madeira).

A presente forma aparece freqüentemente como *Veniliornis affinis haematostigma* (Malherbe), nome inválido, conforme foi demonstrado por J. T. Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 1159, p. 9).

Veniliornis affinis orenocensis Berlepsch & Hartert

Veniliornis orenocensis Berlepsch & Hartert, 1902, Novit. Zool., IX, p. 93: Nericagua e Munduapc (Venezuela).

Leste da Colômbia, Venezuela (vale do Orenoco) e Brasil oeste-setentrional, ao norte do rio Solimões (inclusive o alto rio Negro).

Veniliornis kirkii monticola Hellmayr

Picus (Chloropicus) Kirkii, Malherbe, 1845, Rev. Zool., p. 400: Tobago.

Veniliornis kirkii monticola Hellmayr, 1918, Verh. Orn. Gesells. Bayern, XIII, p. 315: monte Roraima (na conjunção das fronteiras da Venezuela, Guiana e Brasil).

Monte Roraima e cercanias.

O alistamento da espécie na avifauna brasileira apoia-se no testemunho de Phelps & Phelps (Bol. Soc. Venezol. Cienc. Nat., n.º 101, p. 35).

Gênero **DENDROCOPOS** Koch

Dendrocopos Koch, 1816, System. Bayer. Zool., I, p. XXVII, p. 72, pl. 1A, fig. a. Tipo *Dendrocopos major* (= *Picus major* Linné), design. por Hargitt, 1890, Cat. Bds. Brit. Mus., XVIII, p. 201.

Dendrocopos mixtus mixtus (Boddaert)

Picus mixtus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 47: Encenada (= Buenos Aires).

Leste da Argentina, Uruguay, estendendo-se possivelmente até o leste do Paraguay e vizinhas regiões do Brasil oeste-meridional, no sul de Mato Grosso (Miranda) e no Rio Grande do Sul (*fide* Belton).

A inclusão do oeste de Mato Grosso na área geográfica da presente subespécie baseia-se num exemplar de Miranda, não obstante possa ele pertencer a *Dendrocopus mixtus malleator* Wetmore, Las Palmas, no Chaco Argentino.

Dendrocopos mixtus cancellatus (Wagler)

Picus cancellatus Wagler, 1829, Isis, col. 510: "Mexico", localidade errônea (= São Paulo).

Brasil centro-meridional, no sudeste de Mato Grosso (Três Lagoas), oeste de São Paulo (rio Paraná) sul de Goiás e Minas Gerais (Pirapora).

Gênero **PHLOEOCEASTES** Cabanis

Phloeoceastes Cabanis, 1862, Journ. f. Orn., X, p. 175. Tipo *Phl. robustus* Lichtenstein (design. original).

Scapaneus Cabanis & Heine, 1863, Mus. Hein., IV, p. 90. Tipo *Picus melanoleucos* Gmelin (design. por Hargitt, 1890).

Phloeoceastes robustus (Lichtenstein)

Picapau, Pinicapau (Bahia).

Picus robustus Lichtenstein, 1819, Verz. ausgetop. Säuget. Vög., p. 9: Brasil (= Bahia).

Paraguay, nordeste extremo da Argentina, Brasil este-meridional (do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul) inclusive Minas Gerais e sul de Goiás.

Phloeoceastes melanoleucos melanoleucos (Gmelin)

Picus melanoleucos Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, (1), p. 426: Suriname.

Do sudeste da Colômbia às Guianas, estendendo-se para o sul até o norte da Bolívia (através do leste do Equador e do Peru) e todo o Brasil amazônico (inclusive o norte de Goiás).

Phloeoceastes melanoleucos albirostris (Vieillot)

Picus albirostris Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVI, p. 69 (com base em Azara, n.º 249): Paraguay.

Do Paraguay e do noroeste da Argentina ao Brasil central e oriental (da Bahia ao norte de São Paulo).

Phloeoceastes melanoleucos cearae (Cory)

Scapaneus melanoleucus (sic) *cearae* Cory, 1915, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Orn. Ser., 1, p. 306: Juá, perto de Igatu (Ceará).

Nordeste do Brasil, do Maranhão à (pelo menos) Paraíba, inclusive o extremo norte de Goiás e o noroeste da Bahia (rio Grande).

A propósito de *Phloeoceastes melanoleucos cearae* foram passadas em revista as subespécies afins em trabalho a que é lícito remeter os interessados no assunto (Pinto, Arquivos de Zoologia, XI, art. 9, pp. 232 e segs.).

Phloeoceastes leucopogon leucopogon (Valenciennes)

Picus leucopogon Valenciennes, 1826, Dict. Sci. Natu. (Levrault edit.), XL, p. 178: Brasil (como pátria é lícito considerar o Rio Grande do Sul).

Do norte da Argentina para o norte (até o norte da Bolívia) e para leste até o norte do Uruguay, o sul de Mato Grosso e o sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

Phloeoceastes rubricollis rubricollis (Boddaert)

Picus rubricollis Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 37 (com base em Daubenton, pl. enlum., 612): Caiena.

Norte da América do Sul, da base dos Andes colombianos às Guianas, e ao Brasil oeste-setentrional (das fronteiras à margem esquerda do rio Amazonas).

Phloeoceastes rubricollis trachelopyrus (Malherbe)

Megapicus trachelopyrus Malherbe, 1857, Bull. Soc. Hist. Nat. Moselle, (8vo. cad.), p. 1: Peru.

Nordeste do Peru, leste do Equador, norte da Bolívia e Brasil ocidental, ao sul do rio Solimões (inclusive a margem direita do rio Madeira).

Phloeoceastes rubricollis olallae (Gyldenstolpe)

Scapaneus rubricollis olallae Gyldenstolpe, 1945, Kungl. Sv. Vetensk. Akad. Hand., XXII, p. 127: Caxiricatuba (margem direita do rio Tapajós).

Norte do Brasil ao sul do baixo Amazonas, estendendo-se para leste até o Maranhão, e para o sul ao nordeste da Bolívia (rio Beni).

Subfamília PICUMNINAE

Gênero **PICUMNUS** Temminck

Picumnus Temminck, 1825, Nouv. Rec. Pl. Color. d'Oiseaux, estampa 371 e texto respectivo. Tipo "*Picus minutissimus*" Temminck (= *Picumnus buffoni* Lafresnaye), designado por Gray, 1840, List Gen. Bds., p. 54.

Picumnus rufiventris rufiventris (Bonaparte)

Asthenurus rufiventris Bonaparte, 1837, Proc. Zool. Soc. Lond., (5), p. 120: na fronteira do Brasil com o Peru (= Sarayacu, Rio Ucayali).

Alta Amazônia, no leste do Equador, nordeste do Peru e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões.

A ocorrência desta espécie rara no alto Purus foi registrada por E. Snethlage (Bol. Mus. Paraense, V, 1908, p. 61) e, mais recentemente, por Pinto & Camargo (Pap. Avuls. Depto. de Zool., XI, pl. 391, 1954).

Picumnus fuscus Pelzeln

Picumnus fuscus Pelzeln, 1870, Orn. Bras., III, p. 242: rio Guaporé (norte de Mato Grosso).

Conhecido apenas pelo exemplar tipo, uma fêmea imatura, há muita incerteza a respeito do presente picapau. Alguns supõem-no um jovem de outra espécie de *Picumnus*, que, segundo E. Naumburg (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XL, 1930, p. 188), é provável que seja *P. castelnau*.

Picumnus spilogaster spilogaster Sundevall

Picumnus spilogaster Sundevall, 1866, Consp. Av. picinarum, p. 100: Guiana (inglesa, é de supor-se).

Guianas e região confinante do extremo norte do Brasil (alto Rio Branco).

As populações sul-venezuelanas (alto Orenoco) da espécie foram separadas por Zimmer & Phelps (Amer. Mus. Novit., n.º 1455, p. 4) sob o nome de *Picumnus spilogaster orinocensis;* por outro lado, reconhecem esses autores em *Picumnus leucogaster* Pelzeln, 1870 (Orn. Brasil., p. 241) um simples sinônimo de *P. spilogaster,* cuja ocorrência em solo brasileiro é por eles comprovada por um exemplar de Frexal, no Território de Roraima, de onde procediam vários exemplares enviados ao autor do presente trabalho para determinação.

Picumnus limae limae Snethlage

Picumnus limae Snethlage, 1924, Journ. f. Orn., LXII, p. 448: Serra do Castelo (Ceará).

Nordeste do Brasil, nas serras do estado do Ceará.

Picumnus limae fulvescens Stager

Picumnus fulvescens Stager, 1961, Contrib. Sc. Los Angeles Country Museum, n.º 46: Garanhuns (leste de Pernambuco).

Entre os sinônimos da presente forma inclui-se *Picumnus limae saturatus* Pinto & Camargo (Arq. Zool., S. Paulo, XI, p. 235, 1961), publicado quase simultaneamente, com base em exemplares de Curemas (Paraíba), mas cuja prioridade foi sacrificada por acidental na distribuição do aludido periódico.

Picumnus spilogaster nebulosus Sundevall

Picumnus nebulosus Sundevall, 1866, Consp. Av. Picinarum, p. 103: América do Sul (Rio Grande do Sul é aceitável como localid. tipo).

Picumnus iheringi Berlepsch, 1884, Ibis., p. 441: Taquara do Mundo Novo (leste do Rio Grande do Sul).

Norte da Argentina (Corrientes) e Brasil meridional (do Paraná ao Rio Grande do Sul).

Picumnus minutissimus pallidus Snethlage

[*Picumnus minutissimus* Pallas, 1782, Neue Nordisch Beyträge, III, pl. 5, pl. 1, fig. 2, Caiena].

Picumnus pallidus Snethlage, 1924, Journ. f. Ornith., LXXII, p. 449: Flor do Prado (zona E. F. de Bragança, leste do Pará).

Norte do Pará, a leste da margem direita do estuário amazônico.

Picumnus minutissimus albosquamatus d'Orbigny

Picumnus albosquamatus d'Orbigny, 1840 Voy. Amér. Mérid., IV, Ois, livr. 50, pl. 64, fig. 2: Bolivia (dept. de Yungas).

Picumnus lepidotus corumbanus Lima, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, pte. 2, p. 94, pl. 2, fig. 1: Corumbá (rio Paraguai, no sul do Mato Grosso).

Leste da Bolívia (depts. de Beni, Santa Cruz e La Paz) e oeste do Brasil, no sul do Mato Grosso (Corumbá, Miranda). *Picumnus lepidotus* Cabanis & Heine entra na sinonímia da forma típica de *Picumnus m. minutissimus* (Pallas).

Picumnus minutissimus guttifer Sundevall

Picumnus guttifer Sundevall, 1866, Consp. Av. Picinarum, p. 101: Goiás (Brasil central).

Brasil central, desde o leste de Mato Grosso e o sul de Goiás até a porção ocidental de São Paulo e Paraná, estendendo-se ao sul do Maranhão e ao oeste de Minas Gerais.

Picumnus pygmaeus pygmaeus (Lichtenstein)

Picumnus pygmaeus Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus. pl. 12: Brasil (localid. tipo Santa Rita de Cássia, no noroeste da Bahia, design. por Pinto, 1961, Arq. Zool., XI, p. 236).

Nordeste do Brasil, do sul do Maranhão e do Piauí ao noroeste da Bahia.

Picumnus pygmaeus distinctus Pinto & Camargo

Picumnus pygmaeus dstinctus Pinto & Camargo, 1961, Arq. Zool., XI, (9), p. 236: Madre de Deus (na Baia de Todos os Santos).

Recôncavo da baía de Todos os Santos (região de Curupeba e adjacências).

Chama R. M. Schauensee (Birds of South America, p. 217) admite a possibilidade de tratar-se de um sinônimo de *Picumnus asterias* Sundevall, 1866 (Consp. Av. Picin., p. 97), forma duvidosa da qual só se conhece o tipo, de procedência ignorada.

Picumnus pygmaeus varzeae Snethlage

Picumnus varzeae Snethlage, 1912, Ornithol. Monatsb., XX, p. 154: Faro (na boca do rio Jamundá).

Margem norte do médio Amazonas (região do rio Jamundá e de Itacoatiara).

A generalidade dos autores tende a considerar a presente raça como espécie autônoma.

Picumnus pumilus Cabanis & Heine

Picumnus pumilus Cabanis & Heine, 1863, Mus. Heineanum, IV, (2), p. 16: sem indicação de localidade (o alto Orenoco é tido como pátria típica).

Sul da Venezuela (Maipures, no alto Orenoco), sudeste da Colômbia e adjacente região do Brasil oeste-setentrional extremo (rio Vaupés).

Há concordância entre os modernos autores em incluir na sinonimia desta espécie *Picumnus stellae* Berlepsch & Hartert (Novit. Zool., IX, 1902, p. 96), de Maipures. A inclusão da espécie na avifauna brasileira deve-se a Fernando Novaes (Bol. Mus. Paraense, Zoologia, n.º 64, jan. 1967, p. 2).

Picumnus cirratus cirratus Temminck

Picumnus cirratus Temminck, 1825, Nouv. Réc. Pl. Color., livr. 62, Pl. 371, fig. 1: "Brasil e Paraguay" (como pátria típica restrita sugiro o Rio de Janeiro).

Sudeste do Brasil, do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, inclusive o leste de Minas Gerais.

Picumnus cirratus pilcomayensis Hargitt

Picumnus pilcomayensis Hargitt, 1891, Ibis, p. 606: rio Pilcomayo Paraguay).

Norte e nordeste da Argentina, Paraguay e adjacente porção do Brasil (sudoeste de Mato Grosso).

Picumnus cirratus macconnelli Sharpe

Picumnus macconnelli Sharpe, 1901, Bull. Brit. Orn. Club, XII, p. 4: Guiana, inglesa, localidade tida como errônea, em substituição à qual foi designado o Pará (por J. Cl. Todd, 1946, Ann. Carn. Mus., XXX, p. 312).

Norte do Brasil, nas margens ambas do baixo Amazonas (inclusive a região de Belém).

Picumnus temminckii Lafresanaye

Picumnus temminckii Lafresnaye, 1845, Rev. Zool., p. 6: Paraguay.

Paraguay, nordeste extremo da Argentina (Misiones) e sudeste do Brasil (na faixa atlântica, de São Paulo ao Rio Grande do Sul.

Picumnus exilis exilis Lichtenstein

Picumnus exilis Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Zool. Mus. Berlin, p. 11: "São Paulo" (local. errônea, por Bahia).

Sul da Bahia (na faixa atlântica, da baía de Todos os Santos para o sul).

Picumnus exilis pernambucensis Zimmer

Picumnus exilis pernambucensis Zimmer, 1947, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 99: Recife (Pernambuco).

Nordeste do Brasil, nos estados de Pernambuco e Alagoas.

Picumnus exilis alegriae Hellmayr

Picumnus exilis alegriae Hellmayr, 1929, Field. Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 419: Turiaçu (Alto da Alegria, norte do Maranhão).

Brasil este-setentrional, no norte do estado de Maranhão.

Picumnus exilis buffoni Lafrasnaye

Picumnus buffoni Lafresnaye, 1845, Rev. Zool., p. 6: Caiena.

Das Guianas para o sul, até a margem setentrional do baixo Amazonas (da margem esquerda do rio Negro para leste).

Inclui *Picumnus buffoni amazonicus* Snethlage, 1914 (Orn. Monastber, XXII, p. 39), cujo tipo é Santo Antônio da Cachoeira, no rio Jari (cf. Hellmayr, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 420).

Picumnus exilis undulatus Hargitt

Picumnus undulatus Hargitt, 1889, Ibis, p. 354: monte Roraima (sul extremo da Guiana).

Região montanhosa do sul da Venezuela e da Guiana, estendendo-se à adjacente faixa lindeira do Brasil (alto rio Branco).

Picumnus pusillus Pinto

Picumnus pusillus Pinto, 1936, Rev. Mus. Paul., XX, p. 234: Codajás (baixo Solimões, margem esquerda).

Brasil oeste-amazônico, na margem setentrional do baixo Solimões.

Em J. L. Peters, Check List Bds. of the World, VI, p. 93 (1948) *Picumnus pusillus* é tratado como subespécie de *P. aurifrons*, com o que é-me difícil concordar, nisso sendo acompanhado por J. L. Todd, em lúcido comentário (Ann. Carn. Mus., XXX, p. 315, 1946).

Picumnus borbae borbae Pelzeln.

Picumnus Borbae Pelzeln, 1870, Orn. Brasil., (3), pp. 241 e 334: Borba (margem direita do baixo Madeira).

Margem meridional do rio Amazonas, entre os rios Madeira e Tapajós.

Picumnus borbae juruanus Gyldenstolpe

Picumnus borbae juruanus Gyldenstolpe, 1941, Ark. f. Zoology., 33 B, (12), p. 8: João Pessoa (margem ocidental do alto Juruá).

Picumnus aurifrons aurifrons Pelzeln

Picumnus aurifrons Pelzeln, 1870, Orn. Bras., (3), p. 241 e 334: Engenho do Gama (prox. do rio Guaporé).

Brasil oeste-setentrional, na região do rio Guaporé, um dos grandes formadores do rio Madeira.

Picumnus aurifrons flavifrons Hargitt

Picumnus flavifrons Hargitt, 1889, Ibis, p. 229: Sarayacu (leste do Peru, ao sul do rio Marañon).

Alta Amazônia, desde o nordeste do Peru (rio Ucayali) até o Brasil oeste amazônico, ao sul do alto Solimões (Tefé, rio Juruá).

Picumnus aurifrons purusianus Todd

Picumnus aurifrons purusianus Todd, 1946, Ann. Carnegie Museum, XXX, p. 317: Hiutanaã (margem ocidental do rio Purus).

Brasil oeste-amazônico (ao sul do rio Solimões), na região do alto rio Purus.

Picumnus aurifrons wallacii Hargitt

Picumnus wallacii Hargitt, 1889, Ibis, p. 230: "Amazons" (na margem meridional do rio, segundo é admitido).

Margem direita do rio Amazonas, entre os rios Purus e Madeira (*fide* Peters).

Picumnus aurifrons transfasciatus Hellmayr & Gyldenstolpe

Picumnus aurifrons transfasciatus Hellmayr & Gyldenstolpe, 1937, Arkiv Zool., 29B, n.º 6, p. 1: Maraí (margem direita do baixo Tapajós).

Margem direita do baixo Amazonas, da margem direita do rio Tapajós até o rio Tocantins.

Ordem PASSERIFORMES

Subordem TYRANNI

Superfamília FURNARIOIDEA

Família DENDROCOLAPTIDAE

Gênero **DENDROCINCLA** G. R. Gray

Dendrocincla G. R. Gray, 1840, List Gen. Birds, p. 18. Tipo *Dendrocolaptes turdinus* Lichtenstein (designação original).

Dendrocincla fuliginosa fuliginosa (Vieillot)
Subideira.

Dendrocopus fuliginosus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVI, p. 117 (com base em Levaillant, Hist. Nat. Promérops, pl. 28): Caiena.

Do leste da Venezuela (Bolivar) às Guianas e ao adjacente norte do Brasil, até a margem esquerda do baixo Amazonas (da margem oriental do baixo rio Negro para leste).

Dendrocincla fuliginosa phaeochroa (Berlepsch & Hartert)

Dendrocincla phaeochroa Berlepsch & Hartert, 1902, Novit. Zool., IX, p. 67: Munduapo (alto Orenoco) .

Sul da Venezuela, estendendo-se para leste até o extremo noroeste do Brasil (alto rio Branco).

Exemplares do rio Mucajaí (afluente ocidental do alto rio Branco) provam pertencer à presente raça, com cujos caracteres combinam também outros tantos do rio Tucano. Cf. Pinto, Cadernos da Amazônia, III, p. 102 (1966).

Dendrocincla fuliginosa neglecta Todd

Dendrocincla meruloides neglecta Todd, 1948, Ann. Carn. Mus., XXXI, p. 16: São Paulo de Olivença (margem direita do rio Solimões).

Do leste do Equador e do Peru ao Brasil oeste-amazônico, nas margens ambas do rio Solimões (para leste até a margem direita do rio Negro e a esquerda do rio Madeira).

As populações compreendidas na área geográfica acima têm sido muitas vezes, a exemplo de J. T. Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 728, maio de 1934, p. 18), referidas a *D. fuliginosa phaeochroa* Berl. & Hartert (Novit. Zool., IX, 1902, p. 67, tipo de Munduapo, no alto Orenoco); todavia, estudos posteriores induzem à suposição de que esta forma venezuelana se acha restrita aos limites setentrionais do Brasil. Cf. Gyldenstolpe, Ark. f. Zool., II, (1), p. 158 (1951). *Dendrocincla meruloides* (Lafresnaye, 1888), a que *neglecta* foi subordinada por Todd ao descrever o tipo, está no mesmo caso, rebaixada contudo à condição de subespécie de *D. fuliginosa*.

Dendrocincla fuliginosa atrirostris (d'Orbigny & Lafresnaye)

Dendrocolaptes atrirostris d'Orbigny & Lafresnaye, 1838, Syn. Av., em Magaz. Zool., 8, (2), p. 12: Guarayos (Bolívia).

Norte da Bolívia, noroeste de Mato Grosso, estendendo-se para o norte até a margem do rio Amazonas, entre os rios Madeira e Tapajós.

Dendrocincla fuliginosa atrirostris foi, há muitos anos, caracterizada por Hellmayr (Novit. Zool., XIII, 1906, p. 336), que a tinha como espécie antônoma; a extensão aqui dada à sua área de dispersão alicerça-se nos estudos de Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 728, p. 19) e no exame de um exemplar de Lago do Batista (margem meridional do Amazonas, não longe da margem direita do rio Madeira).

Dendrocincla fuliginosa rufo-olivacea Ridgway

Dendrocincla rufo-olivacea Ridgway, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 490 (em chave): Diamantina (margem direita do baixo Tapajós).

Margem direita do baixo Amazonas (da margem direita do Tapajós para leste), estendendo-se até o norte do Maranhão.

Dendrocincla fuliginosa trumai Sick

Dndrocincla fuliginosa trumai Sick, 1950, Orn. Berichte, III, (1), p. 23: margem direita do rio Culuene (alto Xingu).

Sul do Pará, na região alto rio Xingu.

Dendrocincla fuliginosa taunayi Pinto

Dendrocincla taunayi Pinto, 1939, Bol. Biológico, nova ser., IV, p. 190: fazenda São Bento, perto de Tapera (leste de Pernambuco, não longe de Recife.

Brasil este-setentrional (conhecida da faixa oriental de Pernambuco e Alagoas).

Dendrocincla fuliginosa turdina (Lichtenstein)
Subideira.

Dendrocolaptes turdinus Lichtenstein, 1820, Abhandl. K. Akad. Wissens. Berlin para os anos 1818 e 1819, Phys. Kl., p. 204, pl. 2, fig. 1: sem indicação de localidade (= Bahia, loc. cit., para 1920 e 1921, p. 264).

Do nordeste extremo da Argentina e do leste do Paraguay a todo o Brasil este-meridional (da Bahia até o Rio Grande do Sul), inclusos o sul de Goiás e o leste de Minas Gerais).

A separabilidade das populações meridionais da espécie como *Dendrocincla fuliginosa enelincia* Oberholser, 1904 (Proc. Acad. Sci. Phila., LVI, p. 449 — tipo de Bauru, oeste de São Paulo), conforme já houve oportunidade de pormenorizar, é muito duvidosa. Cf. Pinto, Arq. de Zool. de São Paulo, , 1947, pp. 429-31.

Dendrocincla merula merula (Lichtenstein)

Dendrocolaptes merula Lichtenstein, 1820, Abh. Wissens. Berlin, anos de 1818-1819, Physik. Kl., p. 208: Caiena.

Guianas e norte extremo do Brasil (a leste do alto rio Branco).

Dendrocincla merula obidensis Todd

Dendrocincla merula obidensis Todd, 1948, Ann. Carn. Mus., XXXI, p. 16: Óbidos.

Margem esquerda do baixo Amazonas (Faro, Óbidos).

Dendrocincla merula bartletti Chubb

Dendrocincla bartletti Chubb, 1919, Bull. Brit. Orn. Cl., XXXIX, p. 51: Chamicuros (Peru).

Do sul da Venezuela (alto Orenoco) ao nordeste do Peru, estendendo-se para leste ao Brasil amazônico (ao norte e ao sul do rio Solimões), desde as suas fronteiras oeste-setentrionais até a margem direita do rio Negro e esquerda do rio Madeira.

Dendrocincla merula olivascens Zimmer

Dendrocincla merula olivascens Zimmer, 1934, Am. Mus. Novit., n.º 728, p. 16: Vila Bela Imperatriz (= Parintins).

Margem direita do baixo Amazonas, da margem direita do rio Madeira à esquerda do Tapajós.

Dendrocincla merula castanoptera Ridgway

Dendrocincla castanoptera Ridgway, 1888, Proc. Un. St. Nac. Mus., X, p. 590 (em chave) 494: Diamantina (perto de Santarém).

Ao sul do baixo Amazonas, da margem direita do rio Tapajós à esquerda do rio Tocantins.

Dendrocincla merula badia Zimmer

Dendrocincla merula badia Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 728, p. 16: Pedral (margem direita do baixo Tocantins).

Leste do Pará, ao sul do estuário amazônico (do baixo Tocantins para leste).

Gênero **DECONYCHURA** Cherrie

Deconychura Cherrie, 1891, Proc. Un. St. Nation. Mus., XVI, p. 338. Tipo, *Deconychura typica* Cherrie (design. original).

Deconychura longicauda longicauda (Pelzeln)

Dendrocincla longicauda Pelzeln (ex Natterer M. S.), 1868, Orn. Bras., (1), p. 42 (*nomen nudum*) e 60: Borba, Marabitanos e Barra do Rio Negro (= Manaus, design. como localidade tipo por Hellmayr, 1925).

Guianas, estendendo-se para o sul até a margem esquerda do Solimões (Tocantins) e do baixo Amazonas (rio Jamundá).

Deconychura longicauda connectens Zimmer

Deconychura longicauda connectens Zimmer, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XVII, p. 8: Puerto Bermudez (Peru).

Do sul da Venezuela (alto Orenoco) à porção amazônica do Equador e do Peru, com extensão ao noroeste extremo do Brasil (alto rio Negro).

Deconychura longicauda pallida Zimmer

Deconychura longicauda pallida Zimmer, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XVII, p. 6: Hiutanaã (alto Purus, margem esquerda).

Sudeste do Peru e norte da Bolívia, estendendo-se pelo Brasil oeste-setentrional ao sul do rio Solimões e do baixo Amazonas (até a margem esquerda do rio Tapajós).

Deconychura longicauda zimmeri Pinto

Deconychura longicauda zimmeri Pinto, 1974, Papéis Avulsos de Zoologia, XXVII, n.º 14, pp. 177-179: estrada de Belém-Brasília, no município do rio Capim.

Margem direita do baixo Amazonas e respectivo estuário (Benevides), estendendo-se para o sul até a região do rio Capim.

Deconychura stictolaema stictolaema (Pelzeln)

Sittasomus stictolaemus Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (1), p. 42 (*nomen nudum*) e 59: Borba (baixo Madeira margem direita).

Margem direita do rio Amazonas (do baixo Madeira para leste), estendendo-se, provavelmente, até o rio Capim.

Exemplares da "Estrada de Belém-Brasília", no município de Rio Capim, são atribuídos, com alguma dúvida, à forma típica da espécie, visto não combinarem satisfatoriamente com um do rio Tapajós.

Deconychura stictolaema secunda Hellmayr

Deconychura secunda Hellmayr, 1904, Bull. Brit. Orn. Cl., XIV, p. 51: rio Coca (rio Napo, leste do Equador).

Sul da Venezuela, leste do Equador e do Peru, Brasil oeste-amazônico, no alto rio Negro e na margem direita do rio Solimões (estendendo-se para leste, provavelmente, até o rio Madeira).

Deconychura stictolaema clarior Zimmer

Deconychura stictolaema clarior Zimmer, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XVII, (1), p. 14: Pied Saut (Guiana Francesa).

Guiana Francesa, estendendo-se para o sul (Amapá) até à margem esquerda do baixo Amazonas (Faro, rio Anibá).

Gênero SITTASOMUS Swainson

Sittasomus Swainson, 1827, Zool. Journ., III, p. 355. Tipo *Dendrocolaptes sylviellus* Temminck (design. original).

Sittasomus griseicapillus griseicapillus (Vieillot)

Dendrocopus griseicapillus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Natur., XXVI, p. 19 (com base em Azara, n.º 244): Paraguay.

Norte da Argentina, oeste do Paraguay, sul da Bolívia e Brasil centro-ocidental (bacia do rio Paraguai, estendendo-se pelo sudeste de Mato Grosso).

Sittasomus griseicapillus sylviellus (Temminck)

Dendrocolaptes sylviellus Temminck, 1821, Nouv. Rec. Pl. Color., livrais. 12, pl. 72, fig. 1: Brasil (Rio de Janeiro, pátria típica design. por Hellmayr, 1925).

Nordeste extremo da Argentina (Misiones), sudeste do Paraguay e Brasil este-meridional (desde o Rio Grande do Sul até o Espírito Santo), inclusive Minas Gerais e o sul de Goiás.

Sittasomus griseicapillus olivaceus Wied

Sittasomus olivaceus Wied, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, (2), p. 1146: Brasil oriental.

Região litorânea do sul da Bahia.

Sittasomus griseicapillus reiseri Hellmayr

Sittasomus griseicapillus reiseri Hellmayr, 1917, Verh. Orn. Gesells. Bayern, XIII, p. 190: Pedrinha (na margem ocidental do lago Parnaguá).

Nordeste do Brasil (do Maranhão ao norte da Bahia).

Sittasomus griseicapillus axillaris Zimmer

Sittasomus griseicapillus axillaris Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 757, p. 9: São José (perto de Faro, na margem setentrional do baixo Amazonas).

Do sudeste da Venezuela à margem esquerda do rio Amazonas (da margem esquerda do baixo rio Negro para leste).

Sittasomus griseicapillus amazonus Lafresnaye

Sittasomus amazonus Lafresnaye (*ex* Deville & Des Murs M. S.), 1850, Rev. Magaz. Zool., (2), II, p. 590: alto Amazonas (no Peru).

Porção amazônica da Colômbia e do Equador, nordeste do Peru e Brasil oeste-setentrional, ao norte e ao sul do rio Solimões (estendendo-se para o sul até o noroeste de Mato Grosso).

Sittasomus griseicapillus transitivus Pinto & Camargo

Sittasomus griseicapillus transitivus Pinto & Camargo, 1948, Papéis Avulsos Dept. de Zool., I, n.º 26, p. 317: Chavantina (no rio das Mortes).

Margem direita do baixo Amazonas (do rio Tapajós para leste), inclusive o nordeste de Mato Grosso (rio Araguaia).

Gênero GLYPHORHYNCHUS Wied

Glyphorynchus [sic] Wied, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, (2), p. 1149. Tipo *Glyphorhynchus ruficaudus* Wied (= *Dendrocolaptes cuneatus* Licht.).

Glyphorhynchus spirurus spirurus (Vieillot)

Neops spirurus Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXXI, p. 338 (com base em Levaillant, Hist. Nat. Promerops, pl. 31, fig. 1): América do Sul (= Caiena).

Guiana Francesa e região adjacente do norte do Brasil (Amapá), estendendo-se para o sul até a margem esquerda do baixo Amazonas (do rio Jamundá para leste).

Glyphorhynchus spirurus rufigularis Zimmer

Glyphorhynchus spirurus rufigularis Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 757, p. 3: monte Duida (sudeste extremo da Venezuela).

Do sudeste da Colômbia para leste até o Suriname (*fide* Zimmer), e para o sul até a margem esquerda do rio Solimões e do contíguo trecho do baixo Amazonas (região do Itacoatiara).

Glyphorhynchus spirurus castelnaudii Des Murs

Glyphorhynchus castelnaudii Des Murs (*ex* Lafresnaye manuscr.), 1855, Ois, p. 47, pl. 15, fig. 2: Santa Maria (rio Huallaga, Peru).

Leste do Equador, nordeste do Peru e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (até a margem esquerda do rio Madeira).

Glyphorhynchus spirurus inornatus Zimmer

Glyphorhynchus spirurus inornatus Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 757, p. 5: Parintins.

Margem direita do rio Amazonas (da margem direita do rio Madeira à esquerda do Tapajós), estendendo-se para o sul até o noroeste de Mato Grosso.

Glyphorhynchus spirurus parensis Pinto

Glyphorhynchus spirurus parensis Pinto, 1974, Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, vol. XXVII, n.º 14, p. 178: Utinga (arrabalde de Belém).

Leste do Pará (na margem direita do baixo Amazonas e respectivo estuário), estendendo-se até o norte do Maranhão.

Glyphorhynchus spirurus cuneatus (Lichtenstein)

Dendrocolaptes cuneatus Lichtenstein, 1820, Abh. K. Akad. Wissens. Berlin (1818-1819), Physik. Kl., p. 204, pl. 2, fig. 2: sem indicação de localidade (= Bahia, *ex op. cit.*, vol. de 1822, p. 266).

Meio leste do Brasil, na região litorânea florestada da Bahia (do Recôncavo para o sul).

A presente subespécie recebeu ulteriormente o nome de *Glyphorhnchus ruficaudus*, dado por Wied (Beitr. Naturges. Bras., III, (2), p. 1150), que a fez tipo do gênero. Difere muito visivelmente da forma paraense há pouco descrita, possuindo as penas da garganta bem mais desbotadas, quase brancas, em contraste com o dorso, mais tinto de ferrugem.

Gênero **DENDREXETASTES** Eyton

Dendrexetastes Eyton, 1851, Contrib. Orn., p. 76. Tipo *Dendrexetastes capitoides* Eyton (= *Dendrocolaptes rufigula* Lesson), por monotipia.

Dendrexetastes rufigula rufigula (Lesson)

Dendrocolaptes rufigula Lesson, 1844, Echo du Monde Savant, XI, secnd. semestre, n.º 12, col. 276: Caiena.

Guianas e Brasil setentrional, ao norte do rio Amazonas.

Dendrexetastes rufigula devillei (Lafresnaye)

Dendrocolaptes Devillei (Lafresnaye, 1850, Rev. Magaz. Zool., (2), II, p. 102: Sarayacu (nordeste do Peru).

Região amazônica da Colômbia, Equador e norte do Peru, norte da Bolívia e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (inclusa a margem esquerda do rio Madeira).

Dendrexetastes rufigula moniliger Zimmer

Dendrexetastes rufigula moniliger Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 728, p. 2: Borba (rio Madeira).

Margem direita do rio Amazonas (a leste do rio Madeira), estendendo-se para o sul até o norte de Mato Grosso.

Dendrexetastes rufigula paraensis Lorenz

Dendrexetastes paraensis Lorenz, 1895, Verh. K. K. zool.-botan. Gesells., Wien, XLV, p. 363: Pará (= Belém).

Leste do Pará (ao sul do estuário Amazônico).

Gênero **HYLEXETASTES** Sclater

Hylexetastes Sclater, 1889, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 45. Tipo *Dendrocolaptes perrotii* Lafresnaye (design. original).

Hylexetastes perrotii perrotii (Lafresnaye)

Dendrocolaptes perrotii Lafresnaye, 1844, Rev. Zool., p. 80: Colômbia (localidade tida como errônea, em vez de Caiena).

Sudeste da Colômbia, sul da Venezuela e Guianas, estendendo-se para o sul até a margem setentrional do baixo Amazonas.

Ao contrário dos exemplares de Óbidos, cujos caracteres combinam com os das Guianas, um de Itacoatiara difere pela tonalidade mais escura da plumagem, sugerindo tratar-se de uma forma não descrita.

Hylexetastes perrotii uniformis Hellmayr
Picapau vermelho.

Hylexetastes uniformis Hellmayr, 1909, Rev. Franç. d'Orn. I, p. 100: Calama (rio Madeira, margem direita).

Margem meridional do rio Amazonas (do rio Madeira às margens ambas do Tapajós).

Hylexetastes stresemanni stresemanni Snethlage

Hylexetastes stresemanni Snethlage, 1925, Journ. f. Orn., LXXIII, p. 269: Acajutuba (baixo rio Negro).

Margem esquerda do rio Solimões, para leste até o rio Negro.

Hylexetastes stresemanni undulatus Todd

Hylexetastes undulatus Todd, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 80: So Paulo de Olivença (margem direita do Solimões).

Do nordeste do Peru ao Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (o Acre inclusive).

Hylexetastes stresemanni insignis Zimmer

Hylexetastes stresemanni insignis Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 753, p. 8: Tauapunto (rio Vaupés, margem esquerda).

Extremo norte do Brasil, na região do alto rio Negro.

Gênero **XIPHOCOLAPTES** Lesson

Xiphocolaptes Lesson, 1840, Rev. Zool., p. 269. Tipo *Dendrocopus albicollis* Vieillot (design. por Gray, 1855).

Xiphocolaptes promeropirhynchus orenocensis Berlepsch & Hartert

[*Dendrocolaptes promeropirhynchus* Lesson, 1840, Rev. Zool., III, p. 270. sem indicação de localidade (Bogotá, design. por Hellmayr, 1925].

Xiphocolaptes orenocensis Berlepsch & Hartert, 1902, Novit. Zool., IX, 65: Nericagua (alto Orenoco).

Sul da Venezuela, leste do Equador, norte do Peru (rio Ucayali) e Brasil oeste-setentrional, ao norte do rio Solimões.

Xiphocolaptes promeropirhynchus berlepschi Snethage
Arapaçu.

Xiphocolaptes promeropirhynchus berlepschi Snethlage, 1908, Journ. f. Orn., LVI, p. 15: Cachoeira (alto Purus, margem direita).

Leste do Peru e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (até a margem esquerda do rio Madeira).

Xiphocolaptes promeropirhynchus paraensis Pinto

Xiphocolaptes promeropirhynchus paraensis Pinto, 1945, Pap. Avulsos do Departamento de Zoologia, V. p. 135: Lago do Batista (margem direita do médio Amazonas, a leste do baixo Madeira).

Margem direita do baixo Amazonas (da margem direita do rio Madeira à esquerda do Tapajós).

Reconhecendo a validez da presente subespécie com base em exemplares do baixo Tapajós, alista-se Todd (Ann. Carn. Mus., XXXI, 1948, p. 5)

entre os autores que, como Hellmayr (Catal. Bds. Americas, IV, p. 285) e Gyldenstolpe (Ark. f. Zool., II, (1), p. 142) advogam a categoria de espécie autônoma para *X. orenocensis*, a que, neste caso, devem referir-se as três formas representadas no Brasil.

Xiphocolaptes albicollis albicollis (Vieillot)

Arapaçu, Corre-pau, Agarradeira.

Dendrocopus albicollis Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVI, p. 117: Brasil (= Rio de Janeiro).

Nordeste da Argentina, Paraguay e sudeste do Brasil, desde o sul extremo da Bahia até o Rio Grande do Sul (inclusive Minas Gerais e sul de Goiás).

Xiphocolaptes albicollis bahiae Cory

Xiphocolaptes albicollis bahiae Cory, 1919, Auk, XXXVI, p. 540: Macaco Seco (perto de Andaraí).

Leste da Bahia (ao sul da Baía de Todos os Santos).

Inclui em sua sinonímia *X. albicollis belmontensis* Lima, 1920 (Rev. Mus. Paul., XII, (2), p. 102.

Xiphocolaptes albicollis villanovae Lima

Xiphocolaptes albicollis villanovae Lima, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, (2), p. 104: Vila Nova da Rainha (atual Bonfim), no alto Itapicuru.

Nordeste da Bahia.

É de todo infundada a hipótese, aventada por Hellmayr (Catal. Bds. Americas, IV, p. 278), de tratar-se de um sinônimo de *X. falcirostris*, espécie bem caracterizada.

Xiphocolaptes franciscanus Snethlage

Xiphocolaptes franciscanus Snethlage, 1927, Orn. Monatsber., XXXV, p. 8: Brejo Januária (margem esquerda do rio São Francisco, Minas Gerais).

Só conhecido pelo tipo, da margem esquerda do São Francisco, no estado de Minas Gerais.

Talvez subespécie de *X. albicollis* (cf. Pinto, Arquivos de Zoologia, VIII, 1952, p. 32).

Xiphocolaptes falcirostris (Spix)

Dendrocolaptes falcirostris Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Brasiliae, I, p. 86, pl. 88: sem indicação de localidade (Oeiras, pátria típica design. por Hellmayr, 1929).

Nordeste do Brasil, do Maranhão à Paraíba, incluso o noroeste da Bahia (rio Preto).

Xiphocolaptes major castaneus Ridgway

[*Dendrocopus major* Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVI, p. 118 (com base em "Trepadore Grande", n.º 241 de Azara): Paraguay].

Xiphocolaptes major castaneus Ridgway, 1890 ("1889"), Proc. Un. St. Nat. Mus., XII, p. 16: Piedra Blanca (leste da Bolívia).

Norte extremo da Argentina (Jujuy, Salta), sudeste da Bolívia e sul de Mato Grosso (região de Corumbá e cercanias).

Xiphocolaptes major remoratus Pinto

Xiphocolaptes major remoratus Pinto, 1945, Pap. Avulsos do Departamento de Zoologia, V, p. 137: rio Aricá (afluente do rio Cuiabá).

Porção centro-ocidental de Mato Grosso (região de Cuiabá, Cáceres e convizinhanças).

E. Naumburg (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, 1930, p. 253), refere as aves de Cuiabá à forma típica da espécie, que, além do Paraguay, ocorre em quase todo o norte da Argentina. Apesar da similitude existente entre as duas formas, mantenho o ponto de vista adotado em minha descrição de *X. m. remoratus*, a que também devem pertencer as aves de Cáceres.

Gênero **DENDROCOLAPTES** Hermann

Dendrocolaptes Hermann, 1804, Observ. Zool., p. 135. Tipo, por designação de Swainson (Mem. Wern. Nat. Hist. Soc., III, 1821, p. 292), *Gracula cayennensis* Gmelin (= *Picus certhia* Boddaert).

Dendrocolaptes certhia radiolatus Sclater & Salvin

Dendrocolaptes radiolatus Sclater & Salvin, 1868 ("1867"), Proc. Zool. Soc. Lond., p. 755: Yurimaguas (leste do Peru).

Alta Amazônia (do nordeste da Colômbia ao nordeste do Peru), inclusive o extremo noroeste do Brasil, na região do alto rio Negro.

Dendrocolaptes certhia certhia (Boddaert)
Picapau vermelho, Arapaçu.

Picus certhia Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 38 (com base em Daubenton, pl. enlum. 621): Caiena.

Sudeste da Venezuela (alto Orenoco), Guianas e Brasil setentrional, ao norte do baixo Amazonas (do baixo rio Negro para leste).

Dendrocolaptes certhia juruanus Ihering

Dendrocolaptes juruanus H. v. Hering, 1905 ("1904"), Rev. Mus. Paul., VI, p. 437: rio Juruá (marg. direita).

Do leste do Peru (Orosa) à margem meridional do rio Solimões (rio Juruá), desde a fronteira peruana até a margem esquerda do rio Madeira (Rosarinho), estendendo-se para o sul até o norte da Bolívia (Puerto Salinas).

Dendrocolaptes certhia concolor Pelzeln

Dendrocolaptes concolor Pelzeln, 1868, Orn. Bras., I, p. 43: Vila Bela, Salto do Girau (rio Guaporé), Borba (na margem direita da embocadura do rio Madeira), designada como pátria típica por Hellmayr, 1925 (Catal. Bds. Amer., IV, p. 259).

Da margem direita do rio Madeira (Lago do Batista) até a margem esquerda do rio Tapajós (Sumauma).

Dendrocolaptes certhia ridgwayi Hellmayr

Dendrocolaptes obsoletus ridgwayi Hellmayr, 1905, Novit. Zool., XII, 282 (nome novo para *Dendrocolaptes obsoletus* Ridgwayi, não Lichtenstein, 1820).

Dendrocolaptes obsoletus Ridgway, 1888, Proc. Nat. Mus. Nat. Hist., X, p. 527: Diamantina (perto de Santarém).

Da margem direita do Tapajós (Santarém, Cachimbo) até o Tocantins (provavelmente em ambas as margens), estendendo-se para o sul até o norte de Goiás (Araguatins).

Dendrocolaptes certhia medius Todd

Dendrocolaptes certhia medius Todd, 1920, Proceed. Biolog. Soc. Wash., XXXIII, p. 74: Benevides (leste do Pará).

Da margem direita do estuário do rio Amazonas, estendendo-se da região de Belém e do rio Capim a toda faixa litorânea do Nordeste, desde o Maranhão até Alagoas.

A área de dispersão das formas sul-amazônicas de *Dendrocolates certhia*, no que divirja da fornecida pelos autores, baseia-se em meticuloso estudo comparativo do material existente no Museu de Zoologia da

Univ. de S. Paulo (cf. Pinto, 1947, Arq. de Zoologia, V, p. 402; id., 1954, Pap. Avuls., XII, p. 39).

Dendrocolaptes picumnus picumnus Lichtenstein

Picapau vermelho.

Dendrocolaptes picumnus Lichtenstein, 1820, Abhandl. Akad. Wiss. Berlin, anos de 1818-19 (com base no "Grimpar Picucule" de Levaillant): Caiena.

Norte da América do Sul, do leste da Venezuela, às Guianas e ao extremo norte do Brasil (rio Branco, Amapá), estendendo-se para o sul até a margem setentrional do baixo Amazonas (inclusive a margem esquerda do baixo rio Negro).

Dendrocolaptes picumnus validus (Tschudi)

Dendrocolaptes validus Tschudi, 1844, Arch. Naturges., X, (1), p. 296: Peru (Dept. de Junin).

Leste do Equador e do Peru, Brasil oeste-setentrional, nas margens ambas do rio Solimões (para leste até a margem direita do rio Negro e o baixo rio Madeira).

Dendrocolaptes picumnus transfasciatus Todd

Dendrocolaptes transfaciatus Todd, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 81: Miritituba (perto de Santarém).

Margem direita do baixo rio Tapajós (região de Santarém).

Uma fêmea de Fordlândia (Olalla col., março de 1965) deve ser acrescentada à lista dos exemplares deste curioso arapaçu, alvo de comentários assaz judiciosos e interessantes da parte de L. Griscom (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 209). Pertence ela à coleção ornitológica do Museu de Zoologia de São Paulo (n.º 58512) do livro de tombo.

Dendrocolaptes pallescens pallescens Pelzeln

Dendrocolaptes pallescens Pelzeln, 1868, Orn. Bras., I, pp. 43 e 61: Engenho do Gama e Estiva (rio Guaporé).

Norte extremo da Argentina, leste da Bolívia, Paraguay e regiões confinantes do Brasil ocidental (rios Guaporé e Paraguai).

Dendrocolaptes pallescens hoffmannsi Hellmayr

Dendrocolaptes hoffmannsi Hellmayr, 1909, Bul. Brit. Orn. Club, XXIII, p. 66: Calama (alto rio Madeira).

Brasil central nas altas porções dos rios Madeira e Tapajós.

As diferenças entre *Dendrocolaptes picumnus* e *D. pallescens* são demasiado acentuadas para que se lhes dê valor apenas subespecífico. Por

outro lado, flagrantes são as afinidades entre *D. pallescens* e *D. hoffmannsi*.

Dendrocolaptes platyrostris platyrostris Spix

Arapaçu grande, Subideira, Corre-pau, Tarasca.

Dendrocolaptes platyrostris Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Brasiliae, 1, p. 87, tab. 89: Rio de Janeiro.

Nordeste extremo da Argentina, Paraguay e Brasil meridional (do Rio Grande do Sul a São Paulo), estendendo-se para o norte ao longo da faixa atlântica, até o sul da Bahia (rio de Contas) e o leste de Minas (rio Doce).

O colorido mais escuro das partes superiores, especialmente o do píleo, sugere a separação das aves do Brasil meridional extremo como subespécie particular. Por outro lado, as aves do sul da Bahia (Ilhéus), confirmando o previsto por Hellmayr (Catal. Bds. Amer., IV, p. 266), dificilmente se distinguem das dos estados sulinos.

Dendrocolaptes platyrostris intermedius Berlepsch

Dendrocolaptes intermedius Berlepsch, 1883, Ibis, (5), p. 141: Bahia (como pátria típica sugiro o rio Preto, no noroeste do estado).

Brasil este-setentrional (da Bahia ao Ceará) e central, no sul de Goiás (Jataí, São Domingos) e de Mato Grosso (inclusive a região de Cuiabá).

Gênero **XIPHORHYNCHUS** Swainson

Xiphorhynchus Swainson, junho de 1827, Philos. Mag., I, p. 440. Tipo *Xiphorhynchus flavigaster* por Oberholser, 1905, Smiths. Miscell. Coll., XLVIII, p. 62).

Dendrornis Eyton, 1852, Contrib. Ornithol., p. 23. Tipo *Dendrocolaptes susurrans* Jardine, 1847 (design. por Gray, 1840, p. 18).

Dendroplex Swainson, 1827, Zool. Journ., III, p. 354. Tipo *Dendroplex gutatus* Spix (= *Dendrocolaptes ocellatus* Spix, 1824), design. por Swainson, 1837).

Picolaptes Lesson, 1830, Traité d'Orn., livr. 4, p. 313. Tipo *Picolaptes spixii* Lesson (design. por Gray, 1840, p. 18).

Xiphorhynchus guttatus guttatus (Lichtenstein)

Arapaçu.

Dendrocolaptes guttatus Lichtenstein, 1820. Abhandl. Berl. Akad. Wiss., anos 1820-21, p. 264: Bahia.

Faixa atlântica do Brasil médio-oriental, do leste da Paraíba (Mamanguape) ao Rio de Janeiro.

Xiphorhynchus guttatus gracilirostris Pinto & Camargo

Xiphorhynchus eytoni gracilirostris Pinto & E. A. de Camargo, 1957, Pap. Avuls. Dept. de Zool., XIII, (4), p. 60, no texto: serra de Baturité (Ceará).

Nordeste do Brasil, no estado do Ceará (serra de Baturité).

Xiphorhynchus guttatus eytoni (Sclater)

Dendrocolaptes eytoni Sclater, 1854, Proc. Zool. Soc. Lond., (1853), p. 69, estampa 57: rio Capim (leste do Pará).

Margem direita do mais baixo trecho do rio Amazonas (e respectivo estuário), estendendo-se para leste até o Maranhão.

Xiphorhynchus guttatus vicinalis Todd

Xiphorhynchus eytoni vicinalis Todd, 1948, Ann. Carn. Mus., XXXI, p. 7: Apaci (margem esquerda do rio Tapajós).

Ao sul do rio Amazonas, nas margens ambas do rio Tapajós e no correspondente trecho da margem esquerda daquele rio (Faro).

Xiphorhynchus guttatus polystictus (Salvin & Godman)
Picapau vermelho.

Dendrornis polysticta Salvin & Godman, 1883, Ibis, (5), I, p. 220: Bartica Grove (Guiana, inglesa).

Norte da América Meridional cisandina, do sul da Venezuela (alto Orenoco) às Guianas e do norte extremo do Brasil, desde o rio Branco e Território do Amapá até a margem setentrional do baixo Amazonas (Óbidos, Itacoatiara, Manaus).

De acordo com a generalidade dos autores, inclui-se aqui na sinonímia desta raça *Dendrornis rostripallens sororia* Berlepsch & Hartert (Novit. Zool., IX, 1902, p. 63), de Maipures (sul da Venezuela); por outro lado, parece muito problemática a separabilidade de *Xiphorhynchus guttatus connectens* Todd, 1948 (Ann. Carn. Mus., XXXI, p. 8), cujo tipo é de Óbidos.

Xiphorhynchus guttatus guttatoides (Lafresnaye)

Nasica guttatoides Lafresnaye, 1850, Rev. Magaz. Zool., (2), II, p. 387: Loreto (Peru) e Colômbia.

Alta Amazônia (do sul da Colômbia ao leste do Peru), inclusive o Brasil oeste-amazônico, ao norte e ao sul do rio Solimões, estendendo-se para leste até, respectivamente, os rios Negro (São Gabriel) e Madeira (Borba).

Xiphorhynchus guttatus dorbignyanus (Lafresnaye)

Nasica dorbignyanus Lafesnaye, 1850, Rev. Magaz. Zool., (2), II, p. 420: Guarayos e Chiquitos (leste da Bolívia).

Porção cisandina da Bolívia e Brasil centro-ocidental, nos estados de Goiás (Jaraguá, São Domingos) e Mato Grosso (Corumbá, Cuiabá, Cáceres, rio das Mortes).

Xiphorhynchus pardalotus pardalotus (Vieillot)

Dendrocopus pardalotus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Natur., XXVI, p. 117 (com base em "Le Grimpar flambé" de Levaillant, Hist. Nat. Promérops, p. 74. pl. 30): Caiena (= Guiana Francesa).

Guianas e porção adjacente do Brasil, estendendo-se para o sul até a margem setentrional do baixo Amazonas (da margem esquerda do rio Negro para leste), que ultrapassa na região do baixo Tapajós (Aramanaí, *teste* Zimmer).

Xiphorhynchus pardalotus caurensis Todd

Xiphorhynchus pardalotus caurensis Todd, 1948, Ann. Carnegie Museum, XXXI, p. 9: La Lajita (rio Mocho, Venezuela).

Sudeste da Venezuela e porção do Brasil com êste confinante (Cerro Uei-Tepui).

Deve-se a W. Phelps & Phelps (Bolet. Soc. Venezol. de Cienc. Nat., XXIII, 1962, p. 35) a inclusão desta raça venezuelana na avifauna do Brasil.

Xiphorhynchus spixii spixii (Lesson)

Picolaptes spixii Lesson, 1830, Traité d'Orn., (4), p. 314: Brasil (Belém do Pará, pátria típica design. por Hellmayr, 1905).

Margem sul do baixo Amazonas (da margem direita do Tapajós para leste) e respectivo estuário, estendendo-se até o norte do Maranhão.

Xiphorhynchus obsoletus obsoletus (Lichtenstein)

Dendrocolaptes obsoletus Lichtenstein, 1820, Abh. K. Akad. Wiss. Berlin, anos 1818-19, p. 203: sem indicação de localidade (= estado do Pará).

Norte do Brasil na porção inferior da margem direita do baixo Amazonas (do rio Curuá do sul para leste) e respectivo estuário (rio Capim, Belém).

Xiphorhynchus obsoletus notatus (Eyton)

Picolaptes notatus Eyton, 1852, Contrib. Ornithol., p. 26: sem indicação de localidade (que é licito sugerir com o alto Orenoco).

Sudeste da Venezuela e norte do Brasil, desde as suas fronteiras oeste-setentrionais extremas até a margem esquerda do alto Amazonas.

As características das populações sulinas do rio Amazonas aproximam-se muito das da margem oposta, e vice-versa, ficando demasiado dificil atribuir-lhes determinação precisa, conforme já foi apontado por Pinto (Estudo crit. e Catal. Remiss. das Aves do Territ. de Roraima, p. 98) e da posição assumida pelos autores que se têm aprofundado no assunto, inclusive J. T. Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 756, p. 12).

Xiphorhynchus obsoletus palliatus (Des Murs)

Dendrornis pallictus Des Murs, 1856, em Castelnau, Expéd. Amér. du Sud, Oiseaux, p. 46, pl. 15, fig. 1: sem indicação de localidade (o tipo é de Sarayacu, no rio Ucayali, Peru, *teste* Hellmayr, Bds. of the Americas, IV, p. 318).

Alta Amazônia, no leste do Equador, nordeste do Peru e Brasil oeste-amazônico, na margem direita do alto Solimões (inclusive o rio Juruá).

Segundo Gyldenstolpe (Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, n.º 3, p. 141), pertenceriam também a esta raça as aves do norte da Bolivia (rio Beni).

Xiphorhynchus obsoletus multiguttatus (Lafrensnaye)

Nasica multiguttatus Lafresnaye, 1850, Rev. Magaz. Zool., (2), II, p. 417: Fonte Boa (na margem direita do médio Solimões).

Margem direita do médio Solimões, estendendo-se para o Sul ao longo do rio Purus.

Para Hellmayr (Birds of the Americas, IV, p. 317) não passa de sinônimo de *X. obsoletus obsoletus*. Dissentindo deste modo de ver, N. Gyldenstolpe (Ark. f. Zool., II, n.º 1, p. 151), considera-o uma boa raça, aceitando opinião já anteriormente externada por J. C. Todd (Ann. Carnegie Museum, XXXI, n.º 2, p. 10).

Xiphorhynchus elegans elegans (Pelzeln)

Dendrornis elegans Pelzeln, 1868, Ornit. Bras., I, pp. 45-63: Engenho do Capitão Gama (rio Guaporé).

Margem direita do rio Amazonas, da margem direita do rio Purus à esquerda do Tapajós.

Xiphorhynchus elegans ornatus Zimmer

Xiphorhynchus spixii ornatus Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit. n.º 756, p. 7: Puerto Indiana (na foz do rio Napo, Peru).

Alta Amazônia (do sudeste da Colômbia ao leste do Peru), incluso o Brasil oeste-amazônico extremo.

J. T. Zimmer (ap. cit.) refere à presente forma, por ele descrita, exemplares de São Paulo de Olivença, na margem direita do alto Solimões.

Xiphorhynchus juruanus (Ihering)

Dendromis ocellata juruana Ihering, 1905, Rev. Mus. Paul., VI, "1904", p. 436: rio Juruá.

Leste do Peru (margem direita do Marañon) e Brasil oeste-amazônico ao sul do rio Solimões (rio Juruá, alto Purus), estendendo-se para o sul até o norte da Bolívia (rio Beni).

Justifica-se a relutância de alguns ornitologistas, como Gyldenstolpe (Ark. f. Zool., 11, n.º 1, p. 150), em tratar *X. juruanus* como subespécie de *X. spixii*, tão profundas são as diferenças existentes entre ambas.

Xiphorhynchus ocellatus ocellatus (Spix)

Dendrocolaptes ocellatus (*guttatus*) Spix, 1824, Av. Nov. Bras., 1, p. 88, tab. 91, fig. 1: Piauí.

Alto Amazonas (sudeste da Colômbia, sul da Venezuela) e noroeste extremo do Brasil (alto rio Negro) estendendo-se para leste até as margens do baixo Amazonas (dos rios Negro e Madeira para leste), inclusive a adjacente porção do nordeste brasileiro (Piauí).

Xyphorhynchus ocellatus weddellii (O. des Murs)

Dedromis weddellii Des Murs, 1856, Exped. Amér. Sud, Oiseaux, p. 46, pl. 14, fig. 2: sem indicação de localidade (aceita-se como pátria típica o nordeste do Peru, na margem esquerda do baixo Marañon).

Nordeste do Peru (ao norte do rio Marañon), estendendo-se para leste até o Brasil oeste-setentrional, ao norte do rio Solimões (Cadajás, Manacapuru).

Sobre a presente subespécie, a que deve pertencer um exemplar de Manacapuru (n.º 16843 do Mus. Zool. de São Paulo), fizeram comentários Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 756, p. 14) e Gyldenstolpe (Kungl. Sv. Vet. Akad. Handlingar, XXII, n.º 3, p. 139).

Xiphorhynchus ocellatus perplexus Zimmer

Xiphorhynchus ocellatus perplexus Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 756, p. 15: Sarayacu (rio Ucayali).

Leste do Peru (margem direita do Marañon) e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (Tefé, rio Juruá, rio Purus).

Xiphorhynchus picus picus (Gmelin)

Arapaçu, Picapau vermelho.

Oriolus Picus Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1, (1), p. 384 (com base em "Le Talapiot" de Daubenton, Pl. enlum. 605): Caiena.

América do Sul oeste-setentrional cisandina (do leste da Colômbia às Guianas, estendendo-se para o sul até a margem norte dos rios Solimões (Manacapuru) e Amazonas (Itacoatiara, rio Jamundá) e às margens ambas do mais baixo trecho deste último (Macapá, rio Curuá do sul).

O feitio, quase retilíneo, do bico em *X. picus* tem sido o motivo de sua exclusão do gênero *Xiphorhynchus* e de sua aceitação por muitos autores como tipo do gênero *Dendroplex* Swainson, 1837 (Zool. Journ., III, p. 354).

Xiphorhynchus picus duidae (Zimmer)

Dendroplex picus duidae Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 753, p. 15: faldas do monte Duida (sul da Venezuela).

Sul da Venezuela (alto Orenoco e adjacências), estendendo-se para o sul até o extremo noroeste da Amazônia brasileira (alto rio Negro).

Xiphorhynchus picus peruvianus (Zimmer)

Dendroplex picus peruvianus Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 753, p. 14: Santa Rosa (alto Uayali, Peru).

Nordeste do Peru, norte da Bolívia e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (rio Juruá).

Xiphorhynchus picus kienerii (Des Murs)

Dendromis kienerii Des Murs (ex Lafresnaye manuscr.), 1856, em Castelnau, Expéd. Am. Sud, I, Oiseaux, p. 45, pl. fig. 1: Ega (= Tefé).

Brasil oeste-setentrional ao sul do médio Solimões (Tefé) e na região do rio Purus, estendendo-se para o sul até o oeste do Mato Grosso (Coxim).

Xiphorhynchus picus rufescens (Todd)

Dendroplex picus rufescens Todd, 1948, Ann. Carnegie Museum, XXXI, p. 11: Vila Braga (rio Tapajós, marg. esquerda).

Ao sul do baixo Amazonas, nas duas margens do rio Tapajós.

Xiphorhynchus picus bahiae (Bangs & Pernard)

Dendroplex picus bahiae Bangs & Penard, 1921, Bull. Mus. Compar. Zool., LXIV, p. 369: Bahia.

Nordeste do Brasil, do leste da Bahia ao Maranhão, inclusive o norte de Goiás.

Xiphorhynchus necopinus (Zimmer)

Dendroplex necopinus Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 753, p. 17: Muirapinima (margem direita do rio Negro).

Margem direita do Solimões (rio Juruá) e margens ambas do baixo Amazonas (inclusive o rio Negro), estendendo-se para o sul até o noroeste de Mato Grosso (rio Mamoré).

Espécie que dá muito que pensar, não só pela tenuidade e imprecisão dos caracteres a ela atribuídos, como pela larga superposição de sua área geográfica à da forma típica de *Xiphorhynchus picus* (cf. Pinto, Arquivos de Zoologia, V, 1947, pp. 403-4).

Gênero **LEPIDOCOLAPTES** Reichenbach

Lepidocolaptes Reichenbach, 1853, Handl. spez. Orn. Scans., A. Sittinae, p. 183. Tipo, *Dendrocolaptes squamatus* Lichtenstein (designado por Gray, 1855, Cat. Gen. Subgen. Birds, p. 29).

Lepidocolaptes squamatus squamatus (Lichtenstein)

Dendrocolaptes squamatus Lichtenstein, 1822, Abhandl. Berl. Akad. Wissens, para os anos de 1820-21, p. 258, prancha 2, fig. 1, em parte: São Paulo (a então capitania deste nome).

Sudeste do Brasil, do norte de São Paulo (Serra da Bocaina, Jaboticabal) à Bahia (Andaraí), inclusive Minas Gerais.

Lepidocolaptes squamatus falcinellus (Cabanis & Heine)
Arapaçu.

Tripobrotus falcinellus Cabanis & Heine, 1859. Mus. Heineanum, II, p. 38: "Montevideo e Buenos Aires" (localidades tidas como errôneas, sendo lícito aceitar-se São Paulo como pátria típica).

Do Paraguay (Alto Paraná) e nordeste extremo da Argentina ao Brasil meridional, desde o Rio Grande do Sul até São Paulo (excetuada a sua porção mais setentrional).

Lepidocolaptes squamatus wagleri (Spix)

Dendrocolaptes wagleri Spix, 1824, Av. Nov. Bras., I, p. 88, tab. 2: sem indicação de localidade (o interior do Piauí é a mais provável).

Nordeste do Brasil (interior do Piauí).

Abstração feita do exemplar tipo, só há menção, ao que parece, de um outro, do interior do Piauí (Riacho Fresco).

Lepidocolaptes albolineatus albolineatus (Lafresnaye)
Arapaçu.

Dendrocolaptes albolineatus Lafresnaye, 1845, Rev. Zool., IX, p. 208: "Colômbia ou México", localidades reputadas errôneas, Caiena sendo adotada como pátria típica (design. por Hellmayr, 1925, Cat. Bds. Amer., IV, p. 328).

Guianas e adjacente porção do Brasil, estendendo-se até a margem esquerda do baixo Amazonas (do rio Negro para leste).

Lepidocolaptes albolineatus layardi (Sclater)
Arapaçu, Picapau vermelho.

Picolaptes layardi Sclater, 1873, Ibis, (3), III, p. 386, pl. 14: Pará (= Belém).

Margem sul do baixo Amazonas (da margem direita do Tapajós para leste), estendendo-se até o norte do Maranhão.

É antes esquemática a fixação dos limites ocidentais da área de distribuição de *L. a layardi* na margem direita do Tapajós, visto que, via de regra, às aves dessa zona (serra do Cachimbo, etc.) falta a estria postocular característica da raça este-paraense.

Lepidocolaptes albolineatus madeirae (Chapman)

Thripobrotus layardi madeirae Chapman, 1919, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXII, p. 261: Porto Velho (margem direita do alto Madeira).

Alta porção dos tributários da margem direita do rio Amazonas, desde a margem ocidental do rio Tapajós até a oriental do Madeira (Porto Velho, rio Machados).

Lepidocolaptes albolineatus fuscicapillus (Pelzeln)

Picolaptes fuscicapillus Pelzeln, 1868, Orn. Bras., I, pp. 44 e 63. Engenho do Capitão Gama (rio Guaporé).

Alta Amazônia (do leste do Equador ao norte da Bolívia), inclusive o Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões, estendendo-se para leste até o rio Guaporé.

Pertenceria à presente subespécie um macho adulto de Vila Taumaturgo guardado no Museu Zoológico de São Paulo, onde, infelizmente, *L.a.*

madeirae não está representado por exemplares autênticos. Seja como for, ele difere demasiado pronunciadamente dos da baixa Amazônia para justificar dúvidas a respeito de sua determinação.

Lepidocolaptes albolineatus duidae Zimmer

Lepidocolaptes albolineatus duidae Zimmer, 1934, Novit. Zool., n.º 753, p. 25: monte Duida (sul da Venezuela).

Sudeste extremo da Venezuela e região oeste-setentrional extrema do Brasil (margem direita do alto rio Negro).

Lepidocolaptes souleyetii littoralis (Hartert & Goodson)

[*Dendrocolaptes souleyetii* Des Murs, 1849, Icon. ornithol., livr. 12, p. 70: Payta (Peru)].

Picolaptes souleyetti littoralis Hartert & Goodson, 1917. Novit. Zool., XXIV, p. 417: Quebrada Secca (Venezuela, no estado de Cumaná).

Norte extremo da América do Sul, do norte da Colômbia à Guiana (inglêsa), estendendo-se para o sul até os limites setentrionais do Brasil (Território de Roraima), o alto rio Branco inclusive.

Hellmayr (Catal. Bds. Amer., IV, p. 330) provou que a presente raça ocorre no Brasil, registrando um exemplar colecionado em Boa Vista, do rio Branco. Em data recente, deu entrada no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, um espécime do Surumu (Território de Roraima).

Lepidocolaptes fuscus fuscus (Vieillot)

Dendrocopus fuscus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVI, p. 117: "Brésil" (= Rio de Janeiro, Delalande Jr. col.).

Paraguay, nordeste da Argentina (Misiones) e sudeste do Brasil, desde o leste do Rio Grande do Sul até o Espírito Santo, inclusive o leste de Minas (zona da Mata) e o sul extremo de Goiás (Jataí).

Lepidocolaptes fuscus tenuirostris (Lichtenstein)

Dendrocolaptes tenuirostris Lichtenstein, 1820, Abhandl. Akad. Wissens. Berlin, para os anos de 1818-19, p. 202: rio São Francisco (Bahia).

Faixa oriental florestada do meio-leste do Brasil, do norte do Espírito Santo ao sul da Bahia (rio Jucurucu, Ilhéus).

Estudo comparativo da presente raça com as suas afins foi feito por Pinto (Rev. Mus. Paulista, XIX, 1935, p. 194-6).

Lepidocolaptes fuscus atlanticus (Cory)

Picolaptes fuscus atlanticus Cory, 1916, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 341: serra de Baturité (Ceará).

Nordeste do Brasil, de Alagoas ao Ceará.

Ocuparam-se particularmente das caracteristicas da presente raça, além de Cory no trabalho supra citado, J. T. Zimmer (Proc. Biol. Soc. Wash., LX, 1947, pp. 102-104) e O. Pinto (Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, XII, 1954, p. 40).

Lepidocolaptes fuscus brevirostris Pinto

Lepidocolaptes fuscus brevirostris Pinto, 1938, Rev. Mus. Paul. XXII, "1937", p. 384: Bonfim (antiga Vila Nova da Rainha).

Interior semi-árido da Bahia (Bonfim, Sincorá).

Embora de distribuição muito limitada, a raça foi tida como boa por Zimmer (Proc. Biol. Soc. Wash., LX, 1947, p. 104).

Lepidocolaptes angustirostris angustirostris (Vieillot)

Dendrocopus angustirostris Vieillot, 1918, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVI, p. 116 (com base em Azara, n.° 242): Paraguay.

Paraguay, Brasil meridional, no sudoeste de Mato Grosso (ao longo do vale do rio Paraguai, inclusive Corumbá e cercanias) e no Rio Grande do Sul.

As aves do sudoeste de Mato Grosso divergem decididamente das da região do alto Paraguai (rio Cuiabá, etc.), merecendo ser referidas à forma típica da espécie (e não a *L. a. bivittatus*), conforme A. Laubmann já tivera a oportunidade de demonstrar (Verh. Orn. Gesells. Bay., XX, 1935, pp. 600-602).

Lepidocolaptes angustirostris bivittatus (Lichtenstein)

Dendrocolaptes bivittatus Lichtenstein, 1822, Abhandl. Akad. Wissens. Berlin, anos 1820-1, pp. 258 e 255, pl. 2, fig. 2: São Paulo.

Brasil este-meridional (São Paulo ao Rio Grande do Sul) e central (de Minas Gerais a Mato Grosso), estendendo-se para o norte até a margem direita do baixo Amazonas.

Exemplares de Santarém, na margem direita da boca do rio Tapajós, são inseparáveis dos do norte de Mato Grosso, singularizando-se, uns e outros, pela tonalidade perfeitamente branca das partes inferiores.

Lepidocolaptes angustirostris bahiae (Hellmayr)

Picolaptes bivittauts bahiae Hellmayr, 1903, Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIII, p. 219: Bahia (sugiro Joazeiro como pátria típica).

Interior da Bahia, da margem direita do rio São Francisco para leste.

Lepidocolaptes angustirostris coronatus (Lesson)

Picolaptes coronatus Lesson, 1830, Traité d'Orn., livr. 4, p. 314 baseado no *Dendrocolaptes bivittatus* Spix (não de Lichtenstein), Av. Nov. Bras., I, p. 87, tab. XC, fig. 1: Piauí.

Brasil este-setentrional, de Alagoas ao Maranhão, inclusive o noroeste da Bahia, na margem esquerda do rio São Francisco (rio Grande e afluentes).

Gênero **CAMPYLORHAMPHUS** Bertoni

Campylorhamphus Bertoni, 1901, Av. Nuevas del Paraguay, p. 70. Tipo *Campylorhamphus longirostris* Bertoni (= *Dendrocopus falcularius* Vieillot), por monotipia.

Xiphorhynchus Swainson, dez. de 1827 (não junho de 1827), Zool. Journ., III, n.º 11, p. 354. Tipo *Dendrocolaptes procurvus* Temminck (*D. falcularius* Vieillot), design. original.

Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris (Lichtenstein)

Dendrocolaptes trochilirostris Lichtenstein, 1820, Abhandl. Akad. Wissens. Berlin, anos 1818-19: Brasil (o sul da Bahia é a pátria provável do tipo).

Matas litorâneas de leste do Brasil, da Bahia (rio Jucurucu, Ilhéus) a Pernambuco.

Campylorhamphus trochilirostris omissus Pinto

Campylorhamphus trochilirostris omissus Pinto, 1933, Boletim Biológico, nova Série, I, (2), p. 61: Vila Nova da Rainha (= Bonfim) .

Interior do Brasil no noroeste da Bahia, região do rio Grande (Bonfim).

Campylorhamphus trochilirostris major Ridgway

Campylorhamphus trochilirostris major Ridgway, 1911, Bull. Un. St. Nat. Mus., L, (5), p. 269: Brasil (Ceará é tido como pátria típica).

Brasil este-setentrional (do Ceará e Piauí) e centro-oriental (do oeste da Bahia e Minas Gerais ao sul de Goiás), estendendo-se para o sul até o rio Paraná.

Inclui *C. trochilirostris guttistriatus* Pinto & Camargo, 1953 (Pap. Avuls., XII, p. 223) do extremo oeste do Paraná. A essa raça, se aceita, devem ser referidas as aves do sul extremo de Goiás.

Campylorhamphus trochilirostris lafresnayanus (D'Orbigny)

Dendrocolaptes lafresnayanus D'Orbigny, 1847, Voyage Amér. mérid., Ois, p. 368, pl. 53, fig. 2: norte da Argentina (rio Paraná) e Chiquitos (no leste da Bolivia).

Do norte da Argentina e do Paraguay, estendendo-se pela adjacente porção do oeste do Brasil, no estado de Mato Grosso (rio Paraguai), inclusive o rio Cuiabá.

Campylorhamphus trochilirostris snethlageae Zimmer

Campylorhamphus trochilirostris snethlageae Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 728: Parintins.

Margens ambas do baixo Amazonas (Faro, Parintins).

Campylorhamphus trochilirostris notabilis Zimmer

Campylorhamphus trochilirostris notabilis Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 728, p. 8: Rosarinho (margem esquerda do rio Madeira).

Só conhecido da margem ocidental do baixo Madeira.

Campylorhamphus trochilirostris venezuelensis (Chapman)

Xiphorhynchus venezuelensis Chapman, 1889, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., II, p. 156: Venezuela (o vale do Orenoco é aceito como pátria restrita).

Norte da América do Sul cisandina (Colômbia, Venezuela), inclusive a adjacente região oeste-setentrional da Amazônia brasileira (alto rio Negro).

Enquanto Zimmer (Novit. Zool., n.º 728, p. 9) diz que as populações brasileiras atribuídas à raça venezuelense talvez devam ser mais apropriadamente referidas a *C.t. snethlageae*, Gyldenstolpe (Ark. f. Zool., II,

p. 152) refere a *C. a. napensis* um exemplar de Codajás (rio Solimões). Seja como for, o tratamento dispensado às raças geográficas de *C. trochilirostris* deixa muito a desejar, o mesmo se podendo dizer das relações da espécie com *C. procurvoides*.

Campylorhamphus procurvoides procurvoides (Lafresnaye)

Xiphorhynchus procurvoides Lafresnaye, 1830, Rev. Magaz. Zool. (21), II , p. 376: Caiena.

Guianas e adjacente porção do norte do Brasil, estendendo-se para o sul até a margem esquerda do baixo Amazonas (do rio Negro para leste).

Campylorhamphus procurvoides sanus Zimmer

Campylorhamphus procurvoides sanus Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 728, p. 12: falda do monte Duida (sul da Venezuela).

Do sudeste da Colômbia e sul da Venezuela (alto Orenoco) à à Guiana inglêsa e adjacente porção do Brasil setentrional extremo (alto rio Negro).

Campylorhamphus procurvoides multostriatus (Snethlage)

Xyphorhynchus multostriatus Snethlage, 1907, Orn. Monatsber., XV, p. 161: Arumateua (rio Tocantins, margem esquerda).

Margem direita do baixo Amazonas (do rio Tocantins à margem direita do Tapajós).

Campylorhamphus procurvoides probatus Zimmer

Campylhorhamphus procurvoides probatus Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 728, p. 10: Igarapé Auará (prox. de Borba).

Ao sul do baixo Amazonas, da margem direita do rio Madeira à esquerda do rio Tapajós.

Campylorhamphus procurvoides successor Todd

Campylhorhamphus procurvoides successor Todd, 1948, Ann. Carnegie Museum, XXXI, p. 13: Nova Olinda (rio Purus, margem esquerda).

Margem direita do rio Solimões, nos rios Purus e Juruá (inclusive o Acre).

Campylorhamphus falcularius (Vieillot)

Arapaçu de bico curvo.

Dendrocopus falcularius Vieillot, 1822, Tabl. Encyclop. Méthodique, II, livrais. 91, p. 626: "Brésil" (= Rio de Janeiro, serra dos Órgãos).

Paraguay, norte da Argentina (Misiones) e Brasil meridional, do sul extremo ao Espírito Santo, inclusive o leste de Minas Gerais (rio Doce).

O tipo da presente espécie, de caracteres muito próprios e larga distribuição, foi coligido na serra dos Órgãos por Quoy & Gaimard (cf. Menégaux & Hellmayr (Bull. Soc. Hist. Nat. d'Autun, XIX, 1906, p. 115).

Gênero **DRYMORNIS** Eyton

Drymornis Eyton, 1853, Contrib. Orn. for 1852, p. 23. Tipo *Nasica bridgesii* Eyton (design. por G. R. Grayy, 1855).

Drymornis bridgesii (Eyton)

Nasica bridgesii Eyton, 1849, Contrib. Orn., p. 130, pl. 38: interior da Bolívia (localidade duvidosa, havendo probabilidade de que o tipo proceda do norte da Argentina).

Leste da Argentina, Paraguay e Uruguay, com ocorrências ocasionais no Rio Grande do Sul (Barra do Quaraí, *teste* W. Belton).

Gênero **NASICA** Lesson

Nasica Lesson, 1830, Traité d'Ornithol., livr. 4, p. 311. Tipo *Nasica nasalis* Lesson (= *Dendrocopus longirostris*), por monotipia.

Nasica longirostris (Vieillot)

Picapau de bico comprido.

Dendrocopus longirostris Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVI, p. 117 (com base em "Le Grimpar Nasica" de Levaillant, Hist. Nat. Promerops, p. 65, pl. 24): "Brésil" (pátria típica Óbidos, por designação de L. Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, p. 432).

América do Sul oeste-setentrional cisandina, da Colômbia estendendo-se para leste até a Guiana Francesa, e, para o sul, até o norte da Bolívia, inclusive, no Brasil, as margens ambas do rio

Amazonas (aí compreendido o norte extremo de Goiás) e o estado do Maranhão (rio Mearim).

Tem-se como inseparável *Nasica longirostris australis* Griscom & Greenway, 1937 (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVI, p. 432), cujo tipo é de Santarém. Cf. Pinto, Arq. de Zoologia, V, pp. 414-5 (1947).

Família FURNARIIDAE

A difícil sistemática do presente grupo, bastante heterogêneo, continua a desafiar o esforço dos estudiosos, alguns dos quais não hesitam em advogar seu retorno à categoria de subfamília de *Dendrocolaptidae*. Contudo, afigura-se, pelo menos, prematuro adotar, sem mais exame, as drásticas mudanças propostas por autores como Ch. Vaurie (Classification of the Ovenbirds, Londres, 1971), apesar das boas razões em que parecem apoiar-se muitas delas. Cf. A. Feduccia, Auk. vol. 89, pp. 683-4 (1971); G. Disselhorst, Journ, f. Ornithol., Bd. 112, H. 4, pp. 467-8 (1972).

Gênero **GEOBATES** Swainson

Geobates Swainson, 1838 (1837), Anim. in Menagér., p. 322. Tipo *Geobates brevicauda* Swainson (*Anthus poecilopterus* Wied), por monotipia.

Geobates poecilopterus (Wied)

Anthus poecilopterus Wied, 1830, Beitr. Naturges. Brasilien, III, (1), p. 633: Campos Gerais (nos confins de Bahia e Minas).

Zonas campestres do Brasil oriental (da Bahia a São Paulo) e central (sul de Goiás e de Mato Grosso).

Gênero **GEOSITTA** Swainson

Geositta Swainson, 1837, Classif. of Birds, II, p. 317, fig. 283. Tipo *Geositta anthoides* Swainson (= *Alauda fissirostris* Kittlitz), por monotipia.

Geositta cunicularia cunicularia (Vieillot)
Curriqueiro (R. G. do Sul).

Alauda cunicularia Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat. I, p. 369 (com base em Azara, n.º 148): cercanias de La Plata e pampas de Buenos Aires.

Da República Argentina (inclusive a Terra do Fogo) e do Uruguay ao Brasil meridional extremo (Rio Grande do Sul).

Gênero **CINCLODES** Gray

Cinclodes G. R. Gray, 1840, Ssist. Gen. Birds, p. 16. Tipo *Motacilla patagonica* Gmelin (design. por Gray, 1855, Cat. Gen. Bds. p. 26).

Cinclodes fuscus fuscus (Vieillot)

Anthus fuscus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVI, p. 490 (com base em Azara, n.º 147): Paraguay.

República Argentina (inclusive a Terra do Fogo), Uruguay e extremo sul do Brasil, no oeste do Rio Grande do Sul (Uruguaiana).

Cinclodes pabsti Sick

Cinclodes pabsti Sick, 1969, Beitr. z. Neotrop. Fauna, VI, (2), p. 64: entre Tainhas e Taimbezinho (nordeste do Rio Grande do Sul).

Brasil meridional, no altiplano campestre da região serrana do leste de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Não parece impossível que esta nova forma prove ser uma subespécie de *C. fuscus*. Acha-se ela representada no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo por dois exemplares de Bom Jesus, ambos examinados pelo autor, graças ao atual responsável pela sua seção ornitológica, Dr. Hélio F. de A. Camargo.

Gênero **CLIBANORNIS** Sclater & Salvin

Clibanornis Sclater & Salvin, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 61. Tipo *Anabates dendrocolaptoides* Pelzeln (design. original).

Clibanornis dendrocolaptoides (Pelzeln)

Anabates dendrocolaptoides Pelzeln (*ex* Temminck), Sitzungsb. K. Akad. Wissens. Wien, XXXIV, pp. 104 e 128: Curitiba, Castro (Paraná).

Nordeste da Argentina (Misiones), leste do Paraguay e sul do Brasil (do norte do Paraná ao Rio Grande do Sul).

Gênero **FURNARIUS** Vieillot

Furnarius Vieillot, 1816, Analyse nouv. Orn. Élément., p. 47. Tipo "Fourmilier", i.é Fournier, de Buffon (= *Merops rufus* Gmelin).

Furnarius rufus rufus (Gmelin)
João-de-barro, Forneiro, Barreiro.

Merops rufus Gmelin, 1788, Syst. Nat., 1, (2), p. 465 (com base em Buffon & Daubenton, Pl. enlum. 739: Buenos Aires.

Leste da Argentina, Uruguay e Brasil meridional extremo (Rio Grande do Sul).

Furnarius rufus badius (Lichtenstein)
João-de-barro, Amassa-barro.

Turdus badius Lichtenstein, 1823, Verz. Dubl. Berliner Museum., p. 40: São Paulo (*fide* Hellmayr, 1925).

Brasil este-meridional (do sul de São Paulo ao norte da Bahia) e centro-oriental (Minas Gerais e sul de Goiás).

Furnarius rufus commersoni Pelzeln

Furnarius commersoni Pelzeln, 1868, Orn. Bras., 1, p. 34, nota, em parte: Cuiabá (loc. típica design. por Hellmayr, 1925, Catal. Bds. Amer., IV, p. 17, nota *a*).

Leste da Bolívia (inclusive o rio Beni) e centro-oeste do Brasil, no estado de Mato Grosso (vale dos rios Paraguai e Cuiabá).

Furnarius leucopus leucopus Swainson

Furnarius leucopus Swainson, 1838, Anim. in Menager., p. 325: Guiana (inglesa).

Guiana e adjacente porção do Brasil setentrional extremo (alto rio Branco).

J. L. Peters (Catal. Bds. World, VII, p. 70) inclui o alto rio Negro na área de dispersão da forma típica da espécie.

Furnarius leucopus tricolor Giebel

Furnarius tricolor Giebel, 1837, Zeitschr. Ges. Naturwiss., XXXI, p. 11: Bolivia (= Santa Cruz de la Sierra, *teste* Hellmayr).

Furnarius leucopus araguaiae Pinto & E. Camargo, 1952, Papéis Avulsos do Dept. de Zool., X, p. 217: Dumbá (rio Araguaia, margem esquerda).

Nordeste do Peru, norte da Bolívia, Brasil oeste-amazônico, inclusive o Acre e o norte de Mato Grosso.

Furnarius leucopus assimilis Cabanis & Heine

Amassa-barro, Maria-de-barro.

Furnarius assimilis Cabanis & Heine, 1859, Mus. Hein., II, p. 22: Brasil (como pátria típica a Bahia foi designada por Hellmayr, 1925, p. 19).

Brasil este-setentrional (da Bahia ao Maranhão) e central (Goiás e Mato Grosso).

Furnarius torridus Sclater & Salvin

Furnarius torridus Sclater & Salvin, 1866, Proc. Zool. Soc. London, p. 183: rio Ucayali (norte do Peru).

Nordeste do Peru (margens ambas do rio Marañon) e adjacente porção do Brasil oeste-amazônico (Olivença).

Concordam Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 860, 1936, pp. 4-7) e Schauensee (Bds. S. America, 1966, p. 242) em atribuir ao presente furnariida a categoria de espécie distinta de *F. leucopus*, visto ser flagrantemente diferente de *F. l. tricolor*, cuja distribuição com a dele em parte coincide. Não obstante, em trabalho recente (Amer. Mus. Novit., n.º 2515), acha Ch. Vaurie que *F. l. tricolor* é nada mais que um sinônimo de *F. torridus*, alterando assim a posição do intrincado problema.

Furnarius figulus figulus (Lichtenstein)

Amassa-barro.

Turdus figulus Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Mus. Berlin, p. 40: Bahia.

Brasil este-setentrional, do Espírito Santo (rio São José) e Minas Gerais (Pirapora) ao Maranhão.

Pirapora, no rio São Francisco, é, que se saiba, a única localidade de Minas em que o pássaro foi registrado (Pinto, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 401).

Furnarius figulus pileatus Sclater & Salvin

Furnarius pileatus Sclater & Salvin, 1878, Proc. Zool. Soc. London, p. 139: Santarém (margem direita da boca do rio Tapajós).

Brasil setentrional, ao norte e ao sul do baixo Amazonas (da margem direita do rio Madeira e esquerda do rio Negro para leste) estendendo-se para o sul até o sul de Goiás (alto Araguaia).

Furnarius minor Pelzeln

Furnarius minor Pelzeln, 1858, Sitzungsber. math. naturwissens. Kl. Akad. Wissens. Wien, XXXI, p. 321: rio Madeira (margem direita, abaixo da boca do Maici).

Nordeste do Peru (rio Marañon) e Brasil oeste-setentrional, nas margens ambas do rio Solimões e do baixo Amazonas, estendendo-se para leste até o rio Tapajós.

Gênero **LIMNORNIS** Gould

Limnornis Gould, 1839, em Darwin, Zool. of. Beagle, III, p. 80. Tipo *Limnornis curvirostris* Gould (design. por Gray, 1840).

Limnornis curvirostris Gould

Limnornis curvirostris Gould, 1839, em Darwin, Zool. Beagle, III, p. 81, pl. 25: Maldonado (Uruguay).

Nordeste da República Argentina (inclusive província de Buenos Aires), Uruguay e sul extremo do Brasil (Rio Grande do Sul).

Gênero **LIMNOCTITES** Hellmayr

Limnoctites Hellmayr, 1925, Catal. Bds. Americas, IV, p. 54. Tipo *Limnornis rectirostris* Gould (design. original).

Limnoctites rectirostris (Gould)

Limnornis rectirostris Gould, 1839, em Darwin, Zool. of Beagle, p. 3, p. 80, pl. 26: Maldonado.

Nordeste da Argentina (Entre Rios), Uruguay, extremo sul do Brasil (rio Jaguarão).

Gênero **PHLEOCRYPTES** Cabanis & Heine

Phleocryptes Cabanis & Heine, 1859, Mus. Heineanum, II., p. 26. Tipo *Sylvia melanops* Vieillot (design. por Sclater, 1890).

Phleocryptes melanops melanops (Vieillot)

Cachimbó, Estaladeira, Tico-tico do biri.

Sylvia melanops Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., XI, p. 232 (com base em Azara, n.º 232): Paraguay.

República Argentina (inclusive a Patagônia), Uruguay, Paraguay e Brasil meridional, do sul extremo para o norte, até o Rio de Janeiro (Lagoa Feia).

Gênero **LEPTASTHENURA** Reichenbach

Leptasthenura Reichenbach, 1853, Handb. spez. Ornithol., *Sittinae*, p. 160. Tipo *Synallaxis aegithaloides* Kittlitz, 1830 (design. por Gray, 1855, p. 27), espécie chilena.

Leptasthenura platensis Reichenbach

Leptasthenura platensis Reichenbach, 1853, Handb. spez. Orn., *Sittinae*, p. 160: rio da Prata.

Norte da República Argentina, Uruguay e sul extremo do Brasil (rio Uruguai).

Leptasthenura striolata (Pelzeln)

Synallaxis striolata Pelzeln, 1856, Sitzungsber. mathem. naturwiss. Kl. Akad. Wiss. Wien, XX, (11), p. 159: Curitiba (Paraná).

Brasil este-meridional extremo, do Rio Grande do Sul (Bom Jesus) ao Paraná (Curitiba).

Leptasthenura setaria (Temminck)

Synallaxis setaria Temminck, 1824, Nouv. Rec. Pl. Coloriées, livr. 52, pl. 311, fig. 22: "capitania de São Paulo" (Castro, norte do Paraná).

Faixa oriental montanhosa do Brasil meridional, desde o Rio Grande do Sul (Farroupilha) até o Rio de Janeiro (Itatiaia).

A presente espécie foi erigida em tipo do novo gênero *Dendroyhylax* por C. E. Hellmayr (Catal. Bds. Amer., IV, 1925, p. 70), com base em tênues diferenças.

Gênero **SCHOENIOPHYLAX** Ridgway

Schoeniophylax Ridgway, 1909, Proc. Biol. Soc. Wash., XXII, p. 71. Tipo *Synallaxis phryganophila* Vieillot (design. original).

Schoeniophylax phryganophila phryganophila (Vieillot)

Sylvia phryganophila Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist., XI, p. 207 (com base em Azara, n.º 229: Paraguay).

Nordeste da Argentina, Paraguay, leste da Bolívia, Brasil meridional (Rio Grande do Sul) e centro-ocidental, no sul do estado de Mato Grosso (inclusive Cuiabá).

Schoeniophylax phryganophila petersi Pinto

Schoeniophylax phryganophila petersi Pinto, 1948, Boletim do Museu Paraense, X, p. 307: Pirapora (rio São Francisco, no estado de Minas Gerais).

Interior do Brasil médio-oriental (ao longo do rio São Francisco), nos estados de Minas Gerais (Pirapora) e Bahia (Barra).

Gênero **OREOPHYLAX** Hellmayr

Oreophylax Hellmayr, 1925, Catal. Bds. Amer., IV, p. 74. Tipo *Synallaxis moreirae* Miranda-Ribeiro (design. original).

Oreophylax moreirae (Miranda-Ribeiro)
Garrincha chorona.

Synallaxis moreirae Miranda-Ribeiro, 1906, Arq. Mus. Nac. Rio de Janeiro, XIII, p. 182: Morro Redondo e Retiro do Ramos (Itatiaia).

Altos da cordilheira marítima do Brasil este-meridional, no estado do Rio de Janeiro (Itatiaia) e nos confins de Espírito Santo e Minas Gerais (serra do Caparaó).

Gênero **SYNALLAXIS** Vieillot

Synallaxis Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Natur., XXIV, p. 117 (caracterização) e XXXII, p. 309. Tipo *Synallaxis ruficapilla* Vieillot (design. por Gray, 180, p. 17).

Synallaxis ruficapilla ruficapilla Vieillot
Pichororé, Curutié.

Synallaxis ruficapilla Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXII, p. 310: Brasil (= Rio de Janeiro, col. Delalande).

Nordeste extremo da Argentina (Misiones), Paraguay, Uruguay, Brasil este-meridional do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo e leste de Minas Gerais (Mariana, rio Doce).

Synallaxis ruficapilla infuscata Pinto

Synallaxis ruficapilla infuscata Pinto, 1950, Papéis Avulsos do Depart. de Zoo'ogia, IX, p. 362: Usina Nossa Senhora do Carmo (município de Vitória de Santo Antão, leste de Pernambuco, não longe de Recife).

Nordeste do Brasil (Pernambuco e Alagoas).

Exemplares de Alagoas concordam *in totum* com os de Pernambuco, confirmando a validez da presente subespécie, embora durante longo tempo

tenha ela escapado à observação dos ornitólogos. Cf. Pinto, Pap. Avuls., XII, 1954, p. 44.

Synallaxis frontalis frontalis Pelzeln

Crispim, Teotônio (Alagoas).

Synallaxis fontalis Pelzeln, 1859, Sitzungsber. mathem. naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, XXXIV, p. 117 — nome novo para *Parulus ruficeps* (a fêmea) de Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 85, tab. 86, fig. 2): rio São Francisco (estado da Bahia).

Norte da República Argentina (inclusive Buenos Aires), Paraguay, Uruguay, Brasil oriental (do Rio Grande do Sul ao Maranhão) e central (excluida a porção mais setentrional de Goiás e Mato Grosso).

Synallaxis moesta macconnelli Chubb

[*Synallaxis moesta* Sclater, 1856, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 26: Bogotá].

Synallaxis macconnelli Chubb, 1919, Bull. Brit. On. Cl., XXXIX, p. 78: monte Roraima (Venezuela).

Synallaxis moesta macconnelli W. Phelps Jr., 1973, Bol. Soc. Venezol. Ci. Nat., XXX, p. 28: monte Roraima (próximo da fronteira com a Venezuela).

Sul extremo da Venezuela e território brasileiro fronteiriço (Território de Roraima).

Synallaxis cabanisi griseipectus Zimmer & Phelps

[*Synallaxis cabanisi* Berlepsch & Leverkühn, 1890, Ornis, VI, p. 21: Peru (Chanchamayo, loc. tip. sugerida por Hellmayr, 1925)].

Synallaxis cabanisi griseipectus Zimmer & Phelps, 1945, Amer. Mus. Novit., n.º 1274, p. 3: monte Ptari-tepui (Venezuela, estado de Bolivar).

Sudeste da Venezuela (monte Ptari-tepui) e adjacente porção do extremo norte do Brasil (cabeceiras do rio Cotingo).

A inclusão desta forma em território brasileiro baseia-se no testemunho de Phelps & Phelps (Bol. Soc. Venezol. Cienc. Nat., n.º 101, p. 35, 1962).

Synallaxis spixi Sclater

Turucué, João-tenenėm, Bentererê.

Synallaxis spixi Sclater, 1856, Proc. Zool. Soc. Lond., XXIV, p. 98: Brasil (São Paulo é tido como pátria do tipo).

Nordeste da Argentina (inclusive Buenos Aires), Paraguay, Uruguay, Brasil este-meridional (inclusive Espírito Santo e leste de Minas).

Synallaxis hypospodia Sclater

Synallaxis hypospodia Sclater, 1874, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 10: Bahia.

Brasil médio-oriental (Bahia) e amazônico (Itacoatiara, rio Madeira, rio Juruá), estendendo-se para o sul até Mato Grosso (rio Paraguay) e, para oeste, o norte do Peru.

Forma de difícil caracterização, e tida por alguns (v.g. Hellmayr) como subespécie da precedente, está a exigir novos estudos que lhe esclareçam, além do mais, a caprichosa distribuição. Cf. J. T. Zimmer, Amer. Mus. Novit., n.º 861, pp. 11-2.

Synallaxis albescens albescens Temminck

Synallaxis albescens Temminck, 1823, Nouv. Rec. Pl. Color., livraison 38, pl. 227, fig. 2: sul do Brasil (Sorocaba, localidade típica designada por Hellmayr, 1925).

Norte da Argentina, leste do Paraguay, Uruguay, Brasil oriental (nas zonas descampadas do interior, desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão) e central (inclusive Minas Gerais).

Synallaxis albescens griseonota Todd

Synallaxis albescens griseonota Todd, 1948, Ann. Carnegie Museum, XXXI, p. 37: Santarém (margem direita da boca do Tapajós).

Margem direita do baixo Amazonas (a leste do rio Tapajós).

Synallaxis albescens inaequalis Zimmer

Synallaxis albescens inaequalis Zimmer, 1935, Amer. Mus. Novit., n.º 819, p. 2: Vila Bela Imperatriz (= Parintins).

Ao sul do baixo Amazonas, da margem esquerda do Tapajós à direita do rio Madeira.

Synallaxis albescens pullata Ripley

Synallaxis albescens pullata Ripley, 1955, Postilla Yale Peabody Mus. Nat. Hist., n.º 23: São Paulo de Olivença (margem direita do alto Solimões).

Brasil amazônico ao sul do rio Solimões.

Synallaxis albigularis Sclater

Synallaxis albigularis Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVI, p. 63: rio Napo (leste do Equador).

Alta Amazônia (do sudeste da Colômbia ao nordeste do Peru, estendendo-se para leste ao Brasil setentrional, ao longo da margem esquerda do rio Amazonas (Itacoatiara).

Contrariando Hellmayr (Catal. Bds. Amer., IV, p. 89), para quem *Synallaxis albigularis* não passa de raça geográfica de *S. albescens*, tem-na Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 861, p. 13) como espécie monotípica. Seja como for, é absolutamente insatisfatório o conhecimento que se tem a respeito das formas deste grupo complexo, que só material abundante e adequado permitirá esclarecer devidamente.

Synallaxis albescens josephinae Chubb

Synallaxis albigularis josephinae Chubb, 1919, Bull. Brit. Orn. Club, XXXIX, p. 60: monte Roraima (extremo norte do Brasil).

Do leste da Venezuela à Guiana, inglesa, e adjacente porção do Brasil amazônico (território de Roraima).

Synallaxis gujanensis gujanensis (Gmelin)

Motacilla gujanensis Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 988 (com base em Daubenton, Pl. enlum. 686, fig. 2): Caiena.

Norte da América Meridional cisandina (do leste da Venezuela às Guianas), estendendo-se para o sul ao longo das margens ambas do baixo Amazonas (dos rios Negro e Madeira para leste), inclusive o oeste do Maranhão e o norte de Goiás (rio Araguaia, quiçá até a ilha do Bananal).

Synallaxis gujanensis inornata Pelzeln

Synallaxis inornata Pelzeln, 1856 Sitzungsber. K. Akad. Wissens. Wien, mathem. naturw. Cl., XX, p. 161: Salto do Girau (alto Madeira).

Brasil oeste-amazônico, ao norte e ao sul do rio Solimões, estendendo-se para leste até a margem direita do rio Negro e as margens ambas do rio Madeira, inclusive o vizinho trecho da margem direita do baixo Amazonas (Parintins).

As aves da margem esquerda do baixo Solimões (Manacapuru) apresentam caracteres intermediários com relação à forma típica.

Synallaxis gujanensis simoni Hellmayr

Synallaxis simoni Hellmayr, 1907, Bull. Brit. Orn. Cl., XIX, p. 54: rio Araguaia (Leopoldina é a pátria provável do tipo).

Rio Araguaia, em sua mais alta porção.

Uma fêmea de Dumbá (n.º 35161 do Mus. Zool. de São Paulo, E. Dente col.) atesta que o rio das Mortes inclui-se na área de distribuição da presente raça.

Synallaxis gujanensis albilora Pelzeln

Synallaxis albilora Pelzeln, 1856, Sitzungsber. Akad. Wissens. Wien, mathem. naturwiss. Kl., XX, p. 160: Cuiabá (Mato Grosso).

Paraguay e Brasil centro-ocidental (estado de Mato Grosso), na bacia do rio Paraguay (inclusive o rio Cuiabá).

Como acontece com *Synallaxis g. simoni* são particularmente acentuadas as diferenças que a distinguem das raças precedentes, a ponto de ambas merecerem, talvez, a categoria de boas espécies.

Synallaxis brachyura jaraguana Pinto

Synallaxis brachyura jaraguana Pinto, 1936, Rev. Mus. Paulista, XX, p. 89: Fazenda Tomé Pinto (perto de Jaraguá, no sul de Goiás).

Forma duvidosa, só conhecida através de dois exemplares obtidos não longe de Jaraguá, na bacia do rio das Almas, afluente do alto Tocantins, no sul do estado de Goiás.

Synallaxis propinqua Pelzeln

Synallaxis propinqua Pelzeln, 1859, Sitzungsber. Akad. Wissens. Wien, mathem.-naturwiss. Kl. XXXIV, p. 101: Brasil (= rio Madeira, abaixo da foz do Maici).

Porção amazônica do Equador, do Peru e da Bolívia (rio Beni). Brasil oeste-setentrional (margem direita do rio Amazonas e respectivos afluentes, desde a fronteira com o Peru até o rio Tocantins).

Synallaxis cinerascens Temminck

Synallaxis cinerascens Temminck, 1823, Nouv. Réc. Pl. Color., livr. 38, pl. 227, fig. 3: Brasil (= Ipanema, estado de São Paulo).

Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay, Uruguay e Brasil este-meridional do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro e leste de Minas Gerais (rio Doce).

Synallaxis rutilans rutilans Temminck

Pedreiro pequeno.

Synallaxis rutilans Temminck, 1823, Nouv. Réc. Pl. Color., livrais. 38, p. 227, fig. 1: Brasil (Cametá, na margem esquerda do rio Tocantins, localidade típica designada por Hellmayr, 1925, Catal. Bds. Amer., IV, p. 105).

Margem direita do baixo Amazonas (da margem direita do Tapajós à esquerda da do Tocantins).

Synallaxis rutilans omissa Hartert

Synallaxis omissa Hartert, 1901, Bull. Orn. Cl., XI, p. 71: Belém (do Pará).

Margem direita do mais baixo trecho do rio Amazonas (da margem direita do Tocantins para leste), estendendo-se até o oeste e o norte do Maranhão.

Synallaxis rutilans amazonica Hellmayr

Synallaxis rutilans amazonica Hellmayr, 1907, Novit. Zool., XIV, pp. 13 e 14: Itaituba (margem esquerda do rio Tapajós).

Margem sul do rio Amazonas, da margem esquerda do Tapajós para oeste (inclusive o rio Juruá), estendendo-se para o sul até o norte da Bolívia (rio Beni).

Synallaxis rutilans tertia Hellmayr

Synallaxis rutilans tertia Hellmayr, 1907, Novit. Zool., XIV, p. 15: Engenho do Gama (margem direita do rio Guaporé).

Nordeste da Bolívia (Dept. de La Paz) e, no Brasil, noroeste de Mato Grosso (rio Guaporé, rio Roosevelt).

Orissanga, no estado de São Paulo (perto de Campinas), tem sido incluida na área da subespécie, com base em material colecionado por Natterer e estudado por Pelzeln (Orn. Bras., p. 36); mas tudo leva a crer que no caso em questão tenha ocorrido alguma troca de etiquetas.

Synallaxis rutilans dissors Zimmer

Synallaxis rutilans dissors Zimmer, 1935, Amer. Mus. Novit., n.° 819, p. 4: Manaus (margem esquerda da boca do rio Negro).

Norte da América do Sul cisandina (de leste da Colômbia à Guiana Francesa), estendendo-se para o sul até a margem esquerda do baixo Amazonas (do baixo rio Negro para leste).

Synallaxia rutilans confinis Zimmer

Synallaxis rutilans confinis Zimmer, 1935, Amer. Mus. Novit., n.º 819, p. 4: Igarapé Cacau Pereira (margem direita do rio Negro).

Margem esquerda do rio Solimões e direita do baixo rio Negro.

Synallaxis cherriei cherriei Gyldenstolpe

Synallaxis cherrici cherrici Gyldenstolpe, 1930, Arkiv. f. Zoologi, XXI, (26), p. 2. nome novo para *Synallaxis rufogularis* Cherrie, 1916, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., XXX5, p. 185 (não *S. rufogularis* Gould, 1839): Barão de Melgaço (alto rio Gi-Paraná, no noroeste de Mato Grosso).

Brasil centro-ocidental, no noroeste de Mato Grosso.

Continua sob discussão a validez desta forma, incluída por Hellmayr (Catal. Bds. Americas, IV, p. 107) na sinonímia de *Synallaxis rutila amazonica*.

Gênero **POECILURUS** Todd

Poecilurus Todd, 1917, Proc. Biol. Soc. Wash., XXX, p. 129. Tipo *Synallaxis candei* Lafresnaye & D'Orbigny (desig. original).

Poecilurus kollari (Pelzeln)

Synallaxis kollari Pelzeln, 1856, Sitzungsber. mathem.-naturwissens. Kl. Ak. Wiss. Wien, XX, (1), p. 158, pl. 1, fig. 3: Forte de São Joaquim (alto rio Branco).

Norte extremo do Brasil, no alto rio Branco (inclusive rio Surumu).

Poecilurus scutatus scutatus (Sclater)

Synallaxis scutata Sclater, 1859, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVII, p. 191: Brasil (= Bahia, *teste* Hellmayr, 1925, Catal. Bds. Americas, IV, p. 99).

Brasil oriental (do Maranhão a Minas Gerais e oeste de São Paulo) e central (Goiás, centro e leste de Mato Grosso).

Poecilurus scutatus whitii (Sclater)

Synallaxis whitii Sclater, 1881, Ibis, 4ta. ser., V, p. 600, pl. 17, fig. 2: Oran (prov. de Salta, Rep. Argentina).

Norte da Argentina, leste da Bolívia e, no Brasil, a porção oeste-meridional extrema de Mato Grosso (baixo Paraguai).

Gênero **CERTHIAXIS** Lesson

Certhiaxis Lesson, 1844, Écho du Monde Savant, XI, (2), n.º 8, p. 182. Tipo *Certhia cinnamomea* Gmelin (design. original).

Certhiaxis cinnamomea cinnamomea (Gmelin)
Pedreiro pequeno.

Certhia cinnamomea Gmelin, 1788, Syst. Naturae, I, (1), p. 480 (com base no "Cinnamon Creeper" de Latham): localidade não indicada (Caiena, pátria típica design. por Berlepsch & Hertert, 1902, Novit. Zoll., p. 59).

Guianas, estendendo-se para o sul até a mais baixa porção do rio Amazonas (inclusive o baixo Tocantins e as ilhas do delta) e, para leste, o norte do Maranhão (Turiaçu).

Certhiaxis cinnamomea cearensis (Cory)

Synallaxis cinnamomea cearensis Cory, 1916, Field Mus. Nat. Hist., Ornit. Ser., I, p. 340: Juá (perto de Igatu, Ceará).

Nordeste do Brasil (do sul do Maranhão (Parnaguá) a Alagoas), incluindo o norte da Bahia (Juazeiro, rio Preto) e o norte extremo de Goiás.

Exemplares de Conceição do Araguaia, no norte de Goiás, singularizam-se pelo colorido ruivo intenso e uniforme das partes superiores, sugerindo a possibilidade de uma raça peculiar à dita região.

Certhiaxis cinnamomea russeola (Vieillot)

Sylvia russeola Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XI, p. 217 (com base em Azara, n.º 233): Paraguay.

Norte da Argentina, Paraguay (estendendo-se até o sul da Bolívia), Uruguay, Brasil este-meridional (do Rio Grande do Sul ao Recôncavo da Bahia) e central (excetuando a porção mais setentrional de Goiás e Mato Grosso).

Certhiaxis cinnamomea pallida Zimmer

Certhiaxis cinnamomea pallida Zimmer, 1936, Amer. Mus. Novit., n.º 860, p. 13: Igarapé Cacau Pereira (margem direita do baixo rio Negro).

Rio Negro e margens ambas do baixo Amazonas (dos rios Negro e Madeira para leste) excluído o estuário.

Certhiaxis mustelina (Sclater)

Pedreiro pequeno.

Synallaxis mustelina Sclater, 1874, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 14: rio Madeira e Pebas (Peru).

Leste do Peru e Brasil setentrional, ao norte (Monte Alegre) e ao sul do rio Amazonas (inclusive a região de Belém e o noroeste de Mato Grosso).

Gênero **CRANIOLEUCA** Reichenbach

Cranioleuca Reichenbach, 1853, Handb. spez. Orn. Sittinae, p. 167. Tipo *Synallaxis albiceps* Lafresnaye & d'Orbigny (monotipia.

A fusão do gênero *Cranioleuca* com *Certhiaxis* foi recentemente defendida por Ch. Vaurie, que parece apoiar-se para isso em muito boas razões (cf. The Ibis, vol. 113, p. 519).

Cranioleuca sulphurifera (Burmeister)

Synallaxis sulphurifera Burmeister, 1868 (1869), Proc. Zool. Soc. London, p. 636: proxim. de Buenos Aires.

Leste da República Argentina, Uruguay e adjacente porção do Brasil (*fide* Belton).

Cranioleuca semicinerea semicinerea (Reichenbach)

Leptoxyura semicinerea Reichenbach, 1853, Handb., spez. Orn., Scansoriae, A, Stittinae, p. 170: Brasil (Bahia, escolhida como pátria típica por Hellmayr, 1925, Catal. Bds. Amer., IV, p. 126).

Nordeste do Brasil, do norte da Bahia (Bonfim) ao Ceará.

Cranioleuca semicinerea goyana Pinto

Cranioleuca semicinerea goyana Pinto, 1936, Rev. Mus. Paul., XX, p. 91: rio das Almas (afl. do alto Tocantins).

Brasil central, no sul do estado de Goiás (rio das Almas).

Cranioleuca vulpina vulpina (Pelzeln)

Synallaxis vulpina Pelzeln (ex Natterer), 1856, Sitzungsber. mathem. naturwissens. Kl. Akad. Wissens. Wien, XX, p. 162: Brasil (Mato Grosso, no rio Guaporé, foi escolhida como pátria típica entre as várias localidades em que Natterer colecionou exemplares).

Das margens ambas do rio Amazonas (da margem direita do rio Purus para leste) ao oeste de São Paulo e do Paraná (rio Pracaí),

inclusive quase todo Brasil centro-ocidental (Mato Grosso e sul de Goiás).

Cranioleuca vulpina reiseri (Reichenberger)

Siptornis vulpina reiseri Reichenberger, 1922, Anzeiger Orn. Gesells. Bay., VI, p. 43: riacho da Raiz (rio Parnaíba).

Brasil este-setentrional, do noroeste da Bahia (rio Grande) ao Piauí (rio Parnaíba).

Cranioleuca vulpina alopecias (Pelzeln)

Synallaxis alopecias Pelzeln, 1859, Sitzungsber. mathem. naturwissens. Kl. Akad. Wissens. Wien, XXXIV, p. 101: rio Branco.

Synallaxis solimonensis Pinto, 1937, Rev. Mus. Paulista, XIII, p. 577: Macacapuru (margem esquerda do rio Solimões).

Leste da Venezuela (vale do Orenoco) e Brasil setentrional extremo (alto rio Branco), estendendo-se para o sul até a margem esquerda do rio Solimões e do baixo Amazonas.

Cranioleuca vulpina vulpecula (Sclater & Salvin)

Synallaxis vulpecula Sclater & Salvin, 1866, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 184: rio Ucayali (leste do Peru).

Nordeste do Peru e Brasil oeste-amazônico, na margem direita do rio Solimões (para leste até a margem esquerda do rio Purus).

Cranioleuca pallida (Wied)

Synallaxis pallidus Wied, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, (2), p. 690: Campos Gerais (confins de Minas e Bahia).

Sudeste do Brasil, de São Paulo ao Espírito Santo (Pau Gigante) e Minas Gerais (Mariana, Baependi, etc.).

Cranioleuca obsoleta (Reichenbach)

Leptoxyura obsoleta Rechenbach, 1853, Handb. spez. Orn., Scansoriae, A, Sittinae, p. 171, pl. 554, fig. 3715: Brasil (como falta indicação de localidade, sugiro adotar-se Curitiba como pátria típica).

Nordeste da Argentina (Misiones), leste do Paraguay e Brasil meridional (do sul de São Paulo ao Rio Grande do Sul).

Cranioleuca demissa (Salvin & Godman)

Synallaxis demissa Salvin & Godman, 1884, Ibis, p. 449: monte Roraima (sudeste da Guiana, inglesa).

Região montanhosa onde confinam a Venezuela, a Guiana e o Brasil (cabeceiras do rio Cotingo).

Incluída na avifauna brasileira por Phelps & Phelps (Bol. Soc. Venezol. Cienc. Nat., n.º 101, p. 35).

Cranioleuca gutturata (Lafresnaye & D'Orbigny)

Anabates gutturatus Lafresnaye & D'Orbigny, 1838, Syn. Av., em Magaz. Zool., VIII, (2), p. 14: Yuracares (Bolívia).

Porção amazônica da Colômbia, do Equador e do Peru, sul da Venezuela (alto Orenoco), Guianas e Brasil oeste-amazônico, ao norte (rio Negro) e ao sul (rio Juruá, alto Purus) do rio Solimões.

Cranioleuca muelleri (Hellmayr)

Siptornis mülleri Hellmayr, 1911, Rev. Franç. d'Orn., II, p. 1: ilha Mexiana (delta do Amazonas).

Margens ambas do baixo Amazonas (do Jamundá e do Tapajós para leste), inclusive as ilhas do delta (Mexiana).

Cranioleuca pyrrhophia pyrrhophia (Vieillot)

Dendrocopus pyrrhophius Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVI, p. 118 (com base em Azara, n.º 245): Paraguay.

República Argentina, Paraguay, sudeste da Bolívia, Uruguay e zona fronteiriça do Brasil meridional extremo (Uruguaiana).

Sobre a ocorrência desta espécie em território brasileiro, cf. H. Sick, Beitr. z. Neotrop. Fauna, VI, (2), p. 76.

Gênero **GYALOPHYLAX** Peters

Gyalophylax Peters, 1950, Journ. Wash. Acad. Sci., XL, p. 169. Tipo *Synallaxis hellmayri* Reiser (design. original).

Gyallophylax hellmayri (Reiser)

Synallaxis hellmayri Reiser, 1905, Anz. Akad. Wissens. Wien, XLII, p. 323 — nome novo para *Synallaxis griseiventris* Reiser (não *S. griseiventris* Allen, 1889): faz. da Serra (rio Grande, no noroeste da Bahia).

Norte da Bahia (rio São Francisco, rio Grande) e leste do Piauí (serra de Ibiapaba).

Gênero **ASTHENES** Reichenbach

Asthenes Reichenbach, 1853, Handb. spez. Orn., Scans. A, Sittinae, p. 168. Tipo *Synallaxis sordida* Lesson (design. por Gray, 1855, p. 7).

Asthenes baeri baeri (Berlepsch)

Siptornis baeri Berlepsch. 1906, Bull. Brit. Orn. Club, XVI, p. 99: Cosquin (Córdoba).

Norte da Argentina, Uruguay e região fronteiriça do sul do Brasil (Uruguaiana).

Asthenes hudsoni (Sclater)

Synallaxis hudsoni Sclater, 1877, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 25: Conchitas (prov. Buenos Aires).

Leste da República Argentina (inclusive rio Negro), Uruguay e sul extremo do Brasil (arroio Chuí).

Gênero **SPARTANOICA** Peters

Spartanoica Peters, 1950, Journ. Wash. Acad. Sci., XL, p. 169. Tipo *Synallaxis maluroides* Lafresnaye & d'Orbigny (design. original).

Spartanoica maluroides (Lafresnaye & d'Orbigny)

Synallaxis maluroides Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av., em Magaz. Zool., VII, (2), p. 22: Buenos Aires.

Norte da Argentina, Uruguay e Brasil meridional extremo (Rio Grande do Sul)

Gênero **THRIPOPHAGA** Cabanis

Thripophaga Cabanis, 1847, Arch. Naturges., XIII, (1), p. 838. Tipo *Anabates macrourus* Wied (design. por Gray, 1855, p. 28).

Thripophaga macroura (Wied)

Anabates macrourus Wied, 1821, Reise n. Brasilien, II, p. 147: rio Catolé (sul da Bahia).

Brasil médio-oriental, do Espírito Santo e zona fronteiriça de Minas Gerais (Machacalis) ao sul da Bahia, estendendo-se para o norte até o Recôncavo (Aratuípe).

Thripophaga fusciceps obidensis Todd

Thripophaga fusciceps Sclater, 1889, Proc. Zool. Soc. London, p. 33: Bolivia.

Thripophaga fusciceps obidensis Todd, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 80: ilhas das vizinhanças de Óbidos (baixo Amazonas).

Brasil oeste-setentrional, ao norte (Itacoatiara, Óbidos) e ao sul (rio Madeira) do rio Amazonas.

Gênero **PHACELLODOMUS** Reichenbach

Phacellodomus Reichenbach, 1853, Handb. spez. Orn., Scansoriae, A. Sittinae, p. 169. Tipo *Anabates rufifrons* Wied (monotipia).

Phacellodomus rufifrons rufifrons (Wied)
Carrega-madeira.

Anabates rufifrons Wied, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 117: rio Ressaca (sul da Bahia).

Leste do Brasil, de Minas Gerais (rio São Francisco, rio Doce) e Bahia (inclusive o Recôncavo) até o sul do Piauí (Gilbuês).

Phacellodomus rufifrons sincipitalis Cabanis
João-de-pau.

Phacellodomus sincipitalis Cabanis, 1883, Journ. f. Ornith., XXXI, p. 109: vizinhanças de Tucumán (cidade).

Noroeste da Argentina, norte do Paraguay, leste da Bolívia e Brasil centro-ocidental, no sudeste de Mato Grosso (inclusive Cuiabá).

Phcellodomus rufifrons specularis Hellmayr
Crispim, Carrega-madeira.

Phacellodomus rufifrons specularis Hellmayr, 1925, Catal. Birds of the Americas, IV, p. 160: Pau d'Alho (perto de Recife, Pernambuco).

Nordeste do Brasil, de Alagoas ao norte do Maranhão (Ponto).

Phacellodomus ruber (Vieillot)

Furnarius ruber Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XII, p. 118 (com base em Azara, n.º 220): Paraguay.

Norte da Argentina, Paraguay (e, provavelmente, o leste do Uruguay), leste da Bolívia e interior do Brasil, no extremo oeste do

Rio Grande do Sul (Uruguaiana), noroeste de São Paulo (rio Grande), oeste de Minas (Paracatu) e da Bahia (rio São Francisco), Goiás (rio Araguaia) e Mato Grosso (salvo a porção amazônica).

Phacellodomus erythrophthalmus erythrophthalmus (Wied)

Anabates erythrophthalmus Wied, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 147 (da edição in-4to): rio Catolé (sul da Bahia).

Sudeste do Brasil, em São Paulo (orla setentrional atlântica), Rio de Janeiro (serra dos Órgãos), Minas Gerais (rio Doce) e sul da Bahia (Catolé).

Hellmayr (Catal. Bds. Americas, IV, p. 156) inclui esta espécie e a seguinte no gênero *Drioctistes* Ridgway.

Phacellodomus erythrophthalmus ferrugineigula (Pelzeln)

Anumbius ferrugineigula Pelzeln, 1858, Sitzungsber. mathem. naturwissens. Kl. Akad. Wissens. Wien, XXI, p. 322: "Cabo Horn" (localidade errônea, havendo Hellmayr, 1925, sugerido a prov. de São Paulo como pátria típica).

Brasil meridional, do leste do Rio Grande do Sul (Pelotas, Taquara) a São Paulo (a leste e a oeste da serra do Mar).

Phacellodomus striaticollis striaticollis (Lafresnaye & d'Orbigny)

Anumbius striaticollis Lafresnaye & d'Orbigny, 1838, Syn. Av., 2, em Magaz. Zool., VIII, (2), p. 18: Buenos Aires.

Norte da Argentina, Paraguay, Uruguay e sul do Brasil (do Rio Grande do Sul ao Paraná (Curitiba).

Fr. Schade e Masi Pallares parece serem os únicos autores a referir a presença deste furnariida no Paraguay (cf. Rev. Parag. de Microbiologia, V, 1, 1970, p. 38).

Gênero **CORYPHISTERA** Burmeister

Coryphistera Burmeister, 1860, Journ. f. Ornithol., VIII, p. 251. Tipo *Coryphistera alaudina* Burmeister (monotípia).

Coryphistera alaudina alaudina Burmeister

Coryphistera alaudina Burmeister, 1860, loc. cit., p. 251: sem indicação de localidade (= prox. rio Paraná).

Norte da Argentina, Uruguay e sul extremo do Brasil (rio Uruguai).

Gênero **ANUMBIUS** Lafresnaye & d'Orbigny

Anumbius Lafresnaye & d'Orbigny, 1838, Syn. Av., 2, em Magaz. Zool., VIII, (2), p. 17. Tipo *Furnarius anumbi* Vieillot.

Anumbius anumbi anumbi (Vieillot)

Furnarius anumbi Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XII, p. 117 (com base em Azara, n.º 222): Paraguay.

Norte da Argentina, Paraguay, Uruguay, Brasil este-meridional (do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro e sul de Minas Gerais).

Anumbius anumbi machrisi Stager

Anumbius anumbi machrisi K. Stager, 1959, Los Angeles County Mus., Contrib. in Science, n.º 33: São João da Aliança (sudeste de Goiás).

Brasil central (Goiás).

Exemplares de Planaltina (sul de Goiás) têm muitos semelhantes na área da forma típica, insinuando alguma dúvida sobre a validez da subespécie.

Gênero **METOPOTHRIX** Sclater & Salvin

Metopothrix Sclater & Salvin, 1866, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 190. Tipo *Metopothrix aurantiacus* Sclater & Salvin (monotipia).

Metopothrix aurantiacus Sclater & Salvin

Metopothrix aurantiacus Sclater & Salvin, 1866, Proc. Zool. Soc. London, p. 190, pl. 18: Sarayacu (rio Ucayali, norte do Peru).

Porção amazônica da Colômbia, do Equador e do Peru, norte da Bolívia (rio Beni) e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (alto Purus, margem esquerda).

Gênero **RORAIMIA** Chapman

Roraimia Chapman, 1929, Amer. Mus. Novit., n.º 380, p. 18. Tipo *Synallaxis adusta* Salvin & Godman (monotipia).

Roraimia adusta adusta (Salvin & Godman)

Synallaxis adusta Salvin & Godman, 1884, Ibis, p. 450: monte Roraima (Guiana, inglesa).

Sudeste da Venezuela, regiões lindeiras da Guiana (inglêsa) e extremo norte do Brasil (rio Cotingo).

Gênero **BERLEPSCHIA** Ridgway

Berlepschia Ridgway, 1887, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 151. Tipo *Picolaptes rickeri* Ridgway (monotipia).

Berlepschia rickeri (Ridgway)

Picolaptes rickeri Ridgway, 1886, Proc. Un. St. Nat. Mus., IX, p. 523: Diamantina (baixo Tapajós, perto de Santarém).

Sudeste da Venezuela (base do monte Duida) e adjacente porção da Guiana, Brasil oeste-setentrional, ao norte (baixo rio Negro, rio Anibá) e ao sul do rio Amazonas (do rio Juruá ao Tocantins), estendendo-se para leste até as cercanias de Belém, e, para o sul, ao noroeste de Mato Grosso (alto Madeira, *teste* A. Olalla) e norte extremo de Goiás (Aragarças, *fide* Sick).

Gênero **PSEUDOSEISURA** Reichenbach

Pseudoseisura Reichenbach, 1853, Handb. spez. Orn., p. 172. Tipo *Anabates gutturalis* Lafresnaye & D'Orbigny (por design. de Gray, 1855).

Pseudoseisura cristata cristata (Spix)

Casaca-de-couro, Carrega-madeira do sertão.

Anabates cristatus Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 83, pl. 84: Malhada (rio São Francisco, no estado da Bahia).

Brasil este-setentrional, da Bahia (inclusive o Recôncavo) ao Piauí, estendendo-se para o sul até Minas Gerais (rio das Velhas).

Pseudoseisura cristata unirufa (Lafresnaye & d'Orbigny)

Anabates unirufus Lafresnaye & d'Orbigny, 1838, Syn. Av., (2), em Magaz. Zool., VIII, cl. 2, p. 16: Moxos (leste da Bolívia).

Leste da Bolívia e Brasil ocidental, no estado de Mato Grosso (bacia dos rios Paraguai e Cuiabá).

Pseudoseisura lophotes (Reichenbach)

Homorus lophotes Reichenbach, 1853, Handb. spez. Orn., Scansoriae, A, Sittinae, p. 172: Bolívia.

Norte e centro da Argentina, Paraguay, Uruguay e convinzinhanças do Brasil meridional extremo (Uruguaiana).

Gênero **HYLOCTISTES** Ridgway

Hyloctistes Ridgway, 1909, Proc. Biol. Soc. Wash., XXII, p. 72. Tipo *Philydor virgatus* Lawrence (design. original).

Hyloctistes subulatus subulatus (Spix)

Sphenura subulata Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 82, tab. 83, fig. 1: rio Amazonas.

Porção amazônica da Colômbia, do Equador e do Peru, Brasil oeste-setentrional, ao norte (alto rio Negro) e ao sul do rio Solimões, estendendo-se para leste até o alto rio Madeira (inclusive a margem direita).

Gênero **ANCISTROPS** Sclater

Ancistrops Sclater, 1862, Catal. Coll. Amer. Birds, p. 157. Tipo *Anabates lineaticeps* Sclater (= *Thamnophilus strigilatus* Spix), por monotipia.

Ancistrops strigilatus strigilatus (Spix)

Thamnophilus strigilatus Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 28, tab. 38, fig. 1: sem indicação de localidade (rio Solimões, pátria típica designada por Hellmayr, 1925, Catal. Bds. Americas, IV, p. 187).

Porção amazônica da Colômbia, do Equador e do Peru, Brasil oeste-amazônico ao sul (e ao norte?) do rio Solimões (inclusive o Acre), alcançando para leste as margens ambas do rio Madeira.

Ancistrops strigilatus cognitus Griscom & Greenway

Ancistrops strigilatus cognitus Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, p. 433: Tauari (margem direita do baixo Tapajós).

Baixo Amazonas, em ambas as margens do rio Tapajós.

Gênero **ANABAZENOPS** Lafresnaye

Anabazenops Lafresnaye, 1840, Diction. Univers. Hist. Natur., II, (8), p. 411: Tipo *Sitta fusca* Temminck)design. por Gray, 1855, Catal. Gen. Subgen. Bds., p. 30).

Anabazenops fuscus (Vieillot)

Sitta fusca Vieillot, 1816, Analyse d'une Nouv. Ornith. Élément., p. 68: Brasil (= Rio de Janeiro, Delalande col.).

Brasil este-meridional (na faixa atlântica montanhosa), de Santa Catarina ao Espírito Santo e sudeste de Minas.

Gênero **SYNDACTYLA** Reichenbach

Syndactyla Reichenbach, 1853, Handb. spez. Orn., Scansoriae, p. 171. Tipo *Xenops rufosuperciliatus* Lafresnaye (monotipia).

Xenoctistes Hellmayr, 1925, Catal. Bds. Amer., IV, p. 188 (nome novo para *Syndactyla* Reichenbach, não *Syndactylus* Boitard, 1842).

Syndactyla rufosuperciliata rufosuperciliata (Lafresnaye)

Xenops rufosuperciliatus Lafresnaye, 1832, Magaz. Zool., II, cl. 2, prancha 7 e texto respectivo: Brasil (Rio de Janeiro, escolhido como localidade típica por Hellmayr, 1925, loc. cit., p. 188).

Faixa oriental montanhosa do Brasil meridional (desde o norte do Paraná até o Espírito Santo e o sudeste de Minas Gerais).

Syndactyla rufosuperciliata acrita (Oberholser)

Anabazenops acritus Oberholser, 1901, Proc. Biol. Soc. Wash., XIV, p. 187: Sapucay (Paraguay).

Nordeste da Argentina (inclusive a província de Buenos Aires), Paraguay, Uruguay e Brasil meridional extremo (inclusive Santa Catarina).

Gênero **ANABACERTHIA** Lafresnaye

Anabacerthia Lafresnaye, 1842, Dict. Univ. Hist. Nat., I, p. 412. Tipo *Anabacerthia striaticollis* Lafresnaye (monotipia).

Xenicopsoides Cory, 1919, Auk, vol. 36, p. 273. Tipo *Anabazenops variegaticeps* Sclater (= *Anabacerthia striaticollis* Lafresn.).

Anabacerthia amaurotis (Temminck)

Anabates amaurotis Temminck, 1823, Nouv. Rec. Pl. Color., livr. 40, pl. 238, fig. 2: Brasil (= Ipanema, no estado de São Paulo, *teste* Hellmayr, 1925).

Faixa oriental montanhosa (serras do Mar e da Mantiqueira) do Brasil meridional, nos estados do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

Incluído por Hellmayr (Catal. Bds. Americas, IV, 1925, p. 195) no gênero *Xenicopsoides* Cory, 1919 (Auk, vol. 36, p. 273), cujo tipo é *Anabates striaticollis* Sclater.

Gênero PHILYDOR Spix

hilydor Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 73. Tipo *Philydor superciliaris* Spix (= *Anabates atricapillus* Wied), por design. de Gray, 1855.

Philydor atricapillus (Wied)

Anabates atricapillus Wied, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 147: rio Catolé (interior da Bahia).

Nordeste extremo da Argentina (Misiones), leste do Paraguay e Brasil este-meridional, do Rio Grande do Sul à Bahia, inclusive o leste de Minas Gerais (rio Doce).

Philydor hylobius Wetmore & Phelps

Philydor hylobius Wetmore & Phelps, 1956, LXIX, p. 64: monte da Neblina (sudeste extremo da Venezuela).

Só conhecido do monte da Neblina, na região montanhosa do sudeste extremo da Venezuela e adjacente porção do Brasil.

Philydor hyperythrus Pinto

Philydor hyperythrus Pinto, 1948, Bol. Mus. Paraense E. Goeldi, X, p. 52, em nota: Utinga (subúrbio de Belém, Pará).

Só conhecido através do tipo.

É singular a concordância dos caracteres deste fumariida com os descritos em *Ph. hylobius* Wetmore & Phelps, fazendo pensar na possibilidade de tratar-se de uma mesma espécie.

Philydor pyrrhodes (Cabanis)

Anabates pyrrhodes Cabanis, 1848, em Schomburgk, Reisen Brit. Guiana, III, p. 689: Guiana (inglêsa).

Sudeste da Colômbia, sul da Venezuela e das Guianas, porção amazônica do Equador e do norte do Peru, estendendo-se para leste ao Brasil oeste-setentrional, ao norte (Óbidos) e ao sul do rio Amazonas, aí incluído o leste extremo do Pará (próximo de Bragança).

Philydor dimidiatus dimidiatus Pelzeln

Anabates dimidiatus Pelzeln, 1859, Sitzungsber. mathem. naturwiss. Kl. Akad. Wissens., Wien, XXXIV, pp. 107 e 130: Sangrador e rio Manso (leste de Mato Grosso).

Brasil centro-ocidental (sul de Mato Grosso), nas bacias dos rios Paraguai (Sangrador, Coxim), Paraná (Santa'Ana do Parnaíba) e Manso (tributário do rio das Mortes).

Philydor dimidiatus baeri Hellmayr

Philydor baeri Hellmayr, 1911, Rev. Franç. d'Orn., II, p. 50: Água Suja (perto de Bagagem, no sudoeste de Minas Gerais).

Nordeste do Paraguay e Brasil centro-meridional, no oeste de Minas (Água Suja), sul de Goiás (Veadeiros, rio Verde) e oeste do Paraná (Porto Camargo).

Cf. Pinto & Camargo, Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, vol. XII, p. 225 (1955). Segundo F. Novaes (Rev. Bras. Biol., XIII, 1963, p. 5), *Xenoctistes mirandae* Snethlage (Bol. Mus. Nac. do Rio de Janeiro, IV, n.º 2, p. 4), cujo tipo é de Olho d'Água, no rio Roncador (sul de Goiás), é um sinônimo.

Philydor rufus rufus Vieillot

Dendrocopus rufus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVI, p. 119: Brasil (pátria típica Rio de Janeiro, sugerida por Hellmayr, 1925).

Nordeste da Argentina Misiones), Paraguay e Brasil este-meridional, do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo (inclusive Minas Gerais).

Philydor rufus chapadensis Zimmer

Philydor rufus chapadensis Zimmer, 1935, Amer. Mus. Novit., n.º 785, p. 7: Chapada (Mato Grosso).

Brasil central (sul de Goiás e Mato Grosso) e porção ocidental de São Paulo (Bauru, rio Feio) e Paraná (rio Paraná).

Difícil é a delimitação das áreas das duas raças admitidas em *Philydor rufus;* mas as aves da porção mais ocidental do Paraná e de São Paulo apresentam características muito mais concordantes com as das de Goiás e Mato Grosso do que com as das outras regiões dos referidos estados.

Philydor lichtensteini Cabanis & Heine

Philydor lichtensteini Cabanis & Heine, 1859, Museum Heineanum, II, p. 29: Brasil (Rio de Janeiro é plausível como procedência do tipo).

Nordeste da Argentina Misiones), sul do Paraguay e sudeste do Brasil, desde o Rio Grande do Sul ao Espírito Santo e o leste de Minas Gerais (inclusive a bacia do rio Doce), estendendo-se para oeste até o rio Paraná e o sul de Goiás (rio das Almas).

Philydor erythrocercus erythrocercus (Pelzeln)

Anabates erythrocercus, Pelzeln 1859, Sitzungsber. K. Akad. Wissens, Wien, mathem.-naturwissens. Kl. XXXIV, pp. 105 e 128: Barra do Rio Negro (= Manaus).

Guianas e adjacente porção do norte do Brasil, estendendo-se para o sul até a margem norte do baixo Amazonas (inclusive a margem esquerda do rio Negro).

Philydor erythrocercus suboles Todd

Philydor erythrocercus suboles Todd, 1948, Ann. Carn. Mus., XXXI, p. 39: Tonantins (rio Solimões, margem esquerda).

Brasil oeste-amazônico, ao norte do rio Solimões.

Philydor erythrocercus lyra Cherrie

Philydor erythrocercus lyra Cherrie, 1916, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XXXV, p. 186: rio Roosevelt (afluente do alto Madeira).

Nordeste do Peru e da Bolívia, Brasil oeste setentrional ao sul do rio Solimões e do baixo Amazonas, alcançando para leste o norte do Maranhão, e, para o sul, o noroeste de Mato Grosso (rio Roosevelt).

Philydor ruficaudatus ruficaudatus (Lafresnaye & d'Orbigny)

Anabates ruficaudatus Lafresnaye & d'Orbigny, 1838, Syn. Av., em Magaz. Zool., VIII, (2), p. 15: Yuracares (norte da Bolívia).

Porção amazônica da Colômbia, Equador e Peru, estendende-se para o sul até o norte da Bolívia, e, para leste, ao sul da Venezuela, às Guianas e ao Brasil oeste-setentrional ao sul do rio Amazonas e respectivo estuário, inclusive o norte do Maranhão.

Philydor ruficaudatus flavipectus Phelps & Gilliard

Philydor ruficaudatus flavipectus Phelps & Gilliard, 1941, Amer. Mus. Novit., n.º 1153, p. 4: Maniña (Bolivar, sul da Venezuela).

Sul da Venezuela (território do Amazonas, estado de Bolivar) e vizinha porção do norte extremo do Brasil (serra Tapirapecó).

Philydor erythropterus erythropterus (Sclater)

Anabates erythropterus Sclater, 1856, Proc. Zool. Soc. London, p. 1856: Bogotá.

Porção este-meridional amazônica da Colômbia, leste do Equador e do Peru, sul da Venezuela, norte da Bolívia (rio Beni) e Brasil

oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (inclusive o noroeste de Mato Grosso).

Philydor erythropterus diluvialis Griscom & Greenway

Philydor erythropterus diluvialis Griscom & Greenway, 1937, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXI, p. 433: Caxiricatuba (margem direita do baixo Tapajós).

Margem direita do baixo Amazonas, ao longo do rio Tapajós (inclusive o rio Cururu, seu afluente), estendendo-se para leste até o rio Capim.

Gênero **AUTOMOLUS** Reichenbach

Automolus Reichenbach, 1853, Handb. spec. Orn., Scansoriae, A. Sittinae, p. 173. Tipo *Sphenura sulphurascens* Lichtenstein (= *Anabates leucophthalmus* Wied).

Automolus leucophthalmus leucophthalmus (Wied)

Anabates loucophthalmus Wied 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 141: rio Cachoeira (grande formador do rio dos Ilhéus, Bahia).

Sudeste da Bahia desde a baía de Todos os Santos até o sul extremo do estado (rio Jucurucu).

Automolus leucophthalmus sulphurascens (Lichtenstein)

Sphenura sulphurascens Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. zool., Mus. Berlin, p. 41: São Paulo (sudeste do Brasil).

Nordeste da Argentina, Paraguay, Brasil meridional (do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul), estendendo-se para oeste até Minas Gerais, sul de Goiás e leste de Mato Grosso (rio das Mortes).

A razão parece estar com J. T. Zmmer (Proc. Biol. Soc. Wash., n.º 60, 1947, p. 102), quando reduz *Automolus l. bangs* Cory, 1919 (Auk, n.º 36, p. 540), de Santo Amaro (na baía de Todos os Santos), à condição de sinônimo.

Automolus leucophthalmus lammi Zimmer

Automolus leucophthalmus lammi Zimmer, 1947, Proc. Biol. Soc. Wash., n.º 60, p. 100): Recife (Pernambuco).

Nordeste do Brasil, da Paraíba a Alagoas (e, provavelmente, o nordeste da Bahia).

Depois de Zimmer, ocupou-se o autor do presente trabalho das relações desta subespécie com as suas afins (cf. Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, XII, 1954, p. 45).

Automolus infuscatus infuscatus (Sclater)

Anabates infuscatus Sclater, 1856, Ann. Magaz. Nat. Hist., (2), XVII, p. 468: leste do Peru.

Sudeste da Colômbia (Caquetá), leste do Equador e do Peru, Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (para leste até incerta distância da fronteira peruana).

Automolus infuscatus purusianus Todd

Automolus infuscatus purusianus Todd, 1948, Ann. Carn. Mus., XXXI, p. 40: Hiutanaã (rio Purus, margem esquerda).

Brasil oeste-setentrional ao sul do rio Solimões, das duas margens do rio Juruá à esquerda do rio Madeira.

A inclusão das populações do rio Juruá na presente subespécie decorre do testemunho do falecido Conde de Gyldenstolpe (Arkiv för Zoologi, 11, n.º 1, p. 170).

Automolus infuscatus paraensis Hartert

Automolus sclateri paraensis Hartert, 1902, Novit. Zool., IX, p. 61, nota: Benevides (ao norte de Belém, do Pará).

Margem direita do rio Amazonas, da margem oriental do rio Madeira ao rio Capim (inclusive a região de Belém e cercanias).

Automolus infuscatus cervicalis (Sclater)

Philydor cervicalis Sclater, 1889, Proc. Zool. Soc. London, p. 33: Bartica Grove e Camacusa (sul da Guiana).

Do sudeste da Venezuela (Bolivar, rio Cayuni) ao Suriname, estendendo-se para o sul até a margem norte do baixo Amazonas (da margem direita do rio Negro para leste).

Automolus infuscatus badius Zimmer

Automolus infuscatus badius Zimmer, 1935; Amer. Mus. Novit., n.º 785: rio Base (nas faldas do monte Duida).

Sul da Venezuela (alto Orenoco, monte Duida) e Brasil oeste-setentrional extremo, estendendo-se para o sul até o rio Solimões (margem norte) e para leste até o rio Negro (margem direita).

Automolus rubiginosus venezuelanus Zimmer & Phelps

Automolus rubiginosus venezuelanus Zimmer & Phelps, 1947, Amer. Mus. Novit., n.º 1338, p. 4: monte Auyan-tepui (Bolivar).

Sudeste da Venezuela e região confinante do extremo norte do Brasil (serra Tapirapecó).

Automolus rubiginosus obscurus (Pelzeln)

Anabates obscurus Pelzeln, 1859, Sitzungsber. K. Akad. Wissens. Wien, mathem.-naturwissens. Cl., XXIV, p. 110, nota: Caiena.

Guiana Francesa, estendendo-se para o sul à adjacente porção do Brasil este-setentrional (território do Amapá).

Automolus ochrolaemus ochrolaemus (Tschudi)

Anabates achrolaemus Tschudi, 1844; Arch. f. Naturges., X, (1), p. 295: Peru.

Nordeste do Peru (ao sul do Marañon) e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (da fronteira peruana à margem esquerda do rio Purus).

Automolus ochrolaemus auricularis Zimmer

Automolus ochrolaemus auricularis Zimmer, 1935, Amer. Mus. Novit., n.º 785, p. 20: Caxiricatuba (margem direita do baixo Tapajós).

Nordeste da Bolívia e Brasil oeste-setentrional, ao sul do baixo Amazonas, da margem direita do rio Purus às margens ambas do rio Tapajós.

Sobre a distribuição da presente subespécie e sua intergradação com a forma típica cf. N. Gyldenstolpe, Arkiv. f. Zoologi, II, (1), pp. 168-9 (1951), cujas conclusões não foram desmentidas.

Automolus ochrolaemus turdinus (Pelzeln)

Anabates turdinus Pelzeln (*ex* Natterer manuscr.), 1859, Sitzungsber., K. Akad. Wissens. Wien, mathem.-naturwissens. Cl., XXXIV, pp. 110 e 131: Borba e Barra do Rio Negro (localidade típica Borba, por design. de Hellmayr, 1925).

Leste da Colômbia e do Equador, nordeste do Peru (ao norte do rio Marañon), sul da Venezuela (alto Orenoco), Guiana (inglesa) e norte do Brasil, desde seus limites oeste-setentrionais até a margem esquerda do rio Amazonas (do rio Negro para leste).

Automolus roraimae roraimae Hellmayr

Automolus roraimae Hellmayr, 1917, Verhandl. Orn. Gesells. Bay., XIII, p. 199 — nome novo para *Philydor albigularis* Salvin & Godman, 1884 (pre-ocupado por *Ph. albogularis* Spix, 1824): monte Roraima (sul extremo da Guiana inglêsa, nos limites com a Venezuela).

Região montanhosa do monte de Roraima (nos confins meridionais da Venezuela com a Guiana, inclusive (*fide* W. Phelps)

a porção limítrofe do extremo norte do Brasil (monte Uei-tepui).

Automolus rufipileatus rufipileatus (Pelzeln)

Anabates rufipileatus Pelzeln, 1859, Sitzungsber. mathem.-natur--wissens. Kl. Akad. Wissens. Wien, XXXIV, pp. 109 e 131: Pará (= Belém).

Margem direita do rio Amazonas, alcançando a oeste a margem oriental do rio Purus, e estendendo-se para leste até o norte do Maranhão.

Automolus rufipileatus consobrinus (Sclater)

Philydor consobrinus Sclater, 1870, Proc. Zool. Soc. London, p. 328: "Bogotá" (= Colômbia).

Porção amazônica da Colômbia, Equador e norte do Peru, estendendo-se para leste até as Guianas e o Brasil oeste-amazônico, em seus limites setentrionais extremos (alto rio Branco) e na margem direita do alto Solimões (das fronteiras com o Peru à margem ocidental do rio Purus).

Automolus melanopezus (Sclater)

Anabates melanopezus Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. London, XXVI, p. 61: rio Napo (leste do Equador).

Alta Amazônia (sudeste da Colômbia, leste do Equador) inclusive o Brasil oeste-setentrional (ao sul do rio Solimões), na alta porção dos rios Juruá (rio Eiru) e Purus (Hiutanaã, na margem esquerda), com os seus remotos formadores (Acre).

Gênero **HYLOCRYPTUS** Chapman

Hylocryptus Chapman, 1919, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXII, p. 258, fig. 3. Tipo *Hylocryptus erythrocephalus* Chapman (design. original).

Hylocryptes rectirostris (Wied)

Opetiorynchus rectirostris Wied, 1831, Beitr. Naturges. Brasilien, III, (2), p. 679: Campos Gerais (nos confins de Bahia e Minas).

Interior do Brasil, do extremo oeste do Paraná (rio Paraná) e de São Paulo aos confins de Minas Gerais e Bahia, estendendo-se

para oeste, através do sul de Goiás (rio das Almas), até o sudoeste de Mato Grosso (Coxim, Rondonópolis).

Secundando Hellmayr (Catal. Bds. Americas, IV, p. 226, nota *b*), concluiu Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 862, p. 12) pela conveniência de transferir o presente furnariida do gênero *Automolus* para o criado por Chapman.

Gênero **CICHLOCOLAPTES** Reichenbach

Cichlocolaptes Reichenbach, 1835, Handb. spez. Orn., Scansores, A, Sittinae, p. 174. Tipo *Anabates ferruginolentus* Wied, 1931 (= *Anabates leucophrys* Jard. & Selby), por design. de Gray, 1855.

Cichlocolaptes leucophrys leucophrys (Jardine & Selby)

Anabates leucophrys Jardine & Selby, 1830, Illustr. Orn., II, (6), pl. 93: Brasil (o tipo, coligido pelo Dr. Schüch Capanema, deve ser do leste de Minas Gerais).

Faixa litorânea do Brasil oriental, do sul da Bahia ao Rio de Janeiro e o leste de Minas Gerais.

Cichlocolaptes leucophrys holti Pinto

Cichlocolaptes leucophrys holti Pinto, 1941, Rev. Argentina de Zoogeografia, vol. I, n.º 3, pp. 166: Alto da Serra (leste de São Paulo).

Faixa oriental montanhosa do sudeste do Brasil (de São Paulo ao Rio Grande do Sul).

As aves do extremo nordeste de São Paulo (serra da Bocaina) apresentam caracteres nitidamente intermediários, merecendo ser, possivelmente, referidas à forma típica.

Gênero **HELIOBLETUS** Reichenbach

Heliobletus Reichenbach, 1853, Handb. spez. Orn., Scansoriae, p. 201. Tipo por monotipia, *Philydor superciliosus* Reichenbach (não *Dendrocolaptes superciliosus* Lichtenstein, 1820) (= *Heliobletus contaminatus* Berlepsch).

Heliobletus contaminatus Berlepsch

Heliobletus contaminatus Berlepsch, 1885 (*ex* Lichtenstein, 1854, nom. nud.), Zeitschr. ges. Orn., II, p. 144 — nome novo para

Heliobletus superciliosus Burmeister, 1856 (não Lichtenstein, 1820): Nova Friburgo (Rio de Janeiro).

Nordeste da Argentina (Misiones), leste do Paraguay, sudeste do Brasil, desde o Espírito Santo (*fide* Schauensee) até o Rio Grande do Sul.

Gênero **XENOPS** Illiger

Xenops Illiger, 1911, Prodr. Syst. Mam. Av., p. 213. Tipo *Xenops genibarbis* Illiger (monotipia).

Microxenops Chapman, 1911, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XXXIII, p. 196, fig. 1. Tipo *Microxenops milleri* Chapman (design. origin.).

Xenops minutus minutus (Sparrman)

Turdus minutus Sparrman, 1788, Mus. Carlson, fasx. 3, pl. 68: sem indicação de localidade (Rio de Janeiro foi sugerido como pátria típica por Hellmayr, 1925, Catal. Bds. Amer., IV, p. 232).

Nordeste da Argentina, leste do Paraguay e sudeste do Brasil (do sul da Bahia a Santa Catarina), inclusive o leste de Minas Gerais.

Xenops minutus genibarbis Illiger

Xenops genibarbis Illiger, 1811, Prodr. Syst. Mam. Av., p. 213. Cametá (no baixo Tocantins, margem esquerda).

Margem direita do baixo Amazonas, do rio Madeira (margem direita à região de Belém e rio Capim, estendendo-se para leste até o norte do Maranhão e do Piauí (baixo Parnaíba) e alcançando, para o sul, o norte da Rondônia (rio Gi-Paraná).

Xenops minutus alagoanus Pinto

Xenops minutus alagoanus Pinto, 1954, Pap. Avulsos do Dept. de Zoologia, XII, p. 46: fazenda Canoas (no vale do rio Pratagi, Alagoas).

Faixa litorânea do nordeste do Brasil (da Paraíba a Alagoas).

Xenops minutus obsoletus Zimmer

Xenops minutus obsoletus Zimmer, 1924, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 57: Puerto Bermudez (leste do Peru).

Do leste do Equador e do Peru ao Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (para leste até a margem esquerda do rio Madeira).

Xenops minutus ruficaudus (Vieillot)

Xenops minutus ruficaudus Vieillot, 1816, Analyse Orn. Élém., p. 68: Caiena (= Guiana Francesa).

Do sul da Venezuela para leste até a Guiana Francesa e, para o sul, a adjacente porção do Brasil setentrional, até a margem esquerda do baixo Amazonas (de Manaus a Óbidos).

Xenops minutus remoratus Zimmer

Xenops minutus remoratus Zimmer, 1935, Amer. Mus. Novit., n.º 819, p. 7: Tatu (margem direita do alto rio Negro).

Sudeste da Colômbia e Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro), estendendo-se para o sul até a margem esquerda do rio Solimões e a direita do rio Negro.

Xenops milleri Chapman

Microxenops milleri Chapman, 1914, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XXXIII, p. 196: sopé do monte Duida (sul da Venezuela).

Do sudeste da Colômbia e sul da Venezuela até a Guiana Francesa, o nordeste do Peru e o Brasil oeste-amazônico, nas margens ambas do rio Solimões (rio Juruá, rio Purus) e na margem esquerda do mais alto trecho do baixo Amazonas (rio Anibá).

Hllmayr (Catal. Bds. Americas, IV, p. 2443) é dos poucos a reconhecer a conveniência de erigir a presente espécie em gênero à parte, sob o nome proposto por Chapman.

Xenops tenuirostris tenuirostris Pelzeln

Xenops tenuirostris Pelzeln, 1859, Sitzungsber. mathem.-naturwissens. Wien, XXXIV, p. 112 e 133: Salto do Girau (alto rio Madeira).

Do sul da Venezuela ao sudeste do Peru, estendendo-se para leste até o norte da Bolívia e o Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Amazonas (para leste até o rio Tapajós), inclusive o noroeste de Mato Grosso (bacia do alto Madeira).

Xenops rutilans rutilans Temminck

Xenops rutilans Temminck, 1821, Nouv. Rec. Pl. Color., pl. 72, fig. 2: Brasil (tipo, provavelmente, da Bahia).

Nordeste da Argentina, Paraguay e leste do Brasil, da Paraíba ao Rio Grande do Sul (inclusive o leste de Minas Gerais).

Xenops rutilans chapadensis Zimmer

Xenops rutilans chapadensis Zimmer, 1935, Amer. Mus. Novit., n.° 819, p. 8: Chapada (Mato Grosso).

Norte da Bolívia (rio Beni) e planalto central do Brasil, estendendo-se para o norte até o sudeste do Pará (alto Xingu), o sul do Maranhão e do Piauí.

Xenops rutilans purusianus Todd

Xenops rutilans purusianus Todd, 1925, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXVIII, p. 79: Hiutanaã (alto Purus, margem esquerda).

Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões, na alta porção dos rios Juruá (rio Eiru) e Purus.

Gênero **MEGAXENOPS** Reiser

Megaxenops Reiser, 1905, Anzeiger Akad. Wissens. Wien, XLII, p. 322. Tipo *Megaxenops parnaguae* Reiser (monotipia).

Megaxenops parnaguae Reiser

Megaxenops parnaguae Reiser, 1905, Anzeiger, Akad. Wissens. Wien, XLII, p. 322: na estrada de Parnaguá a Olho d'Água (sul do Piauí).

Caatingas do nordeste do Brasil, no sul do Ceará e do Piauí, e no noroeste da Bahia (Santa Rita do Rio Preto).

Gênero **SCLERURUS** Swainson

Sclerurus Swainson, 1827, Zool. Journ., III, p. 356 (caracteres do gênero). Tipo *Thamnophilus caudacutus* Vieillot (design. por Gray, 1855).

Sclerurus scansor scansor (Ménétriès)

Vira-folhas, Varredeira, Pincha-cisco.

Oxypyga scansor Ménétriès, 1835, Mém. Acad. Sci. St. Pétersburg, (6), III, pte. 2 (Sci. Natur.), p. 520, pl. 11: prov. do Rio de Janeiro.

Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay e sudeste do Brasil, desde o Espírito Santo, leste de Minas Gerais (vale do rio Doce) e sul de Goiás, até o Rio Grande do Sul.

Sclerurus scansor cearensis Snethlage

Sclerurus caudacutus cearensis Snethlage, 1924, Journ. f. Orn., LXXII, p. 446: serra de Ibiapaba (Ceará).

Brasil este-setentrional, no Ceará (serra de Baturité, serra de Ibiapaba) e no nordeste da Bahia (Bonfim).

Sclerurus mexicanus peruvianus Chubb

[*Sclerurus mexicanus* Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. London, "1856", p. 290: Vera Cruz (México)].

Sclerurus mexicanus peruvianus Chubb, 1919, Bull. Brit. Orn. Club, XXXIX, p. 41: Yurimaguas (Peru).

Porção amazônica do Equador e do Peru, estendendo-se para leste ao Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (alto Juruá).

Não há outra notícia da ocorrência desta subespécie no Brasil além do exemplar de Igarapé Grande (alto Juruá) registrado por N. Gyldenstolpe (Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, n.º 3, 1945, p. 163).

Sclerurus mexicanus macconnelli Chubb

Sclerurus mexicanus macconnelli Chubb, 1919, Bull. Brit. Orn. Cl., p. 41: rio Ituribisci (Guiana, inglêsa).

Guianas e Brasil setentrional, ao sul do baixo Amazonas (rio Tapajós, rio Capim), estendendo-se para leste até o norte do Maranhão (Rosário).

Sclerurus mexicanus bahiae Chubb

Sclerurus mexicanus bahiae Chubb, 1919, Bull. Brit. Orn. Cl., XXXIX, p. 42: Bahia.

Faixa atlântica do Brasil oriental, de Alagoas (Usina Sinimbú) a São Paulo (varjão do Guaratuba).

Sclerurus rufigularis rufigularis Pelzeln

Vira-folhas, Papa-formigas.

Sclerurus rufigularis Pelzeln, 1868, Orn. Bras., II, p. 87 (em parte): Borba (margem direita do baixo Madeira).

Norte da Bolívia (baixo rio Beni) e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões e do baixo Amazonas, estendendo-se para leste até o rio Capim e a região de Belém.

Sclerurus rufigularis fulvigularis Todd

Sclerurus rufigularis fulvigularis Todd, 1920, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXIII, p. 74: Tamanoir (Guiana Francesa).

Norte da América Meridional, do leste da Venezuela à Guiana Francesa, inclusive o norte extremo do Brasil amazônico (alto rio Negro).

Sclerurus rufigularis furfurosus Todd

Sclerurus rufigularis furfurosus Todd, 1948, Ann. Carnegie Mus., XXXI, p. 41: Óbidos (margem esquerda do baixo Amazonas).

Margem norte do baixo Amazonas.

Sclerurus rufigularis brunnescens Todd

Sclerurus rufigularis brunnescens Todd, 1948, Ann. Carn. Mus., XXXI, p. 42: Tonantins (ao norte do alto Solimões).

Brasil oeste-amazônico (na margem esquerda do rio Solimões).

Sclerurus caudacutus brunneus Sclater

Sclerurus brunneus Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. London, XXV, p. 17: Bogotá (= Colômbia).

Porção amazônica da Colômbia, leste do Equador e norte do Peru, Brasil oeste-setentrional, nas margens ambas do rio Solimões.

As aves do rio Purus, segundo Gyldenstolpe (Ark. f. Zoologi, II, p. 173), a despeito de seus caracteres intermediários, aproximam-se muito da do rio Madeira, pelo que foram por ele referidas à forma precedente.

Sclerurus caudacutus insignis Zimmer

[*Thamnophilus caudacutus* Vieillot, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 310: Guiana Francesa].

Sclerurus caudacutus insignis Zimmer, 1934, Novit. Zool., n.º 757, p. 21: Faro (rio Jamundá).

Margem esquerda do médio Amazonas (cercanias do rio Jamundá).

É muito provável a ocorrência de *Sclerurus caudacutus caudacutus* (Vieillot, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 310: Caiena) na região fronteiriça do Brasil com a Guiana Francesa).

Sclerurus caudacutus pallidus Zimmer

Sclerurus caudacutus pallidus Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 757, p. 20: Vila Bela Imperatriz (= Parintins).

Margem direita do baixo Amazonas, das margens ambas do rio Madeira ao leste do Pará (rio Capim e região de Belém).

Sclerurus caudacutus caligineus Pinto

Sclerurus caudacutus caligineus Pinto, 1954, Pap. Avuls. Dept. Zool., XII, p. 47: Mangabeiras (Alagoas).

Nordeste do Brasil, no leste de Alagoas (Usina Sinimbú).

Sclerurus caudacutus umbretta (Lichtenstein)

Myiothera umbretta Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 43: Bahia.

Brasil oriental, no estado de Espírito Santo e no sul da Bahia (Ilhéus, rio Jucurucu).

Gênero **LOCHMIAS** Swainson

Lochmias Swainson, 1827, Zool. Journ., III, (11), p. 355. Tipo *Lochmias squamulata* Swainson (= *Myiothera nematura* Lichtenstein), design. por Swainson, 1836 (Orn. Draw., pte. 3, pl. 33).

Lochmias nematura nematura (Lichtenstein)
Macuquinho, Tridi, Capitão-porcaria.

Myiothera nematura Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 43: São Paulo.

Nordeste da Argentina, Paraguay, Uruguay, Brasil este-meridional (do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo e Minas Gerais) e central.

Lochmias nematura castanonota Chubb

Lochmias nematura castanonota Chubb, 1918, Bull. Brit. Orn. Cl., XXXVIII, p. 87: rio Araparu (Guiana, inglêsa).

Sul da Guiana (inglêsa) e região confinante do Brasil.

Incluída na avifauna brasileira por Phelps & Phelps em Bol. Soc. Venezol. de Cienc. Nat., n.º 101, p. 35 (1962).

Família FORMICARIIDAE

Gênero CYMBILAIMUS Gray

Cymbilaimus Gray, 1840, List Gen. Bds., p. 36. Tipo *Lanius lineatus* Leach (design. original).

Cymbilaimus lineatus lineatus (Leach)

Lanius lineatus Leach, 1814, Zool. Miscel., I, p. 20, pl. 6: Berbice (Guiana).

Guianas e Brasil setentrional, da região com elas fronteiriça à margem esquerda do rio Amazonas (do baixo Solimões para leste).

Cymbilaimus lineatus intermedius (Hartert & Goodson)

Cymbilanius (sic) *lineatus intermedius* Hartert & Goodson, 1917, Novit. Zool., XXIV, p. 495: Tipo de Humaitá (alto Madeira).

Venezuela, porção amazônica da Colômbia, Equador e norte do Peru, norte da Bolívia e Brasil amazônico, em sua porção oeste-setentrional extrema (alto rio Negro) e na margem direita do rio Amazonas (das fronteiras com o Peru ao Rio Tocantins).

Sobre as características desta subespécie, eminentemente variável, cf. Hellmayr, Catal. Bds. Americas, tomo III, p. 38, nota *b*. Segundo N. Gyldenstolpe (Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXIII, p. 163), as populações do nordeste da Bolívia constituem subespécie particular, a que dá o nome de *C.l. sanctaemariae*.

Gênero HYPOEDALEUS Cabanis & Heine

Hypoedaleus Cabanis & Heine, 1859, Mus. Heineanum, II, p. 18. Tipo *Thamnophilus guttatus* Vieillot (monotipia).

Hypoedaleus guttatus guttatus (Vieillot)

Chocão.

Thamnophilus guttatus Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., III, p. 315: América Meridional (pátria típica Rio de Janeiro, design. por Hellmayr, 1924, Catal. Bds. Amer., III, p. 40).

Nordeste da Argentina, Paraguay e Brasil este-meridional (do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul).

Hypoedaleus guttatus leucogaster Pinto

Hypoedaleus guttatus leucogaster Pinto, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, 2.ª parte, p. 749, no texto (caracterização): localidade típica rio Matipó (design. por Pinto, 1952, Arquivos de Zoologia, VIII, p. 35, nota 2).

Brasil médio-oriental, da Bahia (Jaguaquara) ao Espírito Santo e leste de Minas Gerais.

Sobre a validez da presente subespécie pronunciou-se afirmativamente a Sra. E. Naumburg em pormenorizado exame (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LXXIV, 1937, pp. 158-60).

Gênero **BATARA** Lesson

Batara Lesson, 1831, Traité d'Ornithol., livrais. 5, p. 347. Tipo *Lanius undulatus* Mikan (= *Thamnophilus cinereus* Vieillot), design. por Gray, 1955.

Batara cinerea cinerea (Vieillot)

Matraca, Borralhara, Papa-ovo, Papa-pinto.

Thamnophilus cinereus Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXV, p. 200: Brasil (= Rio de Janeiro, col. Delalande).

Paraguay, nordeste da Argentina (Misiones) e sudeste do Brasil, desde o Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul (na faixa oriental montanhosa).

Gênero **MACKENZIAENA** Chubb

Mackenziaena Chubb, 1918, Ann. Magaz. Nat. Hist., (9.ª ser.), II, p. 123. Tipo *Thamnophilus leachii* (design. original).

Mackenziaena leachii (Such)

Borralhara, Choró-choró, Papa--ovo.

Thamnophilus leachii Such, 1825, Zool. Journ., I, p. 558: vizinh. de Goitacases (= Campos), no Rio de Janeiro.

Leste do Paraguay, nordeste da Argentina e sudeste do Brasil, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, inclusive o sudeste de Minas Gerais (serra de Caparaó, Santa Fé).

Mackenziaena severa (Lichtenstein)

Borralhara, Papa-ovo.

Lanius severus Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., pp. 45 e 46: São Paulo (prov.).

Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay e sudeste do Brasil, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, inclusive o sudeste de Minas (serra do Caparaó).

Não há unanimidade entre os autores na conceituação dos gêneros *Mackenziaena* e *Frederickena*, adotando-se aqui o parecer de Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 1263, p. 2).

Gênero **FREDERICKENA** Chubb

Frederickena Chubb, 1918, Ann. and Mag. Nat. Hist., (9.ª ser.), II, p. 123. Tipo *Thamnophilus viridis* Vieillot (design. original).

Frederickena viridis (Vieillot)

Thamnophilus viridis Vieillot, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 318, p. 123: América do Sul (localidade típica Caiena, design. por Hellmayr, 1924, Cat. Bds. Amer., III, p. 45).

Leste da Venezuela, Guianas e adjacente porção do Brasil setentrional (Amapá) estendendo-se até a margem esquerda do baixo Amazonas (Óbidos).

Frederickena unduligera unduligera (Pelzeln)

Thamnophilus unduliger Pelzeln, 1868, Orn. Bras., II, pp. 75 e 139 (Marabitanos (alto rio Negro) e São Boaventura (rio Içana).

Brasil oeste-setentrional extremo, na alta porção do rio Negro.

As aves do sudeste da Colômbia, que seria lícito supor pertencessem à presente subespécie, são referdas por J. R. Zimmer (Amer. Mus. Novt., n.º 1263, p. 4) a *F. unduligera fulva* Zimmer, cujo tipo é do rio Suno (leste do Equador).

Frederickena unduligera pallida Zimmer

Frederickena unduligera pallida Zimmer, 1944, Amer. Mus. Novit., n.º 1263, p. 3: Rosarinho (margem esquerda do rio Madeira).

Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões, desde o rio Juruá (Vila Taumaturgo) até o rio Madeira (margem esquerda).

Gênero TARABA Lesson

Taraba Lesson, 1830, Traité d'Ornithol., livr. 5, p. 375. Tipo *Thamnophilus stagurus* Lichtenstein (designado por Gray, 1855).

Taraba major major (Vieillot)

Choca-grande.

Thamnophilus major Vieillot, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 313 (com base em Azara, n.º 211): Paraguay.

Norte da Argentina, Paraguay, leste da Bolívia central (sul de Goiás e de Mato Grosso, território de Rondônia) e este-meridional (Paraná, São Paulo).

Taraba major stagurus (Lichtenstein)

Corró.

Lanius stagurus Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 45: Bahia.

Brasil oriental, do Espírito Santo e leste de Minas Gerais ao Maranhão.

Taraba major semifasciata (Cabanis)

Diallactes semifasciatus Cabanis, 1872, Journ. f. Orn., XX, p. 234: Pará (escolhida como localidade típica por Hellmayr, 1905, Novit. Zool., p. 283).

Leste da Venezuela (inclusive o alto Orenoco), Guiana e Brasil amazônico (no alto rio Negro e nas margens ambas do baixo Amazonas).

Taraba major borbae (Pelzeln)

Thamnophilus borbae Pelzeln, 1868, Orn. Bras., II, pp. 75 e 140: Borba (margem direita da foz do rio Madeira).

Margens ambas do baixo rio Madeira.

Taraba major melanurus (Sclater)

Thamnophilus melanurus Sclater, 1855, Edinb. New Philos. Journ., (nov. ser.), I, p. 233, em parte: rio Ucayali (nordeste do Peru).

Leste do Equador, nordeste do Peru e Brasil oeste-amazônico, em ambas as margens do alto Solimões (inclusive o Acre).

Estudando exemplares do alto Purus, chamou N. Gyldenstolpe (Arkiv för Zoologi, II, n.º 1, p. 175) a atenção para a insignificância das dife-

renças apontadas entre a presente subespécie e *Tham. m. borbae*, donde o caráter intermediário das aves da mencionada região.

Gênero **SAKESPHORUS** Chubb

Sakesphorus Chubb, 1918, Ann. Mag. Nat. Hist., (9.ª ser.), II, p. 123 — nome novo para *Hypolophus* Cabanis & Heine, 1859 (pre-ocupado por *Hypolophus* Müller & Henle, 1837). Tipo "*Thamnophilus cirrhatus*" Gmelin (= *Lanius canadensis* Linné), por design. de Sclater, 1890.

Sakesphorus canadensis loretoyacuensis (Bartlett)

[*Lanius canadensis* Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 134: Canadá (localidade errônea, que Berlepsch & Hartert, em 1902, subst. por Caiena)].

Thamnophilus loretoyacuensis Bartlett, 1852, Proc. Zool. Soc. London, p. 374: Loretoyacu (Amazonas peruano).

Sudeste da Colômbia, nordeste do Peru e Brasil oeste-amazônico, do alto rio Negro à margem direita do rio Solimões (Tefé), estendendo-se para leste até o baixo rio Branco (*teste* Zimmer) e o sul do Pará (serra do Cachimbo).

Sakesphorus canadensis intermedius (Cherrie)

Hypolophus canadensis intermedius Cherrie, 1916, Mus. Brooklyn Inst. Arts and Sciences, Sci. Bull., II, p. 277: Caicara (baixo Orenoco).

Sudeste da Venezuela e norte extremo do Brasil, no alto rio Branco território de Roraima).

Sakesphorus luctuosus luctuosus (Lichtenstein)

Lanius luctuosus Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 47: Pará (Cametá, localidade típica design. por Hellmayr, 1924).

Margens ambas do baixo Amazonas (dos rios Negro e Madeira para leste).

Tem-se como sinônimo *Saskephorus* (sic) *hagmanni* Miranda-Ribeiro, 1927 (Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, III, n.º 2, p. 5), cujo tipo é de Taperinha (margem direita do baixo Amazonas).

Sakesphorus luctuosus araguayae (Hellmayr)

Myrmelastes luctuosus araguayae Hellmayr, 1908, Novit. Zool., XV, p. 68: rio Araguaia.

Do sudeste do Pará (Conceição do Araguaia) ao nordeste de Mato Grosso (rio das Mortes).

Sakesphorus cristatus (Wied)

Thamnophilus cristatus Wied, 1831, Beitr. Naturg. Brasilien, III, (2), p. 1002: sertão da Bahia (Campos Gerais).

Brasil este-setentrional, do sul do Piauí e do Ceará ao interior da Bahia (inclusas suas vizinhanças com o norte de Minas).

As características desta espécie foram analisadas ultimamente no que parecem aberrar das outras espécies do mesmo gênero (Pinto & E. Camargo, Arquivos de Zoologia, XI, p. 245).

Sakesphorus melanothorax (Sclater)

Thamnophilus melanothorax Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 133: América do Sul (Caiena, localidade típica design. por Berlepsch, 1908, Novit. Zool., 15, p. 161.

Suriname e Guiana Francesa, estendendo-se para o sul até a margem direita do baixo Amazonas (baixo Tapajós).

Um exemplar (macho) de Arapiuns, na margem esquerda do Tapajós, atesta a ocorrência deste formicariida no baixo Amazonas (cf. Pinto, 1947, Arq. do Dept. de Zool. do Est. de S. Paulo, V, pp. 434-435).

Gênero **BIATAS** Cabanis & Heine

Biatas Cabanis & Heine, 1859, Mus. Hein., II, p. 19 — nome novo para *Blastes* Reichenbach, 1853 (pre-ocupado por *Blastes* Panzer, 1806). Tipo *Anabates nigro-pectus* Lafresnaye (monotipia).

Biatas nigropectus (Lafresnaye)

Anabates nigro-pectus Lafresnaye, 1850, Rev. et Magaz. Zool., (2), II, p. 107, fig. 3: América Meridional (Rio de Janeiro, sugerido como pátria típica por Hellmayr, 1924).

Nordeste extremo da Argentina (Misiones) e sudeste do Brasil, do do Espírito Santo (*teste* Schauensee, 1966) a Santa Catarina.

Gênero **THAMNOPHILUS** Vieillot

Thamnophilus Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Orn. Élém., p. 40. Tipo *Lanius doliatus* Linné (design. por Swainson, 1824, Zool. Journ., I, p. 301).

Thamnophilus doliatus doliatus (Linné)

Lanius doliatus Linné, 1764, Mus. Ad. Frid., II, Prodr., p. 12: sem indicação de localidade (terra típica Suriname, design. por Berl. & Hartert, 1902, Novit. Zool., IX, p. 70, em nota).

Leste da Venezuela, Guianas e adjacente porção do Brasil (rio Branco, Amapá), estendendo-se para o sul até a mais baixa porção do rio Amazonas (Belém) e as ilhas do delta.

Thamnophilus doliatus signatus Zimmer

Thamnophilus doliatus signatus Zimmer, 1933, Amer. Mus. Novit., n.º 646, p. 5: Santarém (margem direita da boca do Tapajós).

Nordeste da Bolívia e Brasil setentrional, nas margens ambas do baixo Amazonas (dos rios Negros e Purus para leste), estendendo-se para o sul até o norte de Goiás (Araguatins, Conceição do Araguaia) e, para leste, até o norte do Piauí.

Para a presente subespécie e suas relações com as vizinhas, afora o trabalho de Zimmer, cf. Pinto, Arquivos de Zoologia, vol. V, 1947, pp. 436-39.

Thamnophilus doliatus subradiatus Berlepsch

Thamnophilus doliatus subradiatus Berlepsch, 1887, Journ. f. Orn., XXXV, p. 17, no texto: Iquitos (norte do Peru).

Nordeste do Peru e Brasil oeste-setentrional, ao norte e ao sul do rio Solimões (para leste até a margem esquerda do rio Purus).

Thamnophilus doliatus difficilis Hellmayr

Thamnophilus nigricristatus difficilis Hellmayr, 1903, Verh. Zool. Bot. Ges., Wien, LIII, p. 216: rio Claro (sul de Goiás).

Brasil central, no sul de Goiás e no leste de Mato Grosso (rio das Mortes).

Thamnophilus doliatus radiatus Vieillot

Choca.

Thamnophilus radiatus Vieillot, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 315 (com base em Azara, n.º 212): Paraguay.

Thamnophilus doliatus novus Pinto, 1932, Rev. Mus. Paulista, VII, (2), p. 753: Sant'Ana do Paranaíba (sudeste de Mato Grosso).

Norte da Argentina (Formosa), Paraguay, leste da Bolívia e centro-oeste do Brasil, no sul de Mato Grosso (inclusive Cuiabá), em São Paulo (excetuada a porção oriental montanhosa) e oeste do Paraná).

Thamnophilus doliatus capistratus (Lesson)

Thamnophilus capistratus Lesson, 1840, Rev. Zool., p. 226: Brasil (como pátria típica a Bahia foi sugerida por Pinto, 1937, Catal. Av. Bras., I, p. 452).

Brasil este-setentrional, do norte de Minas Gerais (Campos Gerais) ao Ceará.

Thamnophilus palliatus palliatus (Lichtenstein)
Choca.

Lanius palliatus Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 46: Bahia.

Brasil oriental (do Rio de Janeiro e do leste de Minas à Paraíba) e setentrional (do Maranhão à margem direita do baixo Amazonas, do rio Tapajós para leste).

Em que pese ao exemplo de Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 646, p. 14) e Naumburg (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LXXIV, 1937, p. 184) parece insustentável a validez de *T. palliatus vestitus* Lesson, nome sob o qual se tem pretendido separar as populações do sul da Bahia.

Thamnophilus palliatus puncticeps Sclater

Thamnophilus puncticeps Sclater, 1890, Catal. Bds. Brit. Mus., XV, p. 207 (em chave), p. 212: Tilotilo e Consati (norte da Bolívia).

Sudeste do Peru, norte da Bolívia e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (no alto Madeira e no Gi-Paraná).

Thamnophilus nigrocinereus nigrocinereus Sclater

Thamnophilus nigrocinerus Sclater, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 19: rio Tocantins (margem direita do baixo Amazonas).

Margens ambas do baixo Amazonas, de Monte Alegre e Macapá, no norte, e do rio Xingu a Belém, no sul (inclusive as ilhas do estuário).

Thamnophilus nigrocinereus cinereoniger Pelzeln

Thamnophilus cinereoniger Pelzeln, 1868, Orn. Bras., II, pp. 76 e 143: rio Amajaú (pátria do tipo *apud* Hellmayr, 1924).

Sul da Venezuela (alto Orenoco) e Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

Thamnophilus nigrocinereus huberi Snethlage

Thamnophilus huberi Snethlage, 1907, Orn. Monatsber., XV, p. 161: ilha Goiana (na boca do rio Tapajós).

Margem direita do baixo Amazonas, entre os rios Tapajós (margem direita) e Curuá (do sul).

Thamnophilus nigrocinereus tschudii Pelzeln

Thamnophilus Tschudii Pelzeln, 1868, Orn. Bras., II, pp. 76 e 141: Borba (margem direita do baixo Madeira).

Margens ambas do baixo Madeira.

Thamnophilus nigrocinereus cryptoleucus (Mnénégaux & Hellmayr)

Myrmelastes cryptoleucus Ménégaux & Hellmayr, 1906, Bull. Soc. Philom., Paris, (9), VIII, p. 130: Pebas (nordeste do Peru, na margem esquerda do rio Marañon).

Nordeste do Peru e Brasil oeste-amazônico, nas duas margens do alto Solimões.

Sobre a embaraçosa posição sistemática da presente subespécie, cf. J. C. Todd (Proc. Biol. Soc. Wash., XL, 1927, p. 168, em nota) e J. T. Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 646, p. 15, 1933), cujas conclusões receberam o apoio de R. M. de Schauensee (Bds. of South America, 1966, p. 271).

Thamnophilus aethiops polionotus Pelzeln

[*Thamnophilus aethiops* Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 65: rio Napo].

Thamnophilus polionotus Pelzeln, 1868, Orn. Bras., II, p. 77 e 147: Marabitanos (alto rio Negro).

Sul da Venezuela e Brasil oeste-setentrional, dos limites extremos (alto rio Negro) à margem esquerda do rio Solimões.

Thamnophilus aethiops juruanus Ihering

Thamnophilus juruanus Ihering, 1905, Rev. Mus. Paul, VI, p. 439, pl. 16: rio Juruá.

Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões, das margens ambas do rio Juruá à margem ocidental do rio Purus.

Thamnophilus aethiops injunctus Zimmer

Thamnophilus aethiops injunctus Zimmer, 1933, Novit. Zool., n.º 646, p. 17: Rosarinho (margem esquerda do rio Madeira).

Margem direita do baixo Solimões, entre os rios Purus e Madeira.

Thamnophilus aethiops punctuliger Pelzeln

Thamnophilus punctuliger Pelzeln, 1868, Orn. Bras., II, pp. 77 e 146: Borba (margem direita do baixo Madeira).

Margem meridional do médio Amazonas (da margem direita do rio Madeira à esquerda do rio Tapajós), estendendo-se para o sul até o noroeste de Mato Grosso (rio Gi-Paraná, rio Roosevelt).

Thamnophilus aethiops atriceps Todd

Thamnophilus incertus atriceps Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 152: Miritituba (margem direita do rio Tapajós).

Ao sul do baixo Amazonas, da margem direita do Tapajós para leste, até, possivelmente, a margem esquerda do rio Xingu.

Thamnophilus aethiops incertus Pelzeln

Thamnophilus incertus Pelzeln, 1868, Orn. Bras., II, pp. 78 e 149: Pará (= Belém).

Margem direita do baixo Amazonas da margem direita do rio Tocantins para leste, até o norte do Maranhão.

Thamnophilus aethiops distans Pinto

Thamnophilus aethiops distans Pinto, 1954, Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, XII, p. 49: São Miguel dos Campos (sudeste de Alagoas).

Nordeste do Brasil (faixa oriental florestada), nos estados de Pernambuco e Alagoas.

Thamnophilus schistaceus schistaceus d'Orbigny

Thamnophilus schistaceus d'Orbigny, 1837, Voyage Amér. Mérid., Oiseaux, livr. 30, p. 170: próximo de Cochabamba (Bolívia).

Sudeste do Peru, norte da Bolívia, Brasil oeste-setentrional, na alta porção dos rios Purus (Acre) e Madeira (Rondônia).

Thamnophilus schistaceus capitalis Sclater

Thamnophilus capitalis Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. Lond., pp. 65 e 214: rio Napo (leste do Equador).

Porção amazônica da Colômbia e do Equador, nordeste do Peru e Brasil ocidental extremo, ao sul do rio Solimões (alto Juruá).

Thamnophilus schistaceus heterogynus (Hellmayr)

Dysithamnus schistaceus heterogynus Hellmayr, 1907, Novit. Zool., XIV, p. 61: Tefé (margem direita do médio Solimões).

Margens ambas do baixo Solimões, do rio Purus à margem esquerda do rio Madeira.

Thamnophilus schistaceus inornatus Ridgway

Thamnophilus inornatus Ridgway, 1887, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 522: Diamantina (perto de Santarém, na margem direita da boca do Tapajós).

Margem sul do rio Amazonas, da margem direita do baixo Madeira para leste, até o rio Tocantins.

Thamnophilus murinus murinus Sclater & Salvin

Thamnophilus murinus Sclater & Salvin (*ex* Natterer manuscr.), 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., pp. 750 e 756: Barra do rio Negro (pátria típica, por design. de Berl. & Hartert, 1902, Novit. Zool., IX, p. 69).

Sudeste da Colômbia, sul da Venezuela, estendendo-se para leste até o Suriname, e, para o sul, até o leste do Equador e o Brasil amazônico, desde o alto rio Negro até a margem esquerda do baixo Solimões (Manacapuru) e do contíguo trecho do baixo Amazonas (rio Anibá).

Thamnophilus murinus cayennensis Todd

Thamnophilus murinus cayennensis Todd. 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 153: Pied Saut (Guiana Francesa).

Guiana Francesa e adjacente porção do Brasil, estendendo-se para o sul até a margem esquerda do baixo Amazonas (rio Jamundá).

Thamnophilus murinus canipennis Todd

Thamnophilus murinus canipennis Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 153: Tonantins (margem esquerda do rio Solimões).

Nordeste do Peru e Brasil oeste-amazônico, ao norte e ao sul do alto Solimões, desde a fronteira peruana até a margem esquerda do rio Madeira.

Thamnophilus punctatus punctatus (Shaw)

Lanius punctatus Shaw, 1809, General Zoology, VII, (2), p. 327: Caiena (= Guiana Francesa).

Venezuela (excetuada a porção ocidental), Guianas e norte extremo do Brasil (alto rio Branco), estendendo-se para o sul até a margem esquerda do baixo Amazonas (inclusive Manaus) e as ilhas do delta (ilha de Marajó).

Thamnophilus insignis insignis Salvin & Godman

Thamnophilus insignis Salvin & Godman, 1884, Ibis, p. 450: monte Roraima (sudeste da Venezuela).

Sul da Venezuela (território Amazonas, Bolivar), cuja fronteira ultrapassa na faixa limítrofe com o Brasil (monte Roraima).

Incluído na avifauna brasileira por Phelps & Phelps (Av. Soc. Venezol. Ci. Natur., n.º 101, p. 35, ano 1962).

Thamnophilus punctatus saturatus Todd

Thamnophilus punctatus saturatus Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 153: Vila Braga (margem esquerda do Tapajós).

Ao sul do baixo Amazonas, nas margens ambas do rio Tapajós.

Thamnophilus punctatus zimmeri Pinto

Thamnophilus punctatus zimmeri Pinto, 1947, Arquivos de Zoologia (São Paulo), V, p. 446: rio Pracupi (afluente da margem direita do rio Amazonas, a leste do rio Xingu).

Margem direita do baixo Amazonas, entre os rios Xingu e Tocantins.

É muito possível que à presente subespécie pertençam os exemplares da margem direita do baixo Amazonas incluídos por Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 647, p. 13) em *Thamnophilus punctatus stictocephalus* Pelzeln (Orn. Bras., II, 1868, pp. 77 e 146), cujo tipo foi coligido por Natterer, em São Vicente, perto da cidade de Mato Grosso, no alto Guaporé.

Thamnophilus punctatus sticturus Pelzeln

Thamnophilus sticturus Pelzeln, 1868, Orn. Bras., II, pp. 76 e 144: Engenho do Cap. Gama (não longe da cidade de Mato Grosso).

Norte da Bolívia (rio Beni, Santa Cruz) e Brasil centro-ocidental, no oeste de Mato Grosso (alto Madeira, rio Paraguay, rio Guaporé).

Razão deve assistir a Hellmayr (Catal. Bds. Americas, III, 1924, p. 96) quando analisa a estreita semelhança entre as aves da presente subes-

pécie e o tipo de *Thamnophilus stictocephalus* Pelzeln, que dela não seria mais do que uma variação individual (veja-se o que sobre o assunto ficou dito na nota precedente.

Thamnophilus punctatus pelzelni Hellmayr

Thamnophilus punctatus pelzelni Hellmayr, 1924, Catal. Birds of the Amerieas, III, p. 96: Abrilongo (perto de Chapada, Mato Grosso).

Brasil central, nos estados de Mato Grosso (excetuada a porção ocidental), Goiás e Minas Gerais (inclusive o rio Doce), estendendo-se para o norte a todo nordeste do Brasil (do Maranhão a Alagoas e noroeste da Bahia) e, para o sul, até o oeste de São Paulo e Paraná.

E. Naumburg (Bull. Amer. Mus., LXXIV, 1937, p. 189) refere a *Th. p. ambiguus* as aves do trecho mineiro do rio Doce; contudo, a julgar pelo material em mãos, elas em nada diferem das do sul de Goiás.

Thamnophilus punctatus ambiguus Swainson

Thamnophilus ambiguus Swainson, 1825, Zool. Journ., II, p. 91: "Minas Gerais" (concordando com Hellmayr, e considerada pátria típica a região de Campos, no norte do Rio de Janeiro).

Faixa litorânea do Brasil oriental, da Bahia (inclusive o Recôncavo) até o Rio de Janeiro.

Thamnophilus amazonicus amazonicus Sclater

Thamnophilus amazonicus Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 214, pl. 13, fig. 1 e 2: alto Amazonas (= rio Javari).

Alta Amazônia, do sudeste da Colômbia ao nordeste do Peru, norte da Bolívia e Brasil oeste-amazônico, ao norte (Manacapuru) e ao sul do rio Solimões (das fronteiras com o Peru às margens ambas do rio Madeira), estendendo-se para o sul até o noroeste de Mato Grosso (rio Sipotuba).

Merecem ressaltadas neste lugar as considerações tecidas por Kenneth Parkes em seu recente trabalho (Bull. Brit. Orn. Club, 1975, vol. 95, pp. 55-57) em torno de *Thamnophilus amazonicus,* sob o ponto de vista da Nomenclatura.

Thamnophilus amazonicus cinereiceps Pelzeln

Thamnophilus cinereiceps Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), pp. 77 e 145: Marabitanos e rio Uaupés (alto rio Negro).

Sul da Venezuela (alto Orenoco) e Brasil oeste-setentrional (do alto rio Negro à margem esquerda do Solimões (Manacapuru).

O exemplar de Manacapuru, já noticiado há mais de seis lustros (Pinto, em Rev. do Mus. Paulista, XXIII, 1937, p. 567), ainda é a única prova

de que o rio Solimões se inclui na área de distribuição da presente forma, quiçá merecedora de recuperar a sua categoria de espécie independente, não obstante o parecer contrário de Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 647, p. 19) e outros.

Thamnophilus amazonicus obscurus Zimmer

Thamnophilus amazonicus obscurus Zimmer, 1933, Amer| Mus. Novit., n.º 647, p. 17: Tauari (rio Tapajós, margem direita).

Mas margens ambas do rio Tapajós ao rio Xingu (a margem direita inclusive).

Thamnophilus amazonicus paraensis Todd

Thamnophilus amazonicus paraensis Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., L, p. 154: Benevides (nordeste do Pará).

Da Guiana às duas margens do baixo Amazonas, estendendo-se para leste até o Maranhão e, para o sul, alcançando o norte de Goiás.

Thamnophilus caerulescens caerulescens Vieillot
Choca, Choquinha.

Thamnophilus caerulescens Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., III, p. 311 (com base em Azara, Apunt., n.º 213): Paraguay.

Leste do Paraguay e Brasil meridional, no interior de São Paulo (dos seus limites ocidentais à Serra do Mar, inclusive) e no leste de Minas Gerais (rio Doce).

Thamnophilus caerulescens gilvigaster Pelzeln

Thamnophilus gilvigaster Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (20, p. 76, no texto: Curitiba (estado do Paraná).

Nordeste da Argentina, Uruguay e sudeste do Brasil, nos estados de Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e sudeste de São Paulo (a leste da faixa oriental montanhosa).

Thamnophilus caerulescens paraguayensis Hellmayr

Thamnophilus paraguayensis Hellmayr, 1904, Bull. Brit. Orn. Cl., IV, p. 53: Colônia Risso (rio Apa).

Norte do Paraguay (rio Apa) e Brasil meridional, no sudoeste do estado de Mato Grosso (Miranda).

Thamnophilus caerulescens ochraceiventer Snethlage

Thamnophilus ochaceiventer Snethlage, 1928, Journ. f. Orn., LXXVI, p. 585: Ipameri (sul de Goiás).

Brasil central, no sul do estado de Goiás.

Thamnophilus caerulescens albonotatus Spix

Thamnophilus albonotatus Spix, 1825, Av. Nov. Bras., II, p. 27, tab. 37, fig. 2 (o): Brasil (o Rio de Janeiro é aceito como pátria típica).

Faixa oriental montanhosa de sudeste do Brasil, nos estados de Espírito Santo e Rio de Janeiro, de onde se estende à adjacente porção do norte de São Paulo (serra da Baocaina).

Thamnophilus caerulescens pernambucensis Naumburg

Thamnophilus caerulescens pernambucensis Naumburg, 1937, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LXXIV, p. 200: Brejo (leste de Pernambuco).

Faixa oriental do nordeste do Brasil, nos estados de Alagoas e Pernambuco.

Thamnophilus caerulescens cearensis (Cory)

Erionotus cearensis Cory, 1919, Auk, XXXVI, p. 88: Serra de Baturité (norte do Ceará).

Brasil este-setentrional, no estado do Ceará.

Pelo material em mãos (Mus. Zool. da Univ. de São Paulo) parece defensável o reconhecimento de duas formas de *T. caerulescens* no nordeste do Brasil.

Thamnophilus torquatus Swainson

Thamnophilus torquatus Swainson, 1825, Zool. Journ., II, p. 89: Urupê (Bahia, nas proximidades do Recôncavo).

Áreas descobertas do leste da Bolívia, Brasil central (do sul do Pará a Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e norte de São Paulo) e este-setentrional, desde o norte da Bahia (inclusive o Recôncavo) até o Piauí.

Thamnophilus ruficapillus ruficapillus Vieillot

Choca.

Thamnophilus ruficapillus Vieillot, 1816, Nouv. Dict. Hist. Nat., III, p. 318: sem indicação de localidade (Corrientes, pátria típica proposta por Hellmayr, 1924).

Zonas florestadas do nordeste da Argentina (inclusive província de Buenos Aires), Uruguay, sul do Paraguay e Brasil este-meridional (do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo), incluso o sudeste de Minas Gerais.

Gênero **PYGIPTILA** Sclater

Pygiptila Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. London, XXVI, p. 220. Tipo *Thamnophilus maculipennis* Sclater (design. por Sclater, 1890, Catal. Bds. Brit. Mus., XV, p. 217).

Pygiptila stellaris stellaris (Spix)

Thamnophilus stellaris Spix, 1825, Av. Nov. Bras., II, p. 27, tab. 36, fig. 2: "prov. do Pará".

Nordeste da Bolívia e Brasil setentrional ao sul do baixo Amazonas (inclusive a margem direita do rio Madeira), estendendo-se para leste até o norte do Maranhão (Miritiba) e, para o sul, até o norte de Mato Grosso (rio Gi-Paraná).

Pygiptila stellaris purusiana Todd

Pygiptila stellaris purusiana Todd, 1827, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 155: Hiutanaã (rio Purus, margem esquerda).

Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (inclusive as margens ambas do rio Purus).

Pygiptila stellaris occipitalis Zimmer

Pygiptila stellaris occipitalis Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 558, p. 3: rio Casiquiare (sul da Venezuela).

Sudeste da Colômbia e sul da Venezuela, daí se estendendo às Guianas e ao Brasil oeste-setentrional, desde o alto rio Negro até a margem esquerda do rio Solimões.

Gênero **MEGASTICTUS** Ridgway

Megastictus Ridgway, 1909, Proc. Biol. Soc. Wash., XXII, p. 69. Tipo *Myrmeciza margaritata* Sclater (design. original).

Megastictus margaritatus (Sclater)

Myrmeciza margaritata Sclater, 1855, Proc. Zool. Soc. London. p. 253, pl. 71: Chamicuros (Peru).

Sudeste da Colômbia, sul da Venezuela, leste do Peru e Brasil oeste-amazônico, ao norte (rio Negro) e ao sul do rio Solimões (rio Madeira).

Gênero **NEOCTANTES** Sclater

Neoctantes Sclater, 1868, Proc. Zool. Soc. London, p. 572. Tipo *Xenops niger* Pelzeln (monotipia).

Neoctantes niger (Pelzeln)

Xenops niger Pelzeln, 1859, Sitzungsber. Akad. Wissens. Wien, mathem.-naturw. Kl., XXXIV, p. 111: Marabitanos (alto rio Negro).

Alta Amazônia (desde o sudeste da Colômbia ao nordeste do Peru), inclusive o Brasil oeste-setentrional, ao norte (alto rio Negro) e ao sul (até a margem esquerda do Tapajós) do rio Amazonas.

Gênero **DYSITHAMNUS** Cabanis

Dysithamnus Cabanis, 1847, Arch. f. Naturges., XIII, (1), p. 223. Tipo *Myiothera stictothorax* Temminck (design. por Gray, 1855).

Dysithamnus stictothorax (Temminck)

Myothera strictothorax (sic) Temminck, 1823, Nouv. Réc. Pl. Color., livrais. 30, pl. 179, figs. 1 e 2: Brasil (= Bahia, col. Sellow).

Sudeste do Brasil, desde São Paulo (a leste e a oeste da serra) até o Espírito Santo e o leste de Minas Gerais (inclusive o rio Doce).

Dysithamnus mentalis mentalis (Temminck)

Myothera mentalis Temminck, 1823, Nouv. Réc. Pl. Color, livrais. 30, pl. 79, fig. 3: Brasil (= Curitiba, col. Natterer).

Nordeste da Argentina (Misiones), leste do Paraguay e sudeste do Brasil, desde o Rio Grande do Sul até o sul da Bahia (Baixão), inclusive o leste de Minas Gerais (rio Doce).

Dysithamnus mentalis affinis Pelzeln

Dysithamnus affinis Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), pp. 80 e 149: Vila Maria (= São Luiz de Cáceres, Mato Grosso).

Brasil central, em Mato Grosso (o norte excetuado) e no sul de Goiás (inclusive o alto Tocantins).

Dysithamnus mentalis emiliae Hellmayr

Dysithamnus mentalis emiliae Hellmayr, 1912, Abhandl. K. Bayer. Akad. Wissens., mathem.-physik. Kl., XXVI, (2), p. 92, nota 3: Santo Antônio do Prata (leste do Pará).

Brasil este-setentrional, de Alagoas à margem direita do baixo Amazonas (do rio Tocantins para leste) e respectivo estuário.

Dysithamnus xanthopterus Burmeister

Dysithamnus xanthropterus Burmeister, 1856, Syst. Uebers, Th. Brasiliens, III, p. 81: Nova Friburgo (Rio de Janeiro).

Faixa oriental montanhosa do Brasil este-meridional, de São Paulo ao Espírito Santo.

Gênero **THAMNOMANES** Cabanis

Thamnomanes Cabanis, 1847, Arch. Naturges., XIII, (1), p. 230. Tipo *Muscicapa caesia* Temminck (design. de Gray, 1855).

Thamnomanes caesius caesius (Temminck)

Muscicapa caesia Temminck, 1820, Nouv. Rec. Pl. Color, 3.ª livr., pl. 17, fig. 1: Bahia (col. Pr. Wied-Neuwied).

Faixa atlântica do Brasil médio-oriental, do Rio de Janeiro a Pernambuco, inclusive o leste de Minas (rio Doce).

Thamnomanes caesius hoffmannsi Hellmayr

Thamnomanes caesius hoffmannsi Hellmayr, 1906, Bull. Brit. Orn. Club, XVI, p. 53: Santo Antônio do Prata (leste do Pará).

Ao sul do baixo Amazonas, da margem direita do rio Tapajós à região de Belém, estendendo-se para leste até o norte do Maranhão.

Thamnomanes caesius persimilis Hellmayr

Thamnomanes caesius persimilis Hellmayr, 1906, Bull. Brit. Orn. Cl., XVI, p. 53: Tefé (margem direita do rio Solimões).

Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (inclusive o rio Juruá), estendendo-se para leste até a margem esquerda do rio Tapajós.

Thamnomanes ardesiacus ardesiacus (Sclater & Salvin)

Dysithamnus ardesiacus Sclater & Salvin, 1867, Proc. Zool. Soc. London, p. 756 – nome novo para *Dysithamnus schistaceus* Sclater, 1858 (não *Thamnophilus schistaceus* D'Orbigny, 1938); rio Napo (Equador).

Sudeste da Colômbia, leste do Equador, norte do Peru e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (Tefé).

Thamnomanes ardesiacus obidensis (Snethlage)

Dysithamnus ardesiacus obidensis Snethlage, 1914, Orn. Monatsber., XXII, p. 40: Óbidos (margem esquerda do baixo Amazonas).

Norte da América Meridional oeste-setentrional (do leste da Venezuela às Guianas), inclusive o norte do Brasil, desde o território de Roraima até a margem esquerda do baixo Amazonas.

Thamnomanes saturninus saturninus (Pelzeln)

Thamnophilus saturninus Pelzeln (*ex* Natterer MS), 1878, Orn. Brasiliens, (2), pp. 77 e 147, em parte (consoante designação de Hellmayr, 1903): Borba (margem direita do baixo Madeira).

Brasil oeste-amazônico, ao norte (Tocantins) e ao sul (do rio Purus para leste) do rio Solimões e vizinha porção do baixo Amazonas (inclusive a margem esquerda do rio Tapajós).

Thamnomanes saturninus huallagae (Cory)

Cercomacra huallagae Cory, 1916, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Orn. Ser., I, p. 338: Lagunas (baixo Huallaga, Peru).

Nordeste do Peru (ao sul do rio Marañon) e Brasil ocidental extremo, ao sul do rio Solimões (rio Juruá).

Sobre a identidade da subespécie que ocorre no alto rio Juruá cf. N. Gyldenstolpe, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, n.º 3, p. 174 (1945).

Thamnomanes plumbeus plumbeus (Wied)

Myiothera plumbea Wied, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, (2), p. 1080: sem indicação de localidade (= sudeste do Brasil).

Brasil este-meridional, do Rio de Janeiro ao sul da Bahia, inclusive o leste de Minas Gerais (rio Doce).

Thamnomanes glaucus glaucus Cabanis

Thamnomanes glaucus Cabanis, 1847, Arch. f. Naturges., XIII, (1), p. 230: Caiena.

Norte da América Meridional cisandina, na porção amazônica da Colômbia, do Equador e do Peru, estendendo-se para leste até as Guianas e ao Brasil setentrional, desde as suas fronteiras com estas últimas (território de Roraima) até a margem esquerda do rio Solimões (Codajás) e do baixo Amazonas (inclusive o rio Negro).

Thamnomanes glaucus simillimus Gyldenstolpe

Thamnomanes glaucus simillimus Gyldenstolpe, 1951, Arkiw. f. Zoologi, II, (1), p. 190: Lábrea (alto Purus, margem direita).

Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (alto Purus).

Thamnomanes schistogynus Hellmayr

Thamnomanes caesius schistogynus Hellmayr, 1911, Rev. Franç. d'Orn., II, p. 25: San Mateo (Cochabamba, Bolívia).

Alta Amazônia, do sudeste do Peru e norte da Bolívia ao Brasil amazônico, ao sul do rio Solimões (na alta porção dos rios Juruá e Purus).

Sobre *Thamnomanes schistogynus* como espécie independente cf. N. Gyldenstolpe, Ark. f. Zoologi, Bd. 2, n.º 1, p. 190 (1951).

Gênero **MYRMOTHERULA** Sclater

Myrmotherula Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. London, XXVI, p. 234. Tipo *Muscicapa pygmaea* Gmelin (= *Muscicapa brachyura* Hermann), por subseqüente designação de Sclater (Catal. Bds. Brit. Mus., XV, 1890, p. 229).

Myrmotherula brachyura brachyura (Hermann)

Muscicapa brachyura Hermann, 1783, Tab. Affin. Anim., p. 229: Caiena (= Guiana Francesa).

Porção amazônica da Colômbia, do Equador e do Peru, sul da Venezuela, Guianas e Brasil oeste-setentrional, ao norte e ao sul do rio Solimões (rio Uaupés, rio Juruá) e do baixo Amazonas (Itacoatiara, Óbidos, rio Tapajós, rio Tocantins).

Myrmotherula obscura Zimmer

Myrmotherula obscura Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 523, p. 2: boca do rio Curaray (leste do Equador).

Alta Amazônia (do sudeste da Colômbia ao nordeste do Peru), estendendo-se para leste até o Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (Tefé).

Myrmotherula sclateri sclateri Snethlage

Myrmotherula sclateri Snethlage, 1912, Orn. Monatsber., XX, p. 153: Boim (rio Tapajós, margem esquerda).

Margem direita do baixo Amazonas (margens ambas do rio Tapajós).

Myrmotherula sclateri kermitii Cherrie

Myrmotherula kermitii Cherrie, 1916, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. XXV, p. 184: Barão de Melgaço (rio Gi-Paraná).

Noroeste de Mato Grosso, na alta bacia do rio Madeira (rio Gi--Paraná).

A inclusão aqui da presente subespécie decorre do que a respeito dela diz R. M. Schauensee em seu precioso catálogo (Birds of South America, 1966, p. 276).

Myrmotherula ambigua Zimmer

Myrmotherula ambigua Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 523, p. 5: Playa del Rio Base (nas faldas do monte Duida).

Sudeste da Colômbia, sul da Venezuela e adjacente porção do Brasil oeste-setentrional extremo (rio Uaupés).

Myrmotherula surinamensis surinamensis (Gmelin)

Sitta surinamensis Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, pte. 1, p. 442: Suriname.

Leste da Venezuela (alto Orenoco), Guianas e Brasil setentrional, desde os seus extremos limites (rio Branco) até a margem esquerda do baixo Amazonas.

Myrmotherula surinamensis multostriata Sclater

Myrmotherula multostriata Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVI, p. 234, pl. 141, figs. 2 e 3: rio Ucayali (nordeste do Peru).

Leste da Colômbia, sul da Venezuela (território Amazonas), nordeste do Peru e Brasil oeste-setentrional, nas margens ambas do rio Solimões e na direita do baixo Amazonas, estendendo-se para leste até a região de Belém e, para o sul, até a alta porção dos afluentes meridionais do primeiro.

Myrmotherula klagesi Todd

Myrmotherula klaglesi Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 155: Santarém (boca do Tapajós, margem direita).

Margem direita (baixo Tapajós) e esquerda (Faro, Óbidos) do trecho médio do baixo Amazonas.

Myrmotherula cherriei Berlepsch & Hartert

Myrmotherula cherriei Berlepsch & Hartert, 1902, Novit. Zool., IX, p. 72: Perico (alto Orenoco).

Sudeste da Colômbia, sul da Venezuela e adjacente porção do Brasil amazônico (alto rio Negro).

Myrmotherula guttata (Vieillot)

Myrmothera guttata Vieillot (por volta de 1825), Galerie d'Oiseaux, p. 255, pl. 155: Caiena.

Sul da Venezuela, Guianas e adjacente porção do norte extremo do Brasil (Amapá), estendendo-se para o sul até a margem esquerda do baixo Amazonas (inclusive Manaus).

Myrmotherula hauxwelli hauxwelli (Sclater)

Formicivora hauxwelli Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., XXV, p. 131, pl. 126, fig. 2: Chamicuros (nordeste do Peru).

Nordeste do Peru (ao sul do rio Marañon) e Brasil oeste-amazônico. na margem direita do rio Solimões (Tefé), estendendo-se até a alta porção dos rios Juruá e Purus.

Myrmotherula hauxwelli clarior Zimmer

Myrmotherula hauxwelli clarior Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 523, p. 12: Vila Bela Imperatriz (= Parintins).

Margem sul do curso médio do rio Amazonas (da margem direita do Madeira à esquerda do Xingu), estendendo-se para o sul ao longo do rio Madeira (rio Roosevelt), até o norte da Bolívia (rio Beni).

Sobre as relações da presente subespécie com a forma típica, cf. Gyldenstolpe, Arkiv for Zoologi, 2.ª série, II, p. 193 (1951).

Myrmetherula hauxwelli hellmayri Snethlage

Myrmotherula hauxwelli hellmayri Snethlage, 1906, Orn. Monatsb., XIV, p. 9: sem indicação de localidade (= Belém, ou cercanias).

Margem direita do estuário amazônico (Belém, Capanema).

Myrmotherula gularis (Spix)

Thamnophilus gularis Spix, 1825, Av. Nov. Bras., II, p. 30. tab. 41, fig. 2: sem indicação de localidade (Rio de Janeiro, pátria típica designada por Hellmayr, 1924).

Faixa atlântica do Brasil este-meridional (inclusive a cadeia de montanhas que a delimita), desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul.

Myrmotherula gutturalis Sclater & Salvin

Myrmotherula gutturalis Sclater & Salvin, 1881, Ibis, p. 269: Bartica Grove (Guiana, inglêsa).

Norte da América Meridional, do sudeste da Venezuela à Guiana Francesa, estendendo-se pela adjacente porção do norte do Brasil (Amapá) até a margem esquerda do baixo Amazonas.

Myrmotherula leucophthalma leucophthalma (Pelzeln)

Formicivora leucophthalma Pelzeln, 1868, Orn. Brasil. II, pp. 83 e 155: Salto do Girau (alto Madeira).

Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (do alto Juruá ao rio Madeira), estendendo-se para o sul até a porção confinante de Mato Grosso (rio Gi-Paraná).

As relações de *Myrmotherula leucophthalma* com as suas próximas afins foram discutidas por J. T. Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 523, p. 16).

Myrmotherula leucophthalma phaeonota Todd

Myrmotherula haematonota phaeonota Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 157: vila Braga (rio Tapajós, margem esquerda).

Margem direita do médio Amazonas, da margem direita do rio Madeira à margem esquerda do Tapajós.

Myrmotherula leucophthalma sordida Todd

Myrmotherula leucophthalma sordida Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XI, p. 156: Santarém (colônia do Mojuí).

Margem sul do baixo Amazonas (da margem direita do Tapajós às ilhas do estuário amazônico).

Myrmotherula haematonota pyrrhonota Sclater & Salvin

[*Myrmotherula haematonota* Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., XXV, p. 48: Chamicuros (Peru)].

Myrmotherula pyrrhonota Sclater & Salvin, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 160: Guiana Francesa (Oyapock) e alto rio Negro (Marabitanos, design. como localidade típica por Hellmayr, 1924).

Norte da América Meridional (do sudeste da Colômbia à Guiana Francesa), estendendo-se para o sul até a margem norte do rio Solimões e, para leste, até o Amapá.

Myrmotherula haematonota amazonica Ihering

Myrmotherula pyrrhonota amazonica Ihering, 1905, Rev. Mus. Paul., VI, p. 440: rio Juruá.

Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões, na alta porção de seus afluentes meridionais (do alto Juruá à margem esquerda do alto Madeira).

Myrmotherula ornata hoffmannsi Hellmayr

[*Myrmotherula ornata* Sclater, 1853, Rev. Magaz. Zool., 2.ª série, V, p. 480: Nova Granada (= Colômbia)].

Myrmotherula ornata hoffmannsi Hellmayr, 1906, Brit. Orn. Club, VI, p. 84: Itaituba (rio Tapajós, margem esquerda).

Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Amazonas, desde o rio Madeira até o rio Tocantins.

Myrmotherula erythrura erythrura Sclater

Myrmotherula erythrura Sclater, 1890, Catal. Bds. Brit. Mus., XV, pp. 230 (em chave) e 236, pl. 15: rio Napo (leste do Equador).

Alta Amazônia (do leste da Colômbia ao nordeste do Peru), inclusive o Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

Myrmotherula erythrura septentrionalis Zimmer

Myrmotherula erythrura septentrionalis Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 524, p. 4: Santa Rosa (rio Ucayali, Peru).

Nordeste do Peru e Brasil oeste-amazônico, na margem direita do rio Solimões (Tefé), estendendo-se para o sul ao alto Juruá.

Myrmotherula erythronota (Hartlaub)

Formicivora erythronotos Hartlaub, 1852, Rev. Magaz. Zool., (2), IV, p. 4: Brasil (o Rio de Janeiro é tido como pátria típica).

Brasil este-meridional, do Rio de Janeiro (Nova Friburgo) ao Espírito Santo (*fide* A. Ruschi).

Myrmotherula axillaris axillaris (Vieillot)

Myrmothera axillaris Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., XII, p. 113: Guiana (= G. Francesa).

Norte e leste da Venezuela, Guianas e norte do Brasil, nas margens ambas do baixo Amazonas e do baixo Solimões (Codajás, baixo rio Negro, rio Madeira), estendendo-se para leste até a região de Belém (inclusive o rio Capim) e o norte do Maranhão.

Myrmotherula axillaris melaena (Sclater)

Formicivora melaena Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., XXV, p. 130: Bogotá (norte da Colômbia).

América oeste-setentrional cisandina, da Colômbia e do leste do Equador ao nordeste do Peru e ao sul da Venezuela, estendendo-

-se para leste até os confins oeste-setentrionais do Brasil (alta porção do rio Negro) e alcançando as margens ambas do Solimões (Tefé).

As aves do alto rio Branco (rio Mucajaí) pendem mais para a presente subespécie do que para a forma típica.

Myrmotherula axillaris heterozyga Zimmer

Myrmotherula axillaris heterozyga Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 524, p. 7: Santa Rosa (alto Ucayali, Peru).

Leste do Peru (alta porção dos afluentes meridionais do rio Marañn) e Brasil-oeste-amazônico, na alta porção do rio Juruá.

Parece discutível a validez da presente subespécie, ou, pelo menos, a extensão de sua área à Amazônia brasileira.

Myrmotherula axillaris luctuosa Pelzeln

Myrmotherula luctuosa Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), pp. 82 e 153: Bahia (Sellow col.).

Brasil oriental, da Paraíba ao Rio de Janeiro, incluso o leste de Minas Gerais (rio Doce).

Myrmotherula longipennis longipennis Pelzeln

Myrmotherula longipennis Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), pp. 82 e 153: Marabitanos (alto rio Negro).

Alta Amazônia (do sudeste da Colômbia ao nordeste do Peru, sul da Venezuela (alto Orenoco), Guianas e Brasil norte-amazônico, desde os seus limites setentrionais (alto rio Negro, Amapá) até a margem esquerda do baixo Amazonas.

Myrmotherula longipennis garbei Ihering

Myrmotherula garbei Ihering, 1905, Rev. Mus. Paul., VI, p. 441, pl. 15, fig. 1, rio Juruá (sudeste do Amazonas).

Nordeste do Peru (ao sul do rio Marañon) e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (da fronteira peruana às margens ambas do rio Purus).

Myrmotherula longipennis transitiva Hellmayr

Myrmotherula longipennis transitiva Hellmayr, 1929. Journ. f. Ornithol., vol. 2, Hartert Festschr., p. 47: Maruins (margem esquerda do rio Gi-Paraná).

Margem direita do alto Madeira e respectivos tributários (rio Roosevelt, rio Gi-Paraná).

Myrmotherula longipennis ochrogyna Todd

Myrmotherula ochrogyna Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 157: Vila Braga (margem esquerda do rio Tapajós).

Ao sul do médio Amazonas (da margem direita do baixo Madeira à esquerda do baixo Tapajós).

Myrmotherula longipennis paraensis (Todd)

Myrmopagis paraensis Todd, 1920, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXIII, p. 73: Benevides (leste do Pará).

Margem direita do baixo Amazonas, da margem direita do Tapajós para leste, até a região de Belém e convizinhanças (rio Guamá, Benevides).

Myrmotherula minor Salvadori

Myrmotherula minor Salvadori, 1867, Atti Soc. Ital. Sci. Nat., VII, p. 157: Brasil (aceitando-se o sudeste do Brasil como pátria do tipo).

Nordeste do Peru (Iquitos, Sarayacu), Brasil oeste-amazônico (rio Purus) e este-meridional (na faixa atlântica), do Espírito Santo a São Paulo.

J. T. Zimmer (Amer. Mus. Novit., 1932, n.º 524, p. 14) admitia a hipótese, aliás muito plausível, de pertencerem as populações da Amazônia a subespécie particular.

Myrmotherula iheringi iheringi Snethlage

Myrmotherula iheringi Snethlage, 1914, Orn. Monatsb., XXII, p. 41: Boim (rio Tapajós, margem esquerda).

Margem direita do baixo Amazonas, a oeste do rio Tapajós.

Myrmotherula iheringi heteroptera Todd

Myrmotherula iheringi heteroptera Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. of Washington, XL, p. 158: Hiutanaã (rio Purus, margem esquerda).

Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (do rio Juruá às margens ambas do rio Madeira), estendendo-se para o sul até o noroeste de Mato Grosso).

Myrmotherula unicolor (Ménétriès)

Myrmotherula unicolor Menétriès, 1835, Mém. Acad. Nat. Sci. S. Pétersburg, 6.ª ser., II, pte. 2, p. 480, pl. 4, fig. 1: sem indi-

cação de localidade (pátria típica Rio de Janeiro, design. por Hellmayr, 1924).

Brasil este-meridional, ao longo da faixa atlântica (do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul).

Myrmotherula behni yavii Zimmer & Phelps

[*Myrmotherula behni* Berlepsch & Leverkühn, 1890, Ornis, VI, p. 25, pl. 1, fig. 2: Bogotá].

Myrmotherula behni yavii Zimmer & Phelps, 1948, Amer. Mus. Novit., n.º 1373, p. 6: monte Yaví (territ. Amazonas, Venezuela).

Myrmotherula behni camanii F. Novaes, 1965, Bol. Mus. Paraense, nov. ser., n.º 54, p. 2: posto Parima, prox. da fronteira com a Venezuela).

Myrmotherula behni yavii W. Phelps, Jr., 1973, Bol. Soc. Venezol. Ci. Nat. XXX, p. 29: monte da Neblina.

Sul extremo da Venezuela (Território Amazonas), estendendo-se até a porção montanhosa fronteiriça do Brasil (monte da Neblina).

Myrmotherula urosticta Sclater

Myrmotherula urosticta Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. London, p. 130, pl. 126, fig. 1: leste do Brasil (= Humildes, proxim. de Santo Amaro, Bahia).

Brasil médio-oriental, do sul da Bahia (inclusive a região do Recôncavo) ao Espírito Santo e leste de Minas Gerais (São Benedito).

Myrmotherula menetriesii menetriesii (d'Orbigny)

Myrmothera Menetriesii d'Orbigny, 1837, Voyage a l'Amérique Méridionale, Oiseaux, livr. 30, p. 184: Yuracares (Bolívia).

Leste do Peru (ao sul do Marañon), norte da Bolívia e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (para leste, provávelmente, até a margem esquerda do rio Madeira).

Myrmotherula menetriesii berlepschi Hellmayr

Myrmotherula berlepschi Hellmayr, 1903, Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIII, p. 211 (Salto do Girau, no alto Madeira).

Alto rio Madeira (inclusive os grandes afluentes da margem direita), estendendo-se para leste até a margem esquerda do rio Tapajós.

Myrmotherula menetriesii omissa Todd

Myrmotherula menetriesii omissa Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 158: Benevides (leste do Pará, próximo de Belém).

Ao sul do baixo Amazonas, da margem direita do rio Tapajós para leste, até o norte do Maranhão (inclusive a região de Belém).

Em sua revisão das variedades geográficas de *Myrmotherula menetriesii* refere F. Novaes (Bol. Mus. Paraense E. Goeldi (Zoologia, n.° 54, pp 2-6) a *M. m. omissa* as populações de ambas as margens do rio Tapajós

Myrmotherula menetriesii pallida Berlepsch & Hartert

Myrmotherula cinereiventris pallida Berlepsch & Hartert, 1902, Novit Zool., IX, p. 74: Nericagua (Venezuela, rio Orenoco).

Alta Amazônia (do leste da Colômbia ao nordeste do Peru), sul da Venezuela e Brasil oeste-setentrional, desde o alto rio Negro até a margem esquerda do rio Solimões.

Myrmotherula menetriesii cinereiventris Sclater & Salvin

Myrmotherula cinereiventris Sclater & Salvin, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 756: Caiena (localidade típica) e Suriname.

Leste da Venezuela, Guianas e norte do Brasil, desde a região a estas adjacente até o baixo Amazonas (ambas as margens), de onde se estende ao norte do Maranhão (Turiaçu).

Myrmotherula assimilis assimilis Pelzeln

Myrmotherula assimilis Pelzeln, 1868, Orn. Bras., pp. 81 e 152: Borba, Pojares e rio Amajaú (sendo este último a pátria do tipo segundo Hellmayr, 1924, Catal. Bds. Americas, III, p. 165).

Nordeste do Peru (rio Marañon), norte da olívia (rio Beni) e Brasil oeste-setentrional, ao norte e ao sul do rio Solimões estendendo-se para leste até as margens ambas dos rios Negro e Madeira.

Myrmotherula assimilis transamazonica Gyldenstolpe

Myrmotherula assimilis transamazonica Gyldenstolpe, 1951, Arkiv f. Zoologi, II, (1), p. 198: ilha de Urucurituba (baixo Tapajós, margem esquerda).

Margem ambas do baixo Tapajós e fronteiriço trecho da margem norte do rio Amazonas (lago Cuipeva, igarapé Boiuçu).

Gênero **DICHROZONA** Ridgway

Dichrozona Ridgway, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 524. Tipo *Dichrozona zononota* Ridgway (design. original).

Dichrozona cincta cincta (Pelzeln)

Cyphorhinus (Microcerculus) cinctus Pelzeln, 1868, Orn. Bras., pp. 47 e 63: Borba (margem direita do baixo Madeira) e São Joaquim (no alto rio Negro), que é a localidade típica (por design. de Hellmayr, 1924, op. cit., p. 165).

Sudeste da Colômbia, sul da Venezuela (alto Orenoco) e noroeste extremo do Brasil (alto rio Negro).

Dichrozona cincta stellata (Sclater & Salvin)

Hypocnemis stellata Sclater & Salvin, 1880, Proc. Zool. Soc. of London, p. 160: Sarayacu (leste do Equador).

Leste do Equador, nordeste do Peru e Brasil oeste-setentrional, ao sul do alto Solimões, estendendo-se para leste até a margem esquerda do rio Purus.

Dichrozona cincta zononota Ridgway

Dichrozona zononota Ridgway, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 524: Diamantina (margem direita do Tapajós, prox. de Santarém).

Norte da Bolívia e Brasil amazônico, ao sul do rio Solimões (da margem direita do Purus para leste) e do baixo Amazonas, até as margens ambas do rio Tapajós.

Gênero **MYRMORCHILUS** Ridgway

Myrmorchilus Ridgway, 1909, Proc. Biol. Soc. Wash., XXII, p. 69. Tipo *Myiothera strigilata* Wied (design. original).

Myrmorchilus strigilatus strigilatus Wied

Myiothera strigilata Wied, 1831, Beitr. Naturges. v. Brasilien, III, (2), p. 1064: Bahia (no sertão meridional).

Áreas descobertas do nordeste do Brasil, desde o Piauí até o interior da Bahia.

Myrmorchilus strigilatus suspicax Wetmore

Myrmorchilus strigilatus suspicax Wetmore, 1922, Journ. Wash. Acad. Sci., XII, p. 327: riacho Pilaga (Formosa, Rep. Argentina).

Norte da Argentina, Paraguay, sul da Bolívia e sudoeste de Mato Grosso (rio Paraguai).

Gênero **HERPSILOCHMUS** Cabanis

Herpsilochmus Cabanis, 1847, Arch. f. Naturges., XIII, (1), p. 224. Tipo *Myiothera pileata* Lichtenstein (design. de Gray, 1855).

Herpsilochmus pileatus pileatus (Lichtenstein)

Myiothera pileata Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 44: Bahia.

Interior do nordeste do Brasil, desde a Bahia até o Maranhão.

Herpsilochmus pileatus atricapillus Pelzeln

Herpsilochmus atricapillus Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), pp. 80 e 150: Porto do rio Paraná (= rio Grande).

Norte da Argentina, leste da Bolívia, Paraguay, Brasil este-meridional (oeste de São Paulo, sul de Minas Gerais) e central (sul de Goiás e de Mato Grosso).

A distribuição a atribuir-se a cada uma das duas subespécies correntemente admitidas em *Herpsilochmus pileatus* só pode ser muito esquemática, dada a grande divergência dos autores a este respeito, bastando lembrar que E. Naumburg (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LXVI, pp. 244-6) chegara a advogar para elas a categoria de boas espécies. Contudo, não parece impossível que se trate de uma espécie monotípica, eminentemente variável.

Herpsilochmus sticturus Salvin

Herpsilochmus sticturus Salvin, 1885, Ibis, p. 424: Bartica Grove e Camacusa (Guiana, inglêsa).

Sul da Venezuela, Guianas e adjacente porção do Brasil, estendendo-se para o sul até a margem esquerda do baixo Amazonas (Óbidos).

Herpsilochmus dorsimaculatus Pelzeln

Herpsilochmus dorsimaculatus Pelzeln (*ex* Natterer MS), 1868, Orn. Bras., (2), pp. 80 e 151: Marabitanos (localidade típica) e rio Uaupés.

Sul da Venezuela (alto Orenoco) e Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

Herpsilochmus roraimae Hellmayr

Herpsilochmus roraimae Hellmayr 1903, Verh. Zool. Bot. Gesells., Wien, LIII, p. 208: monte Roraima (sul da Guiana, inglesa).

Sudeste da Venezuela, sul da Guiana (inglêsa) e vizinha região do norte extremo do Brasil (alto rio Cotingo).

Herpsilochmus pectoralis Sclater

Herpsilochmus pectoralis Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. London, XXV, p. 132: sem indicação de localidade (pátria típica Bahia, por design. de Hellmayr, 1924).

Zona costeira do Brasil este-setentrional, da Bahia (incluhive o Recôncavo) ao Maranhão (não registrado nos estados intermédios).

Herpsilochmus longirostris Pelzeln

Herpsilochmus longirostris Pelzeln (*ex* Natterer MS), 1868, Orn. Bras., (2), pp. 80 e 151: porto do rio Paraná (= rio Grande).

Brasil meridional (Paraná e São Paulo) e central (não registrado em Minas), inclusive o sul do Piauí.

Herpsilochmus rufimarginatus rufimarginatus (Temminck)

Myiothera rufimarginata Temminck, 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., livr. 22, pl. 132: "Brésil" (pátria típica Rio de Janeiro, design. por Hellmayr, 1924).

Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay e Brasil este-meridional, do norte do Paraná (Porto Marcondes) ao Espírito Santo e leste de Minas Gerais (rio Doce).

Herpsilochmus rufimarginatus scapularis Wied

Myiothera scapularis Wied (*ex* Lichtenstein MS), 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, (2), p. 1083: Bahia.

Nordeste do Brasil (da Bahia à Paraíba).

Incertos os limites meridionais da área de distribuição da presente subespécie, à qual E. Naumburg (Bull. Amer. Mus. Nat., Hist., LXXVI, p.

248) refere as aves de Espírito Santo e Minas. Em todo o caso, exemplares de Alagoas e Paraíba diferem gritantemente dos de São Paulo (cf. Pinto, Arquivos de Zoologia, XI, p. 248).

Herpsilochmus rufimarginatus frater Sclater & Salvin

Herpsilochmus frater Sclater & Salvin, 1880, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 159: Sarayacu (leste do Equador).

Alta Amazônia (da Colômbia ao norte do Peru e da Bolívia), Venezuela e Brasil setentrional, na margem direita do baixo Amazonas, estendendo-se para o sul até o norte de Mato Grosso e, para leste, até a região de Belém (inclusive as ilhas do delta) e o norte do Maranhão.

Gênero **MICRORHOPIAS** Sclater

Microrhopias Sclater, 1862, Cat. Coll. Amer. Birds, p. 82. Tipo *Thamnophilus quixensis* Cornalia (design. por Sclater, 1890, Catal. Bds. Brit. Museum, XV, p. 248).

Microrhopias quixensis bicolor (Pelzeln)

[*Thamnophilus quixensis* Cornalia, 1849, Vertebr. Synopsis Mus. Mediol. extant. Osculati coll., p. 12: leste do Equador].

Formicarius bicolor Pelzeln (Natterer MS), 1868, Orn. Bras., (2), pp. 84 e 156: engenho do Gama (rio Guaporé).

Norte da Bolívia (rio Beni) e Brasil oeste-setentrional, ao sul do baixo Solimões e do contíguo trecho do baixo Amazonas (inclusive a margem esquerda do rio Tapajós), estendendo-se para o sul até o norte de Mato Grosso (rio Guaporé).

Microrhopias quixensis intercedens Zimmer

Microrhopias quixensis intercedens Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 538, p. 5: Sarayacu (rio Ucayali), Peru.

Nordeste do Peru (ao sul do rio Marañon) e Brasil oeste-amazônico, ao sul do alto Solimões (rio Purus).

A respeito desta raça pronunciou-se N. Gyldenstolpe, ao estudar exemplares do baixo Purus (Ark. f. Zoologi, II, (1), pp. 199-200).

Microrhopias quixensis emiliae Chapman

Microrhopias emiliae Chapman, 1921, Amer. Mus. Novit., n.º 2, p. 3: Altamira (rio Xingu, margem esquerda).

Margem direita do baixo Amazonas, do rio Tapajós (ambas as margens) ao rio Tocantins.

A coexistência de *M. bicolor* e *M. emiliae* na margem esquerda, ou ocidental, do rio Tapajós (Urucurituba) reforça a suposição, aventada por Schauensee (Bds. S. America, p. 282), de serem especificamente distintas.

Gênero FORMICIVORA Swainson

Formicivora Swainson, 1825, Zool. Journ. II, (2), p. 145. Tipo *Formicivora nigricollis* Swainson (= *Turdus griseus* Boddaert), design. por Gray, 1840.

Neorhopias Hellmayr, 1920, Anzeiger Orn. Bayern, III, p. 20. Tipo *Formicivora iheringi* Hellmayr (design. original). O nome foi cancelado em face da resolução que nega a homonimia entre *Formicivorus* Temminck, 1907, e *Formicivora* Swainson, 1825.

Formicivora iheringi Hellmayr

Formicivora iheringi Hellmayr, 1909, Rev. Franç. d'Ornithol., I, (7), p. 98: Vila Nova (= Bonfim, norte da Bahia).

Interior da Bahia (na porção este-sententrional).

Formicivora grisea grisea (Boddaert)

Turdus griseus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 39: Caiena (= Guiana Francesa).

Guianas e Brasil, nos seus limites setentrionais extremos (do Amapá ao alto rio Negro) até as margens esquerda (rio Trombetas) e direita (inclusive o rio Madeira) do baixo Amazonas estendendo-se para o sul até o norte de Mato Grosso e Goiás, e, para leste, até o nordeste brasileiro, em todos os estados, desde o Maranhão até o sul da Bahia (Caravelas).

Formicivora grisea deluzae Ménétriès

Formicivora deluzae Ménetriès, 1835, Mém. Acad. Sci. St. Petersburg (6.ª série), III, (2), p. 484, pl. 5, fig. 2: Rio de Janeiro (não longe da Serra dos Órgãos).

Sul do Brasil, na faixa atlântica do estado do Rio de Janeiro (e quiçá do Espírito Santo).

Formicivora serrana Hellmayr

Formicivora serrana Hellmayr, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., vol. XII, p. 377, em nota: Sete Lagoas (sudeste de Minas Gerais)

Brasil este-meridional, do Espírito Santo e leste de Minas Gerais (rio Doce) ao Rio de Janeiro (rio Paraíba).

Formicivora melanogaster melanogaster Pelzeln

Formicivora melanogaster Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), pp. 83 e 154: cidade de Goiás (no estado do mesmo nome).

Leste da Bolívia e Brasil central (Mato Grosso, Goiás, oeste de São Paulo).

Formicivora melanogaster bahiae Hellmayr

Formicivora melanogastra bahiae Hellmayr, 1909, Bull. Brit. Orn. Club, XXIII, p. 65: Lamarão (Bahia).

Brasil este-setentrional, do Piauí a Alagoas e norte da Bahia (rio Preto).

Formicivora rufa rufa (Wied)

Myiothera rufa Wied, 1831, Beitr. Naturg. Brasilien, III, (2), p. 1095: interior da Bahia.

Brasil oriental (inclusive Minas e Goiás), desde o Rio de Janeiro até a margem direita do baixo Amazonas (rio Tapajós).

Formicivora rufa rufatra (Lafresnaye & d'Orbigny)

Thamnophilus rufater Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av. I, em Magaz. Zool., VII, el. 2, p. 12: Moxos (leste da Bolívia).

Leste da Bolívia, Brasil centro-ocidental (Mato Grosso) e este-meridional (oeste de São Paulo).

Tratando das variações geográficas em *Formicivora rufa*, discorda Zimmer (Amer. Mus. Novit., n.º 538, pp. 8-9) de Hellmayr, defendendo a validade da *F. rufa chapmani* Cherrie (tipo do baixo Tapajós) e negando-a a *F. r. rufatra*. O tratamento aqui dispensado ao difícil problema decorre do estudo de copiosa coleção (mais de 70 exemplares), em que se tomou principalmente como base a estriação das partes inferiores das fêmeas.

Gênero **DRYMOPHILA** Swainson

Drymophila Swainson, 1824, Zool. Journ., I, p. 302 (só a diagnose). Tipo *Drymophila variegata* Such, 1825 (= *Myiothera ferruginea* Temm.), por monotipia.

Drymophila ferruginea (Temminck)

Myiothera ferruginea Temminck, 1822, Nouv. Réc. Pl. color., livr. 22, pl. 132, fig. 3: Brasil (Rio de Janeiro, pátria típica design. por Hellmayr, 1924, p. 195).

Nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay e sudeste do Brasil (do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul).

Drymophila genei (de Filippi)

Formicivora Genei de Filippi, 1847, Mus. Mediol. Anim. Vert., cl. 2, Aves, pp. 9 e 31: Brasil (pátria provável do tipo, Rio de Janeiro).

Campos da faixa oriental montanhosa de sudeste do Brasil, no Rio de Janeiro (Itatiaia) e adjacentes porções de São Paulo (serra da Bocaina) e Minas Gerais.

Drymophila ochropyga (Hellmayr)

Formicivora ochropyga Hellmayr (*ex* Pelzeln, 1874, nom. nud.), 1906, Abhandl. Bayer. Akad. Wissens, Kl. 2, XXII, (3), p. 663 — nome novo para *Formicivora striata* Sclater, 1890 (não Spix, 1825): Ipanema (São Paulo).

Faixa oriental florestada do Brasil este-meridional, nos estados de São Paulo (Alto da Serra), Rio de Janeiro (Terezópolis, Itatiaia) e Minas Gerais (serra do Caparaó).

Drymophila devillei subochracea Chapman

[*Formicivora devillei* Ménégaux & Hellmayr, 1906, Bull. Soc. Philom. de Paris (9.ª ser.), VIII, p. 38: Cuzco (sudeste do Peru)].

Drymophila devillei subochraceus (sic) Chapman, 1921, Amer. Mus. Novit., n.º 2, p. 4: rio Curuá (tributário do Iriri, afluente do Xingu).

Sul do baixo Amazonas, a oeste do rio Xingu (rio Curuá).

Drymophila malura Temminck

Myiothera malura Temminck (*ex* Natterer MS), 7825, Nouv. Réc. Dl. Color., livr. 59, pl. 353, fig. 1: Ipanema (São Paulo).

Paraguay, nordeste da Argentina (Misiones) e sudeste do Brasil, do Rio de Janeiro (serra do Mar) ao Rio Grande do Sul (Farroupilha).

Drymophila squamata (Lichtenstein)

Myiothera squamata Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 44: Bahia.

Faixa litorânea do Brasil oriental, desde a Bahia (do Recôncavo para o sul) até o sul de São Paulo, inclusive o leste de Minas Gerais (rio Doce).

Ao inverso do que acontece com as aves da Bahia, em que é regra apresentarem o alto do píleo denegrido, sem mácula, nas do Espírito Santo, para o sul a abundância de pintas brancas é constante, justificando talvez sua separação. Neste caso *F. squamata stictocorypha* Boucard & Berlepsch, 1892 (The Humming Bird, II, n.º 6, p. 44) seria o nome cabível para as últimas.

Gênero **TERENURA** Cabanis & Heine

Terenura Cabanis & Heine, 1859, Mus. Hein., II, p. 11. Tipo *Myiothera maculata* Wied (monotipia).

Terenura maculata (Wied)

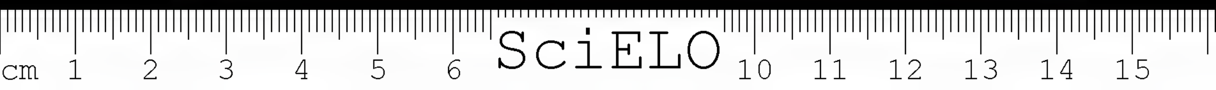
Myiothera maculata Wied, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, (2), p. 1088: sem indicação de localidade (= sudeste do Brasil, o Rio de Janeiro havendo sido proposto como localidade típica por Hellmayr, 1924).

Paraguay, nordeste extremo da Argentina (Misiones) e sudeste do Brasil, de Santa Catarina ao Espírito Santo e leste de Minas Gerais (rio Doce).

Terenura spodioptila spodioptila Sclater & Salvin

Terenura spodioptila Sclater & Salvin, 1881, Ibis, p. 270, pl. 9 fig. 1: Bartica Grove (Guiana, inglêsa).

Sul da Venezuela (alto Orenoco), Guiana, inglêsa, e vizinha região do extremo norte do Brasil, a leste (margem esquerda) do alto rio Negro (Cucuí).



Terenura spodioptila signata Zimmer

Terenura spodioptila signata Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 584, p. 5: monte Curicuriari (alto rio Negro).

Sudeste da Colômbia e adjacente porção do extremo norte do Brasil, a oeste (margem direita) do alto rio Negro.

Terenura spodioptila elaopteryx Leverkühn

Terenura elaopteryx Leverkühn, 1889, Journ. f. Ornithol., XXXVII, p. 107: Caiena.

Guiana Francesa e porção adjacente do Brasil setentrional, estendendo-se para o sul até a margem esquerda do baixo Amazonas (inclusive o rio Jamundá).

Terenura spodioptila meridionalis Snethlage

Terenura elaopteryx meridionalis Snethlage, 1825, Journ. f. Orn., LXXIII, p. 273: Vila Braga (rio Tapajós, margem esquerda).

Margem direita do baixo Amazonas, na região do rio Tapajós (margem esquerda).

Terenura humeralis humeralis Sclater & Salvin

Terenura humeralis Sclater & Salvin, 1880, Proc. Zool. Soc. London, p. 159: Sarayacu (leste do Equador).

Leste do Equador, nordeste do Peru e Brasil oeste-amazônico, ao sul do alto Solimões (Olivença).

Terenura humeralis transfluvialis Todd

Terenura humeralis transfluvialis Todd, 1927, Proc. Biol. Soe. Wash., XL, p. 160: Hiutanaã (rio Purus, margem esquerda).

Ao sul do rio Solimões (rio Purus).

É muito provável que as aves de Olivença mereçam ser referidas à presente subespécie.

Gênero **CERCOMACRA** Sclater

Cercomacra Sclater, 1858, Proc. Zool. Lond., p. 244. Tipo *Cercomacra caerulescens* Sclater, 1857 (não *Myrmothera caerulescens* Vieillot, 1817), designado por Sclater, 1890.

Cercomacra cinerascens cinerascens (Sclater)

Formicivora cinerascens Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 131, em parte: rio Napo (leste do Equador).

Leste do Equador, sudeste da Colômbia, sul da Venezuela (alto Orenoco), noroeste extremo do Brasil (alto rio Negro).

Cercomacra cinerascens immaculata Chubb

Cercomacra cinerascens immaculata Chubb, 1918, Bull. Brit. Orn. Club, XXXVIII, p. 84: Supenaam e rio Demerara (Guiana, inglesa).

Guiana e região adjacente do Brasil, estendendo-se para o sul até a margem esquerda do baixo Amazonas (para oeste até Codajás, *fide* Peters):

Cercomacra cinerascens sclateri Hellmayr

Cercomacra sclateri Hellmayr, 1905, Novit. Zool., XII, p. 288: Chyavetas (leste do Peru).

Leste do Peru (ao sul do rio Marañon), nordeste da Bolívia e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (rio Juruá).

Cercomacra cinerascens iterata Zimmer

Cercomacra cinerascens iterata Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 558, p. 19: Caxiricatuba (rio Tapajós, margem direita).

Margem direita do rio Amazonas, do rio Purus à região de Belém, estendendo-se a leste até o oeste do Maranhão e, ao sul, até o norte de Mato Grosso.

Cercomacra brasiliana Hellmayr

Cercomacra brasiliana Hellmayr, 1905, Novit. Zool., XII, p. 289: Rio de Janeiro.

Sudeste do Brasil, do Rio de Janeiro ao Espírito Santo e convizinhanças de Minas Gerais (*fide* H. Sick).

Cercomacra tyrannina tyrannina (Sclater)

Pyriglena tyrannina Sclater, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 90, pl. 98: Bogotá (Colômbia).

Leste da Colômbia, sul da Venezuela e Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

Cercomacra tyrannina laeta Todd

Cercomacra tyrannina laeta Todd, 1920, Proc. Biol. Soc. Wash., XXXIII, p. 73: Benevides (nordeste do Pará).

Brasil oeste-setentrional, nas margens esquerda (de Manacapuru a Macapá) e direita (de Parintins à região de Belém) do rio Amazonas, estendendo-se para leste até o Maranhão.

Cercomacra tyrannina sabinoi Pinto

Cercomacra tyrannina sabinoi Pinto, 1939, Boletim Biológico (nova série), IV, p. 191, pl. 2, figs. 3 e 4: Fazenda São Bento (perto de Recife, Pernambuco).

Nordeste do Brasil, nos estados de Pernambuco e Alagoas.

Além dos de Alagoas registrados por Pinto (Arquivos de Zoologia, XI, (9), p. 249), não há menção de outros exemplares da presente raça, cuja separação de *C. t. laeta* se baseia, antes de tudo, no diverso colorido da plumagem das fêmeas.

Cercomacra nigrescens nigrescens (Cabanis & Heine)

Percnostola nigrescens Cabanis & Heine, 1859, Mus. Hein., (2), p. 10: Caiena (= Guiana Francesa).

Suriname e Guiana Francesa, estendendo-se para o sul até a margem esquerda do baixo Amazonas.

Cercomacra nigrescens approximans Pelzeln

Cercomacra approximans Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), pp. 85 e 158: Engenho do Gama (rio Guaporé).

Ao sul do rio Amazonas, da margem direita (e esquerda?) do rio Purus às margens ambas do rio Tapajós, estendendo-se para o sul até o noroeste de Mato Grosso (rio Guaporé).

Cercomacra nigrescens fuscicauda Zimmer

Cercomacra nigrescens fuscicauda Zimmer, 1930, Amer. Mus. Novit., n.º 500, p. 13: Lagarto (alto Ucayali).

Alta Amazônia, no leste do Peru (ao sul do Marañon), norte da Bolívia e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões, estendendo-se para leste até, provavelmente, a margem esquerda do rio Purus.

Cercomacra nigrescens ochrogyna Snethlage

Cercomacra nigrescens ochrogyna Snethlage, 1928, Bol. Mus. Nacional, IV, (2), p. 6: Furo da Pedra (rio Araguaia, margem esquerda).

Sudeste do Pará e nordeste de Mato Grosso na margem esquerda do rio Araguaia (Furo da Pedra, Conceição).

Cercomacra serva hypomelaena Sclater

[*Cercomacra serva* Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. Lond., pte. 26, p. 66: rio Napo (leste do Equador)].

Cercomacra hypomelaena Sclater, 1890, Catal. Bds. Brit. Mus., XV, p. 268: Cosnipata (leste do Peru).

Nordeste do Peru, norte da Bolívia e Brasil oeste-amazônico no alto Juruá (*fide* Gyldenstolpe, 1945, Bird Fauna rio Juruá, p. 186).

Cercomacra nigricans Sclater

Cercomacra nigricans Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. Lond., pte. 26, p. 245: Santa Marta (Colômbia).

América do Sul oeste-setentrional, do sul do Panamá (também a oeste dos Andes) ao leste do Equador, estendendo-se para leste ao sul da Venezuela (alto Orenoco) e à vizinha porção do norte do Brasil (rio Branco).

Cercomacra carbonaria Sclater & Salvin

Cercomacra carbonaria Sclater & Salvin, 1873, Nomencl, Av. Neotrop., pp. 73 e 161: Forte de São Joaquim (alto rio Branco).

Norte extremo do Brasil na região do alto rio Branco.

Espécie de distribuição restrita, de que não consta serem conhecidos outros exemplares além dos colecionados por Natterer, e um do rio Mucajaí, estudado por Pinto (Estudo crit. e Catál. remiss. das Aves do Território de Roraima, Manaus, 1966, p. 111).

Cercomacra melanaria (Ménétriès)

Formicivora melanaria Ménétriès, 1835, Mém. Acad. Imper. Sci. de St. Pétersbourg, (6), III, pte. 2, p. 500, pl. 7, fig. c: Minas Gerais (localidade tida como errônea por Hellmayr, 1924, que, em substit. propôs Cuiabá, como pátria típica).

Leste da Bolívia e Brasil centro-ocidental, no oeste de Goiás (ilha do Bananal) e no sudeste de Mato Grosso (rio Paraguai e afluentes).

Cercomacra ferdinandi Snethlage

Cercomacra ferdinandi Snethlage, 1928, Boletim do Mus. Nacional, IV, (2), p. 6 e estampa: Furo de Pedra (ilha do Bananal).

Brasil central, ao longo do rio Araguaia (limite ocidental do estado de Goiás).

Um casal de Araguatins (Hidasi col.), pertencente ao Museu de Zoologia da Univ. de S. Paulo, parece não deixar dúvida sobre a validez desta espécie.

Gênero **PYRIGLENA** Cabanis

Pyriglena Cabanis, 1847, Arch. f. Naturges., XIII, (1), p. 211. *Myiothera domicilla* Wied (= *Turdus leucopterus* Vieillot), por design. de Gray, 1855.

Pyriglena leuconota leuconota (Spix)

Myothera leuconota Spix, 1824, Av. spec. nov. Bras., I, p. 72, tab. 72, fig. 2: Pará.

Margem direita do baixo Amazonas (do rio Tocantins para leste) e respectivo estuário (região de Belém), estendendo-se para leste até o norte do Maranhão.

Pyriglena leuconota interposita Pinto

Pyriglena leuconota interposita Pinto, 1947, Arquivos de Zoologia, V, p. 462: rio Anapu (afluente do baixo Amazonas, entre o Tocantins e o Xingu).

Margem direita do baixo Amazonas, entre o Xingu e o Tocantins.

Pyriglena leuconota similis Zimmer

Pyriglena leuconota similis Zimmer, 1931, Amer. Mus. Novit., n.º 509, p. 11: Caxiricatuba (margem direita do baixo Tapajós).

Ao sul do baixo Amazonas, entre os rios Tapajós (margem direita) e Xingu (margem esquerda).

Pyriglena leuconota pernambucensis Zimmer

Pyriglena leuconota pernambucensis Zimmer, 1931, Amer. Mus. Novit., n.º 509, p. 10: Brejão (leste de Pernambuco).

Faixa oriental florestada do nordeste do Brasil (estados de Pernambuco e Alagoas

Pyriglena leuconota atra (Swainson)

Drymophila atra Swainson, 1825, Zool. Journ., II, p. 153: Pitanga (Bahia, ao norte da baía de Todos os Santos).

Meio leste do Brasil, na região do Recôncavo (distrito de Santo Amaro).

Pyriglena leuconota maura (Ménétriès)

Formicivora maura Ménétriès, 1835, Mém. Acad. Imper. Sci. St. Pétersbourg, (6), III, Sci. Nat., p. 506, pl. 7, fig. a: "Minas Gerais" (localidade tida como errônea, que Hellmayr, 1924, substituiu por Mato Grosso).

Sudeste da Bolívia e centro-oeste do Brasil (estado de Mato Grosso), no rio Guaporé e na bacia do rio Paraguai (inclusive Cuiabá).

Pyriglena leucoptera (Vieillot)

Turdus leucopterus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat. XX, p. 272: "Brésil" (= Rio de Janeiro, col. Delalande).

Nordeste extremo da Argentina (Misiones), Paraguay, Brasil oriental, desde o sul da Bahia (inclusive a região de Ilhéus) e o leste de Minas (rio Doce) até o Rio Grande do Sul, avançando para oeste até o sudoeste extremo de Mato Grosso (Campanário, ao sul de Ponta Porã).

Gênero **RHOPORNIS** Richmond

Rhopornis Richmond, 1902, Proc. Biol. Soc. Wash., XV, p. 35 — nome novo para *Rhopocichla* J. A. Allen, 1891, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., III, p. 201), pre-ocupado por *Rhopocichla* Oates, 1889. Tipo *Myiothera ardesiaca* Wied (design. original).

Rhopornis ardesiaca (Wied)

Myiothera ardesiaca Wied, 1831, Beitr. Naturg. Bras., III, (2), p. 1055: Brasil (Boa Nova, no sertão da Bahia, foi designada como localidade típica por Naumburg, 1934, Auk, LI, p. 493).

Brasil oriental, no interior do estado da Bahia (Boa Nova, Ituaçu).

Gênero **MYRMOBORUS** Cabanis & Heine

Myrmoborus Cabanis & Heine, 1859, Mus. Heineanum, II, p. 9. Tipo *Pithys leucophrys* Tschudi (design. original).

Myrmoborus leucophrys (Tschudi)

Pithys leucophrys Tschudi, 1844, Arch. f. Naturges., X, (1), p. 278: Pru (= Montaña de Vitoc, Dept. de Junin).

Alta Amazônia (leste do Equador, nordeste do Peru), norte da Bolívia e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (rio Juruá).

Myrmoborus leucophrys griseigula Zimmer

Myrmoborus leucophrys griseigula Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 545, p. 3: Rosarinho (margem esquerda do rio Madeira).

Margem direita do rio Amazonas (das margens ambas do rio Purus ao rio Tocantins), estendendo-se para o sul até o noroeste de Mato Grosso (rio Gi-Paraná).

Myrmoborus leucophrys angustirostris (Cabanis)

Conopophaga angustirostris Cabanis, 1848, em Schomburgk, Reis. Brit. Guiana, III, p. 685: Guiana (inglêsa).

Sul e leste da Venezuela (bacia do Orenoco), Guianas e adjacentes áreas do Brasil (rio Branco), estendendo-se para o sul até a margem esquerda do baixo Amazonas e vizinha porção do rio Solimões (Manacapuru).

Myrmoborus lugubris lugubris (Cabanis)

Myrmonax lugubris Cabanis, 1847 (Arch. f. Naturges., XIII, (1), p. 211: sem indicação de localidade (o Pará é tido como pátria do tipo, *teste* Hellmayr, 1924).

Margens ambas do baixo Amazonas, de Itacoatiara a Monte Alegre, ao norte, e de Parintins ao rio Tocantins, ao sul.

Myrmoborus lugubris stictopterus Todd

Myrmoborus stictopterus Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 162: ilha Marrecão (prox. Manacapuru).

Margem esquerda do baixo Solimões.

Myrmoborus lugubris femininus (Hellmayr)

Hypocnemis lugubris femininus Hellmayr, 1910, Rev. Franç. d'Orn., I, p. 164: Borba (margem direita da foz do Madeira).

Margem sul do baixo Solimões, em ambas as margens do baixo Madeira.

Myrmoborus lugubris berlepschi (Hellmayr)

Hypocnemis lugubris berlepschi Hellmayr, 1910, Rev. Franç. d'Orn., I, p. 165: Nauta (nordeste do Peru).

Alta Amazônia (em ambas as margens do rio Marañon) e Brasil oeste amazônico, ao sul do alto Solimões (Olivença).

Myrmoborus myotherinus myotberinus (Spix)

Thamnophilus myotherinus Spix, 1825, Av. Nov. Bras., II, p. 30, tab. 42, fig. 1: sem indicação de localidade (Fonte Boa, na margem direita do alto Solimões, foi designada pátria típica por Berlepsch & Hartert, 1902, Novit. ool., IX, p. 78).

Nordeste do Peru (ao sul do Marañon), norte da Bolívia e Brasil oeste-setentrional, na margem direita do alto Solimões (da fronteira peruana ao rio Purus).

No clássico "Catalogue of Birds of the Americas" a presente subespécie vem arrolada sob o nome de *Myrmoborus myotherinus melanolaema* (Sclater, 1855), cujo tipo é de Chamicuros, no norte de Peru, Cf. Pinto, 1947, Arq. de Zoologia, V, p. 465.

Myrmoborus myotherinus elegans (Sclater)

Hypocnemis elegans Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 47 (baseado em *Hypocnemis*. Sclater, op. cit., 1855, p. 147: Bogotá.

Sudeste da Colômbia, sul da Venezuela e Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

É a presente subespécie que Hellmayr (Catal. Bds. Americas, III, p. 236) identifica como *Thamnophilus myotherinus* Spix.

Myrmoborus myotherinus incanus Hellmayr

Myrmoborus myotherinus incanus Hellmayr, 1929, Journ. f. Ornithol., Festschr. Hartert, p. 55: Tonantins (margem esquerda do alto Solimões).

Só conhecido da localidade em que foi coligido o tipo da subespécie.

Myrmoborus myotherinus ardesiacus Todd

Myrmoborus ardesiacus Todd, 1927, Proceedings Biol. Soc. Wash., XL, p. 463: Manacapuru (rio Solimões, marg. esquerda).

Margem esquerda do baixo Solimões (Manacapuru, Codajás).

Myrmoborus myotherinus proximus Todd

Myrmoborus myotherinus proximus Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 163: Caviana (margem direita do baixo Solimões).

Margem direita do baixo Solimões, a oeste do rio Madeira.

Myrmoborus myotherinus sororius (Hellmayr)

Hypocnemis myotherina sororia Hellmayr, 1910, Novit. Zool., XVII, p. 358: Calama (alto Madeira, margem direita).

Margem direita do alto rio Madeira, estendendo-se até o noroeste de Mato Grosso (rio Gi-Paraná).

Myrmoborus myotherinus ochrolaema (Hellmayr)

Hypocnemis myotherina ochrolaema Hellmayr, 1906, Bull. Brit. Orn. Club, XVI, p. 109: Itaituba (rio Tapajós, margem esquerda).

Ao sul do baixo Amazonas, das margens ambas do rio Tapajós para leste, até, pelo menos, o rio Anapu (entre o Xingu e o Tocantins).

Gênero **HYPOCNEMIS** Cabanis

Hypocnemis Cabanis, 1847, Arch. f. Naturges. XIII, (1), p. 212. Tipo *Turdus cantator* Boddaert (design. por Cray, 1855, p. 42).

Hypocnemis cantator cantator (Boddaert)

Formicarius cantator (erro tipogr.) Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enluminées, p. 44 (com base em Daubenton, pl. enlum. 700, fig. 2): Caiena.

Norte da América Meridional, do Suriname, da Guiana Francesa e das adjacentes porções do extremo norte do Brasil, à margem esquerda do rio Branco (Conceição), estendo-se para leste até o Amapá, e, para o sul, ao longo da margem esquerda do baixo Amazonas.

Hypocnemis cantator notaea Hellmayr

Hypocnemis cantator notaea Hellmayr, 1920, Anz. Orn. Gesells. Bayern, n.º 3, p| 19: montes Merumé (Guiana).

Sudeste da Venezuela, Guiana (inglêsa) e adjacente região do norte extremo do Brasil (alto rio Cotingo).

Hypocnemis cantator flavescens (Sclater)

Formicivora flavescens Sclater, 1865, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 609: Marabitanos (alto rio Negro).

Sul da Venezuela (alto Orenoco, rio Caura) e Brasil oeste-setentrional extremo, no alto rio Negro e seus tributários ocidentais (rio Uaupés).

Hypocnemis cantator perflava Pinto

Hypocnemis cantator perflava Pinto, 1966, Cadernos da Amazônia (Inst. Nac. de Pesq. da Amazônia), n.º 8, p. 112: rio Mucajaí (afl. ocid. do alto rio Branco).

Só conhecido através de três exemplares da mencionada procedência (material do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo).

Hypocnemis cantator peruviana Taczanowski

Hypocnemis cantator peruvianus (sic) Taczanowski, 1884, Ornithol. du Pérou, II, p. 61: alto Ucayali (= Yurimaguas).

Alta Amazônia, no nordeste do Peru (ao sul do rio Marañon) e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (da fronteira peruana à margem esquerda do rio Purus).

Hypocnemis cantator implicata Zimmer

Hypocnemis cantator implicata Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 538, p. 11: igarapé Auará (margem direita do rio Amazonas, a leste do baixo Madeira).

Margem direita do médio rio Amazonas, desde a margem oriental do rio Purus (o leste do Acre inclusive) até as margens ambas do baixo Madeira (Borba).

Forma reputada por Gyldenstolpe (Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, n.º 3, p. 189) de duvidosa validez, não obstante a ela refira, à falta de melhor, exemplares de Codajás, na margem esquerda do baixo Solimões.

Hypocnemis cantator striata (Spix)

Thamnophilus striatus Spix, 1825, Av. Nov. Bras., II, p. 29, tab. 40, fig. 2: localidade não indicada (Santarém, pátria típica sugerida por Zimmer, 1932, op. supracit., p. 13).

Margens ambas do baixo Tapajós.

Forma da caracterização antes precária, a reclamar novos estudos, como, aliás, acontece com a seguinte.

Hypocnemis cantator affinis Zimmer

Hypocnemis cantator affinis Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 538, p. 14: Baião (margem direita do baixo Tocantins).

Ao sul do baixo Amazonas, entre o Xingu (ocorrência ainda não provada na margem esquerda) e o baixo Tocantis (ambas as margens).

Hypocnemis cantator ochrogyna Zimmer

Hypocnemis cantator ochrogyna Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 538, p. 14: Tapirapuá (rio Sepotuba).

Nordeste da Bolívia (rio Beni) e vizinha região do Brasil centro--ocidental, na alta porção da bacia do rio Madeira (inclusive o rio Roosevelt) e no noroeste de Mato Grosso (altos formadores do rio Paraguai).

Hypocnemis hypoxantha hypoxantha Sclater

Hypocnemis hypoxantha Sclater, 1868, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 573, pl. 43: alta Amazônia.

Alta Amazônia, no sudeste da Colômbia, nordeste do Peru (em ambas as margens do Marañon) e Brasil oeste-setentrional, na margem esquerda do rio Solimões (provavelmente até a margem direita do baixo rio Negro).

É de estranhar que os autores, inclusive Peters (Catal. Bds. World, VIII, 1951, p. 225), continuem a excluir o Brasil da área de distribuição da forma típica de *H. hypoxantha*, embora a sua presença na margem setentrional do baixo Solimões (Manacapuru, Codajás) tenha sido devidamente registrada há muito tempo por Pinto (Rev. Mus. Paul., XXIII, 1937, p. 571).

Hypocnemis hypoxantha ochraceiventris Chapman

Hypocnemis hypoxantha ochraceiventris Chapman, 1921, Amer. Mus. Novit., n.º 2, p. 5: Altamira (rio Xingu, margem esquerda).

Ao sul do baixo Amazonas, da margem direita do baixo Tapajós às margens ambas do rio Xingu.

Gênero **HYPOCNEMOIDES** Bangs & Penard

Hypocnemoides Bangs & Penard, 1918, Bull. Mus. Compar. Zool., LXII, p. 69. Tipo *Hypocnemis melanopogon* Sclater.

Hypocnemis melanopogon melanopogon (Sclater)

Hypocnemis melanopogon Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 130: Chamicuros (leste do Peru) — localidade errônea, por Guiana, proced. do tipo (cf. Hellmayr, Novit. Zoologicae, XIV, 1907, p. 381).

Guianas e norte do Brasil, desde os seus limites sententrionais extremos (alto rio Branco) até a margem esquerda do baixo Solimões e as margens ambas do baixo Amazonas (o estuário inclusive).

Hypocnemoides melanopogon occidentalis Zimmer

Hypocnomoides melanopogon occidentalis Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 538, p. 21: Puerto Indiana (rio Marañon).

Alta Amazônia (do sudeste da Colômbia ao nordeste do Peru), sul da Venezuela (alto Orenoco) e vizinhos territórios do Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

Hypocnemoides maculicauda minima Pinto & Camargo

Hypocnemis maculicauda minima Pinto & E. Camargo, 1948, Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, VIII, (26), p. 322, em nota infra-página: João Pessoa (alto rio Juruá margem direita).

Nordeste do Peru, norte da Bolívia (rio Beni), Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (inclusive provavelmente a margem esquerda do rio Purus).

Na presente subespécie a inferioridade das medidas médias de asa (58 a 60 mm), em confronto com as das formas seguintes, contrasta com a largura relativamente maior da faixa apical, branca, das rectrizes.

Hypocnemoides melanopogon minor Gyldenstolpe

Hypocnemoides melanopogon minor Gyldenstolpe, 1941, Ark. Zool., XXXIII B, n.º 12, p. 6: Lábrea (alto Purus, margem esquerda).

Brasil-oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões, estendendo-se para leste da margem direita do rio Purus às margens ambas do rio Madeira.

Hypocnemoides maculicauda maculicauda (Pelzeln)

Hypocnemis maculicauda Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), p. 89 (*nomen nudum*) e 164: Vila Maria (= São Luiz de Cáceres, no alto rio Paraguay).

Brasil centro-ocidental (norte do estado de Mato Grosso), na alta porção das bacias do rio Paraguai (inclusive o rio Cuiabá) e Guaporé, estendendo-se para leste até o rio Araguaia.

Hypocnemoides maculicauda orientalis Gyldenstolpe

Hypocnemoides maculicauda orientalis Gyldenstolpe, 1941, Arkiv f. Zoology, 33 B, n.º 12, p. 5: Itapoama (rio Tapajós, margem direita).

Ao sul do baixo Amazonas, das duas margens do rio Tapajós ao rio Xingu (inclusive a margem direita).

Quanto às medidas, ocupa posição intermediária entre a forma típica e a que se segue.

Gênero **MYRMOCHANES** Allen

Myrmochanes J. A. Allen, 1889, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., II, p. 95. Tipo *Myrmochanes hypoleucus* Allen (= *Hypocnemis hemileuca* Sclater & Salvin).

Myrmochanes hemileucus (Sclater & Salvin)

Hypocnemis hemileuca Sclater & Salvin, 1866, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 186: baixo Ucayali (Peru).

Nordeste do Peru (e leste do Equador?) e da Bolívia (rio Beni), Brasil oeste-setentrional, ao sul do alto Amazonas, nos rios Purus (lago Beruri) e Madeira (inclusive o rio Mamoré).

A propósito desta espécie rara consulte-se J. T. Zimmer, em Amer. Mus. Novit., n.º 538, p. 26 (1932).

Gênero **PERCNOSTOLA** Cabanis & Heine

Percnostola Cabanis & Heine, 1859, Mus. Heineanum, II, p. 10. Tipo *Lanius funebris* Lichtenstein (= *Turdus rufifrons* Gmelin), designado por Sclater, 1890 (Catal. Bds. Brit. Mus., XV, p. 272).

Percnostola rufifrons rufifrons (Gmelin)

Turdus rufifrons Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 825: Caiena.

Guianas e adjacente porção do norte extremo do Brasil, estendendo-se para o sul até o mais baixo trecho do rio Amazonas (inclusive a margem esquerda do rio Trombetas).

Percnostola rufifrons subcristata Hellmayr

Percnostola rufifrons subcristata Hellmayr, 1908, Verhaldl. Orn. Gesells. Bayern, VIII, p. 142: Barra do Rio Negro (= Manaus).

Ao norte do baixo Amazonas, da margem esquerda do baixo rio Negro à direita do Trombetas.

Percnostola rufifrons minor Pelzeln

Percnostola minor Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), pp. 86 e 159: Santa Isabel (localidade típica), Marabitanos e rio Xié.

Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

Gênero **SCLATERIA** Oberholser

Sclateria Oberholser, 1899, Proc. Acad. Nat. Phila., p. 209 — nome novo para *Heterocnemis* Sclater, 1855 (*nec* Albers, 1852), nome proposto em substituição a *Holocnemis* Strickland (*nec* Schilling, 1829). Tipo *Holocnemis flammata* Strickland (= *Sitta naevia* Gmelin), design. original.

Schistocichla Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 165. Tipo *Percnostola leucostigma* Pelzeln (designação original).

Sclateria naevia naevia (Gmelin)

Sitta naevia Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 442 (com base em "The Wall-creeper of Surinam", de Edwards): Suriname.

Norte e leste da Venezuela (também em Trinidad), Guianas e Brasil setentrional, ao norte e ao sul do baixo Amazonas, das regiões de Itacoatiara e do rio Xingu, respectivamente, para leste (inclusive a margem direita do estuário amazônico).

Sclateria naevia toddi Hellmayr

Sclateria naevia toddi Hellmayr, 1924, Catal. Bds. Americas, III, p. 523: Santarém (margem direita da boca do Tapajós).

Ao sul do baixo Amazonas (na região de Parintins e nas margens ambas do Tapajós), estendendo-se para o sul até a serra do Cachimbo (a leste do alto Tapajós).

Sclateria naevia argentata (des Murs)

Herpsilochmus argentatus. O. des Murs, 1856, em Castelnau, Expéd. Amér. du Sud, Zool., I, livrais. 18, p. 53, pl. 17, fig. 2: Nauta (norte do Peru).

Alta Amazônia (do sudeste da Colômbia ao norte do Peru), nordeste da Bolívia (rio Beni) e Brasil amazônico, em sua porção

oeste-setentrional extrema (alto rio Negro) e ao sul do rio Solimões (também na margem oposta de sua baixa porção), desde os limites ocidentais até o rio Madeira (inclusive o rio Guaporé).

Sclateria schistacea (Sclater)

Hypocnemis schistacea Sclater, 1958, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 252: rio Javari (leste do Peru, ao sul do rio Amazonas).

Alta Amazônia, do sudeste da Colômbia e do nordeste do Peru ao Brasil oeste-setentrional extremo, nas duas margens do alto Solimões (para leste até o rio Juruá).

Sobre esta espécie monotípica leiam-se os comentários de J. T. Zimmer (Amer. Mus. Novit., 1931, n.º 500, p. 16).

Sclateria leucostigma leucostigma (Pelzeln)

Percnostola leucostigma Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), pp. 86 e 160: Barra do rio Negro (= Manaus).

Sudeste da Venezuela, Guianas e norte do Brasil, desde os seus limites setentrionais extremos (do alto rio Negro ao Amapá), até a margem esquerda do rio Amazonas (inclusive a do baixo Solimões).

Aguarda contra-prova a inclusão na avifauna brasileira de *S. leucostigma obscura* Zimmer & Phelps, 1946 (Amer. Mus. Novit., n.º 1312, p. 8 — tipo do monte Sororópán-tepui, sul da Venezuela), efetuada por Phelps & Phelps (Bol. Soc. Venezolana de Ci. Nat., XXIII, n.º 101, p. 36), com base numa fêmea da fronteira Brasil-Venezuela (Cerro Uei-Tepui).

Sclateria leucostigma infuscata (Todd)

Schistocichla infuscata Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 166: Tonantins (margem norte do alto Solimões).

Sul da Venezuela (alto Orenoco) e Brasil oeste-setentrional, ao norte do alto Solimões (Tocantins).

Sclateria leucostigma humaythae Hellmayr

Sclateria schistacea humaythae Hellmayr, 1907, Bull. Brit. Orn. Cl., XIX, p. 51: Humaitá (alto rio Madeira, margem esquerda).

Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões, estendendo-se para leste até a margem esquerda do rio Madeira.

Peters (Check-list Bds. World, VII, p. 231) refere à presente subespécie as aves da margem esquerda do baixo Solimões.

Sclateria leucostigma rufifacies (Hellmayr)

Schistocichla leucostigma rufifacies Hellmayr, 1929, Journ. f. Orn., Erganzung. 2, Festschr. Hartert, p. 64: Apaci (rio Tapajós, margem esquerda).

Margem direita do rio Amazonas, entre a margem direita do rio Madeira e a esquerda do rio Tocantins, estendendo-se para o sul até o noroeste de Mato Grosso (rio Gi-Paraná).

Sclateria caurensis australis (Zimmer & Phelps)

[*Sclateria schistacea caurensis* Hellmayr, 1906, Bull. Brit. Orn. Club, XIX, p. 9: rio Caura].

Schistocichla caurensis australis Zimmer & Phelps, 1947, Amer. Mus. Novit., n.º 1338, p. 4: sopé do Monte Duida (Venezuela, Territ. Amazonas).

Sul da Venezuela (serra Parima, cataratas do Orenoco) e faixa limítrofe do norte extremo do Brasil (cabeceiras do rio Padauiri).

Gênero MYRMECIZA G. R. Gray

Myrmeciza G. R. Gray, 1841, List Gen. Bds., 2.ª ed., p. 34. Tipo *Drymophila longipes* Swainson (design. original).

Myrmoderus Ridgway, 1909, Proc. Biol. Soc. Wash., XXII, p. 70. Tipo *Myiothera loricata* Lichtenstein (design. original).

Myrmophylax Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 172. Tipo *Formicarius atrothorax* Boddaert (design. original).

Myrmelastes Sclater, 1858, Proc. Zool. Soc. London, p. 274. Tipo *Myrmelastes plumbeus* Sclat. (= *Thamnophilus hyperythrus* Sclater).

Myrmeciza atrothorax atrothorax (Boddaert)

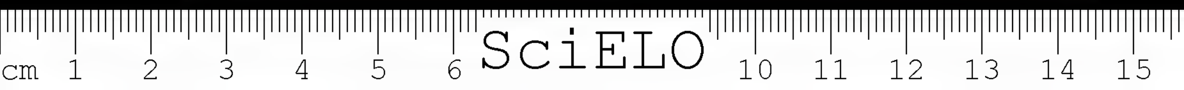
Formicarius atrothorax (sic) Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 44 (com base em "L'Alapi de Cayenne", de Daubenton, pl. enlum. 701, fig. 2): Caiena (= Guiana Francesa).

Sudeste da Colômbia, sul da Venezuela (alto Orenoco), Guianas e Brasil amazônico, desde os seus limites setentrionais extremos (alto rio Negro, rio Branco) até a margem esquerda do baixo Amazonas (Manaus), estendendo-se para leste até o estuário (ilha de Marajó).

Myrmeciza atrothorax tenebrosa Zimmer

Myrmeciza atrothorax tenebrosa Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 545, p. 17: Puerto Indiana (nordeste do Peru, na margem esquerda do Marañon).

Nordeste do Peru (margem esquerda do Marañon) e Brasil oeste-amazônico, ao norte do rio Solimões (Codajás).



Myrmeciza atrothorax obscurata Zimmer

Myrmeciza atrothorax obscurata Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 545, p. 18: Lagarto (alto Ucayali, Peru).

Nordeste do Peru (ao sul do rio Marañon) e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (rio Juruá).

Myrmeciza atrothorax melanura (Ménétriès)

Formicivora melanura Ménétriès, 1835, Mém. Acad. Imper. Sci. St. Pétersbourg, (6), III, pte. 2, p. 508, pl. 8, figs. 1 e 2: "Minas Gerais" (localidade errônea) e vizinhanças de Cuiabá (pátria do tipo, segundo Hellmayr, 1924).

Leste da Bolívia (departamento de Santa Cruz) e Brasil centro-ocidental, nos tributários do alto rio Madeira (inclusive o rio Guaporé) e nos altos formadores do rio Paraguai, estendendo-se para leste até o rio Araguaia (Conceição), e o alto Tapajós.

A posse de doze rectrizes em dois exemplares, machos adultos, do rio Araguaia enfraquece a validez de *Myrmophylax*, cuja separação é aceita por Peters (Check-List Bds. Wold, VII, p. 232, nota de rodapé), com base principalmente na suposta presença de apenas cinco pares das ditas.

Myrmeciza stictothorax (Todd)

Myrmophylax stictothorax Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 173: Apaci (rio Tapajós, margem esquerda).

Só conhecida pelo casal que serviu de tipo para a descrição da subespécie.

Myrmeciza pelzelni Sclater

Myrmeciza pelzelni Sclater, 1890, Catal. Bds. Brit. Mus., XV, p. 278: Marabitanos (alto rio Negro).

Sudeste da Colômbia, sul da Venezuela e Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro, serra de Imeri).

Myrmeciza hemimelaena hemimelaena Sclater

Myrmeciza haemimelaena Sclater, 1857, Proc. Zool. Soc. London, pte. 25, p. 48: Bolívia (Mapiri, no Dept. de La Paz, localidade típica, por design. de Gyldenstolpe, 1945, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handlingar, XXIII, n.º 1, p. 179).

Alta Amazônia, do sudeste da Colômbia ao nordeste do Peru, norte da Bolívia e adjacentes porções do Brasil oeste-amazônico, inclusive o alto Purus (Acre).

Myrmeciza hemimelaena juruana (Ihering)

Drymophila juruana H. v. Ihering, 1905, Rev. Mus. Paulista, VI, p. 442: rio Juruá (margem direita).

Brasil amazônico, ao sul do rio Solimões (margem direita do alto rio Juruá).

A razão parece estar com Gyldenstolpe (Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, n.º 3, p. 195), quando reconhece diferenças entre as aves da Bolívia e as da margem direita do alto Purus, representadas, umas e outras, no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Myrmeciza hemimelaena pallens Berlepsch & Hellmayr

Myrmeciza hemimelaena pallens Berlepsch & Hellmayr, 1905, Journ. f. Orn., LIII, p. 32: Vila Bela de Mato Grosso (alto Guaporé).

Brasil oeste-setentrional ao sul do rio Amazonas, das margens ambas do rio Madeira ao rio Xingu.

Sobre a validez da presente subespécie pronunciaram-se favoravelmente, entre outros, Pinto (Arquivos de Zoologia, 1947, V, p. 472) e J. Bond (Proc. Acad. Nat. Sci., 1950, CII, p. 21).

Myrmeciza spodiogaster Berlepsch & Stolzmann

Myrmeciza spodiogaster Berlepsch & Stolzmann, 1894, The Ibis, p. 397: Borgoña (Peru, prov. Junín).

Peru centro-oriental e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (margem esquerda do alto Juruá).

Considerada geralmente variedade geográfica de *M. hemimelaena*, razões de ordem zoogeográica e diferenças marcantes nos caracteres da plumagem sugerem a possibilidade de considerar a presente forma uma espécie autônoma (cf. Gyldenstolpe, 1945, op. cit., p. 196; Pinto, 1947, Arquivos de Zoologia, V, (6), p. 473; idem, 1954, Pap. Avulsos do Dept. de Zool., XI, p. 398.

Myrmeciza ruficauda ruficauda (Wied)

Myiothera ruficauda Wied. 1831, Beitr. Naturges Bras., (2), p. 1060: sudeste do Brasil (rio Doce, no Espírito Santo, localidade típica por design. de Hellmayr, 1924).

Faixa oriental do Brasil este-meridional, desde o Espírito Santo (do rio Santa Cruz para o norte) e porção adjacente de Minas Gerais até o sul da Bahia (rio Jucurucu).

Myrmeciza ruficauda soror Pinto

Myrmeciza ruficauda soror Pinto, 1940, Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, I, p. 256: faz. São Bento (leste de Pernambuco, perto de Tapera, 60 quilômetros a oeste de Recife).

Faixa oriental florestada do nordeste do Brasil (do sul de Alagoas à Paraíba).

O domínio geográfico atribuído à subespécie baseia-se na série pertencente ao acervo do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (cf. Arq. de Zool., XI, 1961, p. 240).

Myrmeciza loricata loricata (Lichtenstein)

Myiothera loricata Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 44: "Bahia".

Faixa atlântica do Brasil oriental, nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo (estendendo-se para o norte, ao que parece, até o sul da Bahia).

Myrmeciza loricata squamosa (Pelzeln)

Myrmeciza squamosa Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), pp. 87 e 162: Mato Dentro (perto de Taubaté) e Ipanema (localidades ambas do estado de São Paulo).

Faixa atlântica montanhosa do sudeste do Brasil, desde São Paulo até o Rio Grande do Sul (*fide* Hellmayr, 1924).

Boa série de exemplares das duas precedentes formas fortalecem o ponto de vista de Hellmayr (Bds. Americas, III, p. 273, nota), segundo o qual devem ambas pertencer a uma e mesma espécie.

Myrmeciza longipes griseipectus Berlepsch & Hartert

[*Drymophila longipes* Swainson, 1825, Zool. Journ., II, p. 152: Brasil (localidade tida como errônea por Hellmayr, 1906, que a substituiu por Trinidad)].

Myrmeciza swainsoni griseipectus Berlepsch & Hartert, 1902, Novit. Zool., IX, p. 76: Caiçara (rio Orenoco, Venezuela).

Sudeste da Colômbia e sul da Venezuela, estendendo-se para leste à Guiana (inglêsa) e, para o sul, ao norte do Brasil, desde suas fronteiras setentrionais (rio Branco, Amapá) até a margem esquerda do baixo Amazonas.

Myrmeciza ferruginea ferruginea (Müller)

Turdus ferrugineus Müller, 17776, Natursyst., Supplem., p. 141: Caiena (= Guiana Francesa).

Guianas e Brasil setentrional extremo, estendendo-se para o sul até a margem norte do rio Amazonas (da margem esquerda do baixo rio Negro para leste).

Myrmeciza ferruginea eluta (Todd)

Myrmedestes ferrugineus elutus Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XK, p. 172: Vila Braga (rio Tapajós, margem esquerda).

Margem meridional do rio Amazonas, entre a margem direita do rio Madeira e a esquerda do rio Tapajós.

Myrmeciza hyperythra (Sclater)

Thamnophilus hyperythrus Sclater, 1855, Edimb. New Philos. Journ., (nov. ser.), I, p. 235: Chamicuros (norte do Peru).

Alta Amazônia, no sudeste da Colômbia e leste do Peru, estendendo-se até o norte da Bolívia e o Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (inclusive o Acre).

Myrmeciza goeldii (Snethlage)

Myrmelastes goeldii Snethlage, 1908, Journ. f. Ornithol., LVI, p. 17: Bom Lugar e Ponto Alegre (alto rio Purus, margem direita).

Não consta serem conhecidos outros exemplares além dos dois em que se baseou a primeira descrição da espécie.

Myrmeciza melanoceps (Spix)

Thamnophilus melanoceps Spix, 1825, Av. Nov. Bras., II, p. 28, tab. 39, fig. 1: "Pará" (= Amazonas, tendo Hellmayr, 1924, designado o rio Içá como pátria típica) .

Alta Amazônia (do sudeste da Colômbia, ao nordeste do Peru), inclusive o Brasil oeste-setentrional extremo, ao norte (rio Içá) e ao sul (alto Juruá) do rio Solimões.

Myrmeciza fortis fortis (Sclater & Salvin)

Percnostola fortis Sclater & Salvin, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 980, pl. 45 (sob o nome de *P. funebris*): Pebas e Chyavetas (nordeste do Peru).

Alta Amazônia, do sudeste da Colômbia ao Peru setentrional e central, inclusive o Brasil oeste-amazônico, nas margens esquer-

da (Tonantins) e direita do alto Solimões, estendendo-se para o sul até o Acre.

Gênero **PITHYS** Vieillot

Pithys Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXIV, p. 112. Tipo *Pithys leucops* Vieillot (= *Pipra albifrons* Linné), por monotipia.

Pithys albifrons albifrons (Linné)

Pipra albifrons Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 339: Guiana (= Caiena, *fide* Hellmayr, 1924).

Sul da Venezuela e Guianas, estendendo-se para o sul até a margem esquerda do baixo Amazonas, que chega a ultrapassar na região do baixo Tapajós.

Pithys albifrons brevibarba Chapman

Pithys albifrons brevibarba Chapman, 1928, Amer. Mus. Novit., n.º 332: baixo rio Suno (leste do Equador).

Alta Amazônia (do sudeste da Colômbia ao nordeste do Peru), inclusive o Brasil oeste-amazônico, desde o alto rio Negro até a margem esquerda do rio Solimões.

Gênero **GYMNOPITHYS** Bonaparte

Gymnopithys Bonaparte, 1857, Bull. Soc. Linn. Normandie, II, p. 35. Tipo *Turdus pectoralis* Latham (= *Turdus rufigula* Boddaert).

Gymnopithys rufigula rufigula (Boddaert)

Turdus rufigula Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 39 (com base em Daubenton, pl. 644, fig. 2): Caiena.

Leste da Venezuela, Guianas e Brasil norte-amazônico, desde as suas fronteiras setentrionais até a margem esquerda do baixo Amazonas.

Gymnopithys salvini salvini (Berlepsch)

Pithys salvini Berlepsch, 1901, Journ. f. Orn., XLIX, p. 98: San Mateo (Cochabamba, Bolívia).

Nordeste da Bolívia e contígua região do Brasil, da margem direita do alto Purus ao rio Madeira e seu afluente Mamoré.

Gymnopithys salvini maculata Zimmer

Gymnopithys salvini maculata Zimmer, 1937, Amer. Mus. Novit., n.º 917, p. 6: Lagarto (alto Ucayali, Peru).

Nordeste do Peru (ao sul do rio Marañon) e Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (para leste, até a margem esquerda do rio Purus).

Gymnopithys leucaspis lateralis Todd

[*Myrmeciza leucaspis* Sclater, 1855, Proc. Zool. Soc. London, XXII, p. 253, pl. 70: Bogotá (= Colômbia)].

Gymnopithys leucaspis lateralis Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 174: Manacapuru (margem esquerda do baixo Solimões).

Brasil oeste-setentrional extremo, do alto rio Negro para o sul, até a margem esquerda do rio Solimões.

Gênero **RHEGMATORHINA** Ridgway

Rhegmatorhina Ridgway, 1888, Proc. Un. St. Nat. Museum, X, p. 525, em nota de rodapé. Tipo *Rhegmatorhina gymnops* Ridgway (monotipia).

Rhegmatorhina melanosticta purusiana (Snethlage)

Gymnopithys purusianus Snethlage, 1908, Bol. Mus. Goeldi, V, p. 50: Cachoeira (rio Purus).

Pithys melanosticta Sclater & Salvin, 1880, Proc. Zool. Soc. London, p. 160: Sarayacu (Equador).

Leste do Peru (alto Ucayali), Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões (Tefé), estendendo-se para leste até a margem esquerda do rio Madeira, inclusive as margens ambas do rio Purus.

Rhegmatorhina melanosticta badia Zimmer

Rhegmatorhina melanosticta badia Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 584, p. 18: La Pamba (sudeste do Peru).

Sudeste do Peru (Dept. de Puno), norte da Bolívia (Dept. de La Paz) e Brasil oeste-amazônico, na alta porção dos afluentes mais ocidentais da margem direita do rio Solimões (alto Juruá).

Rhegmatorhina cristata (Pelzeln)

Rithys cristata Pelzeln, 1868, Orn. Bras., (2), p. 89 e 166: rio Uaupés (tribut. ocidental do alto rio Negro).

Sudeste da Colômbia e confinante região do Brasil oeste-amazônico (alto rio Negro).

Rhegmatorhina hoffmannsi (Hellmayr)

Anoplops hoffmannsi Hellmayr, 1907, Bull. Brit. Orn. Club, XIX, p. 52: Borba (margem direita da boca do rio Madeira).

Brasil amazônico ao sul do rio Solimões, na margem direita do rio Madeira, inclusive seus formadores Gi-Paraná (*fide* Peter) e Aripuanã.

Rhegmatorhina berlepschi (Snethlage)

Anoplops berlepschi Snethlage, 1907, Orn. Monatsber., XV, p. 162: Vila Braga (rio Tapajós, margem esquerda).

Brasil amazônico, a oeste do rio Tapajós.

Rhegmatorhina gymnops Ridgway

Rhegmatorhina gymnops Ridgway, 188, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 525: Diamantina (margem direita do baixo Tapajós, perto de Santarém).

Ao sul do baixo Amazonas, das margens ambas do rio Tapajós ao rio Xingu.

Gênero **HYLOPHYLAX** Ridgway

Hylophylax Ridgway, 1909, Proc. Biol. Soc. Wash., XXII, p. 70: Tipo *Conopophaga naevioides* Lafresnaye (design. original).

Hylophylax naevia naevia (Gmelin)

Ppra naevia Gmelin, 1789, Syst. Nat., (2), p. 1003. América do Sul (Caiena é tida como pátria típica).

Sudeste da Venezuela, Guianas (não registrada, todavia, no Suriname) e adjacente porção do extremo norte do Brasil (do alto rio Branco ao Amapá).

Hylophylax naevia consobrina Todd

Hylophylax consobrina Todd, 1913, Proc. Biol. Soc. Wash., XXVI, p. 172: rio Mocho (afluente do rio Caura, Venezuela).

Sul da Venezuela (alto Orenoco, monte Duida) e Brasil oeste-setentrional extremo, do alto rio Negro à margem esquerda do baixo Solimões (Macapuru).

Hylophylax naevia obscura Todd

Hylophylax naevia obscura Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 174: Tonantins (margem esquerda do alto rio Solimões).

Só conhecida da localidade típica.

Hylophylax naevia theresae (Des Murs)

Conopophaga theesae O. Des Mus, 1856, em Castelnau, Expéd. Amér. du Sud, Oiseaux, livr. 18, p. 51, pl. 16, fig. 2: rio Javari (do lado peruano).

Alta Amazônia (do sudeste da Colômbia ao leste do Peru), inclusive o norte da Bolívia e Brasil oeste-setentrional ao sul do rio Amazonas, desde a fronteira com o Peru até a margem esquerda do rio Tapajós (Urucurituba), estendendo-se para o sul até o norte de Mato Grosso.

Hylophylax naevia ochracea (Berlepsch)

Hypocnemis naevia ochracea Berlepsch, 1912, Orn. Monatsber., XXIX, p. 20: Tucunaré (rio Jamauchim, tributário do Tapajós).

Margem direita do baixo Amazonas, da margem direita do Tapajós ao rio Tocantins.

Hylophylax poecilinota poecilinota (Cabanis)

Hypocnemis poecilinota Cabanis, 1847, Arch. f. Naturges., XIII, (1), p. 213, pl. 4, figs. 2 e 3: Guiana (inglêsa).

Sudeste da Venezuela (rio Caura), serra de Pacaraima), Guianas e adjacente porção do norte extremo do Brasil (Amapá), daí se estendendo até a margem esquerda do baixo Amazonas (inclusive a região de Itacoatiara).

Hylophylaz poecilinota vidua (Hellmayr)

Hypocnemis vidua Hellmayr, 1905, Novit. Zool., II, p. 290: Igarapé Açu (leste do Pará).

Margem direita do baixo Amazonas, do rio Xingu para leste (inclusive a região de Belém).

Hylophylax poecilinota nigrigula (Snethlage)

Hypocnemis poecilonota nigrigula Snethlage, 1914, Orn. Monatsber., XXII, p. 42: Boim (rio Tapajós, margem esquerda).

Margem direita do rio Amazonas, a oeste (Parintins) e a leste do rio Tapajós (inclusive a serra do Cachimbo).

Hylophylax poecilinota griseiventris (Pelzeln)

Pithys griseiventris Pelzeln, 1868, Orn. Bras., pp. 89 e 167: Vila Maria (= São Luiz de Cáceres).

Leste do Peru e Brasil amazônico ao sul do rio Solimões, das margens ambas do rio Purus à margem direita do rio Madeira, estendendo-se para o sul até o rio Guaporé e o alto rio Paraguai.

Hylophylax lepidonota duidae Chapman & Salvin

[*Hylophylax lepidonota* Sclater & Salvin, 1880, Proc. Zool. Soc. London, p. 160: Sarayacu (leste do Equador)].

Hylophylax lepidonota duidae Chapman, 1923, Amer. Mus. Novit., n.º 86, p. 7: sopé do monte Duida.

Sul da Venezuela (alto Orenoco, monte Duida) e Brasil oeste-setentrional, do alto rio Negro à margem esquerda do rio Solimões (Manacapuru) e (*fide* Peters) da vizinha porção do baixo Amazonas (igarapé Anibá).

A ocorrência de *H. poecilinota poecilinota* e *H. lepidonota duidae* no mesmo trecho da margem esquerda do baixo Amazonas (igarapé Anibá, Itacoatiara) parece dar razão a H. Friedmann (Proc. Un. Et. Nat. Mus., vol. 7, p. 482) quando defende a tese de serem ambas especificamente distintas. Nas fêmeas adultas de *H. lepidonota* o desenho do dorso (fundo preto com manchas brancas) não difere do dos machos.

Hylophylax lepidonota gutturalis Todd

Hylophylax gutturalis Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 147: São Paulo de Olivença (margem direita do alto Solimões).

Brasil oeste-amazônico, ao sul do rio Solimões, estendendo-se para o sul até o alto Juruá.

A inclusão de *T. poecilonota amphoterica* Pinto, 1942 (Proc. Eight Am. Sci. Congress, 1940, III, Biol. Sci., p. 484) na sinonímia de *H. lepido-*

nota gutturalis é matéria suscetível de discussão, visto faltar ao exemplar típico (de João Pessoa) a nódoa gutural preta que normalmente caracteriza os machos adultos da presente subespécie.

Hylophylax punctulata punctulata (Des Murs)

Rhopotera punctulata Des Murs, 1856, em Castelnau, Exped. Amér. du Sud, Oiseaux, p. 53: alto Amazonas (Pebas, no rio Marañon, pátria típica design. por Hellmayr, 1924).

Alta Amazônia (sul da Venezuela, nordeste do Peru), inclusive o Brasil oeste-setentrional, no alto rio Negro (inclusive o rio Branco) e ao sul do alto Solimões (rios Juruá e Purus).

Hylophylax punctulata subochracea Zimmer

Hylophylax punctulata subochracea Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 703, p. 1: Limoal (margem esquerda do rio Tapajós).

Ao sul do rio Amazonas (da margem direita do baixo Madeira às margens ambas do Xingu).

Gênero **PHLEGOPSIS** Reichenbach

Phlegopsis Reichenbach, 1850, Av. Syst. Nat., pl. 57: Tipo *Myiothera nigromaculata* Lafresnaye & D'Orbigny (design. por Gray, 1855, Gen. Subgen. Bds., p. 42).

Phlegopsis nigromaculata nigromaculata (Lafrensnaye & d'Orbigny)
Mãe-de-taoca.

Myothera nigro-maculata Lafresnaye & D'Orbigny, 1837, Syn. Av., I, em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 14: Guarayos (leste da Bolívia).

Alta Amazônia, do leste do Equador e nordeste do Peru ao norte da Bolívia e noroeste extremo do Brasil, ao sul do rio Solimões, estendendo-se para leste até o rio Madeira (margem esquerda).

Phlegopsis nigromaculata bowmani Ridgway
Mãe-de-taoca.

Phlegopsis bowmani Ridgway (*ex* Riker, manuscr.), 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 524: Diamantina (margem direita do baixo Tapajós, perto de Santarém).

Margem direita do médio Amazonas, do rio Madeira (margem direita) ao rio Xingu (margem esquerda).

Phlegopsis nigromaculata confinis Zimmer

Phlegopsis nigro-maculata confinis Zimmer, 1932, Amer. Mus. Novit., n.º 558, p. 22: Tapará (margem direita do rio Xingu).

Margem direita do baixo Amazonas, do rio Xingu (margem direita) para leste, até, provavelmente, a margem esquerda do rio Tocantins.

Phlegopsis nigromaculata paraensis Hellmayr
Mãe-de-taoca.

Phlegopsis paraensis Hellmayr, 1904, Orn. Monatsb., XII, p. 53: Pará (isto é, provavelmente, Belém).

Margem direita da mais baixa porção do rio Amazonas (inclusive a margem direita do Tocantins) e respectivo estuário, estendendo-se para leste até o norte do Maranhão.

Phlegopsis erythroptera erythroptera (Gould)

Formicarius erythropterus Gould, 1855, Ann. Magaz. Nat. Hist., (2.ª série), XV, p. 345: "interior de Demerara" (localidade indubitavelmente errônea, em substituição à qual Hellmayr (1924), designou o rio Negro como pátria típica).

Alta Amazônia, do sudeste da Colômbia ao nordeste do Peru, inclusive o Brasil oeste-setentrional extremo, desde o alto rio Negro até a margem esquerda do baixo Solimões.

Phlepopsis erythroptera ustulata Todd

Phlegoysis erythroptera ustulata Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 175: Arimã (margem direita do baixo Purus).

Nordeste do Peru (ao sul do rio Marañon) e Brasil oeste-setentrional ao sul do rio Solimões, estendendo-se para leste até o rio Madeira.

Phlegopsis borbae Hellmayr

Phlegopsis borbae Hellmayr, 1907, Bull. Orn. Club., XIX, p. 53: Borba (margem direita do baixo Madeira).

Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões e do baixo Amazonas, desde o baixo Madeira (margem direita) até o rio Tapajós (margem esquerda).

A presente espécie foi separada por E. O. Willis (Auk, vol. 85, n.º 2, abril de 1968, p. 257) como tipo de *Skutchia*, gênero monotípico de fundamentos aparentemente discutíveis.

Gênero **MYRMORNIS** Hermann

Myrmornis Hermann, 1783, Tabl. Affinit. Anim., p. 235. Tipo "Fourmilier", de Buffon, IV, p. 462 (= *Formicarius torquatus* Boddaert).

Myrmornis torquata (Boddaert)

Pinto-do-mato.

Formicarius torquatus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum, p. 43 (com base em Daubenton, pl. enlum. 700, fig. 1): Caiena.

Alta Amazônia (sudeste da Colômbia e leste do Equador), sul da Venezuela, Guianas e Brasil oeste-setentrional, nas margens esquerda (Manaus, Monte Alegre) e direita (do rio Madeira ao rio Capim) do rio Amazonas, estendendo-se para o sul até o noroeste de Mato Grosso.

A inclusão na área geográica da espécie do meio leste brasileiro (Bahia), onde Freyreiss teria colecionado um exemplar, aguarda ainda novas provas que a abonem. Tampouco parece questão fechada a insustentabilidade de *Rhopoterpe torquata tragicus* Cherrie (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., XXXV, 1916, p. 184), cujo tipo é do rio Roosevelt. Cf. Pinto, Arq. de Zool., V, p. 478 (1947).

Gênero **FORMICARIUS** Boddaert

Formicarius Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum. pp. 43, 44 e 50. Tipo *Formicarius cayanensis* Boddaert (= *Formicarius colma* Boddaert), design. por Gray, 1840.

Formicarius colma colma Boddaert

Pinto-do-mato.

Formicarius colma Boddaert, 1783, Tobl. Pl. Enlum., p. 44 (com base em Daubenton, pl. enlum. 703, fig. 1: Caiena.

Leste da Colômbia, sul da Venezuela, Guianas e extremo norte do Brasil (do alto rio Negro ao Amapá), estendendo-se para o sul até a margem esquerda do rio Solimões e do baixo Amazonas.

Formicarius colma nigrifons Gould

Formicarius nigrifons Gould, 1855, Ann. Magaz. Nat. Hist., (2), XV, p. 344: Chamicuros (nordeste do Peru).

Leste do Equador, nordeste do Peru e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões, estendendo-se para leste até o rio Madeira (margem esquerda) e, para o sul, à alta porção dos rios Juruá e Purus (Acre).

Formicarius colma ruficeps (Spix)
Pinto-do-mato.

Myothera ruficeps Spix, 1824, Av. Spec. Nov. Bras., I, p. 72, tab. 72, fig. 1: sem indicação de localidade (prov. Rio de Janeiro, pátria típica escolhida por Hellmayr, 1924, p. 278).

Matas da faixa atlântica oriental do Brasil (de Pernambuco ao Rio Grande do Sul (*fide* Belton), inclusive o leste de Minas Gerais rio Doce).

Adotando-se embora o ponto de vista de Zimmer quando recusa a *Formicarius ruficeps* a categoria de espécie autônoma, força é reconhecer o vivo contraste entre as acentuadas diferenças que a distinguem de *F. colma* e a tenuidade das que separam, entre si, as duas subespécies atribuídas a cada qual.

Formicarius colma amazonicus Hellmayr
Pinto-do-mato.

Formicarius ruficeps amazonicus Hellmayr, 1902, Orn. Monatsber., X, p. 34: Borba (margem direita da foz do rio Madeira).

Ao sul do rio Amazonas, da margem direita do rio Madeira para leste, até o norte do Maranhão, e, para o sul, até o norte de Mato Grosso (rio Guaporé).

Formicarius analis analis (Lafresnaye & D'Orbigny)

Myothera analis Lafresnaye & D'Orbigny, 1837, Syn. Av., em Magaz. Zool., VII, (2), p. 14: Yuracares e Chiquitos (Bolívia).

Leste do Peru, norte e leste da Bolívia, Brasil amazônico, ao sul do rio Solimões e do baixo Amazonas (inclusive a região de Belém), estendendo-se para leste até o norte do Maranhão.

Formicarius analis zamorae Chapman

Formicarius analis zamorae Chapman, 1923, Amer. Mus. Novit., n.º 96: Zamora (sul do Equador).

Leste do Equador, nordeste do Peru (ao norte do rio Marañon) e Brasil oeste-meridional, ao norte do rio Solimões.

Formicarius analis crissalis (Cabanis)

Myrmornis crissalis Cabanis, 1861, Journ. f. Orn., IX, p. 96 (no texto): Roraima (sul da Guiana inglesa).

Norte da América do Sul, do sudeste da Venezuela à Guianas e à adjacente porção do norte extremo do Brasil (Amapá).

Gênero **CHAMAEZA** Vigors

Chamaeza Vigors, 1825, Zool. Journ., II, p. 395. Tipo *Chamaeza meruloides* Vigors (= *Myothera campanisona* Lichtenstein).

Chamaeza campanisona campanisona (Lichtenstein)

Tovaca.

Myothera campanisona Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Zool. Mus. Berlin, p. 43: São Paulo.

Turdus brevicaudus Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Natur., XX, p. 239: Brasil (= Rio de Janeiro). Não *Turdus brevicauda* Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 6, n.º 89 (= Brève des Moluques", de Buffon, que é uma *Pitta*).

Leste do Paraguay, nordeste extremo da Argentina (Misiones) e Brasil oriental (matas da faixa atlântica), do Rio Grande do Sul (Santa Maria) ao sul da Bahia, reaparecendo no Ceará (serra de Baturité).

Exemplares de Santa Maria, pertencentes ao Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, em nada diferem dos do último estado, tornando muito duvidosa a validade de *Chamaeza tshororo* Bertoni, 1901 (An. Cient. Parag., n.º 1, p. 148), cujo tipo é de Alto Paraná. O mesmo acontece com três exemplares da Serra de Baturité (Holt & Dutra col.) guardados na supranomeada instituição.

Chamaeza ruficauda ruficauda (Cabanis & Heine)

Tovaca.

Chamaezosa ruficauda Cabanis & Heine, 1859, Mus. Heineanum II, p. 6: sem indicação de localidade (pátria típica prov. do Rio de Janeiro, design. por Hellmayr, 1924).

Sudeste do Brasil (na faixa oriental montanhosa), desde o Espírito Santo (*teste* A. Ruschi) e o nordeste de São Paulo (Boracéia) até o Rio Grande do Sul (*fide* Belton).

Chamaeza nobilis nobilis Gould

Chamaeza nobilis Gould, 1855, Ann. Magaz. Nat. Hist., (2), XV, p. 344: Chamicuros (Peru).

Alta Amazônia, no nordeste do Peru (ao sul do rio Marañon) e Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Solimões (inclusive a margem esquerda do rio Purus).

Chamaeza nobilis fulvipectus Todd

Chamaeza nobilis fulvipectus Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 174: Colônia do Mojuí (margem direita do baixo Tapajós).

Ao sul do baixo Amazonas, na margem direita do baixo Tapajós (só conhecida pelo exemplar tipo).

Gênero **GRALLARIA** Vieillot

Grallaria Vieillot, 1816, Anal. Orn. Élément., p. 43. Tipo "Roi des Fourmiliers", *Formicarius varius* Boddaert (monotipia).

Grallaria varia varia (Boddaert)

Formicarius varius Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 44: Caiena (= Guiana Francesa).

Guianas e, com toda probabilidade, adjacente porção do extremo norte do Brasil.

Grallaria varia cinereiceps Hellmayr

Grallaria varia cinereiceps Hellmayr, 1903. Verh. Zool. Botan. Gesells. Wien, LIII, p. 218: Marabitanos (alto rio Negro).

Sul da Venezuela (alto Orenoco e serras da fronteira venezuelano-brasileira), e Brasil oeste-setentrional extremo (alto rio Negro).

Grallaria varia distincta Todd

Grallaria varia distincta Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., L, p. 176: Vila Braga (rio Tapajós, margem esquerda).

Norte do Brasil ao sul do médio Amazonas (rio Tapajós), estendendo-se para oeste até o rio Madeira, e, para leste, até o rio Capim.

À falta de material quase nada até hoje se conhece a respeito das populações incluídas na área geográfica aqui dubitativamente atribuída à presente forma. Segundo Hellmayr (Catal. Bds. Americas, III, p. 339, nota c), as do rio Madeira devem pertencer a uma forma não descrita, e o mesmo se pode dizer das da região do rio Capim, de onde possui o Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo um macho adulto, colecionado em 26 de agosto de 1959.

Grallaria varia intercedens Berlepsch & Leverkühn

Grallaria imperator Lafresnaye subsp. nov. *intercedens* Berlepsch & Leverkühm, 1890, Ornis, VI, p. 27: Bahia.

Brasil oriental, do Espírito Santo (Chaves) a Pernambuco.

Grallaria varia imperator Lafresnaye

Tovacuçu, Galinha-do-mato.

Grallaria imperator Lafresnaye (*ex* Natterer manuscr.), 1842, Rev. Zool., p. 333: São Paulo (prov., no sudeste do Brasil).

Leste do Paraguay, nordeste extremo da Argentina (Misiones) e Brasil este-meridional (do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo).

Grallaria guatimalensis roraimae Chubb

Grallaria regulus roraimae Chubb, 1921, Birds of British Guiana, II, p. 80: monte Roraima.

Sudeste da Venezuela e território fronteiriço do Brasil (serra do Curupira).

Registrada na serra Tapirapecó por Phelps & Phelps (Bol. Soc. Venezol. Cienc. Nat., n.º 71, 1948, p. 66).

Gênero **HYLOPEZUS** Ridgway

Hylopezus Ridgway, 1909, Proc. Biol. Soc. Washington, XXII, p. 71. Tipo *Grallaria perspicillata* Lawrence (design. original).

Hylopezus macularius macularius (Temminck)

Pitta macularia Temminck, 1823, Nouv. Rep. Pl. Color., livr. 85 (p. 4 do texto): "Brésil" (localidade reputada errônea por Hellmayr, 1910 (Novit. Zool., VII, p. 370), que a substituiu por Caiena.

Leste da Venezuela, Guianas e adjacente região do norte do Brasil, estendendo-se para o sul até a margem setentrional do baixo Amazonas (Óbidos, *teste* Griscom & Greenway, 1941).

A supressão do gênero *Grallaria* das espécies menores de que são exemplos a presente e as duas que se lhe seguem parece perfeitamente justificável, tendo a apoiá-la a opinião de G. H. Lowery, Jr. & J. P. O'Neill em sua recente revisão do grupo (cf. Auk, vol. 86, p. 1 e segs.).

Hylopezus macularius paraensis (Snethlage)

Grallaria macularia paraensis Snethlage, 1910, Orn. Monatsber., XVIII, p. 192 — nome novo em substituição a *Grallaria macularia berlepschi* Snethlage, 1907, Orn. Monatsb., XV, p. 195 (não Hellmayr, 1903): Ourém (rio Guamá, no leste do Pará).

Brasil amazônico, ao norte na margem esquerda do baixo Solimões (estendendo-se para leste até a margem direita do rio Negro) e, ao sul, na margem direita do dito rio (rio Madeira) e na de todo baixo Amazonas (rio Guamá, Belém).

Hylopezus berlepschi berlepschi (Hellmayr)
Torom-torom.

Grallaria berlepschi Hellmayr, 1903, Verhandl. Zool. Bot. Gesells. Wien, LI, p. 218: Eng. do Cap. Gama (rio Guaporé).

Brasil oeste-setentrional, ao sul do rio Amazonas(do rio Purus às margens ambas do rio Tapajós, estendendo-se para o sul ao noroeste de Mato Grosso (rio Guaporé).

Hylopezus ochroleucus ochroleucus (Wied)

Myioturdus ochroleucus Wied, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, (2), 1032: arraial da Conquista (sul da Bahia).

Brasil norte-oriental, nos estudos do Ceará (Serra do Ibiapaba, Varzea Formosa) e Bahia (Bonfim, Conquista).

Hylopezus ochroleucus nattereri (Pinto)

Grallaria nattereri Pinto, 1937, Boletim Biológico, nov. série, III, (5), p. 7: Alto da Serra (São Paulo).

Leste do Paraguay, nordeste da Argentina (Misiones) e sudeste do Brasil (do Rio Grande do Sul a São Paulo).

Aceitando o ponto de vista de vários autores, a começar por E. Naumburg (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LXXVI, p. 275), considera-se aqui o presente formicariída simples conspécie do precedente, em que pese às profundas diferenças que os distinguem.

Gênero **MYRMOTHERA** Vieillot

Myrmothera Vieillot, 1816, Anal. Orn. Élém., p. 43. Tipo "Beffroi", de Buffon (= *Formicarius brevicauda* Boddaert = *Myrmornis campanisona* Hermann), design. por Sclater, 1890 (Catal. Bds. Brit. Mus., XV, p. 311).

Myrmothera campanisona campanisona (Hermann)

Myrmornis campanisona Hermann, 1783, Tab. Affin. Anim., p. 189, em nota (com base em "Le Beffroi", de Buffon): Caiena.

Guianas e vizinha região do norte do Brasil, estendendo-se para o sul até a margem setentrional do baixo Amazonas.

Myrmothera campanisona dissors Zimmer

Myrmothera campanisoma (sic) *dissors* Zimmer, 1934, Amer. Mus. Novit., n.º 703, p. 11: rio Casiquiare (sul da Venezuela).

Sudeste da Colômbia, sul da Venezuela e Brasil oeste-setentrional, do alto rio Negro à margem esquerda do rio Solimões.

Myrmothera campanisona minor (Taczanowski)

Grallaria minor Taczanowski, 1884, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 23: Yurimaguas, Pebas e Chamicuros (nordeste do Peru).

Nordeste do Peru e Brasil oeste-setentrional ao sul do rio Solimões, estendendo-se para leste até a margem esquerda do rio Madeira.

Myrmothera campanisona subcanescens Todd

Myrmothera campanisoma (sic) *subcanescens* Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 176: Colônia do Mojuí (perto de Santarém).

Ao sul do rio Amazonas, desde a margem direita do baixo Madeira às margens ambas do rio Tapajós.

Myrmothera simplex simplex (Salvin & Godman)

Grallaria simplex Salvin & Godman, 1884, Ibis, 5.ª ser., II, p. 451: monte Roraima (sul da Venezuela).

Myrmothera simplex simplex Phelps & Phelps, 1962, Bol. Soc. Venezol. Ci. Nat., XXIII, n.º 101, p. 36: Território de Roraima (na encosta brasileira do monte Uei-Tepuí).

Região serrana do sul da Venezuela e porção fronteiriça do extremo norte do Brasil (monte Roraima, rio Cotingo).

Myrmothera simplex duidae Chapman

Myrmothera simplex duidae Chapman, 1929, Amer. Mus. Novit., n.º 380, p. 17: monte Duida; W. Phelps Jr., 1973, Bol. Soc. Venezol. Ci. Nat., XXX, p. 30: monte da Neblina (serra Tapirapecó).

Sul extremo da Venezuela (monte Duida) e adjacente porção da região limítrofe do Brasil (monte da Neblina).

Família CONOPOPHAGIDAE

Gênero **CONOPOHAGA** Vieillot

Conopophaga Vieillot, 1816, Anal. Nouv. Ornithol. Élément., p. 39. Tipo "Fourmillier à ailes (= oreilles) blanches" de Daubenton (= *Turdus auritus* Gmelin).

A inclusão dos antigos *Conopophagidae* entre os formicariídas é advogada por Peter L. Ames e colaboradores (cf. Peabody Museum Nat.

Hist. Yale University, Postilla n.º 114, jan. de 1968) em minucioso estudo anatômico).

Conopohaga lineata lineata (Wied)

Myiagrus lineatus Wied, 1831, Beitr. Naturges. Brasilien, III, (2), p. 1046: Arraial da Conquista (interior da Bahia).

Brasil oeste-setentrional (do sul da Bahia a Pernambuco) e central, no sul de Goiás (Inhumas, rio das Almas) e vizinha porção de Mato Grosso (Sangrador).

Graças a exemplares topotípicos do sul da Bahia (Kaempfer col.), pôde E. Naumburg (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LXXIV, p. 141) esclarecer, em definitivo, as relações da forma baiana, em confronto com a do sudeste do Brasil.

Conopophaga lineata vulgaris Ménétriès
Cuspidor, Chupa-dente.

Conopophaga vulgaris Ménétriès, 1885 Mém. Acad. Sci. St. Péteersb. (6.ª série), III, (2), p. 534, pl. 14, fig. 1: Rio de Janeiro.

Nordeste extremo da Argentina (Misiones) leste do Paraguay e Brasil este-meridional, do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo, Minas Gerais e sudeste de Mato Grosso.

Conopophaga lineata cearae Cory

Conopophaga lineata cearae Cory, 1916, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Orn. Ser., I, p. 337: serra de Baturité (Ceará).

Nordeste do Brasil (de Alagoas ao Ceará), inclusive o nordeste da Bahia (Bonfim).

Conopophaga melanops melanops (Vieillot)
Cuspidor, Chupa-dente.

Platyrhynchus melanops Vieillot, 1818, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVII, p. 14: Amérique Méridionale (= arredores do Rio de Janeiro, col. Delalande).

Sudeste do Brasil (matas da faixa atlântica), do Paraná (Curitiba) ao Espírito Santo e leste de Minas Gerais (rio Doce).

Conopophaga melanops perspicillata (Lichtenstein)

Myiothera perspicillata Lichtenstein, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 43: Bahia.

Brasil médio-oriental, no sudeste da Bahia (Ilhéus).

Conopophaga melanops nigrifrons Pinto

Conopophaga melanops nigrifrons Pinto, 1943, Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, XII, p. 55: Mangabeira (Usina Sinimbu, estado de Alagoas).

Nordeste do Brasil (de Alagoas à Paraíba).

Conopophaga aurita aurita (Gmelin)

Turdus auritus Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 827 (com base em "Fourmilier à oreilles blanches" de Daubenton, pl. enlum. 82)): Caiena (= Guiana Francesa).

Guianas e adjacente porção do norte extremo do Brasil, estendendo-se para o sul até a margem setentrional do baixo Amazonas, do rio Negro para leste.

Conopophaga aurita snethlageae Berlepsch

Conopophaga snethlageae Berlepsch, 1912, Orn. Monatsber., XX, p. 17: "Tucumaré" (= Tucunaré), margem direita do rio Jamauchim.

Na margem meridional do baixo Amazonas (Cuçari), estendendo-se ao longo da margem direita do rio Tapajós.

Conopophaga aurita pallida Snethlage

Conopophaga snethlageae pallida Snethlage, 1914, Orn. Monasber., XXII, p. 39: Cametá (margem esquerda do baixo Tocantins).

Só conhecida da localidade típica (Cametá).

Conopophaga aurita australis Todd

Conopophaga aurita australis Todd, 1927, Proc. Biol. Soc. Wash., XL, p. 150: Nova Olinda (rio Purus, margem esquerda).

Ao sul do rio Solimões (rio Juruá), desde o rio Javari até a margem esquerda do rio Madeira.

Conopophaga aurita inexpectata Zimmer

Conopophaga aurita inexpectata Zimmer, 1931, Novit. Zool., n.º 500, p. 8: Tabocal (alto rio Negro).

Sudeste da Colômbia e Brasil oeste-setentrional extremo, do alto rio Negro à margem esquerda do rio Solimões.

Conopophaga roberti Hellmayr

Conopophaga roberti Hellmayr, 1905, Bull. Orn. Cl., XV, p. 54: Igarapé Açu (Pará, a leste da boca do rio Amazonas).

Leste do Pará, na margem direita da mais baixa porção do rio Amazonas (inclusive a região de Belém), desde o rio Tocantins até o norte do Maranhão.

Conopophaga melanogaster Ménétriès

Conopophaga melanogaster Ménétriès, 1835, Mém. Acad. Sci. St. Pétersb., (6.ª série), III, parte 2 (Sci. Nat.), p. 537, pl. 15, fig. 2: próximo de Cuiabá (= provavelmente o alto Madeira).

Nordeste da Bolívia e Brasil oeste-setentrional ao sul do rio Amazonas (Parintins), desde o rio Madeira até o Tocantins, estendendo-se para o sul até o noroeste de Mato Grosso (rio Gi-Paraná).

Conopophaga peruviana Des Murs

Conopophaga peruviana Des Murs, 1856, em Castelnau, Expéd. Amér. du Sud, Oiseaux, livr. 18, p. 50, pl. 16, fig. 1: Pebas e Nauta (Peru).

Alta Amazônia (leste do Equador e nordeste do Peru), incluso o extremo oeste do Brasil, ao sul do rio Solimões (para leste até o alto Purus).

Gênero **CORYTHOPIS** Sundevall

Corythopis Sundevall, 1836, Konigl. Vet.-Akad. Handl., p. 93. Tipo *Myiothera calcarata* Wied, 1831 (= *Muscicapa delalandi* Lesson), por monotipia.

Corythopis delalandi (Lesson)

Muscicapa delalandi Lesson, 1830, Traité d'Ornithologie, p. 392: sem indicação de localidade (= Rio de Janeiro, *teste* Hellmayr, 1924).

Leste da Bolívia (Chiquitos), nordeste da Argentina (Misiones), Paraguay, Brasil central (Mato Grosso, Goiás) e oriental, desde Santa Catarina até a Bahia e o sul do Maranhão (inclusive Minas Gerais).

Fortes razões haveria para baixar-se o presente pássaro à categoria de subespécie, à testa dos três que a seguir vão alistados.

Corythopis torquata torquata Tschudi

Corythopis torquata Tschudi, 1844, Arch. f. Naturges., X, (1), p. 279: Peru (o vale do Chanchamayo, Dept. de Junin, design. como pátria típica por Hellmayr, 1924).

Peru centro-oriental e extremo oeste do Brasil, ao sul do rio Solimões, na alta porção de seus tributários mais ocidentais (alto Juruá), estendendo-se para leste, provavelmente, até o rio Madeira (inclusive o Gi-Paraná).

Corythopis torquata sarayacuensis Chubb

Corythopis torquata sarayacuensis Chubb, 1818, Bull. Brit. Orn. Club, XXXVIII, p. 48: Sarayacu (leste do Equador).

Alta Amazônia (do sudeste da Colômbia ao nordeste do Peru), estendendo-se para leste até o Brasil oeste-amazônico ao norte do rio Solimões (Codajás) e, ao que parece, à baixa porção de seus afluentes meridionais (rio Purus).

Sobre o difícil problema da distribuição da presente subespécie cf. N. Gyldenstolpe, Ark. f. Zool., II (2), p. 222.

Corythopis torquata anthoides (Pucheran)

Muscicapa anthoides Pucheran, 1855, Arch. Mus. Nat. Hist. Paris, VII, p. 334: Caiena (= Guiana Francesa).

Guianas e adjacente porção do norte do Brasil, estendendo-se para o sul até as margens esquerda (inclusive o rio Jamundá, Óbidos) e direita do baixo Amazonas (do rio Madeira para leste), inclusive e distrito de Belém.

Família RHINOCRYPTIDAE

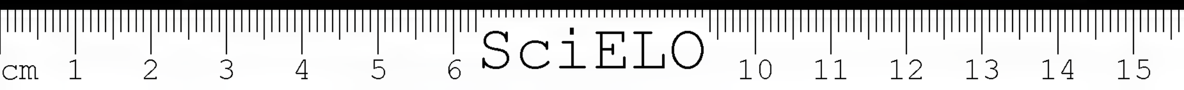
Gênero **LIOSCELES** Sclater

Liosceles Sclater, 1864, Proc. Zool. Soc. London, p. 610. Tipo *Pterotochus thoracicus* Sclater (monotipia).

Liosceles thoracius thoracius (Sclater)

Pterotochus thoracius Sclater, 1864, Proc. Zool. Soc. London, p. 609, pl. 38: Salto do Girau (alto rio Madeira).

Brasil oeste-amazônico ao sul do rio Solimões e do baixo Amazonas, até, pelo menos, a margem esquerda do rio Tapajós.



Gênero **MERULAXIS** Lesson

Merulaxis Lesson, 1830, Traité d'Ornithol., livrais. 5, p. 397. Tipo *Merulaxis ater* Lesson (monotipia).

Merulaxis ater Lesson

Merulaxis ater Lesson, 1830, op. cit., p. 397: "México" — localidade errônea, substituída ulteriormente (Hellmayr, 1924) pelo Rio de Janeiro.

Faixa atlântica (inclusive a Serra do Mar) do Brasil este-meridional, do Paraná ao Rio de Janeiro.

Merulaxis stresemanni Sick

Merulaxis stresemanni Sick, 1960, Journ. f. Ornithol., C, Helft 1/2, p. 155: Bahia (= Salvador).

Leste do Brasil, no sul do estado da Bahia (Salvador, Ilhéus).

Gênero **SCYTALOPUS** Gould

Scytalopus Gould, 1836, Proc. Zool. Soc. Lond., (4), p. 89. Tipo *Motacilla magellanica* Gmelin (design. por Gray, 1840, List Gen. Bds., p. 19).

Scytalopus indigoticus (Wied)

Myiothera indigotica Wied, 1831, Beitr. Naturges. Brasilien, III, (21), p. 1091: Bahia.

Sudeste do Brasil, do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul.

Scytalopus speluncae (Ménétriès)

Malacorhynchus speluncae Ménétriès, 1835, Mém. Acad. Imper. St. Pétersburg (6), III, pte. 2, Sci. Nat., p. 527, pl. 13, fig. 1: São João del Rei (prov. de Minas Gerais).

Nordeste da Argentina (Misiones) e sudeste do Brasil (faixa atlântica montanhosa), do Paraná ao Rio de Janeiro e sudeste de Minas Gerais.

Scytalopus novacapitalis Sick

Scytalopus indigoticus novacapitalis Sick, 1958, Boletim do Museu Nacional, Zoologia, n.º 185: Brasília (Distrito Federal).

Brasil central, no atual Distrito Federal (encravado no sudeste de Goiás).

Gênero **MELANOPAREIA** Reichenbac

Melanopareia Reichenbach, 1853, Handb. spec. Orn., cont. X, *Scansoriae* A. Sittinae, p. 146. Tipo *Synallaxis maximiliani* d'Orbigny (design. por Gray, 1855).

A transferência do gênero *Melanopareia* dos *Formicariidae* para os *Rhinocryptidae,* ponto sobre o qual são unânimes os autores modernos, foi proposta inicialmente por W. D. Miller, com base na conformação do metasterno (cf. Wetmore, Bull. Un. St. Nat. Mus., n.º 133, p. 292).

Melanopareia torquata torquata (Wied)

Synallaxis torquatus Wied, 1831, Beitr. Naturges. Brasilien, III, (2), Campo Geral (nos confins da Bahia e Minas Gerais).

Brasil este-setentrional, nas regiões descobertas do interior da Bahia, estendendo-se para o norte até o sul do Piauí e do Pará, na alta porção do rio Xingu e da margem direita do Tapajós (serra do Cachimbo).

A ocorrência da espécie na Amazônia é atestada por exemplares existentes no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (cf. Pinto & Camargo, Pap. Avulsos do Dept. de Zool., XIII, pp. 61-2).

Melanopareia torquata rufescens Hellmayr

Melanopareia torquata rufescens Hellmayr, 1924, Catal. of. Bds. of the Americas, XIII, p. 167: Irisanga (= Orissanga, no estado de São Paulo, perto de Campinas).

Brasil este-meridional (interior de São Paulo, norte de Minas Gerais) e central (sul de Goiás e leste do Mato Grosso).

Gênero **PSILORHAMPHUS** Sclater

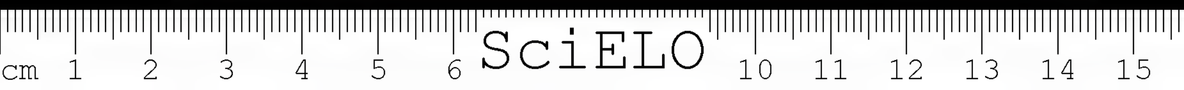
Psilorhamphus Sclater, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., XXIII, p. 90. Tipo *Leptorhynchus guttatus* Ménétriès (monotipia).

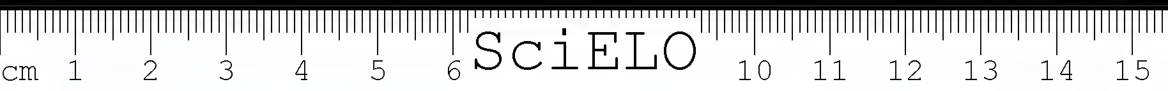
Psilorhamphus guttatus (Ménétrès)

Leptorhynchus guttatus Ménétriès, 1835, Mém. Acad. Sci. St. Petersburg, 6.ª série, III, pte. 2, p. 516, pl. 10, fig. 1: Cuiabá (provavelmente a localidade deste nome, situada próximo de Sabará, no estado de Minas Gerais.

Brasil este-meridional do Espírito Santo a São Palo), inclusive provavelmente, leste de Minas Gerais.

Sobre a litigiosa questão das afinidades e posição sistemática do gênero *Psilorhamphus* cf. R. Plotnick (Physis, XXI, 1958, pp. 130-136) e H. Sick, 1960, Journ. f. Ornithol., Cl, 141-174).




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

ÍNDICE

A

D

H

N

O

P

Q

R

S

T

U

NOMES VULGARES

C

E

F

G

H

I

J

Q

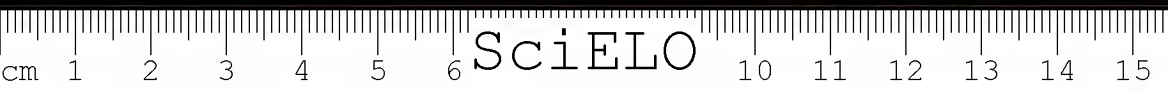
R

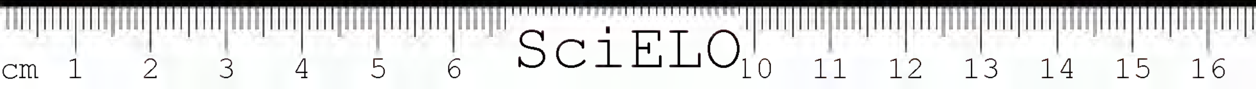
S

T

Composto e impresso em 1978, nas oficinas da
EMPRESA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS S.A.
Rua Conde de Sarzedas, 38 — Tel. 36-6958 (PBX)
CEP 01512 — São Paulo, SP, Brasil.




cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15


cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16